


Tales from the Shadowhunter Academy

The New York Times Bestselling Companion to
THE MORTAL INSTRUMENTS SERIES

CASSANDRA CLARE
SARAH REES BRENNAN
MAUREEN JOHNSON
ROBIN WASSERMAN



PDF CRIADO POR: <https://www.facebook.com/somos.shadowhunters/>



Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INFERNAL DEVICES

CASSANDRA CLARE
SARAH REES BRENNAN

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

Welcome to Shadowhunter Academy

BEM-VINDO A ACADEMIA DOS CAÇADORES DE SOMBRAS

Depois de viver como um mundano e um vampiro, Simon nunca pensou que se tornaria um Caçador de Sombras, mas hoje ele começa sua formação na Academia. Simon Lewis foi muitas coisas. Um mundano. Um vampiro. Um herói. Mas não se lembra de nada disso. Suas lembranças das aventuras com Clary, Isabelle e o resto dos Caçadores de Sombras de Nova York foram apagadas por um demônio, e agora Simon está ansioso para recuperar essa parte de si mesmo. Mas ele conseguirá de volta o que perdeu? É isso mesmo o que ele quer?

1° Bem-vindo à Academia dos Caçadores de Sombras

2° O Herondale Perdido

3° O Demônio de Whitechapel

4° Nada Além de Sombras

5° O Mal que Amamos

6° Reis e Príncipes Pálidos

7° Amargo da Língua

8° A Prova de Fogo

9° Nascido na Noite Infinita

10° Anjos Caem Duas Vezes

O problema era que Simon não sabia fazer as malas como alguém descolado.

Para uma viagem de acampamento, com certeza; para ficar na casa de Eric ou uma noite em um show no fim de semana, tudo bem; ou passar férias ao sol com sua mãe e Rebecca, sem problemas. Simon podia levar um monte de protetor solar e calções, ou uma camiseta apropriada para a banda e roupas de baixo limpas, em um piscar de olhos. Simon era preparado para uma vida normal.

Que era o motivo de ele estar tão completamente despreparado para fazer as malas para um campo de treinamento de elite onde matadores meio-anjo de demônios que eram conhecidos como Caçadores de Sombras tentariam moldá-lo em um membro de sua própria raça guerreira.

Em livros e filmes, as pessoas eram levadas para uma terra mágica nas roupas que estavam, ou embalavam tudo. Simon agora sentia que tinha sido roubado pela mídia de informações críticas. Ele deveria colocar as facas da cozinha em sua mochila? Deveria levar a torradeira e equipá-la como uma arma?

Simon não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, foi com a opção segura: roupa de baixo limpa e camisetas engraçadas. Caçadores de Sombras tinham que amar camisetas engraçadas, certo? Todo mundo adorava camisetas engraçadas.

— Eu não sei como eles se sentem sobre camisetas com piadas sujas na academia militar — sua mãe comentou.

Simon voltou-se, muito rapidamente, seu coração batendo em sua garganta. Sua mãe estava de pé no umbral da porta, os braços cruzados. Seu rosto sempre preocupado estava ligeiramente franzido por preocupação extra, mas principalmente ela olhava para ele com amor. Como sempre.

Só que em outro conjunto de memórias que Simon mal teve acesso, ele se tornara um vampiro e ela o tinha expulsado de casa. Essa era uma das razões pela qual Simon estava indo para a Academia de Caçadores de Sombras, por que ele mentiu para sua mãe através de seus dentes e disse que ele desesperadamente queria ir.

Ele fez Magnus Bane – um bruxo com olhos de gato; Simon realmente conhecia um bruxo com olhos de gato de verdade – falsificar papéis para convencê-la de que ele tinha uma bolsa de estudos para esta academia militar fictícia.

Ele fizera tudo para que não tivesse que ver sua mãe todos os dias e se lembrar de como ela o olhava quando tinha medo dele, quando o odiava. Quando ela o traiu.

— Acho que eu avaliei minhas camisetas muito bem — Simon disse a ela. — Eu sou um cara muito criterioso. Nada muito atrevido para os militares. Apenas o bom e sólido tipo palhaço. Confie em mim.

— Eu confio em você, ou não o deixaria ir — sua mãe apontou. Ela caminhou até ele e deu um beijo em sua bochecha, e pareceu surpresa e magoada quando ele vacilou, mas não fez nenhum comentário, e não em seu último dia. Colocou os braços em volta dele no lugar. — Eu te amo. Lembre-se disso.

Simon sabia que ele estava sendo injusto: sua mãe o tinha expulsado pensando que ele não fosse realmente mais o Simon, mas um monstro profano vestindo o rosto do filho. No entanto, ele ainda sentia que ela deveria tê-lo reconhecido e o amado, apesar de tudo. Ele não podia esquecer o que ela tinha feito.

Mesmo que ela tivesse esquecido, pelo o que sua mãe ou o mundo pensavam, nunca tinha acontecido. Então ele tinha que ir.

Simon tentou relaxar em seu abraço.

— Ouvi bastante isso na minha vida — disse ele, abraçando a mãe de volta. — Mas vou tentar me lembrar.

Ela se afastou.

— Contanto que você se lembre. Tem certeza de que quer começar a morar com seus amigos?

Ela queria dizer os amigos Caçadores de Sombras de Simon (que ele fingia serem caras da academia militar que o haviam inspirado a se juntar também). Os amigos Caçadores de Sombras de Simon eram outra razão para que ele estivesse indo.

— Tenho certeza — disse Simon. — Tchau, mãe. Eu te amo.

Ele quis dizer isso. Nunca deixou de amá-la, nesta vida ou em qualquer outra.

Eu te amo incondicionalmente, sua mãe havia dito, uma ou duas vezes, quando era mais jovem. É assim que os pais amam. Eu te amo independente de qualquer coisa.

As pessoas diziam coisas assim sem pensar em cenários de pesadelos em potencial ou condições horríveis, quando o mundo todo mudava e o amor ia embora. Nenhum deles jamais sonhou que o amor seria testado, e falharia.

Rebecca enviara um cartão que dizia: BOA SORTE, MENINO SOLDADO! Simon se lembrou de quando estava trancado para fora de casa, a porta o barrando em todos os sentidos possíveis, o braço de sua irmã em torno dele e sua voz suave em seu ouvido. Ela o amava mesmo assim. Portanto, tinha isso. Era alguma coisa, mas não era o suficiente.

Ele não podia ficar aqui, preso entre dois mundos e dois conjuntos de memórias. Ele tinha que fugir. Tinha que ir e se tornar um herói, do jeito que tinha sido antes. Então, tudo faria sentido, tudo significaria alguma coisa. Certamente que não doeria mais.

Simon fez uma pausa antes de pegar sua mochila e partir para a Academia. Ele colocou o cartão de sua irmã no bolso. Ele saiu de casa para uma vida nova e estranha e levou o amor dela por ele, como fizera antes.

* * *

Simon foi se encontrar com seus amigos, mesmo que nenhum deles estivesse indo para a Academia. Ele concordou que iria para o Instituto dar adeus antes de partir.

Houve um tempo em que ele poderia ter visto através do glamour por conta própria, mas Magnus tinha que ajudá-lo agora. Simon fitou a imponente fachada do Instituto que se estendia diante dele, lembrando-se inquieto que antes ele teria passado por este lugar e visto um prédio abandonado. Esta era outra vida, no entanto. Lembrou-se de algum tipo de passagem da Bíblia sobre como as crianças viam através do vidro sujo, mas crescer significava que você podia ver as coisas claramente. Ele podia ver o Instituto com toda a clareza: uma estrutura impressionante erguendo-se acima dele. O tipo de edifício projetado para fazer os seres

humanos se sentirem como formigas. Simon abriu o portão cheio de filigranas, andou pelo caminho estreito que serpenteava em torno do Instituto e atravessou para dentro do terreno.

Os muros que cercavam o Instituto delimitavam um jardim que se esforçava para prosperar apesar de sua proximidade com a avenida New York.

Havia caminhos e bancos de pedra impressionantes e até mesmo uma estátua de anjo que deixava Simon nervoso, já que ele era fã de Doctor Who. O anjo não chorava, exatamente, mas parecia deprimido demais para o gosto de Simon.

Sentados no banco de pedra no meio do jardim estavam Magnus Bane e Alec Lightwood, um Caçador de Sombras que era alto e bastante forte, silencioso e sombrio, pelo menos em torno de Simon. Magnus era tagarela, no entanto, tinha os olhos de gato mencionados acima e poderes mágicos, e atualmente vestia uma camiseta justa com um padrão de zebra com listras rosa. Magnus e Alec namoravam há algum tempo; Simon adivinhou que Magnus falava por ambos.

Atrás de Magnus e Alec, encostadas num muro de pedra, estavam Isabelle e Clary. Isabelle olhava para ele e para longe. Ela parecia posar para uma sessão de fotos incrivelmente glamorosa. Então, novamente, ela sempre parecia. Era o seu talento. Clary, no entanto, olhava obstinadamente para o rosto de Isabelle e falava com ela. Simon pensou que Clary conseguiria o que queria e obteria a atenção de Isabelle eventualmente. Esse era o seu talento.

Ver qualquer uma delas lhe causava uma pontada no peito. Olhar para as duas causava uma dor maçante e constante.

Então ao invés disso, Simon olhou para seu amigo Jace, que estava ajoelhado sozinho na grama cheia e afiando a lâmina curta contra a pedra. Simon assumiu que Jace tinha suas razões para isso; ou possivelmente apenas sabia que pareceria legal fazendo isso. Possivelmente ele e Isabelle poderiam fazer uma sessão de fotos conjunta para a Legal Mensal.

Todos estavam juntos. Apenas ele estava sozinho.

Simon teria se sentido honrado e amado, exceto que ele principalmente se sentia estranho, porque tinha apenas alguns fragmentos quebrados que diziam que ele conhecia essas pessoas, e uma vida inteira de memórias que diziam que eles eram armados, excessivamente intensos e diferentes. O tipo que você evita no transporte público.

Os adultos do Instituto e da Clave – os pais de Isabelle e Alec e as outras pessoas – foram quem sugeriram que se Simon queria se tornar um Caçador de Sombras, deveria ir para a Academia.

Ela estava abrindo suas portas pela primeira vez em décadas para acolher alunos que poderiam restaurar as fileiras dos Caçadores de Sombras que a recente guerra dizimara.

Clary não gostara da ideia. Isabelle não tinha dito absolutamente nada sobre o assunto, mas Simon sabia que ela não gostara mais. Jace argumentara que ele era perfeitamente capaz de treinar Simon em Nova York, até se oferecera para fazer tudo sozinho e ensinar Simon até a formatura de Clary. Simon pensou que era tocante, e ele e Jace deveriam ser mais próximos do que ele realmente recordava, mas a terrível verdade era que ele não queria ficar em Nova York.

Ele não queria ficar ao redor deles. Não achava que podia suportar a expressão constante em seus rostos – nos de Isabelle e Clary principalmente – de expectativa desapontada.

Toda vez que eles o viam, eles o reconheciam e esperavam coisas dele. E toda vez ele estava em branco. Era como assistir alguém cavar um lugar onde sabiam que tinham enterrado algo precioso, cavando e cavando para perceber que o que quer que estivesse lá, tinha ido. Mas eles continuavam cavando do mesmo jeito, porque a ideia de perdê-lo era terrível e porque ainda podia estar lá.

Talvez.

Ele era aquele tesouro perdido. Ele era aquele talvez. E Simon se odiava por isso. Esse era o segredo que estava tentando manter deles, o que ele estava sempre temendo que iria trair.

Ele só tinha que passar por esse último adeus, e então estaria longe deles até que estivesse melhor, até que estivesse mais próximo da pessoa que eles realmente queriam ver. Assim, eles não ficariam mais decepcionados, e ele não seria um estranho para eles. Ele pertenceria ao grupo.

Simon não tentou alertar o grupo da sua presença. Ao contrário, ele se aproximou de Jace.

— Hey — ele disse.

— Oh — Jace respondeu descuidadamente, como se não estivesse esperando ali fora com o propósito expresso de ver Simon. Ele olhou para cima com aquele ocasional olhar dourado, em seguida, desviou o olhar. — Você.

Ser legal demais para a escola era a coisa de Jace. Simon supôs que ele deveria ter entendido e era afeiçoado a isso, antes.

— Ei, percebi que não teria a chance de perguntar novamente. Você e eu — disse Simon. — Nós somos muito próximos, não somos?

Jace olhou para ele por um momento, o rosto muito imóvel, e em seguida saltou para de pé e respondeu:

— Absolutamente. Nós somos assim — ele cruzou dois de seus dedos. — Na verdade, nós somos mais assim — ele tentou cruzá-los novamente. — Tivemos um pouco de tensão inicial, como você pode mais tarde recordar, mas tudo foi esclarecido quando você veio até mim e confessou que estava lutando contra os seu ciúme por – estas foram suas palavras – excelente aparência e charme irresistível.

— Eu falei isso — Simon disse.

Jace bateu em seu ombro.

— Sim, amigo. Lembro-me claramente.

— Ok, tanto faz. A coisa é... Alec é sempre muito quieto perto de mim. Ele é apenas tímido, ou eu fiz alguma coisa e não me lembro? Eu não queria ir embora sem tentar acertar as coisas.

A expressão de Jace assumiu aquela quietude peculiar novamente.

— Estou feliz que tenha me perguntado sobre isso — ele disse finalmente. — Há algo mais acontecendo. As meninas não queriam que eu te contasse, mas a verdade é...

— Jace, pare de monopolizar Simon — Clary falou.

Ela falou com firmeza, como sempre fazia, e Jace se virou para ela, como sempre fazia, escutando-a como a mais ninguém. Clary vinha andando na direção de ambos, e Simon sentiu uma pontada no peito novamente enquanto sua cabeça vermelha se aproximava. Ela era tão pequena.

Durante uma das sessões de seu malfadado treinamento, em que Simon fora rebaixado para um mero observador depois de um pulso torcido, ele assistira Jace atirar Clary em uma parede. Ela voltou para brigar.

Apesar disso, Simon continuava sentindo como se ela precisasse ser protegida. Sentir-se assim era um tipo particular de horror, ter as emoções sem as memórias. Simon sentia um louco por ter todos esses sentimentos para com estranhos, sem tê-los apoiados pela familiaridade e experiências que podia recordar. Ao mesmo tempo, sabia que não estava se sentindo ou expressando o suficiente.

Sabia que não estava dando a eles o que eles queriam.

Clary não precisava ser protegida, mas em algum lugar dentro de Simon estava o fantasma de um menino que sempre quis ser o único a protegê-la, e ele só a estava machucando, ficando ao redor e incapaz de ser aquele cara.

Memórias vinham, às vezes em uma corrida esmagadora e assustadora, mas principalmente em pequenos fragmentos, peças de quebra-cabeça que Simon dificilmente poderia dar sentido. Uma peça era uma lembrança de caminhar para a escola com Clary, a mão dela tão pequena e a sua própria apenas um pouco maior. Ele se sentia grande então, no entanto, grande e orgulhoso e responsável por ela. Ele havia sido determinado a não deixá-la para baixo.

— Hey, Simon — disse ela agora.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas, e Simon sabia que era tudo culpa dele.

Ele pegou a mão de Clary, pequena, mas calejada tanto pelas armas quanto pela arte. Desejou que pudesse encontrar um caminho para voltar a acreditar, embora soubesse melhor, que ela era sua para proteger.

— Hey, Clary. Cuide-se — disse ele. — Eu sei que você pode — ele fez uma pausa. — E cuide de Jace, esse pobre, loiro incapaz.

Jace fez um gesto obsceno, o que realmente parecia familiar para Simon, então sabia que aquilo era comum. Jace rapidamente baixou a mão quando Catarina Loss apareceu do caminho ao redor do Instituto.

Ela era uma feiticeira como Magnus, e uma amiga dele, mas em vez de ter os olhos de gato, ela era toda azul. Simon tinha a sensação de que ela não gostava muito dele. Talvez feiticeiros só gostassem de outros feiticeiros. Embora Magnus parecesse gostar bastante de Alec.

— Olá todo mundo — cumprimentou Catarina. — Pronto para ir?

Simon tinha estado morrendo de vontade de ir por semanas, mas agora que tinha chegado o momento, sentiu o pânico arranhando sua garganta.

— Quase — ele respondeu. — Só um segundo.

Ele acenou para Alec e Magnus, que acenaram de volta. Simon sentia que tinha q resolver tudo o que tinha de estranho entre ele e Alec antes de se aventurar ainda mais.

— Tchau, pessoal, obrigado por tudo.

— Acredite em mim, ainda que parcialmente, libertá-lo de um feitiço autoritário foi o meu prazer — disse Magnus, levantando uma mão.

Ele usava muitos anéis, que brilhavam ao sol da primavera. Simon pensou que ele devia deslumbrar os seus inimigos com sua proeza mágica, mas também com o seu brilho.

Alec apenas balançou a cabeça.

Simon se inclinou e abraçou Clary, mesmo que isso fizesse seu peito doer ainda mais. O seu toque e cheiro eram ao mesmo tempo estranhos e familiares, mensagens conflitantes que eram

enviadas através de seu cérebro e seu corpo. Ele tentou não abraçá-la muito forte, mesmo que ela fosse do tipo que abraçava muito forte. Na verdade, ela estava praticamente esmagando sua caixa torácica. Ele não se importava, no entanto. Quando soltou Clary, ele se virou e abraçou Jace. Clary assistiu, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Oooh — disse Jace, parecendo extremamente sobressaltado, mas ele deu um tapinha rápido nas costas de Simon.

Simon supôs que eles geralmente batessem o punho ou algo assim. Ele não sabia qual era o modo guerreiro de serem amigos: Eric era um grande fã de abraços. Ele decidiu que provavelmente seria bom para Jace, e bagunçou seu cabelo um pouco para dar ênfase antes de se afastar.

Então Simon reuniu toda a sua coragem, virou-se e caminhou até Isabelle.

Isabelle era a última pessoa para quem tinha de dizer adeus; ela seria a mais difícil. Ela não era como Clary, abertamente chorosa, ou como qualquer um dos outros, tristes por verem-no e ir embora, mas basicamente bem. Ela parecia mais indiferente do que qualquer um, tão indiferente que Simon sabia que não era verdade.

— Eu vou voltar — disse Simon.

— Sem dúvida — devolveu Isabelle, olhando para além de seu ombro. — Você sempre parece se erguer.

— Quando eu voltar, estarei impressionante.

Simon fez a promessa, não tendo a certeza se poderia mantê-la. Ele sentiu como se tivesse que dizer alguma coisa. Sabia o que ela queria, que ele voltasse para ela do jeito que tinha sido, melhor do que era agora.

Isabelle deu de ombros.

— Não pense que eu estarei esperando, Simon Lewis.

Assim como sua pretensão de indiferença, esta soou como uma promessa completamente às avessas.

Simon olhou para ela por um longo momento.

Ela era tão esmagadoramente bela e impressionante, ele achou demais para suportar.

Mal podia acreditar em qualquer uma de suas novas memórias, mas a ideia de que Isabelle Lightwood tinha sido sua namorada parecia ainda mais inacreditável do que o fato de que os vampiros eram reais e que Simon tinha sido um. Ele não fazia a menor ideia de como a conquistara uma vez, e por isso não fazia a menor ideia de como conquistá-la novamente. Era como pedir para voar. Ele a convidou para dançar uma vez e para tomar um café com ele duas vezes nos meses desde que ela e Magnus tinham vindo e lhe devolveram o máximo de memória quanto podiam, mas não o suficiente. Cada vez Isabelle o observara cuidadosamente, com expectativa, esperando por algum milagre que ele sabia que não podia fazer. Isso significava que ele estava perto dela o tempo todo com a língua presa, certo de que diria a coisa errada e destruiria tudo o que não podia saber com o silêncio.

— Tudo bem — disse ele. — Bem, eu vou sentir a sua falta.

A mão de Isabelle disparou, agarrando seu braço.

Ela ainda não estava olhando para ele.

— Se precisar de mim, eu vou — ela falou, e o soltou tão abruptamente como o agarrou.

— Tudo bem — Simon repetiu, e retirou-se para o lado de Catarina Loss enquanto ela fazia o Portal que levaria até Idris, o país dos Caçadores de Sombras. Esta separação foi tão dolorosa e constrangedora e bem-vinda que ele não conseguia apreciar quão incrível era ter magia feita em frente a ele.

Ele acenou um adeus a todas aquelas pessoas que mal o conheciam e que de alguma forma gostavam dele, e esperava que eles não percebessem como estava aliviado de estar indo.

* * *

Simon lembrava-se de trechos sobre Idris, torres, uma prisão, rostos severos e sangue nas ruas, mas tudo era sobre a cidade de Alicante.

Desta vez, ele encontrava-se fora da cidade. Estava de pé na exuberante paisagem, um vale de um lado, um do prado outro. Não havia nada para ser visto por quilômetros, apenas diferentes tons de verde. Havia trechos de campina verde jade, prado atrás de prado, até o deslumbramento cristalino no horizonte que era a Cidade de Vidro, com suas torres brilhando sob a luz do sol. Do outro lado, havia as profundezas de uma floresta esmeralda, abundantemente verde escura nas sombras. As copas das árvores se moviam ao vento como penas verdejantes.

Catarina olhou ao redor, em seguida, deu um passo, de modo que ela estava de pé à direita na borda do vale. Simon a seguiu, e naquele passo as sombras da floresta se ergueram, como se as sombras pudessem se tornar um véu.

De repente, havia o que Simon reconheceu ser o campo de treinamento, um trecho de terra clara que cortava a terra como cerca em torno deles, marcas que indicavam onde os Caçadores de Sombras corriam ou lutavam gravadas tão profundamente na terra que Simon podia vê-las de onde ele estava. No centro dos fundamentos e no coração da floresta, a joia para qual todo o resto era um cenário de fundo, estava um edifício cinzento e alto com torres espirais. Simon de repente buscava palavras da arquitetura tal qual "suporte" para descrever como pedras poderiam levar a forma de asas de uma andorinha e apoiar um telhado. A Academia tinha uma janela com vitral em seu centro. Lá, escurecido pelo tempo, um anjo empunhando uma espada ainda podia ser visto, celestial e feroz.

— Bem-vindo à Academia dos Caçadores de Sombras — disse Catarina Loss, sua voz suave.

Eles começaram a descida juntos. Em um ponto, o tênis de Simon deslizou na terra macia do declive íngreme, e Catarina teve que agarrar sua jaqueta para firmá-lo.

— Espero que você tenha trazido botas de caminhada, garoto da cidade.

— Eu não trouxe botas de caminhada, nem perto disso — disse Simon.

Ele sabia que tinha errado quando fez as malas. Seus instintos o tinham levado ao erro. Não que tenham sido de todo úteis.

Catarina, provavelmente decepcionada pela demonstração de falta de inteligência de Simon, ficou em silêncio enquanto caminhavam sob a sombra dos galhos, na penumbra verde criada pelas árvores, até que as árvores tornaram-se escassas e a luz inundou novamente o espaço ao redor deles e a Academia dos Caçadores de Sombras apareceu ao longe. Ao se aproximarem, Simon começou a notar algumas pequenas falhas na Academia que ele não tinha observado quando estava apavorado e longe.

Uma das torres altas e estreitas estava inclinada em um ângulo alarmante. Havia grandes ninhos de aves nos arcos, e teias de aranha pendiam como longas e grossas cortinas esvoaçantes de algumas das janelas. Um dos painéis na janela de vitral tinha caído, deixando um espaço negro onde o olho do anjo deveria estar, transformando-o em um pirata.

Simon não se sentia bem sobre qualquer uma dessas observações.

Havia pessoas andando na frente da Academia, sob o olhar do anjo pirata.

Havia uma mulher alta com uma cabeleira loira avermelhada, e atrás dela, duas meninas que Simon imaginava serem estudantes da Academia. Ambas pareciam ter sua idade.

Um galho estalou sob os pés desajeitados de Simon e as três mulheres olharam para eles. A ruiva entrou em ação, correndo em direção a eles e caindo sobre Catarina como se ela fosse uma irmã azul há muito perdida. Ela agarrou Catarina pelos ombros e Catarina parecia extremamente desconcertada.

— Senhorita Loss, graças ao Anjo você está aqui — ela exclamou. — Tudo está um caos, caos absoluto!

* * *

— Não acredito que já tive o... prazer de conhecê-la — Catarina observou, com uma pausa significativa.

A mulher se recompôs e soltou Catarina, apontando para seu cabelo brilhante voando ao redor dos ombros.

— Eu sou Vivianne Penhallow. A, hã, reitora da Academia. É um prazer conhecê-la.

Ela podia falar formalmente, mas era bastante jovem para ser a líder do esforço de reabrir a Academia e preparar os novos alunos – desesperadamente necessários – para as forças dos Caçadores de Sombras. Então, novamente, Simon supôs que era o que acontecia quando você era a esposa do primo de segundo grau do cônsul.

Simon ainda estava tentando descobrir como o governo dos Caçadores de Sombras e árvores genealógicas funcionavam. Todos eles pareciam estar relacionados entre si, o que era muito perturbador.

— Qual seria o problema, reitora Penhallow?

— Bem, indo direto ao ponto, as semanas atribuídas para os reparos da Academia parecem ter sido, ah... "descontroladamente insuficientes" talvez sejam as palavras que melhor descrevem a situação — disse a reitora Penhallow, suas palavras apressadas. — E alguns dos professores já – er – se foram abruptamente. Eu não acredito que eles pretendam retornar. Na verdade, algum deles me informaram isso em uma linguagem bastante forte. Além disso, a Academia é um pouco fria e, para ser perfeitamente honesta, mais do que um pouco estruturalmente instável. Além disso, no interesse do rigor, devo dizer-lhe que há um problema com o suprimento de alimentos.

Catarina levantou uma sobrancelha marfim.

— Qual é o problema com o suprimento de alimentos?

— Não há nenhuma comida.

— Isso é um problema.

Os ombros da reitora cederam e seu peito esvaziou um pouco, como se estivesse confinando todos os problemas em um espartilho invisível.

— Essas meninas comigo são duas das alunas mais antigas e de boas famílias de Caçadores de Sombras – Julie Beauvale e Beatriz Velez Mendoza. Elas chegaram ontem e realmente se provaram inestimáveis. E este deve ser o jovem Simon — ela continuou, favorecendo-o com um sorriso.

Simon ficou logo assustado e não sabia porquê, até que ele vagamente se lembrou de que eram bem poucos Caçadores de Sombras adultos que já tinham mostrado qualquer sinal de prazer em ter um vampiro em seu meio. Claro, ela não tinha motivos para odiá-lo ao vê-lo agora. Ela também parecia ansiosa para conhecer Catarina, Simon pensou; talvez estivesse tudo bem para ela. Ou talvez ela apenas estivesse ansiosa para ter Catarina ajudando-a.

— Certo — disse Catarina. — Bem, não é uma surpresa que o edifício abandonado décadas atrás não esteja funcionando inteiramente sem problemas depois de algumas semanas. É melhor me mostrar alguns dos piores pontos problemáticos. Posso fortalecê-los de modo que não tenhamos todo o alarido de um Caçadorzinho de Sombras quebrando o pescocinho.

Todo mundo olhou para Catarina.

— Uma tragédia inestimável, eu quis dizer — Catarina emendou, e abriu um grande sorriso. — Uma das meninas pode mostrar a Simon o seu quarto?

Ela parecia ansiosa para se livrar de Simon. Realmente não gostava dele. Simon não podia pensar o que ele poderia ter feito a ela.

A reitora olhou para Catarina por mais um momento, e então disparou:

— Oh sim, sim, é claro. Julie, você poderia conduzi-lo? Coloque-o no quarto da torre.

As sobrancelhas de Julie se ergueram.

— Tem certeza?

— Sim, com certeza. O primeiro quarto quando você entrar na ala leste — continuou a reitora, com a voz tensa, e se voltou para Catarina. — Senhorita Loss, estou novamente mais do que grata por sua chegada. Você pode realmente corrigir algumas dessas irregularidades?

— Há um ditado que diz: É preciso um ser do Submundo para limpar a confusão de um Caçador de Sombras — Catarina observou.

— Eu... não tinha ouvido isso — a reitora Penhallow respondeu.

— Que estranho — disse Catarina, com a voz sumindo enquanto se afastavam. — Seres do submundo dizem muitas vezes. Muitas vezes.

Simon foi deixado abandonado e olhando para a menina restante, Julie Beauvale. Ele gostou mais da outra garota. Jullie era muito bonita, mas seu rosto, nariz e boca eram estranhamente estreitos, dando a impressão de que toda a sua cabeça estava franzida com desaprovação.

— Simon, não é? — ela perguntou, e sua boca parecia franzir ainda mais. — Siga-me.

Ela se virou, seus movimentos duros como um sargento e Simon a seguiu lentamente através do limiar da Academia e deu em um hall ecoante de teto abobadado.

Ele inclinou a cabeça e tentou ver se o tom esverdeado do teto era má iluminação do teto ou musgo mesmo.

— Por favor, continue — disse a voz de Julie, que vinha de uma das seis portas escuras e pequenas cortadas em uma parede de pedra. Sua dona já tinha desaparecido, e Simon mergulhou na escuridão atrás dela.

A escuridão acabou por ser apenas uma escada de pedra escura, o que levou a um corredor de pedra escura. Não havia ainda praticamente nenhuma luz, porque as janelas eram pequenas fendas na pedra. Simon lembrou-se de ler sobre janelas como aquelas, feitas de modo que ninguém pudesse atirar em você, mas você poderia disparar flechas ao redor.

Julie levou-o para baixo em uma passagem, descendo uma rampa até um pequeno lance de escadas, segundo outro corredor, fazendo seu caminho através de uma pequena sala circular, o que era uma boa mudança, mas que levou a mais um corredor.

Com tudo escuro, as paredes próximas e o cheiro engraçado, combinados com todos os corredores, faziam Simon pensar nas palavras "à caminho do túmulo". Ele estava tentando não pensar nas palavras, mas lá estavam elas.

— Então você é uma caçadora de demônios — Simon comentou, mudando sua mochila nos ombros e correndo atrás de Julie. — Como é?

— Caçadora de Sombras, e você está aqui para descobrir isso — a garota devolveu, e depois parou em uma das muitas portas, a madeira do carvalho manchada com acessórios de ferro preto, a maçaneta esculpida parecendo a asa de um anjo. Ela segurou a maçaneta, e Simon viu que aquilo deve ter sido apertado tantas vezes ao longo dos séculos que os detalhes da asa do anjo quase tinham sido apagados.

Dentro havia uma pequena sala de pedra, contendo duas camas estreitas – uma mala aberta sobre uma delas – com pilares de madeira entalhada, uma janela em forma de diamante turva com poeira, e um grande armário inclinado para um lado, como se tivesse perdido uma perna.

Também havia um menino lá, de pé sobre um banquinho. Ele girava lentamente no banquinho para enfrentá-los, considerando-os do alto, como se fosse uma estátua sobre um pedestal.

Ele não parecia diferente de uma estátua, se alguém tivesse vestido uma estátua num jeans e uma camiseta vermelha e amarela de rúgbi. As linhas de seu rosto eram finas e lembravam uma estátua, e ele tinha ombros largos e uma aparência atlética, como a maioria dos Caçadores de Sombras. Simon suspeitava que o anjo não escolhia asmáticos ou qualquer um que já tivesse sido atingido no rosto por uma bola de vôlei no ginásio. O menino tinha uma pele dourada de verão, olhos castanhos escuros e cabelo castanho-claro cacheado caindo sobre a testa. O garoto sorriu ao vê-los, uma covinha aparecendo na bochecha.

Simon não se considerava um bom juiz da beleza masculina. Mas ele ouviu um pequeno som atrás dele e olhou por cima do ombro.

O pequeno som fora um suspiro escapando em uma rajada irreprimível de Julie, que também, como Simon observou, veio acompanhado de um suspiro simultâneo e lento, se contorcendo involuntariamente. Simon pensou que o suspiro era provavelmente uma indicação de que esse

cara era algo fora do comum sobre a aparência. Simon revirou os olhos. Aparentemente, todos os Caçadores de Sombras eram modelos de cuecas, incluindo o seu novo companheiro de quarto. Sua vida era uma piada.

Julie parecia ocupada com o cara no banco. Simon tinha várias perguntas, como "quem é esse?" e "por que ele está de pé em um banquinho?" mas ele não queria ser um incômodo.

— Estou muito feliz que vocês estejam aqui. Agora... não entrem em pânico — o cara no banco sussurrou.

Julie recuou um passo.

— O que há de errado com você? — Simon perguntou. — Dizer "não entrem em pânico" é garantir que todos entrem em pânico! Seja específico sobre o problema.

— Ok, entendo o que está dizendo, é um argumento válido — continuou o novo garoto.

Ele tinha um sotaque, sua voz leve ainda rouca sobre certas sílabas. Simon tinha quase certeza de que ele era escocês.

— É só que eu acho que há um gambá demônio no guarda-roupa.

— Pelo Anjo! — disse Julie.

— Isso é ridículo — Simon falou ao mesmo tempo.

Houve barulho dentro do guarda-roupa.

Um grunhido arrastado, sons assobiantes que levantaram os pelos da nuca de Simon.

Rápida como um raio e com a graça dos Caçadores de Sombras, Julie saltou sobre a cama que não tinha a mala aberta sobre ela. Simon supôs que fosse cama dele. O fato de que ele estivesse

ali fazia apenas dois minutos e já houvesse uma garota lançando-se em sua cama teria sido emocionante, tirando o fato, é claro, de que ela estava fugindo de roedores infernais.

— Faça alguma coisa, Simon!

— Sim, Simon – Simon é você? Oi Simon – por favor faça algo sobre o gambá demoníaco — disse o cara no banco.

— Tenho certeza de que não é um gambá demoníaco.

O som de briga dentro do guarda-roupa era muito alto, e Simon não se sentia inteiramente certo. Soava como se havia algo enorme à espreita lá.

— Eu nasci na Cidade de Vidro — disse Julie. — Sou uma Caçadora de Sombras e posso lidar com o demoníaco. Mas também cresci em uma bela casa que não estava infestada de animais selvagens imundos!

— Bem, eu sou do Brooklyn — Simon respondeu — e não fale mal da minha amada cidade ou a chame de um monte de lixo com vermes, com uma boa música ou qualquer coisa, mas eu conheço roedores. Além disso, acredito que já fui um roedor, mas que foi apenas por pouco tempo, eu não lembro claramente e não quero discutir isso. Acho que posso lidar com um gambá... que mais uma vez, tenho certeza que não é demoníaco.

— Eu vi aquilo e você não! — exclamou o cara no banco. — Estou dizendo, era absolutamente grande! Demoniacamente grande.

Houve outro ruído, e algumas fungadas ameaçadoras. Simon se esgueirou até a mala aberta na outra cama. Havia mais um monte de camisetas de rúgbi lá, mas em cima delas estava outra coisa.

— Isso é uma arma? — perguntou Julie.

— Ah, não — disse Simon. — É uma raquete de tênis.

Os Caçadores de Sombras necessitavam de mais atividades extracurriculares.

Ele suspeitava que a raquete seria uma arma horrível, mas era o que ele tinha. Ele foi até o guarda-roupa e abriu a porta. Lá, nos recessos roídos do guarda-roupa, estava um gambá. Seus olhos vermelhos brilhantes e sua pequena boca aberta, sibilando para Simon.

— Que nojento — disse Julie. — Mate-o, Simon!

— Simon, você é a nossa única esperança! — concordou o menino no banco.

O gambá fez um movimento, como se fosse se arremessar para frente. Simon trouxe a raquete para baixo com uma pancada contra a pedra. O gambá chiou novamente e moveu-se em uma direção diferente. Simon teve a selvagem ideia de girar, pouco antes de ele realmente correr entre as suas pernas. Simon soltou um som que era bem perto de um grito, cambaleou para trás, e bateu violentamente em várias direções, atingindo pedras cada vez. Os outros dois gritaram. Simon girou para tentar localizar para o gambá, e vendo um lampejo de pele com o canto dos olhos, e virou novamente. O menino no banquinho – querendo procurar estabilidade ou em uma tentativa equivocada de ser atencioso – agarrou os ombros de Simon e tentou virá-lo, usando um punhado de sua camisa como alavanca.

— Ali! — ele gritou no ouvido de Simon, e Simon virou por sua própria vontade, caminhando enquanto se virava para o banco.

Ele sentiu a ponta do banco e se inclinou contra suas pernas, e o menino sobre ele agarrou os ombros de Simon novamente. Simon, já tonto, deu uma guinada e, em seguida, viu o pequeno corpo peludo do gambá rastejando sobre seu próprio tênis e cometeu um erro fatal. Ele acertou seu próprio pé com a raquete. Muito forte.

Simon, o banco, o rapaz no banco, a raquete, iam todos cair no chão de pedra.

O gambá instantaneamente foi para a porta.

Simon pensou que ele lhe lançou um olhar vermelho de triunfo enquanto saía.

Simon não estava em condições de ir em perseguição, uma vez que ele estava em uma confusão de pernas de cadeiras e pernas humanas, e tinha batido a cabeça contra a cabeceira da cama.

Ele estava tentando se sentar, esfregando a cabeça e se sentindo um pouco tonto, quando Julie pulou da cama. A cabeceira da cama balançou com a força de seu movimento, e bateu contra a parede atrás de Simon mais uma vez.

— Bem, deixarei vocês antes que a criatura retorne ao seu ninho! — Julie anunciou.

— Er... quer dizer, eu vou deixar vocês... com aquilo — ela pausou na porta, olhando na direção que o gambá tinha ido. — Tchau agora — acrescentou ela, e saiu correndo na direção oposta.

— Ai — disse Simon, desistindo de se sentar ereto e inclinando-se para trás em suas mãos. Ele fez uma careta. — Muito ai. Bem... aquilo foi...

Ele gesticulou para o banco, a porta aberta, o guarda-roupa repugnante e para a si mesmo.

— Aquilo foi... — ele continuou, e viu-se a balançar a cabeça rindo. — Uma exibição tão impressionante de três futuros caçadores de demônio.

O garoto que não estava mais no banco parecia assustado, sem dúvida porque pensava que seu novo companheiro de quarto era um doente mental que ria sobre gambás. Simon não podia se ajudar. Ele não conseguia parar de rir.

Qualquer um dos Caçadores de Sombras que ele conhecia em Nova York teria lidado com a situação sem piscar um olho. Ele tinha certeza de que Isabelle teria cortado a cabeça do gambá com uma espada. Mas agora ele estava cercado por pessoas que entravam em pânico, gritavam e ficavam de pé em bancos, debatendo como seres humanos que não podiam lidar com um único roedor, e Simon era um deles.

Eram todas crianças apenas normais.

Era um alívio, e Simon sentiu-se tonto com ele. Ou talvez fosse porque ele bateu com a cabeça.

Ele continuou rindo, e quando olhou para seu novo companheiro de quarto, o outro garoto encontrou seus olhos.

— Que vergonha que nossos professores não tenham visto este incrível desempenho — o novo colega de quarto de Simon falou, sério. Então ele começou a rir também, a mão contra a boca, linhas de risos nos cantos dos olhos, como se ele risse o tempo todo e seu rosto tivesse acabado de se acostumar a ele. — Nós vamos massacrar.

Após a ligeira explosão de histeria relacionada com o gambá, Simon e seu novo companheiro de quarto se levantaram do chão e começaram a desfazer as malas e se apresentarem.

— Desculpe por tudo isso. Eu não sou bom em vigiar pequenas coisas. Estou esperando para lutar contra demônios um pouco mais elevados do chão. Eu sou George Lovelace, a propósito — disse o menino, sentado na cama ao lado de sua mala aberta.

Simon olhou para sua própria mala, cheia de muitas camisetas divertidas, e, em seguida, desconfiado para o guarda-roupa. Ele não sabia se confiava no armário de gambá.

— Então você é um Caçador de Sombras?

Ele havia trabalhado em como os nomes dos Caçadores de Sombras eram construídas, e já tinha imaginado que George fosse um Caçador de Sombras à primeira vista. Só que tinha sido antes de Simon pensar que George poderia ser legal. Agora ele estava desapontado. Ele sabia o que os Caçadores de Sombras pensavam de mundanos. Teria sido bom ter alguém novo em tudo isso para poder atravessarem juntos a escola.

Seria bom ter um companheiro de quarto legal de novo, pensou Simon. Como Jordan. Ele não conseguia se lembrar de Jordan, seu companheiro de quarto quando ele era um vampiro, tudo bem, o que ele se lembrava é que era bom.

— Bem, eu sou um Lovelace — disse George. — Minha família saiu dos Caçadores de Sombras devido ao ócio em 1700, em seguida, foram e se assentaram nos arredores de Glasgow para se tornar os melhores ladrões de ovinos na terra. O único outro ramo dos Lovelaces desistiu de ser Caçadores de Sombras em 1800, e acho que eles tiveram uma filha que voltou, mas ela morreu, por isso, somos tudo o que foi deixado. Caçadores de Sombras costumavam vir batendo pelas gerações passadas, e os meus bravos antepassados ficaram todos do tipo, "Não, acho que vou ficar com as ovelhas", até que finalmente a Clave parou de vir porque estava cansada de nossos caminhos vagabundos. O que posso dizer? Os Lovelaces são desistentes.

George deu de ombros e fez um gesto de o que se pode fazer? com a raquete de tênis. As cordas estavam quebradas. Ainda era sua única arma no caso de o gambá retornar.

Simon checkou seu celular. Idris não tinha recepção, que surpresa, e ele atirou-o na mochila entre suas camisetas.

— Esse é um legado nobre.

— Você pode acreditar que eu não sabia nada sobre isso até algumas semanas atrás? Os Caçadores de Sombras vieram nos encontrar de novo, nos dizendo que precisavam de novos, hã, caçadores de demônio na luta contra o mal, porque um monte deles morreu em uma guerra. Posso apenas dizer, os Caçadores de Sombras sabem realmente como conquistar os corações e mentes de um homem.

— Eles deveriam fazer panfletos — Simon sugeriu, e George sorriu. — Só um monte deles parecendo muito legais e vestindo preto. O panfleto poderia dizer "PRONTO PARA SER UM DURÃO?" Ponha-me em contato com o departamento de marketing dos Caçadores de Sombras, tenho mais ideias de onde veio essa.

— Eu tenho algumas más notícias para te contar sobre a maioria dos Caçadores de Sombras e suas habilidades com uma fotocopadora — George disse a ele. — De qualquer forma, descobriu-se que meus pais sabiam disso o tempo todo e apenas não me informaram. Pois por que eu estaria interessado em uma coisa pequena como essa? Eles disseram que minha avó era louca quando falou sobre dançar com as fadas! Eu deixei bem claro o que penso sobre manter segredos intensamente legais de mim antes de eu sair. Papai disse que, com justiça, que a vovó estava louca. É justo que países das fadas também sejam reais. Provavelmente não seu amante fada de dez centímetros de altura chamado Bluebell, no entanto.

— Eu apostaria contra isso — Simon concordou, pensando tudo sobre o que se lembrava sobre fadas. — Mas eu não apostaria muito.

— Então, você é de Nova York? — disse George. — Bem glamoroso.

Simon deu de ombros: ele não sabia o que dizer, quando tinha estado casualmente confortável com Nova York toda a sua vida, e, em seguida, descobriu que a cidade e sua própria vida o transformaram num traidor. Quando ele tinha estado tão dolorosamente ansioso para sair.

— Como foi que você descobriu sobre tudo isso? Você tem a Visão?

— Não — Simon disse lentamente. — Não, eu sou apenas comum, mas a minha melhor amiga descobriu que ela era uma Caçadora das Sombras, e a filha de um cara realmente ruim. E a irmã desse outro cara realmente ruim. Ela tem a pior sorte com parentes. Eu acabei misturado nisso, e para dizer a verdade, realmente não me lembro de tudo, porque... — Simon fez uma pausa e tentou pensar em alguma maneira de explicar a amnésia relacionada com demônios que não convenceriam George que Simon tinha os mesmos problemas que a avó de George.

Então ele viu que George estava olhando para ele, seus olhos arregalados.

— Você é Simon — ele respirou. — Simon Lewis.

— Correto — disse Simon. — Ei. Meu nome está na porta ou em algum tipo de registro que eu devia assinar...

— O vampiro — continuou George. — O melhor amigo de Mary Morgenstern!

— Uh, Clary — disse Simon. — Uh, sim. Eu gosto de pensar em mim como o ex-morto-vivo.

A forma como George olhava para ele, como se ele estivesse gravemente impressionado ao invés de decepcionado ou com expectativa, era um pouco embaraçoso. Simon tinha que admitir, ele também era um pouco agradável. Era tão diferente da maneira que todo mundo tinha olhado para ele, em sua antiga vida ou na nova.

— Você não entende. Cheguei neste buraco congelado cheio de lodo e roedores, e toda a Academia estava cheia de pessoas falando sobre esses heróis que tem a minha idade e realmente foram para uma dimensão demoníaca. Deu uma perspectiva real para o fato de que os banheiros não funcionam aqui.

— Os banheiros não funcionam? Mas como vamos – como vamos fazer...

George tossiu.

— Nós comungamos com a natureza, se é que você entende o que estou dizendo.

George e Simon olharam para fora de sua janela, para a floresta abaixo, as folhas balançando suavemente ao vento além dos painéis de vidro em forma de diamante. George e Simon olharam, sombrios, tristes, de volta para o outro.

— Sério, você e seu grupo de heróis são tudo sobre o que todo mundo está falando — disse George, voltando a um tema mais alegre. — Bem, isso é fato de que temos pombos vivendo nos fornos. Vocês salvaram o mundo, não é? E você não se lembra disso. Isso tem que ser estranho.

— É estranho, George, obrigado por mencionar.

George riu, atirou sua raquete quebrada no chão, e ficou olhando para Simon como se ele fosse alguém incrível.

— Uau. Simon Lewis. Acho que tenho agradecer a alguém da Academia por ter um companheiro de quarto legal.

* * *

George levou Simon até o jantar, pelo o que Simon estava profundamente grato. O salão de jantar parecia muito com todos os outros cômodos quadrados de pedra da Academia, exceto que em uma extremidade havia uma sólida lareira esculpida, exibindo espadas cruzadas e um lema tão gasto que Simon não conseguia lê-lo.

Havia diversas mesas redondas, com cadeiras de madeira de vários tamanhos reunidas em torno. Simon estava realmente começando a acreditar que forneceram à Academia itens comprados em uma venda de garagem de uma velhinha. As mesas estavam cheias de crianças. A maioria deles era, pelo menos, dois anos mais jovem que Simon. Muitos eram mais novos que isso.

Simon não tinha percebido que estava mais para idoso do que para um estagiário de caçador de demônio, e isso o deixou nervoso. Ele ficou profundamente aliviado quando viu que alguns rostos pareciam refletir a sua idade.

Julie de rosto franzido, Beatriz e outro rapaz os viram e acenaram para eles. Simon assumiu o aceno foi para George, mas quando ele se sentou, Julie, na verdade, se inclinou para ele.

— Não posso acreditar que você não falou que era Simon Lewis — disse ela. — Pensei que você fosse apenas um mundano.

Simon se inclinou um pouco para trás.

— Eu sou apenas um mundano.

Julie riu.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Ela quer dizer que todos nós temos uma dívida com você, Simon — falou Beatriz Mendoza, sorrindo para ele. Ela tinha um grande sorriso. — Nós não nos esquecemos. É um prazer conhecê-lo, e é um prazer tê-lo aqui. Podemos até ser capazes de conseguir uma conversa sensata vindo de um garoto. Sem chance disso com Jon aqui.

O menino, que tinha bíceps do tamanho da cabeça de Simon, estendeu a mão sobre a mesa e a ofereceu. Apesar de seu braço extremamente intimidante, Simon a apertou.

— Eu sou Jonathan Cartwright. É um prazer.

— Jonathan — Simon repetiu.

— É um nome muito comum para os Caçadores de Sombras — Jon explicou. — Depois de Jonathan Caçador de Somb...

— Er, não, eu sei, tenho minha cópia do Códex — disse Simon. Clary tinha lhe dado o dela, na verdade, e ele se divertia lendo as anotações de praticamente todos do Instituto nas páginas. Ele sentiu que estava começando a conhecê-los, de forma segura e longe, onde eles não podiam

vê-lo falhar e expor suas lacunas de conhecimento. — É que apenas... Eu conheço algumas pessoas que se chamam Jonathan. Não que eles mesmos se chamem de Jonathan. Os outros os chamam de Jonathan.

Ele não se lembrava muito do irmão de Clary, mas sabia o nome dele. Não queria particularmente se lembrar de mais.

— Oh, bem, Jonathan Herondale — disse Jon. — Claro que você o conhece. Eu mesmo sou um grande amigo dele. Ele te ensinou um truque ou dois que provavelmente o ajudou a sair do reino demoníaco, estou certo?

— Você quer dizer Jace? — Simon perguntou, duvidoso.

— É, obviamente — disse Jon. — Ele provavelmente me mencionou.

— Não que eu me lembre... — Simon falou. — Mas eu tenho amnésia de demônio. Portanto, é isso.

Jon assentiu e deu de ombros.

— Certo. Chatice. Ele provavelmente mencionou e você se esqueceu, por causa da amnésia de demônio. Não é para me gabar, mas somos muito próximos, eu e Jace.

— Eu gostaria de ser próxima de Jace Herondale — Julie suspirou. — Ele é tão lindo.

— Ele é mais parecido com uma raposa do que uma pele de raposa em um buraco da raposa no dia de caça à raposa — Beatriz concordou com ar sonhador.

— Quem é esse? — perguntou Jon, apertando os olhos para George, que estava recostado na cadeira e parecendo um pouco divertido.

— Falando de pessoas parecidas com raposas, você quer dizer? Eu sou George Lovelace — disse George. — Eu falo o meu sobrenome sem vergonha, porque sou assim tão seguro da minha masculinidade.

— Oh, um Lovelace — disse Jon, voltando ao normal. — Sim, você pode se sentar conosco.

— Eu tenho que dizer, porém, que meu sobrenome nunca abriu portas para mim — George comentou. — Caçadores de Sombras, vai entender.

— Bem, você sabe — disse Julie. — Você vai querer sair com pessoas de sua própria corrente.

— Pode repetir? — pediu Simon.

— Há duas correntes diferentes na Academia — explicou Beatriz. — A dos mundanos, onde eles informam melhor os alunos sobre o mundo e lhes dão a formação bastante necessária do básico, e a corrente para as verdadeiras crianças Caçadoras de Sombras, onde nós somos ensinados a partir de um nível mais avançado.

Os lábios de Julie franziram.

— O que Beatriz está dizendo é que há a elite e há a escória.

Simon olhou para eles com uma sensação de vazio.

— Assim... eu estarei no grupo da escória.

— Não, Simon, não! — Jon exclamou, parecendo chocado. — Claro que não vai estar.

— Mas eu sou um mundano — Simon repetiu.

— Você não é um mundano comum, Simon — Julie disse a ele. — Você é um mundano excepcional. Isso significa que exceções serão feitas.

— Se alguém tentar colocá-lo com os mundanos, terei umas palavras com essa pessoa — Jon continuou com altivez. — Qualquer amigo de Jace Herondale é, naturalmente, um amigo meu.

Julie acariciou a mão de Simon. Simon olhou para a mão como se esta não lhe pertencesse. Ele não queria ser colocado na corrente de perdedores, mas não se sentia bem ao ser confortado de que ele não pararia lá.

Mas ele achava que se lembrava de Isabelle, Jace e Alec sendo superficiais quanto a mundanos, agora e depois. Isabelle, Jace e Alec não eram tão ruins. Era apenas o modo como foram criados: eles não queriam dizer o que parecia que falavam. Simon tinha certeza.

Beatriz, que Simon tinha gostado à primeira vista, se inclinou na frente de Julie e disse:

— Você mais que ganhou o seu lugar.

Ela sorriu timidamente para ele. Simon não pôde deixar de sorrir de volta.

— Assim... eu estarei na corrente da escória? — George perguntou lentamente. — Eu não sei nada sobre Caçadores de Sombras, Seres do Submundo e demônios.

— Oh, não — disse Jon. — Você é um Lovelace. Vai ver que tudo será fácil para você: está em seu sangue.

George mordeu o lábio.

— Se você diz.

— A maior parte dos alunos da Academia estará na corrente da elite — Beatriz falou apressadamente. — Nossos novos recrutas são como você, George. Estão à procura no mundo todo por pessoas perdidas e espalhadas que tenham sangue de Caçadores de Sombras.

— Então é o sangue dos Caçadores de Sombras que o permite estar na corrente da elite — George esclareceu. — E não o conhecimento.

— É perfeitamente justo — Julie argumentou. — Olhe para Simon. Claro que ele está no fluxo da elite. Ele se provou digno.

— Simon teve que salvar o mundo, e o resto de nós entrou porque temos o sobrenome certo?
— George perguntou levemente. Ele piscou para Simon. — Azar para você, amigo.

Houve um silêncio desconfortável ao redor da mesa, mas Simon suspeitou que ninguém se sentiu tão desconfortável quanto ele mesmo.

— Às vezes, aqueles de sangue Caçador de Sombras são colocados na corrente da escória se eles se desgraçarem — Julie falou brevemente. — Principalmente, sim, ele é reservado para os mundanos. Essa é a forma que a Academia sempre trabalhou no passado; é como ela vai trabalhar no futuro. Tomamos alguns mundanos, aqueles com a Visão ou com notável promessa atlética, para a Academia. É uma oportunidade maravilhosa para eles, uma chance de se tornar mais do que jamais poderiam ter sonhado. Mas eles não podem se manter com os Caçadores de Sombras de verdade. Não seria justo esperar isso deles. Eles não podem ser todos como o Simon.

— Alguns deles simplesmente não têm aptidão — comentou Jon em um tom elevado. — Alguns deles não viverão à Ascensão.

Simon abriu a boca, mas antes que pudesse fazer mais alguma pergunta, foi interrompido pelo som de uma salva de palmas solitária.

— Meus queridos alunos, meus Caçadores de Sombras presentes e futuros — começou a reitora Penhallow, levantando-se da cadeira. — Bem-vindos, sejam bem-vindos à Academia dos Caçadores de Sombra! É uma alegria ver todos vocês aqui na auspiciosa abertura oficial da Academia, onde treinaremos toda uma nova geração para seguir a Lei estabelecida pelo Anjo. É uma honra ser escolhido para vir aqui, e uma alegria para nós termos vocês.

Simon olhou em volta. Havia cerca de duas centenas de estudantes ali, pensou, desconfortavelmente amontoados em torno de mesas frágeis.

Ele notou mais uma vez que vários deles eram muito jovens, sujos e desolados. O coração de Simon queria ir para eles, mesmo sabendo exatamente como a questão das correntes na Academia era.

Ninguém parecia se sentir honrado por estar aqui. Simon se perguntou novamente sobre os métodos de recrutamento dos Caçadores de Sombras. Julie falou sobre eles como se fossem nobres, em busca de famílias perdidas de Caçadores de Sombras e oferecendo aos mundanos oportunidades incríveis, mas algumas dessas crianças pareciam ter doze anos. Simon imaginava como deveria ser suas vidas, se você estava pronto para deixar tudo e ir lutar contra demônios aos doze anos.

— Houve algumas perdas inesperadas da equipe, mas estou certo de que faremos esplendidamente com as excelentes pessoas restantes — continuou a reitora Penhallow.

— Deixem-me apresentar Delaney Scarsbury, seu mestre de treinamento.

O homem sentado ao lado dela se levantou. Ele fez os bíceps de Jon Cartwright parecerem como gominhos de uma laranja, e ele realmente tinha um tapa-olho, como o anjo no vitral da entrada.

Simon virou-se lentamente e olhou para George, esperando que ele se sentisse como ele nisso. Ele murmurou: Sem chance.

George, que obviamente se sentia do mesmo modo como ele, balançou a cabeça e murmurou: Pirata Caçador de Sombras!

— Estou ansioso para esmagar todos vocês em uma polpa e moldar a polpa em guerreiros ferozes — anunciou Scarsbury.

George e Simon trocaram outro olhar cheio de significado.

Uma menina na mesa atrás de Simon começou a chorar. Ela parecia ter cerca de treze anos.

— E esta é Catarina Loss, uma feiticeira muito estimável que os ensinará bastante sobre a história e assim por diante!

— Oi — disse Catarina Loss, balançando apaticamente seus dedos azuis, como se ela tivesse decidido tentar bater palmas sem se preocupar em juntar as duas mãos.

A reitora seguiu em frente:

— Nos anos anteriores da Academia, a cada dia da semana era servido um delicioso prato de uma nação diferente, pois os Caçadores de Sombras vêm de todo o mundo. Nós certamente temos a intenção de manter essa tradição! As cozinhas, porém, estão em um leve estado de abandono, e por enquanto nós temos...

— Sopa — disse Catarina categoricamente. — Tonéis e tonéis de sopa marrom escura. Aproveitem, crianças.

A reitora Penhallow continuou seu aplauso de uma só mulher.

— Está certo. Aproveitem, todos. E mais uma vez, sejam bem-vindos.

Não havia realmente nada a ser oferecido além de enormes tonéis de metal cheios de uma sopa bastante questionável.

Simon, na fila para a comida, olhou para as profundezas gordurosas do líquido escuro.

— Há jacarés ali?

— Eu não prometo nada — disse Catarina, inspecionando sua própria tigela.

Simon estava exausto e ainda faminto quando se arrastou para a cama naquela noite. Tentou se animar até pensar de novo sobre como há pouco tempo uma menina tinha estado em sua cama.

Uma menina em sua cama pela primeira vez, Simon pensou, mas, em seguida, memórias vieram como um fiapo de nuvem sobre a lua, escurecendo toda a certeza. Ele se lembrou de Clary dormindo em sua cama, quando estampados eles. Lembrou-se de beijar Clary, e como ela tinha

gosto de limonada fresca. E lembrou-se de Isabelle, seu cabelo escuro espalhado sobre o travesseiro, sua garganta nua para ele, as unhas arranhando sua perna, como um filme sexy de vampiro, além de suas pequenas unhas dos pés.

O outro Simon não tinha sido apenas um herói, mas também um conquistador. Bem, mais conquistador do que Simon era agora.

Isabelle. A boca de Simon moveu-se para formar o nome dela, pressionando-o contra seu travesseiro. Ele disse a si mesmo que não pensaria nela, não até que tivesse realmente chegado a algum lugar na Academia. Não até que ele estivesse em seu caminho para ser melhor, ser a pessoa que ela queria que ele fosse.

Virou-se então, de modo que estava deitado de costas e encarava o teto de pedra.

— Você está acordado? — George sussurrou. — Eu também. Continuo me preocupando que o gambá vá voltar. De onde ele veio mesmo, Simon? Para onde ele foi?

* * *

A experiência de se transformar em um Caçador de Sombras se tornou evidente para Simon no dia seguinte.

Primeiro, porque Scarsbury estava medindo-os para ter o tamanho de seus uniformes, o que foi uma experiência aterrorizante por conta própria. Em segundo, porque se tratou de comentários pessoais dolorosos sobre o físico de Simon.

— Você tem ombros estreitos — Scarsbury disse, pensativo. — Como uma dama.

— Eu sou ágil — Simon informou a ele com dignidade.

Ele olhou amargamente para George, que descansava em um banco à espera de Simon. O uniforme de George era sem mangas; Julie já tinha vindo cumprimentá-lo sobre como estava bem ajustado e tocar seus braços.

— Diga o que quiser — Scarsbury devolveu. — Tenho alguns equipamentos aqui que eram para uma menina...

— Tudo bem — disse Simon. — Quero dizer, terrível, mas tudo bem! Me dê logo.

Scarsbury empurrou o material preto dobrado nos braços de Simon.

— Era para uma garota alta — falou em uma voz que tinha possivelmente a intenção de ser reconfortante, e definitivamente alta demais.

Todo mundo em volta olhou para eles. Simon impediu-se de fazer uma reverência sarcástica e saiu pisando duro para vestir seu equipamento.

Depois que eles receberam os uniformes, pegaram as armas. Estudantes mundanos não podiam usar runas, estelas ou a maioria das armas dos Caçadores de Sombras, então estavam todos recebendo armas mundanas; era concebido para ampliar o conhecimento de armas das crianças Caçadoras de Sombras. Simon temia que seu conhecimento próprio de armas fosse tão amplo quanto espaguete.

A reitora Penhallow trouxe de caixas gigantes contendo facas aterrorizantes, que pareciam muito estranhas em um ambiente acadêmico, e lhes pediu para selecionar um punhal que lhes conviesse.

Simon pegou um punhal completamente ao acaso, em seguida, sentou-se em uma mesa, balançando-o.

Jon acenou para ele.

— Legal.

— Sim — disse Simon, acenando com a cabeça para trás e gesticulando com ele. — Foi o que pensei. Legal. Muito apunhalante.

Simon pensou que ser treinado não poderia ser tão ruim quanto ser preparado para treinar, mas acabou por ser muito pior.

* * *

Os dias na Academia eram metade atividade física. Era como passar metade do dia fazendo ginástica. Uma ginástica bem, mas bem dura.

Quando estavam aprendendo os conceitos básicos da esgrima, Simon fez par com a garota que ele havia notado na sala de jantar, aquela que tinha chorado quando Scarsbury fora apresentado.

— Ela é da corrente da escória, mas entendo que você não é particularmente experiente com esgrima — Scarsbury disse a ele. — Se ela não for suficiente para um desafio, avise-me.

Simon fitou Scarsbury em vez de fazer o que queria: dizer que ele não podia acreditar que um adulto estava chamando alguém de "escória" na sua cara.

Ele olhou para a menina, a cabeça escura inclinada, sua espada brilhando em sua mão trêmula.

— Ei. Eu sou Simon.

— Eu sei quem você é — ela murmurou.

Certo, aparentemente Simon era uma celebridade. Se ele tivesse todas as suas memórias, talvez isso fosse normal para ele. Talvez ele soubesse que merecia, em vez de saber que não merecia.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou.

— Marisol — ela respondeu relutantemente. Ela não tremia mais, observou ele, agora que Scarsbury tinha recuado.

— Não se preocupe — disse ele encorajadoramente. — Eu vou pegar leve com você.

— Hmm — Marisol murmurou. Ela não parecia que ia chorar agora; seus olhos se estreitaram.

Simon não estava acostumado a crianças muito jovens, mas ambos eram mundanos. Simon teve um estranho sentimento.

— Você se estabeleceu bem? Sente falta de seus pais?

— Eu não tenho pais — Marisol respondeu com uma voz baixa, dura.

Simon sentiu-se mal. Ele era um idiota.

Ele tinha pensado nisso, por que as crianças mundanas podiam vir para a Academia. Mundanos teriam que optar por desistir de seus pais, suas famílias, suas vidas anteriores.

A menos, claro, que eles já não tivessem pais e família. Ele tinha pensado sobre isso, mas se esquecera, obcecado com suas próprias memórias e como ele se encaixaria, apenas pensando em si mesmo. Ele tinha uma casa para voltar, mesmo que não fosse perfeito.

Ele tinha uma escolha.

— O que os Caçadores de Sombras te disseram quando foram recrutá-la?

Marisol o encarou, seu olhar claro e frio.

— Eles me disseram — ela falou — que eu ia lutar.

Ela tivera aulas de esgrima desde que aprendeu a andar, como se viu. Ela o cortou na altura dos joelhos e o deixou literalmente comendo poeira, girando como um pequeno turbilhão de espadachim na direção dele através do campo de treinamento, fazendo-o cair.

Ele também se cortou na perna com a própria espada quando caiu, mas que era uma lesão menor.

— Foi um pouco fácil demais para ela — disse Jon, passando por Simon e o ajudando. — A escória não vai aprender se não forem ensinados, você sabe.

Sua voz era gentil, mas seu olhar sobre Marisol não o era.

— Deixe-a em paz — Simon murmurou, mas ele não disse que Marisol o acertara em cheio. Todos pensavam que ele era um herói.

Jon sorriu para ele e seguiu em frente. Marisol nem sequer olhou para ele. Simon estudou sua perna, que estava machucada.

Não era tudo sobre lâminas. Algumas coisas eram normais, como correr – mas quando Simon tentou correr e se manter com pessoas muito mais atléticas do que ele nunca fora, ele era constantemente atormentado por lembranças de como seus pulmões nunca queimavam por falta de ar, como seu coração nunca bateu mais rápido pelo esforço excessivo. Ele tinha sido rápido, uma vez, mais rápido do que qualquer um desses alunos Caçadores de Sombras, um predador frio e poderoso.

E morto, ele lembrou a si mesmo enquanto ficava para trás dos outros novamente. Ele não queria estar morto.

Corrida ainda era muito melhor do que andar a cavalo. A Academia os introduziu em passeios a cavalo na sua primeira sexta-feira lá. Simon pensou que seria um deleite. Todos os outros agiam como se fosse um prazer.

Somente aqueles da corrente da elite foram autorizados a montar, e no horário das refeições zombaram os da escória por perder isso. Parecia animar Jon e Julie, em face da terrível sopa infinita.

Simon, precariamente equilibrado no topo de uma enorme besta que revirava os olhos e aparentemente tentava sapatear, não se sentia como se isto fosse qualquer coisa boa. A escória foi enviada para aprender fatos elementares sobre o tipo de criaturas Caçadores de Sombras

perseguiam. Eles tinham a maioria de suas aulas separadas da elite, e Jon garantiu a Simon que elas eram chatas. Simon sentiu que realmente podia aproveitar um pouco de chatice agora mesmo.

— Ei— George chamou em voz baixa. — Dica rápida. Equitação funciona melhor se você manter os olhos abertos.

— Minha experiência anterior em montar foi no carrossel do Central Park — Simon retrucou.

— Perdoe-me por não ser o Sr. Darcy! — George era, como várias das moças estavam observando, um excelente cavaleiro. Ele mal tinha de se mover para o cavalo responder a ele, ambos movendo-se suavemente juntos, luz solar ondulando para fora de seus cachos estúpidos. Ele parecia certo, fazia tudo parecer fácil e gracioso, como um cavaleiro nos filmes. Simon lembrou-se de ler livros sobre magia em que cavalos liam o pensamento de seu cavaleiro, livros sobre cavalos nascidos do vento norte.

Era tudo parte de ser um guerreiro mágico, ter um cavalo nobre.

O cavalo de Simon estava com defeito, ou possivelmente um gênio tinha trabalhado para que Simon não pudesse controlá-lo. Ele saiu para um passeio na floresta, com Simon em cima dele alternadamente implorando, ameaçando, e oferecendo subornos. Se o cavalo de Simon pudesse ler todos os seus pensamentos, então era um animal sádico.

Quando a noite chegou e o tempo esfriou, o cavalo vagou de volta à sua baia. Simon não tinha escolha no assunto, mas conseguiu cair do cavalo e cambalear até a Academia, seus dedos e joelhos completamente dormentes.

— Ah, você está aí — disse Scarsbury. — George Lovelace estava fora de si. Queria montar uma equipe de busca para procurá-lo.

Simon lamentou seus pensamentos maldosos sobre a equitação de George.

— Deixe-me adivinhar — Simon falou. — Todo mundo disse "Ah, não há necessidade, ser deixado para morrer constrói o caráter."

— Eu não estava preocupado que você estivesse prestes a ser comido por ursos na floresta escura e profunda — Scarsbury devolveu, parecendo jamais ter se preocupado com qualquer coisa em sua vida.

— Claro que não, isso seria um abs...

— Você tinha o seu punhal — acrescentou Scarsbury casualmente, e foi embora, deixando Simon falando atrás dele.

— Meu – meu punhal matador de ursos? Você realmente acha que matar ursos com um punhal é um cenário plausível? Quais as informações que você tem sobre os ursos nestas florestas? Acho que é de sua responsabilidade como educador me dizer se há ursos nas florestas.

— Vejo você na prática bem cedo, Lewis — disse Scarsbury, e marchou em frente sem olhar para trás.

— Há ursos na floresta? — Simon repetiu para si mesmo. — É uma pergunta simples. Por que os Caçadores de Sombras tão ruins em perguntas simples?

* * *

Os dias passaram em um borrão de atividades violentas horríveis. Se não houvesse prática com lança, Simon era atirado pelo quarto (George se desculpava mais tarde, mas isso não ajudava). Se não fosse o trabalho com punhais, era mais esgrima e humilhantes derrotas diante de pequenos Caçadores de Sombras em treinamento do mal. Se não fosse esgrima, era a pista de obstáculos, e Simon se recusava a falar da pista de obstáculos. Julie e Jon estavam ficando frios nas horas das refeições, e os comentários ocasionais sobre os mundanos ficavam para trás.

No fim, Simon cambaleou cansado para o próximo exercício fútil com objetos afiados, e Scarsbury colocou um arco em suas mãos.

— Quero que todos tentem atingir os alvos — disse Scarsbury. — E, Lewis, quero que você tente não acertar qualquer um dos outros alunos.

Simon sentiu o peso do arco em suas mãos. Ele tinha um bom equilíbrio, pensou, fácil de levantar e manipular. Ele encaixou a flecha, sentiu o retesamento da corda, pronto para liberar, preparado para deixá-la voar ao longo do caminho que Simon queria.

Ele puxou o braço para trás, e foi assim tão fácil: na mosca. Ele disparou mais uma vez e, em seguida, novamente, as setas voando para encontrar seus alvos, seus braços queimando e seu coração batendo com algo que parecia com alegria. Ele estava feliz por ser capaz de sentir seus músculos trabalharem e seu coração batendo. Estava tão feliz por estar vivo novamente, capaz de sentir cada momento disso.

Simon baixou o arco e encontrou todo mundo olhando para ele.

— Você pode fazer isso de novo? — perguntou Scarsbury.

Ele tinha aprendido a atirar flechas em um acampamento de verão, mas aqui de pé segurando um arco, se lembrou de outra coisa. Ele se lembrou de respirar, seu coração batendo, Caçadores de Sombras observando-o. Ele ainda era humano, então, um mundano que todos desprezavam, mas que matou um demônio. Lembrou-se: ele tinha visto algo que tinha que ser feito, e fizera o necessário.

Um cara não tão diferente do que ele era agora.

Simon sentiu um sorriso se espalhar pelo seu rosto, cobrindo-o todo.

— Sim. Eu acho que posso.

Julie e Jon foram muito mais amigáveis durante o jantar do que tinham sido nos últimos dias. Simon contou-lhes sobre matar o demônio, o que ele se lembrava, e Jon se ofereceu para ensinar-lhe alguns truques com as espadas.

— Eu realmente gostaria de ouvir mais sobre suas aventuras — disse Julie. — O que você conseguir se lembrar. Especialmente se elas envolverem Jace Herondale. Você sabe como ele conseguiu aquela cicatriz sexy na garganta?

— Ah — disse Simon. — Na verdade... sim. Na verdade... fui eu — todo mundo o fitou. — Eu posso tê-lo mordido. Um pouquinho. Foi mais uma mordidela, realmente.

— Ele era delicioso? — perguntou Julie, depois de uma pausa pensativa. — Ele parece ser delicioso.

— Hum — disse Simon. — Ele não é uma caixa de suco.

Beatriz assentiu seriamente. Ambas as meninas pareciam muito interessadas nesta discussão.

Bastante interessadas. Seus olhos estavam vidrados.

— Você talvez tenha subido em cima dele lentamente e, em seguida, abaixou a cabeça para sua garganta macia e pulsante? — perguntou Beatriz. — Você podia sentir o calor irradiando do corpo dele e entrando no seu?

— Você quis lambe a garganta dele antes de o morder? — perguntou Julie. — Ah, e você teve a chance de sentir seus bíceps? — ela deu de ombros. — Estou apenas curiosa sobre, você sabe, as técnicas dos vampiros.

— Imagino que Simon era ao mesmo tempo gentil e comandante durante seu momento especial com Jace — Beatriz falou sonhadoramente. — Quero dizer, ele era especial, não era?

— Não! Eu não posso enfatizar o suficiente. Eu mordi vários Caçadores de Sombras. Mordi Isabelle Lightwood e Alec Lightwood morder Jace não foi um momento especial e único!

— Você mordeu Isabelle e Alec Lightwood?! — perguntou Julie, que estava começando a soar meio louca. — O que os Lightwood fizeram para você?

— Uau — disse George. — Eu imaginava os reinos demoníacos eram assustadores e terríveis, mas parece que foi praticamente nham-nham-nham sem parar.

— Não foi assim! — disse Simon.

— Podemos parar de falar sobre isso? — Jon perguntou, sua voz afiada. — Tenho certeza de que todos fizeram o que tinham de fazer, mas a ideia de Caçadores de Sombras sendo a presa de um ser do Submundo é nojenta.

Simon não gostou do modo como Jon disse: "ser do Submundo", como se o termo "ser do Submundo" e "repugnante" fossem mais ou menos a mesma coisa. Mas talvez fosse natural para Jon estar incomodado. Simon podia se lembrar de ele mesmo estar perturbado. Simon não queria fazer de seus amigos suas presas, qualquer um deles.

Hoje tinha tudo ido muito bem. Simon não queria arruinar isso. Ele decidiu que estava com bom humor o suficiente para deixar passar.

Simon se sentiu melhor sobre a Academia até aquela noite, quando ele acordou de um cochilo em um dilúvio de memórias.

As memórias o atingiram como por vezes, não em pequenos golpes afiados, mas em uma cascata insistente e terrível. Ele tinha pensado em seu ex-companheiro de quarto antes. Sabia que ele tinha um amigo, um colega de quarto, chamado de Jordan, e que Jordan tinha sido assassinado. Mas ele não tinha recordado os sentimentos disso – a forma como Jordan o tinha deixado ficar quando sua mãe o barrara na porta, falando sobre Maia com Jordan, ouvindo Clary rir que Jordan era bonito, conversando com Jordan, paciente e gentil e sempre vendo Simon mais do que como um emprego, mais do que um vampiro. Ele lembrou de ter visto Jordan e Jace rosnarem um para o outro e, em seguida, jogar videogames como idiotas, e Jordan encontrando-o dormindo em uma garagem, e Jordan olhando para Maia com tanto arrependimento.

E se lembrou de segurar o pingente do Praetor Lupus de Jordan em suas mãos, em Idris, depois de Jordan estar morto. Simon tinha segurado o pingente novamente desde então, uma vez que ele recuperara parte de suas memórias, sentindo o seu peso e se perguntando o que o lema em latim significava.

Ele sabia que Jordan era seu companheiro de quarto, e sabia que ele era uma das muitas vítimas da guerra.

Ele nunca tinha realmente sentido o peso dela até agora.

O peso absoluto da memória o fez se sentir como se pedras estivessem sendo empilhadas em seu peito, esmagando-o. Simon não conseguia respirar. Ele irrompeu de seus lençóis, balançando as pernas para o lado da cama, com os pés batendo no chão de pedra com um choque do frio.

— Q-quê? — murmurou George. — Será que o gambá voltou?

— Jordan está morto — disse Simon friamente, e colocou seu rosto entre as mãos.

Houve um silêncio.

George não lhe perguntou quem Jordan era, ou por que de repente ele se importava. Simon não saberia como explicar o emaranhado de tristeza e culpa em seu peito: como ele se odiava por esquecer Jordan, mesmo que ele não pudesse ter impedido, que foi como descobrir que Jordan estava morto pela primeira vez e como ter uma ferida cicatrizada reaberta, ambas ao mesmo tempo.

Havia um gosto amargo na boca de Simon, como sangue velho, muito velho.

George esticou o braço e colocou a mão no ombro de Simon. Ele a manteve lá, um aperto firme, a mão quente e constante, algo para ancorar Simon na noite fria e escura da memória.

— Sinto muito — ele sussurrou.

Simon também sentia.

* * *

No jantar do dia seguinte, foi sopa de novo. Tinha sido sopa em cada refeição por muitos dias agora. Simon não se lembrava de uma vida antes da sopa, e ele tinha medo de nunca alcançar uma vida após a sopa. Simon se perguntou se os Caçadores de Sombras tinham runas para se proteger do escorbuto.

Seu grupo habitual estava na mesa de sempre, conversando, quando Jon falou:

— Eu gostaria que estivéssemos sendo ensinados sobre demônios por alguém que não estivesse na ordem do dia, se é que me entendem.

— Uh — disse Simon, que na maioria das vezes encarava com alívio as aulas sobre demônios, quando ele não precisava se mover. — Não temos todos nós a mesma... ordem do dia... sobre caçar demônios?

— Você sabe o que eu quero dizer — Jon respondeu. — Nós temos que ser ensinados sobre os últimos crimes de feiticeiros também. Temos de lutar contra os seres do Submundo também. É ingênuo fingir que tudo está calmo.

— Seres do submundo — Simon repetiu. A sopa era como cinzas em sua boca, o que era realmente uma melhoria. — Como os vampiros?

— Não! — disse Julie apressadamente. — Os vampiros são ótimos. Eles têm, você sabe, classe. Em comparação com os outros seres do Submundo. Mas se você está falando sobre criaturas como lobisomens, Simon, você tem que ver que eles não são exatamente o nosso tipo de pessoas. Se você pode chamá-los de pessoas em tudo.

Ela disse "lobisomens" e Simon não pôde deixar de pensar em Jordan, encolhendo-se como se tivesse sido atingido e incapaz de manter a boca fechada por mais um momento.

Simon afastou sua tigela de sopa para longe e empurrou sua cadeira para trás.

— Não me diga como devo enxergar, Julie — ele falou friamente. — Devo informá-la que existem lobisomens que valem centenas de vezes mais que Caçadores de Sombras imbecis como você e Jon. Digo também que me faz passar mal o jeito como vocês desprezam os mundanos e ao mesmo tempo me dizem que sou especial, como se eu quisesse ser o favorito de gente que intimida crianças mais jovens e mais fracas que eles. E devo dizer que é melhor que esta Academia dê certo e mundanos como eu Ascendam, porque pelo o que posso ver de vocês, a próxima geração de Caçadores de Sombras não será nada sem nós.

Ele buscou o olhar de George, do jeito que sempre fazia para compartilhar piadas em sala de aula e durante as refeições, para ver se George concordava com ele nisso.

George encarava o prato.

— Vamos lá, cara — ele murmurou. — Não... não faça isso. Eles vão fazer você mudar de quarto. Basta se sentar, e todo mundo pode pedir desculpas, e nós podemos continuar como estávamos.

Simon respirou fundo, absorveu a decepção, e disse:

— Eu não quero que as coisas continuem como estavam. Quero que as coisas mudem.

Ele se afastou da mesa, de todos eles, e marchou até onde a reitora e Scarsbury estavam sentados, e anunciou no máximo de sua voz:

— Reitora Penhallow, eu quero ser colocado na corrente dos mundanos.

— O quê? — exclamou Scarsbury. — A escória?

A reitora deixou cair a colher em sua sopa com um respingo barulhento.

— A corrente mundana, Sr. Scarsbury, faça o favor! Não se refira aos nossos alunos dessa maneira. Estou feliz que você veio a mim com isso Simon — disse ela depois de um momento de hesitação. — Entendo que você possa estar tendo dificuldades com o curso, dada a sua natureza mundana, mas...

— Não é que eu esteja tendo dificuldades — disse Simon. — É que prefiro não me associar com as famílias da elite dos Caçadores de Sombras. Eu só não acho que eles são o meu tipo de pessoas.

Sua voz ressoou contra o teto de pedra. Havia um monte de crianças olhando para ele. Uma delas era a pequena Marisol, olhando para ele com uma assustadora expressão pensativa.

Ninguém disse nada. Eles só olhavam.

— Ok, eu já disse tudo o que tinha a dizer, estou me sentindo tímido, e estou indo agora — disse Simon, e fugiu do cômodo.

Ele quase trombou com Catarina Loss, que observava da porta.

— Sinto muito — ele murmurou.

— Não sinta — disse Catarina. — Na verdade, eu vim encontrá-lo. Eu vou ajudá-lo a fazer as malas.

— O quê? — Simon perguntou, correndo atrás dela. — Eu tenho realmente que mudar?

— Sim, eles colocaram a escória no subsolo — disse Catarina.

— Eles colocaram algumas crianças no subsolo, e ninguém jamais apontou que este é um sistema nojento antes?

— É? — Catarina perguntou. — Me conte mais sobre os Caçadores de Sombras, e sua tendência ocasional de serem injustos. Ficarei fascinada e surpreendida. A desculpa deles é que os níveis mais baixos são mais fáceis de defender, para as crianças que não sabem lutar tão bem quanto seus colegas.

Ela entrou no quarto de Simon e olhou em volta por suas coisas.

— Eu realmente não desempacotei muito — Simon comentou. — Eu estava com medo do gambá no guarda-roupa.

— O quê?

— George e eu achamos muito misterioso também — Simon lhe disse sinceramente, pegando sua mochila e a enchendo com as poucas coisas que retirara dela. Ele não gostaria de esquecer seu uniforme de garota.

— Bem — disse Catarina. — Deixe pra lá o gambá. O caso é que... Eu posso ter começado errado com você, Simon.

Simon piscou.

— Oh?

Catarina sorriu para ele. Foi surpreendente, como um nascer do sol azul.

— Eu não estava ansiosa para ensinar aqui. Caçadores de Sombras e seres do Submundo não se dão bem, e tento me manter mais distante dos Nephilim, ainda mais que outros da minha espécie. Mas eu tinha um amigo querido chamado Ragnor Fell, que costumava viver em Idris e ensinou na Academia durante décadas antes de ela ser fechada. Ele nunca teve a melhor opinião sobre os Caçadores de Sombras, mas era apaixonado por este lugar. Eu... o perdi recentemente, e sabia que este lugar não poderia funcionar sem professores. Queria fazer algo em sua memória, mesmo que eu odiasse a ideia de ensinar um bando de moleques Nephilins arrogantes. Mas amei o meu amigo mais do que odeio os Caçadores de Sombras.

Simon assentiu. Pensou em sua memória de Jordan, pensou em como doeu até mesmo olhar para Isabelle e Clary. Sem memória, eles estavam perdidos. E ninguém queria perder alguém que ama.

— Então posso ter sido um pouco irritadiça sobre a vinda — admitiu Catarina. — Talvez eu tenha sido um pouco irritadiça sobre você, porque – a partir de tudo o que sei, você não pensa muito sobre ser um vampiro. E agora está curado, o que é um milagre, e os Caçadores de Sombras são rápidos em puxá-lo para o rebanho. Você realmente começa a ser um deles, o que sempre quis. Você teve a mancha de ser um de nós limpa.

— Eu não... — Simon disse, e engoliu. — Eu não consigo me lembrar de tudo. Então, é como defender as ações de outra pessoa, às vezes.

— Deve ser frustrante.

Simon riu.

— Você não tem ideia. Eu não... eu não queria ser um vampiro, eu não sei. Não quero ser transformado em um de novo. Ficar preso aos dezesseis anos, quando todos os meus amigos e minha família teriam crescido sem mim; tendo o desejo de... de machucar as pessoas? Eu não queria nada disso. Mas – olhe, eu não me lembro muito, mas me lembro o suficiente. Eu me lembro que eu era uma pessoa naquela época, tanto quanto sou agora. Me tornar um Caçador de Sombras não vai mudar isso, se eu me tornar um Caçador de Sombras. Eu esqueci o suficiente. Eu não vou esquecer isso.

Ele pendurou a mochila sobre o ombro e fez um gesto para Catarina liderar o caminho para seu novo quarto. Ela o fez, descendo os degraus de pedra que Simon imaginou levar para o porão.

Ele não tinha imaginado que eles mantinham as crianças no porão.

Estava escuro nas escadas. Simon colocou uma mão na parede para se firmar, e, em seguida, puxou-a de volta.

— Oh, nojento!

— Sim, a maior parte das superfícies subterrâneas é revestida em lodo negro — disse Catarina, em um tom de quem sabe. — Tenha cuidado.

— Obrigado. Obrigado pela advertência.

— De nada — respondeu Catarina, a dica de um riso em sua voz. Pela primeira vez, ocorreu a Simon que Catarina podia ser legal. — Você disse se se tornar um Caçador de Sombras. Está pensando em sair?

— Agora que toquei no lodo, estou — Simon murmurou. — Não, eu não sei o que quero, só que não quero desistir ainda.

Ele quase reconsiderou quando Catarina o levou para seu quarto. Era muito mais escuro do que o último, embora disposto da mesma forma. Os pilares de madeira das duas camas estreitas pareciam deteriorados, e nos cantos do cômodo o lodo preto tinha crescido quase viscoso, transformando-se em pequenas cachoeiras de lodo preto.

— Eu não me lembro de tudo sobre o inferno — Simon observou. — Mas acredito que era mais agradável do que isso.

Catarina riu, em seguida, chocou Simon ao se inclinar e dar-lhe um beijo na bochecha.

— Boa sorte, Diurno — ela disse a ele, rindo de sua expressão. — E o que quer que você faça, não use os banheiros neste piso. Em qualquer piso, obviamente, mas especialmente neste!

Simon não lhe pediu para explicar, porque estava apavorado. Ele se sentou em sua cama nova, e então se levantou às pressas pelo ranger e pela nuvem de poeira resultante disso. Ei, pelo menos desta vez ele não tinha um companheiro de quarto – ele era o rei deste claustrofóbico domínio viscoso. Concentrou seus esforços em desfazer as malas.

O guarda-roupa neste quarto estava realmente limpo e vazio, o que era uma melhoria definitiva.

Simon podia dar vida ao guarda-roupa com suas camisetas engraçadas.

Ele já tinha terminado de desembalar quando George entrou, arrastando sua mala atrás dele e tendo sua raquete quebrada sobre o ombro como se fosse uma espada.

— Ei cara.

— Ei — disse Simon cautelosamente. — Hã, o que – o que você está fazendo aqui?

George despejou sua mala e sua raquete no chão viscoso, e se jogou na cama. Ele se espreguiçou, ignorando o rangido sinistro da cama debaixo dele.

— A coisa é, o curso avançado é realmente muito difícil — disse George, quando Simon começou a sorrir. — E você pode ter ouvido: Lovelaces são desistentes.

* * *

Simon estava ainda mais aliviado por ter George no dia seguinte, assim eles podiam se sentar juntos em vez de numa mesa de mundanos de treze anos, que estavam todos olhando de lado para eles quando não estavam sussurrando entrecortados sobre seus telefones.

O dia clareou ainda mais quando Beatriz se sentou em sua mesa nova também.

— Eu não vou abandonar a formação avançada para segui-lo ao redor como o cachinhos aqui — Beatriz anunciou — mas ainda podemos ser amigos, certo?

Ela puxou o cabelo de George carinhosamente.

— Cuidado — George falou com uma voz cansada, humilde. — Eu não dormi em nosso pequeno e viscoso quarto. Há, acredito eu, uma criatura viva em nossas paredes. Eu a escutei. Arrulhando. Tenho que admitir, talvez eu não tenha tomado a decisão mais brilhante em seguir Simon. É possível que a aparência seja tudo o que tenho.

— Na realidade... mesmo que eu não esteja disposta a segui-los em aulas chatas e o desrespeito interminável de meus colegas... acho que foi uma coisa muito legal o que você fez, Simon — Beatriz falou.

Ela sorriu, dentes brancos contrastando contra a sua pele morena, e seu sorriso era quente e admirado – a melhor coisa que Simon tinha visto o dia todo.

— Você está certa, nossa moral soa apesar de nossas paredes estarem tão infestadas. E ainda teremos algumas aulas interessantes, Si — disse George. — Além disso, não se preocupe, nós ainda seremos enviados em missões de luta contra demônios e seres do Submundo desonestos.

Simon engasgou com a sopa.

— Eu não estava preocupado com isso. Nenhum de nossos professores está preocupado nem um pouquinho que o envio de gente sem superpoderes para combater demônios pode se provar ser apenas um pouco, para não colocar um ponto muito grande nisso, fatal?

— Eles têm de passar por provas de coragem antes de enfrentar a Ascensão — apontou Beatriz. — É melhor eles desistirem porque estão com medo ou mesmo porque um demônio comeu sua perna, do que tê-los tentando Ascender sem serem adequados e morrerem na tentativa.

— Isso é uma coisa legal, alegre e normal a dizer — respondeu Simon. — Caçadores de Sombras são ótimos em dizerem coisas normais.

— Bem, estou ansioso pelas missões — George apontou. — E amanhã um Caçador de Sombras virá para dar uma palestra sobre as armas utilizadas. Espero que haja uma demonstração prática.

— Não em uma sala de aula — disse Beatriz. — Pense no que uma besta pesada poderia fazer com as paredes.

Esse foi todo o aviso que Simon teve antes de entrar ruidosamente feliz na sala de aula no dia seguinte, com George em seus calcanhares, ao encontrar a reitora Penhallow lá, conversando com um bom ânimo nervoso. A sala de aula estava bastante lotada, tanto o fluxo normal e o mundano estavam presentes.

— ... apesar de sua pouca idade, uma Caçadora das Sombras com algum renome e experiência notável com as armas menos utilizadas, como o chicote. Eu gostaria de dar as boas-vindas da Academia dos Caçadores de Sombras à nossa primeira palestrante convidada: Isabelle Lightwood!

Isabelle se virou, seu cabelo preto lustroso relampejando em torno de seus ombros e a saia preta delineando suas pernas pálidas. Ela estava usando batom ameixa brilhante, tão escuro que parecia quase preto. Seus olhos pareciam pretos, mas outra pequena memória afiada perfurou Simon, é claro que no pior momento possível: ele se lembrava das cores de seus olhos de perto, castanho muito escuro, como veludo marrom, tão perto do preto que não fazia diferença, mas com anéis pálidos de cor...

Ele tropeçou até a sua mesa, e caindo em sua cadeira com um baque.

* * *

Quando a reitora saiu, Isabelle se virou e olhou para a classe com desprezo absoluto.

— Eu não estou aqui realmente para instruir nenhum de vocês idiotas — ela disse a eles, andando para cima e para baixo entre as fileiras das mesas. — Se você quiser usar um chicote, treine com um, e se perder uma orelha, não seja um grande bebê chorão.

Vários dos meninos acenaram com a cabeça, como se estivessem hipnotizados. Quase todos os garotos assistiam Isabelle como se fossem um ninho de cobras esperando serem encantados. Algumas das meninas também olhavam para ela desse jeito.

— Eu estou aqui — Isabelle anunciou, terminando sua observação do perímetro e voltando-se para enfrentá-los novamente com os olhos estalando — para determinar o meu relacionamento.

Simon arregalou os olhos. Ela não poderia estar falando sobre ele. Poderia?

— Vocês veem aquele rapaz? — Isabelle perguntou, apontando para Simon. Aparentemente, ela estava falando sobre ele. — Este é Simon Lewis, ele é meu namorado. Portanto, se algum de vocês pensar em tentar machucá-lo porque ele é um mundano ou – o Anjo tenha piedade de sua alma – persegui-lo romanticamente, virei atrás de você, eu vou te caçar, e vou esmagá-lo até virar pó.

— Nós somos apenas amigos — George disse apressadamente.

Beatriz afastou sua cadeira de Simon.

Isabelle baixou a mão. A onda de excitação estava se esvaindo de seu rosto, como se ela tivesse vindo para dizer o que tinha dito, e agora que a adrenalina se fora, ela estava realmente processando o que tinha saído de sua boca.

— Eu estou indo agora — Isabelle anunciou. — Obrigada pela sua atenção. Classe dispensada.

Ela se virou e saiu da sala.

— Eu tenho que... — Simon começou, levantando-se com as pernas instáveis. — Eu tenho que ir.

— Sim, você tem — disse George.

Simon saiu pela porta e correu pelos corredores de pedra da Academia. Ele sabia que Isabella era rápida, então correu, mais rápido do que já tinha corrido nos campos de treinamento, e a alcançou no corredor. Ela parou na penumbra da janela de vitral quando ele chamou seu nome.

— Isabelle!

Ela ficou esperando por ele. Seus lábios se abriram e brilharam, como ameixas sob uma geada do inverno, prontas para serem degustadas. Simon podia ver a si mesmo correndo até ela, pegando-a em seus braços, e beijando sua boca, sabendo o que deve ter custado a ela fazer isso – sua corajosa, e brilhante Isabelle – e levando-a em um turbilhão de amor e alegria, mas ele viu isso através de um painel de vidro, como se estivesse olhando para outra dimensão, que ele podia ver, mas não podia sentir muito bem.

Simon sentiu uma pontada quente de dor por todo o corpo, e não apenas através de seu peito, como se tivesse sido atingido por um raio. Mas ele tinha que fazer isso.

— Eu não sou seu namorado, Isabelle — ele exclamou. Ela ficou branca. Simon ficou horrorizado com o quão mal as suas palavras tinham saído. — Quero dizer, eu não posso ser seu namorado Isabelle. Eu não sou ele, aquele cara que era seu namorado. Aquele cara que você quer.

Ele quase disse: mas eu desejo ser. Ele tinha desejado que pudesse ser. Foi por isso que viera para a Academia, para aprender a ser aquele cara que todos queriam de volta. Ele queria ser assim, ser um herói incrível com em um jogo ou um filme. Ele tinha tanta certeza, em primeiro lugar, que era o que ele queria.

Exceto que desejar ser aquele cara era como desejar destruir quem ele era agora: o cara normal, feliz em uma banda, que ainda podia amar sua mãe, que não acordava na hora mais fria e escura da noite chorando por seus amigos mortos.

E ele não sabia se poderia ser aquele cara que ela queria, ele quisesse ou não.

— Você se lembra de tudo, e eu... eu não lembro o suficiente — Simon continuou. — Eu te machuco quando não quero, e pensei que poderia vir para a Academia e voltar melhor, mas não está parecendo bom. Todo o jogo mudou. Meu nível de habilidade diminuiu e o nível de dificuldade aumentou para impossí...

— Simon — Isabelle o interrompeu — você está falando como um nerd.

Ela disse isso quase como um carinho, mas assustou ainda mais Simon.

— E eu não sei ser esse Simon vampiro suave e sexy para você, também!

A boca perfeita de Isabelle se curvou, como uma meia-lua escura no rosto pálido.

— Você nunca foi suave, Simon.

— Ah. Ah, graças a Deus. Eu sei que você tinha um monte de namorados. Eu me lembro que um era um elfo, e... — outro flash de memória, desta vez mais indesejável — um... Lorde Montgomery? Você namorou com um membro da nobreza? Como é que eu vou competir com isso?

Isabelle ainda parecia afeiçãoada, mas estava diluído com uma boa dose de impaciência.

— Você é o Lorde Montgomery, Simon!

— Eu não entendo. Quando se é transformado em um vampiro, você também recebe um título?

Talvez isso fizesse sentido. Os vampiros eram aristocráticos.

Isabelle colocou a mão na testa. Era um gesto que parecia ser cansaço desdenhoso, como se Isabelle estivesse cansada de tudo isso, mas Simon viu a forma como seus olhos estavam fechados, como se ela não pudesse olhar para ele quando falou.

— Era apenas uma brincadeira entre você e eu, Simon.

Simon estava cansado de tudo isso: de conhecer tão bem partes dela e nada de outras, de saber que ele não era o que ela queria.

— Não. Era uma brincadeira entre você e ele.

— Você é ele, Simon!

— Não. Eu não – eu não sei como ser, isso é o que tenho percebido o tempo todo. Pensei que eu poderia aprender a ser ele, mas desde que cheguei à Academia, aprendi que não posso. Eu não posso experimentar tudo o que fizemos de novo. Eu nunca vou ser o cara que fez tudo aquilo. Vou fazer as coisas diferentes. Eu serei um cara diferente.

— Uma vez que você Ascender, terá todas as suas memórias de volta! — Isabelle gritou com ele.

— Se eu Ascender, será em dois anos. E não vou ser o mesmo cara em dois anos, mesmo se eu tiver todas as minhas memórias de volta, porque haverá tantas outras memórias. Você não será a mesma garota. Eu sei que você acreditou em mim, Isabelle, e sei que acredita, porque você – você se importa com ele. Isso significa mais do que posso te dizer. Mas, Isabelle, Isabelle, não é justo da minha parte tirar proveito do que você acredita. Não é justo te manter esperando por ele, quando ele nunca vai voltar.

Isabelle tinha os braços cruzados, os dedos se enroscando no veludo escuro ameixa de sua própria jaqueta como se ela estivesse se oferecendo conforto.

— Nada disso é justo. Não é justo que parte da sua vida tenha sido arrancada de você. Não é justo que você tenha sido arrancado de mim. Estou tão irritada, Simon.

Simon deu um passo em direção a ela e tomou uma de suas mãos, desenrolando seus dedos da jaqueta. Ele não a tomou em seus braços, mas manteve pouca distância dela, suas mãos ligando-os. Sua boca trêmula brilhava, e também seus cílios. Ele não sabia se isso era uma Isabelle indomável chorando, ou se era a sua máscara brilhante. Tudo o que sabia era que ela brilhava, como uma constelação na forma de uma garota.

— Isabelle — ele falou. — Isabelle.

Ela era muito Isabelle, e ele não tinha quase nenhuma ideia de quem ele era.

— Você sabe por que está aqui? — perguntou ela.

Ele apenas olhou para ela. Havia tantas coisas que poderia significar, e tantas maneiras de responder.

— Quero dizer, na Academia — ela continuou. — Você sabe por que quer ser um Caçador de Sombras?

Ele hesitou.

— Eu queria ser aquele cara de novo — ele respondeu. — Aquele herói que todos se lembram... e esta parece ser uma escola de treinamento para os heróis.

— Não é — disse Isabelle categoricamente. — É uma escola de treinamentos para Caçadores de Sombras. E sim, acho que é uma coisa muito legal, e sim, acho que proteger o mundo é muito heroico. Mas há Caçadores de Sombras covardes e Caçadores de Sombras do mal e Caçadores de Sombras sem esperança. Se você vai passar pela Academia, tem que descobrir porque quer ser um Caçador de Sombras e o que isso significa para você, Simon. Não apenas porque você quer ser especial.

Ele fez uma careta, mas era verdade.

— Você está certa. Eu não sei. Eu sei que quero estar aqui. Sei que preciso estar aqui. Acredite em mim, se tivesse visto os banheiros, você saberia que eu não estou tomando essa decisão de ânimo leve.

Ela lhe deu um olhar fulminante.

— Mas — ele prosseguiu — eu não sei por quê. Eu mesmo não sei bem o suficiente ainda. Sei o que te contei, em primeiro lugar, e sei o que você esperava. Que eu poderia voltar ao que eu era antes. Eu estava realmente errado e sinto muito.

— Sente muito? Sabe quão grande é vir aqui e fazer papel de boba na frente de todas essas pessoas? Você sabe... é claro que não sabe. Não quer que eu acredite em você? Não quer que eu o escolha?

Isabelle puxou suas mãos para longe dele, virou o rosto do modo como ela tinha feito no jardim do Instituto que era a sua casa.

Desta vez, Simon sabia que era absolutamente culpa dele.

Ela já estava saindo quando disse:

— Que seja do seu jeito, Simon Lewis. Não será o meu.

* * *

Simon estava tão deprimido depois que Isabelle foi – depois que ele a afastou – que não achava que se moveria para fora da cama novamente. Ele ficou lá, ouvindo George falar e esfregar as paredes. Ele tinha tirado uma impressionante quantidade de lodo.

Simon se retirou para onde achava que ninguém jamais iria encontrá-lo. Ele foi e se sentou no banheiro. As lajes de pedra estavam rachadas nos banheiros; havia algo escuro em um dos vasos sanitários. Simon esperava que fosse apenas um resultado de pessoas jogando fora a sopa.

Ele teve cerca de meia hora de paz no banheiro, sozinho com as privadas horríveis, até que George enfiou a cabeça pela porta.

— Ei, cara — disse ele. — Não use esses banheiros. Eu não posso enfatizar o suficiente.

— Eu não vou usar o banheiro — Simon respondeu tristemente. — Eu sou uma bagunça, mas não sou idiota. Eu só queria ficar sozinho e ter pensamentos depressivos. Você quer saber um segredo?

George ficou em silêncio por um momento.

— Se você quiser me contar. Você não tem que fazer isso. Todos nós temos segredos.

— Eu afugentei a garota mais incrível que já conheci porque sou um perdedor tão grande para lidar comigo mesmo. Esse é o meu segredo: eu quero ser um herói, mas não sou um deles. Todo mundo acha que sou algum tipo de guerreiro incrível que convocou anjos e resgatou Caçadores de Sombras e salvou o mundo, mas é uma piada. Eu nem me lembro do que fiz. Eu não posso imaginar como fiz isso. Eu não sou ninguém especial, e ninguém vai se enganar por muito tempo, e nem sei o que estou fazendo aqui. É isso. Você tem um segredo que possa superar isso?

Houve um murmúrio baixo de um dos vasos sanitários.

Simon nem sequer olhou naquela direção. Ele não estava interessado em investigar o som.

— Eu não sou um Caçador de Sombras — George falou de uma vez.

Largado no chão do banheiro não era a maneira ideal para receber revelações monumentais. Simon fez uma careta.

— Você não é um Lovelace?

— Não, eu sou um Lovelace — a voz de George normalmente alegre estava severa. — Mas não sou um Caçador de Sombras. Eu sou adotado. Os Caçadores de Sombras que vieram me recrutar nem sequer pensaram que pessoas com o sangue dos Caçadores de Sombras quereriam crianças mundanas, lhes dariam o nome dos Caçadores de Sombras e pensaria nelas como suas próprias. Eu estava sempre planejando contar a verdade, mas achei que seria mais fácil quando eu chegasse aqui – seria um problema menor decidir me deixar ficar do que descobrir se eles queriam me trazer. E então eu conheci os outros, e comecei o as aulas, e descobri que podia acompanhá-los muito facilmente. Eu vi o que eles achavam dos mundanos.

Achei que não faria nenhum mal manter segredo e permanecer na classe da elite e ser como o resto dos caras, apenas por um tempo.

George enfiou as mãos nos bolsos, e olhou para o chão.

— Mas eu conheci você, também, e você não tem nenhum poder especial, e já tinha feito mais do que todo o resto deles juntos. Você faz coisas agora, como se transferir para a classe dos mundanos quando não tem que fazer isso, e isso fez eu me levantar e dizer à reitora que eu sou um mundano e obter uma transferência também. Você fez isso. Do jeito que é agora, ok? Então pare de falar sobre o perdedor que você é, porque eu não seguiria um perdedor para um quarto coberto de lodo ou um banheiro coberto de lodo, e eu o segui para ambos — George pausou e disse agressivamente: — E eu realmente gostaria de mudar o modo como coloquei a última sentença, porque soou tão ruim, mas eu não sei como.

— Levarei no espírito que foi concebido — disse Simon. — E eu – estou muito feliz que tenha me contado. Eu estava esperando por um companheiro de quarto mundano e legal desde o início.

— Quer saber um segredo? — perguntou George.

Simon estava um pouco aterrorizado com outra revelação, e preocupado que George fosse um agente secreto, mas ele acenou de qualquer maneira.

— Todo mundo nessa Academia, Caçadores de Sombras e mundanos, as pessoa com a Visão e sem ela, cada um deles está tentando ser um herói. Estamos todos esperando por isso, tentando, e em breve estaremos sangrando por isso. Você é como o resto de nós, Si. Exceto que há uma diferença: nós todos queremos ser heróis, mas você sabe que pode ser um. Sabe que em outra vida, em um universo alternativo, não importa se não quer pensar nisso, você foi um herói. Pode ser um novamente. Talvez não seja o mesmo herói, mas há isso em você de fazer as escolhas certas, de fazer grandes sacrifícios. Isso é muita pressão. Mas é muito mais do que é esperado de qualquer um de nós. Pense nisso dessa maneira, Simon Lewis, e acho que você é muito sortudo.

Simon não tinha pensado nisso dessa forma.

Ele só ficava pensando que um interruptor mudaria, e ele seria especial novamente. Mas Isabelle estava certa: isso não poderia ser apenas sobre ser especial. Ele se lembrou de ter visto a Academia pela primeira vez, quão glamorosa e impressionante ela parecera de longe, e quão

diferente era de perto. Estava começando a pensar que o processo de se tornar um Caçador de Sombras era da mesma maneira. Estava começando a acreditar que se ferir com uma espada e ter seu cavalo fugindo com ele, comer a sopa terrível e raspar o lodo das paredes, descobrir lentamente e sem jeito o que ele realmente queria ser, era isso.

George se inclinou contra a parede do banheiro, que era obviamente um movimento precipitado e perigoso, e sorriu para ele. Vendo aquele sorriso, vendo George se recusar a ser sério durante mais de um segundo, Simon lembrou de algo mais sobre seu primeiro dia na Academia. Ele lembrou da esperança.

— Falando de sorte, Isabelle Lightwood é uma gata. Na verdade, ela é melhor que uma gata: ela é uma heroína. Ela veio até aqui para dizer ao mundo que você era dela. Está me dizendo que ela não conhece outro herói quando vê um? Você vai descobrir o que está fazendo aqui. Isabelle Lightwood acredita em você, e se é que conta, eu também.

Simon olhou para George.

— Conta muito — ele falou finalmente. — Obrigado por dizer tudo isso.

— Por nada. Agora, por favor, levante-se do chão — George implorou. — É tão desagradável.

Simon se levantou do chão. Ele saiu do banheiro, George na frente, e os dois quase se chocaram com Catarina Loss, que estava arrastando uma enorme sopeira sobre as lajes com um som estridente.

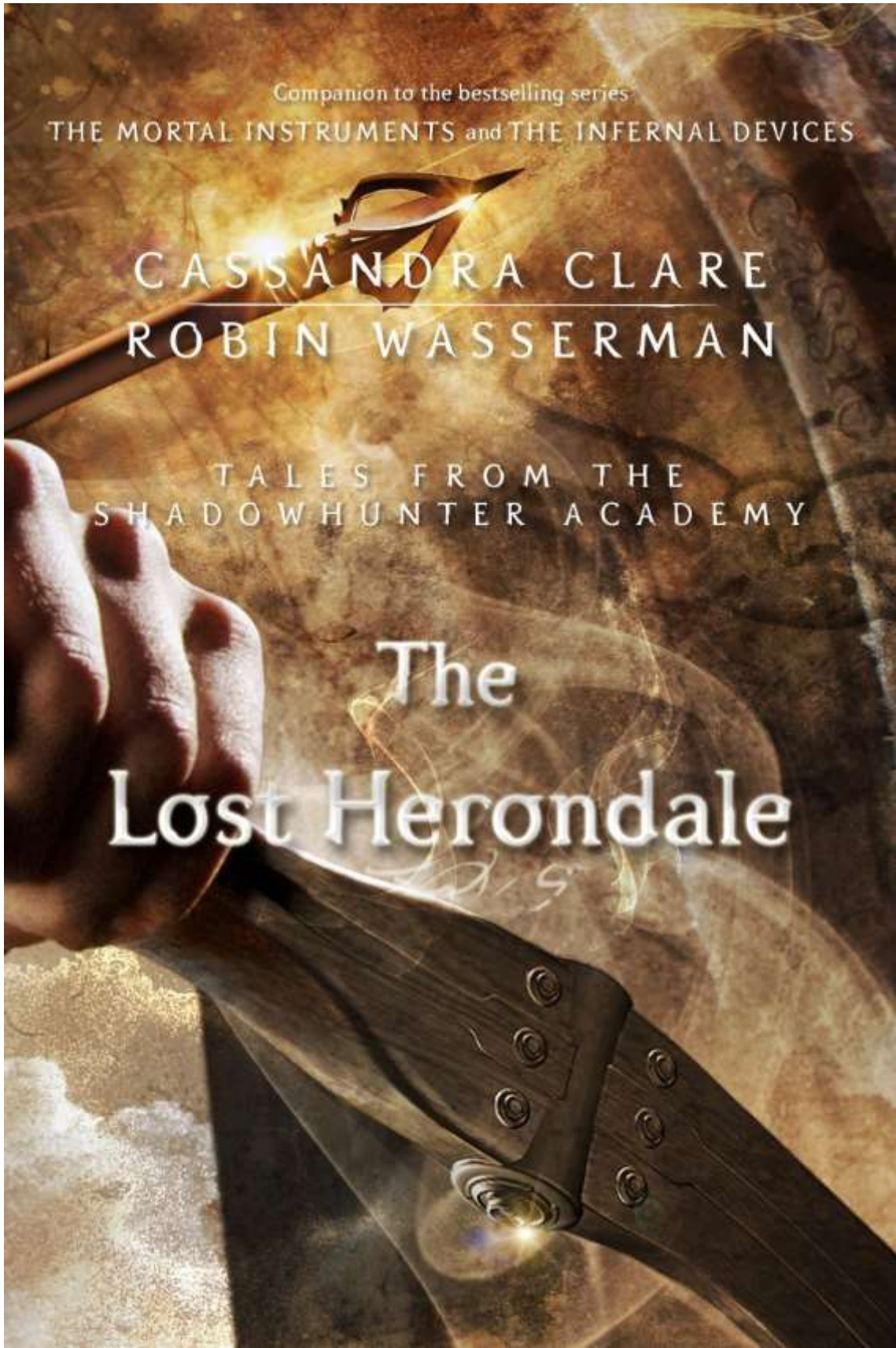
— Senhorita Loss... — disse Simon. — Posso perguntar o que está fazendo?

— A reitora Penhallow decidiu que não encomendará suprimentos de alimentos frescos até que essa deliciosa e nutritiva sopa seja consumida. Então eu vou enterrar essa sopa na floresta — anunciou Catarina Loss.

— Pegue a outra alça.

— Huh. Ok, bom plano — disse Simon, agarrando a outra alça da terrina e descendo com Catarina. George os seguiu enquanto eles saíam, sem firmeza equilibrando a terrina de sopa entre eles. Enquanto eles andavam pelos corredores da Academia, Simon acrescentou:

— Eu só tenho uma pergunta rápida sobre a floresta. E os ursos.



Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INFERNAL DEVICES

CASSANDRA CLARE
ROBIN WASSERMAN

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

The
Lost Herondale

O HERONDALE PERDIDO

Simon aprende sobre a pior coisa que um Caçador de Sombras pode fazer: abandonar seus companheiros. No início do século XIX, Tobias Herondale abandonou seus companheiros Caçadores de Sombras no calor da batalha e os deixou morrer. Suas vidas foram perdidas, mas Tobias nunca mais voltou, e a Clave reivindicou a vida de sua esposa em troca da de Tobias. Simon e seus colegas ficam chocados ao saber dessa brutalidade, especialmente quando é revelado que a mulher estava grávida. Mas e se a criança tiver sobrevivido... poderia haver uma linhagem Herondale perdida no mundo de hoje?

Houve um tempo, não muito tempo atrás, quando Simon Lewis se convencera de que todos os professores de educação física eram na verdade demônios que escaparam de alguma dimensão infernal, nutrindo-se das agonias da juventude descoordenada.

Mal sabia ele que estava quase certo. Não que a Academia de Caçadores de Sombras possuísse aula de educação física, não exatamente. E o seu preparador físico, Delaney Scarsbury, não tinha muito de demônio como um Caçador de Sombras que provavelmente pensava que cortar as cabeças de algumas bestas infernais era uma noite de sábado ideal – mas tanto quanto Simon podia discernir, estas eram apenas técnicas.

— Lewis! — Scarsbury gritou, assomando-se sobre Simon, que estava deitado no chão, tentando se superar para fazer outra flexão. — O que você está esperando, um convite escrito?

As pernas de Scarsbury eram tão grossas quanto troncos de árvores, e os bíceps não eram menores. Esta, pelo menos, era uma diferença entre o Caçador de Sombras e os professores de educação física mundanos de Simon, a maioria dos quais mal conseguia erguer um peso. Além disso, nenhum dos professores de educação física de Simon usava um tapa-olho ou carregava uma espada esculpida com runas e abençoada por anjos.

Mas de todas as maneiras que contavam, Scarsbury era exatamente igual.

— Todos olhem para Lewis! — ele berrou para o resto da classe, enquanto Simon ficava em uma posição de prancha instável, desejando-se a não fracassar na sujeira. Mais uma vez. — Nosso herói aqui pode apenas derrotar seus braços de espaguete depois de tudo.

Pelo menos apenas uma pessoa riu. Simon reconheceu o riso de Jon Cartwright, o filho mais velho de uma família de Caçadores de Sombra distinta (como ele mesmo era o primeiro a dizer). Jon acreditava que nasceu para a grandeza e parecia especialmente irritado por Simon – um infeliz mundano – conseguira chegar lá primeiro. Mesmo que ele não lembrasse mais de ter feito isso. Jon, é claro, era o único que tinha começado a chamar Simon de “nosso herói”. E como todos os professores maus de educação física antes dele, Scarsbury estava muito feliz em seguir a liderança do garoto popular.

A Academia dos Caçadores de Sombras tinha duas vertentes, uma para as crianças Caçadoras de Sombras que tinham crescido neste mundo e cujo sangue os destinava à extinção de demônios, e uma para os mundanos, à deriva, carentes da bênção genética, lutando para recuperar o atraso. Os alunos passavam a maior parte do dia em classes separadas, os mundanos estudando artes marciais rudimentares e memorizando os pontos mais delicados do Pacto Nephilim; os Caçadores de Sombras com foco em habilidades mais avançadas:

aprendendo a atirar estrelas de metal, estudando cthoniano, Marcando-se com runas de superioridade e quem sabe o que mais. (Simon ainda esperava que em algum lugar do manual do Caçador de Sombras estivesse o segredo do aperto mortal dos vulcanos Afinal, como seus instrutores estavam sempre lembrando-os: Todas as histórias são verdadeiras.) Mas as duas correntes da Academia estavam a cada dia mais juntas: cada aluno, não importa o quão inexperiente ou avançado, deveria aparecer no campo de treinamento ao nascer do sol para uma hora extenuante de exercícios. Nós estamos divididos, Simon pensou, seus bíceps teimosos recusando-se a aumentar. Unidos, nós fazemos flexões.

Quando ele disse à sua mãe que queria ir para a escola militar para se fortalecer, ela tinha lhe lançado um olhar estranho. (Não tão estranho como se ele tivesse dito que queria ir para a escola de caçadores de demônio para que ele pudesse beber da Taça Mortal, ascender para as fileiras dos Caçadores de Sombras e talvez conseguir recuperar as memórias que tinham sido roubadas dele em uma dimensão infernal, mas chegou perto). O olhar dizia: Meu filho, Simon Lewis, quer se inscrever para uma vida em que se tem que fazer cem flexões antes do café da manhã?

Ele sabia disso porque podia ler a mãe muito bem, mas também porque uma vez que ela recuperou a capacidade de falar, ela disse:

— Meu filho, Simon Lewis, quer se inscrever para uma vida em que se tem que fazer cem flexões antes do café da manhã?

Então ela lhe perguntou provocativamente se ele estava possuído por alguma criatura do mal, e ele fingiu rir, tentando, por sua vez, ignorar os tentáculos de memória daquela outra vida, a vida real. Aquele onde ele tinha sido transformado em um vampiro e sua mãe o chamara de monstro e o expulsou de casa. Às vezes, Simon pensava que faria qualquer coisa para ter de volta as memórias que tinham sido tomadas dele, mas havia momentos em que ele se perguntava se era melhor esquecer certas coisas.

Scarsbury, mais exigente do que qualquer sargento, fazia seus jovens alunos fazerem duas centenas de flexões a cada manhã... mas ele, pelo menos, os deixava tomar café da manhã antes.

Após as flexões vinham as voltas. Após as voltas vinham as lutas. E depois das lutas...

— Depois de você, herói — Jon zombou, oferecendo a Simon a primeira tentativa na parede de escalada. — Talvez se você liderar, não teremos que esperar tanto tempo para que você possa nos alcançar.

Simon estava exausto demais para dar uma resposta irritante. E, definitivamente, exausto demais subir a parede de escalada, uma distância impossivelmente grande de cada vez. Ele subiu por alguns apoios, em seguida, fez uma pausa para dar a seus músculos gritantes um descanso. Um por um, os outros alunos subiram após ele, nenhum deles parecendo nem um pouco sem fôlego.

— Seja um herói, Simon — Simon murmurou amargamente, lembrando-se do animado Magnus Bane suspenso diante dele em seu primeiro encontro, ou pelo menos, o primeiro de que Simon se lembrava.

— Tenha uma aventura, Simon. Que tal transformar sua vida em uma longa aula de educação física agonizante, Simon?

— Cara, você está falando sozinho de novo — George Lovelace, companheiro de quarto de Simon e seu único amigo verdadeiro na Academia, içou-se ao lado de Simon. — Você perdeu o controle?

— Estou falando comigo mesmo, não com homenzinhos verdes — esclareceu Simon. — Ainda estou são, pelo o que verifiquei da última vez.

— Não, eu quero dizer... — George acenou com a cabeça em direção aos dedos suados de Simon, que estavam pálidos com o esforço de manter o seu peso sob controle

— sua aderência.

— Oh. Sim. Eu estou escorregando — disse Simon. — Só dando a vocês um bom começo. Acho que em condições de batalha, são sempre os camisas vermelhas que vão em primeiro lugar, sabe?

A testa de George franziu.

— Camisas vermelhas? Mas o nosso uniforme é preto.

— Não, camisas vermelhas. Bucha de canhão. Star Trek? Nada disso soa como... — Simon suspirou ao ver a expressão vazia no rosto de George. George tinha crescido em um ambiente rural isolado da Escócia, mas não era como se ele tivesse vivido sem Internet e TV à cabo. O problema, na medida em que Simon poderia dizer, era que os Lovelaces não assistiam nada além de futebol e usava o seu Wi-Fi quase que exclusivamente para monitorar as estatísticas do Dundee United, e ocasionalmente para comprar alimentos para ovelhas em grandes quantidades. — Esqueça. Eu estou bem. Veja!

George deu de ombros e voltou para sua subida. Simon viu seu companheiro de quarto – moreno e musculoso, tipo um modelo – balançar-se nos apoios de plástico/rocha tão facilmente como o Homem-Aranha. Era ridículo: George não era nem mesmo um Caçador de Sombras, não pelo sangue. Ele tinha sido adotado por uma família Caçadora de Sombras, o que lhe fazia tão mundano quanto Simon. Só que, como a maioria dos outros mundanos e muito ao contrário de Simon, ele era um espécime perfeito perto da humanidade. Repulsivamente atlético, coordenado, forte e rápido, e tão próximo de um Caçador de Sombras que você poderia imaginar o sangue dos anjos correndo em suas veias. Em outras palavras: um atleta.

Na vida da Academia dos Caçadores de Sombras faltava um monte de coisas que Simon outrora não acreditava poder viver sem: computadores, música, quadrinhos, água encanada. Ao longo dos últimos dois meses, ele tinha conseguido se acostumar, mas havia uma ausência gritante que ele ainda não conseguia tirar de sua cabeça.

A Academia dos Caçadores de Sombras não tinha nerds.

A mãe de Simon disse-lhe uma vez que a coisa que ela mais amava sobre ser judia era que você poderia entrar em uma sinagoga em qualquer lugar na Terra e se sentir como se tivesse voltado para casa. Índia, Brasil, Nova Zelândia, até mesmo Marte – se você puder confiar em Shalom, Homem do Espaço!, a história em quadrinhos caseira que tinha sido o destaque da terceira série da escola hebraica de Simon. Judeus em toda parte oravam na mesma língua, as mesmas melodias, as mesmas palavras. A mãe de Simon (que, convém notar, nunca havia deixado a região de Nova York, muito menos o país) contara a seu filho que, enquanto ele pudesse encontrar pessoas que falavam a língua de sua alma, ele nunca estaria sozinho.

E ela acabou por estar certa. Enquanto Simon pudesse encontrar pessoas que falavam a sua língua – a língua de Dungeons & Dragons e World of Warcraft, a linguagem de Star Trek, mangás e rock indie com canções como “Han Shot First” e “What the Frak” – ele sentiria como se estivesse entre amigos.

Estes Caçadores de Sombras em formação, por outro lado? A maioria deles provavelmente pensava que mangá era algum tipo de pé de atleta demoníaco. Simon estava fazendo o seu melhor para educá-los para as coisas boas da vida, mas caras como George Lovelace tinha tanta aptidão para dados de doze lados quanto Simon tinha para... bem, qualquer coisa fisicamente mais complexa do que andar e mascar chiclete ao mesmo tempo.

Como Jon previra, Simon era o último na parede de escalada. No momento em que os outros tinham subido, tocando o pequeno sino no topo, e descido de rapel novamente, ele estava apenas a dez metros do chão. Da última vez que isso acontecera, Scarsbury, que tinha um talento impressionante para sadismo, fizera a toda classe sentar e assistir como Simon fazia meticulosamente o seu caminho até o topo. Desta vez, o treinador cortou a sessão de tortura misericordiosamente curta.

— Chega! — Scarsbury gritou, batendo palmas.

Simon se perguntou se havia tal coisa como um apito. Talvez ele pudesse dar um para Scarsbury no Natal.

— Lewis, livre-nos de nossa miséria e desça daí. O resto de vocês, vá para a sala de armas, escolha uma espada, em seguida, emparelhem-se para o duelo — sua mão de ferro fechou-se sobre o ombro de Simon. — Não tão rápido, herói. Você fica para trás.

Simon se perguntou se era esse o momento em que o seu passado heroico finalmente era vencido por seu presente infeliz, e ele estava prestes a ser expulso da escola. Mas então Scarsbury chamou vários outros nomes – entre eles Lovelace, Cartwright, Beauvale e Mendoza – a maioria deles Caçadores de Sombras, todos eles os melhores alunos da turma, e Simon deixou-se relaxar, só um pouco. Fosse o que fosse que Scarsbury tinha a dizer, não poderia ser tão ruim assim, não se também fosse dizê-lo a Jon Cartwright, medalhista de ouro por natureza.

— Sentem-se — Scarsbury pediu.

Eles sentaram.

— Vocês estão aqui porque são os vinte alunos mais promissores da classe — falou Scarsbury, fazendo uma pausa para deixar o elogio assentar sobre eles. A maioria dos alunos irradiou alegria. Simon queria desaparecer. Enquanto os dezenove alunos mais promissores estavam ali, ele ainda se apoiava nas realizações de seu passado. Ele se sentia como tivesse oito anos de novo, ouvindo sua mãe gritar com o treinador da pequena liga para deixá-lo ter sua vez no bastão. — Temos um ser do Submundo que quebrou a Lei e precisa ser controlado — continuou Scarsbury — e os superiores decidiram que é a oportunidade perfeita para vocês, meninos, se tornarem homens.

Marisol Rojas Garza, uma mundana magra de 13 anos de idade que tinha expressão permanente de vou chutar o seu traseiro, limpou a garganta ruidosamente.

— Er... homens e mulheres — Scarsbury esclareceu, não parecendo muito feliz com isso.

Murmúrios vieram por parte de todos os alunos, emoção misturada com alarme. Nenhum deles esperava uma missão de treinamento real tão logo. Atrás de Simon, Jon fingiu um bocejo.

— Que chato. Eu poderia matar um ser do Submundo trapaceiro em meu sono.

Simon, que realmente matou seres do Submundo trapaceiros em seu sono, juntamente com demônios terríveis cheios de tentáculos e Caçadores de Sombras Crepusculares e outros monstros sanguinários que rastejavam através de seus pesadelos, não tinha muita vontade de bocejar. Ele sentia mais vontade de vomitar.

George levantou a mão.

— Uh, senhor, alguns de nós aqui ainda são... — ele engoliu em seco, e, não pela primeira vez, Simon se perguntou se ele se arrependia de admitir a verdade sobre si mesmo; a Academia era um lugar muito mais fácil de ficar quando se está na corrente da elite dos Caçadores de Sombras, e não apenas porque a elite não têm que dormir nos calabouços — mundanos.

— Percebi sozinho, Lovelace — Scarsbury disse secamente. — Imagine minha surpresa quando descobri que alguns de vocês, escórias, valem alguma coisa depois de tudo.

— Não, eu quero dizer... — George hesitou, substancialmente mais facilmente intimidado que qualquer deus sexy escocês um metro e oitenta (descrição de Beatriz Velez Mendoza, de acordo com a sua melhor amiga fofoqueira) tinha o direito de ser. Finalmente, ele endireitou os ombros e estufou o peito. — Quero dizer que somos mundanos. Nós não podemos ser Marcados, não podemos usar lâminas serafim, pedras enfeitiçadas ou qualquer coisa, não temos como ser supervelozes e ter reflexos angelicais. Ir atrás de um ser do Submundo quando só tivemos um par de meses de treinamento... não é perigoso?

Uma veia no pescoço de Scarsbury começou a latejar de forma alarmante, e seu olho bom inchou tanto que Simon temeu que ele pudesse estourar (o que, pensou ele, finalmente explicaria o tapa-olho misterioso).

— Perigoso? Perigoso? — ele gritou. — Alguma outra pessoa aqui tem medo de um pouco de perigo?

Se houvesse, eles estavam com mais medo de Scarsbury, e assim mantiveram a boca fechada. Ele deixou o silêncio cair, grosso e com raiva, por um minuto agonizante. Então fez uma careta para George.

— Se tem medo de situações perigosas, menino, então está no lugar errado. E para o resto de vocês, escória, é melhor descobrirem agora se possuem o que é preciso. Se não o fizerem, então beber da Taça Mortal vai matá-los, e confiem em mim, mundanos, ser drenado por um sugador de sangue seria uma maneira muito mais amável de morrer.

Ele fixou seu olhar sobre Simon, talvez porque Simon uma vez tenha sido um sugador de sangue, ou talvez porque ele agora parecia o mais provável de ser drenado por um.

Ocorreu a Simon que Scarsbury poderia estar esperando por esse resultado, que ele tinha selecionado Simon para esta missão na esperança de se livrar de seu maior aluno-problema.

Embora um Caçador de Sombras, até mesmo um professor de educação física Caçador de Sombras, não desceria tão baixo, certo?

Algo em Simon, um fantasma de uma memória, alertou para não ter tanta certeza.

— Entendido? — indagou Scarsbury. — Há alguém aqui que quer correr para a mamãe e o papai chorar “por favor, salve-me do grande vampiro mau?”

Silêncio mortal.

— Excelente. Vocês têm dois dias para treinar. Em seguida, basta pensar quão impressionados os seus amiguinhos vão ficar quando vocês voltarem — ele riu. — Se vocês voltarem.

* * *

A sala de estudos era escura e mofada, iluminada por velas cintilando e vigiada pelos rostos furiosos de Caçadores de Sombras do passado, Herondales e Lightwoods e até mesmo o Morgenstern ocasional olhando para baixo a partir de molduras douradas pesadas, seus triunfos sangrentos preservados no desvanecimento de tinta a óleo. Mas tinha várias vantagens óbvias sobre o quarto de Simon: não ficava nas masmorras, não era salpicado com lodo preto, não tinha o aroma fraco do que poderia ser de meias mofadas – mas também poderia ser dos corpos dos ex-estudantes em decomposição sob o assoalho – ele tinha o que parecia ser uma família grande e barulhenta de ratos arranhando atrás das paredes. A única vantagem notável de seu quarto, Simon se lembrou naquela noite enquanto jogava cartas em um canto com George, era a garantia de que Jon Cartwright e seu grupinho de Caçadores de Sombra nunca, nunca se dignou a cruzar o limiar.

— Sem setes — disse George, quando Jon, Beatriz e Julie entraram na sala de estar. — Vá pescar.

Enquanto Jon e as duas meninas se aproximaram, Simon de repente ficou muito interessado no jogo. Ou, pelo menos, ele fez o seu melhor. Em um colégio interno normal, haveria uma TV na sala de estar, em vez de um retrato gigantesco do Jonathan Caçador de Sombras, os olhos brilhando tanto quanto sua espada. Haveria música vazando dos quartos do dormitório e misturando-se no corredor, algumas delas boas, algumas péssimas; haveria e-mails e mensagens de texto e pornografia na Internet. Na Academia, as horas vagas eram mais limitadas: ou se estudava o Códex, ou simplesmente tiravam um cochilo. Cartas era o mais próximo que ele poderia chegar de um jogo, e quando ficava muito tempo sem jogar, Simon sentia um pouco de coceira. Ele descobriu que quando você passou treinando durante o dia todo para derrotar monstros do mundo real, o Dungeons & Dragons perdeu um pouco de seu brilho – ou pelo menos, quando George e todos os outros estudantes que Simon tentava recrutar para uma campanha recusavam – o que o deixou com estandartes de acampamento de verão semiesquecidos, reis, espadas, copas e paus. Simon reprimiu um bocejo.

Jon, Beatriz e Julie sentaram ao lado deles, esperando para ser reconhecidos. Simon esperava que se os ignorasse por tempo suficiente, eles acabariam por ir embora. Beatriz não era tão ruim, pelo menos não sozinha. Mas Julie poderia ter sido esculpida em gelo. Ela tinha poucos defeitos físicos – tinha o cabelo era loiro sedoso como o de uma Barbie, a pele de porcelana de uma modelo de cosméticos, melhores curvas do que qualquer uma das meninas de biquíni dos pôsteres da garagem de Erik e usava a expressão dura de alguém em uma missão de resgate que destruiria qualquer tipo de fraqueza.

Tudo isso, e ela carregava uma espada. Jon, é claro, era Jon.

Caçadores de Sombras não praticavam magia – era um princípio fundamental de suas crenças – por isso era improvável que a Academia ensinaria Simon uma maneira de fazer Jon Cartwright desaparecer em outra dimensão. Mas um cara poderia sonhar.

Eles não foram embora. Finalmente, George, congenitamente incapaz de ser rude, baixou suas cartas.

— Podemos ajudá-los? — perguntou George, um pouco de frieza em seu sotaque escocês.

A atitude amigável de Jon e de Julie desapareceu depois que eles souberam do sangue mundano de George, e apesar de George nunca falar nada sobre isso, ele claramente não tinha nem perdoado nem esquecido.

— Na verdade, sim — disse Julie. Ela acenou para Simon. — Bem, você pode.

Dar de cara com uma missão iminente de caça a vampiros não era exatamente algo agradável no dia de Simon; ele não estava de bom humor.

— O que você quer?

Julie olhou sem jeito para Beatriz, que olhou para seus pés.

— Você pergunta — Beatriz murmurou.

— É melhor se você o fizer — Julie devolveu.

Jon revirou os olhos.

— Oh, pelo Anjo! Eu vou fazer isso — ele se levantou com sua completa altura impressionante, descansou as mãos nos quadris, e olhou para baixo em seu nariz na direção de Simon. Parecia uma pose praticada no espelho. — Nós queremos que você nos fale sobre vampiros.

Simon sorriu.

— O que você quer saber? A mais assustadora é Eli em Deixe Ela Entrar, o mais elegante e de época é Lestat, o mais subestimado é David Bowie em A Fome. A mais sexy é definitivamente Drusilla, porém se você perguntar a uma menina, ela vai provavelmente dizer Damon Salvatore ou Edward Cullen. Mas... — ele deu de ombros. — Você conhece as garotas.

Os olhos de Julie e de Beatriz arregalaram.

— Eu não pensei que você soubesse tanto! — exclamou Beatriz. — Eles são eles... eles são seus amigos?

— Ah, claro, o Conde Drácula e eu somos assim — disse Simon, juntando os dedos indicador e médio em demonstração. — Também Conde Chocula. Ah, e meu melhor amigo Conde Blintzula. Ele é realmente encantador... — ele parou quando percebeu que ninguém mais estava rindo. Na verdade, ninguém parecia perceber que ele estava brincando. — Eles são da TV — ele explicou. — Ou, hã, um cereal.

— Do que ele está falando? — Julie perguntou a Jon, seu nariz perfeito franzindo em confusão.

— Quem se importa? — disse Jon. — Eu disse que isso era um desperdício de tempo. Como se ele se preocupasse com alguém, além de si mesmo.

— O que isso deveria significar? — perguntou Simon, começando a ficar irritado.

George pigarreou, visivelmente desconfortável.

— Vamos lá, se ele não quer falar sobre isso, é da conta dele.

— Não quando nossas vidas é que estão em jogo — Julie estava piscando com força, como se ela tivesse algo em seu olho ou... Simon prendeu a respiração. Ela estava piscando para conter as lágrimas?

— O que está acontecendo? — perguntou, sentindo-se mais sem noção do que é habitual, o que significava muito.

Beatriz suspirou e deu um sorriso tímido para Simon.

— Nós não estamos lhe pedindo nada pessoal ou, você sabe, doloroso. Nós só queremos que nos conte o que você sabe sobre os vampiros de quando, hum...

— De quando você era um sanguessuga — Jon preenchido por ela. — O que, como você pode recordar, você era.

— Mas eu não me lembro — Simon ressaltou.

— Ou você não estava prestando atenção?

— Isso é o que você diz — argumentou Beatriz — mas...

— Mas você acha que eu estou mentindo? — perguntou Simon, incrédulo.

O buraco negro no centro de suas memórias era um fato central de sua existência, nunca tinha sequer lhe ocorrido que alguém pudesse questioná-lo. Qual seria a necessidade de mentir sobre isso e que tipo de pessoa o faria?

— Todos vocês pensam isso? Realmente?

Um por um, eles começaram a acenar com a cabeça... até George, embora pelo menos ele teve a graça de parecer envergonhado.

— Por que eu fingiria que não me lembro? — Simon indagou.

— Por que eles deixariam alguém como você aqui se realmente não tiver uma pista? — Jon respondeu. — É a única coisa que faz sentido.

— Bem, eu acho que é um mundo louco, muito louco — Simon retrucou. — Porque você vê o que você quer.

— Um monte de nada, então — disse Jon.

Julie lhe deu uma cotovelada, soando estranhamente irritada. Geralmente ela estava feliz em concordar com o que quer que Jon dissesse.

— Você disse que seria legal.

— Por qual motivo? Ou ele não sabe nada ou não quer nos dizer. E quem se importa, de qualquer maneira? É apenas um ser do Submundo. O que poderia acontecer de pior?

— Você realmente não sabe, não é? — perguntou Julie.

— Você alguma vez esteve na batalha? Você já viu alguém se machucar? Morrer?

— Eu sou um Caçador de Sombras, não sou? — devolveu Jon, embora Simon percebesse que não era exatamente uma resposta.

— Você não estava em Alicante durante a guerra — Julie falou sombriamente.

— Não sabe como foi. Você não perdeu nada.

Jon voltou-se para ela.

— Não me diga o que eu perdi. Eu não sei você, mas eu estou aqui para aprender a lutar, assim na próxima vez...

— Não diga isso, Jon — Beatriz implorou. — Não haverá uma próxima vez. Não pode haver.

Jon deu de ombros.

— Há sempre uma próxima vez — ele soou quase esperançoso sobre isso, e Simon entendeu que Julie provavelmente estava certa. Jon falava como alguém que tinha sido mantido muito longe de qualquer tipo de morte.

— Eu vi ovelhas mortas — George falou brilhantemente, claramente tentando aliviar o clima. — Talvez seja sobre isso.

Beatriz franziu a testa.

— Eu realmente não quero ter que lutar com um vampiro. Talvez se fosse alguém do Povo das Fadas...

— Você não sabe nada sobre fadas — Julie retrucou.

— Eu sei que eu não me importaria de matar um par delas — disse Beatriz.

Julie murchou abruptamente como se alguém tivesse espetado soltado todo o ar.

— Eu também não. Se fosse assim tão fácil...

Simon não sabia muito sobre as relações entre os Caçadores de Sombras e os seres do Submundo, mas descobriu rapidamente que o Povo das Fadas era o inimigo público número um na terra dos Caçadores de Sombras atualmente. O verdadeiro inimigo número um, Sebastian Morgenstern, que tinha começado a Guerra Maligna e transformou um monte de Caçadores de Sombras em zumbis maus adoradores de Sebastian, estava morto há muito tempo. Contudo deixou seus aliados secretos, o Povo das Fadas, para suportar as suas consequências. Mesmo Caçadores de Sombras como Beatriz, que parecia acreditar honestamente que os lobisomens eram como qualquer outra pessoa, apenas um pouco mais peludos, e tinha uma quedinha de fã pelo feiticeiro Magnus Bane, falou sobre as fadas como se fossem uma infestação de baratas e a Paz Fria como se fosse apenas um ponto de parada para o extermínio.

— Você estava certo esta manhã, George — Julie falou.

— Eles não deveriam nos enviar dessa forma, qualquer um de nós. Nós não estamos prontos.

Jon bufou.

— Fale por você.

Enquanto eles discutiam entre si sobre exatamente o quão difícil seria matar um vampiro, Simon se levantou. Era ruim o suficiente que todos eles pensassem que ele era um mentiroso, mas o pior era que, de certa forma, ele meio que era. Ele não conseguia se lembrar de nada sobre ser um vampiro – nada de útil, pelo menos, mas lembrou-se o suficiente para ficar extremamente desconfortável com a ideia de matar um. Ou talvez fosse apenas a ideia de matar qualquer coisa. Simon era um vegetariano, e a única violência que ele já praticara estava no monitor, explodindo dragões de pixels e lesmas do mar.

Isso não é verdade, uma voz em sua cabeça o lembrou. Há uma abundância de sangue em suas mãos. Simon encolheu os ombros. Não se lembrar de algo não significa que isso nunca aconteceu, mas às vezes fingir tornava as coisas mais fáceis.

George agarrou seu braço antes que ele pudesse sair.

— Sinto muito por... você sabe. Eu deveria ter acreditado em você.

— Sim. Você deveria — Simon suspirou, em seguida, garantiu a seu companheiro de quarto não havia ressentimentos, o que era principalmente verdade.

Ele estava no meio do corredor sombreado quando ouviu passos atrás de si.

— Simon! — chamou Julie. — Espere um segundo.

Nos últimos meses, Simon tinha descoberto a existência de magia e demônios, e aprendeu que suas memórias do passado eram tão frágeis e falsas quanto velhas bonecas de papel de sua irmã, e ele desistira de tudo o que conhecia para se mudar para um país magicamente invisível e estudar a caça aos demônios. E ainda assim, nada o surpreendeu tanto quanto a lista cada vez maior de meninas quentes que urgentemente queriam algo dele. Não era quase tão divertido como deveria ter sido.

Simon parou para deixar Julie acompanhá-lo. Ela era alguns centímetros mais alta e tinha o tipo de olhos cor de avelã salpicado de ouro que mudava com a luz. Aqui no corredor escuro, eles brilharam âmbar no brilho do candelabro. Ela se moveu com uma graça fácil, como uma dançarina de balé, caso dançarinas de balé costumasse cortar as pessoas em tiras com uma adaga de prata com runas. Em outras palavras, ela se movia como uma Caçadora de Sombras, e pelo o que Simon tinha visto dela no campo de treinamento, ela ia ser muito boa.

E como qualquer boa Caçadora de Sombras, ela não tinha nenhuma inclinação para se relacionar com os mundanos, muito menos mundanos que costumavam ser seres do Submundo – até mundanos que, em uma vida que já não podiam se lembrar, tinham salvado o mundo. Mas desde que Isabelle Lightwood fora à Academia reivindicar seus direitos sobre Simon, Julie tinha olhado para ele com fascínio especial. Menos como alguém que ela queria jogar na cama e mais como alguém que ela queria examinar sob um microscópio enquanto arrancavam seus membros, escavado seu interior e procurando algum vislumbre do que poderia possivelmente atrair uma garota como Isabelle Lightwood.

Simon não se importou em deixá-la olhar. Ele gostava da curiosidade afiada em seu olhar, a falta de expectativa. Isabelle, Clary, Maia, todas aquelas meninas de volta a Nova York, elas afirmaram conhecê-lo e amá-lo, e ele acreditava nelas, mas também sabia que elas não o amavam, amavam Simon em alguma versão bizarra do mundo dele, algum monstro em forma de Simon, e quando olhavam para ele, elas viam o que queriam ver, era aquele outro cara. Julie talvez o odiasse – ok, claramente o odiava, mas ela também o enxergava.

— É realmente verdade? — ela perguntou-lhe agora. — Você não se lembra de nada? Ser um vampiro? A dimensão demoníaca? A Guerra Maligna? Nada disso?

Simon suspirou.

— Estou cansado, Julie. Podemos apenas fingir que você me perguntou isso um milhão de vezes mais e eu te dei a mesma resposta, a cada dia?

Ela passou a mão pelos olhos, e Simon se perguntou novamente se era possível que Julie Beauvale tivesse sentimentos humanos reais e, por qualquer motivo, estava piscando para conter as lágrimas humanas reais. Estava muito escuro no corredor para ver alguma coisa além dos traços suaves do seu rosto e o brilho dourado onde seu colar desaparecia em seu decote.

Simon apertou uma mão na clavícula, de repente lembrando-se do peso de uma pedra, o refletir de um rubi, o pulso firme assim como um batimento cardíaco, o olhar em seu rosto quando ela o entregou por questão de segurança, disse adeus, retalhos de memória confusa impossíveis de reconstituir, mas mesmo quando ele perguntou a si mesmo, que rosto, que despedida, sua mente ofereceu-se a resposta.

Isabelle. Era sempre Isabelle.

— Eu acredito em você — disse Julie. — Eu não entendo, mas acredito em você. Acho que eu estava esperando...

— O quê? — havia uma nota estranha em sua voz, algo delicado e incerto, e ela parecia quase tão surpresa quanto ele por ouvi-lo.

— Eu pensei que você, de todas as pessoas, pudesse entender. O que é lutar por sua vida. Lutar contra um ser do Submundo. Pensar que você vai morrer. Entender... — sua voz não vacilou e sua expressão não se alterou, mas Simon quase podia sentir seu sangue gelar enquanto ela forçava as palavras: — ver outras pessoas caírem.

— Sinto muito — disse Simon. — Quero dizer, eu sei sobre o que aconteceu, mas...

— Mas não é o mesmo que estar lá — Julie completou.

Simon balançou a cabeça, pensando sobre as horas que passou sentado ao lado da cama de seu pai, segurando sua mão, observando-o definhar.

Quando os pais dele e de Rebecca sentaram-se, forçando falar todas aquelas palavras impensáveis, “metástase” e “paliativos” e “terminal”, ele tinha pensado: Ok, eu sei como isso acontece. Ele tinha visto muitos filmes onde o pai do herói morre; ele tinha imaginado o olhar no rosto de Luke Skywalker, retornando para encontrar corpos do tio de sua tia e latente nas ruínas Tatooine, e achava que entendia a dor.

— Há algumas coisas que você não pode entender a menos que já tenha passado por si mesmo.

— Você já se perguntou por que estou aqui? — Julie perguntou a ele.

— Treinando na Academia, ao invés de em Alicante ou algum Instituto?

— Na verdade... não — admitiu Simon, mas talvez ele deveria ter pensado.

A Academia esteve fechada por décadas, e ele sabia que durante esse tempo as famílias de Caçadores de Sombras haviam se acostumado a treinar seus próprios filhos. Também sabia que a maioria deles, no limiar da Guerra Maligna, ainda faziam isso, não querendo deixar seus entes queridos muito longe da sua vista.

Ela desviou o olhar, então, e os dedos se apertaram, precisando de algo para segurar.

— Eu vou te contar uma coisa agora, Simon, e você não vai repetir a ninguém.

Não era uma pergunta.

— Minha mãe foi uma das primeiras Caçadoras de Sombras a ser transformada — disse ela, com a voz amortecida.

— Então ela se foi agora. Depois, nós fugimos para Alicante, assim como todos os outros. E quando eles atacaram Alicante... eles trancaram todas as crianças no Salão dos Acordos. Pensaram que seria seguro lá. Mas não havia qualquer lugar seguro naquele dia. As fadas entraram, e os Crepusculares... eles teriam matado todos nós, Simon, se não fosse por você e seus amigos. Minha irmã, Elizabeth. Ela foi uma das últimas a morrer. Eu assisti, aquele elfo com cabelo de prata, e ele era tão bonito, Simon, como mercúrio líquido, e era em que eu estava pensando quando ele baixou sua espada. Que ele era bonito — ela sacudiu-se toda.

— De qualquer forma, meu pai está indisponível agora. Então é por isso que estou aqui. Para aprender a lutar. Então da próxima vez...

Simon não sabia o que dizer. Sinto muito parecia tão inadequado. Mas Julie parecia ter ficado sem palavras.

— Por que você está me dizendo isso? — ele perguntou suavemente.

— Porque eu quero que alguém entenda que é uma grande causa o que eles estão nos enviando a fazer. Mesmo que seja apenas um vampiro contra todos nós. Eu não me importo o que Jon diz. Coisas acontecem. Pessoas... — ela balançou a cabeça bruscamente, como se estivesse descartando não só ele, mas tudo o que se passara entre eles. — Além disso, eu queria te agradecer pelo o que fez, Simon Lewis. E por seu sacrifício.

— Eu realmente não lembro de ter feito nada — disse Simon.

— Você não deveria me agradecer. Eu sei o que aconteceu naquele dia, mas é como se tudo acontecesse com outra pessoa.

— Talvez seja assim que pareça, mas se você vai se transformar em um Caçador de Sombras, tem que aprender a ver as coisas como elas são.

Ela virou-se então, e começou a seguir para o quarto dela. Ele fora dispensado.

— Julie? — ele chamou suavemente atrás dela.

— É por isso que Jon e Beatriz estão na Academia, também? Por causa das pessoas que perderam na guerra?

— Você terá que perguntar a eles — ela respondeu, sem olhar para trás.

— Todos nós temos nossa própria história da Guerra Maligna. Todos nós perdemos algo. Alguns de nós perderam tudo.

* * *

No dia seguinte, o professor de história deles, a feiticeira Catarina Loss, anunciou que estava passando a classe para um convidado especial. O coração de Simon parou. O último palestrante convidado para honrar os alunos com sua presença tinha sido Isabelle Lightwood. E a “palestra” consistira num aviso severo e humilhante de que cada garota em um raio de dezesseis quilômetros devia manter suas mãos pegajosas afastadas do corpo quente de Simon.

Felizmente, parecia improvável que o homem alto de cabelos escuros que caminhou até a frente da sala de aula tivesse qualquer interesse em Simon ou em seu corpo.

— Lazlo Balogh — ele falou, seu tom de voz implicando que ele deveria ser apresentado, mas que talvez Catarina deveria ter tido a honra de fazê-lo.

— Líder do Instituto de Budapeste — George sussurrou no ouvido de Simon.

Apesar de sua preguiça autoproclamada, George memorizara o nome de cada líder de Instituto, para não mencionar todos os Caçadores de Sombras famosos na história – antes de chegar à Academia.

— Eu vim para lhes contar uma história — disse Balogh, as sobrancelhas dobradas em um V nitidamente irritado. Entre a pele pálida, o bico de viúva escuro e o fraco sotaque húngaro, Balogh parecia mais o Drácula do que qualquer um que Simon já conheceria.

Ele suspeitava que Balogh não apreciaria a comparação.

— Muitos de vocês nesta sala de aula, em breve, enfrentarão sua primeira batalha. Eu vim para informá-los sobre o que está na ponta da estaca.

— Nós não somos os únicos que precisam se preocupar com estacas — comentou Jon, e riu da fileira do fundo.

Balogh lançou um olhar furioso para ele.

— Jonathan Cartwright — ele falou, seu sotaque dando às sílabas uma sombra sinistra.

— Se eu fosse o filho de seus pais, controlaria minha língua na presença de meus superiores.

Jon ficou branco. Simon podia sentir o ódio irradiando dele, e pensou que era provável que Balogh tivesse feito um inimigo para a vida toda. Possivelmente todos na sala de aula sentiram, também, porque Jon não era o tipo de apreciar uma audiência para sua humilhação.

Ele abriu a boca, depois a fechou de novo em uma firme linha fina. Balogh acenou com a cabeça, como se estivesse concordando que, sim, ele estava certo de que ele deveria calar a boca e queimar de vergonha em silêncio.

Balogh pigarreou.

— Minha pergunta para vocês, crianças, é esta. Qual é a pior coisa que um Caçador de Sombras pode fazer?

Marisol levantou a mão.

— Matar um inocente?

Balogh parecia ter cheirado algo ruim. (Aquela sala de aula estava com uma pequena infestação de percevejos, então não era totalmente improvável.)

— Você é uma mundana — observou ele.

Ela assentiu com a cabeça ferozmente. Era coisa favorita de Simon sobre a dura garota de treze anos: ela nunca pediu desculpas por ser quem ou o que era. Pelo contrário, ela parecia orgulhosa disso.

— Houve um momento em que nenhum mundano teria autorização para entrar em Idris — disse Balogh. Ele olhou para Catarina, que pairava na borda da sala de aula.

— E para seres do Submundo, era o mesmo.

— As coisas mudam — comentou Marisol.

— De fato — ele examinou a sala de aula, que estava preenchida com mundanos e Caçadores de Sombras igualmente.

— Será que qualquer um dos... alunos mais informados gostaria de arriscar um palpite?

A mão de Beatriz levantou-se lentamente.

— Minha mãe sempre disse que a pior coisa que um Caçador de Sombras podia fazer era esquecer o seu dever, de que estava ali para servir e proteger a humanidade.

Simon percebeu que os lábios de Catarina curvaram-se em um meio sorriso.

Balogh visivelmente mudou a direção do discurso. Então, aparentemente decidindo que o método socrático não o melhor método a ser utilizado, ele respondeu à sua própria pergunta.

— A pior coisa que qualquer Caçador de Sombras pode fazer é trair seus companheiros no calor da batalha — ele entoou.

— A pior coisa que qualquer Caçador de Sombras pode ser é covarde.

Simon não podia evitar, mas sentiu que Balogh estava falando diretamente para ele, que Balogh tinha olhado para dentro de sua cabeça e sabia exatamente quão relutante Simon estava em empunhar sua arma em condições de batalha contra um ser vivo real.

Bem, não exatamente vivo, ele lembrou a si mesmo. Ele lutou com demônios antes, sabia disso, e não achava que tinha perdido o sono por isso. Mas demônios eram apenas monstros.

Vampiros ainda eram pessoas; vampiros tinham alma. Vampiros, ao contrário das criaturas em seus videogames, podiam se ferir e sangrar e morrer e também podiam revidar. Na aula de inglês do ano anterior, Simon tinha lido *A Glória de Um Covarde*, um romance tedioso sobre um soldado da Guerra Civil que tinha fugido no calor da batalha. O livro, que na época parecia ainda mais irrelevante do que o cálculo, o fizera dormir, mas uma frase ficara gravada em seu cérebro: “Ele era um covarde vadio”. Eric estava na classe também, e por poucas semanas eles decidiram chamar sua banda de Covarde Vadio, antes de esquecer tudo sobre o livro. Mas ultimamente Simon não conseguia tirar a frase de sua cabeça. “Vadio” como em: loucos por alguma vez terem pensando que um vadio como ele poderia ser um guerreiro ou um herói. “Covarde” como em: mole. Assustado. Tímido. Um covarde grande e gordo.

— O ano era 1828 — Balogh declamou.

— Isso foi antes dos Acordos, lembrem-se, antes que os seres do Submundo fossem postos na linha e ensinados a ser civilizados.

Com o canto do olho, Simon viu sua professora de história endurecer. Não parecia sensato ofender uma bruxa, mesmo uma tão aparentemente imperturbável como Catarina Loss, mas Balogh continuou ignorado-a.

— A Europa estava em caos. Revolucionários indisciplinados fomentavam a discórdia em todo o continente. E nos estados alemães, uma pequena cabala de feiticeiros se aproveitou da situação política para liberar as misérias mais indecorosas sobre a população local. Alguns de vocês mundanos podem estar familiarizados com este momento de tragédia e destruição das histórias contadas pelos irmãos Grimm — ao ver o olhar surpreso em vários rostos dos alunos, Balogh sorriu pela primeira vez.

— Sim, Wilhelm e Jacob estavam no meio dela. Lembre-se, crianças, todas as histórias são verdadeiras.

Enquanto Simon tentava envolver a cabeça em torno da ideia de que poderia, em algum lugar na Alemanha, haver um grande pé de feijão com um gigante irritado no topo, Balogh continuou sua história.

Ele contou à classe sobre o pequeno grupo de Caçadores de Sombras que fora dispensado para “lidar com os feiticeiros”. De sua jornada em uma floresta alemã densa, suas árvores vivas com magia negra, seus pássaros e animais encantados para defender o território contra as forças da justiça. No coração escuro da floresta, os feiticeiros tinham convocado um Grande Demônio, planejando libertar o seu poder sobre o povo da Baviera.

— Por quê? — um dos alunos perguntou.

— Feiticeiros não precisavam de uma razão — disse Balogh, com um outro olhar para Catarina.
— A convocação de magia negra é sempre atendida pelos fracos e facilmente tentados.

Catarina murmurou alguma coisa. Simon encontrou-se esperando que fosse uma maldição.

— Havia cinco Caçadores de Sombras — Balogh continuou

— que era uma força mais do que suficiente para controlar três bruxos. Mas o Grande Demônio veio com uma surpresa. Mesmo assim, era certo que teriam triunfado, se não fosse a covardia do mais jovem do grupo, um Caçador de Sombras chamado Tobias Herondale.

Um murmúrio ondulou através da sala de aula. Cada aluno, Caçador de Sombras e mundano igualmente, conhecia o nome Herondale. Era o sobrenome de Jace. Era o nome de um herói.

— Sim, sim, vejo que já ouviram falar dos Herondale — observou Balogh, impaciente.

— E talvez já tenham ouvido coisas boas de William Herondale, por exemplo, ou seu filho James, ou Jonathan Lightwood Herondale hoje. Mas até mesmo a árvore mais forte pode ter um ramo fraco. O irmão de Tobias e sua esposa tiveram mortes nobres na batalha antes que a década acabasse. Para alguns, isso foi o suficiente para limpar a mancha do nome Herondale. Mas nenhuma quantidade de glória Herondale ou sacrifício nos fará esquecer o que Tobias fez – nem deve. Tobias era inexperiente e distraído, estava na missão sob coação. Ele tinha uma esposa grávida em casa, e trabalhou sob a ilusão de que isso deveria afastá-lo de suas funções. E quando o demônio lançou seu ataque, Tobias Herondale, que seu nome seja escurecido para o resto do tempo, deu as costas e fugiu — então Balogh repetiu o que se passou, batendo a mão contra a mesa a cada palavra.

— Deu. As. Costas. E. Fugiu.

Ele passou a descrever, em detalhes horríveis e dolorosos, o que aconteceu depois: enquanto três dos Caçadores de Sombras restantes foram abatidos pelo demônio – um estripado, uma queimada viva, um encharcado com sangue ácido até se dissolver em pó – o quarto sobreviveu apenas pela intervenção dos bruxos e voltou, desfigurado por queimaduras demoníacas que nunca deixaram de ser para seu povo um aviso para ficar longe.

— Claro, nós revidamos em força ainda maior, e devolvemos aos feiticeiros dez vezes o que eles tinham feito com os moradores. Mas o maior crime, este de Tobias Herondale, ainda chama por vingança.

— O maior crime? Maior do que o abate de um grupo de Caçadores de Sombras? — Simon falou antes que pudesse se conter.

— Os demônios e feiticeiros não podem impedir o que são — disse Balogh sombriamente.

— Caçadores de Sombras são feitos em um padrão mais elevado. As mortes desses três homens ficaram sobre os ombros de Tobias Herondale. E ele teria sido punido à altura, se tivesse sido tolo o suficiente para mostrar o seu rosto novamente. Ele nunca o fez, mas a dívida precisa ser paga. Um julgamento foi realizado à revelia. Ele foi julgado culpado, e a punição foi estabelecida.

— Mas pensei que o senhor disse que ele nunca mais voltou? — Julie colocou em forma de pergunta.

— De fato. Assim, a punição recaiu sobre sua esposa, em seu lugar.

— A esposa grávida? — indagou Marisol, parecendo prestes a vomitar.

— Sed lex, dura lex — disse Balogh.

A frase em latim tinha sido martelada para eles desde o primeiro dia na Academia, e Simon estava chegando a odiar o som dela tão frequentemente era usado como desculpa para agir como monstros.

Balogh juntou os dedos e contemplou a sala de aula, observando com satisfação enquanto sua mensagem ficava clara. Era assim que a Clave tratava a covardia no campo de batalha; esta era a justiça ao abrigo do Pacto.

— A Lei é dura — Balogh traduziu para os alunos em silêncio. — Mas é a Lei.

* * *

— Escolham sabiamente — Scarsbury advertiu, observando os alunos filtrarem as muitas opções afiadas que a sala de armas tinha a oferecer.

— Como é que vamos escolher sabiamente quando você não vai mesmo dizer o que iremos enfrentar? — Jon reclamou.

— Você sabe que é um vampiro — respondeu Scarsbury.

— Vai aprender mais quando chegar ao local.

Simon colocou um arco sobre os ombros e selecionou um punhal para o combate corpo a corpo; parecia que a arma com que ele se cortara acidentalmente no início dos treinamentos seria a que ele levaria. Enquanto os alunos Caçadores de Sombras se Marcaram com runas de força e agilidade e enfiavam estelas nos bolsos, Simon colocou uma lanterna fina de um lado do cinto e um lança-chamas portátil para o outro. Ele tocou a Estrela de Davi pendurada na mesma corrente que o pingente de Jordan ao redor de seu pescoço – que não ajudaria muito a menos que esse vampiro fosse judeu – mas isso o fazia se sentir um pouco melhor. Como se alguém estivesse olhando por ele.

Havia uma eletricidade de antecipação no ar que lembrou Simon de ser uma criança, preparando-se para ir em uma viagem de campo. É claro, uma visita ao Jardim Zoológico do Bronx ou o centro de tratamento de águas residuais tinha menos chance de estripação, e em vez de fila para embarcar em um ônibus escolar, os alunos se reuniram na frente de um portal mágico que iria levá-los transdimensionalmente a milhares de quilômetros em um piscar de olhos.

— Você está pronto para isso? — George perguntou a ele, sorrindo.

Enfeitado com o uniforme completo e uma longa espada a tiracolo, o colega de quarto de Simon se parecia em cada centímetro com um guerreiro.

Por um breve momento, Simon imaginou-se dizendo não. Erguendo a mão, pedindo para ser dispensado. Admitido que ele não sabia o que estava fazendo aqui, que cada combate tático que ele aprendera tinha evaporado de sua mente, que gostaria de arrumar sua mala, ir para casa e fingir que nada disso tinha acontecido.

— Como eu nunca estarei — ele respondeu, e deu um passo através do Portal.

Pelo o que Simon lembrava, viajar de ônibus escolar era uma experiência imunda e indigna, cheia de maus cheiros, escarradas e a luta embaraçosa ocasional para fugir das doenças.

Viajar pelo Portal era significativamente pior. Uma vez que ele recuperou o equilíbrio e sua respiração, Simon olhou ao redor e engasgou. Ninguém havia mencionado para onde seriam transportados, mas Simon reconheceu o bloco imediatamente. Ele estava de volta na cidade de Nova York – e não apenas Nova York, mas no Brooklyn.

Gowanus, para ser mais específico, um trecho estreito de parques industriais e armazéns que revestiam um canal tóxico que ficava a menos de dez minutos a pé do apartamento de sua mãe.

Ele estava em casa. Era exatamente como ele lembrava – e ainda assim, totalmente diferente. Ou talvez fosse apenas ele que estivesse totalmente diferente, que depois de apenas dois meses em Idris, esquecera os sons e cheiros da modernidade: o zumbido baixo e constante de energia elétrica e da neblina espessa de escapamento de carro, os caminhões buzinando, pombos voando e pilhas de lixo que fazia dezesseis anos formavam o tecido de sua vida diária.

Por outro lado, talvez fosse porque agora que ele podia ver através do encantamento, ele podia ver as sereias nadando no Gowanus.

Ele estava em casa e num lugar diferente, tudo ao mesmo tempo, e Simon sentiu a mesma desorientação que teve depois de seu verão nas montanhas no acampamento Ramah, quando ele se viu incapaz de adormecer sem o som das cigarras e ronco de Jake Grossberg no beliche superior. Talvez, pensou, você não pudesse saber o quanto as coisas mudaram se você não tentasse ir para casa.

— Ouçam, homens! — Scarsbury gritou quanto o estudante final atravessou o Portal.

Eles estavam reunidos na frente de uma fábrica abandonada, com as paredes riscadas com pichações e suas janelas tapadas fechadas.

Marisol limpou a garganta, em voz alta, e Scarsbury suspirou.

— Ouçam, homens e mulheres. Dentro deste edifício está a vampira que quebrou o Pacto e matou vários mundanos. Sua missão é localizá-la e executá-la. E eu sugiro que o façam antes do pôr do sol.

— Não deveria ser permitido que os vampiros lidassem com isso por eles mesmos? — perguntou Simon.

O Códex havia deixado bem claro que seres do Submundo eram confiáveis para se policiar. Simon se perguntou se isso envolvia um julgamento de vampiros desonestos antes de serem executados.

Como eu cheguei aqui?, ele se perguntava, ele nem sequer acreditava em pena de morte.

— Não que isso seja de seu interesse — disse Scarsbury

— mas seu clã a entregou a nós, de modo que vocês podem crianças podem ter um pouco de sangue em suas mãos. Pense nisso como um presente, dos vampiros para vocês.

Exceto que ele não era um vampiro de todo, Simon pensou.

— Sed lex, dura lex — George murmurou ao seu lado, com um olhar inquieto, como se ele estivesse tentando se convencer.

— Há vinte e um de vocês e uma delas — Scarsbury falou

— e, no caso até mesmo essas chances serem demais para vocês, Caçadores de Sombras experientes estarão assistindo, prontos para entrar em ação quando vocês estragarem tudo. Vocês não os verão, mas eles sim, e garantirão que não sofram danos. Provavelmente. E se algum de vocês estiver tentado a dar as costas e correr, lembrem do que aprenderam. Covardia tem seu preço.

* * *

Quando eles estavam de pé no sob a luz do sol brilhante, a missão tinha soado mais do que um pouco antidesportiva. Vinte Caçadores de Sombras em formação, todos eles armados até as brânquias; um vampiro capturado, preso no prédio por paredes de aço e luz do sol.

Mas dentro da antiga fábrica, no escuro, imaginando o lampejo de movimento e o brilho de presas atrás de cada sombra, a história era diferente. O jogo não mais estava a seu favor, já não se sentiam como num jogo.

Os alunos dividiram-se em pares, rondando através da escuridão. Simon se ofereceu para guardar uma das saídas, esperando que isso se provaria semelhante aos jogos de futebol de classe ginásio, onde ele tinha passado horas guardando a meta e apenas um punhado de vezes teve de afastar um chute certo.

Claro, cada uma dessas vezes, a bola tinha navegado sobre a cabeça e para o gol, perdendo o jogo para a sua equipe. Mas ele tentou não pensar sobre isso.

Jon Cartwright estava parado na porta ao lado dele, uma pedra enfeitiçada brilhando em sua mão. O tempo passou; eles fizeram o seu melhor para ignorar um ao outro.

— Pena que você não pode usar um desses — disse Jon finalmente, segurando a pedra.

— Ou um desses — ele bateu na lâmina serafim pendurada em seu cinto. Os alunos não tinham sido ensinados a lutar com elas ainda, mas várias das crianças Caçadoras de Sombras trouxeram suas próprias armas de casa. — Não se preocupe, herói. Se o vamp se mostrar, estarei aqui para te proteger.

— Ótimo, assim poderei me esconder atrás de seu enorme ego.

Jon virou em cima dele.

— Preste atenção, mundano. Se não tiver cuidado, você vai... — a voz de Jon sumiu. Ele recuou até ficar pressionado contra a parede.

— Eu vou o quê? — Simon pressionou-o.

Jon fez um barulho que parecia com um gemido. Sua mão escorregou para o cinto, os dedos fechando-se em torno da lâmina serafim mas sem puxá-la para perto. Seus olhos estavam fixos em um ponto sobre o ombro de Simon.

— Faça alguma coisa! — ele chiou. — Ela vai nos pegar!

Simon tinha visto filmes de terror o suficiente para imaginar a cena. E a imagem foi o suficiente para fazê-lo querer sair correndo para a porta, escorregar através dela para a luz do dia e continuar correndo até que ele estivesse de volta em casa, com as portas trancadas e em segurança sob a cama, onde ele uma vez se escondera de monstros imaginários. Em vez disso, lentamente, ele se virou.

A garota que deslizou através das sombras parecia ser da sua idade. Seu cabelo castanho estava puxado para trás em um rabo de cavalo alto, os óculos eram rosa com chifres de aros escuros vintage, e sua camiseta carmesim era a de um oficial de Star Trek ensanguentada com os dizeres Viva rapidamente, morra vermelho. Ela era, em outras palavras, exatamente o tipo dele, exceto pelas presas cintilando e pela velocidade desumana com que ela atravessou o cômodo e chutou Jon Cartwright na cabeça. Ele caiu no chão.

— E então havia dois — a menina disse, e sorriu.

Nunca tinha ocorrido a Simon que o vampiro teria sua idade, ou pelo menos parecesse ter.

— Você tem que ser cuidadoso com aquela coisa, Diurno — ela comentou.

— Ouvi dizer que você está vivo novamente. Provavelmente, quer manter-se dessa maneira.

Simon olhou para baixo para perceber que ele tinha tomado a adaga em sua mão.

— Você vai me deixar sair daqui, ou o quê? — ela perguntou.

— Você não pode ir lá fora.

— Não?

— Luz do sol, lembra? Faz vampiros virarem pó? — Simon não podia acreditar que sua voz não estava tremendo. Honestamente, ele não podia acreditar que não tinha feito xixi nas calças. Ele estava sozinho com uma vampira. Uma vampira bonita... que ele deveria matar. De alguma forma.

— Verifique o seu relógio, Diurno.

— Eu não uso relógio — disse Simon. — E não sou mais um Diurno.

Ela se aproximou, perto o suficiente para acariciar seu rosto. Seu dedo estava frio, sua pele tão suave como mármore.

— É verdade que você não se lembra? — ela perguntou, olhando com curiosidade para ele.

— Você não se lembra nem de mim?

— Será que eu... eu a conheço?

Ela passou os dedos em seus lábios.

— A questão é, quão bem você me conhece, Diurno? Eu nunca te direi.

Clary e os outros nada tinham dito sobre Simon ter amigos vampiros, ou... mais do que amigos. Talvez eles quisessem poupá-lo dos detalhes de parte de sua vida, a parte onde ele tinha sede de sangue e caminhava nas sombras. Talvez ele tivesse estado tão envergonhado que nunca contou a eles. Ou talvez ela estivesse mentindo.

Simon odiava isso, não saber. Isso o fazia sentir como se estivesse andando em areia movediça, a todas as perguntas sem resposta, cada nova descoberta sobre o seu passado sugando-o mais para baixo na lama.

— Deixe-me ir, Diurno — ela sussurrou.

— Você nunca teria ferido um dos seus próprios.

Simon tinha lido no Códex que os vampiros tinham a capacidade de hipnotizar; ele sabia que deveria estar preparado contra isso. Mas o olhar dela era magnético. Ele não conseguia desviar.

— Eu não posso fazer isso. Você quebrou a Lei. Matou alguém. Muitos alguém.

— Como você sabe?

— Porque... — ele parou, percebendo o quão fraco ele soaria: porque alguém me contou.

Ela adivinhou a resposta de qualquer maneira.

— Você sempre faz o que mandam, Diurno? Nunca pensa por si mesmo?

A mão de Simon apertou o punhal. Ele tinha sido tão preocupado sobre a descoberta de que ele era um covarde, com muito medo de lutar. Mas agora que estava aqui, de frente para o suposto monstro, ele não estava com medo, estava relutante.

Sed lex, dura lex.

Exceto, talvez, que não era tão simples; talvez ela apenas tenha cometido um erro, ou alguém cometeu, talvez ele tivesse conseguido a informação errada.

Talvez ela fosse uma assassina, mas a sangue-frio, mesmo assim, quem era ele para puni-la?

Ela desviou dele em direção à porta. Sem pensar, Simon moveu-se para bloqueá-la. Sua adaga balançou para cima, cortando um arco perigoso através do ar e assobiando próximo à orelha dela.

Ela dançou para trás, rindo enquanto se lançou para ele, os dedos curvados como garras. Simon sentiu então, pela primeira vez, a adrenalina do impulso que tinha sido prometido, a clareza de batalha. Ele parou de pensar em termos de técnicas e movimentos, parou de pensar em tudo, e simplesmente agiu, bloqueou e baixou seu ataque, visando um pontapé em seus tornozelos para varrer as pernas debaixo dela, cortando o punhal através da pele pálida, tirando sangue, e enquanto sua mente retrocedeu na engrenagem de um novo ataque, um passo atrás de seu corpo, ele pensou, eu estou fazendo isso. Eu estou lutando. Estou ganhando.

Até que ela enrolou uma mão em torno de seu pulso em um punho de ferro, virou-o de costas como se ele fosse uma criança pequena, e montou. Ela estava brincando com ele, Simon percebeu. Fingindo lutar, até que ficou aborrecida.

Ela baixou o rosto para perto dele, perto o suficiente para que ele sentisse sua respiração – se ela estivesse respirando.

Lembrou-se, de repente, quão frio ele tinha sido, quando ele estava morto. Lembrou-se do silêncio em seu peito, onde seu coração já não batia.

— Eu poderia dar tudo de volta para você, Diurno — ela sussurrou.

— Vida eterna.

Ele lembrou-se da fome e do gosto de sangue.

— Aquilo não era vida — ele respondeu.

— Não era a morte, também — seus lábios estavam frios no pescoço de Simon. Tudo nela era frio.

— Eu poderia matá-lo agora, Diurno. Mas não vou. Eu não sou um monstro. Não importa o que eles lhe disseram.

— Eu disse a você, eu não sou mais um Diurno — Simon não sabia por que estava discutindo com ela, especialmente agora, mas parecia importante dizer isso em voz alta, que ele estava vivo, que ele era humano, que seu coração batia de novo. Especialmente agora.

— Você foi um integrante do Submundo uma vez — disse ela, erguendo-se sobre ele.

— Isso sempre será uma parte de você. Mesmo que você esqueça, eles nunca esquecerão.

Simon estava prestes a discutir, mais uma vez, quando um chicote brilhante surgiu das sombras e envolveu em torno do pescoço da menina. Ele puxou-a fora de seus pés e ela caiu com força, a cabeça batendo contra o chão de cimento.

— Isabelle? — Simon chamou em confusão, enquanto Isabelle Lightwood se lançava contra a vampira, a lâmina reluzente.

Ele nunca percebera que um terrível crime contra a natureza era perder suas memórias de Isabelle em ação. Ficou claro que era o seu estado natural. Isabelle ainda era bonita; Isabelle pulando através do ar, esculpindo morte para a carne fria, era irreal, queimava tão brilhantemente quanto o seu chicote dourado. Ela era como uma deusa, Simon pensou, e então silenciosamente se corrigiu – ela era como um anjo vingador, sua vingança rápida e mortal. Antes que ele pudesse levantar, a garganta da menina vampira foi dividida e aberta, os olhos mortos-vivos revirando para trás em sua cabeça, e assim, tudo estava acabado. Ela era poeira; ela se fora.

— De nada — Isabelle estendeu a mão.

Simon a ignorou, levantando-se sem a sua ajuda.

— Por que você fez isso?

— Hum, porque ela estava prestes a matá-lo?

— Não, ela não estava — disse ele friamente.

Isabelle ficou boquiaberta.

— É sério que você está com raiva de mim? Por salvar sua vida?

Não estava até que ela sugeriu que ele imaginasse isso. Estava zangado com ela por ter matado a menina vampira, zangado por supor que ele precisava ser salvo e por estar praticamente certa, zangado por ela se esconder no escuro, esperando para salvá-lo, mesmo que ele tivesse

tornado dolorosamente claro que não poderia haver qualquer coisa entre eles jamais. Zangado que ela fosse uma deusa guerreira de cabelos pretos sobrenaturalmente sexy, e aparentemente, contra todas as probabilidades ainda apaixonada por ele, e ele ia, aparentemente, romper com ela, mais uma vez.

— Ela não queria me machucar. Ela só queria ir.

— E o quê? Eu deveria tê-la deixado sair? É isso o que você estava planejando fazer? Há mais pessoas no mundo além de você, Simon. Ela matou crianças. Ela arrancou suas gargantas.

Ele não podia responder a isso. Não sabia o que sentir ou pensar. A menina vampira tinha sido uma assassina. Uma assassina a sangue-frio, em todos os sentidos da palavra. Mas ele sentiu um parentesco com ela enquanto ela abraçou-o, uma espécie de sussurro no fundo de sua mente que dizia que eles poderiam ser crianças perdidas juntos.

Ele não tinha certeza de que havia um lugar na vida de Isabelle para alguém perdido.

— Simon?

Isabelle era como uma mola bem comprimida. Ele podia ver o esforço que ela estava fazendo para manter sua voz calma, seu rosto livre de emoção. Como posso saber isso?, Simon se perguntou. Olhar para ela era como ver duas vezes: uma Isabelle que um estranho que mal conhecia, uma Isabelle que era a garota que o outro, o Simon melhor amou tanto que teria sacrificado tudo por ela. Havia uma parte dele, uma parte sob as memórias, além da racionalidade desesperada para encurtar o espaço entre eles, para levá-la em seus braços, alisar o cabelo para trás, perder-se em seus olhos sem fundo, seus lábios, seu feroz, protetor, amor esmagador.

— Você não pode continuar fazendo isso! — ele gritou, sem saber se estava gritando com ela ou consigo mesmo. — Não é o seu trabalho escolher por mim, decidir o que eu deveria fazer ou como eu deveria viver. Quem eu deveria ser. Quantas vezes tenho que lhe dizer antes de me ouvir? Eu não sou ele. Eu nunca vou ser ele, Isabelle. Ele pertencia a você, entendo isso. Mas eu não entendo. Sei que vocês Caçadores de Sombras estão acostumados a ter tudo à sua maneira, definir as regras, vocês sabem o que é melhor para o resto de nós. Mas não desta vez, ok? Não comigo.

Com calma deliberada, Isabelle enrolou o chicote em volta do pulso.

— Simon, acho que você está me confundido com alguém que se importa.

Não era a emoção em sua voz que rachou seu coração, mas a falta dela. Por trás das palavras não havia nada: nem dor, nem raiva reprimida, só um vazio. Oco e frio.

— Isabelle...

— Eu não vim aqui por você, Simon. Este é o meu trabalho. Pensei que você quisesse que fosse seu trabalho também. Se você ainda se sente assim, sugiro que reconsidere algumas coisas. Como a forma como você fala com seus superiores.

— Meus... superiores?

— E para o registro, já que você tocou no assunto? Você está certo, Simon. Eu não conheço esta versão sua. E tenho certeza de que não quero conhecer.

Ela passou por Simon, seu ombro roçando o dele por um breve momento, então escorregou para fora do prédio e para a noite.

Simon ficou olhando para ela, perguntando se deveria segui-la, mas ele não conseguia fazer seus pés se moverem.

Ao som da porta se fechando, Jon Cartwright piscou os olhos e vagarosamente pôs-se na posição vertical.

— Pegamos ela? — perguntou para Simon, ao avistar o pequeno monte de pó onde a menina vampiro tinha estado.

— Sim — ele respondeu, cansado. — Podemos dizer que sim.

— Ah, sim, isso mesmo, sanguessuga! — Jon ergueu o punho no ar, em seguida, fez dedos diabo.

— Você fez uma bagunça com esse touro Cartwright - tentou pegar pelos chifres!

* * *

— Não estou dizendo que ela não quebrou a Lei — explicou Simon, pelo o que parecia ser a centésima vez.

— Eu só estou dizendo, mesmo que ela tivesse quebrado, por que nós temos que matá-la? Que tal, eu não sei, cadeia?

Quando eles voltaram para a Academia pelo Portal, o jantar já tinha acabado. Mas como recompensa por seu trabalho, Dean Penhallow abriu o salão de jantar e a cozinha para os vinte alunos que retornaram. Eles se reuniram ao redor de um par de mesas compridas, devorando famintos rolinhos de ovo requentados e carne sem sabor. A Academia tinha retornado à sua tradicional política de servir comida internacional, mas, infelizmente, todos esses alimentos eram preparados por um único chef, que Simon suspeitava ser um bruxo, porque quase tudo o que eles comiam parecia encantado para parecer com comida de cachorro.

— Porque é isso o que fazemos — disse Jon.

— Um vampiro – um ser do Submundo viola o Pacto, e alguém tem que matá-lo. Você não está prestando atenção?

— Então por que não há uma prisão para os seres do Submundo? — perguntou Simon.

— Por que não há punições para seres do Submundo?

— Não é assim que funciona, Simon — disse Julie. Ele pensou que ela poderia ser mais amigável após a sua conversa no corredor na outra noite, mas se alguma coisa estava diferente, era que suas beiradas pareciam mais afiadas, mais susceptíveis a tirar sangue. — Este não é o seu direito mundano estúpido. Esta é a Lei. Decretada pelo Anjo. É maior do que todo o resto.

Jon assentiu com a cabeça orgulhosamente.

— Sed lex, dura lex.

— Mesmo que seja errado? — perguntou Simon.

— Como poderia ser errado, se é a Lei? Isso é uma contradição.

Precisa conhecer um, para saber do outro, pensou infantilmente, mas parou antes de dizer isso em voz alta. De qualquer forma, Jon era mais um idiota na sua lista.

— Você percebe que tudo soa como se estivesse em algum tipo de culto — Simon lamentou.

Ele tocou a estrela que ainda estava pendurada em seu pescoço. Sua família nunca tinha sido particularmente religiosa, mas seu pai sempre amava ajudá-lo tentar descobrir a perspectiva judaica sobre questões de certo e errado.

— Há sempre uma pequena sala para isso — ele contou a Simon — um espaço para descobrir sozinho.

Ele ensinara a Simon a fazer perguntas, desafiar a autoridade, a entender e acreditar nas regras antes de segui-las. Havia uma herança judaica nobre de discussão, seu pai gostava de dizer, mesmo quando se tratava de discutir com Deus. Simon se perguntou agora o que seu pai pensaria dele, na escola para os fundamentalistas, jurando lealdade a uma lei superior. O que significa mesmo ser judeu em um universo onde os anjos e demônios caminhavam sobre a Terra, praticavam milagres e carregavam espadas? Pensar por si mesmo era uma atividade mais adequada para um mundo sem qualquer evidência do divino?

— A Lei é dura, mas é a Lei — acrescentou Simon em desgosto.

— Quão louco é isso? Se a Lei está errada, por que não mudá-la? Você sabe o que o mundo seria se todos nós ainda estivéssemos seguindo as leis feitas antes na Idade das Trevas?

— Você sabe quem mais costumava falar assim? — perguntou Jon ameaçadoramente.

— Deixe-me adivinhar: Valentim — Simon fez uma careta. — Porque, aparentemente, em toda a história dos Caçadores de Sombras apenas um rapaz se preocupou em levantar qualquer dúvida. Sim, sou eu, carismático, supervilão do mal quase liderando uma revolução. Melhor me denunciar.

George balançou a cabeça em advertência.

— Simon, eu não acho que...

— Se você odeia tanto, por que está mesmo aqui? — Beatriz cortou, uma nota estranhamente hostil em sua voz.

— Você pode escolher a vida que quer viver — ela parou abruptamente, deixando algo suspenso no silêncio. Algo, Simon suspeitava, como: Ao contrário do resto de nós.

— Boa pergunta — Simon largou o garfo e empurrou sua cadeira para trás.

— Vamos lá, você nem sequer terminar o seu... — George acenou em direção ao prato, como se não conseguisse realmente descrevê-lo como alimento.

— Acabei de perder meu apetite — Simon estava a meio caminho para as masmorras quando Catarina Loss o deteve no corredor.

— Simon Lewis — disse ela. — Nós precisamos conversar.

— Podemos fazê-lo na parte da manhã, a Srta. Loss? — perguntou. — Foi um longo dia, e...

Ela balançou a cabeça.

— Eu sei sobre o seu dia, Simon Lewis. Falaremos agora.

* * *

O céu estava iluminado com estrelas. A pele azul de Catarina brilhava à luz do luar, e seu cabelo cor de prata queimada. A feiticeira insistira que ambos precisavam de um pouco de ar fresco, e Simon teve que admitir que ela estava certa. Sentiu-se melhor imediatamente, apenas respirando na grama e à vista das árvores e do céu. Idris tinha estações bem marcadas do ano, mas até agora, pelo menos, não eram como as estações que ele estava acostumado. Ou melhor, eram como as melhores versões delas mesmas: cada dia de outono nítido e brilhante, o ar rico com a promessa de fogueiras e pomares, a aproximação do inverno marcada apenas por um céu surpreendentemente claro e uma nova parte afiada para o ar que era quase agradável em sua dor gelada.

— Escutei o que você disse no jantar, Simon — disse Catarina, enquanto passeavam pelos jardins.

Ele olhou para a professora com surpresa e um pouco de alarme.

— Como você pode fazer isso?

— Eu sou uma feiticeira — ela o lembrou.

— Eu posso fazer um monte de coisas.

Certo. Escola de magia, ele pensou em desespero, querendo saber se ele alguma vez teria alguma privacidade novamente.

— Eu quero contar-lhe uma história, Simon. É algo que contei para poucas pessoas, de confiança, e espero que você escolha guardar para si mesmo.

Parecia uma coisa estranha ela se arriscar por um estudante que mal conhecia, mas, em seguida, ela era uma bruxa. Simon não tinha ideia do que eram capazes de fazer, mas ele estava ficando melhor em imaginar. Se ele quebrasse sua confiança, ela provavelmente saberia. E agiria em conformidade.

— Você estava ouvindo na sala de aula a história de Tobias Herondale?

— Eu sempre escuto em sala de aula — disse Simon, e ela riu.

— Você é muito bom em respostas evasivas, Diurno. Se daria um bem no País das Fadas.

— Estou supondo que não foi um elogio.

Catarina ofereceu-lhe um sorriso misterioso.

— Eu não sou nenhuma Caçadora de Sombras — ela lembrou.

— As minhas opiniões sobre o Povo das Fadas são minhas.

— Por que vocês ainda me chamam de Diurno? — perguntou Simon. — Você sabe que não sou mais.

— Somos o que nosso passado nos transformou — disse Catarina. — O acúmulo de milhares de escolhas diárias. Nós podemos mudar a nós mesmos, mas nunca apagar o que fomos — ela levantou um dedo para silenciá-lo, como se soubesse que ele estava prestes a discutir. — Esquecer essas escolhas não as desfaz, Diurno. Você faria bem em lembrar isso.

— É isso o que você queria me dizer? — ele perguntou, sua irritação mais visível do que pretendia. Por que todo mundo em sua vida sentia a necessidade de lhe dizer quem ele era, ou quem ele deveria ser?

— Você está impaciente comigo — observou Catarina.

— Felizmente, eu não me importo. Vou contar-lhe uma outra história de Tobias Herondale agora. Escute ou não – a decisão é sua.

Ele escutou.

— Eu conheci Tobias, conheci que sua mãe antes dele nascer, observei-o como uma criança lutando para se encaixar em sua família, encontrar o seu lugar. Os Herondale são uma linhagem bastante infame, como você provavelmente sabe. Muitos deles heróis, alguns deles traidores, muitos deles impetuosos, criaturas selvagens consumidos por suas paixões, seja amor ou ódio. Tobias era... diferente. Ele era suave, doce, o tipo de garoto que fazia o que lhe era dito. Seu irmão mais velho, William, era um Caçador de Sombras apto para ser um Herondale, tão corajoso e duas vezes mais obstinado quanto o neto, que mais tarde levou seu nome. Mas não Tobias. Ele não tinha nenhum talento especial para Caçador de Sombras, e não muito amor por isso, também. Seu pai era um homem duro, a mãe um pouco histérica, embora poucos pudessem culpá-la com um marido assim. Um menino mais ousado poderia ter deixado sua família e suas tradições, decidido que não era qualificado para ser Caçador de Sombras e ir embora por conta própria. Mas para Tobias? Isso era impensável. Seus pais lhe ensinaram a Lei, e ele sabia apenas segui-la. Não é tão incomum entre os seres humanos, mesmo quando o seu sangue é misturado com o anjo. Incomum para um Herondale, talvez, mas se alguém pensou nisso, o pai de Tobias fez com que eles mantiveram suas bocas fechadas. E assim ele cresceu. Casou-se, o que surpreendeu a todos, porque Eva Blackthorn era o oposto dele. Uma cabeça-quente de cabelos negros, um pouco como a sua Isabelle.

Simon se irritou. Ela não era a Isabelle dele, não mais. Ele se perguntou se ela já tinha sido sua verdadeiramente. Isabelle não parece ser o tipo de garota que pertencem a alguém. Era uma das coisas que mais gostava sobre ela.

— Tobias a amava mais do que qualquer coisa que ele tinha amado – a sua família, o seu dever, a si mesmo. Havia, talvez, sangue Herondale correndo de verdade em suas veias. Ela estava carregando seu primeiro filho quando ele foi chamado para a missão na Baviera, vocês já ouviram como essa história terminou.

Simon assentiu com a cabeça, o coração apertando mais uma vez com o pensamento da punição na esposa de Tobias. Eva. E seu filho que não nasceu.

— Lazlo Balogh conhece apenas a versão desta história como tem sido transmitida por gerações de Caçadores de Sombras. Tobias não é mais uma pessoa para eles, ou um antepassado. Ele não passa de um conto preventivo. Há poucos de nós que restaram para se lembrar dele como o menino que ele foi uma vez.

— Como o conheceu tão bem? — perguntou Simon.

— Pensei que naquela época feiticeiros e Caçadores de Sombras não fossem exatamente... você sabe.. falantes um com o outro.

Na verdade, Simon tinha pensado que era mais como termos de assassinado; pelo o que tinha aprendido com o Códex e suas aulas de história, os Caçadores de Sombras do passado tinha ido atrás dos bruxos e outros seres do Submundo como grandes caçadores caçam elefantes. Desportivamente e renunciando a sede de sangue.

— Essa é uma história diferente — Catarina repreendeu.

— Eu não estou contando a minha história, estou te contando a história de Tobias. Basta dizer que ele era um rapaz amável, até mesmo para um Caçador de Sombras, e sua bondade era lembrada. O que você sabe, o que todos os Caçadores de Sombras hoje pensam que sabem, é que Tobias era um covarde que abandonou seus companheiros no calor da batalha. A verdade nunca é tão simples, não é? Tobias não quis deixar para trás sua esposa quando ela estava doente e grávida, mas ele foi assim mesmo, fazendo o que lhe foi ordenado. Adentrando naquela floresta da Bavária, ele encontrou um feiticeiro que conhecia o seu maior medo, e usou-o contra ele. Ele encontrou uma brecha na segurança de Tobias, encontrou um caminho em sua mente convencendo-o de que sua esposa estava em perigo terrível. Ele mostrou-lhe uma visão de Eva, sangrenta e morrendo e gritando por Tobias para salvá-la. Tobias estava encantado e aflito, e o feiticeiro lançou visão após visão de todos os horrores do mundo que Tobias não poderia suportar. Sim, Tobias fugiu. Sua mente enlouqueceu. Ele abandonou seus companheiros e fugiu para a floresta, cego e atormentado por pesadelos acordados. Como todos os Herondale, sua capacidade de amar sem medida, sem fim, era o seu grande dom e sua grande maldição. Quando ele pensou que Eva estava morta, enlouqueceu. Eu sei quem culpo pela destruição de Tobias Herondale.

— Eles não podem ter sabido que ele foi levado à loucura! — Simon protestou.

— Ninguém poderia puni-lo por isso!

— Eles sabiam — Catarina disse a ele.

— Mas não importava. O que importava era a sua traição contra o seu dever. Eva nunca esteve em perigo, é claro, pelo menos, não até que Tobias abandonou seu posto. Essa foi a última ironia cruel da vida de Tobias: que ele condenou a mulher que ele teria morrido para salvar. O feiticeiro tinha-lhe mostrado um vislumbre do futuro, um futuro que nunca teria acontecido se Tobias fosse capaz de resistir a ele. Ele não podia resistir. Ele não pôde ser encontrado. A Clave puniu Eva.

— Você estava lá — Simon adivinhou.

— Estava — ela concordou.

— E você não tentou detê-los?

— Eu não perdi meu tempo tentando, não. Os Nephillins não prestam atenção em seres do Submundo que interferem. Só um tolo tentaria ficar entre os Caçadores de Sombras e sua Lei.

Havia algo sobre a maneira como ela disse, irônico e triste ao mesmo tempo, que o fez perguntar:

— Você é uma tola, não é?

Ela sorriu.

— É perigoso chamar uma feiticeira com nomes como esse, Simon. Mas... sim. Tentei. Procurei por Tobias Herondale, usando caminhos que os Nephilim não tem acesso, e encontrei-o a vagarear louco na floresta, sem nem mesmo saber o próprio nome — ela baixou a cabeça.

— Não pude salvá-lo ou a Eva. Mas eu salvei o bebê. Consegui esse feito.

— Mas como? Onde...?

— Usei certa quantidade de magia e astúcia para fazer o meu caminho para a prisão dos Caçadores de Sombras, onde você esteve uma vez — disse Catarina, acenando para ele.

— Eu fiz o bebê chegar a nascer mais cedo, e lancei um feitiço para fazer parecer como se ela ainda estivesse carregando a criança. Eva era de aço naquela noite, implacável e brilhante na escuridão que viera sobre ela. Ela não vacilou e não traiu a si mesma por qualquer sinal enquanto caminhava para atender a sua morte. Mantive o nosso segredo até o fim, e os Caçadores de Sombras que a mataram nunca suspeitaram de nada. Depois disso, foi quase fácil. Os Nephilim raramente tem algum interesse nas ações dos seres do Submundo — e os seres do Submundo frequentemente acham sua cegueira muito conveniente. Eles nunca perceberam quando fui para o Novo Mundo com um bebê. Eu fiquei lá por 20 anos, antes de voltar para o meu povo e meu trabalho, e criei a criança até que ela crescesse. Ela se afastou há anos, mas posso fechar os olhos e ver seu rosto quando ele era tão jovem como você é agora. O filho de Tobias e de Eva. Ele era um menino doce, amável como seu pai e feroz como sua mãe. Os Nephilim acreditam em viver por leis duras e pagar preços elevados, mas sua arrogância significa que eles não entendem completamente o custo do que fazem. O mundo teria sido pior sem esse menino nele. Ele tinha um amor mundano, e uma vida mundana preenchida com pequenos atos de graça, o que teria significado muito pouco para um Caçador de Sombras. Eles não o mereceriam. Deixei-o como um presente para o mundo mundano.

— Então você está dizendo que há outro Herondale lá fora em algum lugar? Talvez gerações de Herondale sem que ninguém saiba nada sobre...

Havia uma linha do Talmud do pai de Simon que ele sempre gostara: Aquele que salva uma única vida, é como se salvasse um mundo inteiro.

— É possível — disse Catarina.

— Eu me certifiquei de que o menino nunca soubesse o que ele era, era mais seguro assim. Se de fato teve filhos, seus descendentes certamente acreditam que ele é mundano. E só agora, com tão poucos Caçadores de Sombras, que a Clave pense acolher os seus filhos ou filhas perdidos de volta ao rebanho. E, talvez, haja aqueles de nós que pudessem ajudar daqui para a frente. Quando for a hora certa.

— Por que está me contando isso, Srta. Loss? Por que agora? Por que alguma vez?

Ela parou de andar e se virou para ele, o cabelo prata esvoaçando no vento.

— Salvar essa criança, esse foi o maior crime que já cometi. Pelo menos, de acordo com a Lei dos Caçadores de Sombras. Se alguém souber, mesmo agora... — ela balançou a cabeça.

— Mas também foi a escolha mais corajosa que já fiz. Da que estou mais orgulhosa. Eu tenho obrigações pelos Acordos como todo mundo, Simon. Faço o meu melhor para viver de acordo com o Estado de Direito. Mas tomo minhas próprias decisões. Há sempre uma Lei maior.

— Você diz isso como se fosse tão fácil de saber qual é. Ter tanta certeza de si mesmo, que você está certa, não importa o que a Lei diga.

— Não é fácil — Catarina corrigiu.

— É o que significa estar vivo. Lembre-se do que eu disse, Simon. Toda decisão que tomar, tome por você. Nunca deixe que outras pessoas escolham quem você será.

* * *

Quando ele voltou para seu quarto, sua mente girando, George estava sentado no chão no corredor, estudando seu Códex.

— Hum, George? — Simon olhou para baixo, para seu companheiro de quarto.

— Não seria mais fácil fazer isso lá dentro? Onde há luz? E não há esse lodo nojento no chão? Bem... — ele suspirou. — Menos lodo, pelo menos.

— Ela disse que eu deveria esperar aqui fora — disse George.

— Que vocês dois precisam de privacidade.

— Quem disse? — mas a questão era supérflua, porque quem mais seria? Antes que George pudesse responder, ele já abria a porta e entrava.

— Isabelle, você não pode apenas entrar no meu quarto...

Ele parou de repente, tão de repente que quase tropeçou em si mesmo.

— Não é Isabelle — falou a menina, ajeitando-se em sua cama. Seu cabelo vermelho-fogo estava puxado em um coque frouxo e suas pernas estavam dobradas embaixo dela; ela parecia totalmente em casa, como se tivesse passado metade de sua vida descansando em sua cama. O que, de acordo com ela, ela tinha.

— O que você está fazendo aqui, Clary?

— Eu vim por um Portal.

Ele balançou a cabeça, esperando. Estava feliz em vê-la, mas também ferido. Assim como sempre estava. Ele se perguntou quando a dor iria e ele seria capaz de sentir a alegria da

amizade que sabia que ainda estava lá, como uma planta no solo congelado, esperando para crescer novamente.

— Eu ouvi o que aconteceu hoje. Com a vampira. E Isabelle.

Simon sentou-se na cama de George, na frente dela.

— Eu estou bem, ok? Sem marcas de mordida ou qualquer coisa. É bom de você se preocupar comigo, mas não pode simplesmente vir para cá por um portal e...

Clary bufou.

— Posso ver que seu ego está ileso. Não estou aqui porque estou preocupada com você, Simon.

— Oh. Então...?

— Estou preocupada com Isabelle.

— Tenho certeza de que Isabelle pode cuidar de si mesma.

— Você não a conhece, Simon. Quero dizer, não mais. E se ela souber que estive aqui, vai me matar, mas... você pode apenas tentar ter um pouco mais de cuidado com ela? Por favor?

Simon ficou horrorizado. Ele sabia que tinha decepcionado Isabelle, que a sua própria existência era uma decepção constante para ela, que ela queria que ele fosse outra pessoa. Mas nunca lhe ocorrera que ele, o não-vampiro, não-herói, o não-sexy Simon Lewis, poderia ter o poder de machucá-la.

— Desculpe — ele desabafou.

— Diga a ela que sinto muito!

— Você está brincando comigo? Não ouviu a parte sobre como ela me mataria se soubesse que conversei com você sobre isso? Eu não vou falar com ela. Estou falando com você. Tenha cuidado com ela. Ela é mais frágil do que parece.

— Ela parece ser a menina mais forte que já conheci — Simon apontou.

— Ela é assim, também — Clary concordou. Ela se moveu desconfortavelmente então, e pulou de pé.

— Bem, eu deveria... quero dizer, eu sei que você realmente não me quer por aqui, então...

— Não é isso, eu só...

— Não, eu te entendo, mas...

— Me desculpe...

— Me desculpe...

Os dois riram, e Simon sentiu algo afrouxar no peito, um músculo que ele nem sabia que estava contraído.

— Isso não costumava ser assim, não é? — ele perguntou.

— Estranho?

— Não — ela lhe deu um sorriso triste. — Já foi um monte de coisas, mas nunca foi estranho.

Ele não podia imaginar isso, se sentir tão à vontade com uma garota, muito menos uma garota como ela, bonita, confiante e tão cheia de luz.

— Aposto que eu gostava disso.

— Espero que sim, Simon.

— Clary... — ele não queria que ela saísse, ainda não, mas não tinha certeza do que falar caso ela ficasse.

— Você conhece a história de Tobias Herondale?

— Todo mundo conhece a história — ela falou.

— E, obviamente, por causa de Jace...

Simon piscou, lembrando: Jace era um Herondale. O último dos Herondale. Ou assim ele pensava.

Se ele tivesse família lá fora, perdido por gerações, ele gostaria de saber, não é? Era suposto que Simon contasse a ele? A Clary?

Ele imaginou um Herondale perdido lá fora, alguma menina ou menino de olhos dourados que não sabia nada sobre os Caçadores de Sombras ou seu legado sórdido. Talvez ele ou ela gostasse de descobrir quem realmente era, mas talvez, se Clary e Jace fossem bater à sua porta contando-lhe histórias de anjos e demônios e uma nobre tradição de insanos que desafiavam a morte, ele ou ela correria gritando na direção oposta.

Às vezes, Simon se perguntava o que teria acontecido se Magnus nunca o tivesse encontrado, não tivesse lhe oferecido a oportunidade de reentrar no mundo dos Caçadores de Sombras. Ele teria vivido uma mentira, claro... mas teria sido uma mentira feliz. Teria ido para a faculdade, continuaria tocando com sua banda, flertado com algumas meninas não tão terríveis, viveria na superfície, sem imaginar a escuridão que estava por baixo.

Ele calculou que em sua outra vida, contaria a Clary o que ele sabia sem nem duvidar; adivinhou que eles eram o tipo de amigos que contavam tudo um ao outro.

Eles não tinham nenhum tipo de amizade agora, ele lembrou a si mesmo. Ela era uma estranha que o amava, mas ainda era uma estranha.

— O que você acha disso? — perguntou a ela.

— O que a Clave fez com a mulher e o filho de Tobias?

— O que você acha que eu acho? — Clary devolveu.

— Tendo em vista quem era meu pai? Dado o que aconteceu com os pais de Jace, e como ele sobreviveu? Não é óbvio?

Poderia ser óbvio para alguém que os conhecia, conhecia suas histórias, mas não para Simon.

A expressão dela mudou.

— Oh — sua confusão deve ter sido visível. Assim como a decepção dela - como se ela estivesse se lembrando mais uma vez quem ele era, e quem ele não era.

— Não importa. Vamos apenas dizer que eu acho que a Lei é importante, mas não é a única coisa que importa. Quero dizer, se nós tivéssemos seguido a Lei sem pensar, você e eu nunca teríamos...

— O quê?

Ela balançou a cabeça.

— Não, eu prometi a mim mesma que não ia continuar fazendo isso. Você não precisa de um monte de histórias sobre o que aconteceu com a gente, quem você costumava ser. Tem que descobrir quem você é agora, Simon. Eu quero isso para você, essa liberdade.

Ele se surpreendeu com quão bem ela o entendia. Como ela sabia o que ele queria sem ter que pedir. Deu-lhe a coragem de perguntar algo que Simon queria saber desde que chegou à Academia.

— Clary, quando éramos amigos, antes que você soubesse sobre Caçadores de Sombras ou e tudo isso, você e eu éramos... iguais?

— Iguais como?

Ele deu de ombros.

— Você sabe, a música estranha e quadrinhos e, assim, realmente ruins nas aulas de educação física.

— Você quer dizer dois nerds desajeitados? — Clary perguntou, rindo novamente.

— Afirmativo.

— Mas agora você é... — ele acenou com a mão para ela, indicando os bíceps fortes, o jeito gracioso e coordenado como ela se movia, tudo o que sabia de seu passado e presente.

— Você é como esta guerreira Amazona.

— Obrigado? Eu acho? Jace é um bom instrutor. E, você sabe, não havia incentivo para chegar até a velocidade máxima. Rechaçar o Apocalipse e tudo mais. Duas vezes.

— Certo. E acho que está no seu sangue. Quero dizer, faz sentido que você seja boa em todas essas coisas.

— Simon — ela estreitou os olhos, de repente parecendo entender aonde ele queria chegar. — Você percebe que ser Caçador de Sombras não é apenas sobre o quão grande seus músculos são, certo? Eles não chamam isso de Academia de Musculação.

Ele esfregou seus bíceps doloridos com tristeza.

— Mas talvez deversem.

— Simon, você não estaria aqui se os responsáveis não pensassem que você tem o que é preciso.

— Pensam que ele tem o que é preciso — Simon corrigiu.

— O cara com a superforça de vampiro e... seja lá mais que poderes de vampiro venham no pacote.

Clary chegou perto o suficiente cutucá-lo no peito, e então ela fez isso. Com força.

— Não, você. Simon, você sabe como chegamos tão longe enquanto estivemos naquela dimensão demoníaca? Como conseguimos chegar perto o suficiente de Sebastian para vencê-lo?

— Não, mas suponho que envolveu um monte de assassinatos de demônios? — perguntou Simon.

— Não tanto quanto poderia ter havido, porque você veio com uma estratégia melhor — disse Clary.

— Algo que você imaginou todos esses anos jogando D&D.

— Espere, você está falando sério? Está me dizendo que essas coisas realmente funcionaram na vida real?

— Estou falando sério. Estou dizendo que você nos salvou, Simon. Você fez isso mais de uma vez. Não porque você era um vampiro, não por causa de algo que você perdeu. Por causa de quem você era. Quem você ainda é — ela afastou-se, em seguida, respirou fundo.

— Eu prometi a mim mesma que não faria isso — disse ela ferozmente. — Eu prometi.

— Não, estou feliz que tenha feito isso. Estou feliz que tenha vindo.

— Eu deveria ir embora. Mas tente se lembrar de Izzy, ok? Sei que você não pode entender, mas cada vez que você olha para ela como se ela fosse uma estranha, é como... é como alguém pressionando um ferro quente em sua carne. Dói muito.

Ela parecia tão certa, como se ela soubesse. Como se talvez eles não estivessem falando mais apenas de Isabelle. Simon sentiu isso agora, não a pontada de carinho que ele muitas vezes experimentava quando Clary sorria para ele, mas uma corrida forte de amor que quase o virava de cabeça para baixo. Pela primeira vez, ele olhou para ela, e ela não era uma estranha, ela era Clary... a amiga. A família dele. A garota que ele sempre jurara proteger. A garota que ele amava tão ferozmente quanto amava a si mesmo.

— Clary... Quando éramos amigos, foi ótimo, certo? Quero dizer, eu não estou apenas imaginando coisas, sentindo como se pertencêssemos um ao outro, estou? Nós pertencemos um ao outro, apoiamos um ao outro. Éramos bons juntos, certo?

Seu sorriso mudou de triste para algo mais, algo que brilhava com a mesma certeza que ele sentia, de que havia algo real entre eles. Era como se ele tivesse ligado uma luz dentro dela.

— Oh, Simon. Nós éramos absolutamente incríveis.



Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INFERNAL DEVICES

CASSANDRA CLARE
MAUREEN JOHNSON

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

The Whitechapel Fiend

O DEMÔNIO DE WHITECHAP EL

Depois de viver como um mundano e um vampiro, Simon nunca pensou que se tornaria um Caçador de Sombras, mas hoje ele começa sua formação na Academia. Simon Lewis foi muitas coisas. Um mundano. Um vampiro. Um herói. Mas não se lembra de nada disso. Suas lembranças das aventuras com Clary, Isabelle e o resto dos Caçadores de Sombras de Nova York foram apagadas por um demônio, e agora Simon está ansioso para recuperar essa parte de si mesmo. Mas ele conseguirá de volta o que perdeu? É isso mesmo o que ele quer?

— Eu vejo — disse George

— com meus olhinhos, algo que começa com S.

— Não sujeira, é? — perguntou Simon. Ele estava deitado de costas na cama de seu dormitório. Seu colega de quarto, George, estava deitado no colchão oposto. Ambos fitavam pensativamente a escuridão que envolvia o teto, o que era lamentável, porque o teto era nojento.

— É sempre sujeira.

— Não é assim — disse George.

— Uma vez que foi pó.

— Eu não tenho certeza de que realmente consigamos fazer a distinção entre sujeira e pó, e odeio que eu tenha que me preocupar com isso.

— Não é “sujeira”, de qualquer maneira.

Simon pensou por um momento.

— É isso... uma serpente? Por favor, me diga que não é uma serpente.

Simon recolheu as pernas involuntariamente.

— Não é uma serpente, mas agora isso é tudo em que serei capaz de pensar. Há serpentes em Idris? Parece ser o tipo de lugar onde eles se livram delas.

— Não é a Irlanda? — Simon indagou.

— Não acho que haja limitações para o caminho das serpentes. Certamente eles se livraram delas. Devem ter feito. Oh Deus, este lugar deve ter serpentes...

Havia um leve toque de sotaque escocês suave de George agora.

— Há guaxinins aqui em Idris? — perguntou Simon, tentando mudar de assunto. Ele ajustou-se na cama estreita e dura. Não havia motivo no ajuste. Cada posição era tão desconfortável quanto a última.

— Temos guaxinins em Nova York. Eles ficam em qualquer lugar. Conseguem abrir portas. Eu li online que eles até sabem usar um teclado.

— Eu não gosto de serpentes. Serpentes não precisam de chaves.

Simon fez uma pausa por um momento para reconhecer o fato de que “Serpentes Não Precisam de Chaves” era um bom nome de álbum: soou profundo por um segundo, mas, em seguida, completamente superficial e óbvio, o que o fez voltar para o primeiro pensamento que causou toda essa conversa.

— Então, o que era? — perguntou Simon.

— O que era o quê?

— O que você estava vendo que começa com S?

— Simon.

Este era o tipo de jogo que você brincava quando se morava em um quarto pouco decorado localizado no porão da Academia dos Caçadores de Sombras – ou, como eles tinham começado a se referir – o andar da umidade derradeira.

George comentara muitas vezes que era uma pena que eles não fossem lesmas, porque aquilo era perfeitamente configurado para o estilo de vida de uma lesma.

Eles tinham vindo a uma aceitação desconfortável ao fato de que muitas criaturas fizeram da Academia o seu lar depois que ela foi fechada. Eles já não entravam em pânico quando ouviam barulhos deslizando dentro parede ou debaixo da cama. Se os ruídos estivessem na cama, eles se permitiam algum pânico. Isso aconteceu mais de uma vez.

Em teoria, os mundanos (ou escória, como eram chamados frequentemente) ficavam nas masmorras porque supostamente era mais seguro.

Simon tinha certeza de que havia provavelmente alguma verdade nisso. Mas havia provavelmente muito mais verdade para o fato de que os Caçadores de Sombras tendiam a ter um esnobismo natural que corria no sangue. Mas Simon pediu para estar ali, tanto com a escória quanto na Academia dos Caçadores de Sombras em si, por isso não havia razão em reclamar. Sem Wi-Fi, celular e televisão, as noites podem ser longas. Uma vez que as luzes se apagavam, Simon e George muitas vezes conversaram através da escuridão, como agora. Às vezes deitavam-se em suas respectivas camas em um silêncio sociável, cada um sabendo que o outro estava lá. Era algo. Era tudo saber que George estava do outro lado do cômodo. Simon não tinha certeza se aguentaria de outra forma. E não era apenas o frio ou os ratos ou qualquer outra coisa sobre o lugar fisicamente, era o que estava em sua cabeça, os crescentes ruídos, fiapos de memórias. Eles aproximavam-se como pedaços de canções esquecidas, músicas que ele não conseguia identificar. Havia lembranças de alegrias e medos enormes, mas muitas vezes ele não podia conectar eventos ou pessoas. Eles eram apenas sentimentos, golpeando-o no escuro.

— Você já notou — George falou

— como até mesmo os cobertores parecem molhados quando você sabe que eles estão secos? E eu venho de Scotland. Eu conheço lâ. Eu conheço ovelhas. Mas esta lâ? Há algo demoníaco nisto aqui. Eu cortei meu dedo nisso ao fazer a cama outro dia.

Simon murmurou uma resposta. Não havia necessidade de qualquer atenção real. Ele e George tinham essas mesmas conversas todas as noites.

O lodo e a sujeira e as criaturas nas paredes e os cobertores ásperos e o frio. Todas as noites, estes eram os temas. Os pensamentos de Simon flutuavam. Ele teve duas visitas recentemente, e nenhuma delas tinha ido bem.

Isabelle e Clary, duas das pessoas mais importantes na sua vida (tanto quanto ele podia dizer) estiveram na Academia. Isabelle aparecera para reivindicar Simon, e Simon – em um movimento que o surpreendeu – chegou a dizer para ela se afastar. Ele não podia simplesmente voltar a ser do jeito que era. Não daquele modo, não quando ele não conseguia lembrar como aquele modo era. E então, no exercício de treinamento, Isabelle aparecera e matara uma vampira que estava prestes a derrotar Simon, mas ela o fizera friamente. Houve um amortecimento angustiante no jeito como ela falou. Então Clary aparecera. Tenha cuidado com ela, Clary disse. Ela é mais frágil do que parece.

Isabelle, com seu chicote e sua capacidade de cortar um demônio ao meio era mais frágil do que parecia.

A culpa o mantinha acordado durante a noite.

— Isabelle de novo? — perguntou George.

— Como você sabia?

— Palpite. Quero dizer, ela apareceu e ameaçou fatiar em tiras aqueles que se aproximassem demais de você, e agora esse silêncio, e sua amiga Clary apareceu para conversar sobre ela, e você também murmura o nome dela enquanto dorme.

— Eu faço isso?

— De vez em quando. Ou você está dizendo “Isabelle” ou “isca mele” poderia ser qualquer um, para ser justo.

— Como faço para corrigir isso? — perguntou Simon.

— Eu nem sei o que estou corrigindo.

— Eu não sei. Mas o amanhecer logo chega. Melhor tentar dormir.

Houve uma longa pausa e então...

— Deve haver cobras — George observou.

— Este lugar não é tudo o que uma cobra poderia querer? Frio, feito de pedra, com muitos buracos para deslizar para dentro e fora, ratos à vontade para comer... Por que ainda estou falando? Simon, me faça parar de falar...

Mas Simon o deixou seguir. Mesmo falar de possíveis serpentes nas proximidades era melhor do que o que estava atualmente passando por sua cabeça.

No geral, Idris tinha suas estações bem definidas. Nesse sentido, era como Nova York – você podia ver cada uma, clara e distinta. Mas Idris era mais agradável do que Nova York. O inverno não era apenas lixo e lama congelando; o verão não era apenas a lixo fervendo e ar-condicionado pingando na rua, parecendo que alguém cuspiu lá de cima. Idris era toda verde no tempo quente, fresca e tranquila no frio, o ar sempre com o cheiro de grama e fogueiras queimando.

Era assim na maioria das vezes. Então havia manhãs como as desta semana, que eram todas tumultuadas. Ventos aparentando ter pequenas lâminas ao final de cada rajada. Frio que penetrava na roupa. O uniforme de Caçador de Sombras, enquanto prático, não era necessariamente muito quente. Era leve e flexível, como roupas de combate deveriam ser. Não fora desenhado para uso em ambientes externos e pantanosos às sete da manhã, quando o sol mal nascera. Simon pensou em sua jaqueta acolchoada em casa, e em sua cama, e calor em geral. O café da manhã, que tinha sido um substituto de cola sob a fachada de mingau, assentou-se pesadamente em seu estômago.

Café. Era isso o que a manhã pedia.

Idris não tinha cafés, nenhum lugar para parar e conseguir uma xícara da bebida quente, fumegante e energizadora. O que se bebia no café da manhã da Academia era um chá aguado que Simon suspeitava não ser chá, mas o escoamento aquoso de uma das muitas sopas nocivas que surgiam dos fundos da cozinha. Ele jurava que tinha encontrado casca de batata em sua caneca de manhã. Esperava que fosse uma casca de batata.

Uma xícara do Java Jones. Era muito para querer da vida?

— Vocês veem essa árvore? — berrou Delaney Scarsbury, apontando para uma árvore.

Das muitas questões que seu preparador físico lhes fizera ao longo dos últimos meses, esta era uma das mais lógicas e diretas e ainda mais confusa. Todos podiam ver claramente a árvore. Era a única árvore daquela área em particular do campo. Ela era alta e ligeiramente inclinada para a esquerda.

Manhãs com Scarsbury soava como o nome de um programa de rádio ruim, mas era, na realidade, apenas o castigo físico projetado para condicionar e treiná-los para lutar. E para ser justo, Simon estava mais em forma agora do que quando chegou.

— Vocês veem essa árvore?

A questão era tão estranhamente óbvia que ninguém respondeu. Agora todos resmungaram um sim, eles viam a árvore.

— Aqui está o que vocês vão fazer — disse Scarsbury.

— Você devem escalar esta árvore e caminhar ao longo daquele galho — ele apontou para um grosso ramo, talvez a cinco metro do chão

— e saltar.

— Não, eu não vou — Simon murmurou.

Sons similares de descontentamento retumbaram em torno da classe. Ninguém parecia animado com a perspectiva de subir numa árvore e, em seguida, deliberadamente pular para fora dela.

— Bom dia — disse uma voz familiar.

Simon se virou para ver Jace Herondale atrás dele, todo sorrisos. Ele parecia relaxado e descansado e totalmente confortável em seu uniforme.

Caçadores de Sombras podiam desenhar runas para ficarem aquecidos. Eles não precisavam de casacos acolchoados hipoalergênicos. Jace não usava um gorro, o que permitia que seu cabelo dourado perfeitamente penteado balançasse atraente na brisa. Ele mantinha-se no fundo e ainda não tinha sido notado pelos outros, que ainda ouviam Scarsbury gritar por sobre o vento enquanto apontava para a árvore.

— Como você veio parar aqui? — perguntou Simon, soprando em suas mãos para aquecê-las.

Jace deu de ombros.

— Só dando uma mãozinha graciosa e atlética. Seria negligente negar a mais nova geração de Caçadores de Sombras um vislumbre do que eles poderiam se tornar se foram muito, muito, mas muito sortudos.

Simon fechou os olhos por um momento.

— Você está fazendo isso para impressionar Clary. Também me checando.

— Pelo Anjo, ele é um telepata! — disse Jace, fingindo cambalear para trás.

— Basicamente, todo mundo está ajudando, já que todos os seus professores fugiram. Estou dando apoio à formação. Você goste ou não.

— Hmm. Não.

— Venha agora — disse Jace, batendo-lhe no braço.

— Você costumava adorar fazer isso.

— Eu?

— Talvez. Você não gritava. Espere. Não. Sim, você gritava. Erro meu. Mas é fácil. Este é apenas um exercício de treinamento.

— O último exercício de treinamento envolveu matar uma vampira. No exercício anterior, assisti alguém levar uma flechada no joelho.

— Eu já vi pior. Vamos. Este é um exercício divertido.

— Não há nenhuma diversão aqui — disse Simon.

— Esta não é a Academia Divertida. Eu devia saber. Eu estava em uma banda que uma vez se chamou Academia Divertida.

— Para ajudá-los nesta manhã — Scarsbury continuou

— temos um Caçador de Sombras especialista e fisicamente capaz... Jace Lightwood Herondale.

Houve um suspiro audível e risinhos nervosos enquanto cada cabeça virava na direção de Jace. Houve de repente um monte de suspiros femininos da classe, e alguns masculinos também. Isso lembrou Simon de uma fila para um show de rock – a qualquer momento, sentiu, a multidão poderia explodir em uma comemoração imprópria para futuros caçadores de demônios.

Jace sorriu mais e adiantou-se para liderar o grupo. Scarsbury acenou em saudação e deu um passo atrás, os braços cruzados. Jace olhou para a árvore por um momento e então se inclinou casualmente contra ela.

— O truque para descer é não cair — disse Jace.

— Maravilha — Simon resmungou.

— Você não vai cair. Escolherá descer usando o meio mais direto possível. Você permanece no controle de sua queda. Um Caçador de Sombras não cai – ele planeja sua descida. Vocês foram treinados nos mecanismos básicos de como fazer isso...

Simon lembrou de Scarsbury gritando algumas coisas sobre o vento vários dias antes de começar as instruções sobre quedas. Frases como “evitar rochas”, “não cair de bunda” e “a menos que vocês sejam idiotas completo, o que alguns de vocês são”, rodaram em sua mente.

—... então agora vamos ver a teoria e colocá-la em prática.

Jace virou-se para a árvore e subiu por ela com a facilidade de um macaco, em seguida, fez o seu caminho para o galho, onde instalou-se facilmente.

— Agora — ele gritou para o grupo

— eu olho para o chão. Escolho o meu local de pouso. Lembre-se de proteger a cabeça. Se houver alguma maneira de quebrar o impulso, qualquer outra superfície que você pode usar para diminuir o comprimento da queda, use-a, a menos que seja perigosa. Não mire em rochas afiadas ou ramos que poderiam furar ou machucar. Dobre os joelhos. Mantenha os músculos relaxados. Se suas mãos tomarem o impacto, não se esqueça de fazer contato com toda a palma, mas evite isso. Pés para baixo, em seguida, role. Mantenha-se no ritmo. Espalhe a força do impacto. Assim...

Jace delicadamente pulou do galho e pousou no chão, batendo com um baque suave. Ele imediatamente rolou e pôs-se de pé novamente em um momento.

— Desse jeito.

Ele balançou o cabelo com a mão. Simon observou várias pessoas seguindo o movimento.

Marisol teve que cobrir o rosto com as mãos por um momento.

— Excelente! — exclamou Scarsbury.

— Isso é o que vocês vão fazer. Jace ajudará.

Jace tomou isso como sua deixa para subir na árvore novamente. Ele o fez parecer tão simples, tão elegante – buscando apoio para a mão, os pés firmemente agarrados todo o caminho para cima. No topo, ele sentou-se num galho e balançou as pernas.

— Quem será o primeiro?

Não houve nenhum movimento por um momento.

— Poderia muito bem acabar com isso — George disse em voz baixa, antes de levantar a mão e dar um passo à frente.

Embora George não fosse tão ágil quanto Jace, ele fez seu caminho para cima da árvore. Usou vários pontos de apoio, e seus pés escorregaram várias vezes.

Algumas das palavras que ele usou foram perdidas para o vento, mas Simon tinha certeza de que não eram elogios à árvore. Uma vez que George atingiu o galho, Jace inclinou-se perigosamente para trás para abrir espaço.

George considerou o galho por um momento – o solitário ramo sem suporte se estendendo ao longo do chão.

— Vamos, Lovelace! — Scarsbury gritou.

Simon viu Jace se aproximar e oferecer algumas palavras de conselho para George, que ainda segurava o tronco da árvore. Então, com Jace assentindo, George soltou a árvore e deu alguns passos cuidadosos para fora no ramo. Ele hesitou novamente, oscilando um pouco com o vento.

Então olhou para baixo, e com uma expressão de dor, pulou do ramo e caiu pesadamente no chão. O baque que ele fez foi muito mais alto do que o de Jace, mas ele rolou e conseguiu ficar de pé novamente.

— Não foi ruim — Scarsbury cumprimentou enquanto George mancava de volta para Simon.

Ele esfregava o braço.

— Você não quer fazer isso — disse a Simon quando se aproximou.

Simon já tinha percebido isso. A confirmação não ajudaria o seu espírito.

Simon observou seus colegas irem até a árvore, um por um. Para alguns, levou até dez minutos de grunhidos e arranhões e ocasionalmente quedas na metade do caminho. Este último recebia um alto “Eu falei, não no traseiro” de Scarsbury. Jace ficou na árvore o tempo todo, como uma espécie de ave livre, em certos momentos sorrindo para os estudantes abaixo. Às vezes, ele parecia entediado e andava elegantemente de um lado ao outro no galho para se divertir.

Quando não havia simplesmente mais ninguém querendo ir, Simon se aproximou para a sua vez.

Jace sorriu para ele de cima.

— É fácil. Você provavelmente fez isso o tempo todo quando criança. Basta fazer isso.

— Eu sou do Brooklyn — respondeu Simon.

— Nós não subimos em árvores.

Jace deu de ombros, sugerindo que não era algo que ele pudesse ajudar.

A primeira coisa que Simon aprendeu sobre a árvore era que enquanto de longe ela parecia ser inclinada, na verdade era apenas uma linha reta para cima. E enquanto a casca era áspera e ralava as mãos, era ao mesmo tempo escorregadia, por isso cada vez que ele tentava que tentava obter um apoio, ele o perdia. Tentou imitar o jeito como Jace e George fazê-lo, eles pareciam segurar a árvore muito levemente.

Simon tentou isso, e percebendo que era inútil, agarrou a árvore em um abraço tão íntimo que se perguntou se eles estavam namorando agora. Usando este método de abraço estranho e alguns movimentos com as pernas como um sapo, ele conseguiu se erguer o tronco, raspando o rosto ao longo do caminho. Cerca de três quartos do caminho para cima, ele sentiu as palmas das mãos escorregadias de suor e começou a perder a aderência. A sensação de queda o encheu de pânico súbito e ele agarrou com mais força.

— Você está indo bem — Jace falou com uma voz que sugeriu que Simon não estava indo bem, mas que era o tipo de coisa que Jace deveria dizer.

Simon esforçou-se para chegar ao galho usando alguns movimentos desesperados que sabia que pareciam feios vindo lá de baixo. Definitivamente houve um momento ou dois quando seu traseiro deve ter sido exposto de uma maneira nada lisonjeira. Mas conseguiu. Elevou-se até o próximo galho, que ele alcançou com mais emocionante aperto que o tronco.

— Bom — Jace disse, dando um pequeno sorriso peculiar.

— Agora é só caminhar para mim.

Jace caminhou para trás do ramo. Para longe.

Agora que Simon estava no galho, ele não parecia estar a cinco metros do chão. Parecia que estava no céu. Era arredondado, irregular e escorregadio como todos e não era feito para ser pisado, especialmente pelos tênis casuais que Simon tinha escolhido para usar aquela manhã.

Mas ele tinha chegado tão longe e não ia deixar Jace fazer a sua magia andando para a ponta do galho enquanto ele se agarrava ao tronco. Ele tinha chegado lá em cima. Pular até o chão era uma má perspectiva, mas era a única opção que tinha, e pelo menos seria rápido.

Simon deu o primeiro passo. Seu corpo imediatamente começou a tremer.

— Olhe para cima — Jace disse afiadamente. — Olhe para mim.

— Eu preciso ver...

— Você precisa olhar para cima para manter o equilíbrio. Olhe para mim.

Jace parou de sorrir afetadamente. Simon olhou para ele.

— Agora de mais um passo. Não olhe para baixo. Seus pés vão encontrar o ramo. Braços abertos para obter equilíbrio. Não se preocupe com nada lá embaixo. Olhos em mim.

De alguma forma, isso funcionou. Simon deu seis passos para longe do tronco e ficou surpreso ao encontrar-se ali de pé, braços rígidos e abertos como asas de avião, o vento soprando forte. Apenas caminhando em um galho de árvore com Jace.

— Agora volta para enfrentar a Academia. Mantenha-se olhando para longe. Use-a como um horizonte. Para ficar equilibrado, escolha um ponto fixo para se concentrar. Mantenha o seu peso para frente – você não quer cair de costas.

Não. Simon realmente não queria fazer isso.

Ele moveu um pé mais perto do outro, e então ele estava de pé de frente para a pilha de rochas que formavam a Academia, e seus colegas abaixo, todos olhando para cima. A maioria não parecia impressionada, mas George ergueu o polegar para ele.

— Agora — Jace disse — dobre um pouco os joelhos. E então quero que você apenas dê um passo para fora em um grande movimento. Não salte com os dois pés. Apenas dê um passo. E quando estiver caindo, junte as pernas e mantenha-se relaxado.

Essa não deveria ser a coisa mais difícil que ele já tinha feito. Simon sabia que ele tinha feito mais. Sabia que tinha lutado com demônios e voltado dos mortos. Saltar de uma árvore não deveria parecer tão aterrorizante.

Ele entrou no ar. Sentiu seu cérebro reagir a esta nova informação. Não há nada lá, não faça isso, não há nada lá, mas a gravidade já tinha puxado a outra perna do galho e depois...

A coisa boa que podia ser dita sobre a experiência era que foi rápida. Ponto para a gravidade. Alguns segundos de medo quase feliz e confusão e, em seguida, um martelar quando seus pés encontraram a terra.

Seu esqueleto tremeu, seus joelhos se dobraram em submissão, seu crânio dolorido apresentou uma queixa formal, e ele caiu de lado no que teria sido o início de um rolamento se ele tivesse girado, e não, na verdade, apenas permanecido lá no chão em uma posição de camarão.

— Levante-se, Lewis! — Scarsbury gritou.

Jace pousou ao seu lado como uma grande borboleta assassina, mal fazendo barulho.

— A primeira vez é sempre a mais difícil — ele comentou, oferecendo uma mão a Simon.

— A primeira dezena, provavelmente. Eu não me lembro.

Doeu, mas ele não sentia estar ferido.

O vento fora levado para fora de seus pulmões, e ele precisou de um momento para tomar algumas respirações profundas. Ele cambaleou de volta para onde George esperava, um olhar de simpatia no rosto.

Os dois últimos estudantes completaram a tarefa, cada um parecendo tão miserável quanto Simon, e então eles estavam livres para ir para o almoço. A maioria do grupo mancava enquanto eles faziam o seu caminho para o outro lado do campo.

* * *

Desde que Catarina enterrara a sopa na floresta, as cozinhas da Academia foram forçadas a tentar encontrar outro tipo de alimento. Como de costume, fez-se uma tentativa de trazer pratos do mundo inteiro, para refletir as muitas nacionalidades dos alunos dali. Hoje, Simon foi informado, era cozinha sueca. Havia almôndegas, uma cuba de molho de lingonberry, purê de batatas, salmão defumado, bolinhos de peixe, salada de beterraba, e no final, um produto com cheiro forte que Simon descobriu ser um arenque em conserva especial da região do Báltico. Simon tinha a sensação de que se a refeição fosse preparada por pessoas que sabiam o que estavam fazendo, todos os pratos pareceriam muito mais deliciosos, exceto, possivelmente, o arenque da região do Báltico. Em termos do que um vegetariano podia comer, não havia muito. Ele tinha algumas batatas e molho de lingonberry, e raspou a porção de salada de beterraba para fora do recipiente praticamente vazio. Alguns dos Caçadores de Sombras de Alicante claramente ficaram com pena dos alunos e forneceram pães, que eram avidamente arrebatados. No momento em que Simon saiu mancando até a cesta, ela já estava vazia. Ele se virou para ir até uma mesa e encontrou Jace em seu caminho. Ele tinha um pão na mão e já dera uma mordida.

— Que tal você se sentar comigo?

O refeitório da Academia parecia menos com um refeitório de escola e mais como um terrível restaurante barato que arranjava seus móveis de lixeiras. Havia mesas grande e pequenas, mais íntimas. Simon, ainda dolorido demais para fazer piadas sobre encontros na hora do almoço, seguiu Jace para uma das mesas pequenas e raquítico no canto da sala. Ele estava ciente de que todos os observariam. Deu um aceno de cabeça a George, na esperança de transmitir que ele apenas tinha que fazer isso, sem querer ofendê-lo por não sentar com ele. George acenou de volta.

Jon, Julie e os outros da corrente de elite, que estavam devastados por perder a aula Pulando de Árvores com Jace Herondale 101, olhavam todos para cima como se estivessem prontos para saltar de pé e salvar Jace da má companhia, carregando-o em uma liteira de chocolate e rosas, e suportar suas crianças.

Uma vez que eles se sentaram, Jace concentrou-se no almoço e não disse uma palavra. Simon observou-o comer e esperou, mas Jace olhava apenas para a comida. Ele havia pegado grandes porções da maioria das coisas, incluindo o arenque do Báltico em conserva. Agora que via mais de perto, Simon começou a suspeitar que o peixe não tinha sido conservado em tudo. Alguém nas cozinhas da Academia dos Caçadores de Sombras tentara fazer a conserva de peixe, algo que precisava de habilidade e precisão com instruções – e provavelmente tinha acabado de inventar uma nova forma de botulismo. Jace o engoliu. Então, novamente, Jace era o tipo de homem que viveria bem na selva, provavelmente ficaria feliz em pescar uma truta com as próprias mãos e comê-la enquanto ainda estava mexendo.

— Você queria falar comigo? — Simon perguntou finalmente.

Jace cortou uma almôndega ao meio e olhou para Simon pensativamente.

— Tenho feito uma pesquisa — disse ele. — Sobre minha família.

— Os Herondale? — Simon perguntou, depois de uma breve pausa.

— Você pode não se lembrar, mas tenho uma espécie de história familiar complicada. De qualquer forma, só descobri que eu era um Herondale pouco tempo atrás. Levei um tempo para me ajustar à ideia. Eles são uma espécie de família lendária.

Ele voltou à comida durante alguns minutos. Quando seus pratos e tigelas estavam vazios, Jace sentou-se e considerou Simon por um momento. Simon pensou em perguntar se Jace era uma espécie de uma grande lenda, mas decidiu que ele não entenderia a piada.

Jace continuou.

— De qualquer forma, a coisa toda começou a me lembrar... bem, de você. É como se existissem essas coisas importantes na minha história, mas eu não sei de tudo, e eu estou tentando reunir uma identidade que preencha todos esses buracos. Os Herondale... alguns deles eram pessoas boas, e alguns eram monstros.

— Nenhum deles precisa afetá-lo — Simon apontou. — As escolhas que você faz é o que importa, não a sua linhagem. Mas imagino que você tenha um monte de gente em sua vida para lhe dizer isso. Clary. Alec — ele olhou para Jace lateralmente. — Isabelle.

As sobrancelhas de Jace subiram.

— Você quer falar sobre Isabelle? Ou Alec?

— Alec me odeia e eu não sei por que. Isabelle me odeia e eu sei por que, o que é quase pior. Então, não, eu não quero falar sobre os Lightwood.

— É verdade que você tem um problema Lightwood — concordou Jace, e seus olhos dourados brilharam.

— Tudo começou com Alec. Como você observou astutamente, vocês dois têm uma história. Mas eu não deveria ficar no meio disso.

— Por favor, me diga o que está acontecendo com Alec — pediu Simon. — Você está realmente me assustando.

— Não. Há tantos sentimentos profundos envolvidos. Há muitas feridas. Não seria certo. Eu não vim aqui para criar problema. Vim para mostrar aos potenciais Caçadores de Sombras como cair de alturas sem quebrar os pescoços.

Simon olhou para Jace. Jace o fitou com inocentes olhos arregalados e dourados.

Simon decidiu que da próxima vez que visse Alec, teria que perguntar por si mesmo sobre os segredos que estavam entre eles. Isto era, obviamente, algo que ele e Alec tinham que trabalhar por conta própria.

— Mas eu vou dizer isso sobre o seu problema Lightwood — Jace falou, muito casualmente.

— Isabelle e Alec têm dificuldade de mostrar quando sentem dor. Mas posso vê-la em ambos, especialmente quando eles tentam esconder. Ela está com dor.

— E eu tornei isso pior — disse Simon, balançando a cabeça. — É minha culpa. Eu, com a minha memória roubada por algum tipo de rei demônio. Eu, sem noção nenhuma do que aconteceu na minha vida. Eu, o cara sem habilidades especiais, que provavelmente vai ser morto na escola. Eu sou um monstro.

— Não — Jace disse uniformemente. — Ninguém te culpa por não ser capaz de lembrar. Você se ofereceu como um sacrifício. Você foi corajoso. Salvou Magnus. E salvou Isabelle. Me salvou. Você precisa dobrar mais os joelhos.

— O quê?

Jace estava em pé agora.

— Quando você pisa no vazio. Dobre os joelhos imediatamente. Assim irá melhor.

— Mas e sobre Isabelle? — perguntou Simon. — O que eu faço?

— Eu não tenho ideia.

— Então você veio aqui para me torturar e falar sobre si mesmo? — Simon perguntou.

— Oh, Simon, Simon, Simon. Você pode não lembrar, mas isso é o que nós fazemos.

Com isso, ele afastou-se, claramente consciente dos olhares de admiração que seguiam cada passo seu.

* * *

Depois do almoço, eles tiveram uma palestra história. Normalmente, os dois grupos de alunos eram divididos por classes, mas em certos casos, todos eram reunidos no salão principal.

Não havia grandeza para no salão – apenas alguns bancos tortos, e não o suficiente deles.

As cadeiras do refeitório foram arrastadas para complementar, mas ainda não foi o suficiente. Então, alguns alunos (a elite) tiveram cadeiras e bancos, e a escória se sentou no chão na frente do salão, como crianças pequenas no ensino médio. Depois desta manhã, no entanto, algumas horas de palestra no chão de pedra fria e nua eram luxo.

Catarina tomou seu lugar no púlpito bambo.

— Nós temos um palestrante convidado especial hoje — ela falou. — Ela veio nos visitar para falar sobre o papel dos Caçadores de Sombras na história. Como vocês provavelmente estão cientes, embora eu não queira ser otimista demais, Caçadores de Sombras estão envolvidos em muitos momentos importantes da história mundana. Por serem Caçadores de Sombras, vocês também devem proteger os mundanos de saber sobre o nosso mundo, também deve tomar, por vezes, controle da escrita dessa história. Com isto quero dizer que vocês tem que acobertar certas coisas. Precisam fornecer uma explicação plausível para o que aconteceu e uma que não envolva demônios.

— Como os Homens de Preto — Simon sussurrou para George.

— Então, por favor, deem a sua total atenção à nossa convidada ilustre — Catarina prosseguiu.

Ela deu um passo para o lado, e uma jovem mulher alta tomou seu lugar.

— Eu sou Tessa Gray — ela se apresentou em uma voz baixa e clara. — E eu acredito na importância de histórias.

A mulher na frente da sala parecia ser um estudante de segundo ano na faculdade.

Ela estava elegantemente vestida com uma saia curta e preta, suéter de cashmere, cachecol e paisley. Simon tinha visto essa mulher uma vez antes – no casamento de Jocelyn e Luke. Clary dissera que ela tinha desempenhado um papel muito importante em sua vida quando era criança. Ela também informou Simon que Tessa tinha cerca de cento e cinquenta anos de idade, embora ela certamente não parecesse.

— Para vocês entenderem esta história, precisam entender quem e o que eu sou. Como Catarina, eu sou uma feiticeira – entretanto, minha mãe não era humana, mas uma Caçadora de Sombras.

Um murmúrio percorreu o salão, que Tessa logo encobriu com sua voz.

— Eu não sou capaz de suportar Marcas, mas uma vez vivi entre Caçadores de Sombras

– eu fui a esposa de um Caçador de Sombras, e meus filhos eram Caçadores de Sombras. Fui testemunha de muito do que nenhum outro ser do Submundo já viu, e agora sou quase a única pessoa viva que recorda a verdade por trás das histórias mundanas escritas para explicar as vezes que seu mundo toca no nosso. Eu sou muitas coisas. Entre elas, sou um registro vivo da história dos Caçadores de Sombras. Aqui está uma história que vocês podem ter ouvido: Jack, o Estripador. O que podem me dizer sobre esse nome?

Simon estava pronto para isso. Ele tinha lido *Do Inferno* seis vezes. Estava esperando por toda a sua vida que alguém lhe fizesse uma pergunta sobre Alan Moore. Sua mão disparou.

— Ele era um assassino — Simon explodiu. — Matou prostitutas em Londres no final dos anos 1800. Ele foi, provavelmente, médico da rainha Victoria, e a coisa toda foi na verdade um encobrimento para esconder o fato de que o príncipe tivera um filho ilegítimo.

Tessa sorriu para ele.

— Está certo que Jack, o Estripador, é o nome dado a um assassino – ou, pelo menos, ao autores de uma série de assassinatos. O que você se refere é a conspiração real, que tem sido refutada. Creio que também seja o enredo de uma série de quadrinhos e filme chamado *Do Inferno*.

A vida amorosa de Simon era complicada, mas houve uma pontada, apenas por um momento, para esta mulher que falava de quadrinhos com ele. Ah, bem. Tessa Gray, nerd sexy, provavelmente já namorava alguém.

— Eu vou lhes dar os fatos simples — disse Tessa. — Uma vez, eu não era chamada Tessa Gray, mas Tessa Herondale. Nesse tempo, em 1888, no leste de Londres, houve uma série de assassinatos terríveis...

Londres, outubro 1888

— Não é apropriado — disse Tessa ao marido, Will.

— Ele gosta.

— As crianças gostam de todos os tipos de coisas, Will. Eles gostam de doces, de fogo, de tentar enfiar a cabeça na chaminé. Só porque ele gosta da adaga...

— Olha como ele a segura bem.

O pequeno James Herondale, de dois anos de idade, estava de fato segurando o punhal muito bem. Ele esfaqueou uma almofada do sofá, formando uma nuvem de penas.

— Patos — ele falou, apontando para as penas.

Tessa rapidamente removeu a adaga de sua mãozinha e a substituiu por uma colher de pau. James recentemente se tornara muito ligado a esta colher de pau e a levava com ele para todos os lugares, muitas vezes recusando-se a dormir sem ela.

— Colher — disse James, cambaleando para o outro lado da sala.

— Onde ele encontrou a adaga? — perguntou Tessa.

— É possível que eu o tenha levado para a sala de armas — Will respondeu.

— É possível?

— É, sim. É possível.

— E é possível que ele de alguma forma tenha pegado um punhal, que costuma ficar preso na parede, fora de seu alcance — continuou Tessa.

— Vivemos em um mundo de possibilidades.

Tessa fixou os olhos cinzentos em seu marido.

— Ele nunca esteve fora da minha vista — Will disse rapidamente.

— Se tudo está sob controle — Tessa falou, acenando para a figura adormecida de Lucie Herondale em seu cestinho próximo à lareira

— talvez não vá dar a Lucie um facão até que ela seja realmente capaz de andar? Ou será que é pedir muito?

— Parece um pedido razoável — Will concordou com uma reverência extravagante.

— Qualquer coisa por você, minha pérola de valor inestimável. Até mesmo manter minha única filha longe de armas.

Will se ajoelhou, e James correu para ele para mostrar sua colher. Will admirou a colher, como se fosse uma primeira edição, a mão grande cheia de cicatrizes gentil contra a minúscula de James.

— Colher — James disse com orgulho.

— Eu vejo, Jamie bach — murmurou Will, que Tessa tinha pego cantando canções de ninar de galês para com os filhos em suas muitas noites sem dormir.

Para seus filhos, Will mostrava o mesmo amor que sempre tinha mostrado a ela, feroz e inflexível. E o mesmo cuidado que já mostrava a outra pessoa: aquele a quem o nome de James era homenagem. O parabatai de Will, Jem.

— Tio Jem ficaria tão impressionado — ela falou a Jamie com um sorriso.

Era assim que ela e Will chamavam James Carstairs perto de seus filhos, embora entre os dois ele fosse apenas Jem, e em público ele fosse o Irmão Zachariah, um temido e respeitado Irmão do Silêncio.

— Jem — ecoou James, muito claramente, e o sorriso dela cresceu.

Will e James ambos inclinaram a cabeça para cima para olhar para ela, seus cabelos negros como uma nuvem de tempestade emoldurando seus rostos. Jamie era pequeno e redondo, a gordura de bebê escondendo os ossos e os ângulos de um rosto que um dia seria como o de Will. Dois pares de olhos, um azul escuro brilhante e um de ouro celestial, olharam para ela com absoluta confiança e mais do que um pouco de travessura. Seus meninos.

Os longos dias de verão em Londres, tão longos que Tessa ainda tentava se acostumar mesmo após vários anos, agora estavam começando a diminuir muito rapidamente. Não havia mais luz do sol às dez da noite, agora a noite chegava às seis, e o nevoeiro era pesado – e vagamente amarelo – pressionava as janelas. Bridget tinha puxado as cortinas, e os quartos ficavam escuros, mas aconchegantes.

Era uma coisa estranha ser Caçadores de Sombras e pais. Ela e Will tinham suas vidas constantemente envolvidas no perigo, e, de repente, duas crianças muito pequenas tinham se juntado a eles. Sim, eram duas crianças muito pequenas que, ocasionalmente, se apropriavam de punhais e um dia começariam a treinar para se tornar guerreiros – se quisessem fazê-lo. Mas agora elas eram simplesmente duas crianças muito pequenas. O pequeno James correndo ao redor do Instituto com a colher. Lucie cochilando em seu berço ou carrinho ou em um dos muitos pares de braços dispostos.

Nestes dias, Tessa estava contente de notar, era um pouco mais cuidadosa sobre a tomada de riscos. (Normalmente. Ela realmente tinha que se certificar de que não havia mais punhais para as crianças).

Bridget podia tomar conta das crianças, mas Tessa e Will gostavam de ficar em casa tanto quanto podiam. Anna, a filha de Cecily e Gabriel, era um ano mais velha que James, e já tinha traçado o seu caminho através do Instituto. Às vezes, fazia tentativas de passear sozinha em Londres, mas era sempre barrada por tia Jessamine, que ficava de guarda na porta.

Se Anna sabia ou não que tia Jessamine era um fantasma não estava claro. Ela simplesmente era a força amorosa e etérea que ficava na porta e a enxotava para dentro e lhe dizia para parar de pegar os chapéus do pai.

Era uma boa vida. Havia uma sensação de segurança que lembrava Tessa de um momento mais calmo, quando ela estava em Nova York, antes de saber toda a verdade sobre si mesma e sobre o mundo em que vivia. Às vezes, quando ela se sentava com seus filhos diante do fogo, tudo parecia... normal. Como se não houvesse demônios e outras criaturas da noite.

Ela se permitiu ter um desses momentos.

— O que teremos esta noite? — perguntou Will, colocando o punhal em uma gaveta. — Cheira um pouco como ensopado de cordeiro.

Antes que Tessa pudesse responder, ela ouviu a porta ser aberta e Gabriel Lightwood entrou correndo, a neblina fria entrando atrás dele. Ele não se incomodou em tirar o casaco. Do jeito que estava andando e o olhar em seu rosto, Tessa podia dizer que este pequeno momento de tranquilidade doméstica tinha acabado.

— Algo errado? — Will perguntou.

— Isto — disse Gabriel. Ele ergueu um folhetim chamado Estrela. — É horrível.

— Eu concordo — Will respondeu. — Esses jornais baratos são terríveis. Mas você parece estar mais chateado com eles do que é apropriado.

— Eles podem ser jornais baratos, mas escute isso.

Ele deu um passo para ficar soa uma lâmpada à gás, desdobrou o jornal, e alisou-o uma vez para endireitá-lo.

— O terror de Whitechapel — ele leu.

— Oh — disse Will. — Isso.

Todos em Londres sabiam sobre o terror em Whitechapel. Os assassinatos tinham sido extraordinariamente horríveis. A notícia das mortes agora enchiam cada jornal.

— ... andou novamente, e desta vez marcou duas vítimas, uma retalhada e desfigurada além da identificação, o outra com sua garganta cortada e rasgada. Mais uma vez ele fugiu; e novamente a polícia, com franqueza maravilhosa, confessou que não tinha a menor ideia. Eles estão esperando por um sétimo e um oitavo assassinato, assim como esperaram por um quinto, para ajudar a resolver o caso. Enquanto isso, Whitechapel vive em meio à loucura e medo. As pessoas têm medo até de conversar com um estranho. Não obstante, as repetidas provas de que o assassino tem um objetivo, e observa uma classe da comunidade, o espírito de terror tem elevado bastante no exterior, e ninguém sabe quais os passos que uma comunidade praticamente sem defesa pode tomar para se proteger ou vingar qualquer criatura desafortunada que possa ser tomada pelo inimigo. É dever dos jornalistas manter a cabeça fria e não inflamar as paixões dos homens quando o que se requer é temperamento frio e pensamento claro; e vamos tentar escrever com calma sobre esta nova atrocidade.

— Muito lúgubre — disse Will. — Mas o East End é um lugar violento para os mundanos.

— Não acho que este seja um mundano.

— Não havia uma carta? O assassino enviou alguma coisa?

— Sim, uma carta muito estranha. Eu a tenho também.

Gabriel foi até uma mesa no canto e abriu, revelando uma pilha limpa de recortes de jornais.

— Sim, aqui está. Querido Chefe, eu continuo ouvindo que a polícia me pegou, mas eles não vão me corrigir ainda. Eu ri quando eles pareciam tão inteligentes e falavam sobre estarem no caminho certo. Aquela piada do “Avental de Couro” me deu ataque de risos. Estou chateado com as putas e não deixarei de estripá-las até que eu esteja farto. O último foi um trabalho

grandioso. Eu nem dei à senhorita tempo para gritar. Como eles vão me pegar agora? Eu amo meu trabalho e quero começar novamente. Em breve ouvirão falar de mim com meus joguinhos divertidos. Guardei alguma substância vermelha em uma garrafa de cerveja de gengibre para escrever, mas estava tão espessa como a cola e não pude usá-la. A tinta vermelha é apta o suficiente, espero, ha, ha. No próximo trabalho cortarei as orelhas das senhoritas e as enviarei à polícia para me divertir. Mantenha esta carta em segredo até que eu tenha feito um pouco mais de trabalho e depois publique-a logo de cara. Minha faca é tão bonita e afiada que quero começar a trabalhar agora mesmo, se eu tiver uma chance. Boa sorte. Sinceramente seu, Jack, o Estripador.

— É um grande nome esse que ele se deu — disse Tessa. — E bastante horrível.

— Quase certamente falso — apontou Gabriel.

— Alguma bobagem feita por jornalistas para continuar a vender a história. E bom para nós, uma vez que dá um rosto – ou uma mão humana, pelo menos – a isso. Mas venham, eu vou lhes mostrar.

Ele acenou para a mesa no meio da sala e tirou um mapa de dentro de seu casaco. Ele o abriu.

— Acabo de vir do East End. Algo sobre as histórias me perturbou, algo além das razões óbvias. Fui lá para ter um olhar para mim. E o que aconteceu na noite passada prova a minha teoria. Houve muitos assassinatos recentemente, todos de mulheres, mulheres que...

— Prostitutas — disse Tessa.

— Isso — Gabriel concordou.

— Tessa tem um vocabulário extenso — apontou Will.

— É uma das coisas mais atraentes nela. Que vergonha de você, Gabriel.

— Vamos, me escute — Gabriel permitiu-se um longo suspiro.

— Colher! — exclamou James, correndo até seu tio Gabriel e espetando-o na coxa.

Gabriel despenteou o cabelo do menino carinhosamente.

— Você é um menino tão bom. Muitas vezes eu me pergunto como você poderia possivelmente ser de Will.

— Colher! — repetiu James, inclinando-se contra a perna de seu tio amorosamente.

— Não, Jamie — Will insistiu. — A honra de seu pai foi atacada. Ataque, ataque!

— Bridget! — chamou Tessa. — Você poderia levar James para ter o seu jantar?

James foi levado da sala, pego nas saias de Bridget.

— O primeiro assassinato — explicou Gabriel — foi aqui. Buck's Row. Ocorreu em agosto, dia 31. Muito vicioso, com uma série de cortes longos no abdômen. O segundo foi em Hanbury Street, em 8 de setembro. O nome dela era Annie Chapman, e foi encontrada no pátio atrás de uma casa. Este assassinato tinha um conjunto muito semelhante de incisões, mas era muito pior. O conteúdo do abdômen foi removido. Alguns órgãos foram colocados em seu ombro.

Outros simplesmente desapareceram. Todo o trabalho foi feito com uma precisão cirúrgica, o que teria levado algum tempo para um médico qualificado conseguir. Isso foi feito em minutos, ao ar livre, sem muita luz para trabalhar. Este foi o caso que chamou a minha atenção. E agora os últimos assassinatos, apenas algumas noites atrás, estas foram obras diabólicas, de fato. Agora, observem atentamente. O primeiro assassinato daquela noite ocorreu aqui.

Ele apontou para um ponto no mapa marcado Yard Dutfield.

— Fica à direita fora da Berner Street, veem? Esta foi Elizabeth Stride, e ela foi encontrada à uma da manhã. Lesões semelhantes, mas aparentemente incompletas. Apenas 45 minutos mais tarde, o corpo de Catherine Eddowes é encontrado na Mitre Square.

Gabriel traçou o dedo ao longo da rota da Berner Street para a Mitre Square.

— É uma distância de quase um quilômetro — disse ele. — Fiz o caminho de todas as formas. Este segundo assassinato foi muito mais terrível. O corpo foi totalmente desmembrado e os órgãos foram removidos. O trabalho foi muito delicado em sua natureza, muito hábil. E foi feito na escuridão, em não mais do que alguns minutos. Trabalho que teria levado a um cirurgião muito mais tempo e certamente alguma luz. Simplesmente não é possível, e no entanto, aconteceu.

Tessa e Will consideravam o mapa na frente deles por um momento, enquanto a lareira crepitava suavemente atrás deles.

— Ele poderia ter uma carruagem — Will opinou.

— Mesmo com uma carruagem, simplesmente não haveria tempo para cometer esses atos. E são certamente atos cometidos pelo mesmo ser.

— Não é o trabalho de lobisomens?

— Definitivamente não — disse Gabriel. — Nem vampiros. Os corpos não foram drenados. Não foram consumidos ou rasgados. Foram cortados, com órgãos retirados e dispostos, como se para mostrar. Isto — Gabriel bateu no mapa para dar ênfase

— é de natureza demoníaca. E deixou Londres em pânico.

— Mas por que um demônio escolheria essas pobres mulheres? — Will perguntou.

— Deve haver algo de que ele necessita. O demônio parece pegar... os órgãos de engravidar. Proponho que patrulhemos o East End nesta área.

Gabriel desenhou um círculo em torno de Spitalfields com o dedo.

— Este é o centro da atividade. É o lugar onde ele deve estar. Estamos de acordo?

— Onde está Cecily? — Will perguntou.

— Ela já começou o trabalho. Está lá agora, falando com algumas das mulheres na rua. Achar mais fácil falar com ela. Temos que começar de uma vez.

Will assentiu com a cabeça.

— Eu tenho outra sugestão. Como a besta parece ser atraída para um determinado tipo de mulher, devemos usar encantos...

— Ou Transformações — acrescentou Tessa.

— ... para atrair o demônio.

Os olhos de Will eram como fogo azul.

— Você está sugerindo usar minha esposa e minha irmã para atrair a coisa para fora?

— É a melhor maneira — disse Gabriel. — E sua irmã é minha esposa. Tessa e Cecily são mais do que capazes, e estaremos lá também.

— É um bom plano — concordou Tessa, antecipando a próxima discussão de Will e Gabriel (eles sempre têm tempo para outra).

Gabriel assentiu.

— Mais uma vez, estamos de acordo?

Tessa olhou nos olhos azuis brilhantes de seu marido.

— De acordo — disse ela.

— De acordo — concordou Will. — Com uma condição.

— E essa condição é... — Gabriel se interrompeu com um suspiro. — Ah.—O Irmão Zachariah.

— Este monstro é violento — disse Will. — Podemos precisar de um curador. Alguém com o poder de um Irmão do Silêncio. Esta é uma situação especial.

— Não me lembro de uma situação que você não pensou ser especial e necessária a presença dele — Gabriel falou secamente. — Você tem sido conhecido por convocar o Irmão Zachariah por causa de um dedo do pé quebrado.

— Ele estava ficando verde — Will justificou.

— Ele está certo — disse Tessa. — Verde não combina com ele. Faz parecer bile — ela sorriu para Gabriel.

— Não há nenhuma razão para Jem não nos acompanhar. Podemos precisar dele e não faz mal tê-lo lá.

Gabriel abriu a boca e depois a fechou novamente com um clique. Ele não conhecia bem Jem Carstairs antes de ele se tornar um Irmão do Silêncio, mas gostava dele. Ainda assim, ao contrário de sua esposa, Gabriel era uma das pessoas que (claramente) achava estranho que, apesar de Tessa uma vez ter sido noiva de Jem, ela e Will o considerassem parte de sua família e tentavam incluí-lo em tudo o que faziam.

Havia poucas pessoas no mundo que compreendiam o quanto Will e Jem se amaram, o quanto ainda se amavam, e a falta que Will sentia dele. Mas Tessa entendia.

— Se nós pudermos salvar uma dessas pobres mulheres, temos de tentar — disse Tessa. — Se Jem puder ajudar, seria maravilhoso. Se não, Cecily e eu faremos tudo o que pudermos. Espero que você não ache falta coragem a nós.

Will parou de fuzilar Gabriel e se virou para Tessa. Ele olhou para ela e seu rosto suavizou: os vestígios do menino selvagem e quebrado que ele tinha sido desapareceram, substituídos pela expressão frequentemente usada pelo homem que ele era agora, que sabia o que era amar e ser amado.

— Querida — ele pegou a mão dela e a beijou. — Quem conhece a sua coragem melhor do que eu?

* * *

— Naquele mês de outubro — disse Tessa Gray — não houve assassinatos do Estripador relatados. O Instituto de Londres fez questão de patrulhar todas as noites, até o amanhecer. Acreditava-se que isso manteria o demônio oculto.

Lá fora tinha se tornado escuro, mesmo que fosse apenas cerca de três horas da tarde. O salão ficara consideravelmente mais frio depois que o sol desapareceu, e todos os estudantes estavam encolhidos nos assentos, os braços em torno de si para manter o calor, mas totalmente alertas. Tessa falava há algum tempo, mostrando mapas de Londres, descrevendo assassinatos verdadeiramente horríveis. Era o tipo de coisa que mantinha Simon acordado.

— Eu acho — disse ela, esfregando as mãos — que é hora para uma curta pausa. Retomaremos em meia hora.

Durante aulas teóricas longas, a Academia era misericordiosa o suficiente para permitir a cada poucas horas um momento para que eles usassem o banheiro, além de um pouco mais do chá escuro, que era servido fumegante em um dos grandes salões sobre urnas antigas. Simon estava com frio o suficiente para tomar uma xícara. Mais uma vez, alguns dos Caçadores de Sombras benevolentes tinham fornecido uma bandeja de bolinhos. Simon teve um vislumbre fugaz deles antes que eles foram arrebatados pelos alunos de elite, que foram dispensados primeiro. Alguns biscoitos tristes foram deixados de lado. Pareciam ter sido feitos de areia compactada.

— Boa a palestra hoje — disse George, pegando um biscoito seco. — Bem, não boa, mas mais interessante do que o habitual. Eu gosto da nova professora também. Você não pensaria que ela tem... quantos anos ela tem?

— Acho que cento e cinquenta ou algo assim. Talvez mais velha — disse Simon. Sua mente estava em outro lugar. Tessa Gray havia mencionado dois nomes: Jem Carstairs e o Irmão Zachariah.

Aparentemente, eles eram a mesma pessoa.

O que era interessante, porque em algum lugar nas memórias alteradas de Simon, ele conhecia esses nomes. E lembrou-se de Emma Carstairs, de frente para Jace, e não conseguia se lembrar

do motivo, mas sabia que algo tinha acontecido e eles diziam: Os Carstairs devem aos Herondale.

Simon olhou para Jace, que estava sentado em uma poltrona, circulado por muitos alunos.

— A senhorita Gray parece muito bem para cento e cinquenta — George comentou, olhando para onde Tessa estava examinava o chá, desconfiada. Quando ela se afastou da mesa, lançou um olhar rápido na direção de Jace. Havia uma tristeza melancólica em sua expressão.

Naquele momento Jace se levantou de sua cadeira, espalhando banquinhos. A elite se moveu para abrir caminho para ele, e houve um coro baixo de “Olá, Jace” e alguns suspiros quando ele fez o seu caminho até Simon e George.

— Você fez muito bem hoje — disse a George, que estava corado e parecia sem palavras.

— Eu... oh. Certo. Sim. Obrigado, Jace. Obrigado.

— Você ainda está dolorido? — Jace perguntou Simon.

— Principalmente o meu orgulho.

— Supõe-se que ele vá sobreviver à queda de qualquer maneira.

Simon estremeceu com a piada.

— Sério mesmo?

— Estive esperando para dizer isso por um tempo.

— Não é possível — a expressão de Jace mostrava que era realmente possível. Simon suspirou.

— Olha, Jace, se eu pudesse falar com você por um segundo...

— Qualquer coisa que você queira me dizer pode ser dita na frente do meu bom amigo George aqui.

Você vai se arrepender disso, Simon pensou.

— Tudo bem. Vá falar com Tessa.

Jace piscou.

— Tessa Gray? A feiticeira?

— Ela costumava ser uma Caçadora de Sombras — Simon falou com cuidado.

— Olha, ela estava nos contando uma história, uma parte da história, realmente, e você se lembra do que Emma disse? Sobre os Carstairs deverem aos Herondale?

Jace colocou as mãos nos bolsos.

— Claro, eu me lembro. Estou surpreso que você se lembre.

— Eu acho que você deve falar com Tessa — Simon repetiu. — Ela poderia te contar sobre os Herondale. Coisas que você ainda não sabe.

— Hm. Vou pensar sobre isso.

Ele se afastou. Simon olhou para as costas dele, frustrado. Desejou que pudesse se lembrar o suficiente sobre como ele e Jace interagiam normalmente para saber se isso significava que Jace ignoraria seus conselhos ou não.

* * *

— Ele o trata como um amigo — disse George. — Ou um igual. Vocês realmente se conhecem. Quero dizer, eu sabia disso, mas...

Sem surpresa, Jonathan Cartwright aproximou-se deles.

— Apenas falando com Jace, hein?

— Você é um detetive? — Simon respondeu. — Os seus poderes de observação são surpreendentes.

Jonathan agiu como Simon não tivesse falado.

— Sim, Jace e eu nos encontraremos mais tarde.

— Você realmente vai manter a pretensão de que conhece Jace? — perguntou Simon.

— Porque você sabe que não vai funcionar agora, certo? Eventualmente Jace apenas vai chegar e dizer que não o conhece.

Jonathan parecia taciturno. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, no entanto, foi dado o sinal para que todos voltasse ao salão, e Simon entrou na multidão atrás dos outros. Eles tomaram seus lugares novamente, e estabeleceram-se para ouvir Tessa.

— Tínhamos decidido fazer patrulhas noturnas da região — Tessa recomeçou. — Nosso dever como Caçadores de Sombras é proteger o mundo mundano da influência de demônios. Nós caminhamos, assistimos e alertamos todos que podíamos. Tanto quanto foi possível, as mulheres que trabalhavam no East End tentaram tomar mais cuidado e não andar sozinhas. Mas para as mulheres nessa profissão, segurança raramente era algo a ser considerado. Eu sempre assumi que suas vidas fossem difíceis, mas eu não tinha ideia...

Londres, 9 de novembro de 1888

Tessa Herondale certamente sabia o que era a pobreza, que ela existia. No momento em que sua tia tinha morrido e ela era uma jovem sem amigos que pudessem defendê-la em Nova York, sentiu o sopro frio da pobreza como um monstro espreitando em suas costas. Mas no mês anterior, quando ela e Cecily andaram pelas ruas de East London à guisa de prostitutas, ela conheceu o que teria sido se a pobreza a pegasse e a rasgasse com suas garras.

Elas vestiram o papel – idade, roupas esfarrapadas, rouge pesado nas bochechas. Tiveram que usar encantamentos para o resto, para as verdadeiras marcas de prostituta que interpretavam.

Falta de dentes. Pele amarelada. Corpos finos de desnutrição e dobrados de doença. As mulheres que andavam e caminhavam a noite toda porque não havia nenhum lugar para dormir, nenhum lugar para sentar. Vendiam-se por tostões para comprar gim porque o gim as mantinha quentes, tirava a dor por uma hora, anestesiava-as para a realidade terrível e brutal de suas vidas. Se essas mulheres pudessem conseguir dinheiro para ter um lugar para dormir durante a noite, isso não significava uma cama. Significaria um canto no chão, ou mesmo apenas alguma parede em que se encostar, com uma corda envolvendo o espaço para evitar que aqueles que dormiam caíssem. Ao início da madrugada, eles seriam atirados para a rua novamente.

Caminhando entre eles, Tessa sentiu-se suja. sentiu os restos de seu jantar em sua barriga.

Ela sabia que sua cama no Instituto era quente e continha alguém que amava e iria protegê-la. Estas mulheres tinham contusões e cortes. Brigavam por cantos e pedaços de espelho quebrado e retalhos de pano.

E havia também crianças. Sentavam-se nas ruas fétidas, não importando a idade. Suas peles eram tão sujas como se nunca tivessem sido lavadas. Ela se perguntou quantos deles já tiveram uma refeição quente em suas vidas, servida em um prato. Se já conheceram uma casa.

Acima de tudo, havia o cheiro. O cheiro era o que realmente penetrou na alma de Tessa. O azedo de urina, excrementos e vômito.

— Estou ficando cansada disso — disse Cecily.

— Penso que todo mundo aqui está cansado — Tessa respondeu.

Cecily suspirou tristemente.

— Um passeio de carruagem para fora e as ruas são tranquilas e impecáveis. É um mundo diferente no West End.

Um homem bêbado aproximou-se e fez uma insinuação. Uma vez que elas tinham que interpretar o papel, Cecily e Tessa sorriram e o levaram a um beco, onde o enfiaram em um barril vazio de ostras e o largaram.

— Um mês disto e nenhuma pista — Tessa falou enquanto se afastavam das pernas do homem que balançavam para cima.

— Ou nós o estamos afastando...

— Ou isso simplesmente não está funcionando.

— Magnus Bane seria útil em um momento como este.

— Magnus Bane está desfrutando de Nova York — Cecily respondeu. —Você é a nossa feiticeira.

— Eu não tenho experiência de Magnus. De qualquer forma, está quase amanhecendo. Mais uma hora e podemos ir para casa.

Will e Gabriel tinham se hospedado no pub Ten Bells, que parecia ser o lugar central para as novidades do assassino. De fato, muitos moradores disseram ter visto lá as vítimas dos assassinatos. Às vezes Jem vinha com notícias da Cidade do Silêncio. Não era incomum para

Cecily e Tessa voltarem exaustas para o pub ao romper da aurora e encontrarem Gabriel e Will dormindo, e o Irmão Zachariah embrulhado em mantos cor de pergaminho à mesa.

Jem estaria lendo um livro, ou em silêncio olhando para fora da janela. Ele podia ver à sua maneira, apesar de seus olhos fechados. Ele usava encantamentos de modo que sua aparência não chocasse os habitantes da taverna. Tessa sempre podia sentir Cecily ficar tensa à primeira visão de Jem: runas pretas marcavam seu rosto, e não havia uma única faixa branca em seu cabelo escuro.

Às vezes, depois que Cecily e Gabriel os deixavam, Tessa se sentava com a mão na de Jem e Will dormindo em seu ombro, ouvindo a chuva nas janelas. Nunca durava por muito tempo, porém, desde que ela não gostava de deixar os filhos sozinhos, embora Bridget fosse uma excelente babá.

Foi difícil para ambas as famílias. As crianças acordavam para encontrar quatro pais esgotados que se marcavam com runas infinitas para se manterem acordados e que mal podiam acompanhar Anna, correndo com o colete de seu tio, ou James, acenando com a colher e tentando encontrar o punhal que tinha visto e amado. Lucie acordava em todas as horas que precisava de leite e colo.

E aqui estava, outro amanhecer caminhando pelas ruas do East End, e para quê?

E o amanhecer estava chegando cada vez mais tarde.

As noites eram tão longas. À medida que o sol se erguia sobre a Christ Church em Spitalfields, Cecily se virou para Tessa novamente.

— Casa — disse ela.

— Casa — Tessa concordou, cansada.

Eles tinham combinado para que uma carruagem viesse buscá-las naquela manhã em Gun Street. Encontrariam Will e Gabriel lá. Eles pareciam um pouco desgastados, já que muitas vezes tinham que beber gim a noite toda a fim de se misturarem aos habitantes locais.

Não houvera visita de Jem naquela noite, e Will parecia inquieto.

— Vocês descobriram alguma coisa? — perguntou Tessa.

— O mesmo de sempre — respondeu Gabriel, balbuciando um pouco.

— Todas as vítimas foram vistas com um homem. Ele varia em estatura e todos os tipos de aparência.

— Então provavelmente é um Eidolon — disse Will. — É tão genérico que pode até mesmo ser um Du'sien, mas não acho que um Du'sien poderia chegar tão perto e convencer uma mulher de que ele era um humano real, não importa o quanto ela estivesse bêbada.

— Mas isso não nos diz nada — Cecily apontou. — Se é um Eidolon, poderia ser qualquer um.

— É notavelmente consistente, embora — disse Will.

— Ele sempre vem como um homem e sempre leva as mulheres. Estamos chegando a algum lugar com isso.

— Ou não estamos chegando a lugar nenhum — observou Gabriel. — Ele não voltou.

— Nós não podemos fazer isso para sempre.

Eles haviam tido essa mesma conversa todas as noites durante a semana anterior. Esta terminou como sempre, com os dois casais inclinando-se um para o outro na parte de trás da carruagem e adormecendo até chegarem ao Instituto. Eles cumprimentavam seus filhos, que estavam tendo seu café da manhã com Bridget e escutavam com os olhos semicerrados enquanto Anna divagava sobre seus muitos planos para o dia e James batia com a colher.

Tessa e Will começaram a subir os degraus para o seu quarto. Cecily esperou por Gabriel, que estava persistente na sala da frente.

— Estarei lá em breve — disse ele, com os olhos vermelhos.

— Só quero ler os jornais da manhã.

Gabriel sempre fazia isso – sempre checava, todas as manhãs. Então Tessa, Will e Cecily voltaram para a cama. Uma vez em seu quarto, Tessa limpou o rosto na bacia com a água quente que Bridget deixara. O fogo na lareira crepitava, e a cama estava atrás, esperando por eles. Eles deitaram com gratidão.

Mal tinham caído no sono quando Tessa ouviu uma batida febril e Gabriel abriu a porta.

— Já aconteceu de novo — disse ele, sem fôlego. — Pelo Anjo, este é o pior ainda.

A carruagem foi chamada de volta, e dentro de uma hora, eles estavam em seu caminho de volta para o East End, desta vez vestidos no uniforme.

— Aconteceu em um lugar chamado Miller's Court, fora de Dorset Street — disse Gabriel.

De todas as ruas terríveis em East London, Dorset Street era a pior. Era uma ruazinha curta, logo na saída da Commercial Street. Tessa aprendera muito nas idas e vindas pela Dorset Street nas últimas semanas. Um par de abusivos proprietários controlava grande parte da rua.

Havia tanto ali, tanta pobreza e fedor lotando um pequeno espaço que parecia que empurrariam o ar para fora dos pulmões. As casas eram subdivididas em pequenos quartos, cada pequeno espaço alugado. Esta era uma rua onde todos tinham um olhar vazio, onde o sentimento predominante era de desespero.

No caminho, Gabriel contou-lhes o que conseguiu descobrir a partir do jornal – o endereço (número treze) e o nome da vítima (Mary Kelly). Havia um desfile movendo-se através da cidade pelo aniversário do prefeito. A notícia do crime havia se espalhado, embora, e eles fizeram seu caminho ao longo do percurso do desfile. Meninos entregando jornais gritavam notícias de assassinatos e vendiam como loucos. Cecily olhou para fora da cortina da carruagem.

— Eles parecem estar celebrando.

— Eles estão sorrindo e correndo para comprar os jornais. Meu Deus, como as pessoas podem celebrar uma coisa dessas?

— É interessante — disse Will, com um sorriso negro. — Perigo é atraente. Especialmente para aqueles com nada a perder.

— Vai ser uma loucura lá embaixo — observou Gabriel.

Na verdade, multidões já haviam se reunido ao longo de toda a estrada para a Dorset Street. Os moradores estavam todos para fora assistindo a polícia.

A polícia tentava refrear as pessoas a partir de uma pequena soleira escura na metade da rua.

— Aqui — disse Gabriel. — Miller's Court. Nós não seremos capazes de chegar perto, a menos que você consiga, Tessa. Há um detetive chamado Abberline da Scotland Yard. Se pudermos trazê-lo aqui, ou um dos policiais que trabalham lá dentro...

— Eu vou pegar um deles — disse Will, entrando no meio da multidão.

Ele voltou alguns minutos depois com um homem de idade mediana, com uma aparência gentil. Ele parecia estar muito ocupado, e sua testa enrugava com consternação.

O que quer que Will lhe tenha dito, foi o suficiente para atraí-lo para longe do local do crime.

— Onde ele está? — perguntou, seguindo Will. — Tem certeza absoluta...

— Absoluta.

Era difícil evitar que as pessoas os seguissem, de modo que Cecily, Tessa e Gabriel tiveram que bloquear o caminho enquanto Will levava o inspetor por um beco. Ele assobiou alguns momentos mais tarde. Estava de pé na porta de um quarto alugado barato.

— Aqui dentro — disse Will. O inspetor estava no canto, parecendo descansar. Suas roupas faltavam.

— Ele vai ficar bem, mas deve acordar em breve. Vista isto.

Enquanto Tessa pegava as roupas e Transformou-se em Abberline, Will a atualizou com mais alguns fatos que conseguira a partir de pessoas na rua. Mary Kelly foi provavelmente vista pela última vez às duas e meia da manhã, mas uma pessoa alegou tê-la visto mais tarde, lá pelas oito e meia. De qualquer maneira, o que a tivesse matado já devia ter desaparecido há muito.

Uma vez que Tessa estava pronta, Will a ajudou a abrir caminho de volta através da multidão até a Dorset Street, até o pequeno portal na Miller's Court. Tessa passou pela passagem escura e encontrou-se em um pequeno pátio, largo o suficiente para dar a volta. Havia várias casas ali, caiadas de branco mais barato.

Dezenas de rostos a olhavam a partir de janelas quebradas e sujas.

O número treze era apenas um cômodo, claramente parte de um espaço maior no qual uma partição barata tinha sido construída. Estava quase vazio, contendo apenas algumas peças de mobiliário quebrado. Estava muito, muito quente, como se uma lareira tivesse queimado durante toda a noite.

Em todo o seu tempo de luta contra demônios, Tessa nunca tinha visto nada assim.

Havia sangue.

Era uma quantidade tão grande que Tessa se perguntou como um corpo pequeno poderia conter tanto. Ele cobria o piso preto, e a cama em que a mulher descansava estava totalmente

manchada. Não havia outra cor. Assim como a própria mulher, não era mais a mesma. O corpo dela fora destruído de uma forma que mal podia ser compreendido. Aquilo deve ter demorado. Seu rosto – não havia muito o que falar. Muitas partes dela foram removidas. Podiam ser vistas em muitos lugares, em torno dela na cama. Alguns órgãos estavam sobre uma mesa.

Um homem estava debruçado sobre ela. Havia uma maleta de médico no chão, então Tessa firmou-se e, em seguida, falou:

— Bem, doutor?

O médico virou.

— Penso que teremos que movê-la em breve. Eles estão tentando entrar. Teremos que movê-la cuidadosamente.

— Resuma para mim a situação geral. Preciso de um relatório conciso.

O médico levantou-se e limpou as mãos manchadas de sangue na calça.

— Bem, há um profundo corte na garganta. A cabeça foi quase separada do corpo. Você pode ver que o nariz se foi, e grande parte da pele. Há tantos cortes e incisões no abdômen que mal sei por onde começar. A cavidade abdominal está vazia e as mãos foram colocadas no interior da abertura. Você pode ver que ele deixou parte do conteúdo aqui nesta sala, mas faltam alguns. O coração se foi. A pele sobre a mesa acredito ser das coxas...

Tessa não podia realmente ter muito mais das informações. Aquilo era o suficiente.

— Posso ver — disse ela. — Há alguém com quem tenho que falar.

— Faça os preparativos para que ela seja transferida — o médico concordou.

— Não podemos mantê-la aqui. Eles vão entrar. Eles querem ver.

— Policial — Tessa disse a um oficial na porta — faça com que uma carruagem seja trazida.

Tessa afastou-se rapidamente entrando mais uma vez no meio da multidão, respirando tão profundamente quanto podia para tirar o cheiro de sangue e entranhas de seu nariz. Sentiu um mal-estar que não tinha experimentado desde suas gravidezes.

Will deu uma olhada nela e abraçou-a. Cecily veio para frente e colocou saís de cheiro sob seu nariz. Tinham aprendido que saís aromáticos eram necessários.

— Tragam o detetive — pediu Tessa, quando ela tinha recuperado. — Ele é necessário.

O inspetor foi recuperado e vestido.

Os saís aromáticos foram aplicados, e ele lentamente acordou. Uma vez que estava de pé e lhe foi assegurado que ele simplesmente desmaiou, eles deixaram a área rapidamente e tomaram a direção de White's Row.

— Fosse o que fosse — disse Gabriel — é provável que esteja muito longe. Aconteceu horas atrás. Por o corpo estar dentro de casa, passou despercebido por algum tempo.

Ele tirou o Sensor, mas não mostrou nenhuma atividade.

— Sugiro que voltemos ao Instituto — ele continuou. — Aprendemos que pudemos aqui. É hora de nos aplicarmos ao problema de uma maneira diferente. Temos que olhar para as pistas que deixa para trás

— As pessoas — disse Tessa.

— As pessoas — Gabriel se corrigiu.

* * *

Eles estavam mais despertos agora. Tessa se perguntou se ela nunca dormiria novamente. Descobriu a transição do Leste para o Oeste de Londres mais repugnante dessa vez – os edifícios limpos, o espaço aberto, as árvores, os parques, as belas carruagens, as roupas lindas e lojas. E apenas alguns quilômetros para o outro lado...

— O que está feito não pode ser desfeito — disse Will, pegando sua mão.

— Você não a viu.

— Mas vamos pegar a coisa que a atacou.

Assim que eles entraram na Fleet Street, Tessa sentiu que algo não estava certo. Ela não conseguia descobrir o que era. A rua estava totalmente tranquila. Um dos empregados de uma propriedade vizinha varria folhas da calçada. Havia um carrinho de carvão e uma banca de vegetais.

Ela ficou ereta, todos os nervos tensos, e quando a carruagem parou, abriu a porta rapidamente e saltou para fora. Vendo sua reação, os outros três a seguiram de forma semelhante.

A primeira coisa que confirmou seus temores foi Bridget não recebê-los na porta.

— Bridget? — Tessa chamou.

Nada.

Ela olhou para as janelas – limpas, intactas, escuras. As cortinas tinham sido puxadas. Will abriu a porta.

Encontraram Bridget ao pé da escada.

Cecily correram para ela.

— Inconsciente, mas respirando. As crianças! Quem está com as crianças?

Como um, eles correram até as escadas. Todas as luzes estavam apagadas, todas as portas estavam fechadas, cada cortina fechada. Cada um tomou uma direção diferente, correndo para o berçário, para os quartos, para cada cômodo nos andares superiores.

Nada.

— *Caçadores de Sombras...*

A voz não era nem homem nem mulher, e parecia vir de todos os lugares. Will e Tessa se encontraram no corredor, e Will ergueu a pedra enfeitiçada.

— O que é você? — ele gritou. — Onde estão as crianças?

— *Caçadores de Sombras...*

— Onde estão as crianças? Você não tem interesse nelas. Mostre-se.

— *Caçadores de Sombras...*

Gabriel e Cecily apareceram, lâminas serafim prontas. Will e Tessa estenderam a mão para suas próprias armas. Eles desceram os degraus, observando em todas as direções.

— Eu os sigo — sussurrou a voz, que agora parecia vir de abaixo deles. — Caçadores de Sombras. Eu os sigo para casa. Joguem meu jogo.

— Qual é o seu jogo? — Will gritou de volta. — Eu jogarei o que você quiser, desde que mostre-se.

— O jogo é de esconder. Eu gosto de esconder. Gosto de tomar... as partes. Eu escondo. Eu pego as partes.

— Eu sei que você tem uma forma — disse Will. — Você foi visto. Mostre-se.

— Colher!

O grito veio da direção da sala de jantar. Todos os quatro correram em direção à voz. Quando abriram a porta, encontraram James de pé na extremidade do cômodo, colher erguida para o alto.

— James! — exclamou Tessa. — Venha para a mamãe! Vamos, James!

James riu e, em vez de correr para Tessa, virou-se na direção da grande lareira, dentro da qual o fogo queimava forte. Ele correu diretamente para as chamas.

— James!

Will e Tessa correram para ele, mas no meio do caminho, o fogo irrompeu em uma infinidade de cores: azul, verde e preto. Calor derramou-se a partir dele, enviando-os para trás aos tropeços.

Ele diminuiu tão rapidamente quanto havia surgido.

Eles correram novamente para a lareira, mas não havia nenhum sinal de James.

— Não, não! — Tessa gritou. — *Jamie!*

Ela se lançou para o fogo; Will a pegou e a puxou para trás. Tudo parecia escuro e silencioso nos ouvidos de Tessa. Tudo o que podia pensar era em seu bebê. Sua risada suave, o cabelo negro tempestade como o do pai, sua doce disposição, a forma como colocava os braços ao redor de seu pescoço, suas pestanas contra suas faces.

De alguma forma, ela havia caído no chão. O peso estava nos joelhos. James, ela pensou desesperadamente.

Uma mão fria fechou-se sobre seu pulso. Havia palavras em sua cabeça, suaves e silenciosas, frescas como água. Eu estou aqui.

Seus olhos se abriram. Jem estava ajoelhado sobre ela. O capuz de seu manto estava jogado para trás, seu cabelo preto e prata em desalinho.

Está tudo bem. Aquele não era James. Era o próprio demônio, enganando vocês. James está na casa.

Tessa suspirou.

— Meu Deus! É verdade?

Braços fortes de repente estavam ao redor dela, abraçando-a apertado.

— É verdade. Jem tem um feitiço de rastreamento em Lucie e James desde que nasceram. Eles estão vivos, só precisam que nós os encontremos. Tess... Tessa...

Ela sentiu as lágrimas de Will contra seu ombro.

Jem ainda segurava a mão dela. *Eu chamei James*, ela pensou, *e ele veio*.

Tessa ficou onde estava. Pela primeira vez em sua vida, ela refletiu, suas pernas pareciam tão fracas que não conseguia levantar.

Will tinha os braços em torno dela e sua mão estava na de Jem. Isso foi o suficiente para acalmar sua respiração.

A Cidade do Silêncio acredita que o demônio é uma espécie de impostor. Isso significa que vocês terão que persegui-lo ao redor do Instituto. Suas motivações não estão claras, mas parecem ser as de uma criança.

— Se for uma criança... — Tessa começou, quase para si mesma.

Os outros se virou para ela.

— Se for uma criança, ele pensa que está jogando um jogo. Ele brinca com as mulheres. Acho que ele quer... uma mãe.

De repente, foi como se um grande vento sacudisse o cômodo.

— *Eu vou jogar* — gritou uma voz diferente.

— Jessamine! — percebeu Will. — Ela está dentro de casa.

— Eu vou jogar com você — disse a voz de Jessamine, mais alto agora. Ela parecia vir de todos os quartos.

— Eu tenho brinquedos. Tenho uma casa de bonecas. Jogue comigo.

Houve um longo silêncio. Em seguida, todos os jatos de gás queimaram, enviando colunas de chama azul quase até o teto. Tão rapidamente eles foram sugados de volta para os recipientes e o lugar ficou escuro novamente. A lareira se apagou.

— Minha casa de bonecas é maravilhosa — a voz de Jessamine continuou. — É pequenina.

— *Pequenina?* — foi a resposta.

— Traga as crianças e vamos jogar.

Houve outra grande lufada de vento através da sala.

— O quarto de Jessamine — disse Will.

Eles fizeram o seu caminho com cuidado até o quarto de Jessamine, onde a porta estava aberta.

Havia ali a casa de bonecas de Jessamine, seu orgulho e alegria, e ao lado dela, a figura transparente e tênue de Jessamine. Um momento depois, algo desceu da chaminé, uma espécie de névoa que dividiu-se em pedaços e flutuou sobre o quarto como nuvens. Jessamine estava ocupada movimentando as bonecas em um dos quartos e não dava atenção a ninguém.

— Nós precisamos de mais gente para jogar — disse ela.

— É muito pequena. São tantas peças.

A névoa foi em direção à casa de bonecas, mas Jessamine de repente avultou-se. Ela tornou-se uma teia, envolvendo a casa de bonecas.

— Nós precisamos de mais para jogar — Jessamine assobiou. — As crianças.

— Elas estão nas paredes.

— Nas paredes? — perguntou Gabriel. — Como elas podem...

— As chaminés — disse Cecily. — Ele usa as chaminés.

Eles correram de sala em sala. Cada criança foi encontrada, dormindo, enfiada em uma chaminé. Anna estava em um dos quartos de Caçadores de Sombras vazios. James estava na cozinha.

Lucie estava no quarto de Cecily e Gabriel.

Uma vez que eles estavam seguros junto de Bridget, os dois casais de pais voltaram para o quarto de Jessamine, onde a figura cintilante de Jessamine brincava com uma menina pequena. Jessamine parecia estar totalmente absorta no jogo até que viu os outros, que acenaram para ela.

— Agora vamos jogar um novo jogo — sugeriu Jessamine.

A pequena menina se virou para Jessie, e Tessa viu seu rosto. Ele era pálido e suave, o rosto de uma criança, mas seus olhos eram inteiramente pretos, sem a parte branca. Eles pareciam partículas de cinzas.

— Não. Este jogo.

— Você deve fechar os olhos. É um jogo muito bom. Nós vamos brincar de esconder.

— Esconder?

— Sim. Vamos brincar de esconde-esconde. Você deve fechar seus olhos...

— Eu gosto de esconder.

— Mas primeiro você deve procurar. Feche os olhos.

A criança-demônio, uma menina pequena aparentando apenas cinco anos de idade, fechou os olhos.

Assim que ela o fez, Will trouxe a lâmina serafim para baixo e o quarto foi salpicado com icor.

* * *

— E assim o demônio se foi — disse Tessa. — O problema, é claro, era que o resto de Londres não poderia ser avisado de que tudo estava acabado. Jack, o Estripador aparecera do nada, e agora não havia Jack, o Estripador, para colocar no banco dos réus. Não haveria nenhuma captura, julgamento, nem enforcamento público. Os assassinatos simplesmente pararam. Nós consideramos encenar alguma coisa, mas havia tanto escrutínio nesse argumento que sentimos que poderia complicar as coisas. Mas do jeito que foi, nós não precisamos fazer nada. O público e os jornais publicaram a história. Novas coisas foram publicadas todos os dias, embora se soubesse que não havia nada a relatar. Descobriu-se que as pessoas estavam dispostas a inventarem teorias por conta própria, e continuaram a fazê-lo desde 1888. Todos queriam pegar o assassino intocável. Todo mundo quer ser o herói da história. E isso se mantém verdadeiro em muitos casos desde então. Na ausência de fatos, a mídia, muitas vezes, inventa histórias por si mesma. Ela pode nos salvar de um monte de trabalho. De muitas formas, a mídia moderna é um dos nossos maiores ativos quando se trata de encobrir a verdade. Não desconsiderem os mundanos. Eles tecem suas próprias histórias para darem sentido ao seu mundo. Alguns de vocês mundanos nos ajudarão a ter um melhor senso de nós mesmos. Agradeço pela sua atenção esta tarde — finalizou Tessa. — Desejo-lhes toda a sorte do mundo no prosseguimento de sua formação. O que vocês fazem é corajoso e importante.

— Uma salva de palmas para a nossa estimada convidada — pediu Catarina.

Ela foi aplaudida, e Tessa desceu os degraus e foi até um homem, que a beijou de leve no rosto. Ele era magro e muito elegante, vestido de preto e branco. Seu cabelo negro tinha uma única faixa branca, completando o visual dicromático.

Memórias assaltaram Simon, algumas de fácil acesso, algumas escondidos por trás da rede frustrante do esquecimento. Jem esteve no casamento de Luke e Jocelyn também. A maneira como ele sorriu para Tessa, e ela de volta para ele, deixou claro que o relacionamento deles era... eles estavam apaixonados da maneira mais real e mais verdadeiro.

Simon pensou na história de Tessa, do Jem que tinha sido um Irmão do Silêncio, que fizera parte de sua vida há muito tempo. Irmãos do Silêncio viviam um longo tempo, e a memória de nevoeiro de Simon o recordou algo sobre alguém que tinha sido devolvido à vida mortal pelo fogo celestial. O que significava que Jem vivera na Cidade do Silêncio por mais de cem anos, até que o seu serviço estava terminado. Ele voltou à vida para viver com o seu amor imortal.

Agora, aquilo era uma relação complicada. Fazia uma pequena perda de memória e de status anterior de vampiro parecer quase normais.

* * *

O jantar daquela noite foi um novo terror culinário: comida mexicana. Havia frango assado, ou pollo asado, com as penas ainda presas, e tortillas quadradas.

Jace não apareceu. Simon não teve que olhar ao redor para procurá-lo, com todo o refeitório em alerta. Se aquela poderosa cabeça loira dele tivesse sido avistada, Simon teria ouvido o ar sendo segurado. O jantar foi seguido por duas horas de estudo obrigatório na biblioteca.

Depois de tudo isso, Simon e George voltaram para seu quarto, apenas para encontrar Jace de pé ao lado da porta.

— Boa noite — cumprimentou ele.

— Sério — disse Simon. — Há quanto tempo você ficou esperando aqui?

— Eu queria falar com você — Jace tinha as mãos enfiadas nos bolsos e estava encostado na parede, parecendo um anúncio para uma revista de moda. — Sozinho.

— As pessoas vão dizer que estamos apaixonados — observou Simon.

— Você poderia ir para o nosso quarto — disse George. — Se quiser conversar. Se for privado, posso colocar tampões nos ouvidos.

— Eu não vou entrar lá — apontou Jace, olhando pela porta aberta. — Esse lugar é tão úmido que provavelmente poderia eclodir rãs das paredes.

— Ah, isso vai ficar na minha cabeça agora — reclamou George. — Eu odeio sapos.

— Então o que você quer? — indagou Simon.

Jace sorriu levemente.

— George, vá entrando — pediu Simon, um pouco de desculpas no tom de voz. — Já vou.

George entrou no quarto e fechou a porta atrás dele. Simon estava agora sozinho com Jace em um longo corredor, que era uma situação que ele sentiu que nunca tinha estado.

— Obrigado — disse Jace, surpreendentemente direto. — Você estava certo sobre Tessa.

— Ela falou com você?

— Eu fui para falar com ela — Jace pareceu timidamente satisfeito, como se uma pequena luz dentro dele tivesse sido acesa. Era o tipo de expressão que, Simon suspeitava, faziam meninas desmaiar em seu caminho.

— Ela é minha tatatara-alguma-coisa-avó. Ela era casada com Will Herondale. Apreendi sobre ele antes. Ele ajudou a impedir uma grande invasão demoníaca na Grã-Bretanha. Ela e Will foram os primeiros Herondale a comandar o Instituto de Londres. Quero dizer, não é algo que eu não soubesse, historicamente, mas isto é... Bem, tanto quanto eu sei, não há ninguém vivo que partilhe sangue comigo. Mas Tessa sim.

Simon encostou-se à parede do corredor.

— Você contou à Clary?

— Sim, fiquei no telefone com ela por algumas horas. Ela disse que Tessa sugeriu algumas dessas coisas durante o casamento de Jocelyn e Luke, mas ela não veio me abordar. Não queria que eu me sentisse sobrecarregado.

— E você? Sentiu-se sobrecarregado, quero dizer?

— Não. Sinto que há alguém que entende o que significa ser um Herondale. Ambas as partes, boas e as más. Eu me preocupava que ser um Herondale talvez significasse que eu fosse fraco como meu pai. E então aprendi mais e pensei que talvez fosse esperado que eu fosse uma espécie de herói.

— Sim — disse Simon. — Eu sei como é isso.

Eles compartilharam um pequeno momento de bizarro silêncio sociável – o garoto que tinha esquecido tudo sobre a sua história e o menino que nunca a conheceu.

Simon quebrou o silêncio.

— Você vai vê-la novamente? Tessa?

— Ela diz que buscará a mim e a Clary para fazermos um tour na casa Herondale em Idris.

— Será que você encontrará Jem também?

— Nós já nos encontramos antes. No Basílias, em Idris. Você não se lembra, mas eu...

— ... fez com que ele deixasse de ser um Irmão do Silêncio — completou Simon. — Eu me lembro.

— Nós conversamos em Idris — disse Jace. — Muito do que ele disse faz mais sentido para mim agora.

— Então você está feliz.

— Eu estou feliz. Quero dizer, tenho sido feliz, realmente, desde a Guerra Maligna terminou. Eu tenho Clary, e tenho a minha família. A única mancha escura foi você. Não se lembrou de Clary, ou Izzy. Ou eu.

— Desculpe estragar a sua vida com a minha amnésia inconveniente — Simon murmurou.

— Eu não quis dizer isso desta maneira. Queria dizer que eu gostaria que você se lembrasse de mim porque... — ele suspirou. — Esqueça.

— Olha, Herondale, você me deve uma agora. Espere aqui fora.

— Por quanto tempo? — Jace pareceu ofendido.

— O tempo que for preciso.

Simon entrou em seu quarto e fechou a porta. George, que estava deitado na cama estudando, pareceu triste quando Simon informou-lhe que Jace estava à espreita no corredor.

— Ele está *me* deixando nervoso agora — disse George. — Quem iria querer Jace Herondale seguindo você, sendo todo misterioso e taciturno e loiro... Tudo bem. Provavelmente muita gente. Ainda assim, eu gostaria que ele não fizesse isso.

Simon não se incomodou em trancar a porta do quarto, parcialmente porque não havia fechaduras na Academia dos Caçadores de Sombras, e em parte porque se Jace decidisse entrar e ficar na cama de Simon a noite toda, ele faria isso, houvesse fechadura ou não.

— Ele deve querer alguma coisa — George falou, tirando a camiseta de rúgbi e atirando-a no canto do quarto.

— Este é um teste? Será que vamos ter que lutar com Jace no meio da noite? Si, sem querer diminuir nossas incríveis proezas de combate contra demônios, mas não acho que seja uma luta que possamos vencer.

— Eu não penso assim — disse Simon, caindo em sua cama, que desceu muito mais do que deveria. Aquilo definitivamente era pelo menos duas molas se quebrando.

Eles se preparavam para dormir. Como de costume, no escuro, eles falaram sobre o mofo e as muitas possibilidades de bichos rastejando sobre eles no escuro. Ele ouviu George virar para a parede, o sinal de que ele estava prestes a dormir e que o bate-papo noturno estava terminado.

Simon estava acordado, com as mãos atrás da cabeça, o corpo ainda dolorosamente ferido pela queda da árvore.

— Você se importa se eu acender a luz? — perguntou.

— Não, vá em frente. Eu mal posso ver de qualquer maneira.

Eles ainda diziam “acender a luz” como se fossem acionar rapidamente um interruptor. Eles tinham velas na Academia – pequenos tocos de velas que pareciam ter sido feitos especialmente para produzir o mínimo de luz possível. Simon remexeu no pequeno criado-mudo ao lado de sua cama, encontrou os fósforos e acendeu a vela, que puxou para a cama com ele, equilibrando-a no colo de uma forma que era, provavelmente, insegura. Uma coisa boa sobre o chão úmido era que a probabilidade de pegar fogo era nula. Ele ainda podia se queimar se a vela virasse em seu colo, mas era a única maneira que ele seria capaz de ver e escrever.

Ele esticou novamente o braço em busca de papel e caneta.

Sem mensagens de texto aqui. Sem digitação. A boa caneta e papel eram necessários aqui. Ele fez um apoio improvisada com um livro e começou a escrever:

Querida Isabelle...

Ele deveria começar com “querida”? Era a maneira como se costumava começar cartas, mas agora que ele leu, parecia estranho e antiquado e talvez demasiado íntimo.

Ele pegou uma nova folha.

Isabelle...

Bem, aquilo parecia gritar. Como se ele estivesse com raiva, apenas dizendo seu nome assim.

Outra folha.

Izzy...

Não. Definitivamente não. Eles não estavam para apelidos ainda. Como diabos começaria uma carta como esta? Simon considerou um casual “Hey...” ou talvez apenas esquecer a saudação e ir direto à mensagem. Trocar sms era muito mais fácil do que isso.

Ele pegou novamente a folha que começava com “Isabelle”. Era a escolha do meio. Ele teria que ir com isso.

Isabelle,

Eu caí de uma árvore hoje.

Estou pensando em você, enquanto estou na minha cama bolorenta.

Eu vi Jace hoje. Ele pode desenvolver intoxicação alimentar. Só queria que você soubesse.

Eu sou o Batman.

Estou tentando descobrir como escrever esta carta.

Ok. Aquilo foi um possível início, e verdadeiro.

Deixe-me dizer-lhe algo que você já sabe – você é incrível. Você sabe disso. Eu sei disso. Qualquer um pode ver isso. Aqui está o problema, não sei o que eu sou. Tenho que descobrir quem sou antes de aceitar que sou alguém que merece alguém como você. Não é algo que eu possa aceitar só porque já ouvi isso. Eu preciso conhecer esse cara. E sei que sou aquele cara que você amava, só tenho que conhecê-lo.

Estou tentando descobrir como isso aconteceu. Acho que isso acontece aqui, nesta escola, onde eles tentam matá-lo todos os dias. Acho que isso leva tempo. Sei que as coisas que levam tempo são irritantes.

Eu sei que é difícil. Mas tenho que chegar lá pelo jeito difícil.

Esta carta provavelmente é estúpida. Eu não sei se você ainda está lendo. Não sei se você vai rasgá-la ou cortá-lo ao meio com seu chicote ou o quê.

Tudo isso saiu em um fluxo contínuo. Ele bateu a caneta contra a testa por um minuto.

Entregarei isto a Jace para ele lhe dar. Ele esteve me seguindo ao longo do dia como uma espécie de sombra. Ele está aqui para certificar-se de que eu não morri, ou para certificar-se de que vou morrer, ou talvez por sua causa.

Talvez você o tenha mandado.

Eu não sei. Ele é Jace. Quem sabe o que ele está fazendo? Darei isto a ele. Talvez ele leia antes que esta carta chegue a você. Jace, se você estiver lendo isso, tenho certeza de que você terá intoxicação alimentar. Não use os banheiros.

Não foi romântico, mas ele decidiu deixar assim. Podia fazer Isabelle rir.

Se você está lendo isso, Jace, pare agora.

Izzy... eu não sei por que você esperaria por mim, mas se o fizer, prometo que valerá a pena. Ou tentarei fazer com que valha. Posso prometer que vou tentar.

– Simon

Simon abriu a porta e não se surpreendeu ao encontrar Jace do lado de fora dela.

— Aqui — disse Simon, entregando-lhe a carta.

— Você levou o tempo suficiente — comentou Jace.

— Agora estamos quites — disse Simon. — Vá a festa no encontro na casa Herondale com sua família estranha.

— Eu pretendo — Jace falou e sorriu, um sorriso estranhamente cativante. Ele tinha um dente lascado. O sorriso o fez parecer que ele tinha a idade de Simon, e talvez eles fossem amigos depois de tudo. — Boa noite, Wiggles.

— Wiggles?

— Sim, Wiggles. Seu apelido? É o que você sempre nos fez chamá-lo. Quase esqueci que seu nome era Simon, estou tão acostumado a chamá-lo de Wiggles.

— Wiggles? O que... isso quer dizer?

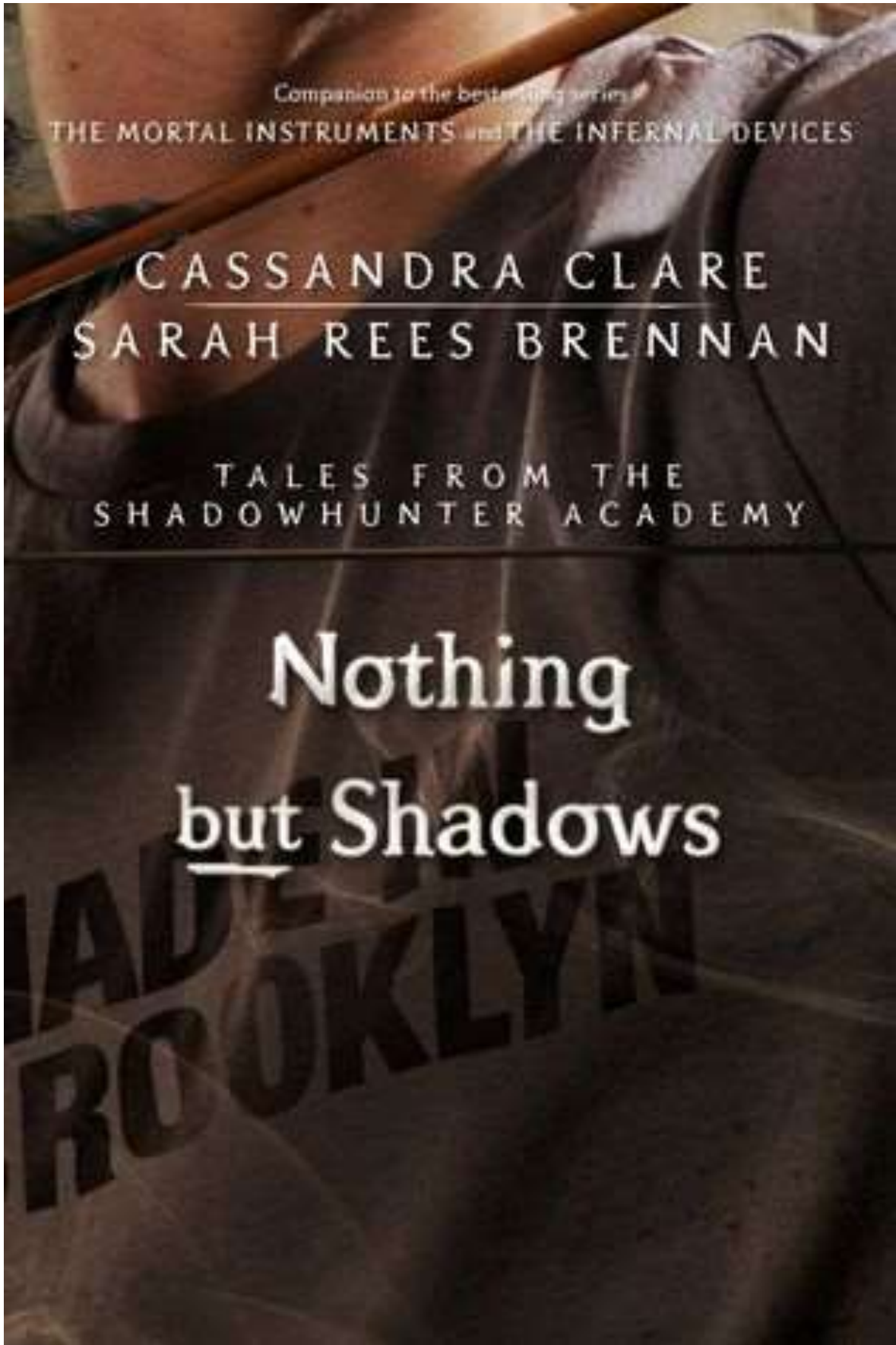
— Você nunca nos explicou — Jace respondeu com um encolher de ombros.

— Era o grande mistério sobre você. Como eu disse, boa noite, Wiggles. Eu cuidarei disso.

Ele levantou a carta e a balançou para despedir-se.

Simon fechou a porta. Sabia que a maioria das pessoas no salão provavelmente tinha ouvido tudo o que eles falaram. Sabia que pela manhã ele seria chamado Wiggles e não havia nada que poderia fazer sobre isso.

Mas era um preço pequeno a pagar para entregar uma carta para Isabelle.



Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INFERNAL DESIRES

CASSANDRA CLARE
SARAH REES BRENNAN

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

Nothing
but Shadows

MADE IN
BROOKLYN

NADA ALÉM DE SOMBRAS

Neste conto, Simon aprende sobre o tempo de James Herondale na Academia dos Caçadores de Sombras. É difícil ser um Caçador de Sombras quando se tem poderes demoníacos, e Simon descobre mais sobre as dificuldades que o meio-feiticeiro James Herondale sofreu na escola neste prelúdio de As últimas horas.

Academia dos Caçadores de Sombras, 2008

A luz quente do sol da tarde fluía através das fendas nas paredes da sala de aula, pintando a pedra cinza da parede de amarelo. A elite e a escória estavam igualmente sonolentos depois de um longo dia de treinamento com Scarsbury, e Catarina Loss dava-lhes uma lição de história. História aplicada à elite e à escória, para que eles pudessem aprender toda a glória dos Caçadores de Sombras e aspirar fazer parte dessa glória. Nessa aula, Simon pensou, nenhum deles parecia diferente do outro – não que eles estivessem todos unidos pela glória, mas todos estavam igualmente cheios de tédio.

Até que Marisol respondeu a uma pergunta corretamente, e Jon Cartwright chutou o encosto da cadeira dela.

— Incrível — Simon assobiou de trás de seu livro. — Esse é um comportamento muito legal. Parabéns, Jon. Cada vez que um mundano responde errado uma pergunta, você diz que é porque eles não podem subir para o nível de Caçadores de Sombras. E cada vez que um de nós responde certo, você os pune. Tenho que admirar a sua consistência.

George Lovelace recostou-se na cadeira e sorriu, respondendo a Simon sua próxima linha.

— Não vejo como isso é consistente, na verdade.

— Bem, ele é consistentemente um idiota — explicou Simon.

— Posso pensar em outras palavras para ele — comentou George.

— Mas algumas delas não podem ser usadas perto das moças, e outras são em galês e não podem ser compreendidas por vocês, estrangeiros loucos.

Jon parecia perturbado. Possivelmente ele porque as cadeiras deles estavam longe demais para chutar.

— Eu só acho que ela não deve falar fora de hora — ele respondeu.

— É verdade que se vocês mundanos ouvissem a nós, Caçadores de Sombras — disse Julie — poderiam aprender alguma coisa.

— Se vocês Caçadores de Sombras ouvissem o que falam — observou Sunil, um mundano que morava mais ao fundo do corredor (lodoso) de George e Simon

— poderiam aprender algumas coisas por si mesmos.

As vozes estavam aumentando. Catarina começava a parecer muito irritada. Simon fez um gesto para Marisol e Jon ficarem quietos, mas ambos ignoraram. Simon sentiu-se da mesma forma de quando ele e Clary provocaram um incêndio em sua cozinha, tentando fazer uvas passas e brindar quando tinham seis anos: ficou espantado e chocado que as coisas tivessem dado errado tão rápido.

Então ele percebeu que era uma nova memória. Sorriu com o pensamento de Clary com uvas salpicadas em seu cabelo vermelho, e deixou a situação de sala de aula intensificar.

— Eu vou te ensinar algumas lições no campo de treinamento — Jon estalou. — Eu poderia desafiá-la para um duelo. Meça suas palavras.

— Essa não é uma má ideia — comentou Marisol.

— Oh, ei — disse Beatriz. — Duelos aos quatorze anos são uma má ideia.

Todos olharam com desprezo para Beatriz, a voz da razão.

Marisol fungou.

— Não é um duelo. É um desafio. Se a elite nos vencer em um desafio, então eles podem falar primeiro na aula por uma semana. Se nós vencermos, então eles ficam calados.

— Eu vou fazer isso, e você vai se arrepender de sugerir isso, mundana. Qual é o desafio? — perguntou Jon. — Cajado, espada, arco, punhal, uma corrida de cavalos, uma luta de boxe? Eu estou pronto!

Marisol sorriu docemente.

— Beisebol.

Perplexidade em massa e pânico apareceu entre os Caçadores de Sombras.

— Eu não estou pronto — George sussurrou. — Não sou americano e não jogo beisebol. É como críquete, não é? Ou é mais como *hurling*?

— Você tem um esporte chamado *hurling*, “arremesso” na Escócia? — Simon sussurrou de volta. — O que vocês arremessam? Batatas? Crianças pequenas? Estranhos.

— Eu explico mais tarde — disse George.

— Eu explico o beisebol — Marisol falou com um brilho nos olhos.

Simon um pressentimento de que Marisol seria uma assustadora especialistazinha em beisebol, da mesma maneira que era em esgrima. Ele também tinha a sensação de que a corrente da elite ficou surpresa.

— E eu vou explicar como uma praga demoníaca quase dizimou os Caçadores de Sombras — Catarina falou em voz alta na frente da classe.

— Ou explicaria, se os meus alunos parassem de brigar e ouvissem por um minuto!

Todo mundo ficou quieto e escutou humildemente sobre a praga. Foi só quando a aula terminou que todos começaram a falar sobre o jogo de beisebol novamente. Simon tinha, pelo menos, jogado antes, então estava correndo para arrumar seus livros e sair quando Catarina chamou:

— Diurno. Espere.

— De verdade, “Simon” seria bom — ele observou.

— As crianças da elite estão tentando replicar a escola de que ouviram falar de seus pais — Catarina disse.

— Estudantes mundanos são feitos para serem vistos e não ouvidos, para aproveitar o privilégio de estar entre os Caçadores de Sombras e se prepararem para a sua Ascensão ou morte em um espírito de humildade. Só que vocês tem criado problemas entre eles.

Simon piscou.

— Você está me dizendo para não ser tão duro com os Caçadores de Sombras porque é apenas a forma como eles foram criados?

— Seja tão duro com os pequenos idiotas presunçosos como gostaria de ser. É bom para eles. Só estou dizendo para perceber o efeito que você está tendo e o efeito que poderia ter. Você está em uma posição quase única, Diurno. Só conheço um único estudante que caiu da elite para a escória – sem contar Lovelace, que estaria na escória desde o início se os Nephilim não fossem tão presunçosos. Mas enfim, os pressupostos presunçosos são a parte favorita deles.

Isso surtiu o efeito que Catarina sabia que teria. Simon parou de tentar guardar sua cópia do *Códex dos Caçadores de Sombras* em sua mochila e sentou-se. O resto da turma demoraria algum tempo para se preparar antes que realmente entendesse o jogo de beisebol. Simon poderia ficar mais um pouco.

— Ele era um mundano também?

— Não, ele era um Caçador de Sombras — disse Catarina. — Frequentou a Academia mais de um século atrás. Seu nome era James Herondale.

— Um Herondale? *Outro Herondale?* — perguntou Simon.

— Herondale sem parar. Você já teve a sensação de que está sendo perseguido por Herondales?

— Não é verdade. Não que eu tenha reparado. Magnus disse que eles tendem a ser muito parecidos. Claro, Magnus também disse que eles tendem a ter uma mente estranha. James Herondale foi meio que um caso especial.

— Deixe-me adivinhar — disse Simon. — Ele era loiro, convencido e adorado pelo populacho.

As sobrancelhas cor de marfim de Catarina subiram.

— Não, eu me lembro de Ragnor mencionando que ele tinha cabelos escuros e óculos. Havia outro rapaz na escola, Matthew Fairchild, que batia a essa descrição. Eles não se davam muito bem.

— Sério? — perguntou Simon, e reconsiderou. — Bem, então sou do time James Herondale. Aposto que Matthew era um idiota.

— Oh, eu não sei. Sempre o achei charmoso, na minha opinião. A maioria das pessoas achava. Todo mundo gostava de Matthew.

Esse garoto Matthew *devia* ter sido charmoso, Simon pensou. Catarina raramente falava sobre algum Caçador de Sombras com qualquer coisa próximo de aprovação, mas aqui estava ela, sorrindo com carinho ao pensar em um garoto de uma centena de anos atrás.

— Todo mundo, exceto James Herondale? — perguntou Simon.

— O Caçador de Sombras que foi expulso da corrente de Caçadores de Sombras. Será que Matthew Fairchild não tem nada a ver com isso?

Catarina saiu de trás da sua mesa de professora e foi para a fenda para flechas que era a janela. Os raios do sol atingiam os cabelos brilhantes em linhas brancas, quase dando-lhe uma auréola. Mas não era bem assim.

— James Herondale era o filho de anjos e demônios — ela falou suavemente.

— Ele estava sempre fadado a trilhar um caminho difícil e doloroso, beber água amarga com a doce, pisar onde havia espinhos, bem como flores. Ninguém podia salvá-lo disso. As pessoas tentaram.

Academia dos Caçadores de Sombras, 1899

James Herondale disse a si mesmo que estava se sentindo mal apenas por causa dos solavancos da carruagem. Ele também realmente estava muito animado para ir à escola. Seu pai pegou a nova carruagem do tio Gabriel para que poder levar James de Alicante para a Academia, apenas eles dois. Ele não tinha perguntado se poderia pegar emprestado a carruagem do tio Gabriel.

— Não fique tão sério, Jamie — seu pai disse, murmurando uma palavra em galês para os cavalos que os fez trotarem mais rápido.

— Gabriel quer que usemos a carruagem. Está tudo entre a família.

— Tio Gabriel mencionou ontem à noite que havia pintado recentemente a carruagem. Muitas vezes. E ameaçou chamar a polícia e te prender. Muitas vezes.

— Gabriel vai parar de falar sobre isso em poucos anos — o pai piscou um olho azul para James. — Porque todos nós estaremos conduzindo automóveis até lá.

— Mamãe diz que você nunca pode dirigir um automóvel — James observou. — Ela fez eu e Lucie prometermos que se você dirigisse, não deveríamos entrar.

— Sua mãe estava apenas brincando.

James balançou a cabeça.

— Ela nos fez jurar pelo Anjo.

Ele sorriu para o pai, que balançou a cabeça para Jamie, o vento bagunçando seu cabelo preto. A mãe dizia que ele e Jamie tinha o mesmo cabelo, mas Jamie sabia que o seu próprio cabelo estava sempre desarrumado. Tinha ouvido as pessoas chamarem o cabelo de seu pai de indisciplinado, o que significava ser desarrumado com elegância.

O primeiro dia de escola não era um bom dia para James pensar em como ele era tão diferente de seu pai.

Durante o caminho de Alicante, várias pessoas os pararam na estrada, dando a exclamação habitual: “Oh, Sr. Herondale.” Caçadoras de Sombras de muitas idades diziam isso para seu pai:

três palavras que eram suspiro e apelo ao mesmo tempo. Outros pais eram chamados de “senhor”, sem o prefixo “oh”. Com um pai tão notável, as pessoas tendiam a buscar um filho que seria, talvez, uma estrela menor para o sol escaldante de Will Herondale, mas ainda alguém que brilhasse. Eles eram sempre sutis, mas ficavam inconfundivelmente desapontados ao descobrir James, que não era muito notável.

James lembrou de um incidente que tornou a diferença entre ele e seu pai fortemente aparente. Era sempre os momentos mais ínfimos que voltavam para James no meio da noite e o mortificavam muito, como se fossem os cortes quase invisíveis que se mantinham ardendo.

Uma moça mundana apareceu na livraria Hatchards em Londres. Hatchards era a livraria mais bonita da cidade, pensou James, com sua madeira escura e vitrine frontal, que fazia toda a loja parecer solene e especial, com os seus recantos secretos e esconderijos internos onde se podia agachar com um livro e ficar bastante quieto. A família de James muitas vezes ia para Hatchards todos juntos, mas quando James e seu pai iam sozinhos, as senhoras muitas vezes encontravam uma razão para andar até eles e iniciar uma conversa.

O pai disse à moça que passava os dias caçando suas raras primeiras edições. Ele sempre encontrava algo para dizer às pessoas, sempre fazê-las rir. Parecia um estranho e maravilhoso poder para James, algo impossível de alcançar, como seria para ele mudar de forma como um lobisomem. James não se preocupava com as mulheres que se aproximam do pai. Seu pai nenhuma vez olhou para qualquer mulher da maneira como olhava para a mãe, com alegria e graça, como se ela fosse um desejo realizado, demonstrando toda a esperança do passado.

James não conhecia muitas pessoas, mas estava bem em ser tranquilo e prestar atenção. Sabia que o que havia entre seus pais era algo raro e precioso.

Ele se preocupava apenas porque as mulheres que se aproximavam do pai eram estranhos e James teria que conversar.

A moça na livraria tinha se inclinado e perguntado:

— E o que você gosta de fazer, homenzinho?

— Eu gosto de... livros — James havia dito. Enquanto estava na livraria, com um pacote de livros debaixo do braço. A moça lhe lançara um olhar de pena. — Eu leio sim, muito

— James continuou, mestre sombrio do óbvio. Rei do óbvio. Imperador do óbvio. A moça ficou tão impressionada que se afastou sem dizer uma palavra.

James nunca soube o que dizer às pessoas. Nunca sabia como fazê-las rir. Ele viveu os treze anos de sua vida principalmente no Instituto de Londres, com seus pais e sua irmã mais nova, Lucie, e um grande número de livros. Nunca teve um amigo menino.

Agora, estava indo para Academia de Caçadores de Sombras, para aprender a ser um guerreiro tão grande como seu pai, e um guerreiro não deveria ficar tão preocupado com o fato de que teria que falar com as pessoas.

Haveria um monte de gente.

Haveria um monte de conversas.

James se perguntou por que as rodas da carruagem do tio Gabriel não caíam. Perguntou-se por que o mundo era tão cruel.

— Eu sei que você está nervoso sobre ir à Academia — o pai disse, por fim. — Sua mãe e eu não tínhamos certeza sobre enviá-lo.

James mordeu o lábio.

— Vocês acharam que eu seria um desastre?

— O quê? Claro que não! Sua mãe estava simplesmente preocupada com enviar para longe a única outra pessoa na casa que tem algum juízo.

James sorriu.

— Temos sido muito felizes, com a nossa pequena família unida — continuou o pai. — Eu nunca pensei que pudesse ser tão feliz. Mas, talvez, o tenhamos mantido isolado em Londres também. Seria bom para você fazer alguns amigos da sua idade. Quem sabe você pode encontrar seu futuro parabatai na Academia.

O pai podia dizer o que quisesse sobre ser culpa dele e de sua mãe ele se manter isolado; James sabia que não era verdade. Lucie tinha ido à França com a mãe e conhecera Cordelia Carstairs, e em duas semanas elas haviam se tornado o que Lucie descrevia como companheiras íntimas. Trocavam cartas toda semana, folhas e folhas de papel rabiscadas e com esboços. Lucie era tão isolada quanto James. James fizera visitas também, e nunca fez um amigo. A única pessoa que ele gostava era uma menina, e ninguém poderia saber sobre Grace. Talvez Grace ainda não gostasse dele se conhecesse qualquer outra pessoa. Não era culpa de seus pais que ele não tivesse amigos. Era alguma falha dentro de si mesmo, James pensava.

— Talvez — o pai continuou casualmente — você e Alastair Carstairs se deem bem.

— Ele é mais velho do que eu! — James protestou. — Não terá tempo para um novo garoto.

O pai deu um sorriso irônico.

— Quem sabe? Essa é a coisa maravilhosa sobre fazer mudanças e conhecer estranhos, Jamie. Você nunca sabe quando e nunca sabe quem, mas um dia um estranho vai estourar através da porta de sua vida e vai transformá-lo totalmente. O mundo vai virar de cabeça para baixo, e você será mais feliz.

O pai ficou tão feliz quando Lucie tornou-se amiga de Cordelia Carstairs. O parabatai dele uma vez se chamara James Carstairs, embora seu nome oficial, agora que ele pertencia aos Irmãos do Silêncio – uma ordem de monges cegos Marcados com runas que ajudavam os Caçadores de Sombras na escuridão – fosse Irmão Zachariah. Ele contara a James mil vezes sobre como conheceu tio Jem, sobre os anos que tio Jem tinha sido o único que acreditava nele, que viu o seu verdadeiro eu. Até que mamãe apareceu.

— Eu falei com você muitas vezes da sua mãe e do seu tio Jem e tudo o que fizeram por mim. Eles me tornaram uma nova pessoa. Eles salvaram a minha alma — o pai disse, sério como ele raramente era.

— Você não sabe o que é ser salvo e transformado. Mas você vai saber. Como seus pais, devemos dar-lhe a oportunidade de ser desafiado e transformado. Foi por isso que concordamos em enviá-lo para a Academia. Mesmo que sentiremos sua falta terrivelmente.

— Terrivelmente? — perguntou James com timidez.

— Sua mãe diz que vai ser corajosa e ficar calada. Os americanos são sem coração. Eu vou chorar no meu travesseiro todas as noites.

James riu. Ele sabia que não ria muito, e o pai parecia particularmente satisfeito sempre que conseguia fazê-lo rir. James era, aos treze anos, um pouco velho para tais demonstrações, mas desde esse dia, passariam meses e meses até que visse o pai novamente e ele estava com um pouco com medo de ir para a Academia, então aninhou-se contra pai e pegou sua mão. O pai segurava as rédeas com uma mão e com a outra pegou a mão de James no bolso fundo de seu casaco. James descansou a bochecha contra o ombro do pai, sem se importar com os solavancos da carruagem enquanto desciam as estradas rurais de Idris.

Ele queria um *parabatai*. Queria um urgentemente.

Um parabatai era um amigo que tinha escolhido você para ser seu melhor amigo, que tornara sua amizade permanente. Eles eram a certeza sobre o quanto gostavam de você, aquela certeza de que nunca o devolveria. Encontrar um parabatai parecia para James a chave de tudo, o primeiro passo essencial para uma vida onde ele poderia ser tão feliz como seu pai era, tão brilhante como um Caçador de Sombras quanto seu pai era, encontrar um amor tão grande quanto o amor que seu pai tinha encontrado. Não que James tivesse qualquer garota em particular em mente, James disse a si mesmo, sufocando todos os pensamentos sobre Grace, a garota secreta; Grace, que precisava ser resgatada. Ele queria um parabatai, o que tornava a Academia mil vezes mais aterrorizante.

James estava em segurança durante este tempo, descansando no ombro de seu pai, mas muito em breve eles chegariam ao vale onde a escola ficava.

A Academia era magnífica, um prédio cinza que brilhava entre as árvores recolhidas como uma pérola. Lembrou James dos edifícios góticos de livros como *Os Mistérios de Udolpho* e *O Castelo de Otranto*.

Situado na parede cinzenta do prédio estava um enorme vitral colorido com uma dúzia de cores brilhantes, que mostrava um anjo empunhando uma espada. O anjo olhava para baixo em um pátio repleto de alunos, todos conversando e rindo, tudo o que havia para se tornarem os melhores Caçadores de Sombras que poderiam ser. Se James não pudesse encontrar um amigo aqui, ele sabia, não seria capaz de encontrar um amigo em todo o mundo.

* * *

O tio Gabriel já estava no pátio. Seu rosto tinha virado uma sombra alarmante vermelho escuro. Ele gritava alguma coisa sobre ladrões Herondale.

O pai virou-se para a reitora, uma senhora que tinha inquestionavelmente uns cinquenta anos de idade, e sorriu. Ela corou.

— Reitora Ashdown, faria a gentileza de me levar em um tour pela Academia? Fui criado no Instituto de Londres com apenas outro aluno — a voz do meu pai suavizou, como sempre acontecia quando ele falava do tio Jem. — Nunca tive o privilégio de frequentar por mim mesmo.

— Oh, Sr. Herondale! — respondeu a reitora Ashdown. — É claro.

— Obrigado — disse o meu pai. — Vamos, Jamie.

— Oh, não — disse James. — Eu vou... eu vou ficar aqui.

Ele se sentiu desconfortável assim que seu pai ficou fora de sua vista, caminhando de braço dado com a reitora e lançando um sorriso malicioso ao tio Gabriel, mas James sabia que tinha que ser corajoso, e esta era a oportunidade perfeita. Entre a multidão de alunos no pátio, James vira dois rapazes que conhecia.

Um era alto e tinha aproximadamente treze anos, com um choque desordenado de cabelos castanhos claros. O rosto estava virado para o outro lado, mas James sabia que o menino tinha olhos cor de lavanda surpreendentes. Tinha ouvido meninas em festas dizerem que aqueles olhos eram desperdiçados em um menino, especialmente um menino tão estranho quanto Christopher Lightwood.

James conhecia seu primo Christopher melhor do que qualquer outro garoto na Academia. Tia Cecily e tio Gabriel tinham passado muito tempo em Idris ao longo dos últimos anos, mas antes ambas as famílias estavam juntas muitas vezes: todos tinham ido ao País de Gales passar alguns feriados, antes que os avós morressem. Christopher era um pouco estranho e extremamente vago, mas sempre foi bom com James.

O rapaz de pé ao lado de Christopher era pequeno e magro como uma ripa, a cabeça quase chegando ao ombro de Christopher. Thomas Lightwood era primo de Christopher, e não de James, mas James chamava a mãe de Thomas de tia Sophie porque ela era a melhor amiga da mãe. James gostava de tia Sophie, que era tão bonita e sempre gentil.

Ela e sua família estavam vivendo em Idris nos últimos anos, bem como tia Cecily e tio Gabriel – o marido de tia Sophie era o irmão do tio Gabriel. Contudo, tia Sophie vinha sozinha para Londres em visitas. James vira a mãe e tia Sophie saírem das salas de ensaio rindo juntas como se fossem meninas tanto quanto sua irmã, Lucie. Tia Sophie uma vez chamou Thomas de seu garoto tímido, o que fizera James achar que ele e Thomas poderiam ter muito em comum. Nas grandes reuniões familiares, quando estavam todos juntos, James furtivamente lançara alguns olhares para Thomas, e o encontrava sempre parado tranquilo e inquieto à margem de um grupo maior, geralmente olhando para um dos meninos mais velhos. Ele queria ir até Thomas e iniciar uma conversa, mas não tinha certeza do que dizer.

Duas pessoas tímidas provavelmente seriam bons amigos, mas havia o pequeno problema de como chegar a esse ponto. James não tinha ideia.

Agora era a chance de James, no entanto. Os primos Lightwood eram sua melhor esperança para fazer amigos na Academia. Tudo o que ele tinha a fazer era ir lá e falar com eles.

James abriu caminho através da multidão, desculpando-se quando outras pessoas lhe davam uma cotovelada.

— Olá, rapazes — disse uma voz atrás de James, e alguém o empurrou como se não pudesse vê-lo.

James viu Thomas e Christopher virarem por sua vez, como flores para o sol. Eles sorriram com boas-vindas radiantes e idênticas, e James viu a parte de trás de uma cabeça loira brilhando.

Havia outro menino da idade de James na Academia que ele conhecia um pouco: Matthew Fairchild, cujos pais James chamava de tia Charlotte e tio Henry, porque a tia Charlotte tinha praticamente criado o pai quando ela era a líder do Instituto de Londres e antes de se tornar Consulesa – o cargo mais importante que um Caçador de Sombras poderia ser. Matthew não tinha vindo para Londres nas poucas vezes que tia Charlotte e o irmão dele, Charles, visitavam. Tio Henry tinha sido ferido em batalha anos antes de qualquer um deles nascer, e ele não saía de Idris muitas vezes, mas James não sabia por que Mathew não venha visitar. Talvez ele se divertisse bastante em Idris. Uma coisa que James tinha certeza era que Matthew Fairchild não era tímido.

James não vira Matthew em um par de anos, mas lembrava-se dele de forma muito clara. Em cada reunião de família, onde James permanecia no canto das multidões ou saía para ler nas escadas, Matthew era a vida e a alma da festa. Ele conversava com os adultos como se fosse um adulto. Dançava com senhoras de idade. Podia ser charmoso com pais e avós, e calava os bebês que choravam. Todo mundo adorava Mathew.

James não se lembrava de Matthew se vestir como um maníaco antes de hoje. Matthew vestia calções quando toda gente sã usava calças, e uma jaqueta de veludo cor de amora. Até mesmo seu cabelo dourado brilhante estava escovado de uma forma que parecia a James mais complicado do que a forma como os outros meninos estavam.

— Isso não é um aborrecimento? — Matthew perguntou a Christopher e Thomas, os dois rapazes que James queria como amigos. — Todo mundo aqui parece um idiota. Eu já estou em agonia terrível, contemplando minha juventude desperdiçada. Não fale comigo, ou vou desabar e soluçar descontroladamente.

— Não, não — disse Christopher, dando um tapinha no ombro de Matthew. — Você está chateado por aquilo novamente?

— É culpa da sua cara, Lightwood — disse Matthew, e lhe deu uma cotovelada.

Christopher e Thomas riram, aproximando-se dele. Todos eles já eram obviamente amigos, e Matthew era tão claramente o líder. O plano de James para fazer amigos estava em ruínas.

— Er — disse James, o som soando como um soluço social trágico. — Olá.

Christopher olhou para ele com inexpressiva amabilidade, e o coração de James, que já estava na altura de seus joelhos, afundou até as meias. Em seguida, Thomas disse:

— Olá! — E sorriu.

James sorriu de volta, grato por um instante, e então Matthew Fairchild se virou para ver quem Thomas cumprimentava.

Ele era mais alto do que James, seu cabelo desalinhado delineado pelo sol enquanto ele o olhava. Matthew deu a impressão de que estava olhando para baixo de uma altura muito maior do que realmente estava.

— Jamie Herondale, certo? — Matthew perguntou.

James se eriçou.

— Eu prefiro James.

— Eu preferiria estar em uma escola dedicada à arte, beleza e cultura, em vez de num barraco de pedra cinza medonho cheio de arruaceiros que aspiram nada mais do que vencer demônios com enormes espadas — devolveu Matthew. — No entanto, aqui estamos nós.

— E eu preferiria ter alunos inteligentes — disse uma voz atrás deles. — No entanto, aqui estou, ensinando em uma escola para os Nephilim.

Eles se viraram e pararam, como um só. O homem atrás deles tinha cabelo branco como a neve, que ele parecia jovem demais para possuir, e chifres brotando entre os cabelos brancos. A coisa mais notável sobre ele, no entanto, o que James notou de imediato, era a pele verde, da cor de uvas. James sabia que deveria ser um feiticeiro. Na verdade, sabia quem ele deveria ser: o antigo Alto Bruxo de Londres, Ragnor Fell, que vivia boa parte do tempo no campo, fora Alicante, e que tinham concordado este ano que ensinaria na Academia como uma diversão de estudos mágicos.

James sabia que feiticeiros eram boas pessoas, aliados dos Caçadores de Sombras. O pai muitas vezes falou sobre seu amigo Magnus Bane, que tinha sido gentil quando ele era jovem. O pai nunca mencionara se Magnus Bane era verde. James nunca tinha pensado em perguntar. Agora, estava se perguntando urgente e constantemente.

— Qual de vocês é Christopher Lightwood? — Ragnor Fell perguntou em voz severa. Seu olhar passou por todos, e pousou na pessoa mais parecendo culpada no grupo. — É você?

— Graças ao Anjo, não — exclamou Thomas, e ficou vermelho sob seu bronzado de verão. — Sem ofensa, Christopher.

— Oh, nada feito — disse Christopher levemente. Ele piscou para Ragnor, como se o homem alto, verde e assustador tivesse desviado totalmente sua atenção até o momento.

— Olá senhor.

— É você Christopher Lightwood? — Ragnor perguntou, um pouco ameaçador. Sua atenção passou de Christopher e se concentrou em uma árvore.

— Hã? Acho que sim.

Ragnor olhou para baixo, para o cabelo castanho desalinhado de Christopher. James estava começando a ficar com medo que ele entraria em erupção como um vulcão verde.

— Você não tem certeza, Sr. Lightwood? Será que, talvez, teve um encontro infeliz quando era criança?

— Hã? — indagou Christopher.

A voz de Ragnor aumentou.

— Entre sua cabeça de criança e o chão?

Foi quando Matthew Fairchild disse:

— Senhor — e sorriu.

James tinha esquecido do sorriso, apesar de muitas vezes ter presenciado seu efeito nas festas de família. O Sorriso dava a Matthew mais tempo antes de dormir, pudim de Natal extra, qualquer coisa a mais que ele queria. Os adultos eram incapazes de resistir ao Sorriso. Matthew dava tudo de si para este Sorriso em particular. Manteiga derretia. Pássaros cantavam. Pessoas escorregavam atordoadas em meio à manteiga e o canto dos pássaros.

— Senhor, você tem que perdoar Christopher. Ele é um pouco distraído, mas é definitivamente Christopher. Seria muito difícil confundir Christopher com qualquer outra pessoa. Garanto por ele, e ele não pode negar isso.

O Sorriso funcionou em Ragnor, como funcionava em todos os adultos. Ele se curvou um pouquinho.

— Você é Matthew Fairchild?

O Sorriso de Matthew tornou-se mais brincalhão.

— Eu poderia negar, se quisesse. Poderia negar qualquer coisa, se quisesse. Mas o meu nome é Matthew mesmo. E tem sido Matthew há anos.

— O quê? — Ragnor Fell olhou como se tivesse caído em um poço de lunáticos e não pudesse sair.

James pigarreou.

— Ele está citando Oscar Wilde, senhor.

Matthew olhou para ele, seus olhos escuros se arregalaram de repente.

— Você é um devoto de Oscar Wilde?

— Ele é um bom escritor — James falou friamente. — Há um monte de bons escritores. Eu leio cada um deles — acrescentou, deixando claro que ele estava certo de que Matthew não lia.

— Cavalheiros — Ragnor Fell disse, sua voz parecia um punhal. — Se puderem se afastar de sua fascinante conversa literária por um momento e ouvirem um dos instrutores no estabelecimento aonde supostamente vêm para aprender, tenho uma carta aqui sobre Christopher Lightwood e o infeliz incidente que causou à Clave tal preocupação.

— Sim, aquele foi um acidente muito infeliz — concordou Matthew, balançando fervorosamente como se ele tivesse certeza da simpatia do Ragnor.

— E essa não foi a palavra que usei, Sr. Fairchild, como estou certo que você está ciente. A carta diz que você se ofereceu para assumir a responsabilidade total pelo Sr. Lightwood, e que jurou solenemente manter todos e quaisquer explosivos em potencial fora de seu alcance enquanto estivesse na Academia.

James olhou do feiticeiro para Matthew e Christopher, que encarava uma árvore com benevolência sonhadora. Em desespero, ele olhou para Thomas.

Explosivos?, ele perguntou em silêncio.

— Não pergunte — disse Thomas. — Por favor.

Thomas era mais velho que James e Christopher, mas muito menor. Tia Sophie o manteve em casa mais um ano porque estava doente. Ele não parecia doente agora, mas ainda era menor. Seus trajes, combinados com o cabelo e olhos castanhos e sua baixa estatura, o fazia parecer pequeno cavalo preocupado. James encontrou-se querendo bater de leve na cabeça de Thomas.

Matthew deu um tapinha na cabeça de Thomas.

— Senhor Fell — disse ele. — Thomas. Christopher. Jamie.

— James — James corrigiu.

— Não se preocupe — Matthew falou com imensa confiança. — Quero dizer, com certeza, preocupe-se que nós estejamos presos em uma cultura guerreira árida sem apreciação para as coisas realmente importantes na vida. Mas não se preocupe com coisas explodindo, porque não permitirei que nada exploda.

— Isso era tudo o que precisava dizer — Ragnor Fell respondeu. — E você poderia ter dito isso com muito menos palavras.

Ele se afastou em um redemoinho de pele verde e mau humor.

— Ele era verde! — Thomas sussurrou.

— Realmente — disse Matthew, muito seco.

— Oh, mesmo? — perguntou Christopher brilhantemente. — Não reparei.

Thomas olhou tristemente para Christopher. Matthew ignorou elegantemente.

— Eu gostei da tonalidade única de nosso professor. Isso me lembrou dos cravos verdes que os seguidores de Oscar Wilde usam para imitá-lo. Um dos atores, hum, enfeitava sua roupa com um cravo verde no palco.

— Foi em O leque de Lady Windermere — disse James.

Matthew estava claramente se exibindo, tentando parecer superior e especial, e James não tinha tempo para isso.

Matthew deu o Sorriso para ele. James não se surpreendeu ao descobrir que era imune a seus efeitos mortais.

— Sim — disse ele. — É claro. Jamie, posso ver que como um companheiro admirador de Oscar Wilde...

— Uh — disse uma voz à esquerda de James. — Vocês, garotos novos mal estão aqui há cinco minutos, e tudo o que conseguem encontrar para conversar é sobre um mundano que foi enviado para a prisão por indecência?

— Então você conhece Oscar Wilde também, Alastair? — perguntou Matthew.

James olhou para o rapaz mais alto e mais velho. Ele tinha cabelos escuros, mas as sobrancelhas brilhantes, fortemente marcadas, como pinceladas negras muito subjetivas. Portanto, este era Alastair Carstairs, o irmão do melhor amigo de Lucie, a quem o pai esperava que James fosse amigo. James tinha imaginado alguém mais amigável, mais como Cordelia.

Talvez Alastair fosse mais amigável se não ligasse James ao imprestável Mathew.

— Eu sei sobre muitos criminosos mundanos — disse Alastair Carstairs em tons frios.

— Li os jornais mundanos para encontrar indícios de atividade demoníaca. Certamente não me incomodo em ler peças de teatro.

Os dois meninos concordaram como bons Caçadores de Sombras. Matthew riu na cara deles.

— Naturalmente. Para que serve a tristeza, sem imaginação de pessoas para peças de teatro? — perguntou. — Pinturas ou dança, ou qualquer coisa que tornam a vida interessante. Estou tão feliz por estar nesta pequena e úmida escola onde eles vão tentar jogar minha mente para baixo até que fique quase tão estreita quanto a sua.

Ele deu um tapinha no braço de Alastair Carstairs. James ficou surpreso que ele não foi imediatamente atingido no rosto. Thomas estava olhando para Alastair com tanto pânico como James sentia.

— Corra agora — Matthew sugeriu. — Vá. Jamie e eu estávamos conversando.

Alastair riu, sua risada soando mais irritada do que uma palavra afiada teria.

— Eu só estava tentando dar aos mais jovens um pouco de orientação sobre a forma como fazemos as coisas na Academia. Se você é demasiado estúpido para tomar cuidado, não é culpa minha. Pelo menos você tem uma língua em sua cabeça, ao contrário deste aqui.

Ele se virou e olhou furiosamente para James. James ficou tão surpreso e consternado com o rumo dos acontecimentos, ele não tinha feito nada! Ele simplesmente ergueu a cabeça e fitou com o queixo caído.

— Sim, você, aquele com os olhos peculiares — Alastair estalou. — Porque está com a boca aberta?

— Eu... — gaguejou James. — Eu...

Ele tinha olhos peculiares, sabia. Realmente não precisa de óculos, exceto para leitura, mas usava o tempo todo, a fim de esconder os olhos. Podia sentir-se corar, e a voz de Alastair tornou-se tão afiada quanto sua risada.

— Qual o seu nome?

— H-Herondale — James balbuciou.

— Pelo Anjo, seus olhos são terríveis — comentou o menino à direita de Alastair.

Alastair riu de novo, desta vez com mais satisfação.

— Amarelos. Assim como uma cabra.

— Eu não...

— Não se esforce, Herondale Cara-de-Cabra — disse Alastair. — Não tente falar. Você e seus amigos talvez pudessem deixar de ficar obcecados com os mundanos e tentassem pensar sobre pequenas questões, como salvar vidas e manter a Lei enquanto estiverem aqui, tudo bem?

Ele olhou para seus amigos rindo dele. James ouviu o apelido se espalhar pela multidão coesa e o riso que se seguiu, como as ondulações de uma pedra atirada num lago. Cara-de-Cabra. Cara-de-Cabra. Cara-de-Cabra.

Matthew riu.

— Bem. O que...

— Muito obrigado por me arrastar para isso — James sibilou.

Ele girou sobre os calcanhares e se afastou dos dois amigos que esperava fazer na Academia, e ouviu seu novo apelido sendo sussurrado enquanto andava.

* * *

James fez o que havia prometido a si mesmo não fazer. Ele arrastou sua pesada bolsa através do pátio, do corredor e por vários conjuntos de escadas até que encontrou uma escada que parecia privada. Então sentou-se ali e abriu um livro. Disse a si mesmo que só leria algumas páginas antes de descer novamente. O Conde de Monte Cristo estava descendo sobre seus inimigos em um balão.

James emergiu horas depois para perceber que o céu tinha ficado cinza escuro e os sons do pátio tinham desaparecido. Sua mãe e Lucie ainda estavam em Londres, muito longe, e agora ele tinha certeza de que seu pai se fora também.

Ele estava preso nesta Academia cheia de estranhos. Nem sequer sabia onde ele deveria dormir esta noite.

Vagou por aí tentando encontrar os quartos. Ele não encontrou, mas percebeu-se desfrutando explorar um novo e grande lugar por conta própria. A Academia era um esplêndido edifício, as paredes de pedra brilhando como se tivessem sido polidas. Os lustres pareciam feitos de joias, e enquanto James vagava em busca do refeitório, viu muitas tapeçarias bonitas que descreviam os Caçadores de Sombras através dos tempos. Ele ficou olhando para uma tapeçaria intrincada e colorida dos combates de Jonathan Caçador de Sombras durante as Cruzadas, até que lhe ocorreu que o jantar deveria ser em breve e ele não queria chamar ainda mais atenção para si mesmo.

O som de centenas de vozes estranhas alertou James para onde a sala de jantar deve estar. Ele lutou contra o impulso de fugir, preparou-se, e atravessou as portas. Para seu alívio, as pessoas ainda estavam se reunindo, os alunos mais velhos ao redor e conversando com a facilidade de uma longa familiaridade. Os alunos novos pairavam, assim como o próprio James. Todos exceto Matthew Fairchild, que inspecionava as mesas de mogno brilhantes com desdém.

— Nós temos que selecionar uma mesa muito pequena — disse Thomas e Christopher, seus satélites. — Eu estou aqui sob protesto. Não vou dividir o pão com o tipo de violentos imbecis e delirantes que estudam na Academia de bom grado.

— Você sabe — James disse em voz alta — Alastair Carstairs estava certo.

— Isso parece muito improvável para mim — Matthew respondeu, em seguida, virou-se. — Ah, é você. Por que ainda está carregando sua bolsa?

— Eu não tenho que responder — disse James, ciente de que era uma coisa bizarra a dizer.

Thomas piscou para ele, aflito, como se tivesse confiado em James para não dizer coisas bizarras.

— Ok — Matthew concordou agradavelmente. — Alastair Carstairs estava certo sobre o quê?

— As pessoas frequentam a Academia porque esperam se tornar os melhores Caçadores de Sombras e salvar vidas. Esse é um objetivo nobre e digno. Você não tem que zombar de todos que conhece.

— Mas de que outra forma vou me divertir neste lugar? — Matthew protestou. — Você pode sentar com a gente, se quiser.

Houve um brilho divertido em seus olhos castanhos. James tinha certeza, pela maneira como Matthews olhava para ele, que ele estava sendo zombado, embora não conseguisse descobrir como.

— Não, obrigado — James respondeu brevemente.

Ele olhou em volta para as mesas e viu que os Caçadores de Sombras do primeiro ano estavam agora nas mesas em padrões cuidadosos e amigáveis. Havia outros rapazes e até mesmo algumas meninas, porém, que James podia ver que eram mundanos. Não era tanto pelas roupas, mas pela forma como se mantinham: como se tivessem medo de que pudessem ser atacados. Caçadores de Sombras, ao contrário, estavam sempre prontos para atacar.

Havia um menino em roupas surradas sentado sozinho. James cruzou a sala de jantar para sentar em sua mesa.

— Posso sentar aqui? — ele perguntou, desesperado o suficiente para ser franco.

— Sim! — respondeu o outro menino. — Ah, sim, por favor. Meu nome é Smith. Michael Smith. Mike.

James estendeu a mão sobre a mesa e apertou a mão de Mike Smith.

— James Herondale — os olhos de Mike se arregalaram reconhecendo-o claramente como um nome de Caçador de Sombras.

— Minha mãe cresceu no mundo mundano — James disse a ele rapidamente. — Na América. Cidade de Nova York.

— Sua mãe era uma mundana? — perguntou uma garota, vindo e sentando à mesa deles. — Esme Philpott — acrescentou ela, apertando suas mãos energicamente. — Eu não devo manter o nome quando eu Ascender. Estou pensando em mudar o Esme também.

James não sabia o que dizer. Ele não desejava insultar o nome de uma moça concordando com ela ou insultando uma dama por discutir com ela.

Ele não estava preparado para ser abordado por uma garota estranha. Poucas meninas eram enviadas para a Academia: é claro que mulheres poderiam ser tão boas guerreiras quanto os homens, mas nem todo mundo pensava dessa maneira, e muitas famílias queriam manter suas meninas por perto. Alguns pensavam que a Academia tinha muitas regras, e outros tinham muito poucas. As irmãs de Thomas, que eram muito boas, não vieram para a Academia. As lendas da família relatavam que sua prima Anna Lightwood, que era a pessoa menos adequada que se pode imaginar, dissera que se fosse mandada para a Academia, fugiria e se tornaria uma toureira mundana.

— Mmm — James resmungou, um diabo eloquente com as senhoras.

— Sua mãe Ascendeu sem problemas? — perguntou Mike ansiosamente.

James mordeu o lábio. Ele estava acostumado a todos conhecerem a história de sua mãe: a filha de uma Caçadora de Sombras e um demônio.

Qualquer filho de Caçador de Sombras era um Caçador de Sombras. Sua mãe pertencia ao mundo dos Caçadores de Sombras tanto quanto qualquer um dos Nephilim. Apenas sua pele que não podia suportar as Marcas, e nunca antes houvera alguém como ela no mundo. James não sabia como explicar para as pessoas que ainda não sabiam. Ele temia explicar errado, e a explicação refletiria seriamente sobre a mãe.

— Eu conheço um monte de pessoas que Acenderam sem problemas — disse James finalmente. — Minha tia Sophie – Sophie Lightwood, agora – era mundana. Meu pai diz que nunca houve ninguém tão valente, antes ou depois da Ascensão.

— Que alívio! — disse Esme. — Diga-me, acho que já ouvi sobre Sophie Lightwood...

— Que terrível decadência — um dos meninos que James tinha visto com Alastair Carstairs anteriormente falou. — Cara-de-Cabra Herondale está reduzido a estar com a escória.

Alastair e seu outro amigo riram.

Eles foram se sentar em uma mesa com outros Caçadores de Sombras mais velhos, e James tinha certeza de que ouviu “Cara-de-Cabra” sendo sussurrado mais de uma vez. Sentiu que estava fervendo de dentro para fora com vergonha.

Quanto a Matthew Fairchild, James olhou para ele apenas uma vez ou outra. Depois de tê-lo deixado em pé no meio do refeitório, Matthew girara sua cabeça loira estúpida e escolheu uma grande mesa para sentar. Ele claramente não queria uma palavra sobre ser tão seleta. Sentou-se com Thomas e Christopher um de cada lado como um príncipe em sua corte, gritando piadas e convocando pessoas para o seu lado, e logo sua mesa estava lotada. Ele encantou vários dos estudantes Caçadores de Sombras de suas mesas. Até mesmo alguns dos alunos mais velhos se aproximaram para ouvir uma das aparentes histórias terrivelmente divertidas de Matthew. Mesmo Alastair Carstairs foi por alguns minutos. Obviamente, ele e Matthew eram grandes amigos agora.

James pegou Mike Smith olhando para a mesa de Matthew saudosamente, seu rosto mostrando sua reação por ser barrado de toda a diversão, condenado a estar sempre na mesa menos emocionante, com as pessoas menos interessantes.

James queria amigos, mas não queria ser o tipo de amigo que as pessoas tinham porque não podiam ter melhores. Só que ele era, como sempre temera secretamente, uma companhia tediosa e pobre. Não sabia por que os livros não o tinham ensinado a falar o que outras pessoas queriam ouvir.

* * *

James finalmente se aproximou dos professores para pedir ajuda para encontrar seu quarto. Encontrou a reitora Ashdown e Ragnor Fell em uma profunda conversa.

— Sinto-me tão terrivelmente culpada — disse a reitora Ashdown. — Esta é a primeira vez que temos um bruxo professor – e estamos muito felizes! Deveríamos ter limpado cuidadosamente a Academia para nos certificar de que não houvesse resquícios de um tempo menos pacífico.

— Obrigado, reitora Ashdown — respondeu Ragnor. — A remoção da cabeça de feiticeiro instalada em meu quarto será suficiente.

— Sinto-me tão terrivelmente culpada! — repetiu a reitora Ashdown. Ela baixou a voz. — Você estava familiarizado com o... er, cavalheiro falecido?

Ragnor olhou com desagrado. Embora pudesse ser apenas como o Sr. Fell parecia.

— Se acontecesse de você dar de cara com a cabeça grotescamente decepada de um Nephilim, teria que conhecê-lo para sentir que não poderia dormir no sofisticado quarto onde seu cadáver profanado permanece?

James tossiu no meio do terceiro pedido de desculpas frenéticas da reitora.

— Peço desculpas — disse ele. — Alguém poderia me mostrar o meu quarto? Eu... me perdi e acabei perdendo isso.

— Ah, o jovem Sr. Herondale — a reitora parecia muito feliz em ser interrompida. — É claro, deixe-me mostrar o caminho. Seu pai me confiou uma mensagem para você que posso transmitir enquanto estamos andando.

Ela deixou um Ragnor Fell carrancudo atrás deles. James esperava não ter feito outro inimigo.

— Seu pai disse – que linguagem charmosa é o galês, não é? Tão romântica! – Pob Iwc, caraid. O que isso significa?

James corou, porque já estava crescendo para seu pai chamá-lo pelo apelido.

— Significa apenas... significa boa sorte.

Ele não pôde deixar de sorrir enquanto se arrastava pelos corredores. Tinha certeza de que o pai de mais ninguém encantara a reitora para dar uma mensagem secreta. Ele se sentia quente e observado.

Até que a reitora Ashdown abriu a porta de seu quarto novo, dando-lhe um alegre adeus, e deixou-o ao seu destino horrível.

Era um quarto muito agradável, arejado, com pilares na cama de nogueira e dosséis de linho branco. Havia um guarda-roupa esculpido e até mesmo uma estante.

Havia também uma quantidade perturbadora de Matthew Fairchild.

Ele estava de pé em frente a uma mesa que tinha cerca de quinze escovas de cabelo, várias garrafas misteriosas e uma estranha horda de pentes sobre ela.

— Olá, Jamie — ele cumprimentou. — Não é esplêndido estarmos compartilhando um quarto? Tenho certeza de que vamos ficar maravilhosos juntos.

— James — corrigiu James. — Para que são todas aquelas escovas?

Matthew olhou para ele com pena.

— Você não acha que tudo isso — ele indicou sua cabeça com um gesto arrebatador — aconteceu por conta própria?

— Eu só uso uma escova de cabelo.

— Sim — Matthew observou. — Eu posso notar.

James arrastou-se até o pé da cama, tirou O Conde de Monte Cristo da bolsa e fez seu caminho de volta para a porta.

— Jamie? — chamou Matthew.

— James! — James retrucou.

Matthew riu.

— Tudo bem, tudo bem. James, onde você está indo?

— Em qualquer outro lugar — respondeu, e bateu a porta atrás de si.

Ele não podia acreditar que a má sorte atribuíra aleatoriamente um quarto para compartilhar com Matthew. Encontrou outra escadaria e leu nela até que julgou ser tarde o suficiente para que Matthew certamente estivesse dormindo, então se arrastou de volta, acendeu uma vela e retomou a leitura na cama.

James pode ter lido um pouco demais durante a noite. Quando ele acordou, Matthew tinha claramente há muito ido – além de tudo o mais, ele era um madrugador – e James estava atrasado para seu primeiro dia de aula.

— O que mais você poderia esperar do Cara-de-Cabra Herondale? — comentou um menino que James nunca vira antes em sua vida, e muitas pessoas riram.

James tomou sombriamente o seu lugar ao lado de Mike Smith.

* * *

As aulas onde a elite era separada da escória eram as piores. James não tinha ninguém para se sentar próximo.

Ou, talvez, a primeira aula de todos os dias era a pior, porque James sempre ficava acordado até tarde da noite lendo para se esquecer de seus problemas, e estava atrasado todos os dias. Não importava que horas ele levantasse, Matthew sempre já estava fora. James assumiu que Matthew fazia isso para zombar dele, já que não podia imaginar Matthew fazendo nada de útil no início da manhã.

Ou talvez as aulas de treinamento físico fossem as piores, porque Matthew estava em sua forma mais irritante durante essas aulas.

— Eu lamentavelmente devo recusar a participar — ele disse ao professor uma vez. —
Considere-me em greve, como os mineiros de carvão. Exceto que muito mais elegante.

No dia seguinte, ele falou:

— Eu me abstenho, alegando que a beleza é sagrada, e não há nada de bonito sobre esses exercícios.

No dia seguinte, ele se limitou a dizer:

— Eu objeto por princípios estéticos.

Ele continuou dizendo coisas ridículas, até um par de semanas, quando falou:

— Eu não vou fazer isso porque Caçadores de Sombras são idiotas e eu não quero estar nesta escola idiota. Por que um acidente de nascimento significa que você tem que querer começar a ficar longe de sua família, ou você tem de gastar uma vida horrível e curta lutando contra demônios?

— Você quer ser expulso, Sr. Fairchild? — trovejou o professor.

— Faça o que achar que deve fazer — disse Matthew, cruzando as mãos e sorrindo como um querubim.

Matthew não foi expulso. Ninguém parecia saber o que fazer com ele. Seus professores começaram a gritar cansados do desespero.

Ele fazia apenas metade do trabalho e insultava todos na Academia, numa base diária, e permaneceu absurdamente popular. Thomas e Christopher não podiam ser afastados dele. Ele vagava pelos corredores cercado por uma multidão adoradora que queria ouvir outras histórias divertidas. O quarto dele e de James estava sempre e completamente lotado.

James passava boa parte do tempo nas escadas. Ele passava mais tempo ainda sendo chamado de Cara-de-Cabra Herondale.

— Você sabe — Thomas disse timidamente uma vez, quando James não conseguira escapar de seu próprio quarto rápido o suficiente — você poderia ficar com a gente um pouco mais.

— Eu poderia? — perguntou James, e tentou não soar muito esperançoso. — Eu... gostaria de ver mais você e Christopher.

— E Matthew — disse Thomas.

James balançou a cabeça em silêncio.

— Matthew é um dos meus melhores amigos — Thomas falou, quase suplicante. — Se você passar algum tempo com ele, tenho certeza de que gostará dele.

James olhou para Matthew, que estava sentado em sua cama contando uma história para oito pessoas sentadas no chão e olhando para ele com adoração. Ele encontrou os olhos de Matthew, que viraram na direção dele e de Thomas, e desviou o olhar.

— Sinto que tenho de recusar ainda mais da companhia de Matthew.

— Isso faz você se destacar, você sabe — disse Thomas. — Passar o tempo com os mundanos. Eu acho que... é por isso que o seu apelido pegou. As pessoas têm medo de qualquer um que é diferente: faz com que elas se preocupem que todo mundo seja diferente também, e apenas fingem ser todos iguais.

James olhou para ele.

— Você está dizendo que eu deveria evitar os mundanos? Porque eles não são tão bons como nós?

— Não, isso não é... — Thomas começou, mas James estava zangado demais para deixá-lo terminar.

— Os mundanos podem ser heróis também — disse James. — Você deveria saber disso melhor do que eu. Sua mãe era uma mundana! Meu pai me contou tudo sobre o que ela fez antes de passar pela Ascensão. Todo mundo aqui conhece pessoas que eram mundanas. Por que devemos isolar as pessoas que são corajosas o suficiente para tentar se tornar como nós, que querem ajudar as pessoas? Por que devemos tratá-las como se fossem menos do que nós, até que provem o seu merecimento ou morram? Eu não vou fazer isso.

Tia Sophie era tão boa quanto qualquer Caçador de Sombras, e ela tinha sido muito corajosa antes mesmo de ter Ascendido. Tia Sophie era a mãe de Thomas. Eles deveria saber melhor o que James fazia.

— Eu não quis dizer isso dessa maneira — Thomas defendeu-se. — Eu não penso dessa maneira.

Era como se as pessoas não pensassem, vivendo em Idris.

— Talvez seus pais não contem histórias como o meu — disse James.

— Talvez nem todos ouçam as histórias como você faz — Matthew falou do outro lado da sala.
— Nem todo mundo aprende.

James olhou para ele. Era inesperadamente uma coisa agradável para Matthew, de todas as pessoas, dizer.

— Eu conheço uma história — Matthew continuou. — Quem quer ouvir?

— Eu! — disse o coro do chão.

— Eu!

— Eu!

— Eu não — disse James, e saiu da sala.

Era outro lembrete de que Matthew tinha o que James teria dado tudo para ter – Matthew tinha amigos e pertencia à Academia, e Matthew não se importava.

Eventualmente havia tantos professores fugindo de uma superdose de Matthew Fairchild que Ragnor Fell foi deixado para supervisionar aulas práticas. James se perguntou por que ele era o único que podia ver que isso era um absurdo, e Matthew estava arruinando as aulas para todos. Ragnor podia fazer magia, mas não era nem um pouco interessado na guerra.

Ragnor deixou Esme trançar fitas na crina de seu cavalo de modo que estaria parecido com um cavalo nobre. Ele concordou em deixar Christopher construir um aríete para derrubar árvores, porque seria uma boa prática no caso de eles precisarem montar um cerco em um castelo. Ele observou Mike Smith bater-se na cabeça com o seu próprio arco.

— Concussões não são nada para se preocupar — disse Ragnor placidamente. — A menos que haja uma hemorragia grave no cérebro, nesse caso você pode morrer. Sr. Fairchild, por que não está participando?

— Acho que a violência é repulsiva — Matthew falou com firmeza. — Estou aqui contra a minha vontade e eu me recuso a participar.

— Você gostaria que eu magicamente o dispa e o coloque no uniforme? — o Sr. Fell perguntou.
— Na frente de todo mundo?

— Essa seria uma emoção para todos, tenho certeza — disse Matthew.

Ragnor Fell mexeu os dedos e as faíscas verdes voaram de seus dedos.

James ficou satisfeito ao ver Matthew, na verdade, dar um passo para trás.

— Pode ser muito emocionante para uma quarta-feira — Matthew apontou. — Devo vestir o meu uniforme agora?

— Faça — disse Ragnor.

Ele conjurara uma cadeira de praia e estava lendo um livro. James o invejava muito. Também admirava muito seu professor.

Ali estava alguém que podia controlar Matthew, afinal. Após toda a fala nobre de Matthew sobre a abstenção em prol da arte e da beleza, James estava ansioso para ver Matthew se fazer de um bobo absoluto na prática.

— Algum voluntário para ajudar Matthew a pegar tudo o que vocês aprenderam? — perguntou Ragnor. — Já que eu não tenho a menor ideia do que isso poderia ser.

Só então a equipe de Christopher bateu em uma árvore com o seu aríete. O acidente e o caos significavam que não houve pressa dos voluntários para passar o tempo com Matthew.

— Eu ficaria feliz em ensinar uma lição a Matthew — disse James.

Ele era muito bom com o bastão. Venceu Mike dez vezes em dez, e Esme nove em dez, e estava se segurando com eles. Era possível que também teria que se segurar com Matthew.

Só que Matthew saiu vestindo o uniforme e parecendo – uma mudança – como um Caçador de Sombras real. Mais como um Caçador de Sombras de verdade do que James parecia, verdade seja dita, já que James era... não tão pequeno como Thomas, mas não tão alto ainda, e sua mãe o havia descrito como magro. O que era uma maneira amável de dizer “nenhuma evidência real de músculos à vista”.

Várias meninas, de fato, viraram-se para olhar para Matthew em seu uniforme.

— O Sr. Herondale se ofereceu para ensiná-lo na luta de bastão — Ragnor Fell disse. — Se vocês pretendem matar um ao outro, vão mais longe no campo, onde eu não possa vê-los e não terei que responder perguntas difíceis.

— James — disse Matthew, na voz que todo mundo gostava tanto de ouvir e que atingia James com constante zombaria. — É tão gentil de sua parte. Penso que me lembro de alguns movimentos com a equipe de treinamento com a minha mãe e meu irmão. Por favor, seja paciente comigo. Eu posso estar um pouco enferrujado.

Matthew passeava pelo campo, o sol brilhando na grama verde e em seu cabelo dourado da mesma forma, e pesava o bastão em uma mão. Ele se virou para James, e James teve uma súbita impressão de olhos semicerrados: um olhar de intenção real e séria.

Então, o rosto de Matthew e as árvores estavam girando, quando o bastão de Matthew tirou as pernas de James debaixo dele e James caiu no chão. Ele ficou lá, atordoado.

— Você sabe — comentou Matthew, pensativo. — Posso não estar tão terrivelmente enferrujado depois de tudo.

James ficou de pé, recuperando o bastão e sua dignidade. Matthew se moveu em posição para lutar com ele, o bastão tão leve e facilmente equilibrado em sua mão como se ele fosse um maestro regendo com sua batuta.

Movia-se com uma graça fácil, como qualquer Caçador de Sombras faria, mas de alguma forma, como se estivesse brincando, como se a qualquer momento ele pudesse dançar.

James percebeu, para seu desgosto esmagador, que esta era outra coisa em que Matthew era bom.

— O melhor de três — ele sugeriu.

De repente, o bastão de Matthew era um borrão entre suas mãos. James não teve tempo para mudar de posição antes de um golpe brusco pousar no braço que segurava seu bastão, em seguida, no ombro esquerdo para que ele não pudesse se defender. James bloqueou o bastão quando ele veio em direção à sua barriga, mas acabou por ser uma finta.

Matthew o atingiu na altura dos joelhos novamente e James acabou deitado de costas na grama. Mais uma vez.

O rosto de Matthew entrou em seu campo de visão. Ele estava rindo, como de costume.

— Por que parar em três? — perguntou. — Eu posso ficar e vencê-lo o dia todo.

James enganchou seu bastão por trás dos tornozelos de Matthew e o derrubou. Ele sabia que era errado, mas no momento ele não se importou. Matthew pousou na grama com um surpreso “Uuf!” que James descobriu brevemente satisfatório.

Uma vez lá, ele parecia bastante feliz deitado na grama. James encontrou-se sendo observado por um olho castanho em meio à vegetação.

— Você sabe — Matthew disse lentamente — a maioria das pessoas gosta de mim.

— Bem... parabéns! — James retrucou, e ficou de pé.

Foi o momento errado para ficar de pé.

Deveria ter sido o último momento da vida de James. Talvez porque ele pensou que seria o último, este parecia se estender, dando a James tempo para ver tudo: como o aríete tinha voado através das mãos da equipe de Christopher na direção errada. Ele viu os rostos horrorizados de toda a equipe, mesmo Christopher prestava atenção pela primeira vez.

Ele viu a grande madeira navegando diretamente para ele, e ouviu Matthew gritar um aviso tarde demais. Ele viu Ragnor Fell saltar para cima, sua cadeira de praia voando e erguer a mão. O mundo se transformou em um borrão cinza, tudo ainda se movia mais lento do que James. Tudo deslizava e era insubstancial: o aríete veio para ele e através dele, incapaz de feri-lo; era como ser molhado com água. James levantou a mão e viu o ar cinzento cheio de estrelas.

Foi Ragnor Fell quem o salvou, James pensou que o mundo brilhava, um cinza estranho sobre preto. Aquilo era magia de um feiticeiro.

Ele não soube até mais tarde que a classe da Academia tinha observado tudo, esperando ver uma cena de carnificina e morte, e em vez disso viram um garoto de cabelo preto dissolver e mover-se em uma sombra projetada em nada, um entalhe no abismo por trás do mundo, escuro e inconfundível no sol da tarde. O que tinha sido uma morte inevitável, algo que os Caçadores de Sombras estavam acostumados, tornou-se algo estranho e mais terrível.

Ele não sabia até mais tarde como estava certo. Era magia de um feiticeiro.

* * *

Quando James acordou, já era noite, e tio Jem estava lá.

James ergueu-se da cama e se jogou nos braços de tio Jem. Ele tinha ouvido que algumas pessoas achavam os Irmãos do Silêncio assustadores, com a sua voz silenciosa e seus olhos costurados, mas para ele a visão de um Irmão do Silêncio sempre significava tio Jem, sempre significou um amor inabalável.

— Tio Jem! — ele disse ofegante, braços ao redor de seu pescoço, o rosto enterrado em seu manto, segurando-o por um momento. — O que aconteceu? Por que eu... eu me senti tão estranho, e agora você está aqui, e...

E a presença de um Irmão do Silêncio na Academia não significava nada de bom. Seu pai estava sempre inventando desculpas para o Tio Jem ir até eles – uma vez ele reclamara um vaso que

estava possuído por um demônio. Mas esta era Idris, e um Irmão do Silêncio seria convocado para as crianças Caçadores de Sombras apenas em um momento de necessidade.

— Eu estou... ferido? — perguntou James. — Matthew está machucado? Ele estava comigo.

Ninguém está ferido, disse o Tio Jem. Graças ao Anjo. Só que agora há um pesado fardo para você suportar, Jamie.

E o conhecimento derramou para fora de tio Jem e para James, silencioso e frio como a abertura de uma sepultura, e ainda com o cuidado vigilante de tio Jem misturado com o frio. James tremeu para longe do Irmão do Silêncio e agarrou-se a Tio Jem, ao mesmo tempo, o rosto molhado de lágrimas, punhos agarrando suas vestes.

Esta era a herança de sua mãe, era o que vinha ao misturar o sangue de um Caçador de Sombras e o de demônio, e depois com um Caçador de Sombras novamente. Todos eles tinham pensado que porque a pele de James podia suportar Marcas que James era um Caçador de Sombras e nada mais, que o sangue do Anjo tinha queimado tudo.

Não tinha. Mesmo o sangue do Anjo não poderia queimar uma sombra. James podia fazer este truque mágico estranho, um truque que nenhum feiticeiro que tio Jem conhecia podia fazer. Ele podia se transformar em uma sombra. Ele podia se transformar em algo que não era carne ou sangue – certamente não o sangue do Anjo.

— O que... o que eu sou? — James perguntou ofegante, sua garganta dolorida com os soluços.

Você é James Herondale, disse Tio Jem. Como sempre foi. Parte de sua mãe, parte de seu pai, parte você mesmo. Eu não gostaria de mudar nada sobre você, mesmo que pudesse.

James mudaria. Ele teria queimado essa parte de si mesmo, puxando-a para fora, fazendo tudo o que podia para se livrar dela. Ele foi concebido para ser um Caçador de Sombras, sempre soube que fora, mas como qualquer Caçador de Sombras lutaria ao lado dele, com este horror revelado sobre ele?

— Eu estou... eles vão me expulsar da Academia? — ele sussurrou no ouvido do tio Jem.

Não, disse o Tio Jem. Um sentimento de tristeza e raiva tocou James e depois foi afastado. Mas James, acho que você deveria sair. Eles estão com medo de que você vá... contaminar a pureza de seus filhos. Desejam bani-lo para onde as crianças mundanas vivem. Eles aparentemente não se importam com o que acontece com os alunos mundanos, e se importam ainda menos com o que acontece com você. Vá para casa, James. Eu o levarei para casa agora, se você o desejar.

James queria ir para casa. Queria mais do que podia se lembrar de querer qualquer coisa, com uma dor que o fazia se sentir como se todos os ossos de seu corpo tivessem sido quebrados e não podiam ser colocados juntos de volta até que ele estivesse em casa. Ele era amado lá, seguro. Seria cercado imediatamente de afeto e calor.

Exceto...

— Como é que minha mãe se sentiria — James sussurrou — se ela souber que fui enviado para casa por causa... ela vai achar que é por causa dela.

Sua mãe, com seus graves olhos cinzentos e seu rosto de flor, tão tranquila quanto James e ainda tão boa com palavras quanto seu pai. James poderia ser uma mancha sobre o mundo,

poderia ser algo que contaminaria os bons filhos Caçadores de Sombras. Ele estava pronto para acreditar nisso. Mas não a sua mãe. Sua mãe era adorável e carinhosa, era um sonho transformado em realidade e uma benção sobre a terra. James não podia suportar pensar como ela se sentiria se achasse que ele tinha se machucado de qualquer forma. Se ele conseguisse passar pela Academia, se pudesse fazê-la acreditar que não havia diferença real para ele, ele a pouparia da dor.

Ele queria ir para casa. Não queria encarar ninguém na Academia. Ele era um covarde.

Mas não era covarde o suficiente que fugir de seu próprio sofrimento e deixar sua mãe sofrer por ele.

Você não é nem um pouco covarde, disse o tio Jem. Lembro-me de um tempo, quando eu ainda era James Carstairs, quando sua mãe aprendeu – ou assim ela pensou, então, que não podia ter filhos. Ela ficou tão magoada com isso. Pensou que era tão errada, a partir de tudo o que tinha pensado que era. E eu lhe disse que o homem certo não se importaria, e, claro, o seu pai, o melhor dos homens, o único apto para ela, não se importava. Eu não falei a ela... Eu era um menino e não sabia como falar da coragem em suportar a incerteza sobre si mesma. Ela duvidava, mas eu nunca poderia duvidar dela. Eu nunca poderia duvidar de você agora. Vejo a mesma coragem em você, como vi nela.

James chorou, esfregando o rosto contra as vestes de tio Jem como se ele fosse menor que Lucie. Sabia que sua mãe era valente, mas certamente coragem não era assim; ele pensou que seria algo bom, não a sensação de que poderia rasgá-lo em pedaços.

Se você visse a humanidade como eu vejo, disse o tio Jem, um sorriso em sua mente, uma tábua de salvação. Há muito pouco de brilho e calor em todo o mundo para mim. Estou muito distante de todos vocês. Existem apenas quatro pontos de calor e brilho no mundo todo que queimam ferozmente o suficiente para eu sentir algo parecido com a pessoa que eu era. Sua mãe, seu pai, Lucie e você. Você ama, e tremeluz, e queima. Não deixe que qualquer um deles diga quem você é. Você é a chama que ninguém pode apagar. É a estrela que não pode ser perdida. Você é quem sempre foi, e isso é o suficiente e mais do que suficiente. Qualquer um que olhá-lo e ver escuridão é cego.

— Mais cego do que um Irmão do Silêncio? — perguntou James, e soluçou.

Tio Jem tinha sido transformado em um Irmão do Silêncio quando muito jovem, e estranhamente, ele carregava runas em seu rosto, mas seus olhos, embora sombreados, não foram costurados. Ainda assim, James nunca tinha certeza do que via.

Houve uma risada na mente de James, e ele não tinha rido, por isso deveria ter sido o tio Jem. James se agarrou a ele por mais um instante e disse a si mesmo que não poderia pedir para tio Jem levá-lo para casa depois de tudo, ou para a Cidade do Silêncio, ou outro qualquer lugar, desde que o Tio Jem não o deixasse nessa Academia cheia de estranhos que nunca gostaram dele e que iriam odiá-lo agora.

Eles teriam que ser ainda mais cegos do que um Irmão do Silêncio, tio Jem concordou. *Porque eu posso vê-lo, James. Eu sempre vou buscá-lo para encontrar a luz.*

Se James soubesse como seria a vida na Academia a partir de então, teria pedido para tio Jem levá-lo para casa.

Ele não esperava que Mike Smith saltasse em horror absoluto quando James se aproximou de sua mesa.

— Venha sentar com a gente — Clive Cartwright chamou, um dos amigos de Alastair Carstairs.
— Você pode ser um mundano, mas pelo menos não é um monstro.

Mike fugira com gratidão. James vira Esme estremecer uma vez quando passou por ela no corredor. Ele não forçou a sua presença sobre ela outra vez.

Não teria sido tão ruim, James acreditava, se tivesse sido em qualquer lugar, menos na Academia. Estes eram salões sagrados: era o lugar onde as crianças eram moldadas para Ascender ou crescer aprendendo a servir o Anjo.

E esta era uma escola, e assim era como as escolas funcionavam. James tinha lido livros sobre escolas antes, lido sobre alguém que tinha sido enviado para Coventry, então ninguém falava com eles. Sabia como o ódio poderia funcionar como um incêndio através de um grupo, e isso era apenas entre os mundanos enfrentando estranhezas mundanas.

James era mais estranho do que qualquer mundano poderia sonhar, mais estranho do que qualquer Caçador de Sombras teria acreditado ser possível.

Ele se mudou para fora do quarto de Matthew, e para a escuridão abaixo. Recebeu seu próprio quarto, porque mesmo os mundanos estavam com muito medo de dormir no mesmo quarto que ele.

Mesmo a reitora Ashdown parecia ter medo dele.

Todo mundo estava.

Eles agiam como se quisessem passar reto ao vê-lo, mas sabiam que ele era pior que um vampiro e que não seria nada bom. Estremeciam quando seus olhos pousavam sobre eles, como se seus olhos amarelos demoníacos queimaria um buraco através de suas almas.

Olhos do demônio. James ouviu sussurros uma e outra vez. Ele nunca tinha pensado que sentiria falta de ser chamado de Cara-de-Cabra.

Nunca falava com ninguém, sentando-se na parte de trás da classe, comendo o mais rápido que podia, e depois fugia para que as pessoas não tivessem que olhar para ele enquanto faziam suas refeições. Ele se arrastava em torno da Academia como uma sombra odiada e repugnante.

Tio Jem tinha se transformado em um Irmão do Silêncio porque teria morrido de outra forma.

Tio Jem tinha um lugar no mundo, amigos e uma casa, e o horror era que ele não podia estar no lugar aonde ele pertencia. Às vezes, após suas visitas, James encontrava sua mãe de pé na janela olhando para rua onde tio Jem tinha desaparecido há muito tempo, e descobria seu pai na sala de música olhando para o violino, que ninguém além de tio Jem era permitido tocar.

Essa era a tragédia da vida do tio Jem; a tragédia da vida de seus pais.

Mas como seria se não houvesse nenhum lugar no mundo em que você pertencia? Se você não pudesse encontrar ninguém para amá-lo? E se você não pudesse ser um Caçador de Sombras ou um feiticeiro ou qualquer outra coisa?

Talvez então você estaria pior do que numa tragédia. Talvez você não fosse nada.

James não estava dormindo muito bem. Ele continuava deslizando no sono e, seguida, acordava assustado, preocupado que estivesse entrando em outro mundo, um mundo de sombras, onde ele era nada além de uma sombra ruim entre os tons. Ele não sabia como tinha feito aquilo antes. Estava apavorado que aconteceria de novo. Talvez todo mundo esperasse que sim, no entanto. Talvez todos eles rezassem para que ele se tornasse uma sombra e simplesmente se fosse.

* * *

James acordou uma manhã e não podia suportar a escuridão e a sensação de que tinha uma pedra acima de sua cabeça, pressionando para baixo ao redor dele. Ele cambaleou até as escadas e saiu para o jardim.

Esperava que ainda fosse noite, mas o céu estava iluminado pela manhã, as estrelas quase invisíveis contra o quase branco do céu. A única cor a ser encontrada no céu era o cinza escuro das nuvens, enrolando como fantasmas ao redor da lua desaparecendo.

Chovia um pouco, alfinetadas de frio contra a pele de James. Ele sentou-se no degrau de pedra da porta dos fundos da Academia, levantou a palma para o céu e viu o traço da chuva prateada cair na palma de sua mão.

Desejou que a chuva o lavasse para longe, antes que ele tivesse que enfrentar mais uma manhã. Estava observando a mão, e enquanto desejava isso, viu o que aconteceu em seguida. Sentiu a mudança rastejando sobre ele e viu sua mão começar a ficar escura e transparente. Ele viu as gotas da chuva passarem pela sombra de sua mão como se ela não estivesse lá.

Ele se perguntou o que Grace pensaria, se pudesse vê-lo agora.

Então ouviu o ruído de pés correndo, batendo contra a terra, e o treinamento com seu pai fez a cabeça de James se erguer para ver se alguém estava sendo perseguido, se alguém estava em perigo.

James viu Matthew Fairchild correndo como se estivesse sendo perseguido.

Surpreendentemente, ele usava um uniforme e ele não estava, na medida em que James sabia, sendo ameaçado. Ainda mais surpreendente, ele estava participando do degradante exercício físico. Corria mais rápido do que James tinha visto alguém correr em treinamento – talvez mais rápido do que James já tinha visto alguém correr – e corria sombriamente na chuva.

James o assistiu correr, franzindo a testa, até que Matthew olhou para o céu, parou, e então começou a marchar de volta para a Academia.

James pensou que ele seria descoberto por um momento, pensou em saltar para cima e correr em volta para o outro lado do prédio, mas Matthew não foi para a porta.

Em vez disso Matthew se encostou na parede de pedra da Academia, estranho e solene em seu uniforme preto, o cabelo loiro e selvagem com o vento e molhado pela chuva. Ele inclinou o rosto para o céu, e parecia tão infeliz como James se sentia.

Não fazia sentido. Matthew tinha tudo, sempre teve tudo, enquanto James agora tinha menos do que nada. Ele fez James furioso.

— O que há de errado com você? — James perguntou.

Todo o corpo de Matthew estremeceu com o choque. Ele girou para enfrentar James, e o olhou.

— O quê?

— Você deve ter notado que a vida é inferior ao ideal para mim neste momento — disse James entre os dentes. — Então desista de fazer um espetáculo trágico de si mesmo por nada, e...

Matthew não estava encostado na parede por mais tempo, e James estava de pé, e isso não era uma prática sobre os campos de treinamento. James pensou que eles iam lutar realmente; pensou que eles poderiam realmente machucar um ao outros.

— Oh, sinto muito, James Herondale — Matthew zombou. — Esqueci que ninguém poderia fazer algo como falar ou respirar neste lugar sem incorrer ao seu julgamento extremamente crítico. Devo estar fazendo um espetáculo sobre nada, se você diz. Pelo Anjo, eu trocaria de lugar com você em um segundo.

— Você trocaria de lugar comigo? — James gritou. — Isso é um lixo, é uma mentira absoluta, você nunca faria isso. Por que faria isso? Por que até mesmo diria isso?

— Talvez seja o fato de que você tem tudo o que eu quero — Matthew rosnou. — E você não parece nem querer isso.

— O quê? — perguntou James inexpressivamente. Ele estava vivendo em uma terra invertida, em que o céu era a terra e os dias da semana começavam com A. Era a única explicação.

— O quê? O que eu tenho que você poderia querer?

— Eles vão te enviar para casa a hora que você quiser — disse Matthew. — Estão tentando levá-lo embora. E não importa o que eu faça, eles não vão me expulsar. Não o filho da Consulesa.

James piscou. Chuva deslizava pelo seu rosto e pescoço, para sua camisa, mas ele mal sentia.

— Você quer... ser expulso?

— Eu quero ir para casa, tudo bem? — Matthew estalou. — Eu quero ficar com meu pai!

— O quê? — perguntou James sem expressão, mais uma vez.

Matthew podia insultar os Nephilim, mas não importava que ele dissesse que sempre parecia estar tendo um tempo maravilhoso. James acreditara que ele estava se divertindo na Academia,

do modo que o próprio James não podia. James nunca pensara que poderia realmente estar infeliz.

Ele nunca tinha considerado o tio Henry.

O rosto de Matthew retorceu como se ele fosse chorar. Ele olhou fixamente e com determinação para a distância, e quando falou, sua voz era dura.

— Se você pensa que Christopher está mal, mas meu pai é muito pior — disse Matthew. — Cem vezes tão ruim quanto Christopher. Mil. Ele tem praticado ser terrível por muito mais tempo do que o de Christopher. Ele é tão distraído. E ele não pode – ele não pode andar. Poderia estar trabalhando em algum dispositivo novo, ou escrevendo uma carta a seu amigo feiticeiro na América sobre um novo dispositivo, ou trabalhando fora em algum dispositivo velho que literalmente explodiu, e ele não notaria se seu próprio cabelo estivesse em chamas. Não estou exagerando, não estou fazendo piadas – eu apaguei incêndios na cabeça de meu pai. Minha mãe está sempre ocupada, e Charles Buford está sempre correndo atrás dela e agindo como um superior. Eu sou a pessoa que cuida do meu pai. Sou aquele que o escuta. Eu não queria vir para a escola e deixá-lo, e tenho feito tudo o que posso para ser expulso e voltar.

Eu não cuido do meu pai. Meu pai cuida de mim, James queria dizer, mas temia que pudesse ser cruel dizê-lo, Matthew nunca tivera sua segurança questionada.

Ocorreu a James que um dia poderia haver um momento em que seu pai não pareceria ser onisciente, capaz de resolver tudo e qualquer coisa. O pensamento o deixou desconfortável.

— Você tem tentado ser expulso? — perguntou James. Ele falou lentamente. Ele sentiu lentamente.

Matthew fez um gesto impaciente, como se cortasse cenouras invisíveis com uma faca invisível.

— Isso é o que eu venho tentando te dizer, sim. Mas eles não vão. Tenho feito a melhor das piores impressões de um Caçador de Sombras no mundo, e ainda assim eles não vão. O que há de errado com a reitora, eu lhe pergunto? Será que ela quer sangue?

— A melhor das piores impressões de um Caçador de Sombras — James repetiu. — Então você não... acredita em todas essas coisas sobre a violência ser repulsiva, e a verdade e beleza e Oscar Wilde?

— Não, eu acredito — disse Matthew apressadamente. — Eu realmente gosto de Oscar Wilde. E a beleza e verdade. Acho que é absurdo que porque nascemos o que somos, não podemos ser pintores ou poetas ou criar qualquer coisa – tudo o que fazemos é matar. Meu pai e Christopher são gênios, você sabe? Gênios reais. Como Leonardo da Vinci. Ele era um mundano que...

— Eu sei quem Leonardo da Vinci é.

Matthew olhou para ele e sorriu: era um sorriso gradual e esclarecedor como o nascer do sol, e James teve a sensação de que ele poderia não ser imune depois de tudo.

— Claro que você sabe, James — concordou Matthew. — Esqueci de com quem eu estava falando por um momento. De qualquer forma, Christopher e meu pai são verdadeiramente brilhantes. Suas invenções já mudaram a forma como os Caçadores de Sombras navegam pelo mundo, a maneira como eles combatem os demônios. E todos os Caçadores de Sombras em todos os lugares sempre olham para eles de cima. Eles nunca verão o que eles fazem de tão

valioso. E alguém que queira escrever peças de teatro, fazer arte bonita, eles atirariam como lixo nas ruas.

— Você... quer isso? — perguntou James, hesitante.

— Não. Eu não posso desenhar, na verdade. Certamente não consigo escrever peças. Quanto menos se falar a minha poesia, melhor. Aprecio a arte, no entanto. Sou um excelente espectador. Eu poderia assistir para a Inglaterra.

— Você poderia, hum, ser ator — James sugeriu. — Quando você fala, todo mundo escuta. Especialmente quando você conta histórias.

Também havia o rosto de Matthew, que provavelmente... iria mais além no palco ou algo assim.

— Esse é um pensamento agradável— disse Matthew. — Mas acho que preferiria não ser expulso da minha casa e ainda ver o meu pai ocasionalmente. Além disso, acho que a violência é terrível e sem sentido, mas sou realmente bom no que faço. Na verdade, eu gosto. Não que eu vá deixar nossos professores saberem disso. Eu desejava ser bom em algo que poderia acrescentar beleza para o mundo em vez de pintá-lo com sangue, eu realmente queria, mas aí está.

Ele deu de ombros.

James não achou que eles lutariam depois de tudo, então se sentou no degrau. Ele sentiu que queria se sentar.

— Eu acho que os Caçadores de Sombras podem acrescentar beleza para o mundo. Quero dizer, por uma coisa – nós salvamos vidas. Sei que eu disse isso antes, mas é realmente importante. As pessoas que nós salvamos, qualquer uma delas pode ser o próximo Leonardo da Vinci, ou Oscar Wilde, ou apenas alguém que realmente espalha beleza dessa forma. Ou eles podem ser apenas alguém – alguém que ama, como você ama seu pai. Talvez você esteja certo que os Caçadores de Sombras sejam mais limitados, que não têm toda a gama de possibilidades que os mundanos, mas nós abrimos a possibilidade para que os mundanos vivam. É para isso que nós nascemos. É um privilégio. Eu não vou fugir da Academia. Não estou fugindo de nada. Posso suportar as Marcas, e isso me torna um Caçador de Sombras, e é isso o que eu serei, os Nephilim me querendo ou não.

— Você pode ser um Caçador de Sombras sem ir para a Academia, embora — apontou Matthew.

— Você pode ser treinado em um Instituto, como o tio Will foi. Isso é o que eu queria, assim eu poderia ficar com meu pai.

— Eu poderia. Mas... — James hesitou. — Eu não queria ser mandado para casa. Minha mãe saberia o motivo.

Matthew ficou em silêncio por um tempo. Não havia nada além do som da chuva caindo.

— Eu gosto da tia Tessa. Nunca fui para Londres porque eu me preocupava em deixar o meu pai. Eu sempre desejei que ela pudesse vir para Idris mais vezes.

James tinha recebido vários choques esta manhã que realmente não eram tão ruins, mas essa revelação era indesejável e inevitável. Claro que a mãe e o pai quase nunca iam para Idris. Claro que James e Lucie tinham sido criados em Londres, um pouco longe de suas famílias.

Porque havia pessoas em Idris, havia Caçadores de Sombras que pensavam que a mãe não era digna de caminhar entre eles, e pai nunca teria deixado ela ser insultada.

Agora seria pior, agora as pessoas sussurravam que ela tinha passado a mancha para seus filhos. As pessoas diziam coisas horríveis sobre Lucie, James sabia – sobre seus rabiscos, rindo de irmãzinhas. Lucie poderia nunca ser autorizada a entrar para a Academia.

Matthew pigarreou.

— Suponho que eu possa entender tudo isso. Talvez eu pare de ser tão ciumento em relação a você ser capaz de sair da Academia. Talvez eu possa compreender que seus objetivos sejam nobres. No entanto, eu ainda não entendo por que você deve tornar tão claro que detesta me ver. Eu sei, eu sei, você é distante e deseja ficar sozinho com a literatura o tempo todo, mas é particularmente horrível comigo. É muito sombrio. A maioria das pessoas gosta de mim. Eu te falei isso. Eu nem sequer tenho que tentar.

— Sim, você é muito bom em ser um Caçador de Sombras e todo mundo gosta de você, Matthew — concordou James. — Obrigado por esclarecer isso.

— Você não gosta de mim! — exclamou Matthew. — Eu tentei com você! E você ainda não gosta.

— A coisa é, eu tendo a gostar de pessoas muito modestas, talvez. Humildes, você sabe.

Matthew fez uma pausa, considerou James por um momento, e então começou a rir. James ficou surpreso por quão gratificante que foi. Isso o fez sentir como se ele pudesse soltar a verdade humilhante.

Ele fechou os olhos e disse:

— Eu estava com ciúmes de você.

Quando ele abriu os olhos, Matthew o olhava desconfiado, como se esperasse um truque.

— De quê?

— Bem, você não é considerado uma abominação profana sobre esta terra.

— Sim, mas, sem ofensa, James, mas você é — Matthew apontou. — Você é a nossa característica única na escola, como uma escultura de uma galinha guerreira. Se tivéssemos uma dessas. Você não gostava de mim antes que alguém soubesse que você era uma abominação profana, de qualquer maneira. Bem, suponho que esteja simplesmente tentando poupar meus sentimentos. Digno de você. Compreendo...

— Eu não sou indiferente — disse James. — Não sei de onde você tirou essa ideia.

— De toda a indiferença, eu acho — Matthew especulou.

— Eu sou um CDF. Li livros o tempo todo e não sei como falar com as pessoas. Se eu fosse alguém que vivia nos tempos antigos, as pessoas me chamariam de intelectual. Eu gostaria de

poder falar como você. Poder sorrir para as pessoas e fazê-las gostar de mim. Eu gostaria de poder contar uma história e ter todo mundo ouvindo, e ter pessoas seguindo-me onde quer que eu fosse. Bem, não, eu não gostaria disso porque sou um pouco aterrorizado com as pessoas, mas seria legal poder fazer tudo o que você faz, do mesmo modo. Eu queria ser amigo de Thomas e Christopher, porque eu gostava deles e pensei que eles fossem... parecidos comigo, que eles poderiam gostar de mim. Você estava com ciúmes que eu poderia ser chutado para fora da escola? Eu tive ciúmes de você em primeiro lugar. Tinha ciúmes de tudo sobre você, e ainda tenho.

— Espere — disse Matthew. — Pare, pare, pare. Você não gosta de mim porque eu sou encantador demais?

Ele jogou a cabeça para trás e riu. E continuou rindo. Riu tanto que teve que vir e se sentar ao lado de James no degrau, e então riu um pouco mais.

— Pare com isso, Matthew — James resmungou. — Pare de rir. Estou compartilhando meus mais íntimos sentimentos com você. Isso é muito doloroso.

— Eu tenho estado de mau humor o tempo todo. Você acha que eu sou charmoso agora? Você não tem ideia.

James deu um soco em seu braço. Ele não pôde deixar de sorrir. Percebeu que Matthew viu, e ele pareceu muito satisfeito consigo mesmo.

* * *

Algum tempo depois, Matthew conduziu James firmemente para o café da manhã, para sua mesa, que James notou ser formada por apenas Christopher e Thomas – uma mesa bastante seleta, depois de tudo.

Christopher e Thomas – outra surpresa para James em uma manhã cheia de surpresas – pareciam contentes em vê-lo.

— Oh, você decidiu não detestar Matthew por mais tempo? — perguntou Christopher. — Fico feliz. Estava realmente ferindo os sentimentos dele, embora não devêssemos falar sobre isso com você — ele olhou com um ar sonhador para o cesto de pão, como se fosse uma pintura maravilhosa. — Eu tinha esquecido.

Thomas abaixou a cabeça até a mesa.

— Por que você é desse jeito?

Matthew estendeu a mão e deu um tapinha nas costas de Thomas, então salvou Christopher de colocar as próprias mangas no fogo com uma vela. Ele lançou a James um sorriso.

— Se você vir Christopher perto do fogo, leve-o para longe, ou tire as chamas de perto dele — observou Matthew.

— lute o bom combate comigo. Devo estar eternamente vigilante.

— Isso deve ser difícil quando cercado pelo seu, hum, público adorador — James comentou.

— Bem — disse Matthew e fez uma pausa — é possível — falou, e parou de novo — eu posso ter estado... me mostrando? “Olhe, se você não quer ser meu amigo, todo mundo é, e você está cometendo um grande erro.” Eu posso ter feito isso. Possivelmente.

— Isso é tudo? — perguntou Thomas. — Graças ao Anjo. Você sabe que grandes multidões me deixam nervoso! Sabe que eu nunca consigo pensar em algo para dizer! Não sou espirituoso como você, indiferente e acima de todos como James ou vivo no mundo da lua como Christopher. Vim para a Academia para não receber mais ordens das minhas irmãs, mas elas pelo menos me deixavam menos nervoso do que aríetes voando pelo ar e encontros o tempo todo. Podemos, por favor, ter um pouco de paz e tranquilidade ocasionalmente!

James olhou para Thomas.

— Será que todo mundo acha que sou indiferente?

— Não, as pessoas pensam principalmente que você é uma abominação profana sobre esta terra — Matthew falou alegremente. — Lembra-se?

Thomas parecia pronto para baixar a cabeça de volta na mesa, mas ele se animou quando viu que James não tinha tomado aquilo como ofensa.

— Por que pensariam isso? — perguntou Christopher educadamente.

James o olhou.

— Porque eu posso me transformar de carne e sangue em uma sombra medonha?

— Oh — disse Christopher. Seus olhos sonhadores de lavanda focaram por um momento. — Isso é muito interessante — ele falou para James, sua voz clara. — Você deveria deixar eu e tio Henry realizarmos experimentos em você. Nós poderíamos fazer uma experiência agora.

— Não, nós não poderíamos — Matthew negou. — Nada de experimentos no café. Adicione-o à lista, Christopher.

Christopher suspirou.

E assim, como se sempre pudesse ter sido tão fácil, James tinha amigos. Ele gostava de Thomas e Christopher tanto quanto sempre soube que gostaria.

De todos os seus novos amigos, porém, ele gostava mais de Matthew. Matthew sempre queria conversar sobre os livros que James tinha lido, ou contar a James uma história tão bem quanto num livro. Ele fazia esforços evidentes para encontrar James quando este não estava lá, e esforços óbvios para protegê-lo quando ele estava. James não tinha muitas coisas boas para escrever em cartas: acabou escrevendo bastante de Matthew.

James sabia que Matthew provavelmente só sentia pena dele. Matthew estava sempre cuidando de Christopher e Thomas com o mesmo cuidado meticuloso que deveria reservar para o pai. Matthew era gentil. Estava tudo bem. James absolutamente queria dividir um quarto com Matthew, agora que estava fora de questão.

— Por que as pessoas chamam você de Olhos do Demônio, James? — Christopher perguntou um dia quando eles estavam sentados em torno de uma mesa estudando o relato de Ragnor Fell dos Primeiros Acordos.

— Porque eu tenho olhos dourados como se iluminados por fogos sobrenaturais e infernais — James explicou. Ele tinha ouvido uma menina sussurrar que pensava ser bastante poético.

— Ah. Você se parece em mais alguma coisa com seu avô? O demônio, quero dizer.

— Você não pode simplesmente perguntar se as pessoas se parecem com o seu avô demônio! — Thomas lamentou. — Daqui a pouco você vai querer saber se o professor Fell se parece com seu pai demônio! Por favor, por favor, não pergunte ao professor Fell se ele se parece com seu pai. Ele tem um cortador de língua. Além disso, ele poderia cortá-lo com uma faca.

— Fell? — Christopher perguntou.

— Nosso professor — Matthew explicou. — Nosso professor verde.

Christopher pareceu genuinamente surpreso.

— Nós temos um professor que é verde?

— James se parece com seu pai — Matthew falou inesperadamente, então estreitou seus risonhos olhos escuros na direção de James em um devaneio. — Ou ele parecerá, quando crescer e seu rosto parar de ter ângulos que apontam em diferentes direções.

James lentamente ergueu o livro aberto para esconder seu rosto, mas estava secretamente satisfeito. A amizade de Matthew fez outros se aproximarem, também. Esme encurralou James e lhe disse que lamentava que Mike estivesse sendo um idiota. Ela também falou que esperava que James não levasse essa expressão de amigável preocupação de uma forma romântica.

— Eu tenho uma ternura por Matthew Fairchild, na verdade — Esme acrescentou. — Por favor, fale bem de mim por lá.

A vida era muito, muito melhor agora, mas isso não queria dizer que tudo estava perfeito, ou mesmo remendado. As pessoas ainda tinham medo dele, ainda assobiavam "Olhos do demônio" e murmuravam sobre sombras imundas.

— Pulvis et umbra sumus — recitou James uma vez, em voz alta na classe, depois de ouvir muitos sussurros. — Meu pai diz isso às vezes. "Somos pó e sombras". Talvez eu apenas tenha uma vantagem sobre todos vocês.

Várias pessoas na sala de aula pareciam alarmadas.

— O que ele disse? — Mike Smith sussurrou, claramente agitado.

— Não é uma língua demoníaca, palhaço — Matthew falou. — É latim.

Apesar de tudo o que Matthew tentou, os sussurros continuavam. James continuava esperando o desastre.

E, em seguida, os demônios foram soltos na floresta.

* * *

— Eu serei o parceiro de Christopher — disse Thomas no exercício seguinte de treinamento, soando resignado.

— Excelente, eu serei parceiro de James — Matthew respondeu. — Ele me lembra da nobreza da vida dos Caçadores de Sombras. Me mantém no caminho. Se eu me afastar dele, ficarei distraído pela verdade e beleza. Sei que sim.

Seus professores pareciam extremamente satisfeitos que Matthew estava realmente participando dos exercícios físicos agora, além das aulas só para a elite, em que Thomas relatou que Matthew ainda estava determinado a ser desesperador.

James não sabia porque os professores estavam tão preocupados. Era óbvio que se alguém estivesse em perigo, Matthew pularia em sua defesa. James estava feliz por ter tanta certeza disso enquanto eles caminhavam pela mata. Era um dia de vento, e parecia que cada árvore uivava baixinho em seu ouvido, e ele sabia que caixas Pyxis tinham sido colocadas em toda a floresta por alunos mais velhos – Pyxis com os menores e mais inofensivos demônios, mas ainda eram Pyxis de verdade com demônios de verdade dentro, com quem eles deveriam lutar. Pyxis estavam um pouco fora de moda nos dias de hoje, mas ainda eram por vezes usadas para transportar demônios com segurança - de demônios pudessem ser seguros de alguma forma.

A tia de James, Ella, que ele nunca conhecera, fora morta por um demônio que estava numa Pyxis, quando ela era mais jovem do que James era agora.

Todas as árvores pareciam cochichar sobre demônios. Mas Matthew estava ao seu lado e ambos estavam armados. Ele podia confiar em si para matar um pequeno demônio, quase impotente, e se podia confiar em si mesmo, podia confiar mais em Matthew.

Eles esperaram e caminharam, então esperaram. Houve um farfalhar entre as árvores. Acabou por ser uma combinação de vento e um coelho.

— Talvez os anos superiores esqueceram de colocar a nossa caixa-demônio-surpresa para fora — Matthew sugeriu. — É um belo dia de primavera. Em tempos como esse, os pensamentos estão cheios de amor e flores, não demônios. Quem sou eu para julgar... — Matthew ficou abruptamente quieto. Ele agarrou o braço de James, os dedos apertados, e James olhou para o que Matthew tinha descoberto na urze.

Era Clive Cartwright, amigo de Alastair. Ele estava morto.

Seus olhos estavam abertos, olhando para o nada, e em uma das mãos ele segurava uma Pyxis vazia.

James agarrou o braço de Matthew e se virou em um círculo, olhando ao redor, esperando. Ele podia dizer o que tinha acontecido: vamos dar um susto no Olhos de Demônio, um monstro não vai machucar sua própria espécie, vamos expulsá-lo de uma vez por todas com um demônio maior do que ele esperava.

Ele não podia dizer que tipo de demônio era, mas essa pergunta foi respondida quando o demônio veio na direção deles através dos bosques selvagens.

Era um demônio Vetis, a sua forma quase humana, mas não completamente, arrastando seu corpo escamoso cinza através das folhas caídas. James viu seus braços como enguias, enquanto suas cabeças de cães apontavam, caçando.

James mudou sua pele para sombra sem um pensamento, como mergulhar na água para resgatar alguém, tão fácil como isso. Ele passou despercebido ao demônio Vetis e, erguendo a espada, arrancou uma cabeça de seu braço. Ele virou-se para enfrentar a cabeça no outro braço. Ele ia chamar Matthew, mas quando olhou para trás, viu Matthew claramente, apesar do cinza espumante no mundo. Matthew já tinha seu arco preparado e erguido. Ele podia ver os olhos apertados de Matthew, o foco determinado que estava sempre por trás do riso, e manteve-se imóvel enquanto a flecha era disparada.

Matthew acertou o olho vermelho do demônio Vetis que ficava na cabeça de dentes afiados sobre o pescoço no momento em que James cortou a outra cabeça do braço restante. O demônio deu uma guinada, em seguida, caiu de lado, se contraindo. E James correu por entre as árvores, através do vento e dos sussurros, sem medo de nada, com Matthew correndo atrás dele. Ele encontrou Alastair e seu amigo restante se escondendo atrás de uma árvore. Ele se arrastou até eles, uma sombra entre as sombras rodopiantes de árvores atiradas pelo vento, e segurou sua espada na garganta de Alastair.

Enquanto James tocava a espada, ninguém podia vê-la. Mas Alastair sentiu a lâmina afiada e suspirou.

— Nós não queríamos que nada disso acontecesse! — gritou o amigo de Alastair, olhando em volta descontroladamente. Alastair era sábio o suficiente para ficar quieto. — Foi ideia de Clive – ele disse que o faria finalmente ir embora... ele só queria assustá-lo.

— Quem está com medo? — James sussurrou, e o sussurro veio do nada. Ele viu os meninos mais velhos suspirarem de medo. — Não sou eu. Se vocês vierem atrás de mim novamente, eu não vou ser aquele que sofre. Corram!

Os dois – que tinham sido três uma vez – tropeçaram correndo. James apertou a mão em torno do punho da espada, apoiou-se contra a árvore e desejou voltar para um mundo de solidez e sol. Matthew soubera o tempo todo exatamente onde ele estava.

— Jamie — disse Matthew, parecendo instável mas impressionado. — Foi terrível.

— É James, pela última vez.

— Não, eu estou te chamando de Jamie por um tempo, porque você simplesmente exibiu um poder arcano e chamá-lo de Jamie me faz sentir melhor.

James riu, trêmulo, e isso fez com que Matthew sorrisse. Não ocorreu a ele, mesmo depois que um estudante foi morto, que os Caçadores de Sombra temiam e desconfiavam do demoníaco – que alguém seria responsabilizado. James não descobriu até o dia seguinte que seus pais haviam sido informados de tudo o que havia acontecido, e que ele, James Herondale, estava agora oficialmente expulso.

Eles o mantiveram na enfermaria até que seu pai chegou. Eles não disseram que foi porque a enfermaria tinha grades nas portas. Esme veio e deu um abraço em James, e prometeu procurá-lo quando Ascendesse.

Ragnor Fell entrou, seus passos pesados, e por um momento James pensou que ele perguntaria sobre sua tarefa de casa. Em vez disso, Ragnor se aproximou de sua cama e balançou a cabeça chifruda lentamente.

— Esperei que você me pedisse ajuda — Ragnor disse a ele. — Pensei que talvez você pudesse se tornar um feiticeiro.

— Eu nunca quis ser nada além de um Caçador de Sombras — James respondeu, impotente.

Ragnor falou, soando desgostoso, como de costume:

— Vocês Caçadores de Sombra nunca querem.

Christopher e Thomas o visitaram. Christopher trouxe uma cesta de frutas, sob a equivocada impressão de que James estava na enfermaria porque estava doente. Thomas se desculpou por Christopher várias vezes. James não viu Matthew, no entanto, até que seu pai chegou. Ele viera em uma missão para encantar a reitora. Seu rosto estava sombrio enquanto escoltava James entre as paredes cinza brilhantes da Academia, sob as cores flamejantes do anjo no vitral, pela última vez. Ele passou por escadas e atravessou corredores como se desafiando alguém a insultar James.

James sabia que ninguém o faria, não na frente de seu pai. Eles iriam sussurrar pelas costas, sussurrando no ouvido de James, toda a sua longa vida.

— Você deveria ter nos contado, Jamie. Mas Jem nos explicou por que você não contou.

— Como está mamãe? — James sussurrou.

— Ela chorou quando Jem contou a ela, e disse que você era o doce menininho dela — disse o meu pai.

— Acredito que ela esteja planejando estrangulá-lo, em seguida, assar um bolo.

— Eu gosto de bolo — disse James finalmente.

Todo aquele sofrimento, tudo o que ele nobremente tentava poupá-la, e para quê?, James pensou, quando saiu pela porta da Academia. Ele a salvou apenas de um mês ou dois de dor. Esperava que isso não quisesse dizer que ele era um fracasso: esperava que tio Jem ainda achasse que ele valia a pena.

Ele viu Matthew de pé no pátio, com as mãos nos bolsos, e se animou. Matthew viera se despedir, depois de tudo. Ele sentia que valeu a pena ter ficado, afinal, fizera um amigo assim.

— Você foi expulso? — perguntou Matthew, e James achou uma pergunta um pouco obtusa.

— Sim? — ele falou, indicando seu pai e sua mala.

— Imaginei que sim — Matthew concordou, balançando a cabeça vigorosamente de modo que seu cabelo bem penteado caísse para todos os lados.

— Então eu tive que agir. Mas eu queria fazer absolutamente certo. Você vê, James, a coisa é...

— Não é Alastair Carstair? — perguntou o pai, animando-se.

Alastair não encontrou os olhos de James quando se esgueirou em sua direção. Ele definitivamente não respondeu ao sorriso radiante do meu pai. Parecia muito interessado nas lajes do pátio.

— Eu só queria... me desculpe por tudo — ele murmurou. — Boa sorte.

— Oh — disse James. — Obrigado.

— Sem ressentimentos — concordou Matthew. — Como uma brincadeirinha divertida, coloquei todos os seus pertences na ala sul. Eu não sei por que eu fiz isso! Espírito de menino, suponho.

— Você fez o quê? — Alastair enviou a Matthew um olhar atormentado, e partiu rapidamente.

Matthew se virou para o pai de James e apertou sua mão de forma dramática.

— Oh, Sr. Herondale! Por favor, me leve com você!

— É Matthew, não é? — perguntou o Pai.

Ele tentou soltar a mão. Matthew agarrou-se a ela com extrema determinação.

James sorriu. Ele poderia ter lhe falado sobre a determinação de Matthew.

— Veja — Matthew prosseguiu — eu também fui expulso da Academia dos Caçadores de Sombras.

— Você foi expulso? — ecoou James. — Quando? Por quê?

— Em cerca de quatro minutos — disse Matthew. — Porque eu quebrei minha palavra solene, e explodi a ala sul da Academia.

James e seu pai olharam para a ala sul. Ela estava de pé, parecendo que permaneceria assim durante mais um século.

— Eu esperava que não fosse chegar isso, mas chegou. Dei a Christopher certos materiais que eu sabia que poderiam se transformar em explosivos. Eu os medi com muito cuidado, tive a certeza de que eles agiriam lentamente, e fiz Thomas jurar trazer Christopher para longe. Deixei um bilhete explicando que era tudo culpa minha, mas eu não gostaria de explicar isso para a minha mãe. Por favor, me leve com você para o Instituto de Londres, para que eu possa ser ensinado como ser um Caçador de Sombras com James!

— Charlotte cortará a minha cabeça — seu pai observou.

Ele parecia tentado, embora. Matthew era uma influência maliciosa para ele, e pai gostava de malícia. Além do mais, ele não era mais imune ao Sorriso do que qualquer um.

— Pai, por favor — James pediu em uma voz calma.

— Sr. Herondale, por favor! — disse Matthew. — Nós não podemos ser separados — James se preparou para a explicação sobre a verdade e a beleza, mas em vez disso Matthew falou, com uma simplicidade devastadora:

— Seremos parabatai.

James o encarou.

— Oh, entendo — seu pai falou.

Matthew assentiu encorajador, e sorriu.

— Então ninguém deve ficar entre vocês — continuou o pai.

— Ninguém — Matthew balançou a cabeça enquanto repetia: — ninguém. — Então balançou a cabeça novamente. Ele parecia um anjo. — Exatamente.

— Muito bem — concordou o pai. — Todo mundo entrando na carruagem.

— Pai, você não roubou a carruagem do tio Gabriel de novo — disse James.

— Nesse momento estamos focando no seu problema. Ele iria querer que eu a pegasse, e teria me emprestado se eu pedisse, mas do jeito que aconteceu, eu não perguntei.

Ele ajudou Matthew a subir, em seguida, prendeu a mala de Matthew no lugar e amarrou-o de forma segura. Ele pareceu perplexo quando fez isso. James imaginou que a mala de Matthew era significativamente mais pesada do que a de James. Em seguida, ele ajudou James a subir ao lado de Matthew, e depois virou-se para sentar-se do outro lado de James. Ele agarrou as rédeas e começaram a se afastar.

— Quando a ala sul desmoronar, pode haver estilhaços voando — o pai observou. — Qualquer um de nós pode ser ferido — ele parecia bastante alegre com isso. — Melhor pararmos no nosso caminho até em casa e ver os Irmãos do Silêncio.

— Isso parece excessiv... — Matthew começou, mas James lhe deu uma cotovelada; Matthew aprenderia como o pai era sobre os Irmãos do Silêncio em breve. De qualquer forma, James não sentia que Matthew tinha o direito de dizer que o comportamento de outra pessoa era excessivo, agora que ele tinha explodido a Academia.

— Eu estava pensando que poderíamos dividir o nosso tempo de treinamento entre o Instituto de Londres e minha casa — Matthew continuou. — A casa da Consulesa. Onde as pessoas não podem insultá-lo, e podem se acostumar a ver você.

Matthew realmente estava falando sério sobre treinarem juntos, James percebeu. Ele havia pensando em tudo. E se James fosse para Idris mais vezes, talvez pudesse ver Grace com mais frequência, também.

— Eu gostaria disso — James concordou. — E sei que você gostaria de ver mais o seu pai.

Matthew sorriu. Atrás deles, a Academia explodiu. A carruagem sacudiu ligeiramente com a força do impacto.

— Não precisamos... ser parabatai — continuou Matthew, sua voz calma sob o som da explosão.
— Eu falei aquilo para fazer o seu pai me levar com você, assim eu poderia executar o meu novo plano, mas nós não... temos que... Quer dizer, a menos que você... talvez você queira ser...

James tinha pensado que queria um amigo como ele, um parabatai que fosse tímido e quieto e entendesse os sentimentos de James sobre os terrores das festas. Em vez disso, aqui estava Matthew, que era a vida e a alma em cada festa, que tomava decisões horríveis sobre escovas de cabelo, que era inesperado e do tipo aterrorizador. Que tinha tentado ser seu amigo e continuou tentando, mesmo que James não soubesse como era tentar ser seu amigo. Que podia ver James, mesmo quando ele era uma sombra.

— Sim — James disse simplesmente.

— O quê? — indagou Matthew, que sempre soube o que falar.

— Eu gostaria disso.

Ele enroscou um braço em torno da manga do casaco de seu pai e um no de Matthew. Segurou-se a eles todo o caminho de casa.

Academia dos Caçadores de Sombras, 2008

— Então James encontroo um parabatai e tudo ficou bem — disse Simon. — Fantástico.

James era filho de Tessa Gray, Simon percebeu, há um longo tempo na história. Era estranho pensar nisso. Parecia tornar esse menino perdido muito próximo, ele e seu amigo. Simon gostava de como James parecia. Gostava de Tessa, também.

E, embora estivesse começando a ter a sensação, mesmo sem suas memórias, de que nem sempre tinha gostado de Jace Herondale, ele gostava dele agora.

Catarina revirou os olhos com tanta ênfase que Simon imaginou que quase podia ouvi-los rolar, como bolas de boliche exasperadamente minúsculas.

— Não, Simon. A Academia expulsou James Herondale por ele se destacar por ser diferente, e aqueles que o amavam podiam segui-lo para fora. As pessoas que o expulsaram tiveram que reconstruir parte de sua preciosa Academia, veja bem.

— Uh. Desculpa, mas a mensagem que eu devia estar aprendendo é “saia, saia o mais rápido possível”?

— Talvez. Talvez a mensagem seja “confie em seus amigos”. Talvez seja que as pessoas no passado fizeram algo ruim, mas que agora todos temos de nos esforçar para fazer melhor. Talvez seja que você tem que trabalhar nas coisas por si mesmo. Você acha que todas as aulas têm conclusões fáceis? Não seja uma criança, Diurno. Você não é mais um imortal. Não tem muito tempo a perder.

Simon tomou isso como uma dispensa, e pegou seus livros.

— Obrigado pela história, Sra. Loss.

Ele desceu as escadas e saiu da Academia, mas estava atrasado demais, como sabia que teria. Ele tinha acabado de atravessar a porta quando viu a escória, sujos e cansados, abraçada, balançando-se a partir dos campos de treinamento. Marisol estava na frente, o braço dado ao de George. Era como se alguém tivesse tentado arrancar todos os seus cabelos.

— Onde você estava, Lewis? — ela chamou. — Nós poderíamos ter usado sua torcida enquanto ganhávamos!

Em algum lugar atrás deles estava a elite. John estava muito infeliz, o que encheu Simon com um profundo sentimento de paz.

Confie em seus amigos, Catarina tinha dito. Simon podia falar pelos mundanos na sala de aula, mas era mais importante que George, Marisol e Sunil falassem também. Simon não queria mudar as coisas por ser o especial, o mundano excepcional, o ex-Diurno e ex-herói. Seus colegas da escória podiam ganhar sem ele.

Havia mais um motivo pelo qual Catarina contara aquilo que ela não tinha anunciado, Simon pensou. Ela deveria ter ouvido esta história de seu amigo morto Ragnor Fell.

Catarina ouvira histórias de seu amigo da mesma forma que James Herondale escutara histórias de seu pai. Ser capaz de recontar as histórias, ter alguém para ouvir e aprender, significava um amigo que não tinha perdido. Talvez ele pudesse escrever para Clary, Simon pensou, assim como para Isabelle. Talvez pudesse confiar nela para amá-lo, apesar de quantas vezes ele tinha falhado com ela. Talvez estivesse pronto para ouvir histórias sobre si mesmo e sobre ela. Ele não queria perder um amigo.

Simon estava escrevendo sua carta para Clary quando George entrou, enxugando o cabelo. Ele tinha colocado sua vida em suas mãos e arriscou usar o chuveiro do banheiro da escória.

— Ei — cumprimentou Simon.

— Ei, onde você estava quando o jogo acontecia? — perguntou George. — Pensei que você nunca voltaria e eu teria que ser amigo de Jon Cartwright. Então pensei em ser amigo de John e seria sobrecarregado com desespero, e decidi encontrar uma das rãs que sei que estão vivendo aqui, dar-lhe pequenos óculos de rã e chamá-la de Simon 2.0.

Simon deu de ombros, não tendo certeza do quanto deveria dizer.

— Catarina me deteve depois da aula.

— Cuidado, ou alguém pode começar rumores sobre vocês dois — disse George.

— Não que eu fosse julgar. Ela é, obviamente... azulantemente encantadora.

— Ela estava me contando uma longa história sobre Caçadores de Sombras sendo idiotas e sobre parabatai. O que você acha dessa coisa toda de parabatai, de qualquer maneira? A runa parabatai é como uma pulseira da amizade que você pode nunca devolver.

— Eu acho que soa bem — disse George. — Eu gostaria de ter alguém que sempre prestasse atenção a minha volta. Alguém em quem eu pudesse contar nas épocas em que este mundo assustador ficar mais assustador.

— Soa como se houvesse alguém a quem você pediria.

— Eu pediria a você, Si — falou George, com um pequeno sorriso estranho. — Mas eu sei que você não me perguntaria. Sei a quem você pediria. E isso é bom. Eu ainda tenho a rã Simon — acrescentou pensativo. — Embora eu não tenha certeza de que ele seja exatamente do material para um Caçador de Sombras.

Simon riu da brincadeira, como era a intenção de George, diminuindo o momento embaraçoso.

— Como estavam os chuveiros?

— Eu tenho uma palavra para você, Si — disse George. — Uma triste, bem triste palavra. Coragem. Eu tive um banho, no entanto. Eu estavanojento. Nossa vitória foi incrível, mas tão duramente conquistada. Por que os Caçadores de Sombras são tão flexíveis, Simon? Por quê?

George continuou reclamando sobre as tentativas entusiasmadas e não qualificadas de John Cartwright no jogo de beisebol, mas Simon não estava escutando.

Sei a quem você pediria. Uma memória repentina veio a Simon, como fazia às vezes, cortando como uma faca. Eu te amo, ele disse a Clary. Ele falou acreditando que iria morrer. Ele queria que aquelas fossem suas últimas palavras antes de morrer, as palavras mais verdadeiras que ele poderia dizer.

Ele estava o tempo todo pensando sobre suas duas possíveis vidas, mas não tinha duas possíveis vidas. Ele tinha uma vida real, com memórias reais e uma melhor amiga real. Teve uma infância real, de mãos dadas com Clary enquanto atravessavam as ruas, e o último ano tinha ocorrido de verdade, com Jace salvando a sua vida e ele salvando Isabelle, e Clary lá, Clary, sempre Clary.

A outra vida, a chamada vida normal sem sua melhor amiga, era falsa. Era como uma tapeçaria gigante que retratava a sua vida, cenas mostradas em tópicos que eram de todas as cores do arco-íris, exceto que faltava uma cor – a mais brilhante das cores.

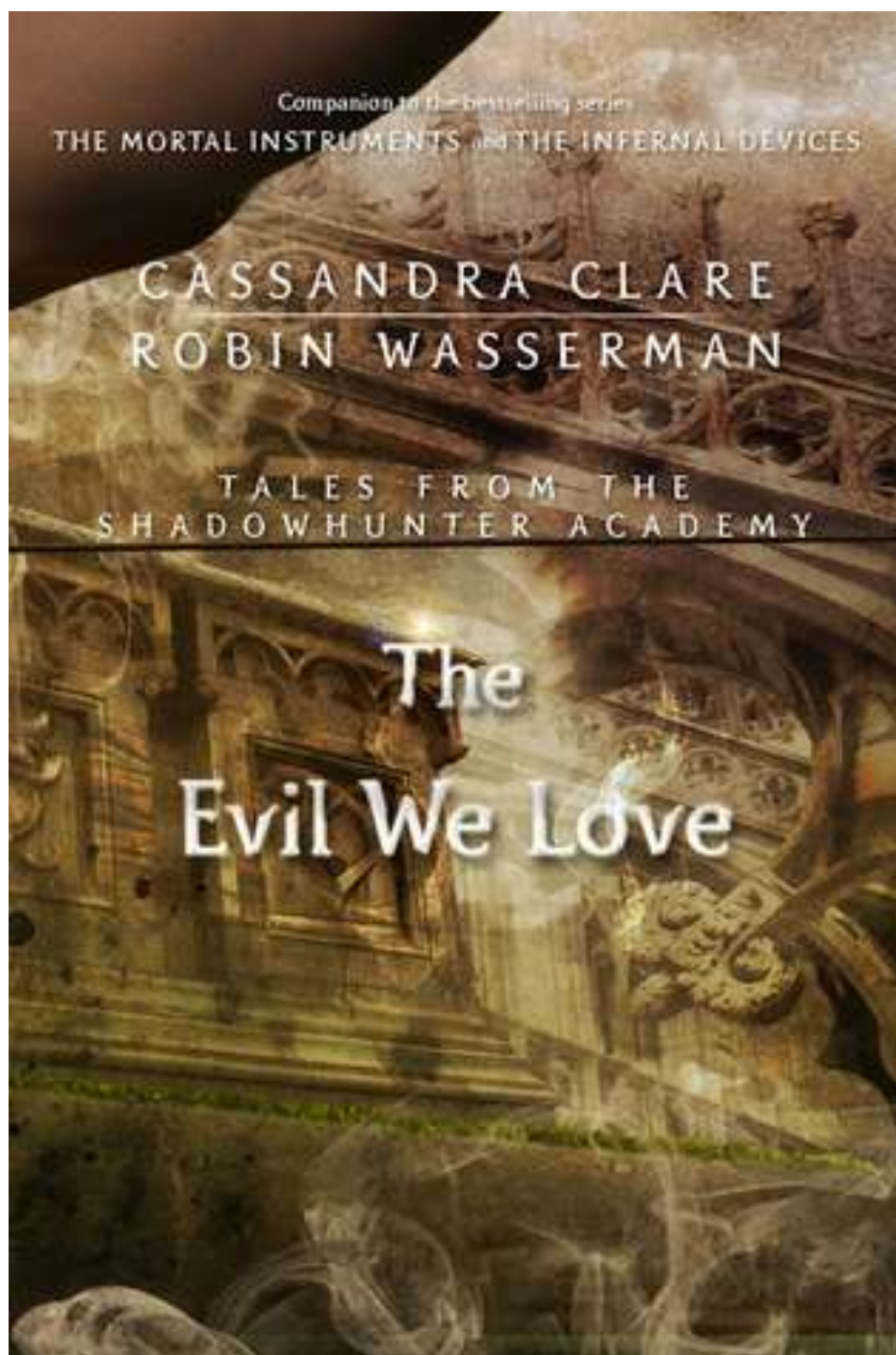
Simon gostava de George, gostava de todos os seus amigos na Academia, mas ele não era James Herondale. Ele já tinha amigos antes de vir para cá.

Amigos para viver e morrer, para ter se envolvido em cada memória. Os outros Caçadores de Sombras, especialmente Clary, eram uma parte dele. Ela era a cor que tinha sido arrancada, o fio tecido brilhantemente através de suas memórias, desde as primeiras até a sua última. Algo estava faltando no tecido da vida de Simon sem Clary, e nunca estaria certo novamente a menos que ela fosse restaurada.

Minha melhor amiga, Simon pensou. Outra coisa pela qual valia a pena viver, pela qual valia se um Caçador de Sombras. Talvez ela não quisesse ser sua parabatai. Deus sabia que Simon não era nenhum prêmio. Mas se ele conseguisse passar pela Academia, se conseguisse se tornar um Caçador de Sombras, ele teria todas as memórias de sua melhor amiga de volta.

Ele poderia tentar uma ligação como Jace e Alec, como James Herondale e Matthew Fairchild. Poderia perguntar se ela faria o ritual e falaria as palavras que diriam ao mundo que eles dois seriam inseparáveis.

Ele poderia ao menos perguntar para Clary.



O MAL QUE AMAMOS

odo o mal começa em algum lugar, e Simon Lewis aprende como o Círculo – liderado por Valentim Morgenstern – começou. A Academia dos Caçadores de Sombras presencia a perigosa ascensão do Círculo. Agora, a escola pode finalmente admitir o que aconteceu quando Valentim era um estudante.

Havia, Simon Lewis achava, muitas maneiras de destruir uma carta. Você podia rasgá-la em confete. Podia botar fogo nela. Podia dá-la de comer a um cachorro – ou um demônio Hydra. Você podia, com a ajuda do amigável feiticeiro da vizinhança, ir de Portal para o Havaí e jogá-la na boca de um vulcão.

E com todas as possíveis opções para destruir uma carta, Simon achava que o fato de Isabelle Lightwood devolver sua carta intacta talvez tivesse algum significado. Talvez fosse até um bom sinal.

Ou pelo menos um sinal não completamente horrível.

Isso, pelo menos, era o que Simon havia falado para si mesmo durante os últimos meses.

Mas até ele tinha que admitir que quando a carta em questão era meio que uma carta de amor, uma carta que incluía sentimentos, frases humilhantes como “você é incrível” e “sei que sou aquele cara que você amava” – e quando essa carta era devolvida fechada, e com “DEVOLVER AO REMETENTE” escrito com batom vermelho – “não completamente horrível” pode ser até um pouco otimista demais.

Pelo menos ela tinha se referido a ele como “remetente”. Simon tinha certeza de que Isabelle pensara em outros nomes para ele não tão amigáveis. Um demônio tinha sugado todas as suas memórias, mas sua capacidade de observação estava intacta – e ele observara que Isabelle Lightwood não era o tipo de garota que gostava de ser rejeitada. Simon, em desafio a todas as leis da natureza e do senso comum, a rejeitara duas vezes.

Ele tinha tentado se explicar na carta, se desculpar por tê-la afastado. Tinha confessado como queria voltar a ser a pessoa que uma vez fora. O Simon dela. Ou pelo menos, um Simon que a merecia.

Izzy... eu não sei por que você esperaria por mim, mas se o fizer, prometo que valerá a pena, ele tinha escrito. Ou tentarei fazer com que valha. Posso prometer que vou tentar.

* * *

Um mês depois do dia que ele a enviou, a carta voltou não lida.

Assim que a porta do dormitório rangeu ao abrir, Simon rapidamente enfiou a carta de volta na gaveta da mesinha, com cuidado para evitar teias de aranha e mofos que revestiam todos os móveis, não importa o quanto ele limpasse. Ele não tinha se movido rápido o suficiente.

— A carta de novo? — o companheiro de quarto de Simon na Academia, George Lovelace, resmungou. Ele se jogou na cama, colocando um braço dramaticamente em sua cabeça.

— Oh, Isabelle, minha querida, se eu encarar essa carta por muito tempo, talvez eu vá telepaticamente trazê-la de volta para o meu seio chorando.

— Eu não tenho seios — disse Simon, com o máximo de dignidade possível.

— E tenho certeza de que se eu tivesse, não estariam chorando.

— Arfando, então? Isso é o que seios fazem, não é?

— Eu nunca passei muito tempo perto deles — Simon admitiu.

Pelo menos, não que ele se *lembrasse*. Houve aquela tentativa abortada de tocar os de Sophie Hillyer na nona série, mas a mãe dela o pegou antes que ele pudesse achar o fecho de seu sutiã, muito menos dominá-lo. Aparentemente, houve Isabelle. Mas Simon tentava não pensar muito nisso esses dias. O fecho do sutiã de Isabelle, as mãos dele no corpo de Isabelle, o gosto de...

Simon balançou a cabeça violentamente para limpá-la.

— Nós podemos para de falar sobre seios? Tipo, para sempre?

— Não tive a intenção de interromper o seu importante momento “remoendo Izzy”.

— Eu não estou remoendo — Simon mentiu.

— Excelente — George sorriu triunfante, e Simon percebeu que ele tinha caído em algum tipo de armadilha.

— Então você vai comigo para o campo de treinamento ajudar a roubar as novas adagas. Nós estamos disputando, mundanos contra a elite – perdedores têm que comer porções extras de sopa por uma semana.

— Ah sim, Caçadores de Sombras realmente sabem como se divertir.

O coração dele não estava no sarcasmo. A verdade era que seus companheiros estudantes realmente sabiam como se divertir, mesmo que a ideia deles de diversão normalmente envolvesse armas afiadas. Com os exames já tendo passado e apenas mais uma semana até a festa de fim de ano e as férias de verão, a Academia dos Caçadores de Sombras parecia mais com um acampamento do que com uma escola. Simon não conseguia acreditar que ele ficara lá durante todo o ano escolar, não conseguia acreditar que tinha *sobrevivido* o ano. Ele aprendera latim, escrita de runas e um pouco de Chthoniano, lutara contra pequenos demônios na floresta, suportara uma noite de lua cheia com um lobisomem recém-nascido, montara (e quase fora pisoteado) à cavalo, comeu o seu peso em sopa, e em todo esse tempo, não tinha sido nem expulso nem aleijado. Ele tinha crescido o suficiente para trocar seu uniforme de combate feminino por um masculino, mesmo que o menor disponível.

Contra todas as probabilidades, a Academia tinha começado a parecer com o seu lar. Um lar viscoso, mofado, parecido com um calabouço e sem banheiros que funcionam talvez, no entanto, seu lar. Ele e George tinham até dado nomes para os ratos que viviam atrás de suas paredes. Todas as noites eles deixavam um pedaço de pão velho para Jon Cartwright Jr, III e IV mordiscarem, na esperança de eles preferirem as migalhas a pés humanos.

Essa última semana era tempo para celebrar e festejar até tarde, apostas mesquinhas sobre lutas de adagas. Mas Simon não conseguia encontrar a vontade de se divertir. Talvez fosse a

iminente sombra das férias de verão – a expectativa de ir para casa, para um lugar que não parecia mais como sua casa.

Ou talvez fosse, como sempre, Isabelle.

— Definitivamente você vai se divertir mais aqui, mal humorado — George disse enquanto ele colocava seu uniforme de combate. — Bobagem minha sugerir outra coisa.

Simon suspirou.

— Você não entenderia.

George tinha o rosto de uma estrela de cinema, sotaque escocês, bronzeado natural e o tipo de músculos que faziam as garotas – até as garotas da Academia dos Caçadores de Sombras, que, aparentemente, até conhecerem Simon nunca tinham encontrado um humano do gênero masculino sem um tanquinho – darem risadinhas e desmaiarem. Problemas com garotas, particularmente o tipo envolvendo humilhação e rejeição, estavam além da compreensão dele.

— Só para deixar claro — George disse, com um forte sotaque escocês que até Simon não conseguia não achar charmoso — você não lembra nada sobre namorar essa garota? Você não se lembra de estar apaixonado por ela, não lembra como foi quando vocês dois...

— Isso mesmo — Simon o cortou.

— Ou até se vocês dois...

— De novo, correto — Simon disse rapidamente.

Ele odiava admitir, mas isso era uma das coisas que mais o incomodava sobre a amnésia demoníaca. Que tipo de garoto de dezessete anos não sabe se é ou não virgem?

— Porque você está aparentemente com poucas células cerebrais. Você diz para essa garota linda que esqueceu tudo sobre ela, a rejeita publicamente e, quando mostra o seu amor para ela em alguma patética carta romântica, fica surpreso que ela não esteja aceitando. Então você passa os próximos dois meses desejando-a. Isso está certo?

Simon deixou a cabeça cair em suas mãos.

— Está bem, quando você fala desse jeito, não faz nenhum sentido.

— Oh, eu vi Isabelle Lightwood – faz todo o sentido no mundo — George riu. — Eu só queria esclarecer os fatos.

Ele saiu pela porta antes que Simon pudesse esclarecer que não era sobre a aparência de Isabelle – embora fosse verdade que ela era, para Simon, a garota mais bonita do mundo. Mas não era sobre sua cortina de cabelos pretos sedosos ou o castanho infinito de seus olhos ou a graça fluída e mortal com a qual ela balançava o seu chicote de electrum. Ele não conseguiria explicar sobre o que era, já que George estava certo, ele não se lembrava de nada sobre ela ou o que os dois tinham sido como um casal. Ele ainda não conseguia acreditar que eles *foram* um casal.

Ele só sabia, em um nível abaixo da razão e memória, que alguma parte dele estava ligado a Isabelle. Talvez até *pertencesse* a Isabelle. Quer ele lembrasse porque ou não.

Ele tinha escrito uma carta à Clary também, contando para ela como ele queria lembrar da amizade deles – pedindo ajuda. Ao contrário de Isabelle, ela havia respondido, contando para ele histórias de como eles se conheceram. Foi a primeira de muitas cartas, todas elas adicionando episódios para a épica vida de excelentes aventuras de Clary e Simon. Quanto mais Simon lia, mais ele lembrava, e às vezes até escrevia de volta com histórias dele. Parecia seguro, de alguma maneira, corresponder por carta; não havia a chance de Clary esperar nada dele, e nenhuma chance de ele desapontá-la, ver a dor nos olhos dela quando ela percebesse de novo que o Simon dela não existia mais. Carta por carta, as memórias de Clary que Simon tinha estavam começando a se unir.

Isabelle era diferente. Parecia que suas memórias de Isabelle estavam enterradas dentro de um buraco negro – algo perigoso e voraz, ameaçando consumi-lo se chegasse muito perto.

Simon viera para a Academia, em parte, para escapar de sua confusa e dolorosa visão dupla do passado, a desarmonia cognitiva entre a vida que ele lembrava e a que ele tinha realmente vivido. Era como a piada boba e velha que seu pai adorava.

— Doutor, meu braço dói quando eu mexo assim — Simon dizia, movendo-o.

Seu pai respondia em um ruim sotaque alemão, sua versão da “voz do doutor”:

— Então... não o mova assim.

Enquanto Simon não pensasse no passado, o passado não poderia machucá-lo. Mas, cada vez mais, ele não podia se impedir.

Havia muito prazer na dor.

* * *

As aulas podiam ter acabado nesse ano, mas a Academia ainda achava novas maneiras de torturá-los.

— O que você acha que é dessa vez? — Julie Beauvale perguntou enquanto eles sentavam nos bancos de madeira desconfortáveis do salão principal.

Todos os estudantes, tanto Caçadores de Sombras quanto mundanos, foram convocados no início da manhã de segunda-feira para um encontro de toda a escola.

— Talvez eles tenham finalmente resolvido expulsar toda a escória — Jon Cartwright disse.
— Antes tarde do que nunca.

Simon estava cansado demais e sem um pinga de cafeína para pensar em uma resposta esperta. Então ele simplesmente disse:

— Vai se danar, Cartwright.

George bufou.

Nos últimos meses de aulas, treinamento e desastres caçando demônios, a turma deles tinha ficado muito próxima – especialmente o punhado de alunos de idade próxima a de Simon. George era George, claro; Beatriz Mendoza era surpreendentemente doce para uma Caçadora de Sombras; e até Julie acabou sendo um pouco menos esnobe do que de costume. Por outro lado, Jon Cartwright...

No momento em que eles se conhecerem, Simon se decidiu que se as aparências fossem iguais às personalidades, Jon Cartwright se pareceria com o traseiro de um cavalo. Infelizmente não existia justiça no mundo, e ele se parecia com um boneco do Ken. Às vezes primeiras impressões eram enganadoras, às vezes refletiam a alma da pessoa. Simon estava tão certo agora quanto sempre esteve: a alma de Jon parecia o traseiro de um cavalo.

Jon deu um tapinha arrogante no ombro de Simon.

— Vou sentir falta das suas respostas inteligentes nesse verão, Lewis.

— Espero que você seja comido por uma aranha demoníaca nesse verão, Cartwright.

George deslizou um braço pelos dois, rindo como um maníaco e cantarolando:

— Conseguem sentir o amor essa noite?

George tinha, talvez, abraçado o espírito de celebração um pouco entusiasmadamente tarde.

Na frente do salão, a reitora Penhallow limpava sua garganta alto, olhando diretamente na direção deles.

— Talvez nós pudéssemos ter um pouco de silêncio, por favor?

As pessoas no salão continuavam conversando, e a reitora Penhallow continuava limpando a garganta e pedindo de maneira nervosa por ordem. As coisas podiam ter continuado assim a manhã toda se Delaney Scarsbury, mestre de treinamento deles, não tivesse subido em uma cadeira.

— Nós teremos silêncio, ou senão cem flexões — ele disparou.

O local silenciou rapidamente.

— Suponho que todos vocês ficaram se perguntando como vão se manter ocupados agora que os exames acabaram? — a Reitora Penhallow falou, sua voz se elevando no final da frase. A reitora tinha um jeito de transformar quase tudo em uma pergunta. — Acho que todos vocês reconhecem o palestrante dessa semana?

Um intimidante homem em um manto cinza caminhou até o palco temporário. O salão arfou. Simon arfou também, mas não foi a aparência do Inquisidor que o deixou chocado. Era a garota se arrastando atrás dele, olhando furiosamente para o manto dele como se esperasse botar fogo nele com sua mente. A garota com uma cortina de cabelos pretos sedosos e olhos castanhos infinitos: a filha do Inquisidor. Conhecida como Isabelle Lightwood para amigos, família e ex-namorados rejeitados de forma humilhante.

George deu uma cotovelada nele.

— Você está vendo o que eu estou vendo? — ele sussurrou. — Quer um lenço?

Simon não conseguia não se lembrar da última vez que Izzy tinha aparecido na Academia com o rápido propósito de avisar todas as garotas da escola para ficarem longe dele. Ele havia ficado horrorizado. Agora, não conseguiria imaginar nada melhor. Mas Isabelle não parecia inclinada a falar nada para a classe. Ela simplesmente sentou atrás de seu pai, os braços cruzados, irritada.

— Ela é ainda mais bonita quando está brava — Jon sussurrou.

Com um milagroso triunfo de moderação, Simon não furou o olho dele com uma caneta.

— Vocês estão quase completando seu primeiro ano na Academia — Robert Lightwood disse ao amontoado de alunos, de alguma maneira fazendo isso soar menos como uma parabenização do que com uma ameaça. — Minha filha me disse que um dos grandes heróis dos mundanos tem uma frase, “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”.

Simon ficou boquiaberto. Só havia uma maneira de Isabelle Lightwood, tão longe de uma nerd por quadrinhos como uma pessoa podia ser, saber uma fala – mesmo uma conhecida – do Homem Aranha. Ela estava citando Simon.

Isso tinha que significar alguma coisa... Certo?

Ele tentou capturar o olhar dela.

Ele falhou.

— Vocês aprenderam muito sobre poder esse ano — Robert Lightwood continuou. — Essa semana vou falar com vocês sobre responsabilidade. E isso acontece quando o poder não é conferido, ou é livremente dado à pessoa errada. Eu vou falar sobre o Círculo.

Com essas palavras, um silêncio correu pelo salão. A Academia, como a maior parte dos Caçadores de Sombras, era muito cuidadosa em evitar o assunto do Círculo – o grupo de Caçadores de Sombras do mal que Valentim Morgenstern liderara na Revolta. Os estudantes sabiam sobre Valentim – todo mundo sabia sobre Valentim – mas eles aprenderam rapidamente a não perguntar muito sobre ele. No último ano, Simon tinha entendido que os Caçadores de Sombras preferiam acreditar que suas escolhas eram perfeitas, que suas leis eram infalíveis. Eles não gostavam de pensar sobre quando foram quase destruídos por um grupo deles próprios.

Isso explicava, pelo menos, porque a reitora estava dando esta aula, e não a professora de história, Catarina Loss. A feiticeira parecia tolerar a maior parte dos Caçadores de Sombras – duramente. Simon suspeitava de que quando a aula era sobre ex-integrantes do Círculo – duramente – era pedir muito.

Robert limpou a garganta.

— Eu gostaria que todos vocês se perguntassem o que teriam feito se fossem estudantes aqui na época de Valentim. Teriam entrado para o Círculo? Teriam ficado do lado de Valentim na Revolta? Levante sua mão se você acha que seria possível.

Simon não ficou surpreso em não ver nenhuma mão levantada. Ele já tinha jogado esse jogo na escola mundana – toda vez que a aula de história era sobre a Segunda Guerra Mundial, ninguém nunca achava que seria um nazista.

Simon também sabia que, estatisticamente, a maioria deles estava errada.

— Agora, eu gostaria que você levantasse a mão se você se acha um Caçador de Sombras exemplar, que faria qualquer coisa para servir a Clave — Robert disse.

Sem surpresas, muito mais mãos foram levantadas dessa vez, a mais alta era de Jon Cartwright.

Robert sorriu melancólico.

— Eram aqueles mais ansiosos e leais de nós que foram os primeiros a se juntar a Valentim — ele lhes contou.

— Eram aqueles de nós mais dedicados à causa dos Caçadores de Sombras que nos encontramos como a presa mais fácil.

Houve um murmúrio na multidão.

— Sim. Eu falei nós, porque eu estava entre os discípulos de Valentim. Eu estava no Círculo.

O sussurro se transformou em uma tempestade. Alguns estudantes não pareciam surpresos, mas vários deles agiam como se uma bomba nuclear tivesse acabado de explodir em seus cérebros. Clary havia contado a Simon que Robert Lightwood era um membro do Círculo, mas era obviamente difícil para algumas pessoas conciliarem isso com a posição de Inquisidor que esse alto e temível homem agora tinha.

— O Inquisidor? — Julie respirou, com os olhos arregalados. — Como o deixaram...?

Beatriz parecia surpresa.

— Meu pai sempre disse que tinha alguma coisa errada com ele — Jon murmurou.

— Essa semana ensinarei a vocês sobre o uso impróprio do poder, sobre grandes males e como isso pode ter várias formas. Minha talentosa filha, Isabelle Lightwood, ajudará um pouco com o trabalho da aula.

Ele fez um gesto para Isabelle, que olhou rapidamente para a multidão, seu olhar cruel ficando impossivelmente ainda mais cruel.

— Acima de tudo, vou ensinar vocês sobre o Círculo, como ele começou e por que. Se prestarem atenção, alguns de vocês talvez até aprendam alguma coisa.

Simon não estava ouvindo. Ele encarava Isabelle, esperando que ela olhasse para ele. Isabelle encarava seu pé estudiosamente. E Robert Lightwood, o Inquisidor da Clave, árbitro de tudo relacionado à Lei, começou a contar a história de Valentim Morgenstern e aqueles que uma vez o amaram.

* * *

Robert Lightwood se esticou na quadra, tentando não pensar em como ele teria passado essa semana no ano anterior. Os dias depois dos exames e antes das férias de verão eram, tradicionalmente, uma libertação bêbada de energia armazenada, a aptidão mostrando-se de outro jeito quando os alunos forçavam as regras da Academia até o limite. Um ano antes, ele e Michael Wayland tinham saído do campus no meio da noite e corajosamente tomaram um proibido banho pelado no Lago Lyn. Mesmo com seus lábios completamente selados, a água teve o seu efeito alucinógeno, fazendo o céu ficar elétrico.

Eles deitaram-se de costas lado a lado, imaginando estrelas cadentes entalhando faixas brilhantes pelas nuvens e sonhando sobre eles em um mundo estranho.

Isso foi a um ano atrás, quando Robert ainda se imaginava jovem, livre para perder o seu tempo com prazeres infantis. Antes de ele ter entendido que, jovem ou não, ele tinha responsabilidades.

Isso tinha sido um ano atrás, antes de Valentim.

Os membros do Círculo tinham optado por esse silencioso e escuro canto da quadra, onde estavam salvos de olhares curiosos – e aonde eles, por sua vez, se poupavam da visão de seus colegas tendo sua diversão inútil e sem sentido. Robert lembrou a si mesmo de que ele era sortudo por estar amontoado aqui na sombra, ouvindo Valentim Morgenstern declamar.

Era um privilégio especial, ele lembrou a si mesmo, ser parte do grupinho de Valentim, privado às suas ideias revolucionárias. Um ano antes, quando Valentim havia inexplicavelmente feito dele seu amigo, ele não tinha sentido nada além de imensa gratidão e desejo em insistir em todas as palavras de Valentim.

Valentim dizia que a Clave era corrupta e preguiçosa, e que nesses dias ela se preocupava mais em manter o seu estado atual e de maneira fascista suprimir a discórdia a executar nossa nobre missão.

Valentim dizia que os Caçadores de Sombras deveriam parar de se esconder na escuridão e andar orgulhosamente pelo mundo mundano em que viviam e morriam para proteger.

Valentim dizia que os acordos eram inúteis e que o Cálice Mortal foi feito para ser usado, que a nova geração era a esperança do futuro e que as aulas da Academia eram perda de tempo.

Valentim fazia o cérebro de Robert zunir e seu coração cantar; ele fazia Robert se sentir como um guerreiro da justiça. Como se ele fosse parte de alguma coisa, alguma coisa extraordinária – como se ele e os outros tivessem sido escolhidos, não só por Valentim, mas pelo destino, para mudar o mundo. Valentim também fazia Robert se sentir desconfortável.

Valentim queria a inquestionável lealdade do Círculo. Ele queria que a crença nele, a sua convicção pela causa, enchessem suas almas. E Robert queria desesperadamente dar isso a ele. Não queria questionar a lógica ou a intenção de Valentim, não queria se preocupar que ele acreditava muito pouco nas coisas que Valentim dizia. Ou que acreditava demais. Hoje, mergulhado na luz do sol, a infinita possibilidade do verão se abrindo à sua frente, ele não queria se preocupar nem um pouco. Então, enquanto Valentim falava, Robert deixou sua mente viajar, só por um instante. Melhor se desconectar do que duvidar. Só por agora, seus amigos poderiam escutar por ele, falar para ele o que aconteceu mais tarde. Não era para isso que serviam os amigos?

Havia oito deles hoje, o círculo mais íntimo do Círculo, todos sentados em silêncio enquanto Valentim falava alto sobre a bondade da Clave para com os integrantes do Submundo: Jocelyn Fairchild, Maryse Trueblood, Lucian e Amatis Graymark, Hodge Starkweather, e, claro, Michael, Robert e Stephen.

Mesmo Stephen Herondale sendo a mais nova adição ao grupo – e a mais nova adição à Academia, havia chegado do Instituto de Londres no início do ano – ele era também o mais devotado à causa, e a Valentim.

Chegara à Academia vestido como um mundano: jaqueta de couro com tachinhas, calça jeans apertada, cabelo loiro com gel ridiculamente espetado como as estrelas de rock mundanas que tinham pôsteres nas paredes do dormitório. Apenas um mês depois, Stephen adotara não só o visual simples todo preto de Valentim, mas também suas maneiras, então a única grande diferença entre eles era o cabelo loiro branco de Valentim e os olhos azuis de Stephen. Primeiro ele havia se livrado de todas as suas coisas mundanas e destruído o seu amado pôster do Sex Pistols em uma fogueira sacrificial.

— Herondales não fazem nada pela metade — Stephen dissera quando Robert o provocou por causa disso, mas Robert suspeitava que houvesse alguma coisa por trás do tom sem preocupações. Alguma coisa escura – alguma coisa voraz. Valentim, ele havia percebido, tinha um dom especial para escolher discípulos, focando nos estudantes que tinham algum tipo de carência, algum vazio interno que ele pudesse preencher.

Diferentemente do resto de sua gangue de pessoas que não se encaixavam, Stephen era aparentemente completo: um Caçador de Sombras bonito, gracioso, muito qualificado com um pedigree diferenciado e tinha o respeito de todos no campus. Isso fazia Robert se perguntar... o que havia que só Valentim conseguia enxergar?

Seus pensamentos tinham ido tão longe que quando Maryse arfou e disse em voz baixa: “Isso não vai ser perigoso?”, ele não sabia do que ela estava falando.

Apesar disso, ele apertou sua mão tranquilizadamente, como se fosse para isso que serviam os namorados. Maryse estava deitada com a cabeça em seu colo, seu cabelo preto sedoso espalhado pelo jeans dele. Ele tirou o cabelo do rosto dela, um privilégio de namorados.

Fazia quase um ano, mas Robert ainda achava difícil de acreditar que aquela garota – essa garota feroz, graciosa e ousada com a mente como uma lâmina de barbear – tinha escolhido ele como dela. Ela deslizava pela Academia como uma rainha, concedendo auxílio, cedendo ao desejo de demonstrar seus assuntos. Maryse não era a garota mais bonita da classe, e certamente não era a mais doce ou mais charmosa.

Ela não ligava para coisas como doçura e charme. Mas quando o assunto era campo de batalha, ninguém era melhor em atacar o inimigo, e certamente ninguém era melhor com o chicote. Maryse era mais que uma garota, ela era uma força.

As outras garotas a admiravam, os garotos a *queriam* – mas só Robert a tinha.

Isso havia mudado tudo.

Às vezes, Robert sentia como se sua vida inteira fosse uma interpretação. E que era só uma questão de tempo até que seus colegas estudantes vissem através dele e percebessem o que ele realmente era, abaixo de todo os músculos e arrogância: covarde. Fraco. Inútil. Ter Maryse ao

seu lado era como vestir uma armadura. Ninguém como ela escolheria alguém inútil. Todo mundo sabia disso. Às vezes até Robert acreditava.

Ele amava como ela o fazia sentir quando estavam em público: forte e seguro. E ele amava ainda mais como ela o fazia sentir quando estavam sozinhos, quando pressionava seus lábios na nuca dele e quando traçava a língua pelo arco de sua espinha. Ele amava a curva de seu quadril, o sussurro de seu cabelo; amava o brilho em seus olhos quando ela entrava em combate. Ele amava o gosto dela. Então por que quando ela dizia “eu te amo”, ele se sentia um mentiroso por responder o mesmo? Por que ocasionalmente – talvez mais que ocasionalmente – ele pensava em outras garotas, como seria o gosto *delas*?

Como ele podia amar o modo que Maryse o fazia sentir... e ainda estar tão incerto de que o que ele sentia era amor?

Ele havia começado a olhar os outros casais em volta dele disfarçadamente, tentando descobrir se eles se sentiam da mesma maneira, se suas declarações de amor mascaravam a mesma confusão e dúvida. Mas a maneira com que Amatis apoiava sua cabeça confortavelmente no ombro de Stephen, o jeito com que Jocelyn despreocupadamente entrelaçava seus dedos aos de Valentim, até a maneira com que Maryse preguiçosamente brincava com as costuras desfiadas do jeans dele, como se as roupas e o corpo dele fossem propriedade dela... todos eles pareciam tão certos de si mesmos. Robert só estava certo de quão bom ele havia ficado em fingir.

— Nós deveríamos nos vangloriar do perigo, se isso significar ter uma chance de acabar com os sujos e desonestos seres do Submundo — Valentim disse, brilhando. — Mesmo que esse bando de lobos não tenha uma pista do monstro que... — ele engoliu duramente, e Robert sabia no que ele estava pensando, porque parecia que nesses dias isso era tudo em que Valentim pensava, a fúria irradiando dele como se o pensamento estivesse escrito em fogo, *o monstro que matou meu pai*. — Mesmo que não tenha, nós estaremos fazendo um favor à Clave.

Ragnor Fell, o feiticeiro de pele verde que era professor na Academia por quase um século parou no meio do caminho da quadra e olhou para eles, quase como se pudesse ouvir sua discussão.

Robert garantia que isso seria impossível. Mesmo assim, ele não gostava da maneira com que os feiticeiros olhavam torto para eles, como se estivessem fazendo um alvo.

Michael limpou a garganta.

— Talvez a gente não devesse falar assim sobre integrantes do Submundo aqui fora.

Valentim bufou.

— Espero que essa cabra velha me ouça. É uma desgraça o deixarem ensinar aqui. O único lugar que existe para um ser do Submundo na Academia é na mesa de dissecação.

Michael e Robert trocaram um olhar. Como sempre, Robert sabia exatamente o que seu parabatai estava pensando – e Robert pensava a mesma coisa. Valentim, quando eles o conheceram, era uma figura elegante com seu cabelo branco ofuscante e seus ardentes olhos pretos. Suas feições eram suaves e afiadas ao mesmo tempo, como gelo esculpido, mas embaixo da aparência intimidante havia um garoto surpreendentemente calmo levado à raiva somente pela injustiça. Sim, Valentim sempre tinha sido intenso, mas uma intensidade inclinada a fazer

o que ele acreditava ser certo, o que era bom. Quando Valentim disse que queria corrigir as injustiças impostas a eles pela Clave, Robert acreditou nele, e ainda acreditava. E enquanto Michael tinha uma bizarra fraqueza por integrantes do Submundo, Robert não gostava deles mais do que Valentim, não conseguia imaginar por que, nessa época, a Clave ainda permitia que feiticeiros interferissem nos assuntos dos Caçadores de Sombras.

Mas tinha uma diferença entre intensidade lúcida e raiva irracional. Robert esperava há um tempo que o luto raivoso de Valentim acabasse. Ao invés disso, tinha acendido um inferno.

— Então você não vai nos contar aonde conseguiu sua informação — Lucian disse, o único além de Jocelyn que podia questionar Valentim com impunidade — mas quer que a gente saia escondido do campus e cace esses lobisomens nós mesmos? Se tem tanta certeza de que a própria Clave quereria tomar conta deles, por que não deixar para eles?

— A Clave é inútil — Valentim replicou. — Você sabe disso melhor que ninguém, Lucian. Mas se nenhum de vocês está disposto a se arriscar por isso – se preferirem ficar aqui e ir a uma festa... — a sua boca se curvou como se até falar a palavra causasse nojo nele. — Eu vou sozinho.

Hodge empurrou seus óculos para cima do nariz e levantou pulando.

— Eu vou com você, Valentim — ele disse alto, muito alto. Era o jeito de Hodge – ou muito alto ou muito baixo, sempre entendendo errado o que estava acontecendo. Tinha uma razão para ele preferir livros a pessoas. — Eu estou sempre do seu lado.

— Sente-se — Valentim repreendeu. — Eu não preciso que você se meta no meio.

— Mas...

— Quão boa é a sua lealdade a mim quando ela vem com uma boca grande e dois pés esquerdos?

Hodge empalideceu e sentou no chão novamente, os olhos piscando furiosamente atrás de lentes grossas.

Jocelyn colocou uma mão no ombro de Valentim – sempre tão gentil, e só por um momento, mas foi suficiente.

— Eu quis dizer, Hodge, que suas habilidades são desperdiçadas no campo de batalha — Valentim disse, mais gentilmente. A mudança em seu tom era abrupta, mas sincera. Quando Valentim o favorecia com o seu sorriso mais sincero, era impossível de resistir. — E eu não conseguiria me perdoar se você se machucasse. Eu não posso... eu não posso perder mais ninguém.

Estavam todos em silêncio, por um momento pensando em como aconteceu rápido, a reitora tirando Valentim do campo de treinamento para dar a notícia, a maneira como ele havia a recebido, em silêncio e estável, como um Caçador de Sombras deveria. Como ele se parecia quando voltou ao campus depois do funeral, seus olhos vazios, a pele amarelada, seu rosto envelhecido em anos em uma semana. Seus pais eram todos guerreiros, e eles sabiam: o que Valentim tinha perdido, qualquer um deles podia perder. Ser um Caçador de Sombras era viver à sombra da morte.

Eles não podiam trazer o pai dele de volta, mas podiam ajudá-lo a vingar a perda, certamente deviam isso a ele.

Robert, pelo menos, o devia tudo.

— Claro que iremos com você — Robert disse firmemente. — Qualquer coisa que você precisar.

— Concordo — Michael confirmou. Aonde quer que Robert fosse, ele sempre o seguiria.

Valentim acenou com a cabeça.

— Stephen? Lucian?

Robert viu Amatis revirando os olhos. Valentim nunca tratou a mulher com nada menos do que respeito, mas quando o assunto era campo de batalha, ele preferia lutar com homens ao seu lado.

Stephen concordou com a cabeça. Lucian, que era parabatai de Valentim e em quem ele mais confiava, falou que não podia desconfortavelmente.

— Eu prometi à Celine que seria o tutor dela hoje de noite — ele admitiu. — Claro que posso cancelar, mas...

Valentim acenou com a mão, rindo, e os outros o seguiram em conjunto.

— Tutor? É assim que estão chamando isso hoje em dia? — Stephen provocou. — Parece que ela já tirou a nota máxima em envolver você nos dedos.

Lucian corou.

— Nada está acontecendo lá, confie em mim — ele falou, e era provavelmente a verdade.

Céline, três anos mais nova, com as frágeis, delicadas e bonitas feições de uma boneca de porcelana, seguia o grupo deles como um cachorrinho perdido. Era óbvio para qualquer um que tivesse olhos que ela era apaixonada por Stephen, mas ele era um caso perdido, completamente comprometido à Amatis. Ela havia escolhido Lucian como seu prêmio de consolação, mas era óbvio que Lucian não tinha interesse em ninguém além de Jocelyn Fairchild. Óbvio, isto é, para todo mundo além de Jocelyn.

— Nós não precisamos de você dessa vez — Valentim disse ao Lucian. — Fique e aproveite.

— Eu deveria ir com você — falou Lucian, a animação desaparecida de sua voz. Ele soava aflito com o pensamento de Valentim se aventurando em um território perigoso sem ele, e Robert entendia.

Parabatai nem sempre lutavam lado a lado – mas saber que seu *parabatai* estava em perigo, sem você lá para ajudar e protegê-lo? Isso causava quase dor física. E o laço de *parabatai* de Valentim e Lucian era ainda mais forte que a maioria. Robert quase podia sentir a corrente de poder fluindo entre eles, a força e o amor que eles passavam para frente e para trás com cada olhar.

— Onde fores, irei.

— Já está decidido, meu amigo — Valentim disse, e simples assim, era.

Lucian ficaria na Academia com os outros. Valentim, Stephen, Michael e Robert escapariam do campus depois de escurecer e se aventurariam na Floresta Brocelind em busca de um acampamento de licantropos que, supostamente, poderia levá-los ao assassino do pai de Valentim. Eles pensaram no resto no caminho.

Enquanto os outros se apressavam para ir ao salão para o almoço, Maryse pegou a mão de Robert e o puxou para perto.

— Você vai ser cuidadoso lá fora, tudo bem? — ela disse seriamente.

Maryse dizia tudo seriamente – era uma das coisas que ele mais gostava sobre ela.

Ela pressionou seu corpo ágil contra o dele, beijou seu pescoço, e ele sentiu naquele momento uma sensação passageira de confiança suprema, que era lá a que ele pertencia... pelo menos, até ela sussurrar:

— Venha para casa, para mim em um só pedaço.

Venha para casa, para mim. Como se ele pertencesse a ela. Como se, na cabeça dela, eles já fossem casados, com uma casa, crianças e uma vida juntos, como se o futuro deles já estivesse decidido.

Era o apelo de Maryse, como era o apelo de Valentim, a facilidade com qual eles podiam ter tanta certeza do que poderia ser, e do que viria. Robert continuava esperando que um dia isso o atingisse. Nesse meio tempo, quanto menos certeza ele tivesse, com mais certeza agiria – ninguém precisava saber a verdade.

* * *

Robert Lightwood não era muito bem um professor. Ele falava de modo ordenado, dando uma explicação do início do Círculo, expondo os princípios revolucionários de Valentim como se fossem uma lista de ingredientes de um bolo particularmente doce. Simon, que estava, em vão, gastando toda a sua energia para se comunicar com Isabelle telepaticamente, mal ouvia. Ele se encontrou amaldiçoando o fato de que Caçadores de Sombras eram tão arrogantes sobre todo o fato de não-fazemos-mágica. Se ele fosse um feiticeiro, provavelmente conseguiria chamar a atenção com o estalar de um dedo. Ou, se ainda fosse um vampiro, poderia usar seus poderes vampirescos para enfeitiçá-la – mas isso era uma coisa sobre a qual Simon preferia não pensar, porque isso fazia aparecer algumas perguntas inquietantes sobre como ele conseguiu encantá-la em primeiro lugar.

O que ele ouviu da história de Robert não o interessou muito. Simon nunca tinha gostado muito de história, pelo menos não de como ela era transmitida a ele na escola. Soava muito como um panfleto, tudo simplesmente exposto e dolorosamente óbvio em retrospecto. Todas as guerras tinham suas causas óbvias, todo ditador megalomaniaco era mau como nos desenhos que você se perguntava quão burras as pessoas do passado eram para não perceber. Simon não se lembrava muito das suas próprias experiências de fazer história, mas se lembrava o suficiente para saber que não era tão simples quando estava acontecendo. História, da maneira que os

professores gostavam, era uma pista de corrida, um tiro reto do início até o final da linha, quando de verdade era mais um labirinto.

Talvez a telepatia tivesse funcionado, afinal. Porque quando a palestra terminou e os estudantes foram liberados, Isabelle pulou do palco e caminhou direto até o Simon. Ela deu um aceno cortante.

— Isabelle, eu, uh, talvez a gente possa...

Ela deu um sorriso brilhante para ele que, por um momento, o fez pensar que toda aquela preocupação tinha sido para nada. Então ela falou:

— Você não vai me apresentar para os seus amigos? Especialmente os bonitos?

Simon viu metade da classe se juntando atrás dele, ansiosos para falar com a famosa Isabelle Lightwood. Na frente do bando estavam George e Jon, o último praticamente babando.

Jon andou para a frente de Simon e estendeu uma mão.

— Jon Cartwright, a seu dispor — ele falou em uma voz que soltava charme, como uma bolha solta pus.

Isabelle pegou sua mão – e em vez de derrubá-lo com um golpe de jiu-jítsu humilhante ou arrancar a mão dele do pulso com seu chicote de electrum, ela o deixou pegar a mão dela e levá-la aos lábios. Então ela fez uma reverência. Ela piscou. E o pior de tudo, ela deu uma risadinha.

Simon pensou que talvez pudesse vomitar.

Infinitos minutos de tortura passaram: George corando e fazendo tentativas patetas de piadas, Julie chocada e sem palavras, Marisol fingindo estar acima de tudo, Beatriz atraindo uma conversa sem graça, mas educada conversa rápida sobre conhecidos das duas, Sunil se balançando na parte de trás da multidão tentando ser visto, e, acima de tudo, Jon dando um sorriso falso e Isabelle brilhando e piscando seus olhos em uma exibição que só podia ser feita para fazer o estômago de Simon revirar.

Pelo menos, ele esperava desesperadamente que fosse feita para isso.

Porque a outra opção – a possibilidade de Isabelle estar sorrindo para Jon simplesmente porque queria, e que ela aceitava o convite dele para apertar seus grandes bíceps porque queria sentir os músculos dele contraindo embaixo de seu aperto delicado – era impensável.

— Então o que as pessoas por aqui fazem para se divertir? — ela perguntou finalmente, então apertou seus olhos flertando com Jon. — E não diga “me veem”.

Eu já estou morto?, Simon pensou sem esperanças. *Isso é o inferno?*

— Nem as circunstâncias nem as pessoas aqui se provaram favoráveis à diversão — Jon disse pomposamente, como se a algazarra em sua voz pudesse disfarçar o fogo em suas bochechas.

— Tudo isso vai mudar esta noite — disse Isabelle, e então virou-se em seu salto agulha e andou para longe.

George balançou a cabeça, deixando sair um assovio de aprovação.

— Simon, a sua namorada...

— Ex-namorada — Jon corrigiu.

— Ela é magnífica — Julie suspirou, e pelo olhar no rosto dos outros, ela estava falando por todo o grupo.

Simon revirou os olhos e correu atrás de Isabelle – estendendo o braço para agarrar seu ombro, então repensando do último momento. Agarrar Isabelle Lightwood por trás provavelmente era um convite para amputação.

— Isabelle — ele disse bruscamente. Ela acelerou. Ele também, imaginando para onde ela estava se dirigindo.

— Isabelle — ele chamou novamente.

Eles entraram mais ainda na escola, o ar pesado com umidade e mofo, o chão de pedra cada vez mais escorregadio embaixo de seus pés. Encontraram uma encruzilhada, ramificações do corredor para a esquerda e para a direita. Ela parou antes de escolher o da esquerda.

— Nós normalmente não vamos por esse caminho — Simon disse. Nada.
— Principalmente por causa da lesma do tamanho de um elefante que vive no final dele.

Isso não era um exagero. Dizem que um antigo membro descontente da Academia – um feiticeiro que tinha sido demitido na corrente contra os integrantes do Submundo – deixara o bicho para trás como um presente de partida.

Isabelle continuou andando, mais devagar agora, escolhendo cuidadosamente seu caminho sobre poças infiltradas de gosma. Alguma coisa sacudiu fazendo barulho no alto. Ela não hesitou – mas olhou para cima, e Simon viu seus dedos brincando com o chicote enrolado.

— E também por causa dos ratos — ele completou.

Ele e George tinham ido a uma expedição por esse corredor procurando pela suposta lesma... desistiram depois que o terceiro rato caiu do teto e de alguma maneira encontrou o caminho para a calça de George.

Isabelle deu um forte suspiro.

— Qual é Izzy, espere.

De alguma maneira ele tropeçou nas palavras mágicas. Ela girou seu rosto para ele.

— Não me chame assim — ela vociferou.

— O quê?

— Meus amigos me chamam de Izzy — ela disse. — Você perdeu esse direito.

— Izzy... quer dizer, Isabelle. Se você leu minha carta...

— Não. Não me chame de Izzy, não me mande cartas, não me siga por corredores escuros e tente me salvar de ratos.

— Confie em mim, se nós virmos um rato, é cada um por si.

Isabelle olhou para ele como se quisesse dá-lo de alimento para a lesma gigante.

— O meu ponto, Simon Lewis, é que você e eu somos estranhos agora, exatamente como você queria.

— Se isso é verdade, então o que você está fazendo aqui?

Isabelle parecia incrédula.

— Uma coisa é Jace achar que o mundo gira em torno dele, mas vamos lá. Eu sei que você adora fantasia, Simon, mas a suspensão da realidade só pode ir até certo ponto.

— Essa é a minha escola, Isabelle. E você é a minha...

Ela só o encarou, como se estivesse desafiando-o a pensar em um substantivo que justificasse o pronome possessivo.

Isso não estava indo da maneira que ele havia planejado.

— Tudo bem, então por que você está aqui? E por que está sendo tão legal com todos os meus, hã, amigos?

— Porque meu pai está me forçando a estar aqui. Porque eu acho que ele pensa que um desagradável tempo criando laços de pai e filha em um fosso coberto de gosma vai fazer eu me esquecer que ele é um traidor que abandonou sua família. E estou sendo legal com os seus amigos porque eu sou uma pessoa legal.

Agora era Simon que parecia incrédulo.

— Tudo bem, eu não sou — ela admitiu. — Mas nunca vim realmente para a Academia, você sabe. Pensei que se eu tenho que estar aqui, devo tirar o melhor disso. Ver o que estou perdendo. É informação suficiente para você?

— Entendo que você esteja brava comigo, mas...

Ela balançou sua cabeça.

— Você não entende. Eu não estou brava com você. Não estou nada com você, Simon. Você me pediu para aceitar que você é uma pessoa diferente agora, alguém que não conheço. Então eu aceitei isso. Eu amei alguém – ele se foi agora. Você não é ninguém que eu conheça e, que eu saiba, ninguém que eu precise conhecer. Só serão alguns dias, e então nós nunca mais vamos precisar nos ver. Que tal nós não tornarmos isso mais difícil do que já é?

Ele não conseguia respirar muito bem.

Eu amei alguém, ela disse, e era o mais perto que ela – ou qualquer garota – já tinha chegado de dizer eu te amo para Simon.

Exceto que não era nem um pouco perto, era?

Estava a um mundo de distância.

— Tudo bem.

Eram as únicas palavras que ele conseguiu forçar para fora, mas ela já estava andando pelo corredor. Ela não precisava da permissão dele para ser uma estranha, não precisava de nada dele.

— Você está indo pelo caminho errado! — ele gritou para ela.

Não sabia para onde ela queria ir, mas não tinha muita chance de ela querer ir lutar com uma lesma.

— Eles estão todos errados — ela gritou de volta, sem se virar.

Ele tentou captar um significado oculto nas palavras dela, um lampejo de dor. Algo que mostraria que sua declaração era uma mentira, trairia os sentimentos que ela ainda tinha por ele – provar que isso era difícil e confuso para ela como era para ele.

Mas a suspensão da realidade só pode ir até certo ponto.

* * *

Isabelle disse que queria aproveitar o máximo seu tempo na Academia, e havia proposto que eles não tornassem isso mais difícil do que precisava ser. Infelizmente, logo Simon descobriu que essas duas coisas eram mutuamente exclusivas. Porque a versão de Isabelle de aproveitar ao máximo envolvia Isabelle esticada como um gato no sofá de couro mofado da sala e cercada por alunos bajuladores, Isabelle tomando o estoque ilícito de uísque do George e convidando os outros a fazerem o mesmo, então logo todos os amigos e inimigos de Simon estavam bêbados, tontos e muito bem humorados para o gosto dele. Fazer a melhor das coisas aparentemente significava encorajar Julie a flertar com George e ensinar Marisol como golpear uma estátua com um chicote e, o pior de tudo, concordar em “talvez” ser o par de Jon Cartwright para a festa de fim de ano no final da semana.

Simon não sabia se nada disso era mais difícil do que deveria ser – quem sabia o que se qualificava como *precisava ser?* – mas era torturante.

— Então, quando a diversão de verdade começa? — Isabelle finalmente perguntou.

Jon mexeu as sobrancelhas.

— Só fale a palavra.

Isabelle riu e tocou o ombro dele.

Simon imaginou se a Academia o expulsaria por matar Jon Cartwright enquanto ele dormia.

— Não esse tipo de diversão. Eu quero dizer, quando saímos escondidos do campus? Ir festejar em Alicante? Nadar no Lago Lyn? Ir... — ela parou, finalmente notando que os outros estavam olhando boquiabertos para ela como se ela estivesse falando em outra língua.
— Vocês estão me dizendo que não fazem *nada disso?*

— Nós não estamos aqui para nos divertir — Beatriz falou, meio rigidamente. — Estamos aqui para aprender a ser Caçadores de Sombras. Existem regras por um motivo.

Isabelle revirou os olhos.

— Vocês não ouviram falar que regras são feitas para ser quebradas? Estudantes deveriam entrar em alguns problemas na Academia – pelo menos os melhores estudantes. Por que vocês acham que regras são tão rígidas? Para só os melhores conseguirem quebrá-las. Pensem nisso como crédito extra.

— Como você sabe? — Beatriz perguntou. Simon ficou surpreso com seu tom. Normalmente ela era a mais calada deles, sempre deixando fluir. Mas havia uma ponta em sua voz agora, algo que o lembrava de que, mesmo gentil como ela parecia, nascera uma guerreira. — Não é como se você fosse ficar aqui.

— Eu venho de uma longa linhagem de graduados na Academia — Isabelle disse. — Eu sei o que eu preciso saber.

— Nós não estamos interessados em seguir os passos de seu pai — Beatriz respondeu, então se levantou e saiu da sala.

O silêncio permaneceu, todos tensos esperando a reação de Isabelle.

O sorriso dela não vacilou, mas Simon conseguia sentir o calor irradiando dela e entendeu que estava gastando muita energia para ela não explodir – ou ter um colapso. Ele não sabia qual seria; não sabia como ela se sentia sobre seu pai ter sido um dos seguidores de Valentim. Não sabia nada sobre ela, não de verdade. Ele admitia isso. Mas ainda queria abraçá-la até a tempestade passar.

— Ninguém nunca acusou meu pai de ser divertido — Isabelle disse categoricamente. — Mas eu assumo que minha reputação me segue. Se vocês me encontrarem aqui amanhã à meia-noite, vou mostrar o que vocês estão perdendo — ela pegou a mão de Jon e permitiu que ele a levantasse do sofá.

—Agora, você pode me mostrar o caminho para o meu quarto? Esse lugar é simplesmente impossível de se achar.

— Será um *prazer* — Jon disse, piscando para Simon.

Então eles haviam ido.

Juntos.

* * *

Na manhã seguinte, a sala ecoava com bocejos e gemidos de ressacas e buscas (infrutíferas) por café e gordura. Enquanto Robert Lightwood começava sua segunda aula, algum tedioso discurso sobre a natureza do mal e uma análise ponto por ponto das críticas de Valentim sobre os acordos, Simon tinha que ficar se beliscando para se manter acordado. Robert era possivelmente a única pessoa no planeta que conseguia deixar uma história sobre o Círculo bastante chata. Não tinha ajudado o fato de Simon ter ficado acordado até o amanhecer se remexendo no colchão tentando tirar imagens de Isabelle e Jon de sua cabeça.

Alguma coisa estava acontecendo com ela, Simon tinha certeza. Talvez não fosse sobre ele – talvez fosse sobre o pai dela ou um problema restante de estudar em casa ou talvez só alguma coisa de garota que ele não conseguia compreender, mas ela não estava agindo normalmente.

Ela não é sua namorada, ele continuava se lembrando. Mesmo que alguma coisa estivesse errada, não era mais trabalho dele concertar. *Ela pode fazer o que quiser*. E se o que ela queria era Jon Cartwright, não valia perder uma noite de sono por ela em primeiro lugar.

Ao nascer do sol, ele já havia quase se convencido disso. Mas lá estava ela de novo, no palco atrás de seu pai, seu feroz olhar inteligente evocando todos aqueles sentimentos irritantes de novo.

Não eram exatamente memórias. Simon não conseguia nomear um filme que eles haviam assistido juntos, não sabia da comida preferida de Isabelle ou de piadas internas, não sabia como era beijá-la ou entrelaçar seus dedos aos dela. O que ele sentia quando olhava para ela era mais profundo do que isso, residindo em algum lugar no fundo de sua mente. Ele sentia como se a *conhecesse*, por dentro e por fora. Sentia como se tivesse a visão raios-X do Super-Homem e pudesse olhar para sua alma. Ele sentia aflição, perda e confusão, se sentia como um homem das cavernas com a necessidade de abater um javali e colocá-lo aos pés dela, sentia a necessidade de fazer algo incrível e a crença de que, na presença dela, ele conseguiria.

Sentia algo que nunca tinha sentido antes – mas tinha a sensação penetrante de que o reconhecia de qualquer jeito.

Tinha certeza de que o que ele sentia era amor.

* * *

1984

Valentim fazia aquilo parecer fácil para eles. Ele conseguiu a permissão do reitor para uma viagem de campo “educacional” na Floresta Brocelind – dois dias e noites livres para fazer o que eles quisessem, desde que resultasse em algumas páginas rabiscadas sobre o poder curativo das plantas selvagens.

Por tudo isso, com suas perguntas desconfortáveis e teorias rebeldes, Valentim deveria ser a ovelha negra da Academia de Caçadores de Sombras. Ragnor Fell com certeza o tratava como uma criatura gosmenta que saiu de baixo de uma rocha e voltaria para lá com pressa. Mas o resto da escola parecia cego pelo magnetismo pessoal de Valentim, não conseguiam – ou não queriam – ver o desrespeito que havia embaixo. Ele tinha escapado de prazos e matado aulas muitas vezes, com as desculpas sendo nada mais do que um rápido sorriso. Algum outro estudante provavelmente seria grato pela liberdade, mas isso só fazia Valentim odiar mais seus professores – cada exceção que a escola abria para ele era mais uma evidência de fraqueza.

Ele não tinha hesitava em aproveitar as consequências disso.

A alcateia de lobisomens, de acordo com a informação de Valentim, estava escondida no antigo solar Silverhood, uma ruína antiga no coração da floresta. O último Silverhood havia morrido em batalha duas gerações antes, seu nome era usado para assustar crianças Caçadoras de Sombras. A morte de um soldado era algo lamentável, contudo, a ordem natural das coisas. A morte de uma linhagem era inimaginável.

Talvez todos eles estivessem secretamente apreensivos sobre isso, essa missão ilícita que parecia cruzar uma linha invisível. Eles nunca tinham atacado integrantes do Submundo sem a expressa permissão de seus superiores; já haviam quebrado regras, mas nunca tinham ficado tão perto que quebrar a Lei antes.

Talvez eles só quisessem passar mais algumas horas como adolescentes normais antes de irem tão longe que não conseguiriam mais voltar.

Por qualquer razão, os quatro fizeram seu caminho pela floresta com uma falta de velocidade proposital, montando o acampamento para a noite a cerca de oitocentos metros da propriedade Silverhood. Valentim decidira que eles passariam o dia vigiando o acampamento de lobisomens, medindo suas forças e fraquezas, mapeando os costumes do bando, e atacariam quando a noite caísse, quando a alcateia tivesse saído para caçar. Mas esse era um problema para o dia seguinte. Naquela noite eles sentaram em volta da fogueira, tostaram salsichas sobre as chamas saltitantes e relembrou seus passados e falaram sobre seus futuros, que ainda parecia impossivelmente longe.

— Eu vou me casar com Jocelyn, claro — disse Valentim — e nós vamos criar nossas crianças em uma nova era. Elas não serão enroladas pelas corruptas Leis da Clave fraca e chorona.

— Claro, porque nessa época já estaremos controlando o mundo — Stephen disse, brilhando.

O sorriso amargo de Valentim fez isso parecer menos com uma piada do que com uma promessa.

— Vocês não conseguem ver? — Michael falou. — Papai Valentim, afundado em fraldas. Cheio de crianças.

— Quantas Jocelyn quiser — a expressão de Valentim suavizou, como sempre acontecia quando ele falava o nome dela. Eles só estavam juntos há dois meses – desde que o pai dele morreu – mas ninguém questionava que eles ficariam juntos para sempre. A maneira com que ele olhava para ela... como se ela fosse de um tipo diferente do resto deles, um tipo *melhor*. “Você não percebe?” Valentim lhe dissera, mais cedo, quando Robert o perguntou como ele podia estar tão certo do amor, tão cedo. “Há mais do Anjo nela do que no resto de nós. Há bondade nela. Ela brilha como o próprio Raziel.”

— Você só quer transbordar o mundo de genes — Michael respondeu. — Imagino que você pense que o mundo seria melhor se cada Caçador de Sombras tivesse um pouco de Morgenstern neles.

Valentim riu.

— Já falei que falsa modéstia não é uma das minhas qualidades, então... sem comentários.

— Enquanto estamos nesse assunto — Stephen disse, suas bochechas corando. — Eu pedi a Amatis. E ela disse sim.

— Pediu o quê? — Robert perguntou.

Michael e Valentim só riram, as bochechas de Stephen pegaram fogo.

— Para se casar comigo — ele admitiu. — O que vocês acham?

A pergunta era obviamente direcionada a todos eles, mas o seu olhar estava fixo em Valentim, que hesitou por um tempo muito longo antes de responder.

— Amatis? — ele perguntou finalmente, franzindo a testa como se ele tivesse que pensar seriamente no assunto.

Stephen prendeu a respiração, e naquele momento, Robert quase achou que era possível que ele precisasse da aprovação de Valentim – que apesar de fazer o pedido para Amatis, apesar de amá-la tão profunda e desesperadamente que ele quase tremia com emoção quando ela chegava perto, apesar de escrever aquela abominável canção de amor que Robert uma vez encontrou amassada de baixo de sua cama, Stephen a deixaria de lado se Valentim mandasse.

Naquele momento, Robert quase achou que era possível que Valentim mandasse, só para ver o que aconteceria.

Então o rosto de Valentim relaxou em um grande sorriso selvagem, e ele jogou um braço em volta de Stephen, dizendo:

— Já era hora. Eu não sei o que você estava esperando, seu tolo. Quando se tem sorte suficiente de ter um Graymark ao seu lado, faça o que puder para garantir que seja para sempre. Eu deveria saber.

Então todo mundo estava rindo, brindando, planejando a despedida de solteiro e provocando Stephen sobre suas poucas tentativas em escrever músicas, e foi Robert quem se sentiu um idiota, imaginando por um segundo que o amor de Stephen por Amatis podia vacilar, ou que Valentim tinha alguma coisa além dos melhores interesses em seu coração.

Esses eram seus amigos, os melhores que ele podia ter, ou que qualquer um podia ter.

Esses eram seus companheiros em seus braços, e noites como essa, explosões de alegria sob o céu estrelado, eram suas recompensas pela ligação especial que eles tinham.

Imaginar outra maneira era apenas um sintoma da fraqueza secreta de Robert, sua grande falta de convicção, e ele resolveu não se deixar levar por isso novamente.

— E você, meu velho? — Valentim perguntou a Robert. — Como se eu tivesse que perguntar. Todos sabem que Maryse faz o que quer.

— E, inexplicavelmente, ela parece querer você — Stephen adicionou.

Michael, que estava em um silêncio incomum, olhou nos olhos de Robert. Só Michael sabia como Robert não gostava de pensar muito sobre seu futuro, especialmente essa parte dele. Como ele temia ser forçado a se casar, ser pai, ter responsabilidades. Se Robert pudesse escolher, ficaria na Academia para sempre. Fazia pouco sentido. Por causa do que aconteceu quando ele era criança, ele era dois anos mais velho que seus amigos – ele deveria estar irritado com as restrições da juventude.

Mas talvez – por causa do que aconteceu – parte dele sempre se sentiria traída e queria aquele tempo de volta. Ele passou tanto tempo querendo a vida que tinha agora. Não estava pronto para deixá-la ainda.

— Bem, esse velho aqui está exausto — Robert falou, evitando a pergunta. — Acho que minha tenda está me chamando.

Enquanto eles apagavam o fogo e arrumavam o local, Michael lhe lançou um sorriso grato, tendo sido poupado de sua própria interrogação. Único deles ainda solteiro, Michael não gostava desse tipo de conversa mais que Robert. Era uma das muitas coisas que eles tinham em comum: os dois gostavam mais da companhia um do outro do que a de qualquer garota. Casamento parecia um conceito tão mal orientado, Robert às vezes pensava. Como ele poderia se importar mais com uma esposa do que se importava com seu parabatai, a outra metade de sua alma? Por que deveriam esperar isso dele?

Ele não conseguia dormir.

Quando saiu da tenda para o silêncio que antecedia o amanhecer, encontrou Michael sentado perto das cinzas da fogueira. Ele se virou para Robert sem surpresa, quase como se houvesse esperado seu parabatai se juntar a ele. Talvez houvesse. Robert não sabia se era um efeito do ritual de ligação ou simplesmente a definição de um melhor amigo, mas ele e Michael viviam e respiravam em ritmos similares.

Antes de eles serem colegas de quarto, às vezes se encontravam pelos corredores da Academia, sem sono vagando pela noite.

— Caminhada? — Michael sugeriu.

Robert concordou com a cabeça.

Eles perambularam calados pela mata, deixando os sons da floresta dormindo lavá-los. Chiados de pássaros noturnos, chilreados de insetos, o sussurro do vento mexendo as folhas, o triturar da grama e galhos sob seus pés. Havia perigos espreitando ali, os dois sabiam disso muito bem. Muitas das missões de treinamento da Academia eram na Floresta Brocelind, suas árvores densas úteis como refúgios para lobisomens, vampiros e até alguns demônios, mesmo que a maior parte desses fosse solta pela própria Academia, um último teste para estudantes promissores.

Essa noite a floresta parecia segura. Ou talvez fosse Robert quem se sentia invencível.

Enquanto andavam, ele pensou não na missão que estava por vir, mas em Michael, que havia sido seu primeiro amigo de verdade.

Ele tivera amigos quando era pequeno, supunha. As crianças crescendo em Alicante conheciam umas as outras, e ele tinha vagas memórias de explorar a Cidade de Vidro com pequenos grupos de crianças, seus rostos mutáveis, suas lealdades inexistentes. Como ele mesmo descobriu quando fez doze anos e recebeu sua primeira Marca.

Este era, para a maior parte das crianças Caçadoras de Sombras, um dia de orgulho, um para qual eles ficavam ansiosos e fantasiavam da mesma maneira que crianças mundanas inexplicavelmente fixavam-se em aniversários. Em algumas famílias, a primeira runa era aplicada de maneira rápida e profissional, a criança era Marcada e seguia em frente; em outras, havia festa, presentes, balões e um banquete de celebração.

E, claro, em um pequeno número de famílias, a primeira runa era a última, o toque da estela queimando a pele da criança, levando-a à loucura ou ao choque, uma febre tão intensa que apenas cortar a Marca salvaria sua vida. Essas crianças nunca seriam Caçadoras de Sombras, essas famílias nunca seriam as mesmas.

Ninguém nunca pensou que isso aconteceria com eles.

Com doze anos, Robert havia sido magrelo, mas seguro de si mesmo, rápido para a sua idade, forte para seu tamanho, certo da glória de caçar sombras que o esperava. Com toda a sua família reunida olhando para ele, seu pai cuidadosamente desenhava a runa da Visão na mão de Robert.

A ponta da estela cravou suas linhas graciosas em sua pele pálida. A Marca completa resplandecia, era tanto brilho que Robert fechou seus olhos por causa da claridade.

Essa era a última coisa de que ele se lembrava.

Pelo menos, que ele lembrava claramente.

Depois disso havia tudo o que ele tinha tentado tanto esquecer.

Havia a dor.

Era uma dor que queimava como um relâmpago, a dor que arruinava e inundava como ser levado pela correnteza. Havia a dor no corpo dele, linhas de agonia irradiando da Marca, indo da sua carne para seus órgãos e para seus ossos – e então, muito pior, havia a dor em sua mente, ou talvez fosse sua alma, uma inexplicável sensação de ferimento, como se alguma criatura tivesse cavado até as profundezas de seu cérebro e ficado faminta com o fogo de cada neurônio e encontro de célula nervosa. Machucava pensar, machucava sentir, machucava lembrar – mas parecia necessário fazer essas coisas, mesmo com muita agonia, alguma parte escura de Robert permanecia alerta o suficiente para saber que se ele não ficasse firme, não sentisse a dor, escaparia para sempre.

Mais tarde ele usaria todas essas palavras e mais para descrever a dor, mas nenhuma delas captava a experiência. O que havia acontecido, o que ele havia sentido, isso estava além das palavras.

Haviam outros tormentos para aguentar pela eternidade que ele ficou deitado na cama, insensível a tudo em volta dele, aprisionado pela Marca. Tinha visões. Ele via demônios, insultando-o e torturando-o, e pior, ele via os rostos de quem amava falando que ele não valia a pena, dizendo-lhe que ele estaria melhor morto. Ele via planícies desertas queimadas e uma parede de fogo, a dimensão do inferno esperando-o se sua mente escorregasse, e ainda assim, por tudo isso, de alguma maneira, ele aguentou.

Ele perdeu toda a noção do mundo à sua volta, perdeu suas palavras e seu nome – mas aguentou. Até que finalmente, um mês depois, a dor reduziu. As visões desbotaram. Robert acordou.

Ele descobriu – uma vez que ele havia se recuperado o suficiente para entender e se importar – que tinha ficado semiconsciente por várias semanas enquanto uma batalha acontecia em volta dele, membros da Clave lutando com seus pais sobre seu tratamento em quanto dois Irmãos do Silêncio faziam o seu melhor para mantê-lo vivo.

Todos queriam tirá-lo a Marca, seus pais lhe contaram, os Irmãos do Silêncio avisaram diariamente que essa era a única maneira de assegurar a sua sobrevivência e poupá-lo de dor futura. Deixá-lo viver sua vida como um mundano: esse era um tratamento convencional para Caçadores de Sombras que não suportavam Marcas.

— Nós não podíamos deixá-los fazer isso com você — sua mãe lhe falou.

— Você é um Lightwood. Nasceu para essa vida — seu pai disse a ele. — Essa vida e mais nenhuma.

O que eles não falaram, e nem precisaram falar foi: *Nós preferíamos vê-lo morto do que como um mundano.*

Depois disso as coisas ficaram diferentes entre eles. Robert era grato aos seus pais por acreditarem nele – ele também preferiria estar morto. Mas isso mudava alguma coisa, saber que o amor de seus pais por ele tinha um limite. E alguma coisa deve ter mudado para eles também, descobrir que parte de seu filho não aguentaria uma vida de Caçador de Sombras, serem forçados a aguentar essa vergonha.

Agora Robert não conseguia mais lembrar como sua família tinha sido antes da Marca. Ele lembrava só dos anos seguintes, da frieza que vivia entre eles. Eles faziam sua parte: pai amoroso, mãe coruja, filho dócil. Mas era na presença deles que Robert mais se sentia sozinho.

Ele ficava, nos meses que passou se recuperando, frequentemente sozinho. As crianças que ele pensava serem seus amigos não queriam nada com ele. Quando eram forçadas a estar em sua presença, elas se intimidavam, como se ele tivesse algo contagioso.

Não havia nada de errado com ele, disseram os Irmãos do Silêncio. Tendo sobrevivido àquela experiência com a Marca intacta, não havia nenhum perigo futuro. Seu corpo balançara à beira da rejeição, mas sua força de vontade mudara o caminho. Quando os Irmãos do Silêncio o examinaram pela última vez, um deles falou sombriamente em sua cabeça, uma mensagem somente para Robert.

Você será tentado a achar que esse acontecimento o marca como fraco. Ao invés disso, lembre-se dele como uma prova de sua força.

Mas Robert tinha doze anos. Seus antigos amigos estavam se marcando com Runas, indo para a Academia, fazendo tudo o que esperava-se que Caçadores de Sombras normais fizessem – enquanto Robert se escondia em seu quarto, abandonado por seus amigos, desprezado por sua família e com medo de sua própria estela. Com tantas evidências para a fraqueza, até um Irmão do Silêncio não podia fazê-lo se sentir forte.

Quase um ano havia se passado dessa maneira e Robert começou a imaginar como seria o resto de sua vida. Ele teria somente o nome de um Caçador de Sombras, um Caçador de Sombras com medo de Marcas.

Às vezes, na escuridão da noite, ele desejava que sua força de vontade não tivesse sido tão forte, que ele tivesse se deixado perder. Seria melhor do que a vida para qual ele havia retornado.

Então ele conheceu Michael Wayland e tudo mudou.

Eles não se conheciam muito bem antes. Michael era uma criança estranha, tinha a permissão de andar com os outros, mas nunca foi muito aceito. Ele era inclinado à distração e deixar a imaginação voar, parando no meio de uma luta para pensar de onde tinham vindo os Sensores e quem pensou em inventá-los.

Michael aparecera no solar Lightwood um dia perguntando se Robert gostaria de passear à cavalo. Eles passaram várias horas galopando pelo campo, e uma vez que eles haviam terminado, Michael disse “Vejo você amanhã” como se fosse uma conclusão inevitável. Ele continuava voltando.

— Porque você é interessante — Michael disse, quando Robert finalmente lhe perguntou o motivo. Essa era outra coisa sobre Michael. Ele sempre falava exatamente o que estava em sua cabeça, não importa quão indelicado ou peculiar. — Minha mãe me fez prometer não te perguntar sobre o que aconteceu com você.

— Por quê?

— Porque isso seria rude. O que você acha? Isso seria rude?

Robert deu de ombros. Ninguém nunca tinha lhe perguntado sobre isso ou se referido ao acontecimento, nem mesmo seus pais. Nunca lhe ocorrera o porquê, ou se isso era ruim. Simplesmente era a maneira que as coisas eram.

— Eu não me importo em ser rude — Michael disse. — Você vai me contar? Como foi?

Era estanho que pudesse ser tão simples. Estranho, que Robert podia estar morrendo de vontade de contar a alguém sem nem perceber. Que tudo o que ele precisava era alguém que perguntasse. As comportas se abriram. Robert falou e falou, e quando parava, com medo de estar indo longe demais, Michael apenas indagava outra coisa.

— Por que você acha que isso aconteceu com você? — Michael perguntou. — Acha que é genético? Ou, tipo, alguma parte de você só não foi feita para ser um Caçador de Sombras?

Isso era, claro, o maior e mais secreto medo de Robert – mas ouvir isso dito tão casualmente desse jeito tirava todo seu poder.

— Talvez? — Robert respondeu, e, ao invés de se afastar dele, os olhos de Michael se iluminaram com uma curiosidade científica.

Ele sorriu.

— Nós deveríamos descobrir.

Eles transformaram isso na missão deles: investigavam em bibliotecas, procuraram por textos antigos, perguntavam coisas que nenhum adulto queria ouvir. Havia muito poucos registros escritos de Caçadores de Sombras que vivenciaram aquilo – esse tipo de coisa costumava ser um segredo vergonhoso de família, nunca falado novamente. Não que Michael se importasse com quantas pessoas ele irritou ou qual tradições ele derrubou. Ele não era particularmente corajoso, mas parecia não ter medo.

A missão deles falhou. Não havia nenhuma explicação racional de por que Robert tinha reagido tão fortemente à Marca, mas, ao final do ano, isso não importava. Michael havia transformado um pesadelo em um desafio – e tinha se tornado o melhor amigo de Robert.

Eles realizaram o ritual parabatai antes de ir para a Academia, fazendo o juramento sem hesitação. Nessa época, eles tinham quinze anos, um par aparentemente improvável: Robert havia finalmente parado de crescer e alcançara seus colegas, seus músculos cresceram, sua sombra de barba ficando mais grossa a cada dia. Michael era magro e rijo, seus cachos compridos e expressão sonhadora o fazendo parecer mais novo.

“Não insistas comigo para que te abandones

E deixe de seguir-te.

Onde fores, irei;

Onde morreres, morrerei, e lá serei enterrado:

Que o Anjo o faça por mim, e ainda mais,

Se qualquer coisa além da morte nos separar.”

Robert recitou as palavras, mas elas eram desnecessárias. Seu laço havia sido cimentado no dia em que ele fez quatorze anos, quando ele finalmente criou coragem para Marcar-se novamente. Michael foi o único para quem ele contou, e enquanto segurava a estela sobre a pele, foi o olhar constante de Michael que lhe deu coragem para suportar.

Era impensável que eles tivessem só mais um ano antes de terem que se separar. O laço parabatai deles se manteria depois da Academia, claro. Eles sempre seriam melhores amigos; sempre iriam para a batalha lado a lado. Mas não seria a mesma coisa. Eles se casariam, mudariam cada um para suas casas, redirecionariam a atenção e amor. Eles sempre teriam um pedaço na alma um do outro. Mas depois do próximo ano, não seriam mais a pessoa mais importante na vida do outro. Isso, Robert sabia, era simplesmente como a vida funcionava. Assim era crescer. Ele só não conseguia imaginar, e não queria.

Como se estivesse ouvindo os pensamentos de Robert, Michael ecoou a pergunta de que ele havia escapado antes.

— O que realmente está acontecendo entre você e Maryse? — ele perguntou. — Você acha que é de verdade? Tipo, para sempre?

Não havia necessidade de mentir para Michael.

— Eu não sei — respondeu honestamente. — Eu nem sei como isso seria. Ela é perfeita para mim. Eu amo passar tempo com ela, eu amo... você sabe, com ela. Mas isso significa que eu a amo? Deveria, mas...

— Tem alguma coisa faltando?

— Na verdade não entre a gente — Robert disse. — É como se tivesse alguma coisa faltando em mim. Eu vejo com Stephen olha para Amatis, como Valentim olha para a Jocelyn...

— Como Lucian olha para a Jocelyn — Michael adicionou com uma risada irônica.

Eles dois gostavam de Lucian, apesar de sua tendência irritante de agir em favor de Valentim houvesse lhe dado uma aparência além de seus anos. Mas depois de todos esses anos vendo-o desejar Jocelyn, era difícil levá-lo completamente a sério. A mesma coisa para Jocelyn, que de alguma maneira conseguia se manter distraída. Robert não conseguia imaginar como se poderia ser o centro do mundo de alguém sem nem perceber.

— Eu não sei — ele admitiu, imaginando se alguma garota poderia ser o centro de seu mundo.
— Às vezes eu me preocupo que haja alguma coisa errada comigo.

Michael bateu sua mão no ombro dele e fixou-lhe com um olhar profundo.

— Não há nada de errado com você, Robert. Eu queria que você finalmente percebesse isso.

Robert chacoalhou sua cabeça, diminuindo o peso do momento.

— E você? — ele perguntou com uma satisfação forçada. — Foram, o quê, três encontros com Eliza Rosewain?

— Quatro — Michael admitiu.

Ele havia feito Robert jurar segredo sobre Eliza, dizendo que não queria que os outros garotos soubessem até ele ter certeza que era de verdade. Robert suspeitava que ele não queria que Valentim soubesse, já que a Eliza era um espinho no pé o Valentim. Ela fazia quase tantas perguntas desrespeitosas quanto ele, e tinha um desdém semelhante pelas políticas atuais da Clave, mas ela não queria ter nada a ver com o Círculo ou seus objetivos. Eliza pensava que um começo novo e unido com os mundanos e integrantes do Submundo era a chave para o futuro. Ela discutia – gritava, e para o desgosto da maior parte da Academia – que os Caçadores de Sombras deveriam estar resolvendo os problemas mundanos. Ela podia várias vezes ser encontrada no pátio, enfiando folhetos indesejados na cara dos alunos, falando alto sobre testes nucleares, tiranos do petróleo no Oriente Médio, alguns problemas que ninguém entendia na África do Sul, alguma doença que ninguém queria aceitar na América... Robert escutava todos os sermões inteiros, porque Michael sempre insistia em ficar para ouvir.

— Ela é muito estranha — Michael disse. — Eu gosto disso.

— Oh — era uma surpresa, uma não completamente agradável. Michael nunca gostava de ninguém. Até agora, Robert não tinha percebido como ele contava com isso.

— Então você deveria ir em frente — ele disse, esperando que tivesse soado sincero.

— Sério? — Michael parecia ainda mais surpreso.

— Sim. Definitivamente — Robert se lembrou: *com quanto menos certeza você se sentir, com mais certeza você age*. — Ela é perfeita para você.

— Oh — Michael parou de andar e sentou em baixo da sombra de uma árvore.

Robert se jogou no chão atrás dele.

— Posso te perguntar uma coisa, Robert?

— Qualquer coisa.

— Você já se apaixonou? De verdade?

— Você sabe que eu nunca me apaixonei. Não acha que eu teria mencionado?

— Mas como pode ter certeza se você não sabe como é? Talvez tenha acontecido e você nem percebeu. Talvez você esteja esperando por alguém que já tenha.

Havia uma parte de Robert que queria que esse fosse o caso, que o que ele sentia por Maryse era o tipo de amor eterno, de almas gêmeas sobre a qual todo mundo falava. Talvez suas expectativas fossem simplesmente muito altas.

— Penso que não tenho certeza — ele admitiu. — E você? Você acha que sabe como é?

— Amor? — Michael sorriu e olhou para suas mãos. — Amor, amor verdadeiro, é ver. Conhecer a parte mais feia de alguém, e amá-la de qualquer maneira. E... eu acho que duas pessoas apaixonadas se transformam em outra coisa, alguma coisa maior do que a soma de suas partes, sabe? Deve ser como criar um mundo novo que existe só para vocês dois. Ser deuses de seu próprio universo de bolso — ele riu um pouco, como se se sentisse bobo. — Isso deve soar ridículo.

— Não — Robert disse, a verdade alvorecendo sobre ele. Michael não falava como alguém que estivesse adivinhando — ele falava como alguém que sabia. Era possível que após quatro encontros com Eliza, ele realmente tivesse se apaixonado? Era possível que o mundo inteiro de seu *parabatai* tivesse mudado e Robert nem percebera?

— Isso soa... legal.

Michael virou a cabeça para encarar Robert, o rosto dele contraiu-se com uma incerteza incomum.

— Robert, tem uma coisa que eu estava querendo te contar... talvez, precisando te contar.

— Qualquer coisa.

Não era a cara de Michael hesitar. Eles contavam tudo um para o outro, sempre tinham contado.

— Eu...

Ele parou e então sacudiu a cabeça.

— O que foi? — Robert pressionou.

— Não, não é nada. Esquece.

O estômago de Robert revirou. É assim que seria agora, que Michael estava apaixonado? Haveria uma nova distancia entre eles, coisas importantes não seriam ditas?

Ele sentia como se Michael estivesse deixando-o para trás, cruzando uma linha para uma terra onde o parabatai dele não podia segui-lo — e por mais que soubesse que não podia culpar Michael, ele não conseguia resistir.

* * *

Simon sonhava que estava de volta no Brooklyn, fazendo um show com o Rilo Kiley para um clube cheio de fãs gritando, quando de repente sua mãe subiu no palco e falou, em um sotaque escocês perfeito:

— Você vai perder toda a diversão.

Simon piscou para acordar, confuso, por um momento, por que estava em um calabouço que cheirava a estrume ao invés de seu quarto no Brooklyn – então, uma vez que recuperou os sentidos, confuso de novo sobre por que ele tinha sido acordado no meio da noite por um escocês de olhos selvagens.

— Tem um incêndio? — Simon perguntou.
— É melhor que tenha um incêndio. Ou um ataque de demônios. Preste atenção, eu não estou falando sobre um pequeno demônio de baixo nível. Se você quer me acordar no meio de um sonho sobre ser uma estrela do rock, é melhor ser um Demônio Maior.

— É a Isabelle — George disse.

Simon saltou da cama – ou, pelo menos, corajosamente tentou. Ele ficou um pouco enrolado em seus lençóis, então foi mais como se ele tivesse caído-torcido-despencado da cama, mas eventualmente ele ficou de pé, pronto para entrar em ação. — O que aconteceu com a Isabelle?

— Por que alguma coisa teria acontecido com a Isabelle?

— Você disse... — Simon esfregou os olhos, suspirando. — Vamos começar de novo. Você está me acordando porque...?

— Nós vamos encontrar a Isabelle. Ter uma aventura. Lembra?

— Oh — Simon tinha dado o seu melhor para esquecer sobre isso. Ele escalou de volta para sua cama. — Você pode me contar sobre isso amanhã.

— Você não vem? — George perguntou, como se Simon tivesse dito que passaria o resto da noite fazendo aulas extras com Delaney Scarsbury só para se divertir.

— Você acertou — Simon puxou o cobertor para cima da cabeça e fingiu dormir.

— Mas você vai perder toda a diversão.

— Essa é exatamente a minha intenção — Simon falou.

E apertou seus olhos fechados até que estivesse realmente dormindo.

* * *

Dessa vez ele estava sonhando com uma sala VIP nos bastidores do clube, cheia de champanhe e café, um bando de fãs tentando derrubar a porta para que – no sonho, Simon de alguma maneira sabia que essa era sua intenção – elas pudessem arrancar sua roupa e violentá-lo. Elas batiam na porta, gritando seu nome:

— Simon! Simon! Simon...

Simon abriu os olhos para as gavinhas cinza, a luz da madrugada e uma batida rítmica em sua porta, uma garota gritando seu nome.

— Simon! Simon, acorde!

Era Beatriz, e ela não soava muito no humor para violentá-lo.

Sonolento, ele caminhou até a porta e deixou-a entrar. Garotas eram terminantemente proibidas de entrar nos quartos dos garotos depois do toque de recolher, e não era a cara da Beatriz quebrar uma regra assim, de modo que ele imaginou que deveria ser alguma coisa importante (se as batidas e gritos já não sugerissem isso),

— O que há de errado?

— O que há de errado? O que há de errado é que já são quase cinco da manhã e Julie e os outros ainda estão fora em algum lugar com sua namorada estúpida e o que você acha que vai acontecer se eles não voltarem antes da aula da manhã começar e o que podia acontecer com eles lá fora?

— Beatriz, respira. De qualquer maneira, ela não é minha namorada.

— Isso é tudo o que você fala para si mesmo? — ela estava quase tremendo com fúria.

— Ela os convenceu a sair escondidos – pelo o que sei, eles beberam seu peso no Lago Lyn e ficaram todos loucos. Pelo o que sei, eles podem estar mortos. Você não se *importa*?

— Claro que eu me importo — Simon respondeu, notando que estava sozinho no quarto. George também não tinha voltado. Seu cérebro, confuso com o sono, estava funcionando com velocidade mais baixa que o normal.

— No ano que vem eu vou trazer uma máquina de café — ele murmurou.

— Simon! — ela bateu as palmas com força, a centímetros de seu rosto. — Foco!

— Você não acha que está sendo um pouco alarmista sobre isso? — Simon perguntou, por mais que Beatriz fosse a garota mais equilibrada que ele já tinha conhecido. Se ela estava alarmada, provavelmente era por uma boa razão – mas ele não conseguia pensar qual deveria ser.

— Eles estão com a Isabelle – Isabelle Lightwood – ela não vai deixar nada ruim acontecer.

— Oh, eles estão com a Isabelle — a voz dela era cheia de sarcasmo. — Eu me sinto oh tão aliviada.

— Qual é, Beatriz. Você não a conhece.

— Eu sei o que vejo — Beatriz falou.

— E o que seria isso?

— Uma garota intitulada rica que não tem que seguir regras, e não se importa com as consequências. O que importa a ela se Julie e Jon forem expulsos daqui?

— O que *me* importa se Julie e Jon forem expulsos? — Simon resmungou, um pouco alto.

— Você se importa com George — Beatriz apontou. — E Marisol e Sunil. Eles estão todos lá fora em algum lugar, e confiam em Isabelle tanto quanto você parece confiar. Mas estou te falando Simon, isso não parece certo para mim. O que ela disse sobre a Academia querer que a gente estrague tudo e entre em problemas. É mais como se ela quisesse que a *gente* entrasse em problemas. Ou ela quer alguma coisa. Eu não sei o que é. Mas eu não gosto disso.

Alguna coisa sobre o que ela falou pareceu verdade mais do que ele queria – mas Simon não se deixaria ir até lá. Parecia desleal, e ele já tinha sido desleal o suficiente. Essa semana era sua chance de se provar para Isabelle, mostrar-lhe que eles pertenciam à vida um do outro. Ele não estragaria isso duvidando dela, mesmo que ela não estivesse lá para ver.

— Eu confio na Isabelle — Simon falou para a Beatriz. — Todo mundo vai ficar bem, e tenho certeza de que eles vão voltar antes de sentirem a falta deles. Você deveria parar de se preocupar.

— É isso? Isso é tudo o que você vai fazer?

— O que você quer que eu faça?

— Eu não sei. Alguma coisa!

— Bem, eu estou fazendo alguma coisa — Simon disse. — Vou voltar para a cama. Vou sonhar com café e com uma Fendor Stratocaster nova e se George não tiver voltado pela manhã, falarei para a reitora Penhallow que ele está doente, para que ele não entre em problemas. E aí eu vou começar a me preocupar.

Beatriz bufou.

— Obrigada por nada.

— De nada — Simon gritou. Mas ele esperou até a porta bater atrás dela para fazer isso.

* * *

Simon estava certo.

Quando Robert Lightwood começou sua aula nessa manhã, todos os membros do corpo estudantil estavam lá para ouvir, incluindo um George de olhos bem escuros.

— Como foi? — Simon sussurrou quando seu colega de quarto sentou na cadeira atrás dele.

— Muito incrível — George murmurou.

Quando Simon o pressionou para mais detalhes, George só balançou a cabeça e colocou um dedo nos lábios.

— Sério? Só me conte.

— Eu jurei segredo — George sussurrou. — Mas só vai ficar melhor. Você quer participar, venha comigo hoje de noite.

Robert Lightwood limpou sua garganta alto.

— Eu gostaria de começar a aula de hoje, presumindo que esteja tudo bem para as pessoas do fundo.

George olhou para os lados de maneira selvagem.

— Eles vão servir umbu hoje? Eu estou faminto.

Simon suspirou.

George bocejou.

Robert recomeçou.

* * *

1984

O bando era pequeno, somente cinco lobos. Em sua enganadora forma humana: dois homens, um ainda maior do que Robert, com músculos do tamanho da sua cabeça, o outro corcunda e idoso com tufos de pelos saindo de seu nariz e orelhas, como se seu lobo interior estivesse o invadindo. Uma criança em tranças loiras. A jovem mãe da garota, seus lábios com gloss e curvas onduladas sugerindo pensamentos que Robert sabia que era melhor não falar em voz alta, pelo menos onde Valentim pudesse ouvir. E, finalmente, uma mulher robusta com um bronzeado profundo e uma cara fechada que parecia estar no comando.

Era nojento, Valentim disse, lobisomens sujando uma ilustre mansão de Caçadores de Sombras. Mesmo o solar sendo velho e abandonado há muito tempo – vinhas subindo pelas paredes, ervas daninhas brotando de sua base, uma propriedade uma vez nobre reduzida à ferrugem e escombros – Robert entendeu seu motivo. A casa tinha uma história, fora lar de uma linhagem de destemidos guerreiros, homens e mulheres que arriscaram e eventualmente deram suas vidas para a causa da humanidade, salvar o mundo de demônios. E aqui estavam essas criaturas, infectadas pela força dos demônios – essas criaturas desonestas que tinham violado os Acordos e matado com impulsividade, se refugiando na casa de seus inimigos? A Clave se recusava a lidar com isso. Eles queriam mais evidências – não porque não tinham certeza de que esses lobos eram imundos criminosos violentos, mas porque não queriam lidar com queixas de integrantes do Submundo. Eles não queriam ter que se explicar; não queriam ter que dizer falar: *Nós sabíamos que eles eram culpados, então lide com isso. Eles eram, em outras palavras, fracos. Inúteis.*

Valentim disse que eles deviam ficar orgulhosos por fazer o trabalho que a Clave não estava disposta a fazer, que eles estavam ajudando as pessoas, mesmo tendo dado a volta nas Leis, e com suas palavras, Robert sentiu seu orgulho florescer. *Deixem os outros estudantes da*

Academia terem suas festas e seus pequenos melodramas da escola. Deixem-nos pensarem que crescer era se formar, casar, ir para reuniões. Isso era crescer, exatamente como Valentim disse. Ver uma injustiça e fazer alguma coisa sobre isso, não importa o risco. Não importa as consequências.

Os lobos tinham um olfato apurado e instintos afiados, mesmo em sua forma humana, então os Caçadores de Sombras foram cuidadosos. Eles se arrastaram pela mansão decaída, espreitaram pelas janelas, esperaram, vigiaram. Planejaram. Cinco lobisomens e quatro jovens Caçadores de Sombras – essas eram chances que até Valentim não queria arriscar. Então eles foram pacientes e cuidadosos.

Eles esperaram até anoitecer.

Era desconcertante olhar para os lobos em sua forma humana, incorporando uma família humana normal, o homem mais jovem lavando a louça enquanto o mais velho fazia chá, a criança sentada de pernas cruzadas no chão fazendo corridas com seus carrinhos de brinquedo. Robert se lembrou de que esses infratores estavam reivindicando uma casa e uma vida que não mereciam – que eles mataram inocentes e podiam ter ajudado a assassinar o pai de Valentim. Mesmo assim, ficou aliviado quando a lua apareceu e eles se transformaram em sua forma monstruosa.

Robert e os outros se misturaram às sombras enquanto em três membros do bando apareciam pelos e caninos, e eles pulavam pela janela quebrada para a noite. Eles saíram para caçar – deixando, como Valentim suspeitou que iriam fazer, seus mais vulneráveis para trás. O homem velho e a criança.

Essas chances eram mais do gosto de Valentim.

Não foi muito uma luta.

Quando os dois lobos restantes registraram o ataque, estavam cercados. Nem tiveram tempo para se transformar. Estava acabado em minutos, Stephen deixando o mais velho inconsciente com uma batida na cabeça, a criança se escondendo no canto, a centímetros da ponta da espada de Michael.

— Nós vamos levar os dois para interrogatório — Valentim falou.

Michael balançou a cabeça.

— Não a criança.

— Os dois são criminosos — Valentim discutiu. — Cada membro desse bando é culpado por...

— Ela é uma criança pequena! — Michael disse, virando-se para seu parabatai em busca de apoio. — Fale para ele que nós não vamos arrastar uma criança para o meio da floresta para atirá-la sob a compaixão da Clave.

Ele tinha um ponto... mas Valentim também tinha. Robert não disse nada.

— Nós não levaremos a criança — Michael falou, e o olhar em seu rosto sugeria que ele estava disposto a apoiar suas palavras com ações.

Stephen e Robert ficaram tensos, esperando a explosão. Valentim não gostava de ser desafiado; tinha pouca experiência com isso. Mas ele somente suspirou e deu um triste sorriso.

— É claro que não. Não sei em que eu estava pensando. Então só o velho. A não ser que vocês tenham uma objeção a isso também?

Ninguém tinha objeção, e o velho inconsciente era pele e osso, seu peso mal era notável nos ombros largos de Robert. Eles trancaram a criança em um armário, então carregaram o homem pela floresta, de volta ao acampamento.

Eles o amarraram em uma árvore.

A corda era tecida com filamentos de prata – quando o velho acordasse, acordaria com dor. Isso provavelmente não o seguraria em sua forma de lobo, não se ele estivesse determinado a escapar. Mas iria atrasá-lo. As adagas de prata fariam o resto.

— Vocês dois, patrulhem um perímetro de um quilômetro — Valentim falou para Michael e Stephen. — Nós não queremos nenhum de seus amiguinhos negligentes o farejando. Robert e eu vamos guardar o prisioneiro.

Stephen acenou com a cabeça severamente, ansioso como sempre para fazer o que Valentim queria.

— E quando ele acordar? — Michael perguntou.

— Quando *isso acordar*, Robert e eu vamos interrogá-lo sobre seus crimes, e sobre o que ele sabe dos crimes de seus companheiros — Valentim disse. — Uma vez que tenhamos assegurado sua confissão, não vamos entregá-lo para a Clave para sua punição. Isso te deixa satisfeito, Michael?

Ele não parecia ligar para a resposta, e Michael não deu uma a ele.

— Então agora a gente espera? — Robert perguntou, uma vez que eles ficaram sozinhos.

Valentim sorriu.

Quando ele queria, o sorriso de Valentim podia derreter até o coração mais protegido, derretê-lo inteiro. Mas o sorriso que ele deu agora não era caloroso. Era um sorriso frio, e esfriou Robert até a alma.

— Eu estou cansado de esperar — Valentim falou, e pegou uma adaga. A prata pura refletiu a luz da lua.

Antes que Robert pudesse falar alguma coisa, Valentim pressionou o lado achatado da lâmina contra o peito descoberto do homem. Houve um chiado na pele, então um buraco, enquanto o prisioneiro acordou em agonia.

— Eu não faria isso — Valentim disse calmamente, enquanto as feições do velho começaram a se assemelhar com as de um lobo, pelos brotando de seu corpo pelado. — Sim, eu vou te machucar. Mas mude de volta para um lobo e, eu prometo, vou te matar.

A transformação parou tão rapidamente quanto havia começado.

O homem emitiu uma série de tosses torturantes que balançavam seu corpo magro da cabeça aos pés. Ele era magro, tão magro que suas costelas projetavam-se sob a pele pálida. Havia manchas escuras embaixo de seus olhos e apenas alguns tristes fios de cabelo cinza atravessando seu crânio manchado. Robert nunca tinha pensado que um lobisomem podia ficar careca. Em outras circunstâncias, esse pensamento poderia tê-lo divertido.

Mas não havia nada de divertido no som que o homem fazia enquanto Valentim traçava a ponta da adaga de sua clavícula saliente até o umbigo.

— Valentim, ele é só um homem velho — Robert disse de forma hesitante. — Talvez nós devêssemos...

— Ouça seu amigo — o velho falou em uma voz pedinte e baixa. — Eu poderia ser o seu avô.

Valentim o atacou no rosto com o punho da adaga.

— Isso não é nenhum tipo de homem — ele falou para Robert. — É um monstro. E tem feito coisas que não deveria fazer, não é verdade?

O lobisomem, aparentemente percebendo que bancar o velho fraco não iria tirá-lo dessa, se levantou ereto e mostrou os dentes afiados. Sua voz, quando ele falou, tinha perdido seu tremor.

— Quem é você, Caçador de Sombras, para me dizer o que eu posso ou não posso fazer?

— Então você admite — Robert disse ansioso. — Você violou os Acordos.

Se ele confessasse tão facilmente, eles podiam acabar com esse caso infame, entregar o prisioneiro para a Clave, e ir para casa.

— Eu não faço acordos com assassinos e fracos — o lobisomem cuspiu.

— Felizmente, eu não preciso de seu acordo — Valentim disse. — Eu só preciso de informação. Você me diz o que preciso saber e o deixamos ir.

Isso não era o que eles tinham discutido, mas Robert ficou de boca fechada.

— Dois meses atrás, um bando de lobisomens matou um Caçador de Sombras na parte oeste dessa floresta. Onde posso encontrá-los?

— E como eu saberia disso?

O sorriso gelado de Valentim voltou.

— Melhor você saber, porque senão, não será mais útil para mim.

— Então, pensando bem, talvez eu tenha ouvido sobre esse Caçador de Sombras morto que você falou — o lobo latiu uma risada. — Queria ter estado lá para vê-lo morrer. Para provar sua carne doce. É o medo que dá o sabor à carne, sabe. O melhor é quando choram primeiro, um pouco de sal com o doce. E dizem que seu Caçador de Sombras condenado chorou baldes. Esse era covarde.

— Robert, segure a boca dele aberta — a voz de Valentim estava firme, mas Robert conhecia Valentim o suficiente para sentir a fúria por baixo dela.

—Talvez nós devêssemos parar por um momento para...

— *Segure a boca dele aberta.*

Robert agarrou a mandíbula fraca do homem e a abriu.

Valentim pressionou a parte achatada da adaga na língua do homem e a segurou lá enquanto o grito dele se transformava em um engasgo, enquanto seus músculos esqueléticos inchavam e a pele abria na carne, enquanto a língua borbulhava e empolava, e então, quando o lobo completamente transformado mordida a corda, Valentim cortou a língua fora. Enquanto jorrava sangue da boca dele, Valentim cortou uma linha fina através da região do abdômen do lobo. O corte era preciso e profundo, e o lobo caiu no chão, intestinos saindo de sua ferida.

Valentim pulou em cima da criatura que se contorcia, esfaqueando-o e cortando, rasgando seu couro, esfolando a carne até o osso, mesmo quando a criatura acabava e tinha espasmos horríveis embaixo deles, mesmo quando a luta acabou, mesmo quando seu olhar ficou vazio, mesmo quando seu corpo quebrado retomou a forma humana, deitado na terra sangrenta, o rosto de um homem velho sangrento e pálido sem vida para o céu da noite.

— Basta — Robert continuava dizendo, baixo, inutilmente. — Valentim, já basta.

Mas ele não fez nada para pará-lo.

E quando seus amigos voltaram da patrulha e acharam Valentim e Robert em cima do corpo desentranhado, ele não contrariou a versão de Valentim dos eventos: o lobisomem tinha se soltado da corda e tentado escapar. Eles tiveram resistido a uma batalha feroz, matado em autodefesa.

O esboço da história era, tecnicamente, verdade.

Stephen deu batidinhas nas costas de Valentim, sendo solidário com ele por ter perdido uma pista para o assassino de seu pai. Michael fixou seu olhar em Robert, sua pergunta tão clara como se tivesse falado em voz alta.

O que realmente aconteceu?

O que você deixou acontecer?

Robert desviou o olhar.

* * *

Isabelle o estava evitando. Beatriz estava furiosa com ele. Todos os outros zuniam com muito entusiasmo sobre a aventura da noite anterior e o segredo. Julie e Marisol eram as únicas ecoando a enigmática promessa de George – que algo bom estava no horizonte, e se Simon queria saber sobre isso, teria que se juntar a eles.

— Não acho que Isabelle vá me querer lá — disse a Sunil enquanto eles escolhiam cautelosamente através da pilha de formas que lembravam vagamente vegetais na hora do almoço.

Sunil balançou a cabeça e sorriu. O sorriso mal se encaixava em seu rosto; Sunil com um sorriso era como um klingon vestindo tutu. Ele era menino extraordinariamente sombrio que parecia considerar o bom ânimo como um sinal de falta de seriedade, e tratava as pessoas nesse sentido.

— Ela nos disse para convencê-lo a aparecer. “O que for preciso”, nas palavras dela. Então me diga, Simon — o sorriso inquietante cresceu. — O que vai precisar?

— Você nem mesmo a conhece — Simon ressaltou. — Por que de repente está tão disposto a fazer o que ela lhe diz para fazer?

— Nós estamos falando sobre a mesma garota aqui, certo? Isabelle Lightwood?

— Sim.

Sunil balançou a cabeça em maravilha.

— E você ainda precisa perguntar?

Então essa era a nova ordem: o culto a Isabelle Lightwood. Simon tinha que admitir, ele entendia completamente como uma sala cheia de pessoas racionais poderiam cair completamente sob seu feitiço e se darem por inteiro.

Mas por que ela queria que ele fosse?

Ele decidiu que teria que ver por si mesmo. Bastava entender o que acontecia e se certificar de que estava tudo certo.

Não porque ele queria desesperadamente estar perto dela. Ou impressioná-la. Ou agradá-la.

Pensando nisso, talvez Simon compreendesse o culto de Isabelle melhor do que ele queria admitir.

Talvez ele tivesse sido o seu sócio fundador.

* * *

— Você pretende fazer *o quê*? — na última palavra, a voz de Simon saltou duas oitavas acima do normal.

Jon Cartwright riu.

— Acalme-se, mamãe. Você a ouviu.

Simon olhou ao redor da sala de estar para seus amigos (e Jon). Durante o último ano, ele chegou a conhecê-los por dentro e por fora ou, pelo menos, pensou que ele conhecia. Julie roía as unhas até sangrar quando estava nervosa. Marisol dormia com um punhal debaixo do travesseiro, por precaução. George falava enquanto dormia, geralmente sobre técnicas de tosquia de ovelhas. Sunil tinha quatro coelhos de estimação sobre os quais falava constantemente, sempre preocupado que o pequeno Ringo estivesse sendo atormentado por seus irmãos maiores e fofinhos. Jon tinha coberto uma parede de seu quarto com pinturas de

dedo de seu primo mais novo, e escrevia-lhe uma carta a cada semana. Eles todos se comprometeram com a causa dos Caçadores de Sombras; tinham atravessado o inferno para se provarem para seus instrutores e aos outros. Quase terminaram o ano sem um único ferimento fatal ou mordida de vampiro... *e agora isso?*

— Haha, muito engraçado — Simon respondeu, esperando que ele estivesse fazendo um trabalho aceitável para manter o desespero longe de sua voz.
— Bela piada, me leve de volta para amarelar ontem à noite. Absolutamente hilariante. Qual é o próximo? Você quer me convencer que eles estão fazendo outra porcaria de filme *do Último Mestre do Ar*? Se querem me ver pirar, há maneiras mais fáceis.

Isabelle revirou os olhos.

— Ninguém quer ver você pirar, Simon. Francamente, eu preferiria não ver isso.

— Então é sério — disse Simon. — Você está falando sério, não é uma brincadeira, está realmente planejando *invocar um demônio*? Aqui, no meio da Academia dos Caçadores de Sombras? No meio da festa de fim de ano? Porque você acha que vai ser... *divertido*?

— Nós obviamente não vamos invocalo-lo no meio da festa — opinou Isabelle. — *Isso* seria um pouco idiota.

— Oh, é claro — Simon falou lentamente. — Isso seria idiota.

— Nós vamos invocalo-lo aqui no salão — Isabelle esclareceu. — Então trazê-lo para a festa.

— E então matá-lo, é claro — colocou Julie.

— É claro — Simon ecoou. Ele se perguntou se talvez estivesse tendo um derrame.

— Você está fazendo isso soar como um negócio maior do que realmente é — disse George.

— Sim, é apenas um demônio imp — disse Sunil. — Nada demais.

— Aham — Simon gemeu. — Totalmente. Nada demais.

— Imagine o olhar no rosto de todos quando virem o que nós podemos fazer! — Marisol estava quase brilhante ao pensar nisso.

Beatriz não estava lá. Se estivesse, talvez pudesse ter falado algo que enfiasse razão na cabeça deles. Ou ajudado Simon a amarrá-los e enfiá-los no armário até o final do semestre com segurança, quando Isabelle voltaria para Nova York, aonde ela pertencia.

— E se algo der errado? — Simon apontou. — Vocês nunca enfrentaram um demônio em condições de combate, não sem os professores prestando atenção a sua volta. Vocês não sabem...

— Nem você — Isabelle rebateu. — Pelo menos, você não se lembra, não é mesmo?

Simon não disse nada.

— Considerando que lidei com meu primeiro imp quando eu tinha seis anos de idade — disse Isabelle. — Como eu disse a seus amigos, não é grande coisa. *E eles confiam em mim.*

Eu confio em você – era o que ele queria dizer. Sabia que ela estava esperando por isso. Todos estavam. Ele não podia.

— Então não posso convencê-la a parar com isso? — ele perguntou.

Isabelle deu de ombros.

— Você pode continuar tentando, mas estaria desperdiçando todo o nosso tempo.

— Então terei que encontrar outra maneira de pará-los.

— Você vai nos dedurar? — Jon zombou. — Vai ser um bebê chorão e contar à sua bruxa favorita? — ele bufou. — Uma vez queridinho da professora, sempre o queridinho da professora.

— Cale a boca, Jon — Isabelle lhe bateu suavemente no braço. Simon provavelmente deveria ter ficado satisfeito, mas para bater ainda era necessário tocar, e ele preferia que Isabelle e Jon nunca tivessem contato físico de qualquer espécie.

— Você poderia tentar contar sobre nós, Simon. Mas eu vou negar. E então eles vão acreditar – em alguém como eu, ou como você? Apenas um mundano.

Ela disse “*mundano*” exatamente como Jon sempre fazia. Como se fosse sinônimo de “*nada*”.

— Essa não é você, Isabelle. Você não é assim — ele não tinha certeza se estava tentando convencer a ela ou a si mesmo.

— Você não sabe como eu sou, lembra?

— Eu sei o suficiente.

— Então você sabe que deve confiar em mim. Mas se não fizer isso, vá em frente. Conte. Então, todo mundo vai saber como você é. Que tipo de amigo é.

Ele tentou.

Sabia que era a coisa certa a fazer.

Pelo menos, ele pensava que era a coisa certa a fazer.

Na manhã seguinte, antes da palestra, ele foi até o escritório de Catarina Loss – Jon estava certo, ela era a sua feiticeira favorita e seu membro do corpo docente favorito, e a única pessoa a quem ele confiaria algo assim.

Ela o acolheu, oferecendo-lhe um assento e uma caneca de algo cujo vapor era uma sombra alarmanamente azul. Ele recusou educadamente.

— Então, Diurno, penso que tem algo a me dizer?

Catarina intimidava um pouco menos do que no início do ano – o que era um pouco como dizer que Jar Jar Binks era “um pouco menos” irritante em *Star Wars: Episódio II do que em Star Wars: Episódio I*.

— É possível que eu saiba de algo que... — Simon limpou a garganta. — Quero dizer, se algo acontecer...

Ele não tinha se deixado pensar no que aconteceria quando as palavras saíssem. O que aconteceria com seus amigos? O que aconteceria com Isabelle, a líder deles? Ela não podia exatamente ser expulsa de uma Academia onde ela não estava matriculada... mas Simon aprendera o suficiente sobre a Clave agora para saber que haviam castigos muito piores do que ser expulso. Invocar um demônio menor para usar em uma festa era uma violação da Lei? Ele estava prestes a arruinar a vida de Isabelle?

Catarina Loss não era uma Caçadora de Sombras; ela tinha seus próprios segredos da Clave; estaria disposta a manter mais um, se isso significasse ajudar Simon e proteger Isabelle da punição?

Enquanto sua mente girava através de possibilidades escuras, a porta do escritório se abriu e a reitora Penhallow enfiou a cabeça loira ali dentro.

— Catarina, Robert Lightwood espera falar com você antes da pales... oh, sinto muito! Não sabia que você estava no meio de alguma coisa?

— Junte-se a nós — convidou Catarina. — Simon estava prestes a me contar alguma coisa interessante.

A reitora entrou no escritório, franzindo a sobancelha para Simon.

— Você parece tão sério — ela falou-lhe. — Vá em frente, diga. Você vai se sentir melhor. É como vomitar.

— O que é como vomitar? — ele perguntou, confuso.

— Você sabe, quando está se sentindo mal? Às vezes, só ajuda falar tudo.

De alguma forma, Simon não achou que vomitar sua confissão direto na reitora o faria se sentir melhor.

Isabelle não tinha se provado suficiente – não apenas para ele, mas para a Clave, para todos? Ela tinha, afinal, salvo praticamente o mundo. Quantas provas mais alguém precisaria de que ela era uma das mocinhas?

Quantas evidências mais *ele* precisava?

Simon se levantou e disse a primeira coisa que lhe veio à sua mente.

— Eu só queria dizer que todos nós realmente apreciamos o ensopado de beterraba que serviram no jantar. A senhora poderia servir novamente.

A reitora Penhallow lançou-lhe um olhar estranho.

— Aquelas não eram beterrabas, Simon.

Isso não o surpreendeu, já que o ensopado tinha uma consistência estranhamente granulada e um sabor que lembrava esterco.

— Bem... o que quer que fosse, era delicioso — ele disse rapidamente. — É melhor eu ir. Não quero perder o início da última palestra do Inquisidor Lightwood. Elas têm sido tão interessantes.

— Realmente — Catarina concordou secamente. — O ensopado foi quase tão delicioso quanto o guisado.

* * *

1984

Na maior parte de seu tempo na Academia, Robert admirara Valentim à distância. Mesmo que Robert fosse mais velho, ele buscava Valentim, que era tudo o que ele queria ser. Valentim se destacava em seu treinamento sem esforço visível. Ele era melhor do que qualquer pessoa com qualquer arma. Era descuidado com sua afeição, ou pelo menos parecia ser, e era amado. Muitas pessoas não notavam quão poucos ele realmente amava de volta. Mas Robert notou, porque quando se está assistindo do lado de fora, invisível, é fácil de ver claramente.

Nunca lhe ocorreu que Valentim o estivesse observando, também.

Não até o dia, no início deste ano, que Valentim o pegou sozinho em um dos escuros corredores subterrâneos da Academia e disse calmamente:

— Eu sei o seu segredo.

O segredo de Robert, que ele não contou a ninguém, nem mesmo a Michael: ele ainda tinha medo das Marcas.

Toda vez que ele desenhava uma runa em si mesmo, tinha que prender a respiração, forçar os dedos a não tremerem.

Ele sempre hesitou. Em sala de aula, que era quase imperceptível. Na batalha, essa poderia ser a fração de segundo entre a vida e a morte, e Robert sabia disso. O que o fazia hesitar ainda mais, em tudo. Ele era forte, inteligente, talentoso; ele era um Lightwood. Deveria estar entre os melhores. Mas ele não podia deixar-se ir e agir por instinto. Não conseguia parar a sua mente de pensar nas potenciais consequências. Ele não conseguia parar de ter medo, e sabia que, no final, seria o fim dele.

— Eu posso te ajudar — Valentim disse então. — Posso te ensinar o que fazer com o medo.

Como se fosse simples assim – e sob a instrução cuidadosa de Valentim, era.

Valentim havia lhe ensinado a se retirar para um lugar em sua mente onde o medo não podia tocá-lo. Separar-se de Robert Lightwood, que sabia ter medo – e então domar essa mais fraca e detestável versão de si mesmo.

— Sua fraqueza o torna furioso, como deveria — Valentim tinha dito. — Use a fúria para dominá-lo – e então todo o resto.

De certa forma, Valentim salvara a vida de Robert. Ou, pelo menos, a única parte de sua vida o que importava.

Ele devia tudo a Valentim.

Ele, pelo menos, devia a Valentim a verdade.

— Você não concorda com o que eu fiz — Valentim disse calmamente enquanto o sol rastejava acima do horizonte.

Michael e Stephen ainda dormiam. Robert tinha passado as horas de escuridão olhando para o céu, peneirando o que tinha acontecido, e o que devia fazer em seguida.

— Você acha que eu estava fora de controle — Valentim acrescentou.

— Aquilo não foi autodefesa — disse Robert. — Aquilo era tortura. Assassinato.

Robert estava sentado em um dos troncos em torno dos restos da fogueira. Valentim abaixou-se ao lado dele.

— Você ouviu as coisas que ele disse. Entendeu por que ele tinha de ser silenciado. Tinha que ser ensinado a lição, e a Clave não teria dominado sua vontade. Eu sei que os outros não entenderiam. Nem mesmo Lucian. Mas você... nós entendemos um ao outro. Você é o único em quem eu realmente posso confiar. Preciso que você mantenha segredo.

— Se tem tanta certeza de que fez a coisa certa, então por que manter isso em segredo?

Valentim riu suavemente.

— Sempre tão cético, Robert. É o que todos nós mais amamos em você — seu sorriso desapareceu.

— Alguns dos outros estão começando a ter dúvidas. Sobre a causa, sobre mim... — ele acenou longe das negações de Robert antes que pudessem ser expressas. —

Não pense que não posso ver. Todo mundo quer ser fiel quando é fácil. Mas quando as coisas ficam difíceis... — ele balançou a cabeça. — Não posso contar com todos como gostaria de contar. Mas acredito que eu possa contar com você.

— É claro que pode.

— Então você vai manter o que se passou esta noite em segredo dos outros — disse Valentim.

— Até mesmo de Michael.

Muito tarde – muito mais tarde – ocorreria a Robert que Valentim provavelmente teve alguma versão dessa conversa com cada um dos membros do Círculo. Segredos vinculavam as pessoas, e Valentim era inteligente o suficiente para saber disso.

— Ele é o meu *parabatai* — Robert apontou. — Eu não guardo segredos dele.

As sobrancelhas de Valentim foram para o alto.

— E você acha que ele não guarda segredos de você?

Robert se lembrou da noite anterior, no que Michael estava relutando tanto em não dizer. Esse era um segredo – quem sabia quantos mais haviam?

— Você conhece Michael melhor do que ninguém — continuou Valentim. — E ainda assim, imagino que haja coisas que sei sobre ele que poderiam surpreendê-lo...

Um silêncio pairou entre eles enquanto Robert considerava.

Valentim não mentiu, ou emitiu orgulho vazio. Se ele dizia que sabia de algo sobre Michael, algo secreto, então era verdade.

E ali estava a tentação, balançando diante de Robert.

Ele só precisava perguntar.

Ele queria saber; ele não queria saber.

— Todos temos lealdades concorrentes — Valentim disse, antes que Robert pudesse ceder à tentação. — A Clave gostaria de tornar essas coisas simples, mas é apenas mais um exemplo de sua obtusidade. Eu gosto de Lucian, meu parabatai. Eu amo Jocelyn. Se esses dois amores entrassem em conflito...

Ele não teve que completar o pensamento. Robert sabia o que Valentim sabia, e entendeu que Valentim amava seu parabatai o suficiente para permitir isso. Assim como Lucian amava Valentim o suficiente para nunca agir sobre o que sentia. Talvez alguns segredos fossem uma misericórdia.

Ele estendeu a mão para Valentim.

— Você tem a minha palavra. Meu juramento. Michael nunca saberá sobre isso.

Assim que as palavras saíram, ele se perguntou se tinha cometido um erro. Mas não havia como voltar atrás.

— Eu sei o seu segredo também, Robert — disse Valetine.

Com isso, um eco das palavras que Valentim já tinha dito a ele veio à sua memória. Robert sentiu o fantasma de um sorriso.

— Acho que nós cobrimos isso — Robert lembrou.

— Você é um covarde — disse Valentim.

Robert se encolheu.

— Como você pode dizer isso depois de tudo o que passamos? Você sabe que eu nunca fugiria de uma batalha ou...

Valentim balançou a cabeça, silenciando-o.

— Oh, não quero dizer fisicamente. Nós cuidamos disso, não é? Quando se trata de tomar riscos físicos, você é o mais brava que existe. Supercompensando, talvez?

— Eu não sei do que você está falando — Robert disse rigidamente – temendo que soubesse muito bem.

— Você não tem medo da morte ou de lesões, Robert. Tem medo de si mesmo e sua própria fraqueza. Você não tem fé – não tem lealdade – porque lhe falta a força de suas próprias convicções. E é culpa minha por esperar demais. Afinal, como se espera acreditar em algo ou alguém se você não acreditar em si mesmo?

Robert se sentiu de repente transparente, e não gostava muito disso.

— Uma vez tentei ensiná-lo a dominar o seu medo e sua fraqueza — continuou Valentim.
— Vejo agora que foi um erro.

Robert baixou a cabeça, esperando que Valentim o expulsasse do Círculo. Exilá-lo de seus amigos e seu dever. Arruinar a sua vida.

Irônico que foi a sua própria covardia que fizera seus piores medos se tornarem reais.

Mas Valentim o surpreendeu.

— Eu tenho pensado um pouco no assunto, e tenho uma proposta para você — disse Valentim.

— E qual seria esta? — ele estava com medo de ter esperança.

— Desista — disse Valentim. — Pare de tentar fingir além de sua covardia, a sua dúvida. Pare de tentar incendiar alguma paixão inabalável em si mesmo. Se você não consegue encontrar a coragem em suas convicções, por que não aceitar a minha coragem?

— Eu não entendo.

— Minha proposta é a seguinte — disse Valentim. — Pare de se preocupar tanto sobre se está certo ou não. Deixe-me ser a certeza para você. Confie na minha certeza, em minha paixão. Se deixe ser fraco, e apoie-se em mim, porque ambos sabemos que posso ser forte. Aceite que você está fazendo a coisa certa.

— Se fosse assim tão fácil — disse Robert, e não podia negar uma pontada de saudade.

Valentim parecia levemente divertido, como se Robert tivesse traído um mal-entendido infantil da natureza das coisas.

— É apenas tão duro como você faz — ele falou suavemente. — É tão fácil quanto você permitir.

* * *

Isabelle passou por Simon em seu caminho para fora da palestra.

— Nove horas, no quarto do Jon — ela sussurrou em seu ouvido.

— O quê?

Foi como se ela estivesse informando-o da hora exata e local de sua morte, que, se ele fosse forçado a imaginar o que ela poderia estar fazendo no quarto de Jon Cartwright, seria iminente.

— A hora do demônio. Você sabe, para o caso de você ainda estar determinado a arruinar a nossa diversão — ela lhe deu um sorriso perverso. — Ou a participar.

Havia um desafio implícito em seu rosto, uma certeza de que ele não teria a coragem de fazer nenhum dos dois.

Simon se lembrou de que ele podia ter esquecido de conhecer Isabelle, mas ela não esquecera nada sobre ele. Na verdade, pode-se argumentar que ela o conhecia melhor do que ele mesmo.

Não mais, disse a si mesmo. Um ano na Academia, um ano de estudo e batalhas e sem caféina o haviam mudado. Ele tinha que ter mudado.

A pergunta era: como ele mudou?

* * *

Ela tinha lido passado a hora errada.

É claro que sim. No momento em que Simon invadiu o quarto de Jon Cartwright, eles estavam quase prontos para completar o ritual.

— Vocês não podem fazer isso — Simon disse. — Todos vocês, parem e pensem.

— Por quê? — perguntou Isabelle. — Apenas nos dê uma boa razão. Persuada-nos, Simon.

Ele não era bom em discursos. E ela sabia disso.

Simon encontrou-se de repente furioso. Esta era a sua escola; estes eram os seus amigos. Isabelle não ligava para o que acontecia aqui. Talvez não houvesse uma história mais profunda, sem dor escondida. Talvez ela fosse exatamente como parecia, e nada mais: uma pessoa frívola que se preocupava apenas consigo mesma.

Algo em seu coração se revoltava contra esse pensamento, mas ele o silenciou. Isto não era sobre o seu não-relacionamento com sua não-namorada. Ele não podia deixar ser sobre isso.

— Não é apenas contra as regras — disse Simon. Como deveria explicar algo que parecia tão óbvio? Era como tentar convencer alguém de que um mais um é igual a dois: apenas era. — Não é que vocês possam ser expulsos ou mesmo punidos pela Clave. É errado. Alguém pode se machucar.

— Alguém sempre se machuca — George apontou, com tristeza esfregando o cotovelo, que, apenas um par de dias antes, Julie quase cortara com uma espada.

— Porque não há nenhuma outra maneira de aprender — Simon disse, exasperado. — Porque é a melhor entre todas as opções ruins. Isto? Isto é o oposto de necessário. É este o tipo de Caçador das Sombras que vocês querem ser? O tipo que brinca com as forças das trevas, porque acha que pode lidar com isso? Vocês nunca viram um filme? Leram uma história em quadrinhos? É sempre assim que começa – apenas uma pequena amostra de mal, e, em seguida, *bam*, o seu sabre de luz fica vermelho e você está respirando através de uma máscara preta grande e cortando fora a mão de seu filho apenas para ser mau — eles o encararam sem expressão.

— Esqueçam.

Era engraçado, Caçadores de Sombras sabiam mais do que os mundanos sobre quase tudo. Eles sabiam mais sobre demônios, sobre armas, sobre as correntes de poder e magia que moldava o mundo.

Mas não entendiam da tentação. Não entendiam como era fácil fazer uma pequena e terrível escolha após a outra até que você tinha deslizado pela ladeira escorregadia até o poço do inferno. *Dura Lex* – a Lei é dura. Tão dura que os Caçadores das Sombras tinham que fingir que havia a possibilidade de ser perfeita. Era a única coisa que Simon tinha pegado da palestra de Robert sobre o Círculo. Uma vez que os Caçadores de Sombras começavam a escorregar, não paravam.

— O ponto é, está é uma situação sem vitória. Ou o seu imp estúpido fica fora de controle e come um monte de estudantes – ou isso não acontece, e então vocês decidem da próxima vez que podem convocar um demônio maior. E esse come você. Essa é a definição de uma situação perda total.

— Ele tem um bom argumento — disse Julie.

— Não é tão idiota quanto parece — Jon admitiu.

George limpou a garganta.

— Pode ser...

— Talvez devêssemos começar com as coisas — Isabelle disse, jogando o cabelo preto de seda e piscando os olhos grandes e infinitos, abrindo o seu sorriso irresistível como se estivesse lançando um feitiço sobre o quarto. Todo mundo esqueceu que Simon existia e ocuparam-se com o trabalho de invocar um demônio.

Ele tinha feito tudo o que poderia fazer aqui. Havia apenas uma opção sobrando.

Ele correu.

* * *

1984

Michael deixou passar uma semana antes de fazer a pergunta que Robert temia. Talvez ele estivesse esperando que o próprio Robert trouxesse à tona. Talvez tenha tentado se convencer de que ele não precisava saber a verdade, que amava Robert o suficiente para não se importar, mas aparentemente ele tinha falhado.

— Vem andar comigo? — convidou Michael, e Robert concordou em ir num último passeio através da Floresta Brocelind, mesmo que ele esperasse ficar longe da floresta até o próximo semestre. Até lá, talvez, a memória do que aconteceu desapareceria.

As coisas tinham sido estranhas entre eles esta semana, silenciosas e duras. Robert estava mantendo o seu segredo sobre o que tinha feito para o lobisomem, e remoendo a sugestão de Valentim, de que ele seria a consciência e a força de Robert, que seria mais fácil dessa maneira. Michael estava...

Bem, Robert não podia adivinhar o que Michael estava pensando – sobre Valentim, sobre Eliza, sobre o próprio Robert. E isso foi o que tornou as coisas tão estranhas. Eles eram parabatai; eram duas metades do mesmo. Robert supostamente não precisava adivinhar. Antes, ele sempre soube.

— Ok, então qual é a história real? — perguntou Michael, uma vez que eles estavam longe o suficiente na floresta que os sons do campus há muito desapareceram. O sol ainda estava no céu, mas aqui nas árvores, as sombras eram longas e a escuridão subia.
— O que Valentim fez para o lobisomem?

Robert não conseguia olhar para o seu parabatai. Ele deu de ombros.

— Exatamente o que eu disse a você.

— Você nunca mentiu para mim antes — Michael falou.

Havia uma tristeza em sua voz, e algo mais, algo pior, havia uma pontada de finalidade nela, como se estivessem prestes a dizer adeus.

Robert engoliu. Michael estava certo: Antes disso, Robert nunca tinha mentido.

— E suponho que você nunca mentiu para mim? — ele cobrou de Michael.

Seu parabatai tinha um segredo, ele sabia disso agora. Valentim disse isso.

Houve uma longa pausa. Em seguida, Michael falou.

— Eu menti para você todos os dias, Robert.

Foi como um chute no estômago.

Não era apenas um segredo, não era apenas uma menina. Era... Robert nem sabia o que era.

Insondável.

Ele parou e se virou para Michael, incrédulo.

— Se você está tentando me chocar para te dizer alguma coisa...

— Eu não estou tentando chocá-lo. Eu apenas... estou tentando dizer a verdade. Finalmente. Sei que você está me escondendo algo, algo importante.

— Eu não estou — Robert insistiu.

— Você está, e isso dói. E me machuca, então só posso imaginar... — ele parou, respirou fundo, e se forçou. — Eu não podia suportar, se tenho te machucado desse jeito todos estes anos. Mesmo se não percebi isso. Mesmo se você não percebeu.

— Michael, você não está fazendo nenhum sentido.

Eles chegaram a um tronco caído, espesso, com musgo. Michael afundou nele, de repente parecendo cansado. Como se ele tivesse envelhecido cem anos no último minuto. Robert sentou-se ao lado dele e colocou a mão no ombro do amigo.

— O que é isso? — ele bateu de leve na cabeça de Michael, tentando sorrir, dizendo a si mesmo que era apenas Michael sendo Michael. Estranho, mas inconsequente. —
O que está acontecendo nesse hospício que você chamar de cérebro?

Michael baixou a cabeça.

Ele parecia tão vulnerável assim, a nuca nua e exposta, Robert não podia suportar.

— Estou apaixonado — Michael sussurrou.

Robert deu uma gargalhada, alívio jorrando através dele.

— Isso é tudo? Você não acha que percebi isso, idiota? Eu te disse, Eliza é ótima...

Em seguida, Michael disse outra coisa.

Algo que Robert deve ter ouvido mal.

— O quê? — indagou, embora não quisesse saber.

Desta vez, Michael levantou a cabeça, olhou nos olhos de Robert, e falou claramente.

— Eu estou apaixonado por você.

Robert estava de pé antes que mesmo que pudesse processar as palavras.

Parecia de repente muito importante ter espaço entre ele e Michael. Tanto espaço quanto possível.

— Você o quê?

Ele não tinha a intenção de gritar.

— Isso não é engraçado — acrescentou Robert, tentando modelar a sua voz.

— Não é uma piada. Estou apai...

— Não diga isso de novo. Você nunca vai dizer isso de novo.

Michael empalideceu.

— Eu sei que você provavelmente... sei que você não se sente da mesma forma, que você não pode...

Tudo de uma vez, com uma força que quase tirou seus pés do chão, Robert foi inundado por uma onda de memórias: a mão de Michael ao seu redor em um abraço. Michael lutando com ele. Michael ajustando suavemente seu controle sobre a espada. Michael deitado na cama a poucos passos dele, noite após noite. Michael se despindo, pegando sua mão, puxando-o para o Lago Lyn. Michael, peito nu, o cabelo encharcado, os olhos brilhando, deitado na grama ao lado dele.

Robert queria vomitar.

— Nada tem que mudar — disse Michael, e Robert teria rido, se não isso não fosse fazê-lo vomitar. — Eu ainda sou a mesma pessoa. Não estou pedindo nada de você. Estou apenas sendo honesto. Eu só precisava que você soubesse.

Isto era o que Robert sabia: que Michael era o melhor amigo que ele já teve, e provavelmente a mais pura alma que ele já conheceu. Ele deveria se sentar ao lado de Michael, prometer-lhe que estava tudo bem, que nada precisava mudar, que o juramento que haviam feito um ao outro era verdade, e para sempre. Que não havia nada a temer no – o estômago de Robert se revirou com a palavra – amor de Michael. Que Robert era uma seta em linha reta, que era o toque de Maryse que fazia seu corpo ficar vivo, a memória do peito de Maryse que fazia seu pulso correr – e a confissão de Michael não traria nenhuma dúvida nisso. Ele sabia que deveria dizer algo reconfortante para Michael, algo como, “Eu não posso te amar desse jeito, mas vou te amar para sempre”.

Mas ele também sabia o que as pessoas iriam pensar.

O que pensariam sobre Michael... o que suporiam sobre Robert.

As pessoas fariam, fofocariam, suspeitariam de coisas. Parabatai não podiam sair um com o outro, é claro. E não podiam... algo a mais.

Mas Michael e Robert eram bem próximos; Michael e Robert estavam tão em sincronia; certamente as pessoas gostavam de saber eram o mesmo.

Certamente as pessoas pensariam.

Ele não podia suportar. Ele trabalhou muito duro para se tornar o homem que era, o Caçador das Sombras que era.

E não podia suportar ter pessoas olhando para ele daquele jeito de novo, como se ele fosse diferente.

E ele não poderia ter Michael olhando para ele assim.

Porque e se ele começasse a se perguntar, também?

— Você nunca vai dizer isso de novo — Robert falou friamente. — E se insistir nisso, será a última coisa que alguma vez dirá para mim. Você me entendeu? — Michael apenas o encarou, olhos arregalados e sem compreender. — E você nunca vai falar sobre isso a ninguém, tampouco. Eu não vou ter as pessoas pensando isso sobre nós. Sobre você.

Michael murmurou algo ininteligível.

— O quê? — Robert perguntou cortantemente.

— Eu disse, o que eles vão pensar?

— Eles vão pensar que você é nojento — disse Robert.

— Do jeito que está pensando?

Uma voz no fundo da mente de Robert disse, *Pare. Esta é a sua última chance.* Mas falou muito calmamente.

Ele não tinha certeza.

— Sim — disse Robert, e ele falou com firmeza suficiente para que não houvesse dúvida do que ele quis dizer. —

Acho que você é nojento. Fiz um juramento a você, e vou honrá-lo. Mas não se engane: nada entre nós nunca será o mesmo. Na verdade, a partir de agora, não há nada entre nós, ponto.

Michael não discutiu. Ele não disse nada. Ele simplesmente se virou, fugiu para as árvores e deixou Robert sozinho.

O que ele disse, o que ele tinha feito... era imperdoável. Robert sabia disso. Ele disse a si mesmo: era culpa de Michael, a decisão era de Michael.

Ele disse a si mesmo: ele só estava fazendo o que precisava fazer para sobreviver.

Mas ele viu a verdade agora. Valentim estava certo. Robert não era capaz de amar ou ter absoluta lealdade.

Ele pensou que Michael era a exceção, a prova de que ele poderia ser a certeza de alguém – que podia ser constante, não importava o que.

Agora isso se foi.

Chega, Robert pensou. Chega de lutar, chega de duvidar de suas próprias fraquezas e falta de fé. Ele aceitaria a oferta de Valentim. Deixaria Valentim escolher para ele, deixaria Valentim acreditar por ele. Ele faria o que precisasse para continuar com Valentim, e com o Círculo, e com sua causa.

Era tudo o que sobrara para ele.

* * *

Simon voou pelos corredores sombrios, derrapou nos andares viscosos e desceu correndo as escadas amassadas, todo o caminho amaldiçoando a Academia por ser uma fortaleza, labirintos com nenhuma recepção no celular. Seus pés batiam contra a pedra gasta, seus pulmões saltaram, e embora a viagem parecesse interminável, apenas alguns minutos se passaram antes que ele se atirasse no escritório de Catarina Loss.

Ela estava sempre lá, dia ou noite, e aquela noite não foi diferente.

Bem, foi um pouco diferente: naquela noite, ela não estava sozinha.

Ela estava atrás de sua mesa com os braços cruzados, ladeada por Robert Lightwood e a reitora Penhallow, os três parecendo tão sombrios que era quase como se eles estivessem esperando por ele.

Ele não se deixou hesitar ou pensar nas consequências.

Ou pensar em Izzy.

— Há um grupo de estudantes que estão tentando invocar um demônio — Simon ofegou.
— Temos que pará-los.

Ninguém parecia surpreso.

Houve uma garganta limpando suavemente – Simon se virou para encontrar Julie Beauvale saindo de trás da porta que ele abriu em seu rosto.

— O que você está fazendo aqui?

— A mesma coisa que você — disse Julie. Em seguida, ela corou e lhe deu um envergonhado encolher de ombros. — Acho que você argumentou bem.

— Mas como você chegou aqui antes de mim?

— Eu peguei a escada leste, obviamente. Depois aquele corredor por trás da sala de armas...

— Mas não tem um beco sem saída no refeitório?

— Só se você...

— Talvez possamos deixar de lado essa fascinante discussão cartográfica até mais tarde — disse Catarina Loss levemente. — Acho que temos algo mais importante nas mãos.

— Como ensinar a seus alunos idiotas uma lição — Robert Lightwood rosnou, e saiu do escritório.

Catarina e a reitora caminharam atrás dele.

Simon trocou um olhar nervoso com Julie.

— Você, hã, acha que devemos segui-los?

— Provavelmente — disse ela, então suspirou. — Nós também podemos deixá-los expulsar a todos nós em um tiro.

Eles caminharam atrás de seus professores, deixando-se ficar mais e mais para trás.

Quando se aproximaram do quarto de Jon, os gritos de Robert eram audíveis a partir do meio do corredor. Eles não conseguiam distinguir suas palavras através da porta grossa, mas o volume e a cadência tornavam a situação muito clara.

Simon e Julie abriram a porta e entraram.

George, Jon e os outros estavam alinhados contra a parede, rostos pálidos, os olhos arregalados, todos parecendo preparados para um pelotão de fuzilamentos. Enquanto Isabelle estava de pé ao lado de seu pai... *radiante?*

— Falharam, todos vocês! — Robert Lightwood ressoou. — Supõe-se que vocês sejam os melhores e mais brilhantes que esta escola tem para oferecer, e isso é o que vocês têm para mostrar? Eu avisei a vocês sobre os perigos do carisma. Eu falei da necessidade de defender o que é certo. Mesmo que doa a quem vocês mais amam. E todos vocês não conseguiram ouvir.

Isabelle tossiu incisivamente.

— Todos vocês, exceto dois — Robert permitiu, sacudindo a cabeça para Simon e Julie. — Bem feito. Isabelle estava certa sobre vocês.

Simon estava se recuperando.

— Tudo isso foi um estúpido teste? — Jon gritou.

— Um teste bastante inteligente, se me perguntarem — apontou a reitora Penhallow.

Catarina parecia querer dizer algumas coisas sobre o tópico de Caçadores de Sombras tolos que jogam jogos de gato e rato com os seus próprios, mas como de costume, ela mordeu a língua.

— Qual a porcentagem de nossas notas isso tomará? — perguntou Sunil.

Com isso, houve muita gritaria. Um pouco de falatório sobre a responsabilidade sagrada e descuido e quão desagradável uma noite nos calabouços da Cidade do Silêncio pode ser.

Robert trovejou como Zeus, a reitora Penhallow fez o seu melhor para não soar como uma babá repreendendo sobre roubar um biscoito extra, enquanto Catarina Loss colocou uma ocasional observação sarcástica sobre o que aconteceu com os Caçadores das Sombras que pensavam que era divertido circular numa área de feiticeiros. Em um ponto, ela interrompeu o discurso de Robert Lightwood para adicionar um comentário aguçado sobre Darth Vader – e um olhar astuto para Simon que o fez se perguntar, não pela primeira vez, quão perto ela estava observando-o, e por quê.

Através de tudo isso, Isabelle observou Simon, algo inesperado em seu olhar.

Algo quase como... orgulho.

— Concluindo, da próxima vez vocês ouvirão quando os mais velhos falarem — Robert Lightwood gritou.

— Por que alguém ouviria qualquer coisa que você tem a dizer sobre a fazer a coisa certa? — Isabelle rebateu.

O rosto de Robert ficou vermelho. Ele se virou para ela lentamente, fixando-a com o tipo Inquisidor de brilho gelado que teria deixado qualquer um choramingando em posição fetal. Isabelle não vacilou.

— Agora que esse negócio sórdido foi concluído, peço a todos para dar a mim e a minha filha obediente alguma privacidade. Acredito que temos algumas coisas para resolver — disse Robert.

— Mas esse é o meu quarto — Jon lamentou.

Robert não precisou falar, apenas virou o olhar do Inquisidor sobre ele; Jon se encolheu.

Ele fugiu, junto com todos os outros, e Simon estava prestes a seguir o mesmo caminho quando os dedos de Isabelle arrebataram seu pulso.

— Ele fica — ela disse para seu pai.

— Certamente que não.

— Simon fica comigo, ou eu saio com ele — Isabelle falou. — Essas são as suas escolhas.

— Er, eu ficaria feliz em ir... — Simon começou, feliz sendo um substituto educado para desesperado.

— Você fica — Isabelle ordenou.

Robert suspirou.

— Tudo bem. Você fica.

Isso acabou com a discussão. Simon sentou-se na beira da cama de Jon, desejando ser invisível.

— É óbvio para mim que você não quer estar aqui — Robert disse para sua filha.

— O que isso te mostrou? O fato de que eu lhe disse um milhão de vezes que eu não queria vir? Que não queria jogar o seu jogo estúpido? Que pensei que era cruel e manipulador e um total desperdício de tempo?

— Sim — disse Robert. — Isso.

— E ainda assim você me fez vir de qualquer maneira.

— Sim.

— Olha, se você pensou que um tempo de convívio forçado corrigiria ou melhoraria o que você...

Robert suspirou profundamente.

— Eu já lhe disse antes, o que aconteceu entre mim e sua mãe não tem nada a ver com você.

— Tem tudo a ver comigo!

— Isabelle... — Robert olhou para Simon, em seguida, baixou a voz. — Eu realmente prefiro fazer isso sem uma audiência.

— Que pena.

Simon tentou ainda mais desaparecer no fundo, esperando que talvez se ele se esforçasse o suficiente, sua pele assumiria o mesmo padrão surpreendentemente florido da parede de Jon Cartwright.

— Você e eu, nós nunca falamos sobre o meu tempo no Círculo, ou por que eu segui Valentim — disse Robert. — Eu esperava que vocês, crianças, nunca tivessem que saber sobre essa parte minha.

— Eu ouvi a sua palestra, como todo mundo — ela falou, carrancuda.

— Nós dois sabemos que a história adaptada para o consumo público nunca é toda a verdade — Robert franziu a testa. — O que eu não disse a esses estudantes – que eu nunca disse a ninguém – é que ao contrário da maioria do Círculo, eu não era o que você chamaria de um verdadeiro crente. Os outros pensavam que eram a espada de Raziel em forma humana. Você deveria ter visto sua mãe, brilhando com a justiça.

— Portanto, agora é tudo culpa da mamãe? Bom, papai. Muito bom. Eu deveria pensar que você é um cara impressionante por ver através de Valentim, mas foi junto com ele de qualquer maneira? Porque a sua namorada disse isso?

Ele balançou a cabeça.

— Você está perdendo o meu argumento. Eu era o que mais merecia a culpa. Sua mãe, os outros, eles achavam que estavam fazendo o que era certo. Eles adoravam Valentim. Adoravam a causa. Eles acreditavam. Eu nunca poderia reunir essa fé... mas fui junto de qualquer maneira. Não porque eu pensava que era certo. Porque era fácil. Porque Valentim parecia tão certo. Substituir sua certeza pela minha parecia o caminho de menor resistência.

— Por que está me contando isso? — um pouco do veneno tinha sido drenado da voz de Isabelle.

— E não entendi, então, o que significaria ter verdadeiramente certeza de alguma coisa — continuou Robert. — Eu não sabia como era a sensação de amar algo, ou alguém, além de toda a reserva. Incondicionalmente. Pensei que talvez, com meu parabatai, mas então... — ele engoliu tudo o que estava prestes a dizer.

Simon se perguntou como poderia ser pior do que ele já tinha confessado.

— Eventualmente, achei que eu simplesmente não tinha isso em mim. Que eu não fui construído para esse tio de amor.

— Se você está prestes a me dizer que o encontrou com a sua amante... — Isabelle estremeceu.

— Isabelle — Robert pegou as mãos de sua filha nas suas próprias. — Estou dizendo a você que eu o encontrei com Alec. Com você. Com... — ele olhou para baixo. — Com Max. Ter vocês, Isabelle, mudou tudo.

— É por isso que passou anos tratando Alec como se ele tivesse a peste? É assim que você mostra a seus filhos que você os ama?

Então, se é que era possível, Robert pareceu ainda mais envergonhado de si mesmo.

— Amar alguém não significa que você nunca vai cometer erros — ele falou. — Eu fiz mais do que meu quinhão. Sei disso. E alguns deles que eu nunca terei a chance de compensar. Mas estou tentando o meu melhor com o seu irmão. Ele sabe o quanto eu o amo. Como estou orgulhoso dele. Eu preciso que você saiba disso também. Vocês crianças, são a única coisa que tenho certeza, a única coisa que sempre terei certeza. Não a Clave. Não, infelizmente, o meu casamento. Vocês. E se precisar, passarei o resto da minha vida tentando provar que você pode confiar em mim.

* * *

Foi uma festa chata, do tipo que mesmo Simon teve que admitir que poderia ter sido animada por um demônio ou dois. As decorações – algumas tristes flâmulas, um par de balões de hélio murchos, e um cartaz feito à mão dizendo PARABÉNS parecendo ter sido atirados juntos a

contragosto no último minuto por um grupo de alunos do quinto ano em detenção. A mesa de refrescos estava lotada com a comida que tivesse sobrado do final do semestre, incluindo croissants envelhecidos, uma caçarola cheia de gelatina laranja, um barril de cozido e vários pratos repletos de carnes não identificáveis. Como a eletricidade não funcionava em Idris e ninguém tinha pensado em contratar uma banda, não havia música, mas um punhado de membros do corpo docente tinha tomado para si improvisar um quarteto de cordas. (O que, na mente de Simon, não se qualificava como música.) O grupo de Isabelle que convocaria um demônio tinha sido deixado com uma bronca severa, e mesmo permitidos a participar da festa, nenhum deles parecia muito no clima para comemorações – ou, compreensivelmente, para Simon.

Ele estava permanentemente sozinho na bacia de ponche – que cheirava como peixe o suficiente para impedi-lo, na verdade, servir-se de qualquer ponche – quando Isabelle se juntou a ele.

— Evitando seus amigos? — ela perguntou.

— Amigos? — ele riu. — Acho que você quer dizer “pessoas que me odeiam”. Sim, eu tendo a evitá-los.

— Eles não te odeiam. Estão envergonhados porque você estava certo e eles foram estúpidos. Eles vão superar. Vocês sempre fazem.

— Não parecia provável, mas, em seguida, não havia muito o que tinha acontecido este ano que se enquadraria na categoria de “*provável*”.

— Então, eu acho, obrigada por ficar comigo com toda aquela coisa com o meu pai — disse Isabelle.

— Você não me deu exatamente muita escolha — ele ressaltou.

Isabelle riu, quase com carinho.

— Você realmente não tem ideia de como um encontro social supostamente deve ser, não é? Eu digo “*Obrigada*”; você diz “*por nada*”.

— Como se eu dissesse, “obrigado por enganar todos os meus amigos ao fazê-los pensar que você fosse uma selvagem e louca invocadora de demônios para que eles pudessem entrar em problemas com a reitora”, você diria...?

— De nada por lhes ensinar uma lição valiosa — ela sorriu. — Uma que, aparentemente, você não precisa aprender.

— Sim. Sobre isso... — mesmo que tudo tivesse sido um teste – mesmo que, aparentemente, Isabelle tivesse querido que ele a denunciasse, ele ainda se sentia culpado. — Eu sinto muito, não descobri o que você estava fazendo. Não confiei em você.

— Era um fingimento, Simon. Você não deveria confiar em mim.

— Mas eu não deveria ter caído nisso. De todas as pessoas...

— Você não pode esperar me conhecer — havia uma gentileza impossível na voz de Isabelle. — Eu entendo, Simon. Sei que as coisas têm sido... difíceis entre nós, mas eu não estou me enganando. Posso não gostar da realidade, mas não posso negar isso.

Havia tantas coisas que ele queria dizer a ela.

E, no entanto, neste exato momento de alta pressão, sua mente estava em branco.

O silêncio desconfortável assentou-se pesadamente entre eles. Isabelle mudou seu peso de pé.

— Bem, se isso é tudo, então...

— Vai voltar para o seu encontro com Jon? — Simon não podia se impedir de perguntar.
— Ou... era apenas parte do fingimento?

Ele esperava que ela não percebesse a nota patética de esperança em sua voz.

— Foi um fingimento diferente, Simon. Acalme-se. Alguma vez lhe ocorreu que eu apenas gosto de torturá-lo?

Houve aquele sorriso perverso novamente, e Simon sentiu que ela tinha o poder de acender o fogo nele; sentiu que já estava queimando.

— Então, você e ele, vocês nunca...

— Jon não é exatamente o meu tipo.

O próximo silêncio foi um pouco mais confortável. O tipo de silêncio, Simon pensou, onde você encarava com os olhos arregalados para alguém até que a tensão só pudesse ser quebrada com um beijo.

Basta se inclinar, ele disse a si mesmo, porque mesmo que ele não pudesse se lembrar de fazer o primeiro movimento em uma garota como essa, ele obviamente tinha feito isso no passado. O que significava que ele tinha isso nele. Em algum lugar.

Pare de ser tão covarde e em pânico. SE INCLINE.

Ele ainda estava reunindo toda a sua coragem, quando o momento passou. Ela deu um passo para trás.

— Assim... o que havia na carta, de qualquer maneira?

Ele tinha memorizado. Poderia recitá-la para ela agora, dizer-lhe que ela era incrível, que mesmo que seu cérebro não se lembrasse de amá-la, sua alma estava permanentemente moldada para se encaixar na dela, como uma espécie de cortador de biscoitos em forma de Isabelle que carimbara o seu coração. Mas escrever era diferente de falar em voz alta e em público.

Ele deu de ombros.

— Eu realmente não me lembro, apenas um pedido de desculpas por ter gritado com você naquele momento. E na outra vez. Eu acho.

— Oh.

Será que ela parecia desapontada? Aliviada? Irritada? Simon procurou em seu rosto por pistas, mas era indecifrável.

— Bem... desculpas aceitas. E pare de olhar como se eu tivesse algo em meu nariz.

— Desculpe. De novo.

— E... eu acho... me desculpe se eu a devolvi sem lê-la.

Simon não se lembrava se ela já tinha se desculpado com ele antes. Ela não parecia o tipo que pedia desculpas a ninguém.

— Se você me escrever outra em algum momento, eu poderia até mesmo lê-la — disse ela, com indiferença estudada.

— A escola termina esse semestre, lembra? Este fim de semana eu volto para o Brooklyn.

Parecia inimaginável.

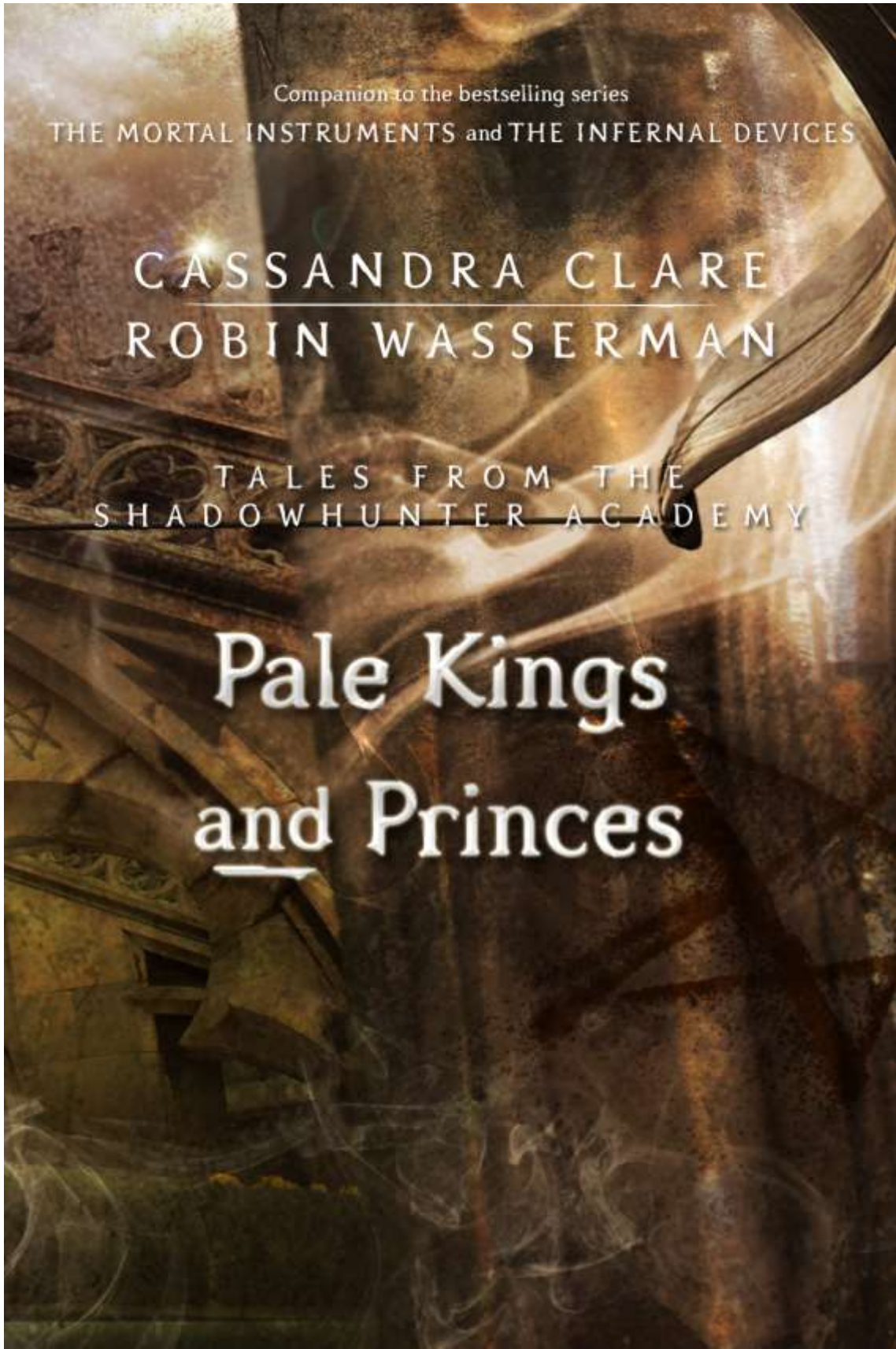
— Eles não têm caixas de correio no Brooklyn?

— Acho que eu poderia lhe enviar um cartão postal da ponte do Brooklyn — Simon permitiu – então respirou fundo, e foi para ela.

— Ou eu poderia entregar uma pessoalmente. No Instituto, quero dizer. Se você quiser. Alguma hora. Ou alguma coisa.

— Alguma hora. Alguma coisa... — Isabelle refletiu sobre isso, deixando as palavras flutuando por poucos intermináveis segundos agonizantes. Então, seu sorriso se alargou até que Simon pensou que poderia realmente se arder.

— Acho que temos um encontro.



Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INFERNAL DEVICES

CASSANDRA CLARE
ROBIN WASSERMAN

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

Pale Kings and Princes

REIS

E

PRÍNCIPES

PÁLIDOS

Como um ex-vampiro, Simon sempre foi solidário com os seres do Submundo. A Clave, não. Mas depois que uma aula dá errada, ele tem um vislumbre do preconceito dos Caçadores de Sombras enquanto aprende sobre a origem da Helen e Mark Blackthorn, personagens principais nos Artíficos das Trevas.

O que eu fiz em minhas férias de verão

Por Simon Lewis

Passei este verão no Brooklyn. Todas as manhãs eu corri e treinei através do parque. Certo dia, encontrei uma nixie que vivia e, uma piscina para cães. Ela tinha cabelo...

Simon Lewis fez uma pausa para consultar o seu dicionário de Cthoniano/Inglês para a palavra “loiro”, mas não havia o termo. Aparentemente, palavras relativas à cor do cabelo não eram importantes para as criaturas das dimensões demoníacas. Assim como, ele descobrira, palavras relacionadas a família, amizade ou assistir TV. Ele mordeu a borracha, suspirou, então se inclinou sobre a folha novamente. Quinhentas palavras sobre como ele passou o verão foi o que seu professor de Cthoniano pediu pela manhã, e depois de uma hora trabalhando, ele tinha escrito aproximadamente... trinta.

Ela tinha cabelo. E...

uma enorme prateleira.

— Só estou tentando ajudar — disse George Lovelace, colega de quarto de Simon, passando por sobre o ombro de Simon para escrever um final para a frase.

— E falhando miseravelmente — Simon apontou, mas não pôde reprimir um sorriso.

Ele sentira falta de George neste verão, mais do que esperava. Sentiu falta de tudo mais do que esperava, e não apenas dos seus novos amigos, mas da Academia dos Caçadores de Sombras em si, os ritmos previsíveis do dia, todas as coisas de que ele passou meses reclamando. O lodo, a umidade, os exercícios matinais, o barulho das criaturas entre as paredes... sentiu falta até da sopa. Simon passou a maior parte de seu primeiro ano na Academia se preocupando que estava deslocado – que a qualquer momento, alguém importante perceberia que tinha cometido um erro terrível e o mandaria de volta para casa.

Não foi até que ele estava de volta no Brooklyn, tentando dormir sob lençóis do Batman com sua mãe roncando no quarto ao lado, que ele percebeu que a casa não era mais sua casa.

Casa, inesperadamente, era a Academia dos Caçadores de Sombras.

O Parque Slope não era exatamente o mesmo de que ele se lembrava, não com os filhotes de lobisomem brincando na pista de corrida para cães do Prospect Park, o feiticeiro vendendo queijo artesanal e poções de amor no mercado dos agricultores do Grand Army, com os vampiros relaxando nas margens do Gowanus, atirando bitucas de cigarro em passeios descolados. Simon tinha que continuar se lembrando que eles estiveram lá o tempo todo – o Parque Slope não havia mudado; Simon sim. Simon era quem tinha a Visão agora. Simon era o único que se encolhia ao menor movimento das sombras, e quando Eric teve a infelicidade de esgueirar-se por trás dele, instintivamente arrancou seu velho amigo dos pés e atirou-o ao chão com um golpe de judô sem esforço.

— Cara — Eric engasgou, arregalando os olhos para ele deitado na grama de agosto ressecada — descansar, soldado.

Eric, claro, pensava que ele tinha passado o ano na escola militar, como pensava o resto dos caras, tal qual a mãe e a irmã de Simon. Mentir a quase todos que amava: essa era outra coisa diferente sobre sua vida no Brooklyn agora, e talvez a única coisa que o deixava mais ansioso para escapar. Era uma coisa mentir sobre onde esteve o ano inteiro, enfeitar histórias meia-boca sobre deméritos e sargentos bravos, a maioria delas plagiada de filmes ruins dos anos oitenta. Outra coisa era mentir sobre quem ele era. Ele teve que fingir ser o cara de que eles lembravam, o Simon Lewis que pensava que demônios e feiticeiros estavam confinados às páginas dos quadrinhos, aquele cujo encontro mais próximo com a morte envolveu uma falta de ar por causa do chocolate coberto com amêndoas. Mas ele não era mais o mesmo Simon, nem mesmo passava perto. Talvez não fosse um Caçador de Sombras, ainda não, mas não era exatamente mais um mundano, e estava cansado de fingir ser.

A única pessoa com quem ele não tinha que fingir era com Clary, e com o passar das semanas, ele gastava mais e mais tempo com ela, explorando a cidade e ouvindo histórias do menino que ele costumava ser. Simon ainda não conseguia se lembrar do que eles foram um para o outro na outra vida, a que tinha sido encantado para esquecer, mas o passado parecia importar cada vez menos.

— Você sabe, eu não sou a pessoa que costumava ser, também — Clary lhe dissera um dia, enquanto eles esvaziavam o seu quarto copo de café no Java Jones.

Simon estava fazendo o seu melhor para transformar o seu sangue em cafeína, em preparação para setembro. A Academia era uma zona livre de café.

— Às vezes, aquela antiga Clary parece tão distante de mim como o velho Simon de você.

— Você sente falta dela? — Simon perguntou, mas ele queria dizer Você sente falta do velho Simon?

O outro Simon. O melhor, mais corajoso Simon, sobre quem ele sempre se preocupava em não tê-lo mais dentro de si.

Clary balançara a cabeça, os cachos vermelhos impetuosos saltando em seus ombros, os olhos verdes brilhando com certeza.

— E eu não sinto falta sua também, não mais — ela respondeu, com aquele estranho dom de saber o que estava acontecendo em sua cabeça. — Porque eu o tenho de volta. Finalmente, espero...

Ele apertou a mão dela. Era resposta suficiente para ambos.

— Falando do que você fez em suas férias de verão — falou George agora, caindo pesadamente de volta em seu colchão torto — você nunca vai me contar?

— Contar o quê? — Simon recostou-se na cadeira, em seguida, ao som sinistro de madeira quebrando, de repente se inclinou para frente novamente. Como segundanistas, ofereceram a Simon e George a oportunidade de reivindicar um quarto acima do solo, mas os dois decidiram ficar no calabouço. Simon tinha se ligado ao sombrio e úmido e descobrira que havia certas vantagens de ficar longe dos olhos curiosos do corpo docente.

Para não mencionar os olhares de julgamento do estudantes da corrente da elite. Enquanto as crianças Caçadoras de Sombras de sua turma, na sua maior parte, aceitaram a possibilidade de que seus colegas mundanos poderiam ter algo a oferecer, havia uma classe totalmente nova agora, e Simon não queria ensinando-lhes a lição mais uma vez. Ainda assim, enquanto sua cadeira decidia se queria ou não quebrar ao meio e algo peludo e cinza avançou por seus pés, ele se perguntou se era tarde demais para mudar de ideia.

— Simon. Companheiro. Atire-me um osso aqui. Você faz ideia de como eu passei minhas férias de verão?

— Tosquiando ovelhas?

George tinha-lhe enviado um punhado de cartões postais nos últimos dois meses. A frente de cada um deles tinha uma fotografia do interior idílico da Escócia. E na parte de trás, uma série de mensagens circundando um único tema:

Tédio.

Tão tedioso.

Mate-me agora.

Tarde demais, já estou morto.

— Tosquiando ovelhas — confirmou George.
— Alimentando ovelhas. Pastoreando ovelhas. Limpando sujeira de ovelha. Enquanto você estava... fazendo-quem-sabe-o-quê com certa superguerreira de cabelos negros. Você não vai me deixar viver indiretamente?

Simon suspirou. George tinha se restringido por quatro dias e meio. Simon supôs que era mais do que ele poderia ter pedido.

— O que o faz pensar que eu estava fazendo algo com Isabelle Lightwood?

— Oh, eu não sei, talvez porque da última vez que o vi, você não parava de falar dela? — George imitou um péssimo sotaque americano. — O que devo fazer no meu encontro com Isabelle? O que devo dizer no meu encontro com Isabelle?

O que devo vestir no meu encontro com Isabelle? Oh, George, querido deus escocês bronzeado, diga-me o que fazer com Isabelle.

— Não me lembro dessas palavras saírem da minha boca.

— Eu estava parafraseando a sua linguagem corporal — George devolveu. — Agora abra a boca.

Simon deu de ombros.

— Não deu certo.

— Não deu certo? — as sobrancelhas de George quase dispararam para fora de sua testa. — *Não deu certo?*

— Não deu certo — confirmou Simon.

— Você está me dizendo que a sua épica história de amor com a Caçadora de Sombras mais quente da sua geração, que se estendeu por várias dimensões e envolveu diversos incidentes para salvar o mundo acabou com um encolher de ombros e um — sua voz adquiriu novamente um sotaque americano monótono — “não deu certo”?

— Sim. Isto é o que eu estou dizendo.

Simon tentou parecer casual, mas deve ter falhado, porque George se levantou e delicadamente bateu no ombro de seu colega de quarto.

— Desculpe, companheiro — disse George calmamente.

Simon suspirou novamente.

— Sim.

O que eu fiz em minhas férias de verão

Por Simon Lewis

Eu estraguei todas as minhas chances com a menina mais incrível do mundo.

Não uma nem duas, mas três vezes.

Ela me levou em um encontro em sua boate favorita, onde fiquei andando como um bronco idiota a noite toda e uma vez literalmente tropecei em meus próprios pés.

Então a deixei no Instituto e apertei a mão dela desejando boa-noite.

Sim, você leu certo: apertei. A mão. Dela.

Então eu a levei no encontro número dois, na minha sala de cinema favorita, onde eu a fiz assistir Star Wars: A Guerra dos Clones e não notei quando ela adormeceu, então acidentalmente insultei seu gosto, porque como eu ia saber que ela uma vez teve um encontro com algum feiticeiro que

tinha uma cauda que eu não esperava saber de qualquer maneira e, em seguida: ainda outro bom aperto de mão de despedida.

Encontro de número três, outra das minhas ideias geniais: encontro duplo com Clary e Jace. Que talvez teria sido bom, exceto que Clary e Jace são mais apaixonados do que qualquer um na história do amor, e eu tenho certeza de que eles estavam namorando debaixo da mesa, porque houve aquele momento em que Jace começou a esfregar o seu pé contra a minha perna por acidente. (Eu acho que por acidente)

(É melhor ter sido por acaso.)

E então nós fomos atacados por demônios, porque Clary e Jace são aparentemente algum tipo de ímã de demônio, e fui derrubado em cerca de trinta segundos e meio que fiquei caído lá no canto enquanto o resto deles salvava o dia e Isabelle fazia a sua coisa de deusa guerreira incrível. Porque ela é uma deusa guerreira incrível, e eu sou um bebezinho.

Depois todos saíram em alguma cruzada superincrível para perseguir os demônios que enviaram os outros demônios atrás de nós, e não me deixaram ir. (Veja acima novamente: porque sou um bebezinho) Então quando eles voltaram, Isabelle não me ligou, provavelmente porque que tipo de deusa guerreira quer namorar com um bebê que fica encolhido num canto? E eu não liguei para ela pela mesma razão... e também porque pensei que talvez ela devesse me ligar.

O que ela não fez.

Fim

Simon resolveu perguntar ao seu professor de Cthoniano se podia escrever uma continuação.

* * *

A grade do segundo ano, verificou-se, era a mesma que a do primeiro, com uma exceção.

Neste ano, os meses tinham uma contagem regressiva para o dia da Ascensão, os alunos da Academia dos Caçadores de Sombras deviam aprender os eventos atuais. Embora a julgar pelo o que eles aprenderam até agora, Simon pensou, os eventos da classe atual podiam facilmente ser intitulados “Por que as Fadas são más”.

Todos os dias Caçadores de Sombras e mundanos do segundo ano lotavam uma das salas de aula que estavam bloqueadas um ano antes (alguma coisa sobre uma infestação de besouros demoníacos). Cada combinação enferrujada de cadeira e mesa parecia planejada para estudantes com metade do tamanho deles, e eles ouviam enquanto o professor Freeman Mayhew explicava sobre a Paz Fria.

Freeman Mayhew era um homem magro e careca, com um bigode grisalho de Hitler, e embora ele começasse a maioria de suas frases com “Quando eu lutava com demônios...” era difícil imaginá-lo batalhando, tão frio quanto era. Mayhew acreditava que era responsabilidade sua para convencer seus alunos que fadas eram astutas, indignas de confiança, de coração frio e – não que os “políticos covardes” da Clave admitiriam isso tão cedo – dignas de extinção.

Os alunos rapidamente perceberam que qualquer discordância – ou até mesmo interrupções para fazer uma pergunta – aumentava a pressão sanguínea de Mayhew, uma mancha vermelha de raiva florescendo em seu crânio enquanto ele retrucava:

— Você estava lá? *Eu* acho que não!

Esta manhã Mayhew cedeu a sala de aula para uma menina um pouco mais velha do que Simon. Seu cabelo loiro-branco caía em cachos ao redor de seus ombros, seus olhos azul-esverdeados brilhavam, e a boca formava uma linha sombria que sugeria que ela preferiria estar em qualquer outro lugar. O professor Mayhew estava ao seu lado, mas Simon notou a maneira como ele mantinha distância e tomava cuidado para não virar as costas para ela.

Mayhew tinha medo.

— Vá em frente — disse o professor rispidamente. — Diga-lhes o seu nome.

A menina manteve os olhos no chão e murmurou algo.

— Mais alto — Mayhew estalou.

Agora, a menina levantou a cabeça e olhou para a classe em cheio, e quando ela falou, sua voz era alta e clara.

— Helen Blackthorn — ela disse. — Filha de Andrew e Eleanor Blackthorn.

Simon lançou-lhe um olhar mais atento. Helen Blackthorn era um nome que ele conhecia bem a partir das histórias que Clary lhe contou sobre a Guerra Maligna. Os Blackthorns tinham todos perdido nessa luta, mas ele pensava que Helen e seu irmão Mark perderam mais que todos.

— Mentirosa! — gritou Mayhew. — Tente novamente.

— Se eu posso mentir, isso não significa alguma coisa para você? — ela perguntou, mas era claro que ela já sabia a resposta.

— Você conhece as condições da sua presença aqui — ele retrucou. — Diga-lhes a verdade ou vá para casa.

— Aquela não é a minha casa — disse Helen calmamente, mas com firmeza.

Após a Guerra Maligna, ela fora exilada – não que alguém usasse oficialmente esse termo – para a Ilha de Wrangel, um posto avançado do Ártico que era o berço de todas as barreiras que protegiam o mundo. Era também, Simon tinha ouvido falar, um deserto desolado e gelado. *Oficialmente*, Helen e sua namorada, Aline Penhallow, estavam estudando as barreiras, que tiveram que ser reconstruídas após a Guerra Maligna. Extraoficialmente, Helen estava sendo punida pelo acidente do seu nascimento. A Clave decidira que, apesar de sua bravura na Guerra Maligna, apesar de sua história impecável, apesar do fato de que seus irmãos mais novos eram órfãos e não tinham ninguém para cuidar deles, apenas um tio que mal conheciam, ela não era confiável em seu meio. A Clave pensava que, apesar de sua pele poder suportar as runas do Anjo, ela não era uma verdadeira Caçadora de Sombras.

Simon pensava que eles eram todos idiotas.

Não importava que ela não tivesse armas, que estivesse vestida com uma camiseta amarelo clara e jeans, e não tivesse runas visíveis. Ficava claro, simplesmente a partir de sua postura e o

controle que ela exercia sobre si mesma, transformando a raiva em dignidade, que Helen Blackthorn *era* uma Caçador de Sombras. Uma guerreira.

— Última chance — Mayhew rosnou.

— Helen Blackthorn — a menina disse novamente, e colocou o cabelo para trás, revelando delicadas orelhas pálidas, ambas afuniladas como a de um elfo nas pontas. — Filha de Andrew Blackthorn Caçador de Sombras e Lady Nerissa. Da Corte Seelie.

Naquele momento Julie Beauvale levantou-se e, sem uma palavra, saiu da sala.

Simon sentia muito por ela, ou tentou. Durante as horas finais da Guerra Maligna, um guerreiro das fadas assassinara a irmã de Julie bem na frente dela. Mas isso não era culpa de Helen. Helen era apenas meio fada, e não era a metade que contava.

Não que qualquer um da Clave ou da sala de aula parecesse acreditar. Os estudantes murmuravam, insultos sobre fadas saltando entre eles. Na parte da frente da sala de aula, Helen ficou muito quieta, as mãos cruzadas atrás das costas.

— Oh, calem a boca — Mayhew disse em voz alta. Simon se perguntou, não pela primeira vez, porque o homem havia se tornado um professor quando parecia que a única coisa que ele detestava mais do que jovens era a obrigação de ensiná-los. — Eu não espero que qualquer um de vocês respeite essa... pessoa. Mas ela está aqui para oferecer-lhes uma história de advertência. Você vão escutar.

Helen limpou a garganta.

— Meu pai e seu irmão foram os alunos daqui uma vez, assim como vocês — ela falou baixinho, com tom afetado, como se estivesse falando sobre estranhos— E talvez como vocês, eles não perceberam quão perigoso o Povo Belo poderia ser. Isso quase os destruiu.

* * *

Meu pai, Andrew, estava no segundo ano da Academia, *Helen continuou*, e Arthur, no primeiro. Normalmente, apenas segundanistas seriam enviados em uma missão para a terra das fadas, mas todos sabiam que Arthur e Andrew lutavam melhor lado a lado. Isso foi muito antes da Paz Fria, obviamente, quando as fadas estavam vinculadas aos Acordos. Mas isso não as impediu de quebrar as regras onde pensaram que poderiam escapar delas. Uma criança Caçadora de Sombras tinha sido tomada. Dez estudantes da Academia, acompanhados por um dos seus professores, foram enviados para recuperá-la.

A missão foi um sucesso, ou teria sido, se uma fada astuta não tivesse enlaçado as mãos de meu pai em um espinheiro de bagas. Sem pensar, ele chupou o sangue de uma pequena ferida e, com ele, tomou um pouco do suco.

Bebeu algo do Reino Encantado, amarrando-o aos caprichos da Rainha, e ela o mandou ficar. Arthur insistiu em ficar com ele, que é o quanto os irmãos cuidavam entre si.

O professor da Academia rapidamente fez uma barganha com a Rainha: sua prisão duraria apenas um dia.

Os professores da Academia são, é claro, sempre bastante inteligentes. Mas as fadas eram mais ainda. O que se passava num único dia no resto do mundo, durava muito mais no Reino Encantado.

Durava anos.

Meu pai e meu tio sempre foram tranquilos, meninos livres. Eles serviam bravamente no campo de batalha, mas preferiam a biblioteca. Não estavam preparados para o que lhes aconteceu em seguida.

O que aconteceu com eles em seguida foi que encontraram Lady Nerissa, da Corte Seelie, a fada que se tornou minha mãe, uma fada cuja beleza era superada somente por sua crueldade.

Meu pai nunca falou comigo do que aconteceu com ele nas mãos de Nerissa, nem meu tio. Mas após o seu regresso, ambos fizeram relatórios completos para o Inquisidor. Eu fui... *Convidada* a ler estes relatórios na íntegra para transmitir os detalhes para vocês.

Os detalhes são estes: durante sete longos anos, Nerissa fez de meu pai o seu brinquedo. Ela o amarrou a ela, não com correntes, mas com magia negra das fadas. Enquanto seus servos o seguravam, ela fechou uma gargantilha de prata em seu pescoço. Ele estava encantado. Fez o meu pai vê-la não como ela era, um monstro, mas como um milagre. Enganou seus olhos e seu coração, transformou o ódio por seu captor em amor.

Ou melhor, a versão das fadas do amor coalhado. A adoração claustrofóbica. Ele faria qualquer coisa por ela. Ele fez, ao longo desses sete anos, tudo por ela.

E então houve Arthur, seu irmão, mais jovem do que Andrew e pequeno para sua idade. Bom, dizem eles. Gentil.

Lady Nerissa não tinha uso para Arthur, exceto como um brinquedo, uma ferramenta com a qual torturar meu pai e afirmar a sua lealdade.

Nerissa forçou meu pai a viver todos aqueles anos no amor; forçou Arthur viver em dor.

Arthur foi queimado vivo, muitas vezes, com um fogo das fadas corroendo sua carne e ossos, mas sem matar.

Arthur foi chicoteado, uma corrente de espinhos abrindo feridas em suas costas que nunca se curariam.

Arthur era acorrentado ao chão, algemas prendendo seus pulsos e tornozelos como se fosse uma fera, e era forçado a assistir o seu pior pesadelo encenado diante de seus olhos, o encantamento do Povo das Fadas representando as pessoas que ele mais amava morrendo excruciantemente diante de seus olhos.

Arthur foi deixado acreditando que seu irmão o abandonara, escolhendo o amor das fadas acima da carne e do sangue, o que foi a pior tortura de todas.

Arthur estava quebrado. Assim se passou apenas um ano. As fadas passaram os próximos seis pisoteando e rindo sobre os escombros de sua alma.

E mesmo assim, Arthur era um Caçador de Sombras, e estes nunca devem ser subestimados. Um dia, meio louco de dor e tristeza, ele teve uma visão de seu futuro, de

milhares de dias de agonia, décadas, séculos que se passam no Reino Encantado à medida que envelheceria em uma criatura quebrada e encarquilhada, e finalmente retornaria ao seu mundo para descobrir que apenas um dia tinha passado. Que todos que ele conhecia estariam jovens e todos. Que rezariam por sua morte, para que não tivessem que viver com o que havia acontecido com ele. O Povo das Fadas viviam em uma terra além do tempo; eles poderiam roubar sua vida inteira aqui, podiam dar-lhe dez vidas de tortura e dor – e ainda permanecer fiéis à sua palavra.

O terror deste destino era mais poderoso que a dor, e isso lhe deu a força necessária para se libertar de suas amarras. Ele foi forçado a lutar contra seu próprio irmão, que tinha sido encantado a acreditar que ele deveria proteger Lady Nerissa a todo custo. Arthur derrubou meu pai no chão e usou a própria adaga de Lady Nerissa para cortá-la do pescoço ao esterno. Com a mesma adaga, cortou a gargantilha de prata encantada do meu pai. E em conjunto, ambos finalmente ficaram livres, escaparam do País das Fadas e voltaram para o mundo. Ambos ainda com suas cicatrizes.

Depois que fizeram o seu relatório ao Inquisidor, deixaram Idris, e deixaram um ao outro. Estes irmãos, uma vez tão próximos quanto parabatai, não podiam ficar à vista um do outro. Um era o lembrete do que o outro tinha sofrido e perdido. Um não poderia perdoar o outro onde eles haviam falhado, e onde eles tinham conseguido.

Talvez eles tivessem se reconciliado, eventualmente.

Mas Arthur foi para Londres, enquanto o meu pai voltou para casa, para Los Angeles, onde rapidamente se apaixonou por uma das Caçadoras de Sombras em formação no Instituto de LA. Ela também o amava e o ajudou a esquecer aqueles anos de pesadelo. Eles casaram. Tiveram um filho. Ficaram felizes e então, um dia, sua campainha tocou. Minha mãe alimentava o Julian bebê e o colocava para dormir. Meu pai estaria enterrado em seus livros. Um deles teria atendido a porta e descoberto duas cestas em sua porta, cada uma contendo uma criança dormindo. Meu irmão Mark e eu.

Meu pai, em seu estado enfeitiçado, nunca percebeu que Lady Nerissa tinha dado à luz a duas crianças.

Meu pai e sua esposa, Eleanor, nos ergueram como se nós fôssemos repletos de sangue de Caçador de Sombras. Como se fôssemos filhos deles. Como se nós não fôssemos monstros meio-sangue deixados no meio deles por seu inimigo. Como se não fôssemos lembretes constantes de destruição e tortura, do longo pesadelo que meu pai trabalhou por tanto tempo para esquecer. Eles fizeram o seu melhor para nos amar. Talvez até tenham nos amado, tanto quanto qualquer um poderia. Mas tenho certeza de que Andrew e Eleanor Blackthorn foram os melhores Caçadores de Sombras. Então eles teriam sido inteligentes o suficiente para saber, no fundo, que nós nunca poderíamos realmente ser confiáveis.

Confie em uma fada por seu próprio risco, porque elas não se importam com nada além de si mesmos. Não semeiam nada além de destruição. E a sua arma preferida é o amor humano.

Esta é a lição que fui convidada a ensinar a vocês. E foi o que fiz.

* * *

— Que diabos foi isso? — Simon explodiu assim que eles foram expulsos da sala.

— Eu sei! — George se recostou na parede de pedra do corredor, em seguida, rapidamente reconsiderou enquanto algo verde e lento se contorcia atrás de seu ombro. — Quero dizer, eu sabia que as fadas eram pequenas bastardas, mas quem sabia que elas eram más?

— Eu sabia — disse Julie, seu rosto mais pálido do que o habitual.

Ela estava esperando por eles do lado de fora da sala de aula, ou melhor, à espera de Jon Cartwright, com quem ela agora parecia ser bastante próxima. Julie era ainda mais bonita do que Jon e quase tão esnobe quanto ele, mas ainda assim Simon imaginara que ela tivesse um gosto melhorzinho.

Jon colocou o braço ao redor dela, e ela enroscou-se em seu abdômen musculoso.

Eles fazem parecer tão fácil, Simon pensou. Mas então, essa era a coisa sobre Caçadores de Sombras, eles faziam tudo parecer tão fácil.

Isso foi um pouco nojento.

— Eu não consigo acreditar que eles torturaram aquele pobre rapaz durante sete anos — disse George.

— E o irmão dele?! — exclamou Beatriz Mendoza. — Isso é ainda pior.

George olhou para ela, incrédulo, e disse:

— Você acha que ser forçado a se apaixonar por uma princesa sexy das fadas é pior do que ser queimado vivo algumas centenas de vezes?

— Acho.

Simon engoliu em seco.

— Uh, na verdade eu queria dizer que diabos havia de errado com a Helen Blackthorn, vindo até aqui como uma espécie de aberração de circo, sendo obrigada a nos contar essa história horrível sobre sua própria mãe?

Assim que Helen terminou a sua história, o professor Mayhew praticamente a expulsara da sala. Parecia que ela ia decapitá-lo, mas em vez disso, ela baixou a cabeça e obedeceu. Ele nunca tinha visto um Caçador de Sombras se comportar daquela maneira, tão... domesticada. Parecia asquerosamente errado.

— Mãe é um detalhe técnico nesta situação, vocês não acham? — perguntou George.

— Você quer dizer que acha que aquilo foi divertido para ela? — perguntou Simon, incrédulo.

— Eu acho que um monte de coisas não são divertidas — disse Julie friamente. — Penso que assistir a sua irmã ser cortada ao meio não é tão divertido também. Então me desculpe se não me importo com essa fadinha ou seus... supostos sentimentos — a voz dela

tremeu na última palavra, e muito abruptamente ela tirou o braço de Jon de seus ombros e saiu correndo.

Jon olhou para Simon e disse:

— Ótimo, Lewis. Muito bem. — Ele correu atrás de Julie, deixando Simon, Beatriz, e George a ficar desajeitadamente em sua vigília silenciosa.

Depois de um momento de silêncio tenso, George coçou o queixo mal barbeado e disse:

— Mayhew foi muito duro lá atrás. Agindo como se ela fosse algum tipo de criminosa. Você podia ver que ele estava apenas esperando que ela o atacasse com um pedaço de giz ou algo assim.

— Ela é uma fada — Beatriz ressaltou. — Você não pode simplesmente baixar a guarda com eles.

— Meio fada... — corrigiu Simon.

— Mas você não acha que isso é suficiente? A Clave deve ter pensado assim — disse Beatriz. — Por que mais mandá-la para o exílio?

Simon bufou.

— Sim, porque a Clave está sempre certa.

— O irmão dela cavalga com a Caçada Selvagem — argumentou Beatriz. — Quantas fadas mais quer defender?

— Isso não é culpa dele — Simon protestou.

Clary tinha lhe contado toda a história da captura, a maneira como as fadas tinham sequestrado Mark Blackthorn durante o massacre no Instituto de Los Angeles. A forma como a Clave se recusou a se preocupar em tentar trazê-lo de volta.

— Ele está lá contra vontade.

Beatriz estava começando a olhar atravessado.

— Você não sabe disso. Ninguém pode saber disso.

— Da onde isso está vindo, mesmo? — perguntou Simon. — Você nunca comprou nada desse lixo contra seres do Submundo.

Simon não podia se lembrar dos dias de vampiros muito bem, mas continuava com esse negócio de não fazer amizade com alguém que apostava primeiro, perguntava depois.

— Eu não sou contra seres do Submundo — Beatriz insistiu, cheia de justiça própria. — Não tenho nenhum problema com lobisomens ou vampiros. Ou feiticeiros, obviamente. Mas as fadas são diferentes. Seja o que for que a Clave está fazendo com eles, ou para eles, é para o nosso benefício. É para nos proteger. Você não acha que é possível que a ela saiba um pouco mais sobre eles do que você?

Simon revirou os olhos.

— Falou como uma verdadeira Caçadora de Sombras.

Beatriz olhou para ele com um olhar estranho.

— Simon, você percebe que quase sempre diz “*Caçador de Sombras*” como se fosse um insulto?

Isso o fez paralisar. Beatriz raramente falava com alguém bruscamente assim, especialmente com ele.

— Eu...

— Se você acha que é tão terrível ser um Caçador de Sombras, não sei o que está fazendo aqui.

Ela saiu pelo corredor em direção ao seu quarto, que era como o resto dos quartos do segundo ano da elite, em uma das torres com uma vista agradável do sul e do prado.

George e Simon se viraram para o outro lado, em direção às masmorras.

— Não se fazem muitos amigos como antigamente — disse George alegremente, em voz baixa apoiando seu companheiro de quarto. Isso equivalia a um “*não se preocupe, isso vai passar*”.

Eles caminharam lado a lado pelo corredor. A limpeza de verão não fizera nada para resolver o teto gotejante ou as poças fedidas de lodo que marcavam o caminho para as masmorras, ou talvez a zeladoria da Academia simplesmente não fez a limpeza dos quartos da escória. De qualquer maneira, Simon e George podiam andar por esse corredor de olhos vendados, já estavam acostumados a evitar as poças e a passar por baixo dos tubos que gotejavam.

— Eu não queria incomodar ninguém — disse Simon. — Só não acho que isso seja certo.

— Confie em mim, companheiro, você demonstrou perfeitamente. E, obviamente, eu concordo com você.

— Concorda? — Simon sentiu uma onda de alívio.

— Claro que sim — disse George. — Você não pode cercar um rebanho inteiro só porque uma ovelha pastou no lugar errado, certo?

— É... certo.

— Eu só não entendo por que você está ficando tão agitado com isso — George não era do tipo que se preocupava com qualquer coisa, ou pelo menos, não era do tipo que admitiria isso. Ele alegou que a apatia era um mal de família.

— É a coisa de vampiro? Você sabe que ninguém pensa em você desse jeito.

— Não, não é isso.

Ele sabia que nos dias de hoje seus antigos amigos não tinham um pensamento ruim por ele ter sido vampiro, por isso considerava irrelevante. Às vezes, Simon não tinha tanta certeza. Ele esteve morto... como poderia ser irrelevante? Mas não tinha nada a ver com isso.

Aquilo simplesmente não estava certo, o modo que o professor Mayhew ordenou Helen como se ela fosse um cão treinado, ou como os outros falaram do Povo das Fadas, como se, porque alguns elfos traíram os Caçadores de Sombras, todos eles eram culpados, agora e para sempre.

Talvez fosse isso: a questão da culpa transmitida através das linhagens, os pecados dos pais sombreavam não apenas seus filhos, mas nos amigos, vizinhos e conhecidos que passaram a ter as orelhas de forma semelhante. Você não podia simplesmente indiciar um povo inteiro do Submundo só porque não gostava de como alguns deles se comportaram. Ele passou tempo suficiente na escola judia para saber como esse tipo de coisa acaba. Felizmente, antes que ele pudesse formular uma explicação para George que não envolvesse o nome de Hitler, percebeu que a professora Catarina se materializou diante deles.

Materializou-se, literalmente, em uma nuvem de fumaça teatral. Feiticeira privilegiada, Simon supôs, embora se mostrar não fosse o estilo de Catarina. Normalmente ela se misturava com o resto do corpo docente da Academia, tornando-se fácil esquecer que ela era uma bruxa (pelo menos se você ignorasse a pele azul). Mas ele tinha notado que sempre que outro ser do Submundo estava no campus, Catarina incorporava seu papel feiticeira de ser.

Não que Helen fosse um ser do Submundo, Simon lembrou a si mesmo.

Por outro lado, Simon não era do Submundo também – ou não o fosse há mais de um ano agora, apesar de Catarina ainda insistir em chamá-lo de Diurno. Segundo ela, uma vez ser do Submundo, sempre, em algum minúsculo subconsciente, incorporado numa parte da alma, ser do Submundo. Ela sempre parecia tão certa disso, como se soubesse algo que ele não. Depois de falar com ela, Simon muitas vezes encontrou-se passando a língua por seus caninos, só para ter certeza de que presas não haviam brotado.

— Eu poderia falar com você por um momento, Diurno? — ela perguntou. — Em particular?

George, que ficava um pouco nervoso perto Catarina desde que ela, muito brevemente, o transformou em uma ovelha, estivera claramente esperando por uma desculpa para fugir. Ele concordou.

Simon encontrou-se surpreendentemente feliz por estar a sós com Catarina; ela, pelo menos, certamente estaria do seu lado.

— Professora Loss, você não vai acreditar no que aconteceu na aula com o professor Mayhew...

— Como foi o seu verão, Diurno? — ela lhe deu um leve sorriso. —Agradável, confio? Não muito sol?

Em todo o tempo que ele tinha conhecido Loss Catarina, ela nunca se preocupou com conversa fiada. Parecia um momento estranho para começar.

— Você sabia que Helen Blackthorn estava aqui, certo? — Simon perguntou.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu sei da maior parte das coisas que se passa por aqui. Pensei que você imaginasse isso.

— Então suponho que você sabe como o professor Mayhew a tratou.

— Como algo menos que humano, eu imaginaria?

— Exatamente! — exclamou Simon. — Como algo grudado na sola de seu sapato.

— Na minha experiência, assim é como o professor Mayhew trata a maioria das pessoas.

Simon balançou a cabeça.

— Se você tivesse visto... foi pior. Talvez eu devesse dizer à reitora Penhallow? — A ideia surgiu-lhe apenas enquanto saía de sua boca, mas ele gostou de como ela soava.
— Ela pode, eu não sei... — não era como se ela pudesse lhe dar uma detenção.
— Fazer alguma coisa.

Catarina franziu os lábios.

— Você deveria fazer o que acha certo, Diurno. Mas posso lhe dizer que a reitora Penhallow tem pouca autoridade sobre o tratamento de Helen Blackthorn.

— Mas ela é a reitora. Ela deve... oh.

Lenta mas seguramente, as peças encaixaram-se em lugar. A reitora Penhallow era prima de Aline Penhallow. A namorada de Helen. A mãe de Aline, Jia, a Consulesa, era supostamente tendenciosa quanto ao assunto Helen, e tinha se recusado a determinar sua punição. Se até mesmo a Consulesa não podia interceder em nome de Helen, então, presumivelmente, a reitora tinha ainda menos esperança de fazê-lo. Parecia terrivelmente injusto para Simon, que as pessoas que mais se importavam com Helen fossem as menos envolvidas em decidir seu destino.

— Por que Helen veio para cá? — Simon perguntou. — Sei que a Ilha de Wrangel deve ser tediosa, mas poderia ser pior do que ficar desfilando por aqui, onde todos parecem odiá-la?

— Você pode perguntar por si mesmo — disse Catarina. — É por isso que eu queria falar com você. Helen me pediu para enviá-lo até ela após o término das aulas de hoje. Ela tem algo para você.

— Tem? O quê?

— Você terá que perguntar por si mesmo também. Você encontrará seus aposentos na borda do quadrante ocidental.

— Ela vai ficar no campus? — perguntou Simon, surpreso. Ele não conseguia entender por que Helen viria aqui, em primeiro lugar, mas foi ainda mais difícil imaginar porque ela queria ficar. — Ela deve ter amigos em Alicante com quem pode ficar.

— Tenho certeza de que ela tem, mesmo agora — Catarina disse, uma nota gentil e triste em sua voz, como se estivesse gentilmente negando algo a uma criança.
— Mas, Simon, você está presumindo que ela tinha uma escolha.

* * *

Simon hesitou na porta dos aposentos, prestes a bater. Era a sua coisa menos favorita, encontrar alguém que ele conhecia em sua vida anterior, agora que parou para pensar sobre isso. Havia sempre o medo de esperar algo que ele não podia dar, ou assumir que ele sabia algo que ele tinha esquecido. Havia, também, muitas vezes, um brilho de esperança nos olhos que era extinto tão logo ele abria a boca.

Pelo menos, ele disse a si mesmo, ele mal conhecia Helen. Ela não poderia esperar muito dele. A menos que houvesse algo que ele não sabia.

E devia haver algo que ele não sabia... Por que mais ela o teria chamado?

Há apenas uma maneira de descobrir, Simon pensou, e bateu à porta.

Helen usava um vestido leve estampado de bolinhas e parecia muito mais jovem do que parecera na sala de aula. Também muito mais feliz. Seu sorriso se alargou substancialmente quando viu quem estava à porta.

— Simon! Estou tão feliz. Venha, sente-se, gostaria de algo para comer ou beber? Talvez uma xícara de café?

Simon se acomodou no único sofá da pequena sala de estar. Era desconfortável e esfarrapado, bordado com um padrão de flor desbotado que sua avó poderia ser dona. Ele se perguntou quem geralmente vivia ali, ou se a Academia simplesmente mantinha os aposentos em ruínas para os visitantes da escola. Embora ele não pudesse imaginar que havia muitos membros do corpo docente visitantes que queriam viver em uma cabana na borda da floresta que parecia um lugar onde a bruxa de João e Maria poderia ter vivido antes que de descobrir a arquitetura baseada em doces.

— Não, obrigado, estou be... — Simon parou enquanto a última palavra dela era registrada. — Você disse café?

Metade de uma semana no novo ano escolar, e Simon já estava com uma grave abstinência de cafeína.

Antes que ele pudesse dizer “sim, por favor, uma xícara”, Helen já tinha colocado uma caneca fumegante em suas mãos.

— Eu pensei assim — ela disse.

Simon engoliu avidamente, a cafeína zumbido através de seu sistema. Ele não sabia como um ser humano – no caso dos Caçadores de Sombras, super-humanos – podiam viver sem uma dose diária.

— Onde você arrumou isso?

— Magnus me presenteou com uma cafeteira não-elétrica — disse Helen, sorrindo. — Mais ou menos um presente de despedida antes de sairmos para a Ilha de Wrangel. Agora eu não posso viver sem ela.

— Como é lá? — perguntou Simon. — Na Ilha?

Helen hesitou, e ele se perguntou se tinha cometido um erro. Era rude perguntar a alguém que estava em exílio como eles estavam desfrutando do deserto siberiano?

— Frio — respondeu ela finalmente. — Solitário.

— Oh — o que ele poderia dizer sobre isso? — Sinto muito.

Não parecia o bastante para se desculpar, e ela não pareceu querer a sua piedade.

— Mas estamos juntas, pelo menos. Aline e eu. Isso é alguma coisa. Isso é tudo, suponho. Ainda não posso acreditar que ela concordou em se casar comigo.

— Você vai se casar? — exclamou Simon. — Isso é incrível!

— É, não é? — Helen sorriu. — É difícil acreditar na quantidade de luz que você pode encontrar na escuridão, quando tem alguém que te ama.

— Ela veio com você? — perguntou Simon, olhando ao redor da pequena cabana.

Havia apenas outro cômodo, o quarto, ele assumiu, sua porta fechada. Ele não conseguia se lembrar de Aline na reunião, mas de tudo o que Clary tinha lhe dito, ele estava curioso.

— Não — Helen disse rispidamente. — Isso não foi parte do acordo.

— Que acordo?

Em vez de responder, ela abruptamente mudou de assunto.

— Então, você gostou da minha palestra, esta manhã?

Agora foi Simon quem hesitou, sem saber como responder. Ele não queria sugerir que achara sua palestra maçante, mas parecia igualmente errado sugerir que ele desfrutara da sua terrível história ou de ser o professor Mayhew humilhá-la.

— Fiquei surpreso que você quisesse dar a palestra — falou finalmente. — Não pode ser fácil, contar essa história.

Helen deu um sorriso irônico.

— “Querer” é um palavra forte — ela se levantou para servir-lhe outra xícara de café, em seguida, começou a movimentar uma pilha de pratos na pequena cozinha. Simon tinha a sensação de que ela estava apenas tentando manter as mãos ocupadas. E talvez evitar encontrar o seu olhar.

— Eu fiz um acordo com eles. A Clave. — Ela passou as mãos nervosamente através dos cabelos loiros, e Simon teve um breve vislumbre de suas orelhas pontudas. — Eles disseram que se eu viesse para a Academia por alguns dias e os deixassem desfilarem em torno de mim como se eu fosse uma espécie de fada de zoológico, Aline e eu poderíamos voltar.

— Para sempre?

Ela riu amargamente.

— Por um dia e uma noite, para nos casar.

Simon pensou, de repente, no que Beatriz tinha-lhe dito mais cedo naquele dia. Por que ele queria se tornar um Caçador de Sombras. Às vezes, ele não conseguia se lembrar.

— Eles não queriam nem mesmo nos deixar voltar apesar de tudo — Helen falou amargamente. — Queriam que nosso casamento fosse na Ilha Wrangel. Se é que se pode chamar de um casamento, num inferno congelado sem ninguém que você ama lá com você. Acho que eu deveria me sentir com sorte por poder sair de lá.

Ela parecia se sentir com menos sorte do que nojo, ou talvez fúria, Simon pensou, mas seria útil dizer isso em voz alta.

— Estou surpreso que eles se importam tanto sobre uma palestra — ele disse ao invés. — Quero dizer, não que não tenha sido educacional, mas o professor Mayhew poderia ter nos contado a história.

Helen se afastou da cozinha e encontrou o olhar de Simon.

— Eles não se importam com a palestra. Isto não é sobre a educação de vocês. Trata-se de me humilhar. Isso é tudo.

Ela balançou um pouco a cabeça, depois sorriu alegremente, com os olhos brilhando.

— Esqueça tudo isso. Você veio aqui para obter algo de mim, aqui está.

Helen tirou um envelope do bolso e lhe entregou.

Curioso, ele o abriu e tirou um pequeno e espesso papel de carta cor de marfim, escrito com uma letra familiar.

Simon parou de respirar.

Caro Simon, Izzy escreveu. Sei que tenho desenvolvido o hábito de emboscar você na Academia.

Isso era verdade. Isabelle tinha aparecido mais de uma vez quando ele menos esperava. Toda vez que ela apareceu no campus, eles brigaram; e cada vez ele ficava triste por vê-la ir.

Prometi a mim mesma que não farei mais isso. Mas há algo que eu gostaria de falar com você. Portanto, esta sou eu dando-lhe um aviso. Se estiver tudo bem eu fazer uma visita, basta você dizer a Helen, e ela vai passar o recado para mim. Se não estiver bem, pode dizer a ela também.

Tanto faz.

– Isabelle

Simon leu o curto bilhete várias vezes, tentando intuir o tom por trás das palavras. Carinhoso? Ansioso? Eficiente?

Até esta semana não houvera sequer um e-mail ou um telefonema à distância, por que esperar que ele estivesse de volta à Academia? Por quê estender a mão em tudo?

Talvez porque seria mais fácil rejeitá-lo para sempre quando ele estava em segurança em outro continente?

Mas, nesse caso, pegar um Portal todo o caminho até Idris para fazê-lo cara a cara?

— Talvez você precise de algum tempo para pensar sobre isso? — Helen sugeriu finalmente.

Ele tinha esquecido que ela estava lá.

— Não! — Simon exclamou. — Quero dizer, não, eu não preciso de tempo para pensar, mas sim, sim, ela pode fazer a visita. É claro. Por favor, diga a ela.

Pare de tagarelar, ordenou a si mesmo. Era ruim o suficiente que ele se transformasse em um tolo cada vez que Isabelle estava no quarto com ele estes dias – agora começaria ficar assim à menção de seu nome?

Helen riu.

— Veja, eu te falei — ela disse em voz alta.

— Er, você me falou o quê? — perguntou Simon.

— Você me ouviu, saia! — Helen chamou ainda mais alto, e a porta do quarto se abriu.

Isabelle Lightwood não parecia envergonhada. Mas seu rosto estava fazendo o seu melhor.

— Surpresa?

Quando Simon tinha recuperado seu poder de discurso, havia apenas uma palavra disponível em seu cérebro.

— Isabelle.

O que quer que estalava e chiava entre eles era aparentemente tão palpável que Helen podia sentir isso também, porque ela rapidamente deslizou por trás de Isabelle para o quarto e fechou a porta.

Deixando os dois sozinhos.

— Oi, Simon.

— Oi, Izzy.

— Você, hã, provavelmente está se perguntando o que estou fazendo aqui — não era como se ela soasse tão incerta.

Simon assentiu.

— Você nunca me ligou — ela falou. — Eu te salvei de ser decapitado por um demônio Eidolon, e você nem sequer *ligou*.

— Você nunca me ligou, também — Simon apontou. — E... hã... também, eu meio que senti que eu deveria ter sido capaz de me salvar.

Isabelle suspirou.

— Achei que você talvez estivesse pensando isso.

— Porque eu *deveria* ter sido capaz, Izzy.

— Porque você é um *idiota*, Simon — os olhos dela brilharam. — Mas este é o seu dia de sorte, porque decidi que não vou desistir ainda. Isso é importante demais para desistir só por causa de um encontro ruim.

— Três encontros ruins — ressaltou. — *Encontros muito ruins.*

— O pior — ela concordou.

— O pior? Jace me disse uma vez que você saiu com um tritão que fez você jantar no rio — disse Simon. — Certamente os nossos encontros não foram tão ruins ass...

— O pior — ela confirmou, e caiu na risada.

Simon pensou que seu coração fosse estourar ao som – havia algo tão despreocupado, tão alegre na música de sua risada, era quase como uma promessa. Que, se pudessem navegar um caminho através de todo o constrangimento e dor e o fardo das expectativas, se eles pudessem encontrar seu caminho de volta um para o outro, algo puro e alegre os aguardava.

— Eu não quero desistir também — Simon falou, e o sorriso com que ela o recompensou foi ainda melhor do que o riso.

Isabelle sentou ao lado dele no pequeno sofá. Simon estava de repente extremamente consciente dos centímetros separando suas coxas. Ele deveria fazer um movimento agora?

— Eu decidi que Nova York estava muito cheio — ela disse.

— De demônios?

— De memórias — Isabelle esclareceu.

— Muitas lembranças não é exatamente o meu problema.

Isabelle lhe deu uma cotovelada. Que soltou faíscas.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Ele deu uma cotovelada em suas costas.

Tocá-la assim, tão casualmente, como se não fosse grande coisa... Tê-la de volta, tão perto, tão disposta...

Ela o queria.

Ele a queria.

Deveria ter sido tão fácil.

Simon limpou a garganta e, sem saber porquê, pôs-se de pé. Então, como a distância ainda não era suficiente, recuou com segurança para o outro lado da sala.

— Então o que nós fazemos agora? — ele perguntou.

Ela pareceu perdida, mas apenas por um momento.

Em seguida, ela ergueu a cabeça.

— Vamos a outro encontro — disse ela. Não era um pedido; era uma afirmação. — Em Alicante. Território neutro.

— Quando?

— Eu estava pensando... agora.

Não era o que ele esperava, mas então, por que não? As aulas foram de manhã, e os alunos do segundo ano tinham autorização para sair do campus. Não havia nenhuma razão para não sair com Isabelle imediatamente. Só que ele tivera tempo para se preparar, para chegar a um plano de ação, sem tempo para ficar obcecado com o cabelo e a aparência – casualmente amassada dele – sem tempo para pensar em uma lista mental de tópicos de discussão para conversar... mas, em seguida, nenhuma dessas coisas tinha salvado seus três encontros anteriores do desastre. Talvez fosse hora de experimentar a espontaneidade.

Especialmente desde que não parecia que Isabelle estava lhe dando muita escolha.

— Agora está ótimo — Simon concordou. — Devemos convidar Helen?

— Para o nosso *encontro*?

Idiota. Ele deu a si mesmo um tapa mental na cabeça.

— Helen, você quer ir ao nosso encontro romântico? — Isabelle chamou.

Helen saiu do quarto.

— Não há nada que eu gostaria mais do que segurar vela — ela respondeu. — Mas na verdade não tenho permissão para sair.

— Desculpe-me? — os dedos de Isabelle tocaram o chicote de electrum que envolvia seu pulso esquerdo. Simon não podia culpá-la por querer golpear algo. Ou alguém. — Por favor diga que você está brincando.

— Catarina colocou um círculo de proteção em torno da cabana — disse Helen. — Ela não vai me impedir de ir e vir, mas me disseram que será bastante eficaz se eu tentar sair antes de ser convocada.

— Catarina não faria isso! — Simon protestou, mas Helen estendeu a mão para acalmá-lo.

— Eles não lhe deram muita escolha — Helen falou — e pedi-lhe que concordasse. Foi parte do acordo.

— Isso é *inaceitável* — disse Isabelle com fúria mal disfarçada. — Esqueça o encontro, nós vamos ficar aqui com você.

Ela estava iluminada com um brilho de fúria que a deixava mais linda, e Simon queria, de repente, desesperadamente, puxá-la para seus braços e beijá-la até o fim do mundo.

— Você certamente *não* vai esquecer o encontro — disse Helen. — Não vai ficar aqui um único segundo a mais. Sem discussão.

Houve, de fato, mais discussão, mas Helen finalmente convenceu-os de que ficar presa lá com eles, sabendo que ela tinha arruinado seu dia, seria ainda pior do que ficar presa sozinha.

— Agora, por favor, e digo isto com amor, deem o fora.

Ela deu um abraço em Izzy, e em seguida abraçou Simon, por sua vez.

— Não estrague tudo — ela sussurrou em seu ouvido, em seguida, empurrou os dois para fora da porta e fechou-a atrás deles.

Havia dois cavalos brancos relinchando na trilha da frente, como se estivessem esperando por Isabelle. Simon supôs que estavam, os animais de Idris comportavam-se de forma diferente dos que haviam em casa, quase como se pudessem entender o que seus seres humanos queriam, e se você pedisse bem o suficiente, estavam dispostos a obedecer.

— Então, onde exatamente estamos indo neste encontro? — perguntou Simon.

Não havia lhe ocorrido que teria que montar até Alicante, mas é claro, ali era Idris. Sem carros. Sem trens. Nada além de transporte medieval ou mágico, e ele supôs que um cavalo era melhor do que uma motocicleta vampira. Bem melhor.

Isabelle sorriu e balançou-se para cima da sela tão facilmente como se fosse subir numa bicicleta. Simon, por outro lado, ergueu-se desajeitadamente em seu cavalo com grunhidos e suando o suficiente que temeu que ela desse uma olhada e desistisse da coisa toda.

— Nós vamos fazer compras — Isabelle o informou. — É hora de você arranjar uma espada.

* * *

— Na verdade, não tem que ser uma espada — Isabelle disse quando entraram na Diana's Arrow.

A viagem para Alicante tinha sido como algo saído de um sonho, ou, pelo menos, de um romance cafona. Os dois montando garanhões brancos, galopando pelo campo através de prados cor de esmeralda e de uma floresta cor de chamas.

O cabelo de Isabelle voava atrás dela como um rio de tinta, e Simon conseguiu não cair de seu cavalo – nunca uma precipitada conclusão. O melhor de tudo, entre a corrida ao vento e o trovejar de cascos, eram sons demasiado altos para uma conversa. Em movimento as coisas eram fáceis entre eles – natural. Simon quase podia esquecer que este era um dos os momentos mais importantes de sua vida e qualquer coisa que ele dissesse ou fizesse podia estragar tudo para sempre. Agora, de volta ao nível do solo, o peso se acomodou em seus ombros. Era difícil pensar em algo inteligente para dizer com o seu cérebro ecoando as mesmas quatro palavras de novo e de novo.

Não. Perca. A. Cabeça.

— Eles têm de tudo aqui — continuou Izzy, presumivelmente tentando preencher o silêncio maçante. Os nervos de Simon ficaram no caminho.

— Punhais, machados, estrelas de atirar.. Oh, e arcos de prática. Todos os tipos de arcos. É incrível.

— Sim — Simon disse fracamente. — Fantástico.

Ele tinha, em seu ano na Academia, aprendido a lutar quase tão bem quanto qualquer Caçador de Sombras iniciante, e tinha proficiência com todas as armas que ela nomeara. Mas ele descobrira que saber como usar uma arma era muito diferente de *querer*.

Em sua vida pré-Caçador de Sombras, Simon discutira muito apaixonadamente sobre o assunto do controle de armas, e teria gostado que todas as armas da cidade fossem despejadas no East River. Não que uma pistola fosse o mesmo que uma espada, e não que ele não adorasse a sensação de atirar uma flecha com seu arco e assisti-la voar velozmente e acertar o coração de seu alvo. Mas a maneira Isabelle como amava o chicote, como Clary falava sobre sua espada, como se fosse um membro da família... ainda levaria algum tempo para se acostumar à paixão dos Caçadores de Sombras por armas mortais.

A Diana's Arrow, uma loja de armas na Flintlock Street, no centro de Alicante, estava cheia objetos mais mortais do que Simon jamais vira em um só lugar – o que incluía a sala de armas da Academia, que poderia dar suporte a um exército. Mas enquanto o arsenal da Academia era mais como um armário de armazenamento, espadas, punhais e flechas empilhadas em pilhas aleatórias e lotando prateleiras perigosamente frágeis, a Diana's Arrow lembrava Simon de uma loja de joias de fantasia. As armas estavam em orgulhosa exibição, lâminas brilhantes sobre coberturas de veludo, o melhor para mostrar o seu brilho metálico.

— Então, que tipo de arma você está procurando? — o cara atrás do balcão tinha um moicano espetado e vestia uma camiseta desbotada do Arcade Fire, parecia mais adequado a um contador de histórias em quadrinhos do que esta loja. Simon assumiu que esse provavelmente não era Diana.

— Que tal um arco? — sugeriu Izzy. — Algo realmente espetacular. Digno de um campeão.

— Talvez não tão espetacular — disse Simon rapidamente. — Talvez algo um pouco mais... discreto.

— Muitas vezes as pessoas subestimam a importância de um bom estilo de batalha — disse Isabelle. — Você quer intimidar o inimigo antes de até mesmo fazer um movimento.

— Você não acha que meu guarda-roupa intimida o suficiente? — Simon gesticulou para sua própria camiseta, que contava com um desenho que um gato vomitando verde.

Isabelle respondeu-lhe com o que soou como uma risada digna de pena, em seguida, virou-se para não-Diana.

— O que você tem de punhais? — ela perguntou. — Qualquer coisa banhada a ouro?

— Eu não sou realmente o tipo de cara que usa coisas banhadas a ouro — Simon disse. — Ou, hã, um cara que usa punhais.

— Nós temos algumas espadas agradáveis — disse o rapaz atrás do balcão.

— Você parece quente com uma espada — Isabelle apontou. — Como eu lembro.

— Talvez? — Simon tentou soar encorajador, mas ela deve ter ouvido o ceticismo em sua voz.

Ela se virou para ele.

— É como se você não *quisesse* uma arma.

— Bem...

— Então o que estamos fazendo aqui? — Isabelle bateu.

— Porque você sugeriu?

Isabelle parecia querer bater o pé – ou na cara dele.

— Desculpe por tentar ajudá-lo a se comportar como um respeitável Caçador de Sombras. Esqueça. Nós podemos ir.

— Não! — ele falou rapidamente. — Isso não foi o que eu quis dizer.

Com Isabelle, nunca era o que ele queria dizer.

Simon sempre se considerou um homem de palavras, em oposição a um homem de ação. Ou de espadas, para essa matéria. Sua mãe gostava de dizer que ele podia convencê-la a quase tudo. Tudo o que ele conseguia com Isabelle, parecia, era convencê-la de deixar de ser sua namorada.

— Eu vou, ah, apenas deixar vocês dois darem uma olhada ao redor — disse o lojista, indo rapidamente para o fundo do balcão. Ele desapareceu lá atrás.

— Desculpe — disse Simon. — Vamos ficar, por favor. É claro que eu quero sua ajuda para escolher algo.

Ela suspirou.

— Não eu é que peço desculpas. Escolher a sua primeira arma é algo muito pessoal. Eu entendo. Tome seu tempo, olhe ao redor. Eu vou calar a boca.

— Eu não quero que você cale a boca — disse ele.

Mas ela balançou a cabeça e pressionou os lábios fechados. Em seguida, ergueu três dedos no ar – juramento de escoteiro. Algo que não parecia ser uma coisa de Caçador de Sombras, e Simon se perguntou quem a tinha ensinado a fazer isso.

Ele se perguntou se tinha sido ele.

Às vezes, ele odiava o Simon de antes - e todas as coisas que ele compartilhou com Isabelle, coisas que hoje nunca poderia entender. Era estranho e induzia a uma dor de cabeça, competir com você mesmo.

Eles navegavam pela loja, vendo as opções: alabardas, athames, lâminas serafim, elaboradas bestas curvas, *chakhrams*, facas, uma vitrine cheia de chicotes ouro, sobre a qual Isabelle quase começou a babar.

O silêncio era opressivo. Simon nunca teve um bom encontro, pelo menos não que ele conseguisse se lembrar, mas ele tinha certeza de que isso envolvia pessoas falando.

— Pobre Helen — disse ele, testando o peso e balanço de uma espada de aparência medieval. Pelo menos este era um assunto que ele tinha certeza de que concordariam.

— Eu odeio o que estão fazendo com ela — Isabelle disse. Ela estava acariciando um *kindjal* mortal de prata como se ele fosse um filhotinho. — Como foi a aula? Foi tão ruim quanto imagino?

— Pior — Simon admitiu. — O olhar no o rosto dela quando contava a história dos pais...

O aperto de Isabelle aumentou em torno do *kindjal*.

— Por que não veem quão hediondo é tratá-la desse jeito? Ela não é uma fada.

— Bem, esse não é realmente o ponto, não é?

Isabelle colocou a *kindjal* com cuidado em sua caixa de veludo.

— O que você quer dizer?

— Se ela é ou não uma fada. O ponto é outro.

Ela fixou Simon com um olhar ardente.

— Helen Blackthorn é uma *Caçadora de Sombras* — ela rosnou. — Mark Blackthorn é um *Caçador de Sombras*. Se nós não podemos concordar com isso, então temos um problema.

— É claro que concordamos com isso — isso o fez amá-la ainda mais, ver a raiva que ela tinha em nome de seus amigos. Por que ele não podia apenas dizer isso a ela? Por que era tudo tão difícil?

— Eles são tão Caçadores de Sombras quanto você. Eu só quero dizer que, mesmo se eles não fossem, se estivéssemos falando sobre alguma fada de verdade, ainda não seria certo tratá-la como inimigo, por causa do que ela era, certo?

— Bem...

Simon ficou surpreso.

— O que você quer dizer com “bem...”?

— Quero dizer que talvez qualquer fada seja potencialmente um inimigo, Simon. Olhe o que eles fizeram para nós. Veja quanta miséria causaram.

— Nem todos causaram essa miséria, mas estão todos pagando por isso.

Isabelle suspirou.

— Olha, eu não gosto da Paz Fria mais do que você. E você está certo, nem todas as fadas são o inimigo. Obviamente. Nem todos eles nos traíram, e não é justo que todos eles devam ser punidos por isso. Você acha que eu não sei disso?

— Bom — disse Simon.

— Mas...

— Eu realmente não vejo como pode haver um “mas” — Simon a cortou.

— *Mas* não é tão simples como você está tentando fazer parecer. A rainha Seelie nos traiu. Uma legião de guerreiros das fadas se *aliou* a Sebastian na Guerra Maligna. Um monte de bons Caçadores de Sombras morreu. Você tem que ver por que isso deixa as pessoas com raiva. E com medo.

Pare de falar, Simon disse a si mesmo. Sua mãe uma vez lhe disse que você nunca deve discutir religião ou política em um encontro. Ele nunca tinha certeza em qual dessas categorias as políticas da Clave caía, mas de qualquer forma, era como tentar defender J. J. Abrams para um Trekkie hardcore: sem esperança.

Mas, inexplicavelmente, e apesar do sincero desejo de seu cérebro, a boca de Simon manteve-se em movimento.

— Não me importo com quanta raiva ou medo se esteja, não é certo punir todo o Povo das Fadas pelos erros de alguns elfos. Ou discriminar certas pessoas...

— Eu não estou dizendo que é certo discriminar...

— Na verdade, isso é exatamente o que você está dizendo.

— Oh, grande, Simon. Assim, a Rainha Seelie e seus asseclas ficaram malucos e permitiram a morte de centenas de Caçadores de Sombras, para não mencionar os que eles abateram por si próprios e *eu* sou a pessoa horrível aqui?

— Eu não disse que você era uma pessoa horrível.

— Você está pensando — ela falou.

— Quer parar de me dizer o que eu penso? — ele gritou, mais duramente do que pretendia.

Sua boca se fechou.

Ela respirou fundo.

Ele contou até dez.

Cada um esperou outro se acalmar.

Quando Isabelle falou de novo, ela soou mais calma, mas também, de alguma forma, mais irritada.

— Eu disse a você, Simon. Não gosto da Paz Fria. Eu a odeio, para a sua informação. Não apenas pelo o que está fazendo para Hellen e Aline. Porque está errado. Mas... não é como se eu tivesse uma ideia melhor. Isto não é sobre quem você ou eu queremos confiar; trata-se de quem a Clave pode confiar. Você não pode assinar Acordos com líderes que se recusam a ficar vinculado por suas promessas. Simplesmente não dá. Se a Clave quiser vingança... — Isabelle olhou em torno da loja, o olhar descansando em cada mostrador de armas — confie em mim, ela poderia seguir assim. A Paz Fria não é apenas sobre o Povo das Fadas. É sobre nós. Posso não gostar dela, mas eu a entendo. Melhor do que você, pelo menos. E se você estivesse lá, se soubesse...

— Eu estava lá — Simon falou calmamente. — Lembre-se?

— Claro que sim. Mas você não. Portanto, não é o mesmo. Você não é...

— O mesmo — ele terminou por ela.

— Não foi isso que eu quis dizer, eu só...

— Confie em mim, Izzy. Entendi. Eu não sou ele. Nunca serei ele.

Isabelle fez um barulho meio caminho entre um assobio e um uivo.

— Você vai realmente continuar com esse complexo de inferioridade entre antigo Simon e novo Simon? Está ficando velho. Por que você não é um pouco criativo e encontra uma nova desculpa?

— Nova desculpa para quê? — ele perguntou, genuinamente confuso.

— Para não ficar comigo! — ela gritou. — Porque você está, obviamente, à procura de um. Tente mais.

Ela pisou forte para fora da loja, batendo a porta atrás dela. O sino tiniu e não-Diana surgiu dos fundos.

— Oh, ainda é apenas você — ele disse, soando nitidamente desapontado. — Você se decidiu?

Simon podia desistir agora; poderia parar de tentar, parar de lutar, apenas deixá-la ir. Essa seria a mais fácil das decisões. Tudo o que ele tinha que fazer era deixar que acontecesse.

— Eu decidi há muito tempo — disse Simon, e correu para fora da loja.

Ele precisava encontrar Isabelle.

Não foi um grande desafio. Ela estava sentada em um pequeno banco do outro lado da rua, a cabeça nas mãos.

Simon sentou-se ao lado dela.

— Me desculpe — falou calmamente.

Ela balançou a cabeça sem levantá-la das mãos.

— Não posso acreditar que fui estúpida o suficiente para pensar que isso funcionaria.

— Ainda podemos tentar — disse ele, com uma embaraçosa nota de desespero. — Eu ainda quero isso, se você...

— Não, não você e eu, idiota — ela finalmente olhou para ele. Felizmente, seus olhos estavam secos. Na verdade, ela não parecia triste em tudo, parecia furioso. — Essa estúpida ideia de comprar armas. É a última vez que aceito conselhos sobre encontros de Jace.

— Você deixou Jace planejar nosso encontro? — Simon perguntou, incrédulo.

— Bem, não é como se qualquer um de nós estivesse fazendo um bom trabalho. Ele trouxe Clary aqui para comprar uma espada, e essa coisa foi repugnantemente sexy, e pensei, talvez...

Simon riu em alívio.

— Eu odeio destruir sua fantasia, mas você não está namorando Jace.

— Hum, sim. Nojento.

— Não, quero dizer, você não está namorando um cara que é qualquer coisa como Jace.

— Eu não estava ciente de que estava namorando alguém — ela falou, sua voz fria. Seu coração ficou preso na garganta como se ele estivesse preso em arame farpado. Mas então, ainda que levemente, a frieza diminuiu. — Estou brincando. Na maior parte.

— Que alívio. Na maior parte.

Isabelle suspirou.

— Desculpe por todo esse desastre.

— Não é tudo culpa sua.

— Bem, obviamente não é tudo culpa minha — ela respondeu. — Nem mesmo a maior parte da culpa é minha.

— Uh... pensei que estivéssemos na parte das desculpas do dia.

— Certo. Sinto muito.

Ele sorriu.

— Veja, agora nós estamos falando.

— E agora? Voltamos para a Academia?

— Você está brincando? — Simon se levantou e estendeu a mão para ela. Milagre dos milagres, ela aceitou.

— Nós não vamos desistir até conseguirmos fazer direito. Mas chega de fingir ser Jace e Clary. Esse é o nosso problema, não é? Tentar ser pessoas que não somos? Posso não ser algum tipo de dançarino de hip-hop de boate fresco e moderno...

— Não acho que exista um “dançarino de hip-hop de boate fresco e moderno” — Isabelle apontou ironicamente.

— Isso prova o meu argumento. E você nunca será uma jogadora que quer ficar acordada durante a noite debatendo a trama de Naruto nem batalhando contra orcs de D&D.

— Agora você está fazendo sentido.

— E nenhum de nós jamais será Jace e Clary...

— Graças a Deus — eles disseram, em sincronia, então trocaram um sorriso.

— Então o que você sugere? — perguntou Izzy.

— Algo novo — disse Simon, a mente correndo para chegar a uma ideia concreto e útil. Ele sabia que estava chegando em algo, só não tinha certeza do quê. — Não o seu mundo, não o meu mundo. Um novo, para apenas nós dois.

— Por favor, me diga que você não quer que a gente atravesse um Portal para outra dimensão. Porque que não funcionou muito bem da última vez.

Simon sorriu, uma ideia florescendo.

— Talvez possamos encontrar um lugar um pouco mais perto de casa...

* * *

À medida que o sol mergulhava abaixo do horizonte, as nuvens ganharam coloração de algodão-doce rosa. Seu reflexo brilhava nas águas cristalinas do Lago Lyn. Os cavalos relinchavam, as aves piavam, e Simon e Isabelle mastigavam seu amendoim quebradiço e a pipoca. Este, Simon pensou, era o som da felicidade.

— Você ainda não me falou como encontrou este lugar — disse Isabelle. — É perfeito.

Simon não queria admitir que foi Jon Cartwright quem havia lhe contado sobre a entrada isolada à beira do Lago Lyn, os salgueiros erguendo-se e o arco-íris de flores silvestres tornando-o o local perfeito para um piquenique romântico (mesmo quando o piquenique consistisse de amendoim quebradiço, pipoca e um punhado itens aleatórios que causavam a deterioração dos dentes e o entupimento de artérias que eles pegaram no caminho para fora de Alicante.) Simon, que há muito se cansara de ouvir sobre as façanhas românticas de Jon, fizera o seu melhor ignorar o que ele falava. Mas, aparentemente, alguns detalhes se prenderam em seu subconsciente. O suficiente, pelo menos, para encontrar o lugar.

Jon Cartwright era um falastrão e um bufão – Simon manteria isso em mente no dia da sua morte. Mas descobriu que o cara tinha bom gosto em cenários de encontros românticos.

— Apenas tropecei nele — Simon murmurou. — Boa sorte, acho eu.

Isabelle fitou a água impossivelmente tranquila.

— Este lugar me lembra da fazenda de Luke — ela disse suavemente.

— A mim também — ele concordou. Em outra vida, a que ele mal se lembrava, ele e Clary passaram muitos dias longos e felizes de verão na casa de Luke ao norte do estado, nadando no lago, rolando na grama e observando as nuvens.

Isabelle se virou para ele. A jaqueta de Simon estava aberta entre eles como uma toalha improvisada de piquenique. Era uma jaqueta pequena – não havia muita distância para ele atravessar caso quisesse alcançá-la.

Ele nunca quis nada mais.

— Eu penso muito sobre isso — disse Izzy. — A fazenda, o lago.

— Por quê?

Sua voz se suavizou.

— Porque foi onde eu te quase perdi, onde tive certeza de que eu o perderia. Mas eu o tenho de volta.

Simon não sabia o que dizer.

— Não importa mesmo — disse ela, mais dura agora. — Não é como se você soubesse do que estou falando.

— Eu sei o que aconteceu lá. — Ou seja, Simon tinha invocado o anjo Raziel e o Anjo realmente aparecera. Ele desejou que pudesse se lembrar disso; gostaria de saber como se sentiu, conversando com um anjo.

— Clary te contou — ela falou, sem rodeios.

— Sim.

Isabelle era um pouco sensível quando o assunto era Clary. Ela definitivamente não precisava ouvir sobre o tempo que passara com Clary neste verão, as longas horas gastas deitados no Central Park, lado a lado, trocando histórias de seu passado – Simon dizendo a ela do que lembrou; Clary contando-lhe o que realmente aconteceu.

— Mas ela não estava lá — disse Isabelle.

— Ela sabe as coisas importantes.

Isabelle balançou a cabeça. Ela se aproximou do outro lado da toalha de piquenique e descansou a mão no joelho de Simon. Ele trabalhou muito duro para ouvi-la por sobre o zumbido repentino em seus ouvidos.

— Se ela não estava lá, não pode saber quão valente você foi — Isabelle devolveu. — Ela não pode saber como fiquei com medo por você. Essas são as coisas importantes.

Houve um silêncio entre eles, então. Mas, finalmente, não era do tipo estranho. Era do tipo bom, onde Simon podia ouvir o que Isabelle estava falando sem ela precisar dizê-lo, onde ele podia respondê-la afavelmente.

— Como é? — ela perguntou a ele. — Não se lembrar. Ser uma lousa em branco?

A mão dela ainda estava quente em seu joelho. Ela nunca perguntou-lhe antes.

— Não é como uma lousa em branco — explicou ele, ou tentou. — É mais como... visão dupla. Fico lembrando de duas coisas diferentes ao mesmo tempo. Às vezes uma parece mais verdadeira, às vezes a outra. Às vezes tudo é borrado. Isso é quando costumo tomar algum Advil e tirar uma soneca.

— Mas você está começando a se lembrar de coisas.

— Algumas coisas — ele concordou. — Jordan. Eu lembro muito sobre Jordan. Preocupar-me com ele. Per... — Simon engoliu em seco. — Perdê-lo. Lembro-me da minha mãe surtando sobre eu ser um vampiro. E algumas coisas antes de a mãe de Clary ser sequestrada. De nós dois sermos amigos, antes de tudo isso começar. Coisas comuns do Brooklyn — ele parou de falar quando percebeu que o rosto dela estava perturbado.

— Claro que você se lembra de Clary.

— Não é assim.

— Assim como?

Simon não pensou. Apenas fez. Ele pegou a mão dela.

Ela deixou.

Ele não tinha certeza de como explicar, ainda estava tudo misturado em sua cabeça, mas ele tinha que experimentar.

— Não é como se as coisas que eu lembro fossem mais importantes do que as que não me lembro. Às vezes parece que é aleatório. Mas às vezes... eu não sei, às vezes parece que o mais importante será o mais difícil de voltar. Vejo todas essas lembranças enterradas como um fóssil de dinossauro, e estou tentando desenterrá-lo. Alguns estão apenas deitados abaixo da superfície, mas os ossos mais importantes estão quilômetros mais ao fundo.

— E você está dizendo que é onde eu estou? Quilômetros abaixo da superfície?

Ele apertou sua mão com força.

— Você está basicamente lá embaixo, no centro fundido da terra.

— *Você é tão estranho.*

— Eu tento o meu melhor.

Ela entrelaçou os dedos nos dele.

— Eu sou ciumenta, você sabe. Às vezes. Isso você pode esquecer.

— Está brincando? — Simon não podia nem mesmo começar a entender isso. — Tudo o que você tem, todas as pessoas em sua vida, ninguém gostaria de ter isso tirado.

Isabelle olhou para o lago, piscando vigorosamente.

— Às vezes as pessoas são afastadas, você querendo ou não. E às vezes isso dói tanto, pode ser mais fácil de esquecer.

Ela não precisava dizer o nome dele. Simon falou por ela.

— Max.

— Você se lembra dele?

Simon nunca percebera que um tom triste podia soar como esperança.

Ele balançou a cabeça.

— Eu queria poder, no entanto.

— Clary te contou sobre ele — ela falou. Não era uma pergunta. — E o que aconteceu.

Ele balançou a cabeça, mas o olhar dela ainda estava fixo na água.

— Ele morreu em Idris, você sabe. Gosto de estar aqui algumas vezes. Eu me sinto mais perto dele aqui. Outras vezes eu queria que esse lugar sumisse. Que ninguém jamais pudesse vir aqui outra vez.

— Sinto muito — disse Simon, pensando que essas eram as palavras mais esfarrapadas e inúteis da língua. — Eu gostaria de poder dizer algo que pudesse ajudar.

Ela o encarou enquanto sussurrava:

— Você disse.

— O quê?

— Depois de Max. Você... disse alguma coisa. Você ajudou.

— Izzy...

— Sim?

Era isso, este era O Momento – o momento enquanto as palavras davam lugar aos olhares, que inevitavelmente dariam lugar a um beijo. Tudo o que ele tinha que fazer era se inclinar um pouco para a frente e se entregar nisso.

Ele se inclinou para trás.

— Talvez devêssemos voltar ao campus.

Ela fez aquele barulho de gato irritado novamente, em seguida, arremessou um pedaço de amendoim para ele.

— O que há de errado com você? — ela exclamou. — Porque sei que não há nada de errado comigo. Você teria que ser louco para não querer me beijar, e se esse é algum jogo estúpido de se fazer de difícil, está desperdiçando o seu tempo, porque confie em mim, eu sei quando um cara quer me beijar. E você, Simon Lewis, quer me beijar. Então, o que está acontecendo aqui?

— Eu não sei — admitiu ele, e tão ridículo quanto foi, também era totalmente verdadeiro.

— É a coisa estúpida da memória? Ainda tem medo de que não possa viver como a versão incrível de si mesmo que esqueceu? Quer que eu te diga todas as maneiras como você não era surpreendente? Número um, você roncava.

— Não roncava.

— Como um demônio Drevak.

— Isso é uma calúnia — disse Simon, indignado.

Ela bufou.

— Meu argumento, Simon, é que você deveria ter deixado isso para trás. Pensei que você tivesse descoberto que ninguém espera que seja alguém que não você mesmo. Que eu só quero que você seja você. Eu apenas quero você. Este Simon. Não é por isso que estamos aqui? Porque você finalmente conseguiu enfiar isso em sua cabeça dura?

— Acho que sim.

— Então, do que você tem medo? Tem, obviamente, alguma coisa.

— Como você sabe? — ele perguntou, curioso como ela poderia ter tanta certeza quando ele próprio não tinha pista.

Ela sorriu, e era o tipo de sorriso que você dá a alguém que quer estrangular e beijar ao mesmo tempo.

— Porque eu te *conheço*.

Ele pensou tomá-la em seus braços, imaginou como seria a sensação, e foi quando percebeu qual era o seu medo. Era esse sentimento, sua imensidão, como olhar para o sol. Como cair para o sol.

— Me perder — ele revelou.

— O quê?

— Isso é do que tenho medo. Me perder nisso. Em você. Passei o ano inteiro tentando me encontrar, descobrir quem eu sou, e agora há você, há a gente, há isso tudo – esse aterrorizante buraco negro de um sentimento, e se eu entrar nele... sinto que estou na borda do Grand Canyon, sabe? Algo maior e mais profundo do que a mente humana foi construído para penetrar. E apenas se supõe... que eu salte para dentro?

Ele esperou nervosamente por sua reação, suspeitando que as meninas provavelmente não gostavam muito quando se admitia que tinha medo delas. Garotas como Izzy provavelmente gostavam quando você admitia que não tinha medo de nada. Nada a assustava; ela merecia alguém corajoso.

— Isso é tudo? — o rosto dela se iluminou. — Simon, você não acha que tenho medo também? Você não é o único na beira. Se saltar, nós saltamos juntos. Nós cairemos juntos.

Simon tinha passado tanto tempo tentando reunir os pedaços de si mesmo, ajustar o quebra-cabeça. Mas a última peça, a mais importante, estava na frente dele o tempo todo. Se perder para Izzy – essa poderia ser a era a única maneira de realmente se encontrar?

Poderia isto, aqui, ser sua casa?

Chega de metáforas ruins, ele disse a si mesmo. *Chega de adiar.*

Chega de ter medo.

Ele parou de pensar sobre a pessoa que costumava ser, ou a relação que costumava ter; parou de pensar se ia estragar as coisas ou no que ele queria; parou de pensar em amnésia de demônio e Ascensão em Caçador de Sombras e no Povo das Fadas e na Guerra Maligna e política e lição de casa e no tráfego não regulamentado de afiados objetos mortais.

Ele parou de pensar sobre o que poderia acontecer, e o que poderia dar errado.

Ele a tomou nos braços e a beijou – beijou do jeito que desejara beijá-la desde que pôs os olhos nela, beijou-a não da maneira que um herói de romance ou um Caçador de Sombras guerreiro ou algum personagem imaginário do passado faria, mas como Simon Lewis beijava a garota que ele amava mais do que tudo no mundo. Era como cair para o sol, cair juntos, corações em chamas com fogo pálido, e Simon sabia que nunca pararia de cair, sabia que agora que ele a tinha agarrado novamente, ele nunca a deixaria ir.

** *

O casamento de verdadeiras mentes não admite impedimentos – mas as sessões de amassos adolescentes, muitas vezes, sim. Especialmente quando um dos adolescentes era um estudante da Academia de Caçadores de Sombras, com lição de casa e toque de recolher. E quando a outra era uma guerreira caçadora de demônios com uma emboscada para a manhã.

Se Simon pudesse escolher, passaria a semana seguinte, ou possivelmente a próxima eternidade, enredado com Izzy na grama, escutando o colo lago em sua margem, perdendo-se no toque dos dedos dela e no gosto de seus lábios. Em vez disso, ele passou memoráveis duas horas fazendo isso, então galoparam a uma velocidade vertiginosa de volta para a Academia de Caçadores de Sombras e passou mais uma hora dando beijos de despedida, antes de deixá-la saltar no Portal com a promessa de regresso assim que pudesse.

Ele teve que esperar até o dia seguinte para agradecer Helen Blackthorn por sua ajuda. Ele a pegou quando ela fazia as malas para ir embora.

— Vejo que o encontro correu bem — disse ela logo que abriu a porta.

— Como você sabe?

Helen sorriu.

— Você está praticamente brilhando.

Simon agradeceu-lhe por transmitir a mensagem de Izzy e entregou-lhe um pequeno saco de biscoitos que ele pegou do refeitório. Eram a única coisa na Academia que, de verdade, eram saborosos.

— Considere isto um pequeno adiantamento pelo o que devo a você — disse ele.

— Você não me deve nada. Mas se realmente quer me pagar, venha para o casamento – você pode acompanhar Izzy.

— Eu não perderia isso — Simon prometeu. — Então, quando é o grande dia?

— Primeiro de dezembro — disse ela, mas havia uma nota trêmula em sua voz. — Provavelmente.

— Talvez mais cedo?

— Talvez não aconteça — ela admitiu.

— O quê? Você e Aline não vão romper! — Simon se parou, lembrando que ele estava falando com alguém que mal conhecia. Ele não podia exatamente ordenar que ela tivesse um final feliz só porque de repente ele estava apaixonado. — Desculpe, não é da minha conta, mas... por que você veio até aqui e aguentou toda essa porcaria se não queria se casar com ela?

— Oh, eu quero me casar com ela. Mais do que qualquer coisa. É que apenas... voltar aqui me fez perguntar-me se estou sendo egoísta.

— Como se casar com Aline poderia ser egoísta? — perguntou Simon.

— Olhe para a minha vida! — Helen explodiu, dias – ou talvez anos – de fúria reprimidas explodindo para fora dela. — Eles olham para mim como se eu fosse algum tipo de aberração – e esses são os legais, os outros me olham como se eu fosse o inimigo. Aline já está presa naquela ilha esquecida por Deus por minha causa. Ela deveria sofrer assim pelo resto da vida dela? Só porque cometeu o erro de se apaixonar por mim? Que tipo de pessoa isso faz de mim?

— Você não pode pensar que é culpa sua — ele não a conhecia muito bem, mas nada disso parecia certo para ele. Não como algo que deveria dizer ou acreditar.

— O professor Mayhew me disse que se eu realmente a amasse, iria deixá-la — Helen admitiu. — Em vez de arrastá-la para este pesadelo comigo. Que me prender a ela apenas prova que sou mais fada do que penso.

— O professor Mayhew é um troll — devolveu Simon, e se perguntou o que seria necessário para fazer Catarina Loss transformá-lo em um de verdade. Ou talvez um sapo ou um lagarto. Algo que combinasse mais com a natureza reptiliana de sua alma.

— Se você realmente ama Aline, faria tudo o que pode para ficar com ela. O que é exatamente o que você está fazendo. Além disso, você está assumindo que se você rompesse com ela para o seu próprio bem, ela iria deixá-la. Pelo o que ouvi sobre Aline, isso não é provável.

— Não — Helen concordou com carinho. — Ela lutaria comigo com unhas e dentes.

— Então por que não correr para o inevitável? Aceitar que você está presa a ela. O amor da sua vida. Pobre de você.

Helen suspirou.

— Isabelle me contou o que você disse sobre as fadas, Simon. Sobre como você acha que é errado discriminá-las. Que fadas podem ser boas, assim como qualquer outra pessoa.

Ele não entendia aonde ela queria chegar com isso, mas ele não estava arrependido de ter a chance de confirmar.

— Ela estava certa, eu penso assim.

— Isabelle acredita nisso também, você sabe — Helen disse. — Ela está fazendo o seu melhor para me convencer.

— O que você quer dizer? — perguntou Simon, confuso. — Por que você precisaria ser convencida?

Helen dobrou os dedos juntos.

— Você sabe, eu não queria vir aqui para contar a um bando de crianças a história dos meus pais e não fiz isso voluntariamente. Mas também não a enfeitei. Aquilo foi o que aconteceu. Era o que minha mãe era, e assim que metade de mim é.

— Não, Helen, não é...

— Conhece o poema *“La Belle Dame Sans Merci”*?

Simon balançou a cabeça. A única poesia que ele conhecia era do Dr. Seuss ou Bob Dylan.

— É de Keats — disse ela, e recitou alguns versos de memória para ele.

“Para a sua gruta encantada me levou

E lá bem suspirou profundamente

E lá cerrei seus feros tristes olhos

Assim beijados, dormentes, dormentes.

E lá bem me embalou até o sono

E lá sonhei – Ah, mala sina

O último sonho que jamais sonhei

Nesse lado frio da colina.

Pálidos reis eu vi e também príncipes

Guerreiros pálidos, na lividez da morte

Gritando: “La Belle Dame sans mercy”

Tem-vos serva a sorte.”

— Keats escreveu sobre *fadas*? — perguntou Simon.

Se eles tivessem abordado este na aula de Inglês, ele poderia ter dado mais atenção.

— Meu pai costumava recitar esse poema o tempo todo — disse Helen. — Era a sua maneira de contar a mim e a Mark a história de onde viemos.

— Ele recitou para você um poema sobre uma rainha fada do mal que atrai os homens para a morte como uma forma de lhe contar sobre sua mãe? Repetidamente? — perguntou Simon, incrédulo. — Sem ofensa, mas essa maneira foi... dura.

— Meu pai nos amava, apesar de onde nós viemos — Helen disse da maneira de alguém tentando se convencer.

— Mas sempre senti como se ele mantivesse uma parte de si mesmo escondida. Como se esperasse vê-la em mim. Foi diferente com Mark, porque Mark era um menino. Mas as seguem suas mães, certo?

— Eu realmente não tenho certeza de que essa lógica seja cientificamente precisa — Simon apontou.

— Isso é o que Mark dizia. Ele sempre disse que as fadas não tinham direitos sobre nós ou nossa natureza. E tentei acreditar nele, mas depois que ele foi levado... depois que o Inquisidor me contou a história da minha mãe biológica... Eu me surpreendi... — o olhar de Helen

atravessava Simon, atravessava as paredes da sua prisão doméstica, perdido em seus próprios medos.

— E se eu estiver atraindo Aline para o lado frio da colina? E se essa necessidade de destruir, usar o amor como uma arma, estiver apenas hibernando em algum lugar dentro de mim e eu mesma não sei? Um presente da minha mãe.

— Olha, eu não sei nada sobre fadas. Não de verdade. Eu não sei qual o negócio com sua mãe, ou o que significa para você ser metade uma coisa e metade outra. Mas sei que o seu sangue não a define. O que te define são as escolhas que você faz. Se aprendi alguma coisa neste ano, é isso. E também sei que amar alguém – mesmo que seja assustador, mesmo quando há consequências – nunca é a coisa errada a se fazer. Amar alguém é o oposto de machucá-la.

Helen sorriu para ele, os olhos cheios de lágrimas não derramadas.

— Pelo bem de ambos, Simon, realmente espero que você esteja certo.

Na terra sob a colina, nos tempos anteriores...

Era uma vez, havia uma fada muito bonita na Corte Seelie que perdeu seu coração para o filho de um anjo.

Era uma vez, havia dois meninos indo à terra dos contos de fadas, irmãos nobres e corajosos. Um irmão teve um vislumbre da dama élfica, e encantado por sua beleza, comprometeu-se a ela. Comprometeu-se a ficar. Este menino era Andrew. Seu irmão, o menino Arthur, não o deixaria seu lado.

E assim os meninos ficaram abaixo da colina, e Andrew amou a fada, e Arthur a desprezou.

E assim, a fada manteve o garoto perto dela, manteve essa bela criatura que jurou sua lealdade a ela, e quando sua irmã reivindicou o outro, a dama o deixou ser levado, como se ele não fosse nada.

Ela deu a Andrew uma corrente de prata para prender no pescoço, um símbolo de seu amor, e ensinou-lhe os caminhos do Povo Belo. Ela dançou com ele em festas sob o céu estrelado. Alimentou-o ao luar e mostrou-lhe como se movimentar pela floresta.

Algumas noites eles ouviram gritos de Arthur, e ela lhe disse que era um animal com dor, e dor era da natureza de um animal.

Ela não mentiu, porque não podia mentir.

Os seres humanos eram animais.

A dor era de sua natureza.

Por sete anos eles viveram em alegria. Ela era dona de seu coração, e ele do dela, e em algum lugar além, Arthur gritou e gritou. Andrew não sabia; a dama não se importava; e assim eles foram felizes.

Até o dia em que um irmão descobriu a verdade sobre o outro.

A dama pensou que seu amante enlouqueceria com o seu sofrimento e culpa. E assim, porque amava o rapaz, teceu-lhe uma história de verdades fraudulentas, uma história que o faria querer acreditar. Que tinha sido enfeitiçado para amá-la; que ele nunca traía seu irmão; que ele era apenas um escravo; que os sete anos de amor tinham sido uma mentira.

A fada libertou o irmão inútil e permitiu-o acreditar que ele mesmo tinha liberado. Submeteu-se ao inútil ataque de irmão e permitiu-lhe acreditar ele a tinha matado.

A dama renunciou ao seu amante e o deixou fugir.

E a fada viu os frutos secretos de sua união e os beijou, tentou amá-los. Mas eles eram apenas um pedaço de seu garoto. Ela queria tudo dele, ou nada.

Como ela havia lhe dado sua história, ela lhe deu seus filhos.

Ela não tinha mais nada para viver, assim, não viveu mais.

Esta é a história que ela deixou para trás, a história que seu amante nunca vai conhecer; a história que sua filha nunca vai saber.

Assim é como uma fada ama: com todo seu corpo e alma. Assim é como uma fada ama: com a ruína.

Eu te amo, ela disse a ele, noite após noite, por sete anos. Fadas não podem mentir, e ele sabia disso.

Eu te amo, ele disse a ela, noite após noite, por sete anos. Os seres humanos podem mentir, e por isso ela o deixou acreditar que ele mentiu para ela, e deixou o irmão dele e seus filhos acreditarem que ela morreu na esperança de que acreditariam para sempre.

Assim é como uma fada ama: com um presente.

Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INFERNAL DEVICES

CASSANDRA CLARE
SARAH REES BRENNAN

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

Bitter of Tongue

O AMARGO DA LÍNGUA

Depois que uma missão da Academia dá errado, Simon é levado pelas fadas. Ele acorda numa jaula (por que ele é sempre sequestrado?) e tem que escapar do País das Fadas contando com seu único aliado, o antigo Caçador de Sombras e personagem dos Artíficos das Trevas, Mark Blackthorn

O sol brilhava, os pássaros cantavam, e era um belo dia na Academia dos Caçadores de Sombras.

Bem, Simon tinha certeza de que o sol estava brilhando. Havia uma leve luminescência no ar em seu quarto subterrâneo compartilhado com George, lançando um brilho agradável sobre o limo verde que cobria as paredes.

E ok, ele não podia ouvir os pássaros de seu quarto nas masmorras, mas George voltou cantando do chuveiro.

— Bom dia, Si! Vi um rato no banheiro, mas ele estava tirando uma soneca agradável e nós não nos incomodamos um ao outro.

— Ou o rato estava morto de uma doença infecciosa que surgiu por causa do nosso sistema de água — Simon sugeriu. — Podemos estar bebendo água exterminadora de ratos durante semanas.

— Ninguém gosta de um Garoto Sombrio — George repreendeu. — Nem de um Si Rabugento. Nada de mal-humorados. E também nada de...

— Entendi o teor geral do seu discurso, George — disse Simon.

— Oponho-me fortemente para ser referido como mal-humorado agora. Especialmente quando na verdade me sinto bastante bem-humorado. Vejo que está ansioso para o seu grande dia?

— Tome uma chuveirada, Si — George insistiu. — Comece o dia refrescado. Talvez arrume o seu cabelo um pouco. Não iria matá-lo.

Simon balançou a cabeça.

— Há um rato morto no banheiro, George. Eu não vou ao banheiro, George.

— Ele não está morto. Está apenas dormindo. Tenho certeza disso.

— Otimismo sem sentido é como a praga começa. Pergunte aos camponeses medievais da Europa. Oh, espere, você não pode.

— Eles eram um bando alegre? — perguntou George com ceticismo.

— Tenho certeza de que eles eram muito alegres perante toda a praga — respondeu Simon.

Ele sentiu que estava realmente conseguindo bons argumentos, e que era apoiado pela história. Tirou a camiseta com que tinha dormido, que tinha os dizeres “Vamos lutar!” e abaixo em letras minúsculas “Nosso inimigo recua com argumentos astutos”. George acertou as costas de Simon com sua toalha molhada, o que fez Simon gritar.

Simon sorriu quando puxou o uniforme de seu guarda-roupa. Eles começariam o treinamento logo após o café da manhã, então ele poderia muito bem ir direto. Além disso, vestir todos os dias o uniforme masculino era uma vitória.

Ele e George tomar o café da manhã bem-humorados com o mundo.

— Você sabe, este mingau não é de todo ruim — comentou Simon, pegando uma colher.

George assentiu com entusiasmo, a boca cheia.

Beatriz parecia triste por eles, e possivelmente triste que os meninos fossem tão estúpidos em geral.

— Isto não é mingau — ela disse a eles. — São ovos mexidos.

— Oh não — George sussurrou baixinho, sua boca ainda cheia, a voz terrivelmente triste.
— Ah não.

Simon deixou cair a colher e olhou para as profundezas de sua tigela com horror.

— Se são ovos mexidos...? — ele falou. — E não estou discutindo com você, Beatriz, estou só fazendo o que sinto ser uma pergunta muito razoável... *se são ovos mexidos, porque são cinza?*

Beatriz deu de ombros e continuou comendo, evitando cuidadosamente os grumos.

— Quem sabe?

Essa poderia dar uma canção triste, Simon supôs. Se são ovos, por que são cinza? Quem sabe, quem sabe? Ele por vezes ainda se encontrava pensando em letras de música, mesmo que estivesse fora da banda. Era certo que “Por que os ovos são cinza?” não seria um grande sucesso, mesmo no circuito moderno.

Julie pousou sua tigela na mesa ao lado de Beatriz.

— Os ovos são cinza — ela anunciou. — Não sei como eles fazem isso. Certamente, neste ponto, faz sentido eles não estragarem a comida às vezes. Toda vez, todos os dias, por mais de um ano? A Academia é amaldiçoada?

— Estive pensando que poderia ser — disse George fervorosamente. — Eu ouço um chocalho sobrenatural, às vezes, como fantasmas agitando suas correntes terríveis. Honestamente, eu espero que a Academia seja amaldiçoada, caso contrário provavelmente são criaturas nas tubulações — George estremeceu. — Criaturas.

Julie sentou-se. George e Simon trocaram um privado olhar satisfeito. Eles estavam contando quantas vezes Julie decidiu se sentar com os três, em vez de com Jon Cartwright. Atualmente eles estavam vencendo, sessenta por cento a quarenta.

Julie escolher sentar-se com eles parecia um bom sinal, uma vez que este era o grande dia de George.

Agora que os estudantes Caçadores de Sombras estavam em seu segundo ano, e nas palavras de Scarsbury “não totalmente sem esperança e susceptíveis a cortar suas próprias cabeças estúpidas”, eles tinham suas próprias missões ligeiramente mais importantes. Cada missão tinha um líder de equipe nomeado, e o líder ganhava o dobro de pontos se a missão fosse um sucesso. Julie, Beatriz, Simon e Jon já tinham sido líderes de equipe, e todos tiveram sucesso: a missão de todos foi realizada – demônios mortos, pessoas salvas, seres do Submundo quebrando a Lei penalizados severamente, mas de forma justa. De certa maneira, foi uma pena que essa missão de Jon tivesse ido tão bem, já que ele se gabara durante semanas, mas não puderam evitá-lo. Eles eram muito bons, Simon pensou, mesmo quando ele bateu na mesa de madeira, de modo a não dar azar. Não havia maneira de eles falharem.

— Sentindo-se nervoso, líder da equipe? — perguntou Julie.

Simon teve que admitir que às vezes ela poderia ser uma companhia inquietante.

— Não — respondeu George, e sob o olhar examinador de Julie: — Talvez. Sim. Você sabe, uma quantidade adequada de nervosismo, mas de uma forma legal, recolhida e sem pressão.

— Não acabe com tudo — disse Julie. — Eu quero uma pontuação perfeita.

Um silêncio constrangedor se seguiu. Simon consolou-se olhando para a mesa de Jon. Quando Julie o deixou, Jon passara a comer sozinho. Ao menos quando Marisol decidia que queria sentar com ele e atormentá-lo. O que, Simon observou, ela estava fazendo hoje. Pequena demônia. Marisol era hilariante.

Jon fez gestos urgentes pedindo ajuda, mas Julie estava de costas para ele e não viu.

— Não estou dizendo isso para assustá-lo, George — disse ela. — Esse é um benefício, obviamente. Esta é uma missão importante. Você sabe que as fadas são o pior tipo de seres do Submundo. Atravessar para o reino mundano e enganar esses pobres para que comam frutas das fadas não é brincadeira. Mundanos podem definhar e morrer depois de comê-las, você sabe. É assassinato, e assassinatos que quase nunca as atinge, porque no momento em que os mundanos morrem, as fadas estão muito longe. Você está levando isso a sério, certo?

— Sim, Julie — respondeu George. — De verdade, eu sei que assassinato é ruim, Julie.

O rosto de Julie franziu-se daquela forma alarmante que às vezes franzia.

— Lembre-se de que foi você que quase estragou a minha missão.

— Eu hesitei um pouco para enfrentar aquela criança vampira — George admitiu.

— Exatamente. Nada mais de hesitação. Como o nosso líder de equipe, você tem que agir por sua própria iniciativa. Não estou dizendo que você é ruim, George. Apenas o que você precisa para aprender.

— Não tenho certeza se alguém precisa desse tipo de discurso motivacional — apontou Beatriz. — Assustaria qualquer um. E é muito fácil assustar alguém como George.

George, que assistia tocado a galante sobre a defesa de Beatriz, parou de parecer tocado.

— Eu só acho que eles deveriam repetir o líder de equipe ocasionalmente — Julie resmungou, deixando que eles soubessem de onde toda essa hostilidade vinha. Ela espetou seus ovos cinza melancolicamente. — Eu fui tão boa.

Simon levantou as sobrancelhas.

— Você tinha um chicote e ameaçou me acertar na cabeça e no rosto se eu não fizesse o que você mandou.

Julie apontou a colher para ele.

— Exatamente. E você fez o que eu mandei. Isso é liderança, sim. Além do mais, eu não o acertei na cabeça e nem no rosto. Gentil, mas firme, esta sou eu.

Julie falou sobre a sua própria grandeza durante algum tempo. Simon se levantou para pegar mais um copo de suco.

— Que tipo de suco que você acha que é esse? — perguntou Catarina Loss, ao se juntar a ele na fila.

— De fruta — disse Simon. — Apenas fruta. Isso é tudo o que eles me dizem. Achei bem suspeito.

— Eu gosto de frutas — Catarina comentou, mas ela não parecia ter certeza. — Eu sei que você está dispensado da minha aula esta tarde. O que fará esta manhã?

— A missão é impedir as fadas de deslizar ao longo de suas fronteiras e se engajar em comércio ilícito — disse Simon. — George é o líder da equipe.

— George é líder da equipe? — perguntou Catarina. — Hm.

— Por que todo mundo está colocando George para baixo hoje? O que há de errado com ele? Não há nada de errado com George. Não é possível encontrar uma falha nele. Ele é um anjo escocês perfeito. Sempre compartilha os sanduíches que a mãe manda pra ele, e é mais bonito do que Jace. Pronto, falei. E não vou voltar atrás.

— Vejo que você está de bom humor — disse Catarina. — Tudo bem, então. Vá em frente, tenha um bom dia. Cuide do meu aluno favorito.

— Certo. Espere, quem seria esse?

Catarina fez um gesto de varrer com a mão que segurava o seu suco indeterminado.

— Se manda, Diurno.

Todo mundo estava animado para ir a outra missão. Simon aguardava com ansiedade, satisfeito por George. Mas estava principalmente animado porque depois da missão, ele tinha outro lugar para ir.

* * *

O Povo das Fada tinha sido visto num campo em Devon. Simon foi animado para o Portal, esperando que houvesse tempo para ver caixas de correio vermelhas e beber cerveja em um *pub* inglês.

Em vez disso, a charneca acabou por ser um grande trecho de campo desnivelado, pedras e montes ao longe, sem caixas de correio vermelhas ou pubs à vista. Eles imediatamente receberam cavalos do aliado com a Visão que os esperava.

Campos, cavalos. Simon não tinha certeza da preocupação em deixar a Academia, porque esta era uma experiência idêntica.

As primeiras palavras que George falou enquanto seguiam montando pela charneca foram:

— Penso que seria uma boa ideia nos dividirmos.

— Como num... filme de terror? — perguntou Simon.

Julie, Beatriz e Jon lançaram-lhe olhares de incompreensão irritada. A expressão incerta de Marisol sugeria que ela concordava com Simon, mas ela não falaria nada, e Simon não queria ser o único contra a liderança de seu amigo. Eles cobririam mais território se se separassem.

Talvez fosse uma ótima ideia. Mais grama! Como poderia dar errado?

— Eu vou ser parceira de Jon — disse Marisol no mesmo instante, com um brilho em seus olhos escuros. — Eu gostaria de continuar a nossa conversa do café da manhã. Tenho muito mais coisas a dizer a ele sobre *videogames*.

— Eu não quero ouvir mais nada sobre videogames, Marisol! — estalou Jon, um Caçador de Sombras que odiava informações mundanas em torrencial.

Marisol sorriu.

— Eu sei.

Marisol tinha apenas completado quinze anos. Simon não tinha certeza de como ela descobrira que contar a Jon todos os detalhes sobre o mundo mundano seria um terrorismo psicológico eficaz. Sua maldade só tinha crescido durante o ano e mudou como Simon a conhecia. Simon tinha que respeitar isso.

— Eu e Si ficaremos juntos — disse George facilmente.

— Hum — concordou Simon.

Nem ele nem George eram Caçadores de Sombras ainda, e apesar de Catarina ajudá-los a ver através dos encantamentos, mundanos... e Caçadores de Sombras em treinamento... não eram tão fortemente protegidos contra o glamour das fadas como um Nephilim. Mas Simon não queria questionar a autoridade de George ou sugerir que não queria ser parceiro dele. Também temia ser parceiro de Julie e ser espancado na cabeça e no rosto.

— Ótimo — Simon terminou fracamente. — Talvez a gente possa se dividir, mas também ficar próximos o bastante para nos ouvir?

— Você quer separar, mas ficar junto? — perguntou Jon. — Não sabe o que as palavras significam?

— Você sabe o que as palavras “World of Warcraft” significam? — perguntou Marisol ameaçadoramente.

— Sim, eu sei — disse Jon. — Todos juntos seguindo o caminho, e não eu não sei, e não quero saber.

Ele impeliu seu cavalo para frente através da charneca. Marisol o seguiu. Simon olhou para a parte de trás da cabeça de Jon e se preocupou se ele iria muito longe.

Só que eles iam mesmo se separar. Estava tudo bem.

George olhou em volta para os membros restantes da equipe e pareceu chegar a uma decisão.

— Nós vamos ficar dentro da faixa de audição do outro e cobrir os campos, ver se encontramos alguma fada nos lugares que foram relatados. Vocês estão comigo, equipe?

— Estou com você até o fim, se ele não levar muito tempo! Você sabe que estou indo para o casamento de Helen Blackthorn e Aline Penhallow — disse Simon.

— Ugh, odeio casamentos — disse George com simpatia. — Você tem que usar um terno de pinguim e ir sentar perto dos velhos, enquanto todo mundo se odeia secretamente por causa de alguma briga sobre os arranjos de flores. Além disso, tem a gaitas de foles. Quer dizer, eu não sei como são os casamentos de Caçadores de Sombras. Há flores? Há gaita de foles?

— Não posso te dizer ao certo agora — falou Beatriz. — Pense em Jace Herondale em um smoking. Na minha cabeça, ele se parece com um belo espião.

— James Bond — George contribuiu. — James loiro *Blond*? Ainda não gosto de roupas de pinguim. Mas não consigo vê-lo assim, Si.

Simon soltou uma mão das rédeas para apontar com orgulho para si mesmo, uma manobra que o teria feito cair de seu cavalo há um ano.

— Este pinguim vai num encontro com Isabelle Lightwood.

Basta dizer as palavras que Simon era impregnado com uma sensação de bem-estar. Em um mundo tão maravilhoso, como alguma coisa poderia correr mal?

Ele olhou para sua equipe: o grupo inteiro usando uniforme de mangas compridas contra o frio do inverno, figuras de preto com os arcos presos nas costas e a respiração formando nuvens brancas no ar frio, montando cavalos rápidos através dos campos em uma missão para proteger a humanidade. Seus três amigos ao seu lado, Jon e Marisol à distância. George, tão orgulhoso de ser o líder da equipe. Marisol, desdenhosa garota da cidade, que monta seu cavalo com graça fácil. Mesmo Beatriz e Julie, mesmo Jon, nascidos Caçadores de Sombras, pareciam um pouco diferentes para Simon, agora que eles estavam bem em seu segundo ano na Academia. Scarsbury lhes tinha afiado, Catarina os tinha ensinado, e até mesmo seus colegas da Academia haviam mudado. Agora, os nascidos Caçadores de Sombras cavalgavam com mundanos e realizava missões com eles como uma unidade, e a chamada escória conseguia se manter.

A charneca estava ficando verde, a linha de árvores à esquerda com suas folhas balançando como se estivessem dançando na brisa leve. A luz do sol era pálida e clara, brilhando sobre suas cabeças e roupas pretas iguais. Simon encontrou-se pensando, com carinho e orgulho, que eles seriam verdadeiros Caçadores de Sombras, depois de tudo.

Ele notou que, ao silencioso acordo mútuo, Beatriz e Julie persuadiram as montarias a irem mais rápido. Simon olhou à distância, onde podia ver Jon e Marisol indo mais longe e, em seguida, olhou de soslaio para costas de Julie e Beatriz. Sentiu novamente uma pontada de inquietação.

— Por que elas estão correndo à frente? — perguntou Simon. — Hum, sem querer dizer o seu trabalho, mas bravo líder da equipe, talvez seja melhor dizerem para não ir longe demais.

— Ah, deem-lhes um minuto — disse George. — Você sabe que ela meio que gosta de você.

— O quê?

— Não que ela vá fazer algo sobre isso. Ninguém que gosta de você vai dizer alguma coisa. É claro, elas não gostariam de ter Isabelle Lightwood arrancando suas cabeças.

— Gosta de mim? — Simon ecoou. — Algo sobre a maneira que você está falando sugere várias pessoas. Que gostam de mim.

George deu de ombros.

— Aparentemente, você é do tipo que cresce no coração das pessoas. Não me pergunte. Pensei que as garotas gostavam de músculos.

— Eu poderia ter músculos — Simon disse. — Olhei no espelho uma vez e acho que encontrei um na barriga. Estou dizendo, todo esse treinamento está fazendo bem para o meu corpo.

Não era como se Simon achasse que era uma criatura ridícula nem nada disso. Agora que tinha visto demônios com tentáculos saindo dos olhos, tinha quase certeza de que não enjoava as pessoas por simplesmente olhar para ele.

Mas ele não era Jace, que fazia as cabeças das meninas virarem como se estivessem possuídas. Não fazia sentido que, de todos os alunos da Academia, Beatriz pudesse gostar dele.

George revirou os olhos. George não compreendia verdadeiramente o lento desenvolvimento da aptidão física real. Ele provavelmente nascera com músculos abdominais. Alguns nasciam musculosos, outros malhavam e ficavam musculosos, e outros – como Simon – tinha os músculos impostos a eles por instrutores cruéis.

— Sim, Si, você é um verdadeiro matador.

— Sinta este braço — disse Simon. — Pura rocha! Eu não quero me gabar, mas é tudo osso. Tudo osso.

— Si, eu não preciso sentir. Acredito em você, porque é isso que caras fazem. E estou feliz por sua misteriosa popularidade com as garotas, porque é assim com os caras. Mas, falando sério, preste atenção em Jon, porque acho que ele vai te dar um sacode um dia desses. Ele não tem o seu fascínio indefinível, mas inegável. Tem queixo musculoso e achava que tinha as garotas da Academia aos seus pés.

Simon continuou galopando, um pouco atordoado.

Ele pensava que a afeição de Isabelle era uma ocorrência surpreendente e inexplicável, como um relâmpago (um relâmpago lindo e corajoso que ele teve a sorte de ser atingido!). Dada a evidência atual, no entanto, ele estava começando a acreditar que era hora de reavaliar.

Ele havia sido informado que a namorada Maia, a líder dos lobisomens de Nova York, embora tivesse a impressão de que fora uma relação verdadeiramente confusa. Ouvira rumores sobre uma rainha vampira que poderia ter sido interessada nele. Eles até tinham se encontrado, por mais estranho que parecesse, durante um tempo, quando ele e Clary terminaram. E agora, possivelmente, Beatriz gostava dele.

— Sério, George, me diga a verdade. Eu sou bonito?

George começou a rir, seu cavalo girando para ele em passos fáceis.

E Julie gritou:

— Fadas! — e apontou.

Simon olhou na direção de uma figura encapuzada com uma cesta de frutas sob um braço, emergindo inocentemente da névoa atrás de uma árvore.

— Atrás dele! — gritou George, e seu cavalo avançou para a figura, Simon mergulhando atrás dele.

Marisol, muito à frente, gritou:

— Armadilha! — E, em seguida, deu um grito de dor.

Simon olhou desesperadamente na direção às árvores. A fada, ele viu, tinha reforços. Eles tinham sido avisados que o Povo Belo estava mais cauteloso e desesperado no rescaldo da Paz Fria. Eles deveriam ter ouvido melhor e achado mais difícil. Deveriam ter se planejado para isso.

Simon, George, Julie e Beatriz estavam todos galopando rápido, mas estavam muito longe dela. Marisol balançava na sela, o sangue escorrendo pelo braço: uma flecha elfica.

— Marisol! — Jon Cartwright gritou. — Marisol, comigo!

Ela esporeou o cavalo na direção dele. Jon ficou de pé em seu cavalo e saltou sobre o dela, o arco na mão disparando setas para as árvores, erguido sobre o dorso do cavalo e, assim, protegendo Marisol como um estranho acrobata de tiro ao arco. Simon sabia que nunca seria capaz de fazer algo assim, ao menos antes da Ascensão.

Julie e Beatriz viraram os cavalos na direção das árvores onde as fadas escondidas disparavam.

— Eles estão com Marisol — George ofegou. — Nós ainda podemos pegar o vendedor de frutas.

— Não, George... — Simon começou, mas George virou o cavalo na direção da figura encapuzada, agora desaparecendo por trás da árvore e da névoa.

Houve um reluzir de luz solar surgindo entre o tronco e o ramo da árvore, uma linha branca deslumbrante entre o arco torto dos galhos. Pareceu refletir nos olhos de Simon, tornando-se amplo e claro, como a luz da lua no mar. A figura encapuzada estava se esvaindo, quase desaparecendo no brilho, e o cavalo de George estava a centímetros do perigo, a mão de George alcançando a borda do manto da figura, sem se importar com o destino a que ele mesmo estava se colocando.

— Não, *George!* — Simon gritou. — Nós não vamos atravessar para o País das Fadas!

Ele forçou o seu próprio cavalo no caminho de George, puxando George para cima, mas estava tão focado em parar o amigo que não levou em consideração sua montaria, agora aterrorizada em fugir e aumentando a velocidade.

Até que a luz ofuscante e branca encheu a visão de Simon. Lembrou-se de repente da sensação de cair no País das Fadas, molhado até os ossos, em uma piscina cheia de água: se lembrou de Jace ser gentil com ele, e enquanto se ressentia disso, pensava: *Eu não preciso da sua ajuda*, e seu peito queimou com ressentimento.

Agora ele estava caindo no País das Fadas com o relinchar aterrorizado de um cavalo em seus ouvidos, folhas e galhos cegando-o, arranhando seu rosto e braços. Tentou proteger os olhos e

viu-se jogado sobre rochas e ossos, com a escuridão correndo para ele. Ele teria ficado muito grato se Jace estivesse lá.

* * *

Simon acordou no País das Fadas. O seu crânio pulsava, da forma como o seu polegar fazia quando o acertava com um martelo. Ele esperava que ninguém tivesse batido em sua cabeça com um martelo.

Ele acordou em uma cama que balançava suavemente, um pouco dura sob sua bochecha. Abriu os olhos e viu que não estava exatamente em uma cama, mas em meio a galhos e musgo, espalhados por uma superfície instável construída de ripas de madeira. Havia listras estranhas de escuridão a frente dele, obscurecendo a visão.

O País das Fadas quase parecia com os campos de Devon, no entanto, era completamente diferente. As névoas ao longe tinham um tom roxo, como nuvens de tempestade se aderindo à terra, e havia movimento nelas, sugerindo formas estranhas e ameaçadoras. As folhas das árvores eram verdes, amarelas e vermelhas, como as árvores do mundo mundano, mas também brilhavam como joias, e quando o vento agitava através delas, Simon quase podia distinguir palavras, como se elas cochichassem entre si.

Esta era a manifestação da natureza, a junção de alquimia mágica e estranheza.

E Simon estava, ele percebeu, em uma jaula. Uma enorme gaiola de madeira. As listras escuras atrapalhando sua visão eram as barras da jaula.

A única coisa que o ultrajou mais foi como se sentiu familiarizado. Lembrou-se de estar preso assim antes. *Mais do que uma vez.*

— Caçadores de Sombras, vampiros e agora fadas, todos querem me jogar na prisão — Simon falou em voz alta. — Por que exatamente eu estava tão ansioso para ter essas lembranças de volta? Por que sou sempre eu? Por que sou sempre o idiota na jaula?

Sua própria voz fez sua cabeça dolorida doer.

— Você está em minha gaiola agora — disse uma voz.

Simon se sentou às pressas, embora isso fizesse sua cabeça latejar ferozmente e todo o mundo das fadas girar em torno dele. Ele viu, do outro lado de sua gaiola, a figura encapuzada que George tentara tão desesperadamente capturar no campo. Simon engoliu. Ele não podia ver o rosto sob o capuz.

Houve um vórtice no ar, e uma sombra apareceu diante do sol. Um novo elfo apareceu contra o céu azul claro, as folhas do chão da floresta sob seus pés descalços. A luz do sol lavava o seu cabelo em esplendor, e uma longa faca brilhou em sua mão.

O elfo encapuzado baixou o capuz e inclinou a cabeça em deferência súbita.

Sem capuz, Simon viu, ele tinha grandes orelhas arroxeadas, como se houvesse uma berinjela presa de cada lado de seu rosto, e longos tufo de cabelo branco que se enrolavam sobre suas orelhas de berinjela como nuvens.

— O que aconteceu, e porque seus truques interferiram com o trabalho de seus superiores, Hefeydd? Um cavalo do mundo mundano correu para o caminho da Caçada Selvagem — o novo elfo falou.

— Espero que o cavalo não tivesse grande valor sentimental, porque os cães o têm agora.

O coração de Simon sangrou por aquele pobre cavalo. Ele se perguntou se também estava prestes a ser alimento para cães.

— Sinto muito por ter perturbado a Caçada Selvagem — o elfo de capa, inclinando a cabeça branca ainda mais.

— Você deve sentir — respondeu o elfo da Caçada Selvagem. — Aqueles que cruzam o caminho da Caçada sempre se arrependem.

— Este é um Caçador de Sombras — continuou o outro ansiosamente. — Ou, pelo menos, uma das crianças que esperam mudar. Eles estavam esperando por mim no mundo mortal, e este me perseguiu até dentro do País das Fadas, então é minha presa legítima. Eu não tinha vontade de perturbar a Caçada Selvagem e não tenho culpa nenhuma!

Simon sentiu que esse foi um resumo impreciso e prejudicial da situação.

— É assim? Venha agora, estou em um estado de espírito alegre — disse o elfo da Caçada Selvagem. — Dê-me suas desculpas e seu cativo, como você sabe, tenho algum interesse em Caçadores de Sombras, e não levarei ao meu senhor Gwyn a sua língua.

— Nunca um negócio mais justo foi feito — concordou a fada de capa camuflada com alguma pressa, e correu como se temesse que o elfo da Caçada Selvagem pudesse mudar de ideia, quase tropeçando em sua própria capa.

Tanto quanto Simon percebia, ele podia estar saindo da frigideira de um elfo e para o fogo de outro.

O novo elfo parecia um garoto de dezesseis anos, não muito mais velho do que Marisol e mais novo que Simon, mas Simon sabia que a aparência das fadas não era um indicador de sua idade. Ele tinha olhos incompatíveis, um âmbar como as contas encontradas no coração escuro de árvores, e outro de um azul esverdeado vívido, como as águas do mar atravessadas pela luz do sol. O contraste chocante de seus olhos e a luz do País das Fadas, filtrada através das folhas verdes perversamente sussurrantes, o tocava como falso ouro, fazendo o seu rosto magro e marcado pela sujeira adquirir um aspecto sinistro.

Ele parecia uma ameaça. E estava se aproximando.

— O que um elfo da Caçada Selvagem quer comigo? — Simon resmungou.

— Eu não sou um elfo — disse o garoto de olhos assustadores, orelhas pontudas e cabelo selvagem. — Eu sou Mark Blackthorn do Instituto de Los Angeles. Não importa o que dizem ou o que eles fazem comigo. Eu ainda me lembro de quem sou. Eu sou Mark Blackthorn.

Ele olhou para Simon com fome selvagem em seu rosto magro. Seus dedos finos agarraram as barras da jaula.

— Você está aqui para me salvar? — perguntou ele. — Os Caçadores de Sombras vieram atrás de mim?

* * *

Ah não. Este era o irmão de Helen Blackthorn, aquele que era meio fada como ela, aquele que acreditara que sua família estava morta e foi levado pela Caçada Selvagem e nunca mais voltou. Isso era muito estranho.

Era pior do que isso. Era horrível.

— Não — disse Simon, porque a esperança parecia o golpe mais cruel que ele poderia dar a Mark Blackthorn. — Foi como o outro elfo disse. Eu apareci aqui por acidente e fui capturado. Eu sou Simon Lewis. Eu... sei o seu nome, e sei o que lhe aconteceu. Sinto muito.

— Você sabe quando os Caçadores das Sombras virão me buscar? — Mark perguntou, com uma ânsia de partir o coração. — Eu lhes enviei uma mensagem durante a guerra. Entendo que a Paz Fria deve tornar as negociações com as fadas difíceis, mas eles devem saber que sou leal e seria valioso para eles. Eles devem estar chegando, mas tem sido... faz semanas. Diga-me quando?

Simon olhou para Mark, a boca seca. Não tinha passado semanas desde que os Caçadores de Sombras o abandonaram aqui. Fazia mais de um ano.

— Eles não virão — ele sussurrou. — Eu não estava lá, mas os meus amigos sim. Eles me contaram o que aconteceu. A Clave se decidiu. Os Caçadores de Sombras não querem você de volta.

— Oh — disse Mark, um único som suave que era familiar para Simon: era o tipo de som que as criaturas faziam quando morriam.

Ele se afastou de Simon, as costas arqueadas em um espasmo de dor que parecia física. Simon viu, em seus braços magros nus, as velhas marcas de um chicote. Mesmo que Simon não pudesse ver o rosto dele, Mark se virou por um momento, como se não pudesse sequer suportar parecer como uma fada.

Então ele se virou e disparou:

— E sobre as crianças?

— O quê? — perguntou Simon inexpressivamente.

— Helen, Julian, Livia, Tiberius, Drusilla, Octavian. E Emma — disse Mark. — Entende? Eu não me esqueci. Todas as noites, não importa o que aconteceu durante o dia, não importa se estou rasgado e ensanguentado ou com os ossos cansados, eu gostaria de ser morto, mas olho para as estrelas e dou a cada estrela o nome de um irmão ou o rosto de uma irmã. Eu não durmo até que me lembro de cada um. As estrelas vão queimar antes que eu os esqueça.

A família de Mark, os Blackthorn. Eram todos mais novos que Mark, tirando Helen; Simon sabia disso.

E Emma Carstairs vivia com as mais jovens crianças Blackthorn no Instituto de Los Angeles, a menininha de cabelo louro que havia ficado órfã na guerra e que escrevia bastante para Clary.

Simon desejou que soubesse mais sobre eles. Clary tinha falado sobre Emma. Magnus falara exaltadamente este verão, várias vezes, sobre a Paz Fria e dera os Blackthorn como um exemplo dos horrores que a decisão da Clave de punir o Povo das Fadas causara sobre aqueles que tinham o sangue das fadas. Simon escutara Magnus e sentiu pena dos Blackthorn, mas eles lhe pareceram apenas mais uma tragédia da guerra: algo terrível, mas distante, e, finalmente, fácil de esquecer. Simon sentiu que tinha tanta coisa para se lembrar. Ele queria ir para a Academia e se tornar um Caçador de Sombras, saber mais sobre a sua própria vida e lembrar-se tudo o que ele tinha perdido, para se tornar alguém mais forte e melhor.

Só que você não se torna alguém mais forte e melhor se pensa apenas em si mesmo.

Ele não sabia o que estavam fazendo com Mark no País das Fadas para fazê-lo se esquecer de sua família.

— Helen está bem — disse ele, sem jeito. — Eu a vi recentemente. Ela deu uma aula na Academia. Sinto muito. Um demônio tomou um monte de lembranças de mim não há muito tempo. Eu sei como é, não se lembrar.

— Feliz é aquele que sabe o nome de seu coração. Eles são aqueles cujos corações nunca são verdadeiramente perdidos. Eles sempre podem chamar seus corações de volta para casa — disse Mark, sua voz quase um canto. — Você se lembra do nome do seu coração, Simon Lewis?

— Acho que sim — Simon sussurrou.

— Como eles estão? — Mark perguntou em voz baixa, desgastada. Ele parecia muito cansado.

— Helen vai se casar — Simon ofereceu. Era a única coisa boa, ele sentia que tinha para oferecer a Mark. — Com Aline Penhallow. Acho que elas realmente se amam.

Ele quase disse que estava indo para o casamento delas, mas pareceria cruel. Mark não poderia ir ao casamento da sua própria irmã. Ele não tinha sido convidado. Ele não precisava dizer isso.

Mark não parecia com raiva ou magoado. Ele sorriu suavemente, como uma criança escutando uma história de ninar, e inclinou o rosto contra as barras da gaiola de Simon.

— Doce Helen. Meu pai costumava contar histórias sobre Helena de Tróia. Ela nasceu de um ovo, e a mulher mais bonita do mundo. Nascer de um ovo é muito incomum para os seres humanos.

— Eu ouvi isso — disse Simon.

— Ela foi muito infeliz no amor — Mark continuou. — A beleza pode ser assim. A beleza pode não ser confiável. A beleza pode escapar por entre os dedos como água e queimar sua língua como veneno. A beleza pode ser a parede brilhante que o separa de tudo o que você ama.

— Hum. Totalmente.

— Estou contente que minha linda Helen será mais feliz do que a última bela Helena — Mark falou. — Estou feliz que ela terá beleza pela beleza, amor por amor, e não a falsa moeda. Diga a ela que seu irmão Mark envia suas felicitações no dia do casamento.

— Se eu chegar lá, direi.

— Aline será capaz de ajudá-la com as crianças, também.

Ele estava dando pouca atenção para Simon, seu rosto ainda com aquela expressão fixa e distante, como se estivesse ouvindo uma história ou recordando uma memória. Simon temia que histórias e memória estivessem se tornando o mesmo para Mark Blackthorn: ansiadas, bonitas e irreais.

— Ty precisa de atenção especial — Mark prosseguiu. — Lembro-me de meus pais falando sobre isso — sua boca se torceu. — Quero dizer, meu pai e a mulher que cantou para eu dormir todas as noites, que não era do meu sangue, a Caçadora de Sombras. Não tenho mais permissão para chamá-la de mãe. As músicas não são de sangue. O sangue é tudo o que importa para Caçadores de Sombras e fadas igualmente. As músicas importam somente a mim.

O sangue é tudo o que importa para Caçadores de Sombras.

Simon não conseguia se lembrar do contexto, mas ele podia se lembrar do refrão constante, de pessoas que ele amava agora, mas que não amara então. *Mundano, mundano, mundano. E mais tarde, vampiro. Ser do Submundo.*

Ele lembrou que a primeira prisão em que estivera foi de um Caçador de Sombras. Desejou que pudesse dizer qualquer coisa a Mark Blackthorn, que ele estava errado.

— Eu sinto muito.

Ele sentia muito por não ter ouvido, e pena por não ter se importado mais. Pensara que ele era a voz da razão na Academia, e não percebera o quão complacente ele se tornara, como era fácil ouvir seus amigos zombarem das pessoas que, afinal, não gostavam dele, deixá-los continuar assim.

Ele desejou que soubesse como dizer isso para Mark Blackthorn, mas duvidava que Mark se importaria.

— Se você sente muito, fale — disse Mark. — Como é Ty? Não há nada de errado com Ty, mas ele é diferente, e a Clave odeia tudo o que é diferente. Eles vão tentar puni-lo por ser quem ele é. Eles puniriam uma estrela por queimar. Meu pai estava lá para se interpor entre ele e nosso mundo cruel, mas meu pai se foi e eu também. Eu poderia muito bem estar morto, por todo o bem que estou fazendo para os meus irmãos e irmãs. Livvy andaria sobre brasas e enfrentaria serpentes sibilantes por Ty, mas ela é tão jovem quanto ele. Ela não pode fazer e ser tudo para ele. Helen está tendo dificuldades com Tibério? Tibério está feliz?

— Eu não sei — disse Simon, impotente. — Acho que sim.

Tudo o que sabia era que havia um monte de crianças Blackthorn: sem rosto, sem nome, vítimas da guerra.

— E há Tavvy — Mark continuou.

Sua voz ficou mais forte enquanto continuava falando, e ele usou apelidos para seus irmãos e irmãs, em vez dos nomes completos que tinha trabalhado tão arduamente para se lembrar. Simon supôs que Mark geralmente não tinha permissão para falar de sua vida mortal ou de sua família Nephilim. Ele não queria pensar no que a Caçada Selvagem poderia fazer com Mark, se ele tentasse.

— Ele é tão pequeno. Não vai lembrar do pai, ou da mam.. ou da sua mãe. Ele é o menor. Deixaram-me segurá-lo no dia em que nasceu, e sua cabeça cabia na palma da minha mão. Ainda posso sentir o seu peso, mesmo quando não posso lembrar do seu nome. Segurei-o e eu sabia que tinha que sustentar sua cabeça: que ele era meu para apoiar e proteger. Para sempre. Oh, mas o para sempre dura tão pouco no mundo mortal. Ele não vai se lembrar de mim também. Talvez Drusilla vá esquecer também — Mark balançou a cabeça. — Eu não penso assim, no entanto. Dru aprende, e ela tem o coração mais doce de todos nós. Espero que suas memórias de mim permaneçam boas.

Clary deve ter dito a Simon cada um dos nomes dos Blackthorn, e falado um pouco sobre como cada um deles estava. Ela deve ter compartilhado alguma informação, que Simon havia descartado como inútil e que seria melhor do que um tesouro para Mark.

Simon olhou para ele, impotente.

— Apenas me diga se Aline está ajudando com os mais jovens — pediu Mark, sua voz cada vez mais forte. — Helen não pode fazer tudo sozinha, e Julian não será capaz de ajudá-la! — Sua voz suavizou novamente. — Julian. Jules. Meu artista, meu sonhador. Mostre-lhe a luz e ele brilharia em uma dúzia de cores diferentes. Tudo com o que ele se preocupa é sua arte e sua Emma. Ele tentará ajudar Helen, é claro, mas ainda é tão jovem. Eles são tão jovens e tão facilmente perdidos. Eu sei o que estou dizendo, Caçador de Sombras. Na terra sob a colina nós pilhamos os mais sensíveis e amorosos. E eles nunca envelhecem, com a gente. Eles nunca têm a chance.

— Oh, Mark Blackthorn, o que estão fazendo com você? — Simon sussurrou.

Ele não conseguiu manter a pena afastada de sua voz, e viu a reação de Mark: o lento rubor que subiu para suas bochechas pálidas, a maneira como ele ergueu o queixo, mantendo a cabeça erguida.

— Nada que eu não possa suportar.

Simon ficou em silêncio. Ele não se lembrava de tudo, mas lembrava do quanto ele tinha mudado. As pessoas podiam suportar tanto, mas Simon não sabia o quanto do original era deixado quando o mundo o torcia em uma forma totalmente diferente.

— Eu me lembro de você — disse Mark de repente. — Nós nos conhecemos quando você estava no seu caminho para o Inferno. Você não era humano, então.

— Não — concordou Simon, sem jeito. — Eu não me lembro muito disso.

— Havia um menino com você — Mark continuou. — Cabelo como uma auréola e olhos como fogo do inferno, um Nephilim entre Nephilim. Eu tinha ouvido histórias sobre ele. Eu... o admirava. Ele apertou uma pedra enfeitiçada na minha mão, e isso significou muito para mim. Então.

Simon não conseguia se lembrar, mas sabia quem deve ter sido.

— Jace.

Mark assentiu, quase distraidamente.

— Ele disse: “Mostre-lhes do que um Caçador de Sombras é feito; mostre-lhes que você não está com medo”. Pensei que eu estava mostrando a ambos, o Povo das Fadas e os Caçadores de Sombras. Eu podia fazer o que ele me pediu. Eu estava com medo, mas não deixei que me impedisse. Mandei uma mensagem para os Caçadores de Sombras e disse a eles que o Povo das Fadas os estava traindo e aliando-se com o inimigo. Tive a certeza de que eles soubessem e pudessem proteger a Cidade de Vidro. Eu os avisei, e a Caçada poderia ter me matado por isso, mas pensei que se eu morresse, morreria sabendo que meus irmãos e irmãs foram salvos, e que todo mundo saberia que eu era um verdadeiro Caçador de Sombras.

— Você conseguiu — disse Simon. — Mandou a mensagem. Idris foi protegida, e seus irmãos e irmãs foram salvos.

— Que herói eu sou — Mark murmurou. — Provei minha lealdade. E os Caçadores de Sombras me deixaram aqui para apodrecer.

Seu rosto se contorceu. Nas profundezas do coração de Simon, o medo se misturava com piedade.

— Eu tentei ser um Caçador de Sombras, mesmo nas profundezas do País das Fadas, e que bem me faz? “Mostre-lhes do que um Caçador de Sombras é feito” – do que um Caçador de Sombras é feito, se abandonam o seu próprio, se jogam fora o coração de uma criança como lixo deixado na beira da estrada? Diga-me, Simon Lewis, se é isso que os Caçadores de Sombras são, por que eu iria querer ser um?

— Porque isso não é tudo o que eles são — disse Simon.

— E do que são feitas as fadas? Ouço Caçadores de Sombras dizerem que elas são todo o mal agora, pouco mais do que demônios criados sobre a terra para fazerem o mal — Mark sorriu, algo selvagem e enigmático em seu sorriso, como a luz solar brilhando através de uma teia de aranha.

— E nós fazemos boas travessuras, Simon Lewis, e às vezes maldade. Mas não é de todo ruim, montar os ventos, correr sobre as ondas, dança acima das montanhas, e é tudo que me resta. Pelo menos a Caçada Selvagem me quer. Talvez desta vez eu devesse mostrar aos Caçadores de Sombras do que um elfo é feito.

— Talvez haja o pior dos dois lados.

Mark sorriu, o fantasma de um sorriso terrível.

— Onde o melhor está? Tento me lembrar das histórias do meu pai, sobre o Jonathan Caçador de Sombras, sobre todos os heróis dourados que serviram como escudos para a humanidade. Mas meu pai está morto. Sua voz se desvanece com o vento norte, e a Lei que o tornou sagrado é algo escrito na areia por uma criança. Nós rimos e acabamos, ninguém deve ser tão tolo a ponto de pensar que iria durar. Tudo o que é bom e verdadeiro, está perdido.

Simon nunca tinha pensado que havia algo de bom em sua perda de memória. Ocorreu-lhe agora que recebera uma pequena misericórdia accidental. Todas as suas memórias tinham sido

arrancadas de uma vez, enquanto as de Mark estavam sendo rasgadas e desgastadas, deslizando com ele, uma a uma, na fria escuridão sob a colina onde nada brilhante durava.

— Eu gostaria de me lembrar — disse Simon — quando nos conhecemos.

— Você não era humano então — Mark falou amargamente. — Mas é humano agora. E parece mais um Caçador de Sombras do que eu.

Simon abriu a boca e descobriu que todas as palavras lhe faltavam. Ele não sabia o que dizer: era verdade, como tudo o Mark disse era verdade. Quando ele vira Mark pela primeira vez, pensara que ele fosse um elfo, e se sentiu instintivamente inquieto. A Academia dos Caçadores de Sombras o estava influenciando mais do que ele pensava.

E o ambiente em Mark estava o havia mudado, também, reclamou o seu passado. Havia uma característica estranha nele que ia além dos ossos finos e das orelhas delicadamente pontudas das fadas. Helen tinha ambos, mas se movia como uma lutadora, elevava-se como uma Caçadora de Sombras, falava como a Clave e o Instituto falava. Mark falava cantando e andava como se estivesse dançando. Simon se perguntou se mesmo que Mark encontrasse o seu caminho de volta, poderia se encaixar no mundo dos Caçadores de Sombras novamente.

Ele se perguntou se Mark se esquecera como mentir.

— O que você acha que eu sou, aprendiz de Caçador de Sombras? — perguntou Mark. — O que acha que eu deveria fazer?

— Mostre-lhes do que Mark Blackthorn é feito. Mostre-lhes tudo.

— Helen, Julian, Livia, Tiberius, Drusilla, Octavian. E Emma — Mark sussurrou, sua voz baixa e reverente, algo que Simon reconhecia da sinagoga, a partir da voz de mães chamando seus filhos, de todos os tempos e lugares que ele tinha ouvido as pessoas chamarem o que elas consideravam mais sagrado.

— Meus irmãos e irmãs são Caçadores de Sombras, e em nome deles eu vou te ajudar. Eu irei.
— Ele virou-se e gritou: — Hefeydd!

Hefeydd das orelhas roxas se esgueirou de volta ao campo de visão, de volta entre as árvores.

— Este é meu parente Caçador de Sombras — disse Mark, com alguma dificuldade.
— Você tem coragem de insistir que tem direito sobre um parente da Caçada Selvagem?

Isso era ridículo. Simon nem mesmo era um Caçador de Sombras ainda, Hefeydd nunca acreditaria. Só que este era Mark, Simon percebeu. Um elfo, segundo todas as aparências, e um elfo a ser temido. Mesmo Simon não sabia se ele podia mentir.

— Claro que não — disse Hefeydd, curvando-se. — Isso seria...

Simon estava olhando para o céu. Ele nem sequer percebera que fazia isso, que tinha começado a varrer os céus desde que alguém começara a cair a partir dele.

Agora que Simon conseguia enxergar, podia ver o que estava acontecendo de forma mais clara: não alguém caindo do céu, mas um cavalo selvagem galopando o céu na direção da terra, e deixando cair o seu cavaleiro. Este cavalo era branco como uma nuvem ou névoa, sua forma orgulhosa e brilhante, e seu cavaleiro que foi arremessado para o chão era branco e

deslumbrante também. Ele tinha cabelos cor de cobalto, o azul escuro da noite antes de se tornar negro, e pousou reluzente e com os olhos brilhando em prata.

— O príncipe — sussurrou Hefeydd.

— Mark da Caçada — disse o novo elfo. — Gwyn o enviou para descobrir por que a caça tinha sido perturbada. Ele não sugeriu-lhe atrasar a Caça por si mesmo ao se deter por um ano e um dia. Está fugindo?

A pergunta foi feita com alguma emoção oculta, embora Simon não pudesse dizer se era suspeita ou outra coisa. Ele podia ver que a pergunta era mais séria, talvez, do que o elfo queria que fosse.

Mark apontou para si mesmo.

— Não, Kieran. Como você vê, Hefeydd trouxe um Caçador de Sombras, e eu estava um pouco curioso.

— Por quê? — perguntou Kieran. — Os Nephilim ficaram para trás, e olhando para trás não há nada, apenas magias quebradas e dor desperdiçada. Olhe para frente, para o vento selvagem e à Caça. E para as minhas costas, porque gosto de estar na sua frente em qualquer caça.

Mark sorriu da maneira que se fazia com um amigo que você queria provocar.

— Lembro-me de várias ocasiões em que esse não foi o caso. Mas vejo que você espera melhor sorte no futuro, enquanto eu confio na habilidade.

Kieran riu. Simon sentiu um salto de esperança – se este elfo era amigo de Mark, então a missão de resgate ainda era válida. Ele tinha se movido, inconscientemente, para mais perto de Mark, fechando a mão em torno de uma das barras de sua jaula. O olhar de Kieran foi atraído para o movimento, e por um instante ele se virou para Simon, os olhos perfeitamente frios de um tubarão negro.

Simon sabia, com certeza até os ossos e sem a menor ideia do motivo, que Kieran não gostava de Caçadores de Sombras e não queria nenhum bem a Simon.

— Deixe Hefeydd com seu brinquedo — disse Kieran. — Vamos embora.

— Ele me contou algo interessante — Mark informou Kieran numa voz frágil. — Ele disse que a Clave decidiu não vir para mim. Meu povo, as pessoas entre quem cresci e fui ensinado a confiar, concordou em me deixar aqui. Você pode acreditar nisso?

— Ainda se surpreende? Sua espécie sempre gostou de completa crueldade tanto quanto a justiça. Eles não tem nada mais a ver com você — disse Kieran, sua voz persuasiva, colocando a mão no pescoço de Mark. — Você é Mark da Caçada Selvagem. Você monta no ar, centenas de quilômetros acima deles. Eles nunca vão feri-lo novamente, apenas o que você permitir. Não permita. Vamos embora.

Mark hesitou, e Simon se viu duvidar. Kieran estava certo, afinal. Mark Blackthorn não devia nada aos Caçadores de Sombras.

— Mark — repetiu Kieran, um fio de aço em sua voz. — Você sabe que há aqueles na Caçada que aproveitariam qualquer razão para puni-lo.

Simon não sabia dizer se as palavras de Kieran eram um aviso ou uma ameaça.

Um sorriso atravessou o rosto de Mark, escuro como uma sombra.

— Melhor do que você — disse ele. — Mas agradeço a sua atenção. Eu vou com você e me explicarei para Gwyn — ele se virou para olhar para Simon, seus olhos bicolores ilegíveis, vidro do mar e bronze.

— Eu voltarei. Não o machuque — disse a Hefeydd. — Dê-lhe água.

Ele balançou a cabeça em direção Hefeydd, dando uma ligeira ênfase no gesto e acenando com a cabeça em direção a Simon. Simon assentiu em troca.

Kieran, a quem Hefeydd chamara de príncipe, manteve seu domínio sobre Mark e virou-o de modo que ele ficou de costas para Simon. Ele sussurrou algo para Mark que Simon não podia ouvir, e Simon não sabia se o aperto de Kieran era carinho, ansiedade ou um desejo de aprisionar.

Simon não tinha dúvidas de que, se Kieran continuasse assim, Mark não voltaria.

Mark assobiou, e Kieran fez o mesmo som. No vento, uma sombra e uma nuvem, se transformaram em um cavalo de escuridão e outro de luz descendo para seus cavaleiros. Mark saltou no ar e desapareceu em um lampejo de escuridão, com um grito de alegria e desafio.

Hefeydd riu, o som baixo rastejando pelo mato.

— Oh, eu lhe darei água com prazer — disse ele, e se aproximou com um copo feito de casca de árvore, cheio até a borda com água que parecia brilhar com a luz da lua.

Simon estendeu a mão através das barras e aceitou a bebida, mas se atrapalhou e derramou metade da água. Hefeydd amaldiçoou e pegou o copo, segurando-o nos lábios de Simon e dando um sombrio sorriso encorajador.

— Ainda há um restinho — ele sussurrou. — Você pode beber. Beba.

Exceto que Simon foi treinado pela Academia. Ele não tinha intenção de aceitar comida ou bebida de fadas, e tinha certeza de que Mark não pedira que água lhe fosse servida com essa intenção. Mark acenara para a chave balançando em uma das mangas do manto de Hefeydd.

Simon fingiu beber enquanto Hefeydd sorriu. Ele guardou a chave em seu uniforme, e quando Hefeydd afastou-se, esperou e contou os minutos até que imaginou que o caminho estivesse livre. Ele deslizou a mão através das barras, inseriu a chave na fechadura e abriu a porta da jaula lentamente.

Então ouviu um som, e congelou.

Saindo das árvores verdes que sussurravam, vestindo uma jaqueta de veludo vermelho e um vestido longo de renda preta que se transformava em fios transparentes em torno dos joelhos, com botas de inverno e luvas vermelhas que Simon pensou que podia se lembrar, graciosa como uma gazela e a decidida como um tigre, estava Isabelle Lightwood.

— Simon! — exclamou ela. — O que você pensa que está fazendo?

Simon bebeu dela com os olhos, melhor do que a água de qualquer lugar. Ela tinha vindo para ele. Os outros devem ter voltado para a Academia e contado que Simon estava perdido no País das Fadas, e Isabelle fora para lá encontrá-lo. Antes de qualquer pessoa, quando estava se preparando para participar de um casamento. Mas ela era Isabelle, e isso significava que ela estava sempre pronta para lutar e defender.

Simon se lembrou de se sentir em conflito quando ela o salvara de um vampiro no ano passado. Agora ele não podia imaginar porquê. Ele a conhecia melhor agora, pensou, conhecia novamente, e sabia por que ela sempre vinha.

— Hã, eu estava fugindo do meu terrível cativeiro — disse Simon. Em seguida, ele deu um passo para longe da porta da gaiola, encontrou os olhos de Isabelle, e sorriu. — Mas você sabe... Não se você não quiser.

Os olhos de Isabelle, que estavam duros com preocupação e objetivos, estavam subitamente brilhando.

— O que você está dizendo, Simon?

Simon estendeu as mãos.

— Só estou dizendo que, se você veio até aqui para me salvar, não quero aparecer ingrato.

— Ah não?

— Não, eu sou do tipo que agradece — respondeu Simon, com firmeza. — Então aqui estou eu, humildemente aguardando o resgate. Espero que você possa ver um caminho limpo para me salvar.

— Acho que eu poderia ser persuadida. Com um incentivo.

— Oh, por favor — implorou Simon. — Eu definhava na prisão, rezando para que alguém corajosa, forte e sexy aparecesse para me salvar. Salve-me!

— Corajosa, forte e sexy? Você não pede muito, Lewis.

— Isso é do que preciso — disse Simon, com crescente convicção. — Eu preciso de uma heroína. Estou esperando por uma heroína, na verdade, até a luz da manhã. E ela tem que ser certa, e rápida – porque fui sequestrada por elfos maus – e ela tem que ser maior que a vida.

Isabelle parecia maior do que a vida, como uma menina na tela cinema com seu gloss brilhando como a luz das estrelas e a música acompanhando cada farfalhar de seu cabelo.

Ela abriu a porta da jaula e entrou, os galhos crepitando sob suas botas, e atravessou o espaço para deslizar os braços ao redor do pescoço de Simon. Simon puxou o rosto dela e beijou-lhe os lábios. Sentiu a maciez de sua boca cor de rubi, o forte corpo bonito contra o seu. O beijo de Isabelle era como um vinho rico servido só para ele, como um desafio oferecido e uma promessa mantida.

Sentiu, contra a sua boca, o sorriso dela.

— Por que, senhor Montgomery — Isabelle murmurou. — Faz tanto tempo. Eu estava preocupada que nunca o veria novamente.

Simon desejou ter enfrentado os chuveiros da Academia, esta manhã. O que importavam os ratos mortos, em face do amor verdadeiro?

O sangue correu em seus ouvidos ao som de um pequeno estalo: a porta da jaula sendo fechada novamente.

Simon e Isabelle se separaram bruscamente. Isabelle parecia pronta para saltar, como um tigre preso.

Hefeydd não parecia particularmente preocupado.

— Dois Caçadores de Sombras pelo preço de um, e um novo pássaro para minha gaiola — disse Hefeydd. — E um pássaro tão bonito.

— Você acha que a sua gaiola pode segurar este pássaro? — Isabelle perguntou. — Você está sonhando. Eu entrei, e posso sair.

— Não sem a sua estela e seu saco de truques. Jogue tudo através das barras da jaula, ou atiro uma flecha em seu namorado e você pode assisti-lo morrer diante de seus olhos.

Isabelle olhou para Simon e, impassível, começou a despir as suas armas e empurrá-las através das barras da jaula. Simon estava agora, talvez perturbadoramente, consciente da quantidade de armas de Isabelle, e notou que ela tinha pulado o punhal no interior de sua bota esquerda. Oh, e a longa faca na bainha em suas costas.

Isabelle tinha muitas, muitas lâminas.

— Não demorará muito até que vocês precisem de água para viver, passarinha bonita — disse Hefeydd. — Eu posso esperar.

Ele se afastou. Isabelle se sentou no chão da gaiola, como se as cordas que a sustentavam tivesse sido cortadas.

Simon olhou para ela com horror.

— Isabelle...

— Eu estou tão humilhada — Isabelle falou, com o rosto entre as mãos. — Eu nem sequer o ouvi chegando. Eu trouxe vergonha para o nome Lightwood. Vergonha absoluta. Humilhação total.

— Estou muito lisonjeado, se isso ajuda.

— Eu me distraí com um rapaz, e, em seguida, fui presa por um goblin — Isabelle gemeu. — Você não entende! Você não se lembra, mas eu não era assim antes de você. Nenhum menino nunca significou nada para mim. Eu tinha equilíbrio. Tinha um propósito. Não tive paixões estúpidas porque nunca fui estúpida. Minha habilidade era pura batalha como um bustiê. Ninguém podia quebrar meu puro sangue frio na caça aos demônios. Eu era boa antes de te conhecer! E agora gasto o meu tempo correndo atrás de um cara com amnésia demônio e perco a cabeça em território inimigo! Agora eu sou uma idiota.

Simon estendeu a mão para a de Isabelle, e depois de um momento Isabelle o deixou colocar a mão em seu rosto e entrelaçou os dedos nos dele.

— Nós podemos ser dois idiotas juntos nessa jaula.

— Você é definitivamente um idiota — Isabelle rebateu. — Lembre-se, você ainda é um mundano.

— Como eu poderia esquecer?

— Nunca lhe ocorreu que eu poderia ser uma fada com um encantamento forte, enviado para enganá-lo?

Você se lembra do nome de seu coração?

— Não — disse Simon. — Eu sou idiota, mas eu não tanto. Não me lembro de tudo sobre o nosso passado, mas lembro-me o bastante. Eu não aprendi tudo sobre você, agora que temos outra chance, mas sei o suficiente. Eu sei que é você quando a vejo, Isabelle.

Isabelle olhou para ele por um longo momento, e então sorriu seu sorriso encantador desafiante.

— Nós somos dois idiotas indo para um casamento. Espero que você tenha notado que eu o deixei pensar que eu mesma abri caminho para esta jaula. Claro, eu peguei a chave antes de entrar — ela puxou a chave para fora da frente do vestido e segurou-a, brilhando na luz daquele lugar estranho. — Posso ser estúpida, mas não idiota.

Ela saltou para seus pés, as saias de renda oscilando em torno dela como um sino, e libertou da prisão.

Ela recuperou suas armas e a estela de onde estavam largadas no chão, e uma vez que suas armas estavam nos lugares certos, pegou a mão de Simon.

Eles estavam apenas a alguns passos da floresta quando uma sombra desceu sobre eles.

Isabelle pegou uma de suas facas, mas era apenas Mark.

— Você ainda não escapou? — Mark perguntou, olhando aflito. — E parou para adquirir uma amante?

Isabelle parou. Ela, ao contrário de Simon, o reconheceu de imediato.

— Mark Blackthorn? — ela perguntou.

— Isabelle Lightwood — observou Mark, imitando seu tom de voz.

— Nós nos conhecemos antes — disse Simon. — Ele me ajudou a obter essa chave.

— Oh certo — respondeu Mark, inclinando a cabeça em um movimento de pássaro. — Não foi nenhuma barganha desigual. Você me deu algumas informações muito interessantes sobre os Caçadores de Sombras, e a grande lealdade que demonstraram para um deles próprios.

As costas de Isabelle se endireitaram frente ao desafio, o cabelo preto voando como uma bandeira quando ela deu um passo em direção a ele.

— Você está cometendo um erro terrível — ela falou. — Eu sei que você é um verdadeiro Caçador de Sombras.

Mark deu um passo para trás.

— É mesmo? — ele perguntou em voz baixa.

— Se tem alguma importância, eu não concordo com a decisão da Clave.

— Essa é a Clave, não é? Quero dizer, eu gosto de Jia Penhallow, e não é que eu não goste de seu pai... — Simon, que não gostava realmente de Robert Lightwood, disse sem jeito — mas a Clave, é basicamente idiota, estou certo? Nós todos sabemos disso.

Isabelle estendeu a mão, palma para baixo, e balançou frente e para trás em um gesto que diz que Você tem um ponto, mas eu me recuso a concordar com ele em voz alta.

Mark riu.

— Sim — disse ele, e parecia um pouco mais são, um pouco mais humano, como se o riso lhe tivesse alterado de alguma forma. Houve um som em suas palavras que fizeram Simon não pensar mais nele como um elfo, mas como um garoto de Los Angeles.

— Basicamente idiotas.

Houve um farfalhar nas árvores, um nascer do vento. Simon pensou poder ouvir o riso e vozes chamando, cascos sobre nuvens e correntes de ar, os latidos dos cães de caça. Os sons de uma caçada, a Caçada, a mais implacável neste ou qualquer mundo. Fraco, mas não longe o suficiente, e se aproximavam.

— Venha com a gente — disse Isabelle de repente. — Qualquer que seja o preço a ser pago, vou pagá-lo.

Mark lançou-lhe um olhar que era partes iguais de admiração e desdenho. Ele balançou a cabeça, folhas tremulando e lançando raios de luz em seus cachos brilhantes.

— O que você acha que aconteceria se eu fosse? Eu iria para casa... meu lar... e a Caçada Selvagem me acompanharia até lá. Imaginou que não sonho em correr para casa milhares de vezes? Toda vez, eu vejo o pobre Julian perfurado com as lanças da Caçada Selvagem. Vejo a pequena Dru e o bebê Tavvy presos de cabeça pra baixo. Imagino o meu Ty dilacerado pelos cães de caça. Não posso ir até que haja um caminho a percorrer sem trazer destruição sobre eles. Eu não irei. Vocês sim, e rápido.

Simon puxou Isabelle para trás, na direção das árvores. Ela resistiu, os olhos ainda em Mark, mas o deixou puxá-la para longe, as folhas escondendo-os enquanto cavalos e mais elfos pousavam, relâmpagos entre as árvores, sombras contra o sol.

— Que problemas está nos causando agora, Caçador de Sombras? — perguntou um elfo montado num cavalo ruão, rindo enquanto o corcel girava. — Que promessa é esta de mais de sua espécie?

— Nenhuma promessa — disse Mark.

Havia mais cavalos se juntando ao ruão, mais e mais da Caçada Selvagem. Simon viu Kieran, uma presença silenciosa branca. O elfo no ruão virou seu cavalo para o lugar onde Simon e Isabelle estavam, e Simon viu o ruão cheirar o ar como um cão.

Seu cavaleiro apontou.

— Por que vejo Caçadores de Sombras, então, em nossa terra e que podem responder perante nós? Devo pedir-lhes que se apresentem?

Ele andava para frente, mas não continuou por muito tempo. Ele vestia um manto bordado com prata que mostrava as constelações, a prata encantada se movendo como se o tempo acelerasse e os planetas girassem rápido o suficiente para o olho ver. Seu cavalo parou, o cavaleiro quase caindo, quando seu belo manto prateado foi subitamente preso a uma árvore por uma flecha bem colocada.

Mark baixou seu arco.

— Não vejo nada — disse ele, pronunciando a mentira com certa satisfação. — Nada que deveria ir – agora.

— Oh, rapaz, você vai pagar por isso — sussurrou o cavaleiro sobre o ruão.

Os cavalos e os cavaleiros berraram como pterodátiles, circulando-o, mas Mark Blackthorn do Instituto Los Angeles se manteve firme.

— Corram! — gritou. — Cheguem em casa em segurança! Digam à Clave salvei mais vidas de Caçadores de Sombras, que serei um Caçador de Sombras condenado para eles, que serei um elfo e os amaldiçoarei! E digam à minha família que eu os amo, eu os amo, e nunca vou esquecê-los. Um dia voltarei para casa.

Simon e Isabelle correram.

* * *

George atirou-se sobre eles no instante em que Simon e Isabelle apareceram nos jardins da Academia, seus braços apertando-o. Beatriz e, para o espanto de Simon, até mesmo Julie voaram para ele apenas um segundo atrás de George, e ambas bateram em seu braço sem piedade.

— Ai — disse Simon.

— Estamos tão felizes que você está vivo! — disse Beatriz, socando-o.

— Por que você deveria me machucar com o seu amor? — perguntou Simon. — Ai.

Ele desembaraçou-se de suas garras, mas também pareceu levemente ferido, e depois olhou em volta em busca de outro rosto familiar. Ele sentiu um toque frio do medo.

— Marisol está bem? — perguntou.

Beatriz bufou.

— Oh, ela está melhor do que bem. Está na enfermaria com Jon esperando em seus pés. Já que vocês mundanos não podem ser curados com runas e ela está explorando tudo o que vale a pena. Não tenho certeza do motivo de Jon estar mais apavorado, o pensamento de quão frágeis são mundanos, ou o fato de que ela continua ameaçando explicar a máquina de raios-X para ele.

Simon estava muito impressionado que mesmo uma flecha não pudesse abrandar Marisol e toda a sua maldade.

— Nós pensamos que você poderia estar morto — disse Julie. — O Povo das Fadas faria qualquer coisa contra Caçadores de Sombras, aquelas serpentes traiçoeiras e maléficas. Eles poderiam ter feito alguma coisa para você.

— E teria sido minha culpa — George acrescentou, pálido. — Você estava tentando me parar.

— Teria sido culpa das fadas — negou Julie. — Mas você foi descuidado. Tem que lembrar do que eles são, menos humanos do que tubarões.

George balançava a cabeça com humildade. Beatriz parecia estar em pleno acordo.

— Sabem de uma coisa? — disse Simon. — Eu já tive o suficiente.

Todos olharam para ele em incredulidade. Mas Isabelle olhou para ele e sorriu. Ele pensou que finalmente entendeu o fogo que ardia em Magnus, o que o fez continuar a falar quando a Clave não queria ouvir.

— Eu sei que todos vocês pensam que estou sempre criticando os Nephilim — Simon continuou. — Sei que vocês acreditam que eu não sei o suficiente das tradições sagradas do Anjo, e o fato de que estarem prontos para dar suas vidas, a qualquer dia, para proteger os humanos. Sei que pensam que não importa para mim, mas importa. Significa muito. Mas eu não tenho o luxo de ver apenas de uma perspectiva. Vocês todos percebem quando coloco os Caçadores de Sombras para baixo, mas ninguém repara quando vocês falam dos seres do Submundo. Eu *fui* um ser do Submundo. Hoje fui salvo por alguém que a Clave decidiu condenar como um ser do Submundo, mesmo que ele tenha sido corajoso como qualquer Caçador de Sombras, mesmo que ele tenha sido leal. Parece que vocês querem que eu simplesmente aceite que os Nephilim são ótimos e nada precisa mudar, mas não vou aceitar qualquer coisa.

Ele respirou fundo. Sentiu como se todo o conforto da manhã lhe tivesse sido arrancado. Mas talvez fosse o melhor. Talvez ele tivesse ficado confortável demais.

— Eu não gostaria de ser um Caçador de Sombras se pensasse que eu seria um Caçador de Sombras como os seus pais ou o pai de seus pais antes deles. E não gostaria de vocês se pensasse que vocês se tornariam Caçadores de Sombras como os que vieram antes de vocês. Eu quero que tudo para nós seja melhor. Ainda não descobri como mudar ainda, mas quero que tudo mude. E sinto muito se isso os perturba você, mas eu continuarei reclamando.

— Depois — disse Isabelle. — Ele vai continuar reclamando depois, porque nós vamos para um casamento agora.

Todos pareciam levemente atordoados que seu feliz reencontro tivesse se transformado em um discurso sobre os direitos dos seres do Submundo. Simon pensou que Julie daria uma chicotada em sua cabeça, mas em vez disso ela deu um tapinha nas costas dele.

— Tudo bem — ela concordou. — Vamos ouvir a sua lamentação tediosa mais tarde. Por favor, tente manter-se breve.

Ela saiu com Beatriz. Simon olhou para ela, e percebeu que Isabelle apertava os olhos depois de, bem, um olhar de leve suspeita em seu rosto.

Simon teve um momento de dúvida. George falava de Beatriz quando comentara sobre uma garota gostar de Simon, certo?

Certamente não Julie. Não *poderia ser Julie*.

Não, certamente não. Simon tinha bastante certeza de que estava apenas recebendo um desconto por conta de sua fuga do País das Fadas.

George ficou para trás.

— Eu realmente sinto muito, Si — falou para Simon. — Eu perdi a cabeça. E-eu talvez não estivesse pronto para liderar uma equipe. Mas estarei pronto um dia. Eu vou fazer o que você disse. Vou me tornar um Caçador de Sombras melhor do que qualquer Caçador de Sombras antes de nós. Você não terá que pagar pelos meus erros novamente.

— George, está tudo bem.

Nenhum deles era perfeito. Nenhum deles poderia ser.

O rosto sempre alegre de George ainda estava sob uma nuvem de infelicidade como quase nunca estava.

— Eu não vou falhar novamente.

— Eu acredito em você — disse Simon, e sorriu para ele, até que finalmente George sorriu de volta.

— Porque é isso que caras fazer.

* * *

Uma vez que chegou em Idris, Simon viu-se mergulhado em um estado de caos de casamento. O caos de casamento parecia muito diferente dos tipos normais de caos. Havia, de fato, muitas flores.

Simon teve um buquê de lírios empurrado para cima dele e ficou segurando-o, com medo que caso se movesse e as flores caíssem, ele seria responsável por arruinar o casamento inteiro.

Muitos convidados do casamento passavam apressados, mas havia um grupo que era todo de crianças, sem adultos. Simon agarrou seus lírios e concentrou sua atenção nos Blackthorn.

Se ele não tivesse conhecido Mark Blackthorn, tinha certeza de que pensaria neles como um amontoado de crianças anônimas.

Agora, porém, sabia que eram a família de alguém: o desejo do coração de alguém.

Helen, Julian, Livia, Tiberius, Drusilla, Octavian. E Emma.

A Helen esguia como um salgueiro, prata clara, Simon já conhecia. Ela estava em um dos muitos quartos que ele foi proibido de entrar, tendo misteriosas coisas de noiva feitas para ela.

Julian era o mais velho a seguir, era o centro calmo de uma multidão Blackthorn movimentada. Ele tinha uma criança em seus braços, que era um pouco grande para Julian carregar, mas se agarrava tenazmente ao pescoço de Julian como um polvo em ambiente desconhecido. O garoto devia ser Tavvy.

Todos os Blackthorn estavam vestidos para o casamento, mas já um pouco sujos em algumas partes, da forma misteriosa que as crianças ficam. Simon não tinha certeza de como. Eram todos, exceto Tavvy, um pouco velho demais para brincar na sujeira.

— Eu vou limpar Dru — ofereceu Emma, que era alta para seus quase quatorze anos, com uma coroa de cabelos loiros que a fazia se destacar entre os Blackthorn de cabelos escuros como um narciso em uma cama de amores-perfeitos.

— Não, não se preocupe — respondeu Julian. — Eu sei que você quer passar algum tempo com Clary. Você só falou disso pelos últimos quinze mil anos, mais ou menos.

Emma empurrou-o divertidamente. Ela era mais alta do que ele: Simon lembrou que aos treze anos era menor do que todas as meninas também.

Todas as meninas, exceto uma, ele se lembrou lentamente, a imagem verdadeira do seu décimo terceiro aniversário deslizando sobre a falsa, onde a pessoa mais importante de sua vida tinha sido desajeitadamente photoshopada para fora. Clary sempre fora pequena. Não importa quão baixo ou inábil Simon se sentira, ele sempre se elevou sobre ela e sentiu que era seu dever protegê-la.

Ele se perguntou se Julian desejava que Emma fosse mais baixa que ele. A partir do olhar no rosto de Julian enquanto ele considerava Emma, não havia uma única coisa sobre ela que ele mudaria. *Sua arte e sua Emma*, Mark dissera, como se fossem os dois fatos essenciais sobre Julian. Seu amor pela beleza e seu desejo de criá-la, e sua melhor amiga em todo o mundo. Eles seriam parabatai, Simon tinha certeza. Aquilo era legal.

Emma saiu em busca de Clary com um último sorriso para Julian.

Exceto que Mark estava errado. Arte e Emma não eram claramente tudo o que ocupava os pensamentos de Julian.

Simon viu quando ele se agarrou a Tavvy e se inclinou sobre uma menininha que tinha uma súplica no rosto redondo e uma nuvem de cabelos castanhos.

— Perdi a minha coroa de flores e não consigo encontrá-la — sussurrou a menina.

Julian sorriu para ela.

— Isso é o que acontece quando você perde as coisas, Dru.

— Mas se eu não usar uma coroa de flores como Livvy, Helen vai pensar que sou descuidada e que não cuido das minhas coisas e não gosto dela tanto quanto Livvy. Livvy ainda tem a sua coroa de flores.

A outra garota no grupo, mais alta do que Dru e no estágio onde os braços e pernas eram finos como palitos e mais longos que o resto de seu corpo, estava de fato usando uma coroa de flores em seu cabelo castanho claro. Ela estava perto de um menino que tinha fones de ouvido no meio do caos do casamento, e os olhos cinza de inverno fixados em alguma visão particular distante.

Livvy andaria sobre brasas e enfrentaria serpentes sibilantes por Ty, Mark tinha dito. Simon lembrou-se da infinita ternura com que Mark dissera o *meu Ty*.

— Helen a conhece melhor do que isso — respondeu Julian.

— Sim, mas... — Drusilla puxou-o pela manga para que ele se curvasse para baixo e ela pudesse, em um sussurro agonizante: — ela se foi faz tanto tempo. Talvez ela não se lembre... totalmente de mim.

Julian virou o rosto para que nenhum de seus irmãos pudesse ver a sua expressão. Apenas Simon viu o brilho de dor, e ele sabia o seu significado. Sabia que não teria visto, se não tivesse encontrado Mark Blackthorn, se não estivesse prestando atenção.

— Dru, Helen a conhece desde que nasceu. Ela vai se lembrar de tudo.

— Mas mesmo assim — respondeu Drusilla. — Ela vai embora de novo muito em breve. Quero que ela pense que eu sou boa.

— Ela sabe que você é boa — Julian disse a ela. — A melhor. Mas nós vamos encontrar a sua coroa de flores, tudo bem?

As crianças mais jovens não conheciam Helen da mesma forma que Julian, como um irmão que estava lá o tempo todo. Eles não podiam confiar em alguém que foi tão longe.

Julian era o pai delas, Simon percebeu com pavor. Não havia mais ninguém.

Mesmo que os Blackthorn tivessem uma família que queria estar lá para eles, queria desesperadamente.

A Clave partira uma família, e Simon não sabia do efeito que teriam no futuro, ou como as feridas infligidas pela Clave se curariam.

Ele pensou, mais uma vez, como se ainda estivesse falando com seus amigos na Academia: *Nós temos que ser melhores do que isso. Caçadores de Sombras têm que ser melhor do que isso. Temos que descobrir que tipo de Caçadores de Sombras que queremos ser, e mostrar-lhes.*

Talvez Mark não conhecesse Julian assim como imaginava. Ou talvez o irmão mais novo de Mark, sem escolha, tivesse mudado tranquilo e profundamente.

Todos eles tinham que mudar. Mas Julian era tão jovem.

— Ei — disse Simon. — Posso ajudar?

Os dois irmãos não eram muito parecidos, mas Julian corou e ergueu o queixo da mesma forma que Mark o fez – como se não importasse o motivo, ele era orgulhoso demais para admitir que pudesse estar sofrendo.

— Não — ele respondeu, e deu um brilhante sorriso caloroso para Simon que foi realmente muito convincente. — Estou bem. Eu os tenho.

Parecia verdade, até que Julian Blackthorn estava fora do alcance de Simon, e, em seguida, Simon notou mais uma vez que Julian carregava uma criança que era grande demais para ele carregar, com outro garoto segurando em sua camisa. Simon podia realmente ver o quanto havia naqueles jovens ombros magros.

* * *

Simon não entendia completamente as tradições dos Caçadores de Sombras.

Havia vários tópicos na Lei sobre com quem você podia e não podia se casar: se você se casasse com um mundano que não Ascendeu, era despojado de suas Marcas e tirado do convívio de seus iguais. Você podia se casar com um ser do Submundo em uma cerimônia mundana ou do Submundo, e você não seria expulso, mas todos ficariam embaraçados, algumas pessoas agiriam como se o seu casamento não contasse, e a sua terrivelmente tradicional tia-avó Nephilim Nerinda começaria a se referir a você como a vergonha da família. Além disso, com a Paz Fria como era, qualquer Caçador de Sombras que quisesse se casar com uma fada com certeza não seria felicitado.

Mas Helen Blackthorn era uma Caçadora de Sombras, pela sua própria Lei, não importa quantas pessoas pudessem desprezar ou desconfiar dela pelo seu sangue de fada. Caçadores de Sombras não tinham realmente algo em sua preciosa Lei que Caçadores de Sombras não podiam se casar com alguém do mesmo sexo. Possivelmente apenas porque não ocorrera a ninguém essa opção.

Então, Helen e Aline, na verdade, podiam se casar em uma cerimônia de Caçador de Sombras, aos olhos de ambas as famílias e seu mundo. Mesmo que elas fossem exiladas novamente logo depois, elas tinham muito.

Em um casamento de Caçadores de Sombras, Simon soubera, veste-se dourado e Marca-se com a runa de casamento sobre seus corações e braços. Havia uma tradição, meio que a entrega da noiva, para ambas as partes em um casamento. A noiva e o noivo (ou, neste caso, as noivas) escolhiam a pessoa mais importante para eles em sua família – às vezes um pai, uma mãe ou um *parabatai*, um irmão ou amigo, o próprio filho ou um idoso que simbolizava toda a família – e o escolhido, ou *suggenes*, daria à noiva ou noivo o seu amado, e saudaria o amado para sua própria família.

Isso nem sempre era possível em casamentos Caçadores de Sombras, por conta de, por vezes, toda a sua família e todos os seus amigos tivessem sido engolidos por demônios. Você nunca sabia com Caçadores de Sombras.

Mas Simon pensou ser bonito que Jia Penhallow, Consulesa e membro mais importante da Clave, estivesse de pé como *suggenes* para dar sua filha Aline para os contaminados e escandalosos Blackthorn, e para receber Helen no seio de sua família.

Aline estava um pouco nervosa ao sugerir isso. Jia ficou um pouco nervosa ao concordar. Mas Simon supôs que a Clave já tinha efetivamente exilado a filha de Jia: o que mais poderiam fazer

com ela? E que melhor forma de educadamente cuspir no seu olho, do que dizer: Helen, a garota fada em quem vocês cuspiram e exilaram, é agora tão boa quanto a filha da consulesa.

Do que um Caçador de Sombras é feito, se abandonam o seu próprio, se jogam fora o coração de uma criança como lixo deixado na beira da estrada?

Julian era quem estava parado ao lado de Helen. Ele estava de pé em suas roupas inscristas de ouro, a irmã em seu braço, e seus olhos mar-à-luz-do-sol brilhavam como se ele estivesse feliz como qualquer criança poderia ser. Como se ele não tivesse uma só preocupação no mundo.

Helen e Aline estavam usando vestidos dourados, fios de ouro brilhando como a luz das estrelas no cabelo preto de Aline. Ambas estavam tão felizes que suas expressões ofuscavam seus vestidos. Eles ficaram no centro da cerimônia, dois sóis, e por um momento todo o mundo parecia girar sobre elas.

Helen e Aline desenharam as runas do casamento sobre coração uma da outra com mãos firmes. Quando Aline puxou a cabeça brilhante de Helen para baixo para dar um beijo, houve aplausos por todo o salão.

— Obrigada por nos deixar vir — sussurrou Helen após o término da cerimônia, abraçando sua nova sogra.

Jia Penhallow tomou a nora em seus braços e respondeu, em voz consideravelmente mais alta do que um sussurro:

— Lamento deixá-las serem mandado embora de novo.

Simon não contou a Julian Blackthorn sobre o encontro com Mark mais do que não contara a Mark que Helen não estava lá para cuidar das crianças Blackthorn. Parecia crueldade carregar mais um fardo sobre os ombros já sobrecarregados. Parecia melhor mentir, como as fadas não podiam.

Mas quando foi felicitar Helen e Aline, ele se aproximou e beijou Helen na bochecha, para que pudesse sussurrar-lhe:

— Seu irmão Mark envia-lhe o seu amor e seus votos de felicidade para o seu casamento.

Helen olhou para ele, lágrimas repentinas em seus olhos, mas o sorriso ainda mais radiante do que antes.

Tudo vai mudar para os Caçadores de Sombras, Simon pensou. Para todos nós. Tem que mudar.

* * *

Simon teve permissão especial para passar a noite em Idris, então não teria que deixar as celebrações do casamento cedo.

Ele dançaria mais tarde, mas por enquanto as pessoas estavam em grupos, conversando.

Helen e Aline estavam sentadas no chão, no centro do Blackthorn, como duas flores douradas que surgiram a partir do solo e floresceram. Tibério descrevia para Helen, com uma voz grave, como ele e Julian tinham se preparado para o casamento.

— Passamos por qualquer cenário potencial que poderia ocorrer — ele disse a ela. — Como se estivéssemos reconstruindo uma cena de crime, mas em sentido inverso. Então eu sei exatamente o que fazer, não importa o que acontecer.

— Isso deve ter dado bastante trabalho — comentou Helen. Tibério assentiu. — Obrigada, Ty. Realmente gostei de saber.

Ty parecia satisfeito. Dru, usando sua coroa de flores e sorrindo de orelha a orelha, puxou as saias douradas de Helen para chamar a sua atenção. Simon pensou que raramente vira qualquer grupo de pessoas que pareciam tão felizes.

Ele tentou não pensar sobre o que Mark teria dado para estar aqui.

— Você quer ir em um passeio pelo rio comigo e Izzy? — Clary perguntou, cutucando-o.

— O que, sem Jace?

— Ah, eu o vejo o tempo todo — Clary respondeu, com o conforto de um amor familiar e confiável.

— Não é como o meu melhor amigo.

Jace – que estava sentado conversando com Alec, este que mais uma vez não trocara nem uma única palavra com Simon – fez um gesto obsceno para Simon enquanto ele saía com Isabelle e Clary, uma em cada braço. Simon não foi realmente enganado pela demonstração de raiva de Jace. Jace o abraçara quando o viu, e cada vez mais Simon começava a acreditar que ele e Jace não tiveram uma relação em que eles se abraçavam antes.

Mas, aparentemente, eles eram do tipo abraçadores agora.

Simon, Isabelle e Clary saíram andando ao longo do rio. As águas pareciam cristal negro ao luar, e ao longe, as torres demoníacas brilhavam como colunas de luar.

Alicante era linda no inverno, uma cidade onde o gelo filigranado complementava o vidro. Simon caminhou um pouco mais lentamente do que as meninas, fascinado pela estranheza e pela magia desta cidade, uma cidade que a maior parte do mundo não sabia que existia, o coração brilhante de uma terra secreta e oculta.

Simon estava acostumado com a Academia agora. Ele, sem dúvida, se acostumaria com Idris com o tempo.

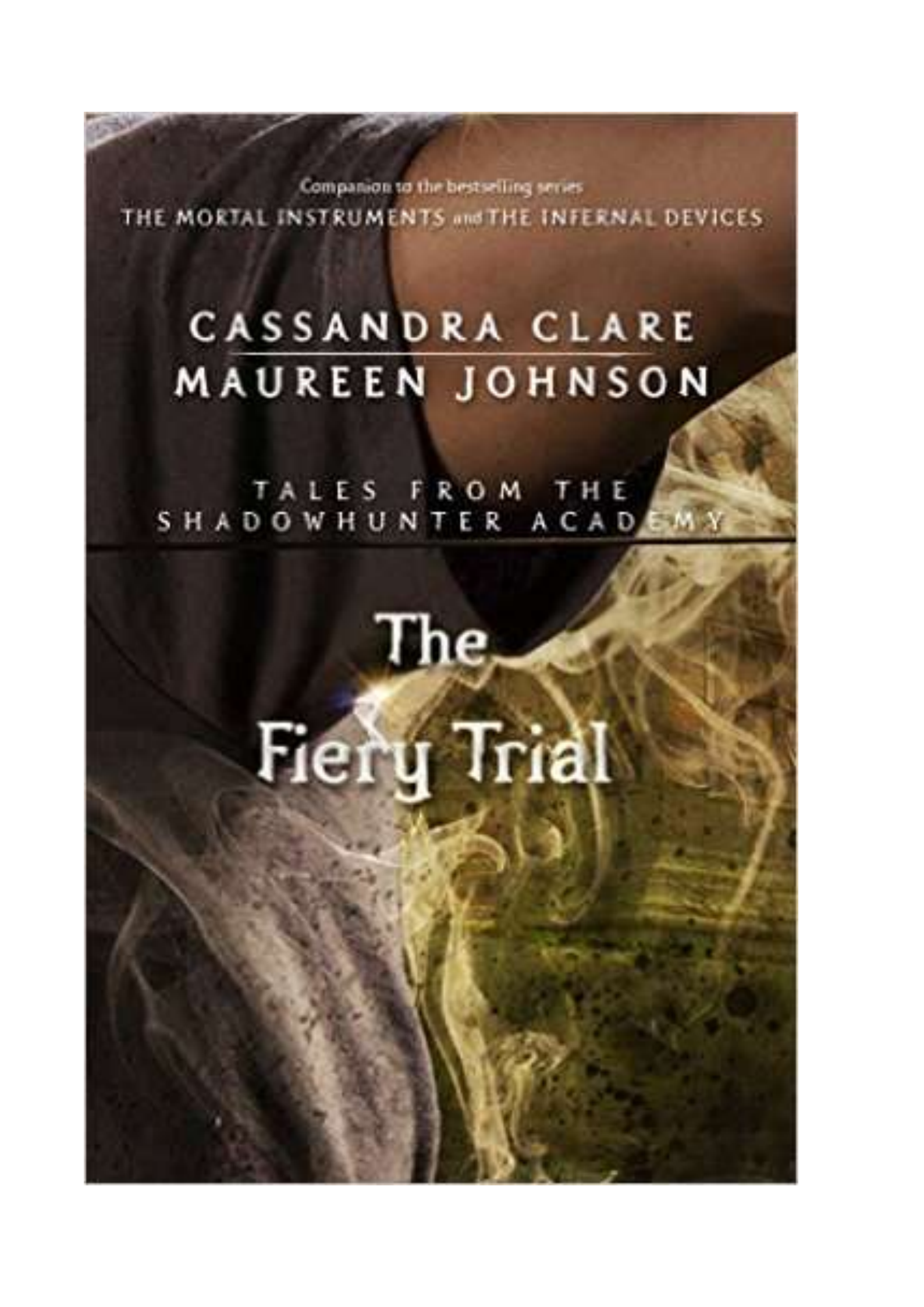
Tanta coisa havia mudado, e Simon mudara muito. Mas no final, ele não tinha perdido o que era mais precioso para ele. Ele ainda tinha o nome de seu coração.

Isabelle e Clary olhavam para ele, andando tão próximas que a cachoeira de cabelo cor de corvo de Isabelle misturava-se com os cachos de pôr do sol impetuosos de Clary. Simon sorriu e sabia o quão sortudo ele era, tinha sorte em comparação com Mark Blackthorn, que estava trancado longe do quem ele mais amava, sorte em comparação com o bilhão de outras pessoas que não sabia que o que eles amavam eram o melhor de tudo.

— Você vem, Simon? — Isabelle gritou.

— Sim — Simon respondeu de volta. — Estou chegando.

Ele era afortunado por conhecê-las, e afortunado por saber que elas estavam ali com ele, e o que sentiam: ele era amado, lembrou-se, e não estava perdido.



Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INFERNAL DEVICES

CASSANDRA CLARE
MAUREEN JOHNSON

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

The Fiery Trial

A PROVA DE FOGO

Simon e Clary são testemunhas da cerimônia parabatai de Emma Carstairs e Julian Blackthorn... e discutem os seus próprios planos parabatai.

Simon estava começando a pensar sobre o fogo. O fogo parecia não gostar dele.

Isso parecia paranoia.

Do lado de fora, as árvores estavam sem folhas e os campos, marrons. Dentro, até o mofo se refugiou nas junções entre as pedras da parede.

Os Caçadores de Sombras não acreditavam muito em aquecimento central. A Academia tinha lareiras, não muitas, e nunca perto o suficiente de alguém. Não importa onde Simon se sentava, o fogo estava sempre do outro lado da sala. A elite sempre entrava primeiro e sentava perto das lareiras. Mas mesmo quando isso não acontecia e todos entravam juntos, Simon acabava mais distante do fogo. Quando se está com frio, o fogo crepitante parece zombar de você. Simon tentou descartar esse pensamento de sua cabeça, porque a lareira claramente não estava zombando dele.

Porque isso com certeza era paranoia.

Havia várias lareiras no refeitório, mas George e Simon tinham parado de tentar conseguir um lugar perto de uma. Simon já tinha coisas o suficiente para se preocupar. Ele estava olhando para o prato. Disse a si mesmo que também tinha que parar com isso, parar de pensar na comida, apenas devia engolir. Mas ele não podia evitar. Toda noite ele brincava de adivinhar. Esta noite parecia ser algum tipo de mistura frita, mas parecia ter massa. Havia pimenta. E algo vermelho.

Era uma pizza! Alguém tinha feito pizza frita.

— Não! — ele disse sonoramente.

— O quê?

Seu colega de quarto, George Lovelace, já comia seu jantar. Simon apenas balançou a cabeça. Essas coisas não incomodavam George, de qualquer forma.

Em sua casa no Brooklyn, se Simon tivesse ouvido falar que alguém montou uma pizza frita, ele não teria se importado. Assumiria que algum restaurante moderno decidira desconstruir a pizza porque era isso que os restaurantes modernos do Brooklyn faziam. Simon teria rido, e talvez em algum momento a pizza frita se tornaria popular, e então começaria a ter pizza frita em *food trucks*, e em seguida, ele teria provado. Porque era assim que funcionava no Brooklyn e porque era pizza.

Mas nessa situação? O melhor palpite era que talvez alguém tenha deixado a pizza cair no óleo, ou ela se quebrou e por algum motivo a única solução concebível foi colocar a pizza em uma panela e fritá-la. O problema não era a pizza, não realmente.

O problema era que a pizza o fez lembrar-se de casa. Qualquer nova-iorquino confrontado com uma pizza ruim seria obrigado a pensar em casa, pelo menos por alguns instantes. Simon nasceu e foi criado em Nova York, da mesma forma que a elite nasceu e foi criada como Caçadores de Sombras.

Era uma parte dele, o zumbido e o pulsar da cidade que podia ser tão rígida quanto a Academia. Ele sabia procurar por ratos nos trilhos do metrô ou à beira das praças públicas. Foi treinado instintivamente para se desviar para evitar se sujar com a neve suja pelos táxis. Ele nem sequer precisava olhar para baixo para passar por cima da sujeira deixada pelos cães. Obviamente, havia partes melhores do que isso. Ele se distraiu lembrando da Ponte do Brooklyn durante a noite, com a cidade inteira iluminada pelas grandiosas montanhas feitas pelo homem, o rio passando por baixo da ponte.

Sentia falta da sensação de estar ao redor de tantas pessoas fazendo coisas incríveis. Sentia falta da sensação constante de tudo parecendo um espetáculo magnífico. E sentia falta de sua família e amigos.

O feriado estava ali, e ele deveria estar em casa. Sua mãe já teria pegado o menorá de argila que ele pintara na oficina “Faça Você Mesmo” quando era criança. Era brilhante, decorado com tinta azul, branco e prata. Ele e a irmã estavam no comando do preparo de panquecas de batata juntos. Eles se sentavam no sofá para trocar presentes. E todo mundo que importava estava a uma pequena distância de caminhada, até a estação de metrô, no máximo.

— Você está com aquele olhar de novo — George comentou.

— Desculpe.

— Não se desculpe. Não tem problema ficar triste. É feriado e nós estamos aqui.

Isso era o que tornava George tão bom, ele sempre sabia o que falar e nunca o julgava.

Havia muitas desvantagens em estar na Academia dos Caçadores de Sombras, mas George compensava a maioria delas. Simon tivera bons amigos antes. Mas George era como um irmão. Eles compartilhavam o quarto. Compartilhavam suas desgraças, seus pequenos triunfos e suas refeições terríveis. E no ambiente competitivo da Academia, George sempre estava atrás de Simon. Ele nunca tentou fazer nada melhor do que Simon (e parecendo um dos deuses gregos menores, George muitas vezes era melhor, não só nas competições físicas). Simon sentiu seu espírito flutuar novamente. George saber o que ele estava pensando – apenas ter o seu amigo lá – já era o suficiente.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntou George, acenando com a cabeça para alguém atrás Simon.

A reitora Penhallow aparecera do outro lado do refeitório (perto da lareira zombadora). Ela não costumava vir jantar no refeitório. Ela nunca nem passava por perto do lugar.

— Atenção, por favor! — ela chamou. — Temos algumas notícias maravilhosas para compartilhar com todos os alunos da Academia. Julie Beauvale e Beatriz Mendoza, por favor, juntem-se a mim.

Julie e Beatriz se olharam ao mesmo tempo, sorrindo. Simon vira esse tipo de sorriso antes, esse movimento sincronizado. Era totalmente igual Jace e Alec. A dupla fez seu caminho através da sala. As pessoas começaram a afastar as cadeiras para dar espaço para elas, e havia o mais leve murmúrio.

A lareira ria e ria, crepitava e continuava rindo. Quando elas chegaram ao final do refeitório, a reitora colocou um braço em volta de cada uma delas, e todos da escola ficaram encarando.

— Tenho o prazer de anunciar que Julie e Beatriz decidiram se tornar *parabatai*.

Começou uma súbita onda de aplausos. A maioria deles era da elite, eles gritaram e comemoraram. Isto foi permitido por alguns momentos, e, em seguida, a reitora levantou a mão.

— Como todos sabem, a cerimônia *parabatai* é um compromisso sério, um vínculo quebrado apenas pela morte. Sei que esta notícia fará muitos de vocês pensarem seriamente em se tornar um *parabatai*. Nem todos os Caçadores de Sombras tem um *parabatai*, ou mesmo querem um. Na verdade, a maioria de vocês não terão um. Por isso é muito importante vocês se lembrarem disso. Se vocês se sentirem, como Julie e Beatriz, que chegou a hora de se tornar parabatai, ou se quiser conversar com alguém sobre qualquer parte da cerimônia ou o que ela significa, pode procurar qualquer um de nós. Estamos todos aqui para ajudá-los com a decisão mais importante de suas vidas. Mas, novamente, parabéns a Julie e Beatriz. Em sua honra, teremos bolo esta noite.

Enquanto ela falava, os cozinheiros da Academia chegaram trazendo um grande bolo assimétrico.

— Vocês agora podem retornar à sua refeição e, por favor, comam um pedaço de bolo.

— De onde veio isso? — perguntou George. — Aquelas duas? *Parabatai*?

Simon balançou a cabeça. As famílias de Caçadores de Sombras se enroscavam entre si como trepadeiras. Era mais fácil encontrar o seu parceiro de vida quando o conhecia desde o nascimento.

Muitos na Academia eram estrangeiros. Julie e Beatriz eram da elite, mas Simon nunca tinha imaginado que elas fossem tão próximas assim.

— Bem, isso foi uma surpresa — disse George em voz baixa. — Você está bem?

Ele deu um tapinha de leve em Simon.

Tinha pensado em pedir que Clary fosse sua *parabatai*. Mas *parabatai* eram como Alec e Jace, treinavam juntos como Caçadores de Sombras desde que eram crianças. Claro, Simon e Clary se conheciam há muito tempo, mas não da maneira de lançar facas e matar demônios (exceto nos *videogames*, que infelizmente, não contavam). Ele começou a pensar na ideia de se tornar um parabatai, mas sabia que mentalmente não era capaz disso. Ele treinava o tempo todo. E não a via ultimamente. Ele...

... era muito bom em inventar desculpas.

Ele se acovardou. Via a chegada do seu aniversário como um relógio gigante de contagem regressiva. Todo dia ele dizia a si mesmo que era tarde demais. Clary tinha chegado um dia

antes do seu aniversário, trazendo-lhe uma *Sandman Omnibus* de presente. Até então, ele disse a si mesmo, a contagem regressiva estava acabando. A campainha tocou em sua mente. Ele já tinha dezenove anos.

Ele tentou tirar isso da mente. Mas agora, olhando para essas duas *parabatai* recém-anunciadas, deu um chute mental em si mesmo.

— Isso não é para todos, Si — disse George. — Vamos. Coma a sua comida e vamos voltar a conversar mais sobre *Firefly*.

Durante as noites, Simon se ocupara em expandir a educação cultural de George, explicando a trama de cada episódio de *Firefly*, um por um. Isso se tornou um ritual agradável, mas também tinha uma contagem regressiva. Só havia mais um episódio para discutir. Antes que eles pudessem começar a conversar sobre isso, no entanto, a reitora passou pela mesa deles e parou.

— Simon Lewis, venha comigo por um instante, por favor?

As pessoas das outras mesas começaram a olhar para eles. E George olhou para baixo e ficou cutucando sua pizza-frita.

— Claro... — respondeu Simon. — Eu estou com problemas?

— Não — ela disse, com voz monótona. — Nada de problemas.

Simon empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— Eu te vejo no nosso alojamento, né? — perguntou George. — Eu te levo um pedaço de bolo.

— Claro — confirmou Simon.

Muitas pessoas o assistiram levantar, porque é isso o que acontece quando a reitora te chama para conversar no meio do jantar. Mas a maioria da elite estava em volta de Julie e Beatriz.

Havia risos e gritos e todo mundo falava muito alto. Simon deu a volta neles para chegar até a reitora.

— Por aqui — ela indicou.

Simon tentou fazer uma pausa perto da lareira só por um segundo, mas a reitora já estava caminhando em direção à porta que era usada pelos professores. Os professores não comiam sempre com eles. Havia claramente outro lugar, outra sala de jantar em algum lugar na Academia. Catarina era a única que ia ao refeitório regularmente, e Simon tinha a impressão de que ela fazia isso porque preferia enfrentar a comida horrível dos estudantes do que se sentar junto com um grupo de Caçadores de Sombras em uma sala privada.

Simon nunca tinha passado pelo corredor pela qual a reitora o levava. Era mais mal iluminado do que os que alunos utilizavam. Havia tapeçarias nas paredes de pedra que eram certamente tão antigas quanto as do resto da escola, mas também pareciam mais valiosas.

As cores eram mais brilhantes e o dourado tinha um brilho de ouro de verdade. Havia também armas ao longo das paredes. As armas dos estudantes estavam todas na sala de armas e os que tinham alguma própria deviam manter em algum lugar seguro. Se você queria uma espada,

precisava tirar várias amarras para usá-las. Mas estas armas eram colocadas em suportes simples, fáceis de arrancar em poucos segundos.

O barulho do refeitório foi dissipando conforme eles andavam, até que não podiam ouvir mais nada. O salão abriu-se depois de uma série de portas fechadas, e estava cada vez mais cheio de silêncio.

— Para onde estamos indo? — perguntou Simon.

— Para a recepção — falou a reitora.

Simon olhou para fora das janelas enquanto passavam por elas. Aqui, o vidro era uma colcha de pequenos vidrilhos, unidos por juntas de chumbo. Cada pedacinho era velho e deformado, e o efeito era como de um caleidoscópio barato, que na maior parte era escuro e em certos pontos era como uma neve caindo muito levemente. Era o tipo de neve que não seria possível enxergar no chão. Seria apenas pó sobre a grama morta. O termo técnico para esse nível, ele decidiu, seria um “incômodo” de neve.

Eles chegaram a uma curva no corredor. A reitora abriu a primeira porta após a curva e revelou uma pequena, mas grandiosa sala, com móveis que não estavam nem um pouco gastos ou esfarrapados. Cada cadeira no quarto tinha pernas do mesmo comprimento, e os sofás eram longos e pareciam confortáveis. Eles estavam cobertos por exuberantes almofadas de veludo cor de uva.

Havia uma mesa baixa de cerejeira, e sobre ela havia uma enorme e elaborada bandeja de prata com xícaras de porcelana para chá. E sentados ao redor da mesa, nas cadeiras e sofás de fina qualidade, estavam Magnus Bane, Jem Carstairs, Catarina e Clary, seu cabelo vermelho brilhante se contrastando com o seu suéter azul. Magnus e Catarina estavam sentados no sofá do outro lado (perto da lareira, que como em todas as outras salas, ficava no fim do cômodo). Clary olhou para Simon, e embora ela tivesse sorrido assim que o viu, sua expressão sugeriu que seu convite para esta pequena reunião também fora recente e não bem-explicado.

— Simon — disse Jem. — É tão bom vê-lo. Por favor, sente-se.

Simon só tivera alguns encontros com Jem Carstairs, que era aparentemente tão velho quanto sua esposa, Tessa Gray. Ambos pareciam incrivelmente bem dispostos para pessoas de 150 anos. Tessa ainda parecia bastante quente. (Talvez Jem parecesse quente também? Como Simon pensara uma vez antes, ele provavelmente não era o maior juiz de atração do sexo masculino). Era estranho pensar que pessoas que tinham o dobro da idade de seus avós possuíam boa aparência?

— Eu os deixarei a sós — falou a reitora, e novamente havia algo faltando em seu tom. Era como se ela tivesse acabado de dizer: — Eu vou apenas dar-lhes esta cobra morta.

Ela fechou a porta.

— Teremos chá — disse Magnus. Ele media colheres de chá e soltava folhas no filtro de um pequeno bule. — Uma colher para cada xícara.

Ele colocou a pequena vasilha de chá de lado e pegou um dos grandes bules de prata, despejando água fervendo através do filtro. Catarina o assistia com um estranho fascínio.

Jem parecia à vontade em um casaco branco e jeans escuros. Seus cabelos negros tinham uma única e dramática mecha prata, que se destacava contra a sua pele morena.

— Como você está se saindo no seu treinamento? — ele perguntou, se virando para frente.

— Eu não estou me machucando mais tanto — Simon respondeu, dando de ombros.

— Excelente — disse Jem. — Isso significa que você está usando melhor os seus pés e se desviando melhor dos golpes.

— Sério? Pensei que era porque eu estava morrendo por dentro.

Magnus soltou a tampa de volta na pequena vasilha de chá de repente, fazendo um barulho alto.

— Sinto muitíssimo interromper o seu jantar — Jem continuou. Ele tinha uma maneira formal de falar que era a única coisa nele que demonstrava sua idade real.

— Não precisa se desculpar por isso — Simon murmurou.

— Acho que a comida não tem a melhor característica na Academia.

— Acho que a comida da Academia não tem um lado melhor — observou Simon.

Jem sorriu, seu rosto iluminado.

— Temos bolinhos e biscoitos aqui. Penso que são de qualidade pouco superior do que você se acostumou aqui.

Ele indicou um prato de porcelana cheio de pequenos bolinhos e biscoitos que pareciam muito comestíveis. Simon não hesitou. Ele pegou o bolinho mais próximo e enfiou-o na boca. Era um pouco seco, mas melhor do que qualquer coisa que ele comia há um bom tempo. Ele percebeu que algumas migalhas caíram na sua blusa escura, mas não se importou.

— Ok, Magnus — disse Clary. — Você disse que explicaria por que me trouxe pra cá depois que o Simon chegasse. Não que eu não esteja feliz em vê-lo, mas você está me deixando mais nervosa.

Simon assentiu e mastigou para mostrar que ele concordava com a Clary, como um melhor amigo deveria fazer. Pelo menos ele esperava estar demonstrando isso.

Magnus se levantou. Era um bruxo bem alto, com os olhos de gato que chamavam muita atenção, e transformou o humor da sala. Surgiu de repente um ar pesado com uma energia muito estranha.

Catarina se afundou no sofá, olhando para Magnus. Não era normal Catarina ficar tão quieta. Catarina era a voz do time azul nos salões da Academia.

— Fui convidado a passar uma mensagem para vocês — Magnus falou, girando um dos muitos anéis que estavam em seus longos dedos.

— Emma Carstairs e Julian Blackthorn estão para se tornar *parabatai*. A cerimônia exige duas testemunhas, e eles pediram que vocês fossem essas testemunhas.

Clary levantou uma sobrancelha e olhou para Simon.

— Claro. Emma é um amor. Definitivamente sim, estou dentro.

Simon pegou outro bolinho.

— Definitivamente. Eu também, mas eles não podiam simplesmente mandar uma carta pra gente?

Magnus parou por um momento, olhou para Catarina e em seguida virou-se para Simon e deu uma piscadela.

— Por que enviar uma carta se podemos fazer algo realmente magnífico? — era algo muito Magnus de se dizer, mesmo parecendo meio falso. Havia alguma coisa nele que soava meio falsa, sua voz, talvez.

— A cerimônia será realizada amanhã na Cidade do Silêncio — continuou Jem. — Nós já conseguimos a permissão para vocês participarem.

— Amanhã? — espantou-se Clary. — E nós só estamos sendo avisados agora?

Magnus deu de ombros elegantemente, indicando que às vezes coisas como esta apenas aconteciam.

— O que nós temos que fazer? — perguntou Simon. — É complicado?

— Nem um pouco. A posição da testemunha é em grande parte simbólica, muito parecido com a de um casamento. Vocês não precisam dizer nada. É apenas uma questão de estar com eles. Emma escolheu Clary...

— Eu posso entender isso... — Simon concordou. — Mas Julian não me escolheria. Nós mal nos conhecemos. Por que não Jace?

— Porque Julian não é particularmente próximo dele também — respondeu Jem — e Emma sugeriu que como você e Clary são melhores amigos, seriam perfeitos como testemunhas, e Julian concordou.

Simon balançou a cabeça como se entendesse, embora ele não tivesse certeza. Ele se lembrou de ter tido uma conversa com Julian durante o casamento de Helen e Aline, pouco tempo atrás. Lembrou-se de ter pensado no peso colocado em seus pequenos e frágeis ombros. Talvez Julian simplesmente não tivesse tido tempo suficiente para encontrar sua testemunha. Ou ninguém disposto a fazer isso? Seria incrivelmente triste se a resposta fosse sim.

— De qualquer forma — Magnus continuou. — Você já está escalado para passar com eles por essa prova de fogo.

— Do quê?

— Esse é o verdadeiro nome da cerimônia — Jem explicou. — Os dois parabatai permanecem dentro de um anel de fogo.

— O chá está pronto — Magnus falou de repente. — Nunca deixe descansar por mais de cinco minutos. Hora de beber.

Ele serviu duas xícaras do bule menor.

— Há apenas duas xícaras — Clary observou. — E vocês?

— O bule é pequeno. Eu farei outro. Estes são para vocês dois. Bebam.

As duas xícaras foram entregues. Clary deu de ombros e tomou um gole. Simon fez o mesmo. Este era, para ser justo, um chá excepcional. Talvez fosse por isso que os ingleses ficassem tão animados sobre ele. Havia uma clareza maravilhosa no sabor. Ele aquecia seu corpo enquanto descia. A sala não estava mais fria.

— Isso é muito bom — disse Simon. — Eu não adoro chá, mas gostei desse. Quero dizer, eles oferecem chá aqui, mas uma vez peguei um copo que tinha um osso dentro, e foi uma das melhores xícaras que peguei.

Clary riu.

— Então, o que devemos vestir? — ela perguntou. — Como testemunhas, quero dizer.

— Para a cerimônia, uniforme formal. Para o jantar depois, roupas comuns. Algo confortável.

— Casamento — Catarina disse finalmente. — É bastante semelhante a um casamento, mas...

— ... sem o romance e flores — Jem acrescentou.

Magnus estava agora observando-os atentamente, seus olhos de gato brilhando no escuro. O cômodo ficara muito escuro, de fato. Simon lançou a Clary um olhar que dizia: *Isto está estranho*. Ela respondeu claramente com: *superestranho*.

Simon bebeu seu chá em vários goles grandes e devolveu a xícara na mesa.

— É engraçado — ele comentou. — Houve outro anúncio de *parabatai* no jantar. Dois estudantes da elite.

— Isso não é incomum para esta época do ano — disse Jem. — À medida que o ano chega ao fim, as pessoas refletem, tomam decisões.

A sala de repente ficou mais quente. O fogo na lareira aumentou? E se ele se aproximou furtivamente? Estava definitivamente crepitando mais alto, porém agora não soava como riso – era como vidro quebrando. O fogo estava falando com eles.

Simon se conteve. O fogo estava falando? O que estava errado com ele? Ele olhou vagamente ao redor da sala, e ouviu Clary soltar uma exclamação de surpresa estranha, como se ela tivesse visto algo que não esperava.

— Acho que é hora de começar — Jem observou. — Magnus?

Simon podia ouvir Magnus suspirar enquanto permanecia de pé. Magnus era realmente alto. Isso, Simon sempre soube. Agora parecia que ele poderia alcançar o teto. Ele abriu uma porta que Simon não tinha notado que estava lá.

— Venham por aqui — Magnus pediu. — Há algumas coisas que vocês precisam ver.

Clary se levantou e foi até a porta. Simon a seguiu. Catarina capturou seu olhar enquanto ele passava por ela. Tudo era não dito naquela sala. Ela não aprovava o que estava acontecendo. Nem Magnus.

O que quer que estivesse do outro lado da porta, era escuro, e Clary hesitou por um segundo.

— Está tudo bem — disse Magnus. — É apenas um pouco frio lá. Desculpe.

Clary entrou, e Simon a seguiu um passo atrás. Eles estavam em um espaço de sombra, definitivamente frio. Ele virou-se, mas não podia mais ver a porta. Era só ele e Clary. O cabelo de Clary brilhava vermelho no escuro.

— Nós saímos — disse Clary.

Era óbvio o suficiente. Simon piscou. Seus pensamentos estavam um pouco lentos e esticados. Claro que eles estavam fora.

— Eles talvez pudessem ter dito que sairíamos — Simon comentou, tremendo. — Ninguém aqui acredita em casacos.

— Vire-se — Clary falou.

Simon se virou. A porta pela qual eles tinham acabado de passar – o edifício todo, de fato – sumira. Ele estavam simplesmente ao ar livre, cercados por apenas umas poucas árvores. O céu acima era de um cinza arroxado que parecia ser iluminado por uma luzes baixas no horizonte, fora de vista. Havia uma rede de caminhos de tijolos ao redor, pontilhada com áreas de árvores mortas e vasos que provavelmente contiveram flores nos tempos bons e agora eram lembretes da época.

Era familiar, e ao mesmo tempo, era como um lugar que Simon jamais fora.

— Nós estamos no Central Park — Clary falou. — Eu acho...

— O quê? Nós...

Mas assim que ele perguntou, tornou-se claro. As cercas metálicas baixas que marcavam os caminhos de tijolos. Mas não havia bancos, nem latas de lixo, ninguém. Não havia ninguém até o horizonte em qualquer direção.

— Ok... — disse Simon. — Isso é estranho. Será que Magnus apenas perdeu completamente a cabeça? Como isso aconteceu? Vocês vieram de Nova York. Ele abriu o mesmo Portal?

— Talvez?

Simon respirou fundo o ar de Nova York. Estava muito frio e queimou o interior do seu nariz, despertando-o.

— Eles vão perceber em um segundo — disse Clary, tremendo de frio. — Magnus não comente erros.

— Então, talvez não seja um erro. Talvez nós só tenhamos ganhado uma viagem grátis para Nova York. Ou eu ganhei. Apenas suponho que iremos aonde eles quiserem e eles virão nos pegar. Você sabe que eles têm o caminho deles. Poderia muito bem ser uma vantagem!

Esta viagem inesperada e totalmente súbita para casa tinha revigorado completamente Simon.

— Pizza — ele falou. — Meu Deus. Eles serviram pizza frita esta noite. Foi o pior. Talvez café. Talvez haja tempo para chegar ao Forbidden Planet? Eu apenas...

Ele apalpou os bolsos. Dinheiro. Ele não tinha dinheiro.

— E você? — perguntou.

Clary balançou a cabeça.

— Na minha mochila. Ficou lá atrás.

Isso não importa. Era o suficiente estar em casa. O modo súbito só tornou mais maravilhoso. Agora que ele parecia mais acostumado, Simon podia ver claramente os contornos dos arranha-céus que ladeavam o parque ao sul. Pareciam os quarteirões onde ele costumava brincar quando criança - uma série de retângulos de diversos tamanhos colocadas lado a lado. Alguns tinham o fraco brilho de placas acima, mas eles não podiam ler o escrito. Ele podia, no entanto, ver as cores das placas com uma clareza incomum. Uma era rosa, uma flor brilhante. A próxima era de um tom vibrante. Não eram apenas as cores que estavam nítidas. Ele podia sentir o cheiro de tudo no ar. O cheiro penetrante e metálico do frio. O cheiro do East River, a quadras de distância. Até mesmo as saliências dos fundamentos rochosos e os vários pequenos montes do Central Park pareciam ter um cheiro. Não havia lixo, porém, e sem odores de comida ou tráfego. Isto era elementar em Nova York. Esta era a ilha em si.

— Eu me sinto um pouco estranho — disse Simon. — Talvez eu devesse ter terminado o jantar. E agora que acabei de dizer isso, sei que deve haver algo errado comigo.

— Você precisa comer — Clary concordou, dando-lhe um soco fraco. — Você está se transformando em um grande homem musculoso.

— Você notou?

— É difícil não notar, Superman. Você é como a foto de “depois” dos comerciais para equipamentos de ginástica em casa.

Simon corou e desviou o olhar. Não estava mais nevando. Estava apenas escuro e límpido, com muitas árvores ao redor. Havia uma brilhante amargura ao frio.

— Onde você imagina que estamos? — Clary perguntou. — Eu estou supondo... no meio do caminho?

Simon sabia que era possível caminhar por algum tempo no Central Park sem realmente ter uma noção de onde você estava. As trilhas do vento. As árvores criam um dossel. A terra sobe e desce em inclinações agudas.

— Lá — ele falou, apontando para um padrão de sombras. — Se abre ali. É a entrada para alguma coisa. Vamos seguir por ali e ver o que dá.

Clary esfregou as mãos e se abraçou contra o frio. Simon desejou que ter um casaco para oferecer a ela, quase mais do que desejava ter um casaco para si mesmo. Ainda assim estar com frio em Nova York era melhor do que passar frio na Academia. Ele tinha que admitir, no entanto, que em Idris era mais temperado. Nova York tinha climas mais extremos. Este era o tipo de frio que o congelaria se você ficasse parado por muito tempo. Eles provavelmente precisavam descobrir onde estavam e sair do parque e entrar num ambiente fechado - qualquer um. Uma loja, um café, o que pudessem encontrar.

Eles caminharam em direção à abertura, que revelou-se uma coleção de pedestais de pedra esculpidos. Havia vários deles em conjuntos. Eventualmente, eles levaram a uma escadaria igualmente talhada que se curvava para um amplo terraço com uma grande fonte. Havia um lago um pouco além, coberta de gelo.

— Bethesda Terrace — Simon disse, balançando a cabeça. — É onde estamos. Fica na Rua Setenta, certo?

— Setenta e Dois — disse Clary. — Já estive aqui antes.

O terraço era uma grande área ornamental dentro do parque e não era realmente um lugar para se estar em uma noite fria – mas parecia ser o único lugar para ficarem. Se eles caminhassem naquela direção, pelo menos saberiam onde estavam, ao invés de se locomover entre as árvores e trilhas.

Desceram juntos as escadas. Estranhamente, a fonte estava funcionando à noite. Ela era muitas vezes desligada no inverno, quando, certamente, congelaria. Mas a água fluía livremente, e não havia gelo sobre a base de água da fonte. As luzes estavam acesas e todas focadas na estátua do anjo centralizada na fonte, dois níveis acima de quatro pequenos querubins.

— Talvez Magnus tenha se confundido — disse ela.

Clary caminhou até a borda baixa da fonte, sentou-se e envolveu os braços em torno de si mesma. Simon olhou para a fonte. Engraçado, pensou ele, como não tinham notado nenhuma luz há poucos minutos quando eles se aproximaram. Talvez eles tivessem acabado de acendê-las. O anjo da Fonte Bethesda era uma das estátuas mais famosas em todo o Central Park – as asas estendidas, água escorrendo de suas mãos estendidas.

Ele virou baixou o olhar novamente para mostrar a estátua para Clary, mas Clary se fora. Ele se virou, deu uma volta completa. Ela não estava à vista.

— Clary? — ele chamou.

Não havia lugares reais para se esconder no terraço, e ele desviou o olhar para apenas um momento. Caminhou ao redor da base da fonte, chamando seu nome várias vezes. Ele olhou para a estátua mais uma vez. Era a mesma estátua, olhando para baixo com benevolência, água ainda caindo de suas mãos.

Exceto que a estátua estava de frente para ele. E ele dera a volta na fonte. Ele deveria estar encarando as costas do anjo.

Ele deu mais alguns passos. Ao mesmo tempo em que não a via mover-se, a cada passo a estátua continuava enfrentando-o diretamente, sua expressão de pedra suave, vazia e angelical.

Algo fez um clique na cabeça de Simon.

— Com certeza isso não é real. Com certeza.

A evidência agora parecia ridiculamente óbvia.

A geografia do parque estava sutilmente errada. Ele considerou o céu brilhante por um momento, que era agora preenchido por nuvens brancas do tamanho de estados inteiros. Elas deslizavam ao longo do céu, como se acompanhando seu progresso em um constrangido desfile

de moda. Ele tinha certeza de que podia sentir o cheiro do Oceano Atlântico, das rochas e pedras.

— Magnus! — Simon gritou. — Você está brincando comigo? Magnus! Jem! Catarina!

Nada de Magnus. Nada de Jem. Sem Catarina. Sem Clary.

— Ok — Simon disse para si mesmo. — Você já esteve em situações piores que esta. Isso é apenas estranho. É tudo. Apenas estranho. Apenas muito, muito estranho. Estranho está bem. Estranho é normal. Estou em algum tipo de sonho. Algo aconteceu. E eu vou descobrir. O que eu faria se estivesse no D&D?

Esta era uma pergunta tão boa quanto qualquer outra, exceto que sua resposta tinha a ver com rolar um D20, de modo que talvez não fosse, na verdade, útil.

— E uma armadilha? Por que eles me enviariam para uma armadilha? Deve ser um jogo. É um quebra-cabeça. Se ela estivesse em apuros, eu saberia.

Isso foi interessante. Ele teve o súbito conhecimento de que se Clary estivesse machucada, ele saberia. Ele não sentia nenhum ferimento. Sentia uma ausência, uma compulsão em localizá-la.

Quando este pensamento lhe ocorreu, algo muito incomum aconteceu – o grande anjo de pedra da Fonte Bethesda bateu as asas e voou em linha reta para o céu noturno. Enquanto ele voava, a base da fonte permaneceu presa a seus pés e elevou-se para as nuvens como uma planta crescendo. O grande reservatório da fonte começou a se esticar e quebrar. Os blocos e argamassa se soltaram, e uma rede de tubos enterrados foi revelada, além de um buraco aberto na terra crua que rapidamente foi preenchido com água. O gelo sobre o lago quebrou-se de uma só vez, e todo o terraço começou a inundar. Simon correu na direção da escada enquanto a água cobria tudo. Ele subiu-a lentamente, degrau a degrau, até que a água estava no mesmo nível que ele. O lago agora incorporou o terraço, oito degraus acima. A fonte e o anjo se foram.

— Isso — disse Simon — foi mais estranho do que normal.

Enquanto ele falava, um som pareceu rasgar a noite em duas. Era uma nota pura, um trovejar harmônico que atingiu o osso timpânico de sua cabeça e sacudiu seus joelhos. As nuvens dispersaram, como se estivesse com medo, e a lua brilhava clara e cheia acima dele. Era de um amarelo brilhante, tão brilhante que ele mal conseguia encará-la. Teve que proteger seus olhos e desviar o olhar.

Havia um barco a remo. Isto não era tão misteriosa – devia ter se soltado do deque, não muito longe. Todos os barcos flutuavam livremente, animados por estarem soltos. Mas este barco viera até ele e bateu próximo aonde ele estava. Além disso, ao contrário de todos os outros barcos a remos, este tinha o formato de um cisne.

— Acho que eu deveria entrar — ele falou, vacilante, caso o céu decidisse fazer outro ruído aterrorizante. Não houve resposta do céu, assim, Simon pegou o pescoço do cisne com as duas mãos e cuidadosamente entrou, sentando-se no meio.

A água não podia ser muito profunda. Ele certamente seria capaz de ficar de pé se o barco virasse. Mas o frio da noite, fonte voadoras, barco mágicos e Clary sumindo, não havia razão para adicionar “queda na água fria” à mistura.

Assim que estava dentro dele, o pequeno barco-cisne começou a se mover, como se soubesse que deveria estar em algum lugar. Ele flutuava no lago, evitando os outros barcos livres. Simon encolheu-se, envolvendo os braços em torno de si mesmo enquanto tentava preservar seu calor durante a jornada suave no lago. A superfície era totalmente lisa, refletindo a lua e as nuvens. Simon nunca fizera isso antes. A coisa toda barco-no-Central-Park parecia concebida para os turistas. Mas em sua lembrança, o lago era relativamente pequeno e comprido. Ele ficou surpreso quando o rio estreitou muito de repente e transformou-se em um canal sob um dossel de árvores grossas. Uma vez sob as árvores, não houve absolutamente nenhuma luz durante vários minutos. Então, tudo se iluminou de uma vez, fileiras de lâmpadas superbrilhantes forrando os lados do canal, e em frente a ele estava um túnel baixo com as palavras *Túnel do Amor* em um arco de luzes. Corações rosa circundavam as palavras.

— Você está brincando — Simon falou pelo o que sou a milionésima vez.

O ar agora estava espesso com o cheiro de pipoca e areia do mar, e havia sons de parque de diversão. O barco cisne se moveu, como se tivesse que passar pelo caminho do passeio túnel. Simon deslizou dentro dele. A luz atrás dele desapareceu, e o túnel emitia um brilho suave e azul. Música clássica, andrógena, tocava, de violinos. O barco acomodou-se na pista. As paredes estavam pintadas em cenas antiquadas de casais – pessoas em balanços se beijando, mulheres relaxando à representação de uma lua crescente, namorados inclinando-se sobre um refrigerante gelado para se beijar. A água era iluminada por baixo e reluzia em verde, que refletia para o teto. Simon olhou para a lateral do barco para ver quão profundo ele era, ou se havia algo debaixo dele, mas parecia superficial, como qualquer barco de passeio comum.

— Este é um lugar estranho para um encontro — disse um voz.

Simon se virou para ver que agora compartilhava o seu pequeno cisne com Jace. Jace estava de pé na frente do barco, inclinado contra a cabeça do cisne. Por ser Jace, o equilíbrio era perfeito, assim o barco não balançava para a o lado.

— Ok — Simon falou — isto eu realmente não esperava.

Jace deu de ombros e olhou para o túnel.

— Suponho que essas coisas tiveram seu uso um dia — ele comentou. — Provavelmente era arriscado fazer este passeio. Você conseguiria quatro minutos inteiros de carícias sem supervisão.

A palavra “carícias” era ruim. Ouvir Jace dizê-la que era um novo tipo de ruim.

— Então — Jace falou — você quer falar, ou eu?

— Fala sobre o quê?

Jace indicado o túnel em torno deles, como se o assunto fosse muito óbvio.

— Eu não vou te beijar — disse Simon. — Nunca.

— Nunca ouvi ninguém me dizer isso antes — Jace meditou. — Foi uma experiência única.

— Desculpe — Simon não se sentia nem um pouco culpado. — Se eu namorasse rapazes, não acho que você estaria entre os dez primeiros.

Jace desencostou-se da cabeça do cisne e veio se sentar ao lado de Simon.

— Lembro-me de como nos conhecemos. E você?

— Você está jogando “do que você se lembra?” comigo? — perguntou Simon. — Isso é classico.

— Não é um jogo. Eu te vi. Você não me viu. Mas eu sim. Eu vi tudo.

— Isso é divertido. Você e eu no túnel, e do que diabos você está falando?

— Você precisa tentar se lembrar — Jace falou. — Isso é importante. É preciso lembrar como nos conhecemos.

O que quer que isso fosse – um sonho, algum tipo de estado alterado – estava tomando uma direção muito estranha.

— Como tudo é sempre sobre você?

— Isso não é sobre mim. É sobre o que eu vi. É sobre o que você sabe. Você pode chegar lá. Você precisa disso de volta. Precisa dessa memória.

— Você está me pedindo para lembrar de algum lugar onde eu não te vi?

— Exatamente. Por que você não teria me visto?

— Porque você estava com um encantamento — Simon respondeu.

— Mas alguém me viu.

Tinha que ser Clary. Era a escolha óbvia. Mas...

Agora algo balançava no fundo da mente de Simon. Ele estava em algum lugar com Clary, e Jace estava lá... exceto que Jace não estava lá.

Isso era tanto em sua memória quanto no presente. Jace se fora. O barco deu uma volta, dobrando uma esquina e mergulhando de volta no escuro. Houve uma pequena queda e uma explosão de nevoeiro, em seguida veio o ooOoOoOooO de um fantasma animado e da entrada de algum tipo de mansão do terror. O passeio mudou de túnel do amor para a mansão mal assombrada. Simon passou através de representação animadas dos cômodos da mansão. Na biblioteca, fantasmas pendiam de fios e um esqueleto saiu de um relógio de pêndulo.

Esta fantasia, ou o que fosse, parecia bater com suas memórias da Casa Mal Assombrada da Disney World quando ele era um garoto. E ainda, enquanto eles se moviam de sala em sala, as coisas pareciam mais familiares – as paredes de pedra rachada, o ruído, as tapeçarias... a Mansão Mal Assombrada foi se transformando na Academia. Havia uma versão fantasmagórica do refeitório e das salas de aula.

— Por aqui, Simon.

Era Maia, acenando do que parecia um escritório com painéis de madeira elegante. Havia uma tabuleta na parede atrás dela, algum tipo de poesia. Simon só entendeu um verso dele: “tão antigo e tão verdadeiro quanto o céu.”

Maia usava um terninho elegante, seu cabelo cortado para trás, e pulseiras de ouro em seus pulsos. Ela olhou tristemente para Simon.

— Você realmente vai nos deixar? — ela perguntou. — Deixar de ser um ser do Submundo? Tornar-se um deles?

— Maia — disse Simon, um nó em sua garganta.

Lembrava-se apenas de trechos da sua amizade com ela, mais do que amizade, talvez? Como ela era valente, e como fora sua amiga quando ele precisava desesperadamente.

— Por favor — pediu ela. — Não vá.

O barco se moveu rapidamente para frente, para outro cômodo, uma sala de estar de um apartamento padrão, com alguns móveis baratos. Este era o apartamento de Jordan.

Jordan saiu da porta do quarto. Havia uma ferida em seu peito; sua camisa preta com o sangue.

— Ei, colega de apartamento — disse ele.

O coração de Simon pareceu parar em seu peito. Ele tentou falar, mas antes que pudesse dizer uma palavra, tudo mergulhou na escuridão. Ele sentiu o barco deslizar em seu caminho com um solavanco suave, como se tivesse chegado ao fim do passeio. Ele correu adiante. O túnel se abriu, e o barco foi para frente e começou a acelerar, como se pego por uma corrente. Simon agarrou o banco para manter-se estável. Ele fora parar em um enorme corpo de água, um rio muito amplo. Próximo a ele o céu de Nova York estava escuro – os edifícios estranhamente sem iluminação, mas era possível discernir suas formas. Não muito longe à esquerda do lago, ele podia ver a silhueta do Empire State Building. À frente, a talvez um quilômetro e meio, uma ponte travessava o rio em que ele estava. Ele conseguia até mesmo ver o contorno sombrio de uma antiga propaganda de Pepsi na margem direita. Que ele conhecia. Essa placa ficava perto do início da 59th Street Bridge com a Queens.

— O East River — ele disse para si mesmo, lançando um olhar ao redor.

O East River não era um lugar para estar durante a noite, no frio, em um pequeno bote na forma de cisne. O East River era perigoso, rápido e profundo. Ele sentiu algo bater na traseira de seu minúsculo cisne e se virou, esperando ver lixo, uma barça ou um cargueiro. Em vez disso, era outro barco em forma de cisne. Este continha uma garota, de talvez treze ou catorze anos, em um vestido de baile esfarrapado. Ela tinha longos cabelos loiros presos em tranças tortas, dando a impressão de bagunça constante. Ela puxou o cisne para perto de Simon e, sem nenhum esforço aparentemente, ergueu a saia e pulou de um barco para o outro. Simon instintivamente esticou a mão para ajudá-la e com a se firmou. Ele tinha certeza de que a transferência faria seu barco virar, que balançava incerto enquanto a distribuição de peso mudava. De alguma forma, eles continuaram flutuando.

A menina sentou-se ao lado de Simon no banco. O cisne fora projetado para um casal ficar aconchegado, de modo que ela estava pressionada contra a sua lateral.

— Oi! — ela disse alegremente. — Você voltou!

— Eu... voltei?

Havia algo de errado com o rosto da menina. Ela era muito pálida e seus olhos eram circundados por sombras muito profundas, e seu lábios estavam levemente cinza. Simon não tinha certeza de quem ela era, mas teve uma sensação muito desconfortável.

— Demorou uma eternidade! — ela falou. — Mas você voltou. Eu sabia que você voltaria para mim.

— Quem é você?

Ela lhe deu um soco no braço, como se ele tivesse contado uma grande piada.

— Cale a boca! Você é tão engraçado. É por isso que te amo.

— Você me ama?

— Cale a boca! — ela repetiu. — Você sabe que eu te amo. Sempre fomos assim. Eu e você para sempre.

— Sinto muito. Eu não me lembro.

A garota olhou para o rio e para prédios escuros como se tudo fosse muito maravilhoso e ela estivesse exatamente onde queria estar.

— Tudo valeu a pena. Você vale a pena.

— Obrigado?

— Quero dizer, eles me matariam por você. Me atirariam em uma lata de lixo. Mas eu te esperei.

O frio estava agora dentro de Simon também.

— Mas você está procurando-a, não é? Ela é tão irritante.

— Clary? — perguntou Simon.

A menina balançou a mão como afastasse a fumaça de um cigarro.

— Você podia ficar comigo. Ser o meu rei. Ficar com a rainha Maureen. Rainha Maureen, a rainha da morte! Rainha da Noite! Eu dominei tudo isso!

Ela fez um gesto em direção ao horizonte. Enquanto parecia improvável que esta jovem garotinha pudesse ter governado Nova York, havia algo sobre a história que era verdade. Ele sabia disso. Foi culpa dele. Ela não o obrigou a nada exatamente, mas Simon podia sentir a terrível culpa e a responsabilidade esmagadora.

— E se você pudesse me salvar? — perguntou ela, inclinando-se para ele. — Faria isso?

— Eu...

— E se você tivesse que escolher? — perguntou Maureen, sorrindo ao pensamento. — Nós poderíamos fazer um jogo. Você poderia escolher. Eu ou ela. Quero dizer, vocês são a razão de eu morrer, então... você deve escolher a mim. Salve-me.

As nuvens, sempre atentas quando algo interessante estava acontecendo, juntaram-se novamente. O vento soprou no rio e assumiu uma vigília pesada, balançando o barco de um lado para o outro.

— Ela está na água, você sabe — Maureen comentou. — A água da fonte que vem do lago. A água do lago que vem do rio. A água do rio que vem do mar. Ela está na água, na água, na água...

Houve uma enorme pontada no peito de Simon, como se alguém tivesse dado um soco em seu esterno. Logo ao lado do barco, algo apareceu, algo como pedra e algas marinhas. Não. Era um rosto e cabelos flutuando ao redor. Era Clary, boiando de costas, os olhos fechados, o cabelo liderando o caminho. Ele tentou alcançá-la, mas a água estava rápida demais e ela era levada para longe.

— Você poderia tornar tudo melhor! — Maureen gritou, pulando. O barco balançava. — Quem que você vai salvar, Diurno?

Com isso, ela mergulhou pelo outro lado do barco. Simon agarrou o longo pescoço do cisne para manter o equilíbrio e esquadrinhou as águas. Clary já flutuava a mais de seis metros de distância, e Maureen estava da mesma forma, agora parada e aparentemente adormecida, a mais ou menos metade dessa distância. Não havia muito tempo para pensar. Ele não era o melhor nadador, e a contracorrente do rio provavelmente o puxaria para baixo. O frio o entorpeceria e possivelmente o mataria primeiro. E ele tinha duas pessoas a salvar.

— Isso não é real — disse para si mesmo.

Mas a dor em seu peito falou o contrário. A dor estava chamando-o. Ele também tinha certeza de que, real ou não, quando ele pulasse no rio, doeria tanto quanto qualquer coisa que ele já havia sentido, senão mais. O rio era real o suficiente. O que era real? O que ele tinha que fazer? Ele deveria nadar para uma garota e deixar a outra para trás? Isso se conseguisse chegar até uma delas.

— Escolhas difíceis — falou uma voz atrás dele.

Simon não teve que se virar para saber que era Jace, recostado elegantemente na cauda do cisne.

— É nisso que tudo gira. Escolhas difíceis. Elas nunca ficam mais fáceis.

— Você não está ajudando — disse Simon, chutando os sapatos dos pés.

— Então você vai entrar? — Jace olhou para a água e se encolheu. — Mesmo eu pensaria duas vezes sobre isso. E eu sou incrível.

— Por que você tem que se envolver em tudo? — perguntou Simon.

— Eu vou aonde Clary vai.

Os dois corpos derivavam adiante.

— Eu também — disse Simon.

E ele pulou pelo lado direito do barco, segurando o nariz. Não mergulhe. Não há necessidade de teatralidade. Pular é o suficiente, e, pelo menos, o manteria na posição vertical.

A dor da água foi ainda pior do que ele pensou. Foi como saltar através de vidro. O frio tomou todo o seu corpo, forçando todo o ar a sair de seus pulmões. Ele tentou alcançar o barco, mas este afastou-se, com Jace na cauda, acenando. As roupas de Simon o estavam puxando para o

fundo, mas ele lutou. Por mais difícil que fosse mover os braços, ele os esticou para tentar nadar. Seus músculos contraíram, incapazes de funcionarem a esta temperatura.

Nenhum deles poderia sobreviver a isso. E aquilo não parecia um sonho. Estar naquela água, que o puxava com mais força agora, era tão bom quanto estar morto. Mas algo estalou em sua mente, algum conhecimento q estava bem ali. Ele sabia o que era estar morto. Teve que abrir o seu caminho para fora do chão. Havia terra em seus olhos e em sua boca. A garota, Maureen, ela estava morta. Clary não. Ele sabia disso porque seu próprio coração ainda batia – erráticamente, mas ainda batia.

Clary.

Ele estendeu a mão novamente e lutou contra a água. Uma braçada.

Clary.

Duas braçadas. Duas braçadas eram ridículas. A água estava mais rápida e mais forte, e seus membros tremiam de tanta força. Ele começou a se sentir sonolento.

— Você não pode desistir agora — Jace falou. O barco dera a volta e agora estava do lado direito de Simon, mas fora do alcance. — Diga-me o que você sabe.

Simon não estava com vontade para ser interrogado. O rio e a própria terra o estavam puxando.

— Diga-me o que você sabe — Jace insistiu.

— Eu... Eu...

Simon não conseguia formar palavras.

— Diga-me!

— C... C... Clar...

— Clary. E o que você sabe sobre ela?

Simon definitivamente não podia mais falar. Mas ele sabia a resposta. Ele iria para ela. Vivo. Morto. Lutando contra o rio. Mesmo que o seu corpo acabasse flutuando ao lado dela, seria de alguma forma o suficiente. O conhecimento aqueceu um pouco o seu corpo. Ele bateu os pés na água.

— Vamos lá! — incitou Jace. — Você está apenas começando. Agora você consegue.

Todo o corpo de Simon estremeceu violentamente. Seu rosto mergulhou abaixo da superfície por um momento e ele engoliu um pouco de água, que queimou por dentro. Ele puxou a cabeça para fora, tossiu e cuspiu. Uma braçada. Duas. Três. Não era tão inútil. Ele estava nadando. Quatro. Cinco. Ele contou. Seis. Sete.

— Eu conheço o sentimento — disse Jace, à deriva ao lado dele. — É difícil de explicar. Elas não fazem cartões de agradecimento por isso.

Oito. Nove.

A cidade começou a acender-se. Começando no nível do solo, as luzes apareceram, atingindo para o céu.

— Quando você percebe isso — Jace falou — sabe que pode fazer qualquer coisa, porque é necessário. Porque é você. Você é único.

Dez. Onze.

Não havia necessidade de contar agora. Jace e o cisne foram ficando para trás, e agora ele estava sozinho, nadando, seu corpo bombeando adrenalina. Ele se virou para olhar para Maureen, mas ela tinha ido embora. Clary, no entanto, ainda estava claramente visível, flutuando logo à frente. Não flutuando. Nadando. Em direção a ele. Ela fazia exatamente o mesmo que ele, forçando seu corpo ao máximo, estremecendo, empurrando através da água. Simon nadou os últimos metros e sentiu o toque de sua mão. Ele estava com ela. E ela sorria, os lábios azuis. E então sentiu o chão sob ele, alguma superfície sob a água, apenas trinta ou sessenta centímetros abaixo. Clary reagiu no mesmo momento, ambos agarraram-se e esforçaram para ficar de pé. Eles estavam de pé na Fonte de Bethesda, a estátua do anjo olhando para baixo, para eles, derramando água sobre suas cabeças.

— V... você... — Clary falou.

Simon não tentou falar. Ele a abraçou, e eles estremeceram juntos antes de saírem com cuidado da fonte e se encontrarem nos azulejos do terraço, arfando para respirar. A lua estava muito cheia e próxima. Mentalmente, Simon disse à lua para deixar de ser tão brilhante e apenas continuar a ser uma lua comum. Estendeu a mão e pegou a mão de Clary, que já estava esticada, à espera da sua.

Quando abriu os olhos, ele não estava lá fora. Estava em algo bastante confortável e macio. Simon olhou ao redor e sentiu uma superfície aveludada sob ele. Ele se sentou e percebeu que estava em um sofá da sala da reunião. O jogo de chá estava ali, na frente dele. Magnus e Catarina estavam de pé perto da parede, conversando, e Jem estava sentado na cadeira entre eles.

— Sente-se lentamente — ele recomendou. — Respire fundo algumas vezes.

— Que diabos aconteceu? — Simon perguntou.

— Você bebeu água do Lago Lyn — Jem explicou calmamente. — As águas produzem alucinações.

— Vocês nos fizeram beber água do Lago Lyn? Onde está Clary?

— Ela está bem — Jem disse calmamente. — Beba um pouco de água. Você deve estar com sede.

Catarina já segurava um copo contra os lábios de Simon.

— Você está brincando? Quer que eu beba isso? Depois do que aconteceu?

— Está tudo bem — disse Catarina. Ela tomou um longo gole do copo e segurou-o novamente na frente dos lábios de Simon.

Sua língua estava grossa. Ele pegou o copo e bebeu-o inteiro de um gole, em seguida, encheu-o de novo e mais uma vez de um jarro sobre a mesa. Após apenas o terceiro copo, começou a sentir como se pudesse falar novamente.

— Isso não deixa as pessoas loucas? — ele perguntou, sem se preocupar em disfarçar sua raiva de qualquer maneira.

Jem sentava-se calmamente, as mãos descansando nos joelhos. Simon podia ver a sua idade agora, não em seu rosto, mas em seus olhos. Eram espelhos escuros que refletiam a passagem de incontáveis anos.

— Se alguma coisa tivesse dado errado, você esteve com um Irmão do Silêncio na última uma hora. Posso não ser mais um Irmão do Silêncio, mas tratei anteriormente aqueles que consumiram as águas. Magnus preparou o chá porque ele já trabalhou com suas mentes. Catarina, é claro, é enfermeira. Vocês sempre estiveram seguros. Sinto muito. Nenhum de nós quis enganá-los. Foi para o bem de vocês.

— Essa não é uma explicação — disse Simon. — Eu quero ver Clary. Quero saber o que está acontecendo.

— Ela está bem — falou Catarina. — Vou checar como ela está. Não se preocupe.

Ela saiu, e Jem inclinou-se para frente.

— Antes de Clary chegar, eu preciso saber: O que você viu?

— Quando você me drogou?

— Simon, isso é importante. O que você viu?

— Eu estava em Nova York. Eu... pensei que estava em Nova York. Será que fomos para Nova York? Vocês abriram um Portal?

Jem balançou a cabeça.

— Vocês ficaram nesta sala o tempo todo. Por favor, conte-me.

— Clary e eu estávamos no Central Park, na Fonte de Bethesda. O anjo na fonte voou para longe e a fonte inundou, e Clary desapareceu. Então um barco veio e eu estava em um “Túnel do amor” com Jace. E ele continuou me dizendo para lembrar de quando nos conhecemos, mesmo que eu não o tenha visto.

— Pare um momento — pediu Jem. — O que significa para você?

— Eu não faço ideia. Só sei que ele estava dizendo que eu tinha que me lembrar.

— Você se lembra?

— Não — Simon retrucou. — Eu mal me lembro de qualquer coisa. Eu sei que provavelmente foi com Clary. Clary podia vê-lo.

— Prossiga. O que aconteceu então?

— Eu vi Maia. E Jordan. Ele estava coberto de sangue. Então esse passeio acabou no East River, e alguma garota chamada Maureen disse que morreu por minha causa e saltou dentro do rio. Clary estava boiando na água e eu...

Ele estremeceu novamente, e Jem imediatamente levantou-se e pegou um cobertor, envolvendo-o ao redor de seus ombros.

— Aproxime-se do fogo — Jem falou, guiando-o para perto de uma poltrona.

Quando Simon estava instalado e um pouco aquecido, Jem encorajou que ele continuasse.

— Maureen me disse que eu tinha que decidir qual delas eu salvaria. Jace apareceu novamente e me deu uma palestra sobre como todas as escolhas eram difíceis. Eu pulei na água.

— Quem fez você decidiu salvar? — perguntou Jem.

— Eu não tinha... decidido... nada. Eu sabia. Eu tive que pular. E acho que eu sabia que Maureen estava morta. Ela disse que estava morta. Mas Clary não estava. Eu só tinha que chegar até Clary. De repente tive toda essa energia e consegui nadar para ela. E quando estava fazendo isso, olhei para cima e ela estava nadando para mim.

Jem reclinou-se e juntou os dedos por um momento.

— Eu quero ver Clary — Simon disse através dos dentes que batiam.

Seu corpo estava quente – provavelmente nunca esteve frio, na verdade – mas a água do rio ainda parecia tão real. Catarina reapareceu um momento depois com Clary, que também estava envolvida em um cobertor.

Jem imediatamente levantou-se e lhe ofereceu a cadeira. Os olhos de Clary estavam arregalados e brilhantes, e ela olhou para Simon.

— Será que aquilo aconteceu com você também? — ela perguntou. — Seja lá o que for.

— Acho que foi com nós dois — respondeu ele. — Você está bem?

— Estou. Apenas... com muito frio. Pensei que eu estivesse no rio.

Simon parou de tremer.

— Você pensou que estava no rio?

— Eu estava tentando nadar até você — disse Clary. — Nós estávamos no Central Park, e você tinha sido sugado para o chão – como se estivesse sendo enterrado vivo. E Raphael veio, e eu estava em sua motocicleta, e nós estávamos voando sobre o rio e eu vi você. Eu pulei...

De trás da cadeira de Clary, Catarina assentiu.

— Eu vi algo parecido — Simon disse. — Não exatamente, mas... o suficiente. E eu a alcancei. Você estava nadando para mim. Em seguida, voltamos para...

— ... o Central Park. Na fonte do anjo.

Magnus se juntou ao grupo, e estendeu-se em um sofá.

— Fonte de Bethesda — refletiu ele. — Os Caçadores de Sombras tiveram algo a ver com a sua construção. Estou apenas dizendo.

— O que isso tudo significa? — perguntou Simon. — O que foi isso?

— Vocês dois são diferentes — Magnus disse. — Há certas coisas em seus antecedentes que significam que... certos pontos terão que ser feitos de forma diferente. Para começar, ambos tiveram bloqueio em suas memórias. Clary possui uma quantidade incomum de sangue de anjo. E você, Simon, costumava ser um vampiro.

— Nós sabemos disso. Mas por que teve que nos drogar para fazermos algo tão simbólico?

— Não foi simbólico. O teste é *parabatai* é um teste de fogo — disse Catarina. — Vocês permanecem em anéis de fogo para formar o seu vínculo. Este... este é o teste da água. A natureza da prova exige que vocês não tenham conhecimento do teste. A preparação mental para o teste pode afetar o resultado. Este teste não foi sobre Julian e Emma. Foi sobre vocês dois. Pensem sobre o que ambos viram, e o que aprenderam. Pensem sobre o que sentiram. Pensem sobre quando ambos foram capazes de nadar até o outro quando não havia nada para apoiá-los, quando você deveria ter morrido.

Simon e Clary se olharam. A ficha começou a cair.

— Vocês beberam da água — explicou Jem. — E encontraram-se no mesmo lugar em suas mentes. Vocês foram capazes de encontrar um ao outro. Você estão vinculados. “E sucedeu, que a alma de Jonathan foi ligada com a de David, e Jonathan o amou como a sua própria alma”

— *Parabatai*? — perguntou Simon. — Espera, espera, espera. Vocês estão tentando me dizer que isto é sobre ser *parabatai*? Eu não posso ter um *parabatai*. Fiz dezenove anos dois meses atrás.

— Não exatamente — Magnus apontou.

— O que você quer dizer com *não exatamente*?

— Simon — Magnus falou claramente — você morreu. Estava morto há quase meio ano. Vocês pode ter voltado, mas você não estava vivo, não como um ser humano. Quando o tempo não passa. Pelos padrões dos Caçadores de Sombras, você ainda tem dezoito anos. E tem um ano inteiro até seu décimo nono aniversário para encontrar um *parabatai* — ele olhou para Clary. — Clary, como você sabe, ainda está dentro do limite de idade. Deve haver tempo para você Ascender e depois os dois se tornarem *parabatai* imediatamente. Se for o que querem. Algumas pessoas encontram-se unicamente para ser *parabatai* — disse Magnus. — Nasceram para isso, se poderia dizer. As pessoas pensam que é sobre concordar sempre, estar em sincronia. Não é. É sobre ser melhor em conjunto. Lutar melhor em conjunto. Alec e Jace nem sempre concordam, mas eles sempre são melhores juntos.

— Falaram muitas vezes para mim — Jem disse em sua voz suave — o quanto vocês dois são dedicados um ao outro. A maneira como sempre colocam o outro em primeiro lugar. Quando um vínculo *parabatai* é verdadeiro, quando a amizade é tão profunda e honesta, que pode ser... transcendente — havia tristeza em seus olhos, uma tristeza tão profunda que era quase assustadora.

— Precisávamos descobrir se o que foi observado sobre vocês dois era verdade para este fim. Vocês estão prestes a testemunhar uma cerimônia. Isso pode causar uma forte reação em

parabatai verdadeiros. Tivemos que ter a certeza de que era verdade e que vocês poderiam resistir a ela. O teste nos disse o que precisávamos saber.

Os olhos de Clary estavam muito arregalados.

— Simon... — ela sussurrou. Sua voz estava rouca.

— É uma pequena técnica — Magnus acrescentou. — Mas Caçadores de Sombras não têm problemas com aspectos técnicos. Eles adoram uma técnica. Olhe para Jem. Jem é um detalhe técnico vivo. As pessoas não deixam de Irmãos do Silêncio, tampouco, e ali está ele.

Jem sorriu para isso, a tristeza em seus olhos retrocedendo.

— *Parabatai* — Clary disse novamente.

E nesse momento, algo desceu sobre Simon. Algo como um cobertor em um dia frio. Algo completamente reconfortante.

— *Parabatai* — ele concordou.

Um longo silêncio se estabeleceu entre eles, e naquele momento, tudo estava decidido. Não havia necessidade de discutir o assunto. Você não precisava perguntar se o seu coração precisava bater, ou se você devia respirar. Ele e Clary eram *parabatai*. Toda a raiva de Simon tinha ido embora. Agora ele sabia. Ele teria Clary, e ela o teria. Para sempre. Suas almas estavam ligadas.

— Como vocês sabiam? — perguntou Simon.

— Não é assim tão difícil de ver — Magnus respondeu, e, finalmente, alguma leveza habitual surgiu em sua voz.

— Eu também sou um feiticeiro de verdade.

— É bastante óbvio — acrescentou Catarina.

— Até eu sabia — disse Jem. — E não os conheço muito bem. Há sempre algo sobre os verdadeiros *parabatai*. Eles não precisam falar para se comunicar. Eu vi vocês terem conversas inteiras sem dizer uma palavra. Foi assim com o meu *parabatai*, Will. Eu nunca tive que perguntar o que Will estava pensando. Na verdade, geralmente era melhor não perguntar o que ele estava pensando...

Isso arrancou um sorriso de Magnus e Catarina.

— Mas eu vejo isso entre vocês. Verdadeiros *parabatai* estão ligados muito antes de a cerimônia acontecer.

— Então nós podemos... nós podemos fazer a cerimônia? — Clary perguntou.

— Podem — confirmou Jem. — Mas não esta noite. Haverá algumas discussões na Cidade do Silêncio sobre isso, com certeza, já que este é um caso incomum.

— Tudo certo — disse Catarina. — Agora a enfermeira está tomando conta. Isso é o suficiente por esta noite. Vocês dois precisam dormir. A água cobra um preço. Vocês ficarão bem de manhã, mas precisam descansar. Descansar e se hidratar. Vamos.

Simon ficou de pé e descobriu que suas pernas tinham substituídas por uma substância molenga em forma de perna. Catarina pegou-o pelas axilas e o segurou. Magnus ajudou Clary a se levantar.

— Há um espaço para você aqui esta noite, Clary — disse Catarina. — De manhã nós arrumamos o uniforme de combate para você usar na cerimônia de Julian Emma.

— Espere — Simon disse enquanto era conduzido para fora. — Jace não parava de dizer alguma coisa sobre como eu deveria lembrar de como nos conhecemos. O que isso significa?

— Isso é para você descobrir — respondeu Jem. — As visões causadas pelo Lago Lyn podem mexer com emoções poderosas.

Simon assentiu. Seu corpo estava dolorido. Ele permitiu que Catarina o ajudasse a voltar ao seu quarto.

— O que aconteceu com você? — George perguntou quando Catarina o deixou na porta.

— Quanto tempo estive fora? — Simon devolveu, de cara caindo em sua cama.

Era um sinal de sua exaustão que sua terrível cama dura parecesse gostosa. Pareciam travesseiros empilhados sob um castelo inflável.

— Talvez duas horas — George respondeu. — Você parece terrível. O que foi?

— A comida — Simon murmurou. — Ela finalmente me pegou.

E então ele estava dormindo.

* * *

Ele se sentia surpreendentemente bem quando acordou. Até levantou antes de George. Ele saiu da cama em silêncio e pegou a toalha e outros itens para ir ao banheiro. No chão do lado de fora, em uma caixa preta, estava um conjunto de uniforme formal. As vestes formais dos Caçadores de Sombras pareciam muito o equipamento normal – era mais leve e, de alguma forma, mais preto e mais limpo que a maioria dos uniformes. Sem lágrimas. Sem icor. Nada de roupas chiques. Ele colocou a caixa em sua cama e calmamente fez seu caminho até o banheiro.

Ninguém estava acordado ainda, então ele teve o todo o lugar mofado para si mesmo. Descobriu que se você acordasse primeiro, podia ter um pouquinho de água quente de verdade, então ele ficou sob o chuveiro, fingiu que não gostou de ferrugem, e deixou seu corpo relaxar no calor.

Havia luz suficiente entrando pela janela no alto da parede para que ele conseguisse fazer a barba.

Ele caminhou pelos corredores vazios da Academia, que estavam iluminados pela luz da manhã. Nada parecia tão sério esta manhã. Era quase aconchegante. Ele encontrou sozinho um dos salões onde queimava uma lareira, e ficou parado ao lado dela para se aquecer antes de

sair em busca de um pouco de ar. Ele não ficou surpreso ao descobrir Clary ali, já vestida, sentada no topo dos degraus, olhando a névoa que flutuava sobre o solo ao alvorecer.

— Você acordou bem cedo, hein? — disse ela.

Ele sentou-se ao lado dela.

— Sim. Levantar-se antes da cozinha começar a trabalhar. É a única maneira de escapar. Estou morrendo de fome, apesar de tudo.

Clary remexeu em sua mochila por um momento e puxou um bagel envolto em vários pequenos guardanapos.

— É aquele...?

— Você acha que eu viria de Nova York de mãos vazias? Sem cream cheese, mas você sabe, é alguma coisa. Eu sei do que você precisa.

Simon segurou o bagel por um momento.

— Faz sentido — ela falou. — Você e eu. Sinto que sempre foi real. Sempre o que nós fomos. Você não... Eu sei que você não se lembra de tudo, mas sempre foi você e eu.

— Lembro-me o suficiente — disse ele. — Eu sinto o suficiente.

Ele queria dizer mais, mas a enormidade de tudo... grande parte disto era melhor deixar não dito. Por agora, de qualquer maneira. Esse sentimento ainda era tão fresco em sua. O sentimento de estar completo.

Assim, ele comeu o bagel. Sempre comer o bagel.

— Emma e Julian — Simon disse entre as mordidas. — Eles tem apenas quatorze anos.

— Jace e Alec tinham quinze.

— Ainda assim, parece... Quero dizer, eles passaram por muita coisa. O ataque ao Instituto de Los Angeles...

— Eu sei — disse Clary, balançando a cabeça. — Mas acontecimentos ruins... às vezes unem as pessoas. Eles tiveram que crescer rápido.

Uma carruagem puxada por cavalos negros apareceu na estrada que levava à Academia. Enquanto ela se aproximava, Simon pôde ver uma figura em um roupão cor de pergaminho segurando as rédeas. Quando a carruagem parou e a figura se virou para eles, Simon pôde ver as runas que selavam a boca do homem. Quando ele falou, não foi através de palavras normais, mas com uma voz que soou direto na mente de Simon.

Eu sou o Irmão Sadrach. Estou aqui para levá-los para a cerimônia. Por favor, entrem.

— Você sabe — Simon murmurou enquanto eles entravam na carruagem — provavelmente houve um tempo em que nós consideraríamos isso assustador.

— Eu não me lembro mais desse tempo — respondeu Clary.

— Acho que finalmente temos algo que não nos lembramos.

A carruagem era simplesmente decorada em preto – cortinas, estofado, tudo, realmente. Mas era bem montada e confortável, na medida em que carruagens a cavalos podiam ser.

O Irmão Sadrach não tinha medo de velocidade, e logo a Academia estava longe e Simon e Clary se olhavam em lados opostos da carruagem enquanto seguiam caminho. Simon tentou falar algumas vezes, mas a sua voz trepidava com o constante tap tap tap do transporte através da Brocelind Plain. As estradas de Idris não eram as rodovias lisas a que Simon estava acostumado. Eles eram pavimentadas em pedra, e não houve paradas para descanso com banheiros e Starbucks. Não havia aquecimento, mas cada um recebera um pesado cobertor de pele. Como um vegetariano, Simon realmente não queria usar aquilo. Como uma pessoa sem muita escolha entre o congelamento, ele usou.

Simon também não tinha relógio, telefone, nada para contar a passagem do tempo, exceto o nascente sol de fim de outono. Ele estimou que viajaram uma hora, talvez mais. Eles entraram na sombra calma da Floresta Brocelind. O cheiro das árvores e do mato era quase inebriante, e o sol vinha através de galhos e folhas, iluminando o rosto e o cabelo de Clary, seu sorriso.

Sua parabatai.

Eles não seguiram muito fundo na floresta.

A porta se abriu, e o Irmão Sadrach apareceu ali.

Nós chegamos.

De alguma forma, ficou pior quando pararam. O corpo e a cabeça de Simon ainda pareciam tremer. Simon olhou para cima e viu que eles estavam perto da base de uma montanha que se esticava acima das árvores.

Por aqui.

Eles seguiram o irmão Sadrach por um caminho mal demarcado – uma leve trilha por onde vários pés passaram, deixando apenas a mais ínfima cicatriz no chão de alguns centímetros de largura.

No meio de um bosque contra a encosta da montanha havia uma porta com cerca de quinze metros de altura. Era larga na base e mais estreita no topo. Havia uma figura em relevo do anjo logo acima do lintel da porta. O Irmão Sadrach ergueu uma das aldravas e bateu com força apenas uma vez. Ela se abriu, aparentemente por vontade própria.

Atravessaram uma passagem estreita com paredes de mármore liso, e desceram uma escadaria de pedra. Não havia corrimão, assim ele e Clary esticaram os braços para as paredes para não caírem. O Irmão Sadrach, em sua túnica longa, não tinha esse medo. Ele parecia deslizar para baixo. Depois disso, eles entraram em um espaço maior, que Simon inicialmente pensou ser feito de pedras. Depois de um momento, viu que as paredes formavam um mosaico de ossos, alguns branco feito giz, alguns cinza, outros de uma cor acastanhada perturbadora. Ossos longos formando arcos e colunas, e crânios, com o lado superior para fora, constituindo maioria das paredes.

Eles foram finalmente levados a uma sala onde a arte com os ossos foi realmente ambiciosa – o grande padrão circular de crânios e ossos deu forma ao lugar. Acima, pequenos ossos formavam estruturas mais delicadas, como lustres, que brilhavam com pedras enfeitadas. A como ver o pior seriado de decoração de casas.

Vocês devem esperar aqui.

O Irmão Sadrach saiu da câmara, e Simon e Clary ficaram sozinhos. Uma coisa sobre a Cidade do Silêncio: ele realmente fazia jus a seu nome. Simon nunca tinha estado em um lugar totalmente desprovido de som. imaginou que se ele falasse, as paredes de ossos viriam abaixo sobre sua cabeça e os enterrariam ali. Isso provavelmente não aconteceria - seria necessária uma grande falha no projeto – mas a sensação era forte.

Depois de vários momentos, a porta se abriu novamente e Julian apareceu. Julian Blackthorn podia ter apenas quatorze anos, mas parecia mais velho, ainda mais velho que Simon. Ele tinha crescido um pouco, e agora Simon podia encará-lo olho no olho. Possuía o cabelo castanho escuro ondulado, característico de sua família cortado curto, e seu rosto tinha uma aparência de seriedade tranquila. Esta era uma seriedade que lembrava Simon de a forma como sua mãe parecia quando seu pai morreu, e ela passou noites acordada se preocupando com uma maneira de pagar a hipoteca e alimentar seus filhos, como criá-los sozinha. Ninguém tinha esse tipo de expressão por escolha. O único sinal de que Julian não era um adulto era a forma como o seu uniforme ficava um pouco largo, e da maneira que ele era um pouco desengonçado.

— Julian! — Clary exclamou, parecendo considerar se devia abraçá-lo e, em seguida, descartando a ideia. Ele parecia digno demais para ser apertado em seus braços.

— Onde está Emma?

— Conversando com o Irmão Zachariah — Julian respondeu. — Quero dizer, Jem. Ela está conversando com Jem.

Julian parecia profundamente confuso sobre isso, mas também não parecia a vontade em ser questionado ainda mais.

— Então — Clary falou — como você se sente?

Julian simplesmente balançou a cabeça e olhou em volta. Ele hesitou.

— Eu só quero... fazer isso. Eu quero.

Esta parecia ser uma resposta um pouco estranha. Agora que Simon pensava em sua própria cerimônia com Clary, a perspectiva parecia incrível. Algo pelo o que esperar.

Mas Julian tinha passado por muita coisa. Perdera seus pais, seu irmão e sua irmã mais velhos. Era, provavelmente, difícil passar por algo tão grande assim sem eles lá.

Era difícil olhar para Julian e não lembrar que viu o irmão mais velho de Julian não muito tempo atrás, preso e meio louco. Que ele tinha decidido não compartilhar este fato com Julian porque teria sido incrivelmente cruel fazê-lo. Simon ainda acreditava que sua decisão fora a correta, mas isso não significava que não pesava como uma pedra em sua alma.

— Como é em L.A.? — ele perguntou, e imediatamente arrependeu. Como é Los Angeles? Como é esse lugar onde você vive, onde viu o seu pai ser assassinado e seu irmão levado como refém eterno pelas fadas? Como é isso?

A boca de Julian enrolou em um canto. Como se ele sentisse que Simon estava se sentindo desconfortável, e simpatizasse com isso, mas também achasse engraçado.

Simon estava acostumado com isso.

— Quente — respondeu Julian.

O que era justo.

— Como está a sua família? — Clary perguntou.

O rosto de Julian se iluminou, os olhos brilhando como a superfície da água.

— Todos estão bem. Ty está realmente mergulhado em coisas de detetive, Dru só no horror – assistindo todos os filmes mundanos q ela não deveria assistir. Mas aí ela se assusta e tem que dormir com a pedra enfeitiçada acesa. Livvy está ficando realmente boa com o sabre, e Tavvy...

Ele parou quando Jem e Emma desceram as escadas. O passo de Emma parecia mais leve. Havia algo em Emma que fazia Simon pensar em verões eternos em uma praia – seu cabelo sempre iluminado, seus movimentos graciosos, seu bronzeado de inverno. Ao longo do interior de um de seus braços estava uma longa cicatriz.

Ela olhou uma vez para Julian, que assentiu antes de começar a atravessar a sala.

Emma imediatamente envolveu Simon em um abraço. Seus braços, embora menores que os dele, fecharam-se em torno dele como cabos de aço. Ela cheirava a borrifos de mar.

— Obrigada por estarem aqui — ela falou. — Eu queria escrever para vocês, mas eles... — ela olhou para Jem por um momento. — Eles disseram que contariam a vocês. Agradeço a ambos.

Julian passou a mão ao longo da suave parede de mármore. Ele parecia ter problemas em olhar para Emma. Emma foi até ele e Jem a seguiu, falando com eles, por um momento. Clary e Simon ficaram para trás e os observaram. Algo sobre a maneira como Emma e Julian agiam não era bem o que Simon esperava. Claro, eles estavam nervosos, mas...

Não, era algo a mais.

Clary puxou a manga de Simon, indicando que ele deve se abaixar um pouco para que ela pudesse sussurrar para ele.

— Eles parecem tão... — Clary interrompeu sua sentença e inclinou a cabeça um pouco para o lado — jovens.

Havia uma sugestão em sua voz que esta não era uma declaração completamente satisfatória. Algo estava faltando. Mas Simon não teve tempo para descobrir o que. Jem, Emma e Julian se juntaram a eles novamente.

— Eu vou acompanhá-los à câmara — Jem disse. — Clary vai caminhar com Emma. Simon, com Julian. Você se sente pronto para continuar?

Emma e Julian engoliram visivelmente e estavam com os olhos arregalados, mas ambos conseguiram dizer sim.

— Então, vamos. Por favor, sigam-me.

Seguiram por mais corredores, mas o osso cada vez mais dava lugar ao mármore branco e, em seguida, a mármore que tinha a aparência de ouro. Eles chegaram a um grande conjunto de

portas, que foram abertas pelo Irmão Sadrach. O cômodo aonde entraram era maior ainda, com uma imponente cúpula no teto. Havia mármore de todas as cores – branco, preto, rosa, dourado, prata. Cada superfície era completamente lisa. O cômodo estava ocupado por um círculo de Irmãos do Silêncio, talvez vinte no total, que se separaram para permitir a passagem deles.

A sala estava escura e a iluminação bruxuleante vinha de arandelas douradas e velas. O ar era espesso com incenso.

— Simon Lewis e Julian Blackthorn — a voz de Jem ressoou. Por um momento, Simon quase pensou ter ouvido dentro de sua mente, do jeito que uma vez ouvira o Irmão Zachariah. Ele ainda tinha uma profundidade que lhe parecia mais rica que de um humano comum. — Atravessem para o outro lado do círculo, onde eles abriram espaço para vocês. Quando chegarem, permaneçam lá. Será falado a vocês o que fazer.

Simon olhou para Julian, que ficara branco. Apesar de parecer que ia desmaiar, Julian caminhou firmemente até o outro lado da sala, e Simon o seguiu. Clary e Emma e tomaram seus lugares no lado oposto. Jem se juntou ao círculo de Irmãos do Silêncio, que deram simultaneamente um passo atrás, ampliando o círculo. Agora os quatro estavam no centro.

De repente, dois anéis de fogo branco e dourado apareceram do chão, as chamas subindo apenas alguns centímetros, mas queimando reluzentes e quentes.

Emma Carstairs. Dê um passo à frente. As vozes soaram na cabeça de Simon. Era como se todos os irmãos falassem como um. Emma olhou para Clary, em seguida, deu um passo para dentro de um dos anéis. Ela fixou os olhos em Julian e sorriu amplamente.

Julian Blackthorn. Dê um passo à frente.

Julian foi para dentro do outro anel. Seu passo foi mais rápido, mas ele manteve a cabeça baixa.

Testemunhas, você devem ficar nas asas do anjo.

Simon precisou de um momento para obedecer ao comando. Ele finalmente viu que na parte superior do círculo, esculpida no chão, estava outra figura de um anjo com asas abertas. Ele tomou o seu lugar em uma asa, e Clary, no outro. Isto os levou um pouco mais perto do anel de fogo. Ele sentiu o calor rastejar agradavelmente sobre seus pés frios. Do lugar onde estava, ele podia ver as expressões Emma e Julian.

O que ele estava vendo? Era algo que ele conhecia.

Começamos a Prova de Fogo. Emma Carstairs, Julian Blackthorn, entrem no centro deste anel. Neste círculo, você estarão confinados.

Um anel central apareceu, juntando os dois. Um Diagrama de Venn de fogo. Assim que Emma e Julian estavam nele, o anel central queimou mais, chegando a altura da cintura.

Algo brilhou entre Julian e Emma naquele momento. Foi tão rápido que Simon não podia dizer de qual direção veio, mas ele viu isso com o canto do olho. Algum vislumbre, algo sobre a forma como os dois permaneceram ali, alguma coisa – mas era um vislumbre de alguma postura ou alguma coisa que ele tinha visto antes.

O fogo brilhou mais alto. estava até os seus ombros agora.

Agora vocês recitarão o juramento.

Emma e Julian começaram a falar como um, suas vozes com um pequeno tremor enquanto eles recitavam as antigas palavras bíblicas.

— *Onde fores, irei...*

* * *

Simon foi atingido por um raio de ansiedade. O que ele tinha acabado de ver? Por que era tão familiar? Por que o deixou assim? Ele estudou Emma e Julian novamente, da melhor forma que conseguiu sobre o fogo. Os dois pareciam nervosos como crianças fazendo algo muito sério, nos limites do círculo flamejante.

Lá estava aquilo novamente. Tão rápido. Foi obscurecida pela cintilação na parte superior do anel. Que diabos era aquilo? Talvez isto fosse precisamente o que as testemunhas deveriam fazer. Talvez eles devessem prestar atenção a este tipo de coisa. Não. Jem disse que era uma formalidade. Uma formalidade. Talvez ele devesse ter esta perguntar antes de o anel de fogo ficar ainda mais gigante.

— *Onde morreres, morrerei, e lá serei enterrado...*

Rituais de Caçadores de Sombras, sempre alegres.

— *Que o Anjo o faça por mim, e ainda mais...*

Julian tropeçou nas palavras “faça por mim”. Ele limpou a garganta e terminou a declaração um segundo depois de Emma.

Algo clicou na mente de Simon. Ele se lembrou, de repente, de Jace em sua alucinação, dizendo algo sobre a primeira vez em que eles se encontraram. E então a memória brilhou através de sua mente como um desses banners levados por pequenos aviões que voavam acima da praia de Long Island...

Ele estava sentado com Clary no Java Jones. Eles estavam assistindo Eric ler sua poesia. Simon decidiu este era o momento, ia dizer a ela. Precisava contar a ela. Ele pegara os cafés dos dois e os copos estavam quentes. Seus dedos estavam queimando. Ele tinha que externar isso, o que não seria um movimento suave.

Ele podia sentir a queimação. A sensação de que ele tinha que falar.

Eric lia um poema que continha as palavras “quadrilha nefastos”. *Quadris nefastos, quadris nefastos...* as palavras dançaram em sua cabeça. Ele tinha que falar.

— Há algo que quero conversar com você — ele falara.

Clary fez um comentário sobre o nome da banda, e ele teve que trazê-la de volta ao ponto.

— É sobre o que estávamos falando antes. Sobre eu não ter uma namorada.

— Oh, eu não sei. Ah, eu não sei. Convide Jaida Jones. Ela é legal, e gosta de você.

— Eu não quero chamar Jaida Jones para sair.

— Por que não? Você não gosta de garotas inteligentes? Ainda buscando um corpo perfeito?

Ela era cega? Como podia não ver? O que exatamente ele deveria fazer? Ele tinha que mantê-los juntos. Além disso, “buscando um corpo perfeito”?

Mas quanto mais ele tentava, mais alheia ela parecia. E então ela fixou o olhar em um sofá verde. Era como se o sofá fosse tudo no mundo. Ali estava ele, tentando se declarar para o amor da sua vida, e Clary concentrara sua atenção na mobília. Mas era mais do que isso. Algo estava errado.

— O que é? — perguntou. — O que há de errado? Clary, o que há de errado?

— Já volto — disse ela.

E com isso, ela largou o café e fugiu.

Ele a olhou através da janela, e de alguma forma ele sabia que este momento estava acabado para sempre. E então viu...

O anel de fogo se extinguiu. Era sobre isso. O juramento foi feito, e Emma e Julian estavam diante de todos eles. Julian tinha uma runa em sua clavícula, e Emma em seu braço.

Clary puxava o seu braço. Ele olhou para ela e piscou algumas vezes.

Você está bem?, sua expressão perguntava.

Sua memória tinha escolhido um ótimo momento para retornar.

* * *

Após a cerimônia, eles voltaram para Alicante, aonde foram levados para a mansão Blackthorn para trocar de roupa. Emma e Julian foram levados pelos empregados para quartos no piso principal. Clary e Simon foram levados até a grande escadaria.

— Eu não sei o que deveria vestir — Simon falou. — Não tive um aviso prévio.

— Eu te trouxe um terno de casa — Clary disse. — Peguei emprestado.

— Não de Jace.

— De Eric.

— Eric tem um terno? Você jura que não era, tipo, do falecido avô dele?

— Não posso jurar nada, mas acho que vai caber.

Simon foi levado para um quarto pequeno no segundo andar, com móveis estofados, papel de parede e olhares penetrantes de alguns Blackthorn que montaram residência ali na forma de retratos sóbrios. O saco com o terno estava na cama. Eric tinha um paletós preto liso. A camisa

também fora fornecida, juntamente com uma gravata azul prateada e sapatos. As mangas estavam dois ou três centímetros mais curtas do que deveriam. A camisa estava um pouco justa – o treinamento diário fizera Simon se transformar em uma dessas pessoas que estouravam os botões da camisa. Os sapatos não couberam, então ele calçou os sapatos pretos e confortáveis que faziam parte do uniforme formal. A gravata ficou boa. Gravatas eram boas assim.

Ele sentou na cama por um momento e deixou-se pensar em tudo o que tinha acontecido. Fechou os olhos e lutou contra o desejo de dormir. Sentia-se cambaleando e quase deitando quando houve uma batida suave na porta.

Ele bufou quando voltou da microsoneca.

— Claro — disse ele, o que não era o que ele quis dizer. — Sim. Quero dizer, entre.

Clary entrou, usando um vestido verde que completava perfeitamente o seu cabelo, sua pele, cada parte dela. E Simon teve uma revelação. Se ele ainda sentisse uma atração romântica por Clary, vê-la naquele momento poderia fazê-lo começar a suar e gaguejar.

Agora, ele via alguém que amava, que parecia muito bonita, e era sua amiga. E isso era tudo.

— Ouça — disse ela, fechando a porta — de volta à cerimônia, você pareceu... esquisito. Se você não quiser fazer... a coisa de *parabatai*. Foi um choque e eu não quero que você esteja...

— O quê? Não, não.

Instintivamente, ele pegou a mão dela. Ela apertou com força.

— Tudo bem — ela falou. — Mas alguma coisa aconteceu lá dentro. Eu vi.

— Na alucinação que eu tive por causa da água do lago, eu vi Jace, e ele ficava me dizendo para lembrar de como nos conhecemos — ele explicou. — Então, eu estava tentando lembrar. E depois no meio da cerimônia, a memória meio que voltou. É apenas uma espécie de... download.

Clary franziu a testa, o nariz franzindo em confusão.

— A lembrança de como conheceu Jace? Não foi no Instituto?

— Sim e não. A memória era na verdade sobre nós, você e eu. Estávamos no café, no Java Jones. Você estava falando de todas aquelas garotas com quem eu podia sair e eu... eu estava tentando te dizer que era de você que eu gostava.

— Sim — Clary concordou, olhando para baixo.

— E então você correu para fora. Simples assim.

— Jace estava lá. Você não podia vê-lo.

— Isso é o que eu pensava — Simon estudou o rosto dela. — Você saiu correndo enquanto eu te dizia como eu me sentia. O que está bem. Nós nunca fomos destinados a ser... daquele jeito. Penso que isso é o que o meu subconsciente, na forma irritante de Jace, queria que eu soubesse. Porque acho que nós estamos destinados a ficar juntos. *Parabatai* não podem gostar um do outro assim. É por isso que foi importante que eu me lembrasse. Eu tinha que lembrar que me senti assim. Tinha que saber que é diferente agora. Não de uma forma ruim. Da forma certa.

— Sim — disse Clary. Ela havia ficado com os olhos marejados. — Da forma certa.

Simon assentiu com a cabeça uma vez. Era grande demais para dizer em palavras. Era tudo. Esse era todo o amor que ele viu nos olhos de Jem quando ele falou sobre Will, e o amor no rosto de Alec quando ele olhava para Jace, mesmo quando Jace estava sendo chato, e uma memória desanuviou-se, de Jace segurando Alec enquanto ele estava ferido e o desespero nos olhos de Jace, o terror que vem só de pensar que você pode perder alguém que não poderia viver sem.

Era Emma e Julian, olhando um para o outro.

Alguém os estava chamando lá de baixo.

Clary afastou uma lágrima e levantou-se, alisando o vestido já arrumado.

— Isso é como um casamento — ela falou. — Sinto como se eles estivessem vindo nos chamar para posarmos para o fotógrafo em um minuto.

Clary enganchou o braço no dele.

— Uma coisa — disse ele, lembrando de Maia e Jordan. — Mesmo quando eu for um Caçador de Sombras, ainda serei um pouco como um ser do Submundo. Nunca darei as costas para eles. Esse é o tipo de Nephilim que eu quero ser.

— Eu não teria esperado outra coisa.

No andar de baixo, os dois novos *parabatai* se examinavam do outro lado da sala. Emma estava de um lado, usando um vestido marrom coberto de flores entrelaçadas de ouro. Julian estava do outro, contorcendo-se dentro de seu terno cinza.

— Vocês estão maravilhosos — Clary falou para ambos, e eles baixaram o olhar timidamente.

No Salão dos Acordos, Jace estava à espera deles no degrau da frente, parecendo Jace de terno. Jace de terno era insuportável. Ele olhou Clary de cima a baixo.

— Esse vestido é...

Ele teve que limpar a garganta. Simon gostou de seu desconforto. Não havia muito que deixasse Jace sem palavras, mas Clary sempre fora capaz de provocá-lo como um balão num dia de vento. Os olhos dele eram praticamente como corações dos desenhos animados.

— É muito bonito — ele terminou. — Então, como foi a cerimônia? O que vocês acharam?

— Tem definitivamente mais fogo do que um bar mitzvah — Simon disse.
— Mais fogo do que um churrasco. Estou pensando em chamá-lo de Evento Formal com Mais Fogo.

Jace assentiu.

— Foi surpreendente — Clary falou. — E... — ela olhou para Simon. — Temos uma novidade.

Jace inclinou a cabeça.

— Mais tarde — ela disse, sorrindo. — Acho que todo mundo está esperando que a gente se sente.

— Então nós precisamos trazer Emma e Julian aqui.

Emma e Julian estavam no canto da sala, conversando, mas com uma estranha distância entre seus corpos.

— Vou falar com eles — disse Jace, acenando para Julian e Emma. — Dar-lhes alguns conselhos viris e reflexivos.

Assim que Jace se afastou, Clary começou a falar, mas eles foram imediatamente acompanhados por Magnus e Alec. Magnus estava prestes a começar como professor convidado na Academia e ele queria saber quão ruim a comida era. Os irmãos e irmãs de Julian – Ty, Livvy, Drusilla e Octavian – agrupados em torno da mesa com os aperitivos. Simon olhou por cima do ombro e viu Jace descarregar conselhos Jacenianos sobre novos *parabatai*. Havia um delicioso cheiro de carne assada. Grandes travessas estavam sendo colocados sobre as mesas agora, juntamente com legumes, raízes, pães e queijos. Vinho estava sendo servido. Era um momento para comemorar. Era bom, pensou Simon, que no meio de todas as coisas terríveis que podiam acontecer, e por vezes aconteciam, havia também momentos assim. Com tanto amor.

Quando Simon se virou, viu Julian apressando-se para fora do salão. Jace voltou, seu braço ao redor dos ombros de Emma.

— Está tudo bem? — Clary perguntou.

— Tudo. Julian precisava de ar. Esta cerimônia é intensa. Tantas pessoas. Vocês precisam comer.

Esta foi Emma, que sorria, mas se manteve olhando para a porta por onde seu *parabatai* tinha acabado de passar. Então ela se virou e viu Ty correndo pelo salão com uma bandeja contendo um queijo inteiro.

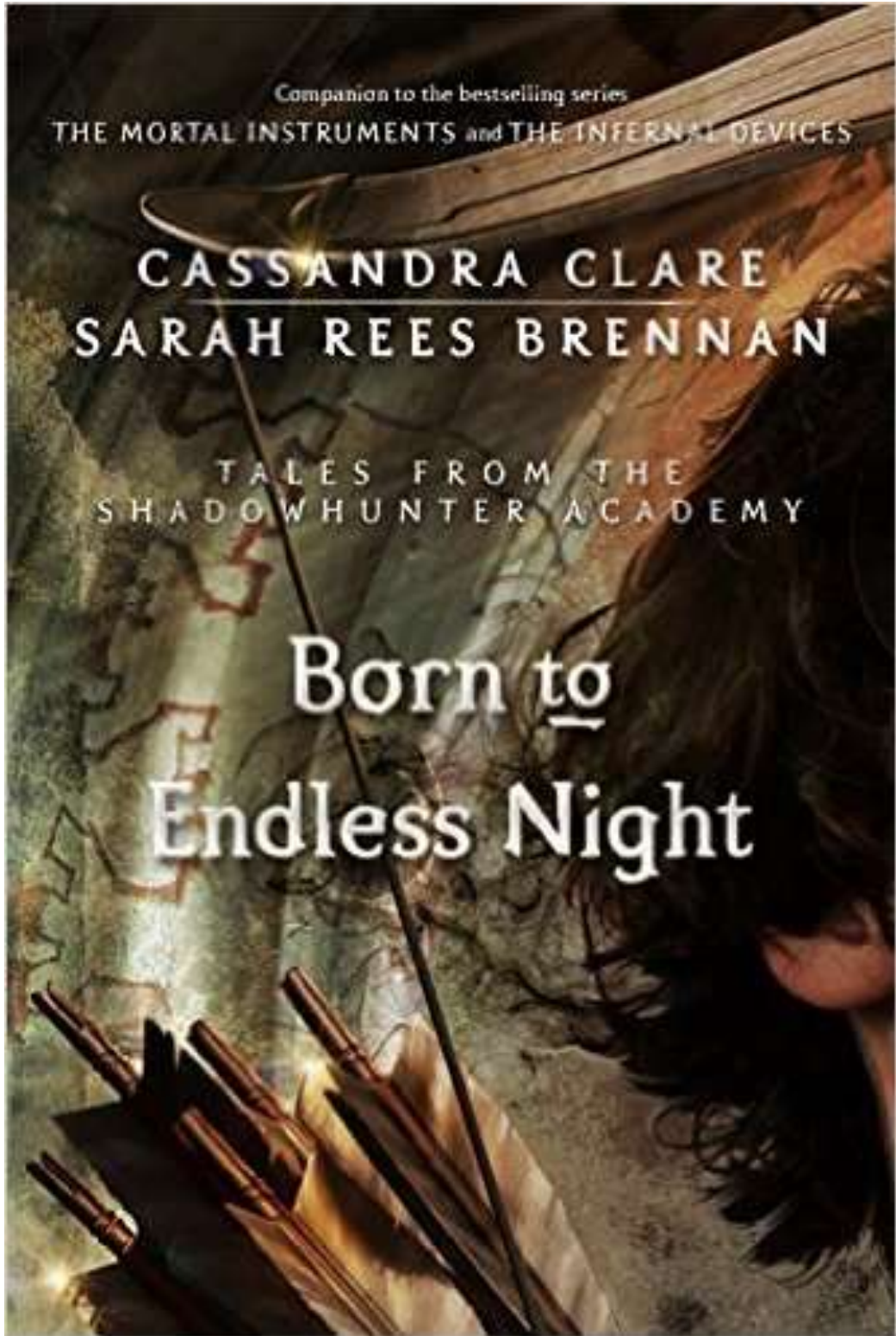
— Oh — ela disse — É, isso é ruim. Ele pode na verdade, comer todo o queijo, mas, depois vai vomitar tudo. É melhor eu ver isso ou vai acabar mal para Jules.

Ela correu atrás de Ty.

— Eles têm muito em suas mãos — Jace disse, observando-a ir. — Que bom que eles têm um ao outro. Sempre terão. É assim que *parabatai* são.

Ele sorriu para Alec, que sorriu de volta para ele de uma forma que iluminou todo o seu rosto.

— Sobre esse negócio de *parabatai* — Clary falou. — Nós também temos que contar algumas novidades...



Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INFERNAL DEVICES

CASSANDRA CLARE
SARAH REES BRENNAN

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

Born to Endless Night

NASCIDO NA NOITE INFINITA

Simon, como o resto da Academia, fica surpreso quando um bebê feiticeiro de pele azul marinho é encontrado nos degraus da Academia. Eles entregam a criança para o palestrante convidado Magnus Bane, que tem que levar a criança para casa... temporariamente, é claro... e para seu namorado, Alec.

Toda noite e toda manhã

Alguém para a miséria está a nascer.

Em toda tarde e toda manhã linda

Uns nascem para o doce gozo ainda.

Uns nascem para o doce gozo ainda,

Outros nascem para uma noite infinda.

– William Blake, Augúrios da inocência

Magnus acreditava que muitas antiguidades eram criações de beleza duradoura. As pirâmides. *David*, de Miquelangelo. Versailles. O próprio Magnus.

No entanto, só porque algo era antigo e imbuído de anos de tradição, isso não o tornava uma obra de arte. Mesmo que você fosse Nephilim e acreditasse ter o sangue do Anjo, isso não queria dizer que suas coisas eram melhores que a dos outros.

A Academia dos Caçadores de Sombras não era uma criação de beleza duradoura. A Academia dos Caçadores de Sombras era um depósito de lixo.

Magnus não desfrutava da paisagem no início da primavera, antes de o inverno terminar verdadeiramente. Toda a paisagem era tão monocromática quanto um filme antigo, sem a energia da narrativa. Campos cinzentos escuros se tornavam um céu cinza pálido, e árvores eram reduzidas a dedos cinzentos esticando-se para nuvens de chuva. A Academia combinava com seus arredores, de cócoras na paisagem como um grande sapo de pedra.

Magnus viera para cá algumas vezes antes, visitando amigos. Ele não tinha gostado. Lembrava de caminhar sob o olhar frio dos alunos que eram treinados pelos métodos estreitos e escuros da Clave e do Pacto, que eram jovens demais para perceber que o mundo podia ser mais complicado do que isso.

Pelo menos naquela época o lugar não estava desmoronando. Magnus olhou para uma das torres delgadas que decoravam os quatro cantos da Academia. Não se erguia em linha reta; na verdade, parecia uma parente pobre da torre pendente de Pisa. Magnus a encarou, concentrou-se e estalou os dedos. A torre saltou para trás no lugar, como se fosse uma pessoa agachada de repente se endireitou. Houve lá uma série distante de gritos vindo das janelas da torre. Magnus não percebera que havia pessoas lá dentro. Não parecia nem um pouco seguro.

Bem, os habitantes da torre ex-inclinanda logo perceberam que ele lhe fizera um favor. Magnus olhou para o anjo no vitral situado acima da porta. O anjo olhou para ele, espada em chamas e rosto censurando, como se desaprovasse a maneira como Magnus se vestia e estivesse pronto para ordenar-lhe mudar de roupa.

Magnus passou por baixo do anjo crítico e entrou num corredor de pedra, assobiando baixinho. O corredor estava vazio. Ainda era de manhã cedo, o que talvez explicasse um pouco do cinza. Magnus esperava que o dia se iluminasse antes que Alec chegasse.

Ele havia deixado seu namorado em Alicante, na casa de seu pai. A irmã de Alec, Isabelle, ficaria lá também. Magnus dormira com inquietação na casa do Inquisidor na noite anterior, e disse que os deixaria para tomar café da manhã sozinhos – apenas a família. Durante anos, ele e Robert e Maryse Lightwood organizaram suas vidas para que eles se vissem apenas em caso de uma chamada urgente ou grandes pagamentos em dinheiro pelos atendimentos de Magnus. Ele tinha quase certeza de que Robert e Maryse sentiam falta daqueles dias e desejavam que eles voltassem. Sabia que eles nunca o desejariam para o seu filho, e mesmo que aceitassem que ele agora se relacionasse com homens, não teriam preferido um ser do Submundo, e certamente não um que estava por ali nos dias do Círculo de Valentim e os viu num momento de suas vidas sobre a qual eles não se orgulhavam atualmente.

O próprio Magnus não se esquecera. Ele podia amar um Caçador de Sombras, mas era impossível amá-los a todos. Ele esperava muitos mais anos de evitamentos educados pela frente, quando necessário, e tolerância aos pais de Alec. Este era um pequeno preço a pagar para estar com Alec.

Só agora que ele escapara de Robert Lightwood e teve a chance de inspecionar os quartos que tinha solicitado que a Academia preparasse para eles. A partir do estado do resto da Academia, Magnus tinha pressentimentos sombrios sobre esses quartos.

Ele subiu levemente as escadas silenciosas e ecoantes do lugar. Sabia para onde estava indo.

Ele concordara em vir e dar uma série de palestras, a pedido de sua velha amiga Catarina Loss, mas ele era, afinal, o Alto Feiticeiro do Brooklyn e tinha certos padrões. Não tinha nenhuma intenção de deixar seu namorado durante semanas. Havia deixado claro que ele precisava de uma suíte para si e para Alec, e que o conjunto deveria incluir uma cozinha.

Ele não ia comer qualquer uma das refeições que Catarina descrevera em suas cartas. Se possível, ele evitaria até mesmo vê-las.

O mapa que Catarina desenhara para ele era exato: ele encontrou seus aposentos na parte superior do edifício. Os quartos ligados no sótão poderiam, Magnus adivinhou, possivelmente contar como uma suíte. E havia uma pequena cozinha, embora Magnus temesse que não fosse atualizada desde a década de 1950. Havia um rato morto no banheiro. Talvez alguém o tivesse deixado lá para recebê-los. Talvez fosse um presente festivo.

Magnus vagou pelos cômodos, acenando com uma mão para incentivar as janelas e bancadas a se lavarem. Ele estalou os dedos e enviou o rato morto como um presente para seu gato, Presidente Miau. Maia Roberts, a líder do bando de lobisomens de Nova York, cuidava de seu gato quando ele estava fora. Magnus esperava que ela pensasse que Presidente Miau fosse um poderoso caçador.

Então ele abriu a pequena geladeira. A porta pesada caiu, até que Magnus lançou-lhe um olhar duro e ela pulou de volta ao lugar. Magnus espiou dentro da geladeira, acenou com a mão livre e viu com satisfação que ela agora estava preenchida com muitos itens da Whole Foods, o mercado de produtos orgânicos. Alec não precisava saber disso, e Magnus mandaria o dinheiro para a Whole Foods mais tarde, de qualquer maneira. Ele limpou os quartos mais uma vez, acrescentando almofadas nas cadeiras de madeira tristes e empilhando seus cobertores multicoloridos de casa na cama torta de dossel.

A missão de decoração de emergência foi completada e sentindo-se muito mais alegre, Magnus desceu ao salão principal da Academia, esperando encontrar Catarina ou ver a chegada de Alec. Não havia sinal de atividade, por isso, apesar de seus receios, Magnus foi verificar se Catarina estava no salão de jantar.

Ela não estava lá, mas havia alguns alunos Nephilim espalhados, tomando café da manhã. Magnus supôs que as pobres criaturas haviam levantado cedo para jogar dardos ou fazer algum outro negócio desagradável.

Havia uma menina loura e magra colocando uma substância que poderia ser mingau ou ovos em seu prato. Magnus a observou com silencioso horror enquanto ela o levou para uma mesa, agindo como se realmente tivesse a intenção de comê-lo. Então ela notou Magnus.

— Oh, olá — disse a loira, parando em seu caminho como se tivesse sido atingido por um caminhão.

Ele deu a ela o seu sorriso mais encantador. Por que não?

— Olá.

Magnus conhecia a encarada desde antes de a encarada ser inventada. Estava familiarizado com o significado deste olhar. As pessoas o tinham despedido com os olhos antes.

Ele ficou impressionado com a intensidade deste olhar particular. Era raro que as pessoas arrancassem suas roupas e as jogasse para vários cantos da sala com os olhos.

E não eram sequer roupas particularmente excitantes. Magnus decidiu se vestir com calma e dignidade, como convinha a um professor, e usava uma camisa preta e calças feitas sob medida. Ele vestia também, para dar elegante toque de educador, uma túnica curta sobre a camisa, mas o reluzente fio de ouro que atravessava o tecido era muito sutil.

— Você deve ser Magnus Bane — a loira falou. — Já ouvi muito sobre você a partir de Simon.

— Eu não posso culpá-lo por se gabar — disse Magnus.

— Estamos muito contentes de tê-lo aqui — continuou ela. — Eu sou Julie. Sou praticamente a melhor amiga de Simon. Sou muito legal com seres do Submundo.

— Que bom para nós, seres do Submundo — Magnus murmurou.

— Estou muito animada para suas palestras. E para passarmos algum tempo juntos. Você, eu e Simon.

— Não será uma festa — disse Magnus.

Ela estava tentando, pelo menos, e nem todos os Nephilim eram assim. E ela mencionava Simon a cada respiração, apesar de Simon ser um mundano. Além disso, a atenção era lisonjeira.

Magnus abriu o sorriso mais encantador.

— Estou ansioso para conhecê-la melhor, Julie.

Era possível que ele tenha calculado mal o sorriso. Julie estendeu a mão como se quisesse tomar a de Magnus, e deixou cair a bandeja. Ela e Magnus olharam para o prato e seu conteúdo cinza pobre.

— É melhor assim — disse Magnus com convicção.

Ele gesticulou, e toda a bagunça desapareceu.

Então fez um gesto para a mão estendida de Julie, e um pote de iogurte de blueberry com uma pequena colher apareceu nela.

— Oh! — exclamou Julie. — Oh, uau, obrigada.

— Bem, já que a alternativa era voltar e pegar mais uma vez a comida da Academia — Magnus falou — acho que você me deve bastante. Possivelmente me deve o seu primogênito. Mas não se preocupe, não estou em busca de primogênitos no momento.

Julie deu uma risadinha.

— Você quer sentar?

— Obrigado pela oferta, mas, na verdade, eu estava procurando por alguém.

Magnus inspecionou o cômodo, que lentamente se enchia. Ele ainda não encontrou Catarina, mas na porta viu Alec, com o ar de recém-chegado e conversando com um indiano mundano que parecia ter uns dezesseis anos.

Ele chamou a atenção de Alec e sorriu.

— Ali está o meu alguém. Adorei conhecê-la, Julie.

— Igualmente, Magnus — ela o assegurou.

Quando Magnus se aproximou Alec, o outro menino apertou a mão do Caçador de Sombras.

— Eu só queria dizer obrigado — disse o garoto, e saiu, com um aceno de cabeça para Magnus.

— Você o conhece? — perguntou Magnus.

Alec parecia levemente atordoado.

— Não. Mas ele sabia tudo sobre mim. Nós estávamos conversando sobre todas as maneiras que existem para ser um Caçador de Sombras, sabia?

— Anotado — disse Magnus. — Meu famoso namorado, inspiração para as massas.

Alec sorriu, um pouco envergonhado, mas principalmente divertido.

— Então, aquela menina estava flertando com você.

— Sério? — perguntou Magnus. — O que você poderia dizer?

Alec lançou-lhe um olhar cético.

— Bem, isso estava prestes a acontecer. Tenho estado por aí há um bom tempo — disse Magnus. — E também tenho sido lindo por um longo tempo.

— É mesmo?

— Estou em alta demanda. O que você vai fazer sobre isso?

Ele não podia, e não deveria, brincar com Alec sobre isso anos atrás. Alec era novo no amor, tropeçando através de seu próprio terror sobre quem era e como se sentia, e Magnus fora bastante cuidadoso com ele, como sabia que podia ser, com medo de machucar Alec e de destruir esse sentimento entre eles, novo para Magnus como era para Alec.

Era uma alegria recente ser capaz de provocar Alec e saber que não o magoaria, ver Alec se portando de uma maneira diferente do que costumava, fácil e casual e confiante em sua própria pele, sem nenhuma da arrogância de seu parabatai, mas com uma certeza tranquila e própria.

A sala de jantar de pedra era mal iluminada, e o barulho dos estudantes comendo e bisbilhotando desvanecido à distância, nada e plano de fundo para o sorriso de Alec.

— Isto — disse Alec.

Ele estendeu a mão e puxou Magnus pela frente de sua túnica, recostando-se contra a moldura da porta e levando Magnus lentamente para um beijo.

A boca de Alec era macia e segura, o beijo lento, suas mãos fortes segurando Magnus perto, pressionado ao longo da linha quente de seu corpo. Atrás das pálpebras fechadas de Magnus, a manhã transformou-se do cinza para dourado.

Alec estava aqui. Mesmo uma dimensão inferno, como Magnus lembrou, tinha sido bastante melhorada pela presença de Alec. A Academia dos Caçadores de Sombras seria um estalar de dedos.

* * *

Simon chegou tarde para o café da manhã e encontrou Julie incapaz de falar sobre outra coisa além de Magnus Bane.

— Feiticeiros são *sexys* — disse ela em tom de alguém que teve uma revelação.

— A senhorita Loss é nossa professora, e eu estou tentando comer — Beatriz olhou desanimada para seu prato.

— Os vampiros são grosseiros e mortos, lobisomens são grosseiros e peludos, e elfos são traiçoeiros e dormiriam com sua mãe — Julie continuou. — Feiticeiros são os seres do submundos sensuais. Pense nisso. Todos eles têm problemas com os pais. E Magnus Bane é o mais *sexy* de todos eles. Ele pode ser o Alto Feiticeiro das minhas calças.

— Uh, Magnus tem um namorado — observou Simon.

Havia um brilho assustador nos olhos de Julie.

— Há algumas montanhas você ainda quer subir, mesmo que haja placas de “Não ultrapasse”.

— Eu acho que é grosseiro — disse Simon. — Você sabe, a maneira como pensa os vampiros são.

Julie fez uma careta para ele.

— Você é tão sensível, Simon. Por que deve ser sempre assim sensível?

— Você é tão terrível, Julie — Simon devolveu. — Por que você tem que sempre ser tão terrível?

Alec viera com Magnus, Julie relatou. Simon estava pensando na terribilidade de Julie, que, afinal, não era nova. Alec ficaria na Academia durante semanas. Ele normalmente via Alec em uma multidão de pessoas, e nunca parecia o momento certo para falar com ele. Este era o momento certo. Era hora de conversar sobre o problema entre eles que Jace insinuara tão sombriamente. Ele não queria que houvesse algo de errado entre ele e Alec, que parecia ser o cara legal de que Simon podia se lembrar. Alec era o irmão mais velho de Isabelle, e Isabelle era... era quase certamente... a namorada de Simon.

Ele queria que ela fosse.

— Devemos tentar um pouco de prática com arco e flecha antes da aula? — perguntou George.

— Isso é algo bem específico, George — disse Simon. — Pedi-lhe para não fazer isso. Mas com certeza.

Todos eles se levantaram, empurrando seus pratos de lado, e caminharam até as portas da frente da Academia, indo para os campos de exercícios.

Esse era o plano, mas nenhum deles foi para os campos de treinamento naquele dia. Nenhum deles conseguiu passar do limiar da Academia. Todos estavam na escadaria da frente, em um grupo horrorizado.

No primeiro degrau de pedra estava um pacote, envolto em um cobertor amarelo felpudo. A visão de Simon falhou de uma forma que nada tinha a ver com os óculos e tudo a ver com pânico, recusando-se a registrar o que estava realmente diante dele. É um pacote de lixo, Simon disse a si mesmo. Alguém tinha deixado um embrulho de lixo na porta deles.

Exceto que o embrulho estava se movendo, em pequenos movimentos incrementais. Simon observou os pequenos movimentos irritantes sob o cobertor, viu os olhos brilhantes que espreitavam para fora do casulo amarelo felpudo, e sua mente aceitou o que ele estava vendo, mesmo enquanto outro choque vinha.

Uma pequena mão emergiu dos cobertores, acenando em protesto contra tudo o que estava ocorrendo.

O punho era azul, da cor do mar profundo quando você estava em um barco enquanto a noite caía. O azul da cor do uniforme do Capitão América.

— É um bebê — Beatriz ofegou. — É um bebê feiticeiro.

Havia um bilhete preso no cobertor amarelo do bebê. Simon o viu no preciso momento em que o vento o levou, arrancando-o do cobertor e se afastando. Simon agarrou o papel do aperto frio do vento e olhou para as palavras, um rabisco apressado num pedaço de papel rasgado.

O bilhete dizia: *Quem poderia amar isso?*

* * *

— Oh não, o bebê azul abandonado — disse George. — Não podemos deixá-lo aí jogado!

Ele franziu a testa, como se não tivesse a intenção de fazer uma rima. Em seguida, ele se ajoelhou, porque George era o coração mole não-tão-secreto do grupo, e desajeitadamente pegou o pacote amarelo em seus braços. Ele levantou-se, seu rosto pálido, segurando o bebê.

— O que vamos fazer? — Beatriz perguntou, ecoando o pensamento de George. — O que vamos fazer?

Julie estava grudada contra a porta. Simon tinha visto pessoalmente ela cortar a cabeça de um demônio enorme com uma pequena adaga, mas ela apareceu prestes a correr com terror se alguém lhe pedisse para segurar o bebê.

— Eu sei o que fazer — disse Simon.

Ele procuraria Magnus, pensou. Sabia que Magnus e Alec tinham chegado e estavam acordados. E precisava falar com Alec, de qualquer maneira. Magnus ajudara com a amnésia de demônio de Simon. Magnus vivera por séculos. Ele era o adulto mais adulto que Simon conhecia. Um bebê feiticeiro abandonado nesta fortaleza de Caçadores de Sombras era um problema Simon não tinha ideia de como solucionar, e ele sentiu que precisava de um adulto. Simon já estava se virando para ir.

— Devo fazer respiração boca a boca no bebê? — George perguntou.

Simon congelou.

— Não, não faça isso. O bebê está respirando. Ele está respirando, certo?

Todos eles se viraram e olharam para o pequeno pacote. O bebê acenou com a mão novamente. Se o bebê estava se movendo, Simon pensou, então deve estar respirando. Ele não ia *mesmo* pensar em bebês de zumbis neste momento.

— Devo pegar uma garrafa de água quente para o bebê? — George indagou.

Simon respirou fundo.

— George, não perca a cabeça. Esse bebê não está azul porque tem frio ou porque não consegue respirar. Bebês mundanos não ficam azuis assim. Este bebê é azul porque ele é um feiticeiro, assim como Catarina.

— Não exatamente como a senhorita Loss — disse Beatriz em voz alta. — Ela é mais num tom de azul céu, considerando que este bebê é mais azul marinho.

— Você parece muito bem informada — George decidiu. — Você deve segurar o bebê.

— Não! — gritou Beatriz.

Ela e Julie ergueram as mãos em sinal de rendição. Na medida em que estavam, ficou claro que George estava segurando o bebê e não eles não deveriam fazer nada precipitado.

— Todo mundo fique onde está — disse Simon, tentando manter a voz calma.

Julie se animou.

— Oooh, Simon — disse ela. — Boa ideia.

Simon correu para o outro lado do corredor e até as escadas, movendo-se em um ritmo que teria espantado seu professor ruim de treinamento. Scarsbury nunca lhe proporcionou motivação como essa.

Ele sabia que Magnus e Alec foram colocados em uma suposta suíte nos sótãos. Aparentemente, havia até uma cozinha separada.

Simon apenas subia e subia, sabendo que chegaria ao sótão em algum ponto. Ele chegou até em cima, ouviu murmúrios e movimento atrás da porta, e a abriu.

Então ele estacou, preso em seu segundo limiar do dia.

Havia um lençol sobre Alec e Magnus, mas Simon podia ver o suficiente. Ele podia ver os ombros brancos com runas cicatrizadas de Alec e o cabelo preto selvagem de Magnus espalhado sobre o travesseiro. Podia ver Alec congelando, em seguida, virando a cabeça e dando a Simon um olhar de absoluto horror.

Os olhos dourados de gato de Magnus brilhavam por sobre o ombro pálido de Alec. Ele soou quase vibrante quando perguntou:

— Podemos ajudá-lo?

— Oh meu Deus — disse Simon. — Oh, uau. Ai, eu sinto muito.

— Por favor, saia — Alec falou em uma voz apertada e controlada.

— Certo! Claro! — ele fez uma pausa. — Eu não posso sair.

— Acredite em mim — disse Alec. — Você pode.

— Há um bebê abandonado nos degraus da frente da Academia e eu acho que é um feiticeiro!

— Simon deixou escapar.

— Por que você acha que o bebê é feiticeiro? — perguntou Magnus. Ele era o único no ambiente que estava composto.

— Hã, porque o bebê é azul marinho.

— Esta é uma evidência bastante convincente — Magnus admitiu. — Você poderia nos dar um momento para nos vestir?

— Sim! Claro! De novo, eu sinto muito.

— Vá agora — Alec sugeriu.

Simon fechou a porta e saiu.

Depois de um curto período de tempo, Magnus emergiu da suíte do sótão vestido de roupas pretas justas com um bordado dourado cintilante. O cabelo ainda estava bagunçado, apontado em todas as direções, como se Magnus tivesse sido pego em uma pequena tempestade pessoal, mas Simon não ia comentar sobre o cabelo de seu potencial salvador.

— Eu realmente sinto muito — Simon falou de novo.

Magnus fez um gesto preguiçoso.

— Vendo o seu rosto não foi o melhor momento do meu dia, Simon, mas essas coisas acontecem. É certo que nunca aconteceu com Alec antes, e ele precisa de mais alguns minutos. Mostre-me onde a criança está.

— Siga-me — pediu Simon.

Ele desceu as escadas correndo mais rápido do que as subiu, pulando dois degraus de cada vez. Encontrou o grupo na soleira da mesma maneira que ele os deixou, Beatriz e Julie como a plateia horrorizada para o cuidado aterrorizado e inexperiente de George. O embrulho estava agora fazendo um baixo som lamentoso.

— Por que você demorou tanto? — Beatriz assobiou.

Julie ainda parecia muito abalada, mas ela conseguiu dizer:

— Olá, Magnus.

— Olá novamente, Julie — respondeu Magnus, novamente a única pessoa calma no ambiente. — Permita-me segurar o bebê.

— Oh, muito obrigado — George respirou. — Não que eu não goste do bebê. Mas eu não tenho a menor ideia do que fazer com ele.

George parecia ter segurado o bebê pelo tempo que Simon levou para subir e descer os lances de escadas. Ele olhou para baixo, para o bebê enrolado no cobertor e, em seguida, quando o entregou para Magnus, ele se atrapalhou e quase o deixou cair chão de pedra.

— Pelo Anjo! — exclamou Julie, a mão apertada contra o peito.

Magnus deteve o desastre e pegou a criança, segurando o cobertor embrulhado contra o seu peito bordado de ouro. Magnus segurava o bebê com mais experiência do que George o fez, o que significava que Magnus apoiou a cabeça do bebê e pareceu ter segurado um bebê uma ou duas vezes na vida. George não parecia prestes a vencer qualquer campeonato de carregamento de bebês.

Com uma mão brilhando com anéis, Magnus afastou um pouco o cobertor, e Simon prendeu a respiração. Os olhos de Magnus viajaram pelo bebê, seus pés e mãos impossivelmente pequenos, os olhos arregalados em seu rostinho, os cachos de um azul tão escuro que eram quase pretos. A queixa baixa e constante do bebê aumentou um pouco, ficando mais aguda, e Magnus puxou o cobertor de volta para seu lugar.

— É um garoto — disse Magnus.

— Ah, um rapaz — falou George.

— Ele tem cerca de oito meses eu diria — continuou Magnus. — Alguém cuidou dele até que não aguentou mais, e suponho que através do recrutamento de mundanos para a Academia, alguém pensou saber o lugar certo para trazer uma criança que não queriam.

— Mas alguém não deixaria sua criança... — George começou, e calou-se sob o olhar de Magnus.

— As pessoas deixariam. As pessoas deixam. E as escolhas que as pessoas fazem são diferentes, com crianças feiticeiras— Magnus disse. Sua voz era baixa.

— Então, não há nenhuma chance de alguém vir buscá-lo — disse Beatriz.

Simon pegou o bilhete que tinha encontrado dobrado no cobertor da criança e entregou a Magnus.

Ele não se sentia, olhando para o rosto de Magnus, que ele poderia entregá-lo a qualquer outra pessoa. Magnus olhou para o bilhete e assentiu. *Quem poderia amar isso?* brilhou entre os dedos, e, em seguida, ele colocou-o no bolso.

Havia outros alunos reunindo-se em torno deles, e um burburinho crescente de ruído e confusão. Se Simon estivesse em Nova York, imaginou que as pessoas viriam tirar fotos do bebê com seus telefones.

Ele se sentiu um pouco exposto, como num jardim zoológico, e ficou agradecido que Magnus estivesse lá.

— O que está acontecendo? — perguntou uma voz do o topo da escada.

A reitora Penhallow estava ali de pé, com seu cabelo loiro avermelhado solto sobre os ombros, apertando ao redor do corpo um robe de seda preta gravado com dragões. Catarina estava ao seu lado, completamente vestida de jeans e uma blusa branca.

— Parece que alguém deixou um bebê em vez de as garrafas de leite — Catarina comentou. — Que descuido. Bem-vindo, Magnus.

Magnus deu-lhe um pequeno aceno com a sua mão livre e um sorriso irônico.

— O quê? Por quê? Por que alguém faria tal coisa? O que devemos fazer com isso? — perguntou a reitora.

Às vezes Simon esquecia que a reitora Penhallow era jovem, jovem demais para uma professora, quanto mais uma reitora. Outras vezes ele foi vigorosamente lembrado desse fato. Ela parecia prestes a entrar em pânico como Beatriz e Julie fizeram.

— Ele é muito jovem para ser ensinado — disse Scarsbury, olhando para baixo a partir do alto da escadaria. — Talvez devêssemos entrar em contato com a Clave.

— Se o bebê precisar de uma cama — George ofereceu, — Simon e eu poderíamos mantê-lo em nossa gaveta.

Simon lançou um olhar consternado a George. George parecia perturbado.

Alec Lightwood se movia como uma sombra por entre a multidão de estudantes, cabeça e ombros acima a maioria deles, mas sem empurrar ninguém de lado. Ele moveu-se tranquila e persistentemente, até que estava onde queria estar: ao lado de Magnus.

Quando Magnus viu Alec, seu corpo inteiro relaxou. Simon ainda não notara a tensão correndo por Magnus até que viu o momento em que a facilidade foi devolvida.

— Este é o bebê feiticeiro sobre a qual Simon falou — Alec disse em voz baixa, e acenou com a cabeça para o bebê.

— Como você vê — disse Magnus. — O bebê não seria capaz de passar por mundano. Sua mãe claramente não o queria. Ele está em um ninho de Nephilim, e não posso pensar, entre fadas, Caçadores de Sombras ou lobisomens, onde no mundo ele poderia possivelmente pertencer.

A calma e diversão de Magnus pareceram infinitas até poucos minutos atrás. Agora Simon ouviu desgaste em sua voz, uma corda em que muito esforço foi colocado, e que arrebentaria logo mais.

Alec colocou a mão no braço de Magnus, logo acima do cotovelo. Ele apertou Magnus com firmeza, quase distraidamente fornecendo apoio silencioso. Ele olhou para Magnus e, em seguida, mudou o foco para baixo, por um momento longo e pensativo, para o bebê.

— Posso segurá-lo? — perguntou Alec.

Surpresa apareceu sobre o rosto de Magnus, mas não permaneceu.

— Claro — disse ele, e colocou o bebê nos braços de Alec, estendidos para recebê-lo.

Talvez fosse que Alec tivesse segurado um bebê mais recentemente do que Magnus, e certamente mais frequentemente do que George. Talvez fosse porque Alec estivesse usando o que parecia ser um pijama incrivelmente velho, desgastado e amaciado pelos anos e que mudou do verde escuro para cinza, com apenas vestígios remanescentes da cor original.

Seja qual fosse a razão, assim que Alec pegou o bebê, o choramingo contínuo cessou. Ainda havia o zumbido de sussurros urgentes, para cima e para baixo no hall, mas o grupo pequeno em torno da criança de repente encontrou-se em um bolsão de silêncio abafado.

O bebê olhou para Alec com olhos graves, apenas um tom mais escuro que os do próprio Alec. Alec olhou de volta para o bebê. Ele parecia tão surpreso quanto qualquer outra pessoa pelo repentino silêncio.

— Então — disse Delaney Scarsbury. — Nós deveríamos entrar em contato com a Clave e colocar este assunto diante deles, ou o quê?

Magnus virou em um turbilhão de ouro e fitou Scarsbury com um olhar que o fez encolher de volta contra a parede.

— Não tenho a intenção de deixar uma criança feiticeira para a misericórdia da Clave — Magnus declarou, sua voz extremamente fria. — Nós cuidaremos deste assunto, não é, Alec?

Alec ainda estava olhando para o bebê. Ele ergueu a cabeça quando Magnus se dirigiu a ele, seu rosto momentaneamente atordoado, como um homem que acaba de acordar de um sonho, mas sua expressão transformou-se em uma súbita certeza.

— Sim — ele respondeu. — Nós cuidaremos.

Magnus espelhou o movimento Alec tinha feito antes, apertando o braço de Alec em silêncio agradecido, ou uma demonstração de apoio. Alec voltou a olhar para o bebê.

Era como se um enorme peso tivesse sido tirado do peito de Simon. Não que ele tivesse estado verdadeiramente preocupado que ele e George teriam que criar o bebê em sua gaveta – bem, possivelmente era um pouco disso, mas o espectro de uma responsabilidade enorme tinha apareceu diante dele.

Esta era uma criança indefesa, abandonada. Simon conhecia muito bem, como seres do Submundo eram vistos por Caçadores de Sombras. Simon não tinha ideia do que fazer. Magnus tomara a responsabilidade. Ele pegara o bebê deles, tanto metafóricamente quanto literalmente.

Ele não tinha arrumado o cabelo enquanto fazia isso. Não agira como se fosse algo importante afinal.

Magnus era um cara muito legal.

Simon sabia que Isabelle dormira em Alicante, para que ela e Alec estivessem com seu pai por uma noite. Ela iria para a casa onde Ragnor Fell tinha uma vez vivido, onde havia um telefone funcionando. Catarina instalara um telefone na Academia e disse que ele poderia usá-lo uma vez.

Eles tinham um encontro por telefone. Simon estava planejando dizer a ela quão legal e Magnus seu irmão tinham sido.

* * *

Magnus pensou que poderia se tornar o primeiro bruxo na história a ter um ataque do coração.

Ele caminhava pelo campo de treinamento da Academia dos Caçadores de Sombras durante a noite porque não podia mais apenas ficar lá e respirar o ar sufocante com centenas de Nephilim.

Aquela pobre criança. Magnus achava difícil olhar para ela, era tão pequena e totalmente impotente. Ele não podia fazer nada além de pensar em quão vulnerável a criança era, e quão profunda deve ter sido a miséria e a dor de sua mãe. Ele sabia como bruxos das trevas eram concebidos e suas origens. Catarina fora criada por uma família amorosa que sabia o que ela era, e ajudou-a a ser quem é. Magnus fora capaz de se passar por humano, até que não pôde mais.

Magnus sabia o que acontecia com crianças feiticeiras que não nasciam com aparência humana, que suas mães e o mundo inteiro não podiam aceitar. Ele não era capaz de calcular quantas crianças devem ter havido em todas essas eras escuras do mundo que poderiam ter sido feiticeiras, que poderiam ter sido imortais, mas nunca tiveram a chance de viver. Crianças abandonadas como essa fora, ou afogadas como o próprio Magnus quase tinha sido, crianças que nunca deixaram uma marca mágica reluzindo na história, que nunca receberam ou deram amor, que nunca foram nada além de um sussurro desaparecendo no vento, uma memória de dor e desespero desbotando no escuro. Nada mais restava dessas crianças perdidas, e nem um feitiço, uma risada ou um beijo.

Sem sorte, Magnus teria estado entre os perdidos. Sem amor, Catarina e Ragnor estariam entre os perdidos.

Magnus não tinha ideia do que fazer com esta última criança perdida.

Ele agradeceu, não pela primeira vez, qualquer que fosse o estranho belo e afortunado que lhe tinha enviado Alec. Alec foi o único quem carregou o bebê feiticeiro pelas escadas até o sótão, e quando Magnus evocou um berço, Alec foi quem colocou o bebê com ternura dentro dele.

Então, quando o bebê começou a gritar com sua pequena cabeça azul, Alec o tirara do berço e caminhou pelo quarto com ele, acariciando suas costas e murmurando para ele. Magnus conjurou suprimentos e tentou preparar o leite em pó. Tinha lido em algum lugar que você devia testar a temperatura do leite em sua própria pele, e acabou queimando o pulso.

O bebê chorou por horas e horas *e horas*. Magnus supôs que ele não podia culpar a pequena alma perdida. Ele finalmente dormiu depois que o sol se pôs através das pequenas janelas do sótão, e todo o dia se foi. O próprio Alec cochilava, encostado ao berço do bebê, e Magnus sentiu que tinha que sair. Alec simplesmente assentiu com a cabeça quando Magnus disse que estava saindo para tomar um ar. Alec possivelmente estava esgotado demais para se importar com o que Magnus fazia.

A lua brilhava, redonda como uma pérola, transformando em prata o cabelo do anjo do vitral e os campos semimortos do inverno em extensões claras. Magnus estava tentado a uivar para a lua como um lobisomem.

Ele não podia pensar em qualquer lugar para onde poderia levar a criança, alguém a quem pudesse confiá-la e que iria querê-la, alguém que poderia amá-la. Ele mal podia pensar em um lugar deste mundo hostil onde a criança poderia estar segura.

Ouviu o som de vozes elevadas e passos apressados, como nesta tarde, na frente da Academia. Outra emergência, Magnus pensou. *Este é o primeiro dia, e a este ritmo, a Academia vai me matar.* Ele correu do campo de treinamento para a porta da frente, onde viu a última pessoa que ele jamais esperava ver aqui em Idris: Lily Chen, a líder do clã de vampiros de Nova York, com mechas azuis em seu cabelo que combinavam com seu colete e seus saltos altos que deixavam marcas profundas na terra.

— Bane — disse ela. — Eu preciso de ajuda. Onde ele está?

Magnus estava cansado demais para discutir com ela.

— Siga-me — pediu Magnus, e liderou o caminho de volta até as escadas.

Mesmo que ele fosse, pensou consigo mesmo, todo o barulho que ele ouvira fora da Academia não poderia ser Lily sozinha. Ele pensava isso, mas não suspeitou pelo o que estava por vir.

Magnus deixara para trás uma criança dormindo e seu amor cansado, e abriu a porta em uma cena de caos absoluto. Por um momento, parecia que havia mil pessoas em seus aposentos, e, em seguida, Magnus percebeu que a real situação era muito pior.

Cada membro da família Lightwood estava lá, cada um fazendo barulho suficiente por dez. Robert Lightwood falava alto em sua voz retumbante. Maryse Lightwood segurava uma garrafa e parecia gesticular ao redor, dando um discurso. Isabelle Lightwood estava de pé em cima de um banquinho sem nenhuma razão aparente que Magnus pudesse ver. Jace Herondale estava, ainda mais misteriosamente, deitado no chão de pedra, e aparentemente trouxera Clary, que olhava para Magnus como se estivesse intrigada pela sua presença aqui também.

Alec estava de pé no meio do quarto, no meio da tempestade humana que era sua família, segurando o bebê protetoramente em seu peito. Magnus não podia acreditar que era possível o seu coração afundar ainda mais, mas de alguma forma lhe pareceu o maior desastre do mundo que o bebê estar acordado.

Magnus parou na soleira da porta, olhando fixamente o caos, sentindo-se totalmente incerto sobre o que fazer a seguir.

Lily não teve essa hesitação.

— LIGHTWOOD! — Lily gritou, atravessando a soleira.

— Ah sim, Lily Chen, acredito eu? — perguntou Robert Lightwood, voltando-se para ela com a dignidade do Inquisidor e nenhum sinal de surpresa. — Lembro-me que você foi a representante interina dos vampiros ao Conselho por um tempo. Que bom em vê-la novamente. O que posso fazer por você?

Robert estava, obviamente, fazendo o seu melhor para mostrar toda a cortesia a uma importante líder vampira. Magnus apreciou isso, mesmo que um pouco. Lily não se importava.

— Nada! — ela retrucou. — Quem é você mesmo?

As grossas sobrancelhas negras elevaram-se.

— O Inquisidor? — lembrou Robert. — Eu fui o líder do Instituto de Nova York por mais de uma década?

Lily revirou os olhos escuros.

— Oh, parabéns, você quer uma medalha? Eu preciso de Alexander Lightwood, obviamente — disse Lily, e passou por um Robert e uma Maryse espantados até o filho deles.

— Alec! Você conhece o negociante elfo, Mordecai? Ele tem vendido frutas para mundanos no Central Park. De novo! Ele está lá outra vez! E então Elliott mordeu um mundano que havia comido uma fruta.

— Ele revelou sua natureza vampira enquanto intoxicado? — perguntou Robert afiadamente.

Lily lançou-lhe um olhar fulminante, como se perguntando por que ele ainda estava aqui, em seguida, e retornou sua atenção para Alec.

— Elliott fez uma dança chamada Dança dos Vinte e Oito Véus na Times Square. Está no YouTube. Muitos comentadores o descreveram como a dança erótica mais chata já realizada na história do mundo. Eu nunca estive tão envergonhada na minha não-vida. Estou pensando em parar de ser líder do clã e tornar-me uma freira vampira.

Magnus notou Maryse e Robert, que não tinham o melhor relacionamento e dificilmente falavam um com o outro, consultando-se um com o outro em sussurros sobre o que poderia ser YouTube.

— Como a atual líder do Instituto de Nova York — Maryse falou, com uma tentativa de firmeza — se houver atividades ilegais acontecendo no Submundo, isso deve ser relatado a mim.

— Eu não falo com Nephilim sobre assuntos de seres do Submundo — respondeu Lily severamente.

Os pais Lightwood a fitaram, e em seguida, balançaram a cabeça em sincronia para encarar o filho deles.

Lily acenou com a mão, desconsiderado.

— Exceto por Alec, ele é um caso especial. O resto de vocês Caçadores de Sombras apenas entraria, estabeleceria a sua preciosa Lei e cortaria a cabeça das pessoas. Nós, seres do Submundo, lidamos com os nossos assuntos por nós mesmos. Vocês Nephilim podem arrancar as cabeças dos demônios e eu os consultarei assim que o próximo grande mal ocorrer, em vez do próximo grande aborrecimento, que provavelmente ocorrerá na terça-feira, quando eu, Maia e Alec lidaremos com isso. Obrigada. Por favor, parem de me interromper. Alec, essas pessoas são mesmo confiáveis?

— Eles são meus pais — disse Alec. — Eu sei sobre as frutas das fadas. Elas tem aproveitado mais e mais chances ultimamente. Eu já enviei uma mensagem para Maia. Ela tem Morcego e alguns outros garotos rondando o parque. Os amigos de Morcego estão seguindo Mordecai; ele pode reagir. E você mantenha Elliott longe do parque. Você sabe como ele é com frutas de fadas. Você sabe que ele mordeu o mundano de propósito.

— Poderia ter sido um acidente — Lily murmurou.

Alec deu Lily um olhar profundamente cético.

— Oh, este seria seu décimo sétimo acidente? Ele tem que parar com isso ou vai perder o controle sob a influência e matar alguém. Ele não matou o homem, não é?

— Não — Lily respondeu com tristeza. — Eu parei Elliott a tempo. Eu sabia que você teria que matá-lo, e então você me daria o seu olhar decepcionado — ela fez uma pausa.

— Você tem certeza de que os licantropes têm a situação em mãos?

— Sim — Alec confirmou. — Você não precisava vir para Idris e derramar todos os assuntos dos seres do Submundo na frente de toda a minha família.

— Se eles são sua família, sabem que você pode lidar com algo pequeno como isso — Lily respondeu com desdém. Ela correu as duas mãos através do cabelo preto lustroso, alisando-o. — Isto é um alívio. Oh — acrescentou ela, como se tivesse acabado de notar. — Você está segurando um bebê.

Lily tendia a ter o foco de um laser.

Após a guerra com Sebastian, os Caçadores de Sombras tiveram que lidar com a traição das fadas, com a crise de tantos Institutos que caíram e com a quantidade de Nephilim que foram perdidos ou transformados em Crepusculares durante a guerra, sua segunda guerra em um ano.

Eles não estavam em forma para manter um olhar atento nos seres do Submundo, mas os próprios seres do Submundo tiveram as suas perdas. Antigas estruturas que tiveram seu lugar na sociedade durante séculos, como o Praetor Lupus, foram destruídas na guerra. As fadas estavam esperando pela revolta. E os clãs de lobisomens e vampiros de Nova York tinham líderes novos. Lily e Maia eram jovens, e conseguiram a liderança inesperadamente. Ambas haviam se encontrado, devido à inexperiência e não à falta de tentativas, em apuros.

Maia chamara Magnus e perguntou se poderia ir visitá-lo, pedir seu conselho em algumas coisas. Quando ela apareceu, arrastou Lily junto dela. As duas, em seguida, sentaram-se em torno da mesa de café de Magnus e gritaram uma com a outra por horas.

— Você não pode simplesmente matar alguém, Lily! — Maia dizia.

E Lily continuava respondendo:

— Explique por que.

Alec estava irritado naquele dia, quase tendo arrancado seu braço abaixo do cotovelo durante uma luta com um demônio dragão. Ele estava encostado no balcão da cozinha, escutando, cuidando de seu braço, e trocando mensagens de texto com *Jace como Entendo o q vc quer dizer qdo fala q coisas extintas n estao extintas e Pq vc eh desse jeito?*.

Até que ele perdeu a paciência.

— Sabe, Lily — ele disse em uma voz fria, pousando o telefone na bancada — que você gasta mais de metade do seu tempo atormentando Magnus e Maia em vez de oferecer sugestões? E você os faz usar aproximadamente a mesma quantidade de tempo para te responder. Então está tomando o dobro do tempo. O que significa que está desperdiçando o tempo de todos. Esse não é um modo eficiente para o comportamento de uma líder.

Lily ficou tão espantada que quase pareceu ficar pálida por um momento, quase verdadeiramente jovem, antes de sussurrar:

— Ninguém lhe perguntou, Caçador de Sombras.

— Eu sou um Caçador de Sombras — respondeu Alec, ainda calmo. — A situação que você está tendo com as sereias, o Instituto do Rio de Janeiro teve o mesmo problema alguns anos atrás. Eu sei tudo sobre isso. Quer que eu conte? Ou prefere acabar com meia dúzia de turistas num barco para Staten Island afogados e muitos Caçadores de Sombras fazendo perguntas embaraçosas, além de uma vozinha em sua cabeça dizendo: “Uau, eu queria ter escutado Alec Lightwood quando tive chance”?

Houve um silêncio. Maia comera um bolinho inteiro enquanto esperavam.

Lily manteve os braços cruzados e parecia emburrado.

— Não desperdice meu tempo, Lily — disse Alec. — O que você quer?

— Quero que você se sente e me ajude, suponho — Lily resmungou.

Alec se sentou.

Magnus não esperava que as reuniões acontecessem mais do que algumas vezes, muito menos ver uma relação crescendo entre Alec e Lily. Alec não costumava ficar inteiramente confortável com vampiros. Mas ele sempre respondia quando contavam com ele, como aconteceu. Sempre que Lily ia até ele com um problema, em primeiro lugar com altivez e um ar de relutância e mais tarde com devida confiança, Alec não descansava até resolvê-lo.

Numa quinta-feira à noite, Magnus ouvira a campainha e saiu do quarto para encontrar Alec colocando óculos, e percebeu que as ocasionais reuniões de emergência tornaram-se encontro regulares. Neste dia, Maia, Lily e Alec desenrolaram um mapa de Nova York para identificar áreas problemáticas e ter debates acalorados em que Lily fazia muitas piadas ruins sobre licantropes, e ficou combinado que cada um deles chamaria o outro quando tivessem um problema que não sabiam como resolver. Seres do Submundo e Caçadores de Sombras igualmente iam a Nova York sabendo que havia um grupo com seres do Submundo e Caçadores de Sombras que podiam e cooperariam para resolver problemas. Eles viriam se consultar e descobrir se o grupo poderia ajudá-los, também.

Magnus percebeu que esta era a sua vida agora, e ele não queria que fosse diferente.

— Eu gosto muito de Alec — Lily falara para Magnus em uma festa um mês mais tarde, um pouco bêbada e com glitter em seu cabelo.

— Especialmente quando ele é presunçoso comigo. Ele me lembra Raphael.

— Como você se atreve — Magnus respondeu. — Você está falando do homem que eu amo.

Ele foi até o bar. O *smoking* do bartender tinha uma cor que brilhava no escuro, o que tornava mais fácil encontrá-lo na penumbra. Ele tinha falado sem pensar, casualmente, e depois parou, o copo em sua mão sua mão piscando turquesa nas luzes da festa. Ele tinha falado sobre Raphael facilmente, casualmente insultuoso, como se Raphael ainda estivesse vivo.

Lily fora aliada e segunda em comando de Raphael por décadas. Ela tinha sido totalmente leal a ele.

— Bem, eu amei Raphael — disse Lily. — E Raphael nunca amou ninguém, até onde sei. Mas ele era meu líder. Se eu comparar alguém a Raphael, é um elogio. Eu gosto de Alec. E gosto de Maia — ela fitou Magnus com os olhos arregalados, as pupilas dilatadas até que eles estivessem quase totalmente pretos.

— Nunca tive um carinho enorme por você. Contudo Raphael sempre disse que você era um idiota, mas que podia ser confiável.

Raphael tinha amado muitas pessoas, Magnus sabia. Ele amava sua família mortal. Talvez Lily não soubesse sobre eles: Raphael era bastante cuidadoso sobre eles. Magnus pensava que Raphael poderia ter amado Lily, embora não do jeito como ela queria.

Ele sabia que Raphael tinha confiado nela. E Raphael confiava em Magnus. Eles estavam juntos, estes dois em quem Raphael confiara, em um daqueles terríveis momentos silenciosos em que você lembra dos mortos e sabe que nunca irá vê-los novamente.

— Aceita outra bebida? — Magnus perguntou. — Posso ser confiável para servir-lhe outro drink.

— Traga um drink que O negativo, estou me sentindo viva hoje — Lily disse a ele. Ela olhou à distância enquanto Magnus fazia seu drink, os olhos fixos nas fagulhas de brilho que caíam do teto em intervalos, mas sem vê-las.

— Eu nunca pensei que teria que liderar o clã. Imaginei que Raphael estaria sempre lá. Se eu não tivesse os encontros com Alec e Maia, não saberia o que fazer na metade do tempo. Uma licantrope e um Caçador de Sombras. Você acha que Raphael teria vergonha?

Magnus deslizou bebida de Lily na frente do bar para ela.

— Não acho — ele disse a ela.

Lily sorriu, um lampejo de presas sob seu batom cor de ameixa, e, agarrando a bebida, perambulou atrás de Alec.

Agora Lily foi para o lado de Alec, tendo seguido-o para Idris, e olhou para o bebê nos braços dele.

— Olá,bebê — Lily sussurrou, pairando sobre a criança. Ela estalou os dentes na direção do bebê.

Jace rolou levemente no chão e ficou de pé. Robert, Maryse e Isabelle colocaram as mãos em suas armas. Lily estalou os dentes de novo, totalmente inconsciente da família Lightwood claramente pronta para mobilizá-la e cortá-la em pedaços. Alec olhou para sua família por sobre Lily e balançou a sua cabeça em um gesto curto e firme. O bebê olhou para as presas cintilantes de Lily e riu. Lily clicou os dentes para ele novamente e ele riu mais uma vez.

— O quê? — perguntou Lily, olhando para Alec e soando tímida de repente. — Eu sempre gostei de crianças quando eu era viva. As pessoas diziam que eu era boa com elas — ela riu, um pouco conscientemente. — Há algum tempo.

— Isso é ótimo — disse Alec. — Você estará disposta a tomar conta dele de vez em quando, então.

— Haha, eu a líder do clã de vampiros de Nova York e sou muito importante — Lily respondeu. — Mas posso olhá-lo quando eu for para a sua casa.

Magnus se perguntou quanto tempo Alec imaginava que demoraria até encontrarem uma casa para o bebê. Ele devia pensar que levaria um tempo, e Magnus temia que Alec estivesse certo.

Ele observou Alec, a cabeça inclinada sobre o bebê em seus braços, inclinando-se para Lily enquanto eles murmuravam juntos para a criança. Alec não parecia muito chateado, ele pensou. Foi Lily quem, depois de um momento de brincadeiras com o bebê, começou a parecer um pouco inquieta.

— Ocorre-me que eu poderia estar me intrometendo — Lily falou.

— Ah, é mesmo? — perguntou Isabelle, seus braços cruzados. — Você acha?

— Desculpe, Alec — pediu Lily, incisivamente sem pedir desculpas a qualquer outra pessoa. — Te vejo em Nova York. Volte rápido ou algum idiota vai destruir o lugar. Adeus, Magnus, outros Lightwood aleatórios. Até logo, bebê. Tchau, bebezinho.

Ela ficou na ponta dos pés de suas botas de salto alto, beijou Alec na bochecha e rebolou para fora do quarto.

— Eu não gosto da atitude desta vampira — disse Robert no silêncio seguinte à saída de Lily.

— Lily é legal — respondeu Alec suavemente.

Robert não disse mais uma palavra contra Lily. Ele estava tomando cuidado com seu filho, Magnus observara, dolorosamente cuidadoso, mas Robert era o único que causara dor. Robert fora imprudente com seu filho no passado. Seria um longo tempo de dor e cuidados até que as coisas estivessem bem entre eles.

Robert e Alec estavam tentando. Foi por isso que Alec tinha ficado para tomar café da manhã com seu pai esta manhã. Embora Magnus não tivesse certeza do que Robert Lightwood estivesse fazendo aqui na Academia dos Caçadores de Sombras, no escuro da noite. Além de Maryse, que devia estar cuidando do Instituto de Nova York. Além de Isabelle e Jace.

Magnus estava sempre satisfeito em ver Clary.

— Olá, bisuit — ele cumprimentou.

Clary se esgueirou até a porta e sorriu para ele, mil litros de problemas em um corpo pequenino.

— Oi.

— O que...

Magnus planejava perguntar discretamente que diabos estava acontecendo, mas ele foi interrompido por Jace deitado no chão mais uma vez. Magnus olhou para baixo, um pouco distraído.

— O que você está fazendo?

— Estou preenchendo as fendas com pedaços de tecido — Jace explicou. — Foi ideia de Isabelle.

— Eu rasguei uma de suas camisas para fazê-lo — Isabelle disse a ele. — Nenhuma das suas boas camisas, obviamente. Uma não fará falta a você, e você não deve repeti-las, de qualquer maneira.

O mundo embaçou-se brevemente na frente dos olhos de Magnus.

— Você fez o quê?

Isabelle olhou para ele do banco onde estava de pé, com as mãos na cintura.

— Estamos tornando a suíte à prova de crianças. Se é que se pode chamar isso de suíte. Esta Academia inteira é uma armadilha da morte para o bebê. Depois que terminarmos aqui, deixaremos o seu apartamento à prova de bebês.

— Você não tem permissão para ir ao nosso apartamento — Magnus disse a ela.

— Alec me dar um molho de chaves diz algo diferente — Isabelle respondeu.

— Eu fiz isso — confirmou Alec. — Dei as chaves a ela. Perdoe-me, Magnus, eu te amo, não sabia que ela faria algo assim.

Normalmente, Robert parecia um pouco desconfortável sempre que Alec expressava seu afeto a Magnus. Desta vez, porém, ele olhava fixamente para o bebê feiticeiro e nem sequer pareceu ouvir.

Magnus estava começando a sentir-se cada vez mais perturbado pelas voltas que esta noite estava tomando.

— Por que você está aí? — Magnus perguntou a Isabelle. — Por quê?

— Pense bem — disse Isabelle. — Nós tivemos que lidar com as fendas. O bebê poderia rastejar ao redor e sua mão ou pé ficar preso em um buraco! Ele poderia se machucar. Você não quer que o bebê se machuque, não é?

— Não. Mas também não tenho a intenção de mudar toda a minha vida e reorganizá-la por causa de um bebê.

O que ele falou soou bastante razoável. Ele ficou atordoado quando Robert e Maryse riram juntos.

— Oh, eu me lembro de pensar dessa forma — Maryse comentou. — Você vai aprender, Magnus.

Havia algo estranho na maneira como Maryse falava com ele. Parecia ter sentimento. Normalmente ela era cuidadosamente educada ou profissional. Ela nunca tinha sido calorosa antes.

— Eu esperava isso — declarou Isabelle. — Simon me contou tudo sobre o bebê no telefone. Eu sabia que vocês estariam atordoados e oprimidos. Então, tive que avisar a mamãe, e ela contou a Jace, e Jace estava com Clary, e todos nós viemos de imediato para arregaçar as mangas.

— É realmente bom para você — Alec observou.

Havia um ar de surpresa nele, que Magnus compreendia totalmente, mas ele também parecia tocado, o que Magnus não entendia de todo.

— Oh, o prazer é nosso — Maryse disse ao filho.

Ela avançou para Alec, as mãos estendidas. Ela fez Magnus lembrar de uma ave de rapina, as garras estendidas, morrendo de fome.

— O que você me diz — ela falou de uma forma alarmentemente doce — de me deixar segurar o bebê? Neste quarto, eu sou a que tem mais experiência com bebês, afinal de contas.

— Isso não é verdade, Alec — apontou Robert. — Isso não é verdade! Eu era bastante envolvido com todos vocês quando eram pequenos. Sou excelente com bebês.

Alec piscou para seu pai, que aparecera ao lado de Alec com a velocidade de um Caçador de Sombras.

— Pelo o que me lembro — disse Maryse — você os jogava para cima.

— Os bebês amam isso — afirmou Robert. — Bebês amam saltar.

— Jogá-lo para cima fará com que o bebê vomite.

— jogá-lo fará com que o bebê vomite com alegria — respondeu Robert.

Magnus acreditara, por vários momentos, que a única explicação possível era que toda a família estava bêbada. Agora ele estava chegando a uma conclusão muito pior.

Isabelle viera, em um turbilhão de organização, cuidar da segurança do bebê por toda a suíte. Ela foi capaz de convencer Jace e Clary a virem e ajudarem também. E Maryse falara com o parceiro do filho com um carinho que nunca tinha mostrado antes, e agora ela queria segurar o bebê.

Maryse estava experimentando a febre de ser avó.

Os Lightwood pensavam que ele e Alec ficariam com o bebê.

— Eu preciso sentar — Magnus falou em uma voz rouca.

Ele agarrou a moldura da porta para não cair.

Alec olhou para ele, assustado e preocupado. Seus pais aproveitaram a chance para atacar, as mãos estendidas para o bebê, e Alec recuou um passo. Jace levantou do chão, ficando costas para seu parabatai, e Alec visivelmente tomou uma decisão e colocou o bebê nos braços de seu parabatai, de modo a ter as mãos livres para argumentar com seus pais.

— Mamãe, papai, talvez não em multidão não fiquem todos sobre ele — Magnus ouviu Alec sugerir.

Magnus percebeu, por algum motivo, que o seu próprio foco tinha deslizado para o bebê. Esta era uma preocupação natural, ele disse a si mesmo. Qualquer um estaria preocupado. Jace, tanto quanto Magnus sabia, não estava acostumado com crianças. Não era como se os Caçadores de Sombras fossem sempre babás para as crianças do quartirão.

Jace segurava o bebê um pouco sem jeito.

Sua cabeça dourada, com o cabelo cheio de pó e sujeira de ficar deitado no chão trabalhando com fendas, estava inclinada sobre o bebê, olhando fixamente para baixo para o rostinho solene do bebê.

O bebê estava vestido, Magnus viu. Ele usava um macacão laranja cujos pés eram feitos de maneira a se parecer com as patas de uma pequena raposa. Jace esfregou uma das patas da raposa com uma mão morena, os dedos marcados como o de um guerreiro e magros como os de um músico, fazendo o bebê contorcer-se vigorosamente e oscilar para frente.

Magnus correu, apenas percebendo que se movera quando estava no meio do quarto. Ele também percebeu que todos pularam para frente para pegar o bebê também.

Exceto que Jace mantivera o controle sobre o bebê, apesar as oscilação.

Jace pareceu aterrorizado por um minuto, depois relaxou e olhou para todos com seu habitual ar de superioridade leve.

— Ele está bem — Jace disse. — Ele é forte.

Ele olhou para Robert, recordando claramente das suas primeiras palavras, e jogou o bebê cuidadosamente para cima. O bebê se debateu, um pequeno punho saltando na direção do rosto de Jace.

— Isso é bom — incentivou Jace. — Está certo. Talvez um pouco mais na próxima vez. Logo você estará atacando demônios no rosto. Quer distribuir socos na cara de demônios comigo e Alec? Quer? Sim, você quer.

— Jace, querido — Maryse balbuciou. — Me passe o bebê.

— Quer segurar o bebê, Clary? — perguntou Jace, num tom de alguém que trazia um grande oferecimento à sua amada.

— Eu estou bem aqui, obrigada — respondeu Clary.

Os Lightwood, incluindo Jace, a encararam com uma espécie de tristeza maravilhada, como se ela tivesse acabado de se mostrar tragicamente insana.

Isabelle saltara do banco na mesma hora em que todos correram para o bebê, pronto para pegá-lo. Ela olhou para Magnus agora.

— Você vai passar a perna em seus pais para poder segurar o bebê? — perguntou Magnus.

Isabelle riu levemente.

— Claro que não. Logo o leite dele estará pronto. Depois... — o rosto de Isabelle mudou, transformado em aterrorizante determinação — vou alimentar o bebê. Até lá eu posso esperar, e ajudar vocês a descobrirem o nome perfeito para ele.

— Nós falamos um pouco sobre isso enquanto vínhamos de Alicante — disse Maryse, sua voz ansiosa.

Robert deu outro de seu sorriso brilhante e doce de gato, e se moveu inquietantemente desta vez para o lado de Magnus. Colocou uma mão pesada no ombro dele. Magnus olhou para a mão de Robert e sentiu um mal-estar profundo.

— É claro, isso cabe a você e a Alec — Robert assegurou.

— É claro — concordou Maryse, que nunca concordava em nada com Robert. — E nós não queremos que vocês façam nada com que não se sintam confortáveis. Eu nunca quereria que o pequeno tivesse um nome associado com tristeza em vez de alegria, ou que qualquer um de vocês sentisse como se tivesse que fazer isso. Mas nós pensamos que desde que... bem, feiticeiros escolhem o próprio sobrenome um pouco mais tarde, por isso “Bane” não é parte de

uma tradição familiar... nós pensamos que vocês poderiam considerar, em memória, mas não como um fardo...

— Max Lightwood — Isabelle completou, com uma voz segura.

Magnus se encontrou piscando, em parte por perplexidade, mas em parte por causa de outra sensação de que ele descobriu muito menos fácil de definir. Sua visão turva tinha algo de novo e seu coração pulou.

O erro dos Lightwood era ridículo, e ainda assim Magnus não pôde deixar de se surpreender com a oferta e quão genuína e sincera ela soou. Esta era uma criança feiticeira, e eles eram todos Caçadores de Sombras. Lightwood era um antigo e orgulhoso nome de Caçador de Sombras. Max Lightwood fora o filho mais novo dos Lightwood... este era um nome para um dos seus próprios.

— Ou, se vocês não gostarem... Michael. Michael é um bom nome — Robert ofereceu ao longo silêncio. Ele limpou a garganta depois disso e olhou para fora das janelas do sótão, para os bosques que rodeiam a Academia.

— Ou vocês podem hifenizar — disse Isabelle, sua voz um pouco demasiadamente afiada. — Lightwood-Bane ou Bane-Lightwood?

Alec se moveu, estendendo a mão para não tomar o bebê, mas para tocá-lo. O bebê ergueu uma mão, os dedos minúsculos enrolando-se em torno do dedo de Alec, como se procurando-o também. O rosto de Alec, entristecido desde a menção ao nome de seu irmão, foi aquecido por um pequeno sorriso repentino.

— Magnus e eu ainda não conversamos sobre isso, e nós precisamos conversar — disse ele calmamente. A voz dele tinha autoridade, mesmo quando era tranquila. Magnus viu Robert e Maryse acenarem a cabeça para ele quase inconscientemente.

— Mas eu estava pensando que Max talvez soe bem.

Foi quando Magnus percebeu a magnitude da situação. Não era apenas uma conclusão maluca a que Isabelle chegara e conseguira convencer a todos. Não era apenas os Lightwood.

Alec também pensava que ele e Magnus ficariam com o bebê.

Dessa vez Magnus andou até uma das cadeiras raquíticas enfeitadas por uma almofada que ele trouxe de casa e se sentou. Ele não conseguia sentir os dedos. Pensou que poderia estar em choque.

Robert Lightwood o seguiu.

— Eu não pude deixar de notar que o bebê é azul — Robert comentou. — Os olhos de Alec são azuis. E quando você... — ele fez um gesto estranho de balançar os dedos e um som de whoosh, whoosh

— faz magia, às vezes, há uma luz azul.

Magnus olhou para ele.

— Não estou conseguindo captar o que quer dizer.

— Se você fez o bebê para si e Alec, pode me dizer — explicou Robert. — Eu sou um homem muito tolerante. Ou, estou tentando ser. Eu gostaria de ser. Gostaria de entender.

— Se eu fiz... o... bebê...? — Magnus repetiu.

Ele não tinha certeza de por onde começar. Ele imaginara que Robert Lightwood sabia como bebês eram feitos.

— Magicamente — Robert sussurrou.

— Vou fingir que você nunca me falou isso — disse Magnus. — Farei de conta que nós nunca tivemos essa conversa.

Robert piscou, como se eles estivessem se entendendo. Magnus estava sem palavras.

Os Lightwood continuaram em seu trabalho de deixar a suíte à prova de crianças, alimentar o bebê e todos querendo segurar o bebê ao mesmo tempo. Luz enfeitiçada preenchia todo o pequeno espaço do sótão, brilhando e ofuscando a visão de Magnus.

Alec pensava que eles ficariam com o bebê.

Ele queria chamá-lo de Max.

* * *

— Eu vi Magnus Bane e uma vampira sexy no corredor — Marisol anunciou enquanto passava pela mesa de Simon.

Jon Cartwright estava carregando sua bandeja, e ele quase a deixou cair.

— Uma vampira — ele repetiu. — Na Academia?

Marisol olhou para sua expressão escandalizada e acenou com a cabeça.

— Uma sexy.

— Elas são o pior tipo — Jon cuspiu.

— Então você não estava tão ruim, Simon — Julie observou enquanto Marisol seguiu em frente, relatando seu conto de uma vampira sedutora.

— Você sabe — disse Simon — às vezes acho Marisol vai longe demais. Eu sei que ela gosta de encher o saco de Jon, mas ninguém é burro o suficiente para acreditar em um bebê feiticeiro e uma vampira no mesmo dia. É demais. Isso não faz sentido. Jon vai perceber.

Ele enfiou um pedaço misterioso em seu guisado na boca.

O jantar foi muito tarde esta noite, e muito congelado.

Marisol mentir sobre vampiros deve ter colocado a ideia em sua cabeça: Simon pensou que beber sangue não podia ter sido tão ruim quanto aquilo.

— Você pensaria que ela teve emoção suficiente por um dia — George concordou. — Eu me pergunto como o pobre bebê está indo. Eu estava pensando, você acha que ele pode mudar de cor como um camaleão? Quão legal seria?

Os olhos de Simon brilharam.

— Muito legal.

— Nerds — observou Julie.

Simon tomou isso como elogio. Ele sentia que George realmente tinha que ser seu aprendiz. Ele até comprara graphic novels voluntariamente quando ele estava na Escócia durante o Natal. Talvez um dia o aluno se tornasse mestre.

— É uma má notícia para você, Simon — disse George. — Eu sei que você queria falar com Alec.

O breve momento de alegria de Simon desapareceu, e ele caiu com o rosto em cima da mesa.

— Esqueci sobre essa conversa com Alec. Quando fui chamá-los por causa do bebê, interrompi Alec e Magnus no quarto. Se Alec não gostava de mim antes, ele definitivamente me odeia agora.

Outra memória antiga, absolutamente indesejável, brilhou na mente de Simon: o rosto pálido de Alec furioso enquanto ele olhava para Clary. Talvez Alec odiasse Clary também. Talvez uma vez que alguém o interrompesse, ele nunca esquecia e nunca perdoava, e odiaria ambos para sempre.

Suas fantasias medonhas foram interrompidas por uma comoção em torno da mesa.

— O quê? Onde? Quando? Como? Magnus parece um amante tenro e atlético? — Julie exigiu.

— Julie! — disse Beatriz.

— Obrigado, Beatriz — disse Simon.

— Não diga uma palavra, Simon — Beatriz continuou. — Não até que eu tenha pegado caneta e papel para poder escrever tudo o que você diz. Sinto muito, Simon, mas eles são famosos, e celebridades têm de suportar esse interesse em suas vidas amorosas. Eles são como Brangelina.

Beatriz vasculhou sua bolsa até que encontrou um bloco de notas, em seguida, abriu-o e olhou para Simon com um ar de expectativa.

Julie, que nascera e fora criada em Idris, fez uma careta.

— O que é Brangelina? Soa como um demônio.

— Não diga isso! — George protestou. — Acredito no amor deles.

— Eles não são como Brangelina — Simon disse. — Do que você os chamaria? Algnus? Isso soa como uma doença de pés.

— Obviamente você os chamaria de Malec — Beatriz respondeu. — Você é estúpido, Simon?

— Eu não serei distraída! — Julie exclamou. — Magnus tem piercings? Claro que sim; quando ele perderia a oportunidade brilhar?

— Eu não notei, e mesmo se tivesse notado, não discutiria isso — disse Simon.

— Oh, porque as pessoas no mundo mundano nunca são obcecadas por celebridades e suas vidas amorosas — Beatriz falou. — Veja só, Brangelina. E aquela *boy band* sobre a qual George é obcecado. Ele tem todos os tipos de teorias sobre os romances deles.

— O que... com que banda George é obcecado? — Simon perguntou lentamente.

George pareceu traído.

— Eu não quero falar sobre isso. A banda está passando por alguns tempos difíceis ultimamente, e isso me deixa muito triste.

Isto estava longe demais da coisa mais preocupante e perturbadora que aconteceram com Simon hoje. Ele decidiu parar de pensar sobre George e a *boy band*.

— Eu sou o único que cresceu a uma viagem de metrô da Broadway, e sei que as pessoas ficam muito interessadas em celebridades — Simon falou. — Mas é estranho para mim quando as garotas ficam obsessivas com Jace ou Magnus. É estranho quando Jon segue Isabelle com a língua de fora.

— A paixão de George por Clary é estranha também? — perguntou Beatriz.

— Hoje é o Dia de Entregar o George, Beatriz? — George exigiu. — Si, possa ter tido certos pensamentos sobre gatas de bolso, mas eu nunca lhe contaria sobre eles! Não quero tornar isso estranho!

— Gatas de bolso? — Simon o encarou. — Parabéns, você tornou tudo estranho.

George abaixou a cabeça de vergonha.

— É estranho para mim, porque todo mundo age como se conhecessem gente famosa, mas eu realmente *conheço* essas pessoas. Eles não são como fotos, cartazes para pendurar na parede. Eles não são nada como vocês acha que eles são. Eles têm direito à privacidade. É estranho porque vejo todos agindo como se soubessem quem meus amigos são, quando só conhecem um pouquinho deles, e é estranho ver alguém agindo como se tivesse algum tipo de direito sobre os meus amigos e suas vidas.

Beatriz hesitou, em seguida, baixou a caneta.

— Tudo bem. Posso ver que é estranho para você, mas isso vem de todos admirando o que eles fizeram. As pessoas agem como se os conhecessem porque querem conhecê-los. E ser admirado significa que eles têm muita influência sobre as outras pessoas. Eles podem fazer o bem com isso. Alec Lightwood é a inspiração de Sunil em ser um Caçador de Sombras. E você, Simon. Um monte de gente o segue porque te admiram. Pode haver alguma estranheza misturada à admiração, mas penso que está tudo bem.

— Oh, não é o mesmo comigo — Simon murmurou. — Quero dizer, eu não me lembro. Isso é para os meus amigos. Incluindo Alec, que é... meu amigo que não gosta de mim. Eles são os especiais.

Ele não podia ser legal e seguro como Magnus ou Jace. Ele não sabia do que Beatriz estava falando. Além disso, sentiu-se de repente paranoico sobre se as pessoas se perguntavam se ele tinha piercings.

Simon não tinha piercings. Ele costumava ser um músico em Brooklyn. Provavelmente *deveria* ter piercings.

Beatriz hesitou um instante, em seguida, arrancou a página que tinha escrito sobre e amassou-a em uma bola.

— Você é muito especial, Simon — ela disse, e corou. — Todo mundo sabe disso.

Simon olhou para o rosto vermelho e lembrou-se de George mencionando que alguém tinha uma queda por ele. Ele pensou por um momento que poderia ser Julie, o que seria tanto bizarro quanto estranhamente lisonjeiro ter transformado o coração de uma princesa do gelo Caçadora de Sombras com seus encantos viris, mas supôs que Beatriz fizesse mais sentido. Ele e Beatriz eram realmente bons amigos. Beatriz tinha o melhor sorriso da Academia. Simon já tivera uma queda por uma garota atraente de quem era amigo de volta no Brooklyn. Ele se sentiu principalmente estranho agora. Perguntou-se se ele deveria declinar Beatriz gentilmente.

Julie pigarreou.

— E só para você saber... — disse ela — tem havido perguntas invasivas sobre você. Também houve um incidente em que alguém tentou roubar uma das suas meias usadas e guardá-la como um troféu.

— Quem foi essa pessoa da meia? — Simon perguntou. — Isso é simplesmente nojento.

— Nós nunca dissemos nada a eles — Julie falou. — E eles podem ter perguntado uma vez, mas nunca perguntaram novamente — seu lábio descobriu os dentes. Parecia um tigre loiro rosnando.

— Porque você é uma pessoa real para nós, Simon. E você é nosso amigo.

Ela estendeu a mão sobre a mesa e tocou a mão de Simon, em seguida, puxou-a de volta como se tivesse se queimado. Beatriz pegou a mão de Julie assim que ela a recolheu e rebocou a amiga para fora da cadeira em direção ao canto da sala onde a comida era servida.

Nenhuma delas precisava de mais comida. Elas mal tocaram em seu ensopado. Simon as observou enquanto saíam, e depois enquanto conversavam em sussurros tensos entre elas.

— Bem, ambas parecem estranhamente chateadas.

George revirou os olhos.

— Vamos, Si, não seja lento.

— Você não pode querer dizer... — começou Simon. — Não podem as duas... gostarem de mim, né?

Houve um longo silêncio.

— Nenhuma delas gosta de você? — perguntou Simon. — Você é matéria estrangeira. E tem sotaque escocês.

— Não esfregue isso na minha cara. Talvez as meninas me temam porque meus olhos aguçados veem muito profundamente em suas almas — disse George. — Ou talvez sejam intimidadas por meus bons olhos. Ou talvez... por favor, não me faça mas falar sobre o sujeito solitário que sou.

Ele observou Julie e Beatriz um pouco melancolicamente. Simon não poderia dizer se George estava melancólico sobre Julie ou Beatriz, ou simplesmente melancólico sobre o amor em geral. Ele não tinha ideia de que seus amigos estavam envolvidos em tal emaranhado emocional.

Ele foi surpreendido. Ele se sentiu estranho. E não sentia mais nada.

Ele gostava muito de Beatriz. Julie era terrível, mas Simon pensou nela contando-lhe sobre sua irmã, e teve que admitir: Julie era terrível, mas ele gostava dela, também. Ambas eram bonitas e duronas e não vinham com uma carga de memórias perdidas e emoções emaranhadas.

Ele não sentia prazer em saber que elas gostavam dele. Não foi mesmo ligeiramente tentado.

Ele desejou com toda a intensidade de sua mente que Isabelle estivesse aqui, não numa carta, não em uma voz no telefone, mas *aqui*.

Ele olhou para o rosto triste de George e ofereceu:

— Quer falar sobre quando Magnus e Alec irem, e nós roubarmos a suíte deles e fazer nossas próprias refeições em nossa pequena cozinha particular?

George suspirou.

— Poderia realmente acontecer, Simon, ou este é um sonho muito bom? Todo dia seria uma canção. Tudo o que eu quero é fazer um sanduíche, Simon. Apenas um sanduíche humilde, com presunto, queijo, talvez um pouquinho de... oh meu Deus.

Simon se perguntou que gosto teria um pouquinho de “oh meu Deus”. George tinha congelado, a colher aos lábios, os olhos fixos em um ponto mais acima do ombro de Simon.

Simon se virou em seu assento e viu Isabelle enquadrada na porta do refeitório da Academia. Ela usava um iridescente vestido longo, e pulseiras reluzentes estavam distribuídas por seus braços. O tempo pareceu passar lentamente, como num filme, como que por magia, como se ela fosse um gênio que podia aparecer em uma nuvem de fumaça brilhante para conceder desejos, e cada desejo seria ela.

— Surpresa — disse Isabelle. — Sentiu a minha falta?

Simon ficou de pé. Ele pode ter derrubado sua tigela vazia no colo de George. Estava arrependido, mas faria as pazes com ele mais tarde.

— Isabelle. O que você está fazendo aqui?

— Parabéns, Simon, que resposta romântica — Isabelle devolveu. — Eu devo tomar isso como um “Não, eu não senti falta sua, e estou me encontrando com outras meninas”? Se assim for, não se preocupe com isso. Por que se preocupar, quando a vida é tão curta? Especificamente a sua vida, porque vou arrancar a sua cabeça.

— Estou confuso com o que você está dizendo — Simon revelou.

Isabelle levantou as sobrancelhas e abriu os lábios, mas antes que ela pudesse falar, Simon a pegou pela cintura e a puxou contra ele, beijando sua boca surpresa.

A boca de Isabelle relaxou, curvando-se sob o sua. Ela atirou os braços em volta do pescoço dele e o beijou de volta, sensual e exuberante mais uma vez, a femme fatale e a princesa guerreira, a menina dos sonhos de todas as suas fantasias nerds em uma. Simon se afastou por um momento para fitar os olhos escuros feito a noite de Isabelle.

— Eu não estava ciente — Simon falou — que existiam outras garotas no mundo além de você.

Ele ficou envergonhado logo que disse isso. Essa não era uma resposta para suavizar a anterior. Ele estava sendo honesto, tentando dizer a Isabelle o que só agora ele percebera. Mas viu que os olhos de Isabelle brilharam como estrelas novas em vigília da noite, sentiu o braço dela em volta de seu pescoço puxando-o para outro beijo, e pensou que a frase era sentimental. Afinal, ele havia conseguido uma garota, a garota. A única que Simon queria.

* * *

Era meia-noite quando Magnus teve todos os Lightwood fora de sua suíte. Isabelle escapara para ver Simon algum tempo antes, e Clary e Jace puderam ser convencidos facilmente a saírem juntos, mas por alguns instantes ele pensou que teria que usar magia em Maryse e Robert. Ele os empurrou para fora da porta enquanto eles ainda lhe davam dicas úteis para o bebê.

Assim que eles se foram, Alec se arrastou até a cama e deitou a cabeça, dormindo instantaneamente. Magnus ficou com o bebê.

Era possível que o bebê estivesse atordoado pelos Lightwood também. Ele estava deitado no berço encarando o mundo com os olhos arregalados. O berço estava sob uma janela, e a criança estava em uma pequena piscina da luz, o luar iluminando seu cobertor amarrotado e suas pequenas pernas gordas. Magnus agachou-se ao lado do berço e o assistiu, esperando a próxima erupção de gritos que significava que ele precisava ser trocado e alimentado. Em vez disso, ele adormeceu também, a boca dele aberta, um pequeno botão de rosa azul.

Quem poderia amá-lo? a mãe do bebê tinha escrito, mas o bebê não sabia disso ainda. Ele dormia, inocente e sereno quanto qualquer criança seguramente amada. A mãe de Magnus poderia ter pensado as mesmas palavras de desespero.

Alec pensava que eles ficariam com o bebê.

Mantê-lo ainda não ocorrera a Magnus. Ele tinha pensado que vivera a vida acreditando que mil possibilidades estavam abertas para ele, mas não pensara nessa possibilidade como sendo aberta para ele: a vida familiar como mundanos e Nephilim possuíam, amor tão confiante que podia ser compartilhado com alguém novo no mundo e indefeso.

Ele experimentou o pensamento agora.

Mantê-lo. Ficar com o bebê. Ter o bebê, com Alec.

Horas se passaram. Magnus não tinha percebido, o tempo passou tão calmamente, como se alguém tivesse colocado um tapete na noite para abafar os passos do tempo. Ele não registrou nada além daquele pequeno rosto, até que sentiu um toque suave em seu ombro.

Magnus não levantou, mas se virou para ver Alec olhando-o. O luar transformava em prata a pele de Alec e deixava seus olhos tom mais escuro, mais profundo e infinito de uma ternura azul.

— Se você pensou que eu estava te pedindo para ficar com o bebê — Magnus falou — eu não estava.

Os olhos de Alec se arregalaram. Ele absorveu a notícia em silêncio.

— Você é... ainda muito jovem — Magnus disse. — Me desculpe se às vezes parece que não me lembro disso. É esquisito para mim – ser imortal, jovem e velho ao mesmo tempo é esquisito para mim. Sei que devo parecer estranho para você às vezes.

Alec assentiu com a cabeça, pensativo e sem se magoar.

— Você parece — ele concordou, e inclinou-se de lado contra o berço, tocando o cabelo de Magnus e lhe dando um beijo leve como a luz da lua. — E eu nunca quis nada além disso. Não quero um amor menos estranho.

— Mas você não precisa temer que eu um dia vá deixá-lo — disse Magnus. — Você não precisa ter medo do que vai acontecer com o bebê ou que eu ficarei magoado, porque o bebê é... um feiticeiro, e não era desejado. Você não tem que se sentir preso. Não precisa temer, e não precisa fazer nada disso.

Alec se ajoelhou nas sombras e nas tábuas empoeiradas do sótão, ao lado do berço e de frente para Magnus.

— E se eu quiser? Eu sou um Caçador de Sombras. Nós casamos jovens, e temos filhos jovens, porque nós podemos morrer jovens, porque queremos fazer o nosso dever para com o mundo e ter todo o amor do mundo que pudermos. Eu costumava... costumava pensar que nunca poderia fazer isso, nunca teria isso. Eu me sentia preso. Não me sinto preso agora. Eu nunca poderia lhe pedir para viver em um Instituto, e não quero. Quero ficar em Nova York, com você, e com Lily e Maia. Quero continuar fazendo o que estamos fazendo. Quero que Jace dirija o Instituto depois da minha mãe, e quero trabalhar com ele. Quero ser parte da conexão entre o Instituto e os seres do Submundo. Por muito tempo, pensei que eu nunca poderia ter essas coisas que desejava, exceto talvez manter Jace e Isabelle a salvo. Pensei que eu poderia cuidar da retaguarda deles em uma luta. Agora tenho mais e mais pessoas com quem me importo e... quero que todos que amo... quero que as pessoas que nem conheço, todos nós, saibam que temos em nossa retaguarda e não temos que lutar sozinhos. Eu não estou preso. Estou feliz. Estou exatamente aonde queria estar. Eu sei o que quero, e tenho a vida que quero. Não temo qualquer uma das coisas que você falou.

Magnus respirou fundo. Era melhor perguntar a Alec do que continuar imaginando a coisa errada.

— Do que você tem medo então?

— Você se lembra da mamãe sugerindo chamar o bebê de Max?

Magnus assentiu, cuidadosamente tranquilo. Ele não conhecera muito o irmão de Alec, Max. Robert e Maryse Lightwood sempre tentaram manter seus filhos longe de seres do Submundo, e Max era jovem demais para desobedecer.

A voz de Alec era baixa, tanto pelo bebê e quanto pela memória.

— Eu nunca fui o irmão legal. Lembro que quando minha mãe costumava deixar Max sair comigo, quando ele era realmente pequeno, ainda aprendendo a andar, e eu estava sempre com medo de que ele iria cair e seria culpa minha. Eu sempre tentei fazê-lo obedecer as regras e obedecer o que mamãe dissesse. Isabelle era ótima com ele, sempre fazendo-o rir, e pelo Anjo, Max queria ser como Jace. Ele pensava que Jace era o melhor e mais legal Caçador de Sombras que já viveu, que o sol nascia e se punha com ele. Jace lhe deu um soldadinho de brinquedo e Max costumava levá-lo para a cama com ele. Eu tinha ciúmes de como Max amava tanto aquele brinquedo. Eu costumava dar-lhe outras coisas, brinquedos que eu achava que eram melhores, mas ele sempre amou aquele soldado. Ele morreu segurando aquele brinquedo em busca de conforto. Fiquei feliz que ele tivesse algo de que gostava para confortá-lo. Foi estúpido e mesquinho da minha parte ser ciumento.

Magnus balançou a cabeça. Alec deu-lhe um sorriso triste, e em seguida abaixou a cabeça preta, olhando para o chão.

— Eu sempre pensei que haveria mais tempo — disse Alec. — Pensei que Max ficaria mais velho, que ele treinaria mais com a gente, e eu o ajudaria a treinar. Pensei que ele viria em missões conosco, e eu cuidaria de sua retaguarda, da maneira como sempre tentei fazer com Jace e Isabelle. Ele saberia que seu irmão mais velho e chato era bom em alguma coisa, então. Saberia que podia contar comigo, não importa o quê. Ele deveria ter sido capaz de contar comigo.

— Ele foi capaz de contar com você — Magnus respondeu. — Eu sei que sim. Ele sabia disso. Ninguém que já te conheceu poderia duvidar disso.

— Ele nem sequer sabia que eu sou gay. Ou que eu te amo. Eu gostaria que ele pudesse conhecê-lo.

— Eu queria poder conhecê-lo — disse Magnus. — Mas ele te conhecia. Ele te amava. Você sabe disso, não sabe?

— Eu sei. Eu apenas... eu sempre desejei que pudesse ser mais para ele.

— Você sempre tenta ser mais para todos que ama. Não percebe como toda a sua família se volta para você, como confiam em você. Eu confio em você. Até Lily depende de você, pelo amor de Deus. Você ama tanto as pessoas que gosta que tentar ser um ideal impossível para elas. Não percebe que é mais do que o suficiente.

Alec encolheu os ombros, um pouco impotente.

— Você me perguntou sobre o que eu estava com medo. Estou com medo que ele não vá gostar de mim — disse Alec. — Temo piorar a situação dele. Mas eu quero tentar estar lá para ele. Eu o quero. E você?

— Eu não esperava por ele. Não esperava que nada parecido com isso acontecesse comigo. Mesmo que às vezes eu pensasse sobre como seria se você e eu tivéssemos uma família, pensei que demoraria anos. Mas sim. Sim, eu quero tentar também.

Alec sorriu, seu sorriso tão brilhante que Magnus percebeu quão aliviado ele ficou, e percebeu tardiamente quão preocupado Alec estivera de que ele diria não.

— É rápido — Alec admitiu. — Pensei sobre ter uma família, mas acho que sempre imaginei... Bem, acho que nunca esperei que nada como isso acontecesse antes de nos casarmos.

— O quê?

Alec apenas o encarou. O braço forte do arqueiro estava no berço do bebê, mas Alec estava concentrado em Magnus, seus olhos azuis escuros mais escuros do que nunca nas sombras, o olhar de Alec mais importante do que um beijo de qualquer outra pessoa. Magnus viu que ele realmente quis dizer aquilo.

— Alec. Meu Alec. Você tem que saber que isso é impossível.

Alec pareceu surpreso e horrorizado.

Magnus começou a falar, as palavras saindo de sua boca mais e mais rápido, tentando fazer Alec ver.

— Caçadores de Sombras podem se casar com seres do Submundo em cerimônias de seres do Submundo ou mundanas. Já vi isso acontecer. Vi outros Caçadores de Sombras anularem esses casamentos como se não significassem nada, e vi alguns Caçadores de Sombras dobrarem sob pressão e quebrar os votos que fizeram. Eu sei que você nunca faria dobraria ou quebraria. Sei que os votos de casamento significariam muito para você. Sei que esse e quaisquer outros votos que você me fez, manteria. Mas eu estava vivo antes dos Acordos. Sentei-me, comi e conversei com os Caçadores de Sombras sobre a paz entre nossos povos, e, em seguida, esses mesmos Caçadores de Sombras jogaram fora os pratos em que tocamos porque achavam que eu irremediavelmente teria contaminado o que toquei. Eu não terei uma cerimônia em que alguém olhará como se fosse inferior. Não quero que você tenha menos do que a cerimônia que poderia ter tido, para honrar seus votos como um Caçador de Sombras. Já tive o suficiente de compromissos em nome de fazer as pazes. Quero que a Lei mude. Não quero me casar até que possamos nos casar de dourado.

Alec estava quieto, a cabeça baixa.

— Você entende? — Magnus perguntou, sentindo-se quase desesperado. — Não é que eu não queira. Não é que eu não te ame.

— Eu entendo — Alec respondeu. Ele tomou uma respiração profunda e olhou para cima. — Mudar a Lei pode demorar um pouco — ele disse simplesmente.

— Pode.

Ambos ficaram em silêncio por um tempo.

— Posso dizer uma coisa? — Magnus perguntou. — Ninguém nunca quis se casar comigo antes.

Ele tivera outros amores, mas nenhum deles lhe pediu, e ele soubera, sentira com um sentimento de afundamento frio, que seria inútil pedir-lhes. Se fosse porque eles não sentiam que a promessa “até que a morte os separe” não contava quando Magnus não iria morrer, ou porque eles encaravam Magnus levemente ou pensavam que por ser imortal, ele os

encarava levianamente. Ele nunca soube das razões pelas quais eles não quiseram se casar com ele, mas ali estava: houvera amantes dispostos a morrer com ele, mas ninguém nunca estivera disposto a jurar viver com ele todos os dias durante o tempo que ambos tivessem de vida.

Ninguém até este Caçador de Sombras.

— Eu nunca pedi ninguém que se casasse comigo antes — Alec devolveu. — Então, isso é um não?

Ele riu quando fez a pergunta, com um riso leve, desgastado mas feliz. Alec sempre tentou dar aqueles que amava um caminho ou uma porta aberta; tentou dar àqueles que amava tudo o que queriam. Eles ficaram sentados ali, encostados juntos no berço de seu bebê.

Magnus levantou a mão e Alec pegou-a meio do ar, entrelaçando seus dedos. Os anéis de Magnus e as cicatrizes de Alec brilharam ao luar. Ambos apertaram as mãos.

— É um sim, um dia — respondeu Magnus. — Para você, Alec, é sempre sim.

* * *

Depois das aulas no dia seguinte, Simon estava sentado em seu quarto na masmorra úmida, resistindo à quase irresistível tentação de procurar Isabelle, e reuniu toda a sua coragem.

Subiu os muitos lances de escadas e bateu na porta dos aposentos de Alec e Magnus.

Magnus abriu a porta. Ele estava vestindo jeans e uma camiseta desgastada e larga, segurando o bebê, e parecia muito cansado.

— Como você sabia que ele tinha acabado de acordar de um cochilo? — Magnus perguntou enquanto abria a porta.

— Uh, eu não sabia — disse Simon.

Magnus piscou para ele, da forma lenta pessoas que cansados faziam, como se tivessem que pensar profundamente sobre piscar.

— Oh, minhas desculpas — ele respondeu. — Pensei que fosse Maryse.

— A mãe de Isabelle está aqui?! — Simon exclamou.

— Shhhh! Ela pode te ouvir.

O bebê estava lamuriando, não muito um choro, mas fazendo um som como um pequeno e infeliz trator. Ele enxugou o rosto úmido contra o ombro de Magnus.

— Eu realmente sinto interromper — Simon falou. — Mas queria saber se eu poderia ter uma palavra a sós com Alec.

— Alec está dormindo — disse Magnus sem rodeios, e começou a fechar a porta.

A voz de Alec ecoou para fora antes que a porta estivesse totalmente fechada. Ele soou como se estivesse no meio de um bocejo.

— Não, não estou. Estou acordado. Posso falar com Simon — ele apareceu na porta, abrindo-a novamente. — Saia e dê um longo passeio. Respire um pouco de ar fresco. Isso vai te despertar.

— Estou ótimo — disse Magnus. — Não preciso dormir. Ou despertar. Eu me sinto ótimo.

O bebê acenou com as mãos gordas na direção de Alec, os gestos abertos e descoordenados, mas inconfundíveis. Alec pareceu assustado mas sorriu, de repente, um sorriso inesperadamente agradável, e estendeu a mão para pegar o bebê em seus braços. Assim que o fez, o bebê parou de reclamar.

Magnus balançou o dedo no rosto do bebê.

— Acho a sua atitude insultuosa — informou ele. Ele beijou Alec brevemente. — E não vou demorar muito.

— Leve o tempo que precisar — disse Alec. — Tenho essa sensação de que meus pais podem estar vindo para ajudar muito em breve.

Magnus saiu, e Alec afastou-se da porta, indo para a janela com o bebê.

— Então — Alec começou. Sua camisa foi amarrotada, claramente dormindo, e ele ninava um bebê. Simon sentiu-se mal por incomodar. — O que você quer falar comigo?

— Sinto muito de novo pelo outro dia — Simon falou.

Então ele perguntou se era horrível que ele tivesse feito referência a sexo na frente do filho de Alec. Talvez Simon apenas estivesse condenado a ofender Alec mortalmente, de novo e de novo. Para sempre.

— Está tudo bem. Uma vez eu interrompi você e Isabelle. Acho que esse foi o troco — ele franziu a testa. — Embora vocês dois estivessem no meu quarto no momento, por isso, na verdade, acho você ainda me deve.

Simon ficou alarmado.

— Você interrompeu Isabelle e eu? Mas nós não... quero dizer, não fizemos... não é?

Seria típico da vida de Simon, ele pensou. De todas as coisas do mundo, ele esqueceu disso.

Alec parecia perturbado em ter esta discussão, mas Simon fitou-o com um olhar articulado e Alec aparentemente teve pena do quão patético Simon era.

— Eu não sei — Alec respondeu finalmente. — Você estava no processo de tirar a roupa, se eu lembro. E não tento me lembrar. E você parecia estar envolvido em algum tipo de encenação.

— Oh. Uau. Uma encenação avançada? Havia trajes? Adereços? O que Isabelle vestia, exatamente?

— Eu não vou discutir isso.

— Mas se você pudesse apenas me dar uma dicazinha...

— Saia daqui, Simon — Alec ordenou.

Simon afastou a pontada de pânico e se ordenou a prosseguir. Estas eram mais palavras do que ele falara para Alec em anos. Embora Alec o tivesse mandado sair do quarto, portanto Simon teve que admitir que as coisas não estavam exatamente indo bem.

— Desculpe — disse Simon. — Quero dizer, me desculpe pelas perguntas impróprias. E desculpe por interrompê-los, hã, ontem de manhã. Sinto muito por tudo. Sinto muito pelo o que ocorreu de ruim entre nós. Tudo sobre o que você está com raiva. Eu honestamente não me lembro, mas lembro como você é quando está com raiva, e não quero que as coisas sejam assim entre nós. Eu lembro que você não gosta de Clary.

Alec olhou para Simon como se ele fosse louco.

— Eu gosto de Clary. Clary está entre os meus melhores amigos.

— Oh. Me desculpe. Pensei que eu tivesse lembrado... Devo ter entendido errado.

Alec respirou fundo e admitiu:

— Não, você não entendeu errado. Eu não gostava de Clary no início. Fui duro com ela uma vez. Eu... a botei contra uma parede. Ela bateu a cabeça. Eu era um guerreiro treinado e ela não tinha qualquer formação na época. Eu sou duas vezes o tamanho dela.

Simon tinha vindo aqui para se reconciliar com Alec, ele não estava preparado para o forte desejo de socá-lo que o tomou. Ele não podia fazê-lo. Alec estava segurando um bebê.

Tudo o que podia fazer era encará-lo em silêncio furioso à ideia que alguém tocara em sua melhor amiga.

— Não é nenhuma desculpa — continuou Alec. — Mas eu estava com medo. Ela sabia sobre eu ser gay, e me disse que sabia. Ela não estava me dizendo nada que eu já não soubesse, mas eu estava com medo dela porque eu não a conhecia. Ela não era minha amiga então. Ela era apenas uma mundana invadindo a minha família, e eu conhecia os Caçadores de Sombras, era amigo de Caçadores de Sombras que se tivesse adivinhado isso, teriam corrido para contar aos meus pais, e aí os meus pais poderiam enfiar algum senso em mim. Eles teriam contado para todo mundo. Teriam pensado estar fazendo a coisa certa.

— Não teria sido a coisa certa — Simon disse, ainda furioso, mas abalado. — Clary nunca faria isso. Ela nunca me contou.

— Eu não conhecia no momento. Você está certo. Ela nunca contou a ninguém sobre nada disso. Ela tinha todo o direito de dizer que eu tinha começado rudemente com ela. Jace teria me dado um soco na cara se soubesse. Fique com medo que ela contasse ar Jace que eu era gay, porque eu não estava pronto para Jace saber sobre mim. Mas você está certo. Ela nunca o faria, e não o fez — ele olhou para fora da janela, acariciando as costas do bebê.

— Eu gosto de Clary — ele falou simplesmente. — Ela sempre tenta fazer o que é certo, nunca deixa ninguém lhe dizer o que é isso. Ela lembra meu parabatai, o quanto ele quer viver. Ocasionalmente eu preferiria que ela tomasse menos riscos loucos, mas se eu odiasse pessoas louca e corajosamente imprudentes, eu odiaria...

— Deixe-me adivinhar. O nome dele rima com Face Herringfail.

Alec riu e Simon se felicitou mentalmente.

— Então você gosta de Clary — disse Simon. — Eu sou o único de quem você não gosta. O que eu fiz? Sei que você tem um prato cheio, mas se você apenas pudesse me dizer o que eu fiz, então eu poderei pedir desculpas por isso para que talvez fiquemos bem, eu realmente apreciaria.

Alec olhou para ele, então se virou e caminhou em direção a uma das cadeiras no sótão. Havia duas cadeiras velhas de madeira, cada qual decorada com almofadas bordadas com pavões, e havia um sofá. O sofá estava um pouco torto. Alec sentou numa das cadeiras, e Simon decidiu não arriscar o sofá e sentou na outra.

Alec colocou o bebê no colo, um braço cuidadosamente em volta de seu corpo pequeno e rechonchudo. Com a mão livre, brincou com as mãozinhas dele, batendo-lhes com as pontas dos dedos como se estivesse ensinando-o a brincar de adoleta.

Ele estava claramente se preparando para uma confissão.

Simon respirou fundo, preparando-se para o que quer que fosse. Ele sabia que podia ser muito ruim. Ele tinha que estar pronto.

— O que você fez? — perguntou Alec. — Você salvou a vida de Magnus.

Simon ficou perplexo. Um pedido de desculpas parecia inadequado.

— Magnus tinha sido sequestrado, e eu entrei em uma dimensão demoníaca para salvá-lo. Esse era todo o meu plano. Tudo o que eu queria fazer era salvá-lo. No caminho, Isabelle foi gravemente ferida. Durante a minha vida inteira, eu sempre quis proteger as pessoas que eu amava, certificar-me de que estavam a salvo. Eu deveria ter sido capaz de fazê-lo. Mas eu não podia. Não era capaz de ajudar qualquer um deles. Você sim. Você salvou a vida de Isabelle. Quando o pai de Magnus tinha a intenção de levá-lo e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso, nada mesmo, você ajudou. Eu sempre te desvalorizei no passado, e você fez tudo o que eu sempre quis, e então você se foi. Isabelle ficou destruída. Clary foi pior. Jace estava muito chateado. Magnus se sentia culpado. Todo mundo estava sofrendo tanto, e eu queria ajudá-los, aí você voltou, mas não se lembra do que fez. Eu não sou realmente bom com estranhos, e você estava realmente estranho. Eu não podia falar com você. Não era que tivesse alguma coisa errada. Apenas não havia nada que eu pudesse fazer para aproximá-lo de nós. Eu lhe devia mais do que jamais poderia pagar, e nem sequer sei como agradecer. Não teria significado nada. Você nem sequer se lembra.

— Oh — disse Simon. — Uau.

Era esquisito pensar em estranhos sem rosto pensando em Simon como um herói. Era ainda mais estranho ter Alec Lightwood, que ele pensava que nem sequer gostava dele, falando como se ele fosse um herói.

— Então você não me odeia, e você não odeia Clary. Você não odeia ninguém.

— Eu odeio as pessoas forçando-me a falar sobre os meus sentimentos — Alec corrigiu.

Simon olhou para ele por um momento, um pedido de desculpas em seus lábios, mas ele não o verbalizou. Em vez disso, sorriu, sorriu timidamente e Alec devolveu o sorriso.

— Eu venho fazendo muito isso desde que cheguei à Academia.

— Posso imaginar — concordou Simon.

Ele não tinha certeza do que aconteceria com o bebê que Alec e Magnus estavam tomando conta, mas pelo o que Isabelle contara, ela tinha certeza de que eles ficariam com ele.

Isso deve ter exigido uma boa conversa.

— Eu gostaria — Alec continuou — de não falar sobre sentimentos novamente por cerca de um ano. Também talvez dormir durante um ano. Os bebês nunca dormem?

— Eu costumava tomar conta deles às vezes — Simon respondeu. — Pelo o que me lembro, bebês dormem muito, mas quando você menos espera. Bebês: mais parecido com a Inquisição espanhola do que você pensa.

Alec assentiu, embora parecesse confuso.

Simon fez uma nota mental de que era seu dever agora, como amigo estabelecido de Alec, apresentar Alec ao Monty Python logo que possível. O bebê trinou como se estivesse satisfeito com a comparação.

— Ei — disse Alec. — Sinto muito se fiz você pensar que eu estava com raiva de você só porque eu não sabia o que dizer.

— Bem, aqui está uma coisa. Eu foi ajudado em minha suposição.

Alec parou de brincar de adoleta com o bebê. Ele ainda terminou a última vez.

— O que você quer dizer?

— Você não falava muito comigo, e eu estava um pouco preocupado com isso — explicou Simon. — Assim, perguntei ao meu amigo, entre nós, homens, se você tinha algum problema comigo. Perguntei ao meu bom amigo Jace.

Houve uma pausa enquanto Alec absorvia essa notícia.

— Você perguntou.

—E Jace — continuou Simon. — Jace me disse que havia um grande problema sombrio entre nós. Disse que não era direito dele falar sobre isso.

O bebê olhou para Simon, então de volta para Alec. Seu rostinho parecia pensativo, como se ele fosse sacudir a cabeça e dizer: Esse Jace, o que ele fará a seguir?

— Deixe isso comigo — Alec falou calmamente. — Ele é meu parabatai e temos um vínculo sagrado e tudo, mas agora ele foi longe demais.

— Isso é legal. Por favor, execute uma terrível vingança por nós dois, porque eu com certeza seria vencido por ele em uma luta.

Alec assentiu, admitindo este fato muito verdadeiro.

Simon não podia acreditar que estivera tão preocupado sobre Alec Lightwood. Alec era ótimo.

— Bem — disse Alec. — Como eu disse... eu te devo.

Simon acenou com a mão.

— Nah. Deixa isso pra lá.

* * *

Magnus estava tão cansado que andou até chegar na sala de jantar da Academia dos Caçadores de Sombras e pensou em comer lá. Então ele olhou para a comida e voltou a raciocinar direito.

Não era bem a hora do jantar, mas havia alguns estudantes reunidos desde cedo, embora Magnus não escolheria chegar em primeiro lugar em uma corrida pela lasanha viscosa. Magnus viu Julie e seus amigos em uma mesa.

Julie olhou Magnus de cima a baixo, que tinha o cabelo bagunçado e uma camiseta amassada de Alec, e Magnus viu a profunda desilusão em seu rosto. Então, os sonhos de uma jovem morreram. Magnus admitia, depois de uma noite sem dormir e vestindo uma das camisetas de Alec, porque Isabelle tinha destruído várias de seu guarda-roupa e o bebê chorando a noite inteira, que ele podia não estar em seu estado mais glamouroso.

Provavelmente era bom para Julie enfrentar a realidade, embora Magnus estivesse determinado a, pelo menos em algum momento, tomar um banho, vestir uma camisa melhor e deslumbrar o bebê com seu esplendor.

Magnus visitara Ragnor na Academia, e sabia como as refeições eram ali. Ele apertou os olhos, tentando descobrir quais mesas pertenciam às elites e quais eram da escória, os seres humanos que aspiravam a ser Nephilim, mas não eram aceitos pelos Nephilim como bons o suficiente até passarem pela Ascensão.

Magnus sempre pensara que a escória mostrava enorme autocontrole por não se levantarem contra a arrogância dos Caçadores de Sombras, botando a Academia abaixo e fugindo para a noite.

Era possível que a Clave tivesse razão quando chamava Magnus de insurgente.

Ele não podia perceber, no entanto, que mesas pertenciam a que grupo. Era muito claro, anos atrás, mas ele tinha certeza de que a loira e a morena conhecidas de Simon eram Nephilim, e quase certeza de que o idiota lindo que queria criar um bebê com Simon em uma gaveta de meias não era.

A atenção de Magnus foi atraída pela voz imperiosa e gutural vinda a partir de uma garota latina que parecia ter uns quinze anos. Ela era uma mundana, Magnus percebeu em um relance. Outra coisa que ele podia dizer em um resumo: em um par de anos, ela passando pela Ascensão ou não, ela seria um terror sagrado.

— Jon — ela dizia para o menino do outro lado da mesa. — Estou com muita dor no meu dedo do pé! Eu preciso de aspirina.

— O que é aspirina? — perguntou o menino, entrando em pânico.

Ele era, obviamente, um Nephilim. Magnus poderia dizer sem ver suas runas. Na verdade, estava preparado para apostar que o rapaz era um Cartwright. Magnus conhecera vários Cartwright através dos séculos. Todos os Cartwright tinham aquele mesmo angustiante pescoço grosso.

— Você compra em uma farmácia — disse a garota. — Não, não me diga, você não sabe o que é uma farmácia. Alguma vez já deixou Idris em toda a sua vida?

— Sim! — disse Jon, possivelmente Cartwright. — Saí em muitas missões de caça ao demônio. E uma vez mamãe e papai me levaram para a praia na França!

— Incrível — respondeu a garota. — Eu quero dizer isso. Vou explicar toda a medicina moderna para vocês.

— Por favor, não faça isso, Marisol — pediu Jon. — Eu não me sentiria bem depois que você explicasse sobre apendicectomias. Eu não poderia comer.

Marisol fez uma careta para seu prato.

— Você está dizendo que eu faria um enorme favor.

— Eu gosto de comer — Jon falou tristemente.

— Certo — respondeu Marisol. — Então não explicarei a medicina moderna para você, e então, uma emergência médica acontece comigo. Poderia ser resolvido com a aplicação de alguns primeiros socorros, mas você não sabe nada disso, e assim que eu vou morrer. Vou morrer a seus pés. É isso o que você quer, Jon?

— Não. O que de primeiros socorros? Existe um... um segundo socorro?

— Não posso acreditar que você vai me deixar morrer quando a minha morte poderia ser facilmente evitada se você apenas tivesse me escutado — Marisol devolveu impiedosamente.

— Está bem, está bem! Eu vou escutar.

— Ótimo. Pegue um pouco de suco, porque falarei por um bom tempo. Ainda estou muito magoada que você tenha pensado em me deixar morrer — Marisol adicionou enquanto Jon levantava e ia para o lado da sala onde as bebidas e alimentos pouco apetitosos e potencialmente venenosos estavam servidos.

— Pensei que Caçadores de Sombras tivessem que proteger os mundanos! — Marisol gritou-lhe. — Não suco de laranja, eu quero de maçã!

— Você acreditaria — disse Catarina, aparecendo ao lado de Magnus — que a criança Cartwright era o maior valentão da Academia?

— Parece que ele conheceu um valentão maior — Magnus murmurou.

Ele congratulou-se pelo palpite correto quanto a Cartwright. Era difícil ter certeza, com famílias de Caçadores de Sombras. Certos traços pareciam correr nas linhagens, inatos como eram, mas sempre havia exceções.

Por exemplo, Magnus sempre conhecera Lightwoods bastante esquecíveis. Gostava de alguns deles – Anna Lightwood e seu desfile de jovens senhoras de corações partidos, Christopher Lightwood e seus explosões, e agora Isabelle, mas nunca houve um Lightwood que tocou seu coração, como alguns Caçadores de Sombras: Will Herondale, Henry Branwell ou Clary Fray.

Até que houve um Lightwood que foi inesquecível; até que um Lightwood não só tocou, mas tomou seu coração.

— Por que você está sorrindo sozinho? — Catarina perguntou, a voz suspeita.

— Eu só estava pensando que a vida é cheia de surpresas — Magnus respondeu. — O que aconteceu com esta Academia?

A menina mundana não poderia intimidar o garoto Cartwright a menos que ele se preocupasse com o que acontecesse com ela, a menos que ele a visse como uma pessoa, e não queria tirá-la do seu caminho como Magnus vira inúmeros Nephilim fazerem com mundanos e seres do Submundo, também.

Catarina hesitou.

— Venha comigo — ela disse. — Há algo que quero te mostrar.

Ela pegou a mão dele e o levou para fora do refeitório da Academia, os dedos azuis entrelaçados com os dedos de anéis azuis. Magnus pensou no bebê e se encontrou sorrindo mais uma vez. Ele sempre tinha pensado que azul era a cor mais linda.

— Tenho dormido no antigo quarto de Ragnor — Catarina falou.

Ela mencionou seu velho amigo e rápida e praticamente, sem nenhum indício de sentimento. Magnus segurou a mão dela um pouco mais apertado enquanto subiam dois lances de escadas e atravessavam corredores de pedra. As paredes carregavam tapeçarias ilustrando grandes feitos dos Caçadores de Sombras. Havia furos em várias das tapeçarias, incluindo um que deixou o anjo Raziel decapitado. Magnus temia que houvesse ratos sacrílegos nas tapeçarias.

Catarina abriu uma grande porta de carvalho escuro e levou-o para uma sala abobadada de pedra onde havia algumas imagens nas paredes que Magnus reconheceu como de Ragnor: um esboço de um macaco, um mar com um navio de pirata.

A cama de carvalho esculpido de Catarina era coberta por lençóis hospitalares brancos graves, mas as cortinas roídas pelas traças eram de veludo verde, e havia uma mesa decorada em couro verde sob a única grande janela da sala.

Havia uma moeda sobre ela, um círculo de cobre escurecido pela idade, e duas folhas de papel amarelando-se nas bordas.

— Eu estava vendo os papéis na mesa de Ragnor quando encontrei esta carta — Catarina falou. — Era o único item realmente pessoal no quarto. Pensei que você pudesse gostar de lê-la.

— Eu gostaria — disse Magnus, e ela a colocou nas mãos dele.

Magnus desdobrou a carta e olhou para a letra preta pontiaguda definida profundamente na superfície amarelada, como se o escritor estivesse irritado com o papel. Ele sentiu como se estivesse prestes a ouvir uma voz que tinha pensado estar silenciada para sempre.

Para Ragnor Fell, educador proeminente na Academia dos Caçadores de Sombras e antigo Alto Feiticeiro de Londres:

Lamento, mas não fico surpreso ao ouvir que a mais recente turma de fedelhos Caçadores de Sombras sejam tão pouco promissores quanto a última. Aos Nephilim falta imaginação e curiosidade intelectual? Você me surpreende.

Estou anexando uma moeda gravada com uma grinalda, um símbolo da educação no mundo antigo. Foi-me dito que uma fada colocou boa sorte nela, e você certamente precisará de sorte em reformar os Caçadores de Sombras.

Estou como sempre impressionado com a sua paciência e dedicação ao seu trabalho, e seu contínuo otimismo de que seus alunos possam ser ensinados. Eu queria ter a sua perspectiva brilhante na vida, mas infelizmente não consigo fazer isso ao olhar em volta e perceber que estamos rodeados por idiotas. Se eu estivesse ensinando crianças Nephilim, imagino que de vez em quando me sentiria forçado a falar com eles acentuadamente e, ocasionalmente, seria forçado a drená-los inteiramente de sangue.

(Nota para qualquer Nephilim que esteja lendo ilegalmente as cartas do Sr. Fell e invadindo sua privacidade: estou, naturalmente, brincando. Tenho uma personalidade muito divertida).

Você pergunta como a vida em Nova York é e eu só posso relatar o habitual: malcheirosa, lotada e povoada quase inteiramente por maníacos. Quase fui derrubado por um grupo de feiticeiros e lobisomens no Bowery Street. Um feiticeiro particular estava na frente, acenando um brilhante boá de penas de senhoras roxas sobre a cabeça como uma bandeira. Estou tão envergonhado de conhecê-lo. Às vezes finjo para outros seres do Submundo que não o conheço. Espero que eles acreditem em mim.

A principal razão pela qual estou escrevendo para você é, é claro, para que possamos continuar com suas aulas de espanhol. Incluo uma nova lista de palavras do vocabulário, e asseguro-lhe que você está indo muito bem. Se um dia tiver que tomar a terrível decisão de acompanhar certo bruxo mal vestido que conhecemos para o Peru novamente, desta vez você estará preparado.

Sinceramente seu,

Raphael Santiago

— Ragnor não teria como saber que a Academia seria fechada após o Círculo de Valentim atacar a Clave — Catarina disse. — Ele manteve a carta para que pudesse aprender espanhol, e então nunca foi capaz de voltar para buscá-la. Por esta carta, porém, parece que eles escreviam um para o outro com bastante frequência. Ragnor deve ter queimado as outras, desde que elas continham comentários que poderiam colocar Raphael Santiago em problemas. Sei que Ragnor

gostava da língua afiada do pequeno vampiro — ela apoiou a bochecha contra o ombro de Magnus. — E sei que você gostava, também.

Magnus fechou os olhos por um momento e se lembrou de Raphael, a quem uma vez fizera um favor; Raphael, que morrera para ele em troca.

Ele o havia conhecido pela primeira vez quando ele se transformara, uma criança arrogante com uma vontade de ferro, e o conhecido através dos anos enquanto Raphael liderava um clã de vampiros em tudo, menos no nome.

Magnus não conhecera Ragnor quando Ragnor era jovem. Ragnor era mais velho que Magnus, e no momento em que o conheceu, tornou-se perpetuamente irritadiço. Ragnor gritava para as crianças saírem de seu jardim antes dos jardins serem inventados. Ele sempre fora gentil com Magnus, disposto a entrar em qualquer um dos seus esquemas, desde que pudesse reclamar enquanto fizessem isso.

Ainda assim, apesar da perspectiva sombria de Ragnor da vida em geral e, em particular, dos Caçadores de Sombras, Ragnor foi o único que veio para Idris ensinar Caçadores de Sombras. Mesmo após o fechamento da Academia, ele permanecera em sua cabana perto da Cidade de Vidro e tentou ensinar os Nephilim que estavam dispostos a aprender. Ele sempre tinha esperança, mesmo quando se recusava a admitir.

Ragnor e Raphael. Ambos eram supostamente imortais. Magnus pensara que eles durariam para sempre, como ele fez, enfrentando os séculos, que sempre haveria outro encontro e outra chance. Mas eles se foram, e os mortais que Magnus amava sobreviveram. Era uma lição, Magnus pensou, amar enquanto você pode, amar o que era frágil, bonito e em risco. Ninguém estava seguro para sempre.

Ragnor e Magnus não foram para o Peru novamente, e nunca o fariam agora. Claro, Magnus fora proibido de ir ao Peru, não era como se pudesse voltar, de qualquer maneira.

— Você veio para a Academia por Ragnor — Magnus disse a Catarina. — Por uma questão dos sonhos de Ragnor, para ver se pode ensinar os Caçadores de Sombras a mudar. Parece um lugar bastante diferente desta vez. Você acha que conseguiu?

— Nunca pensei que viria — disse Catarina. — Este sempre foi o sonho de Ragnor. Eu fiz isso por ele, e não pelos Caçadores de Sombras. Sempre pensei que o ensino de Ragnor fosse tolo. Você não pode ensinar se eles não querem aprender.

— O que mudou seu pensamento?

— Eu não mudei meu pensamento. Desta vez, eles queriam aprender. Eu não poderia ter feito isso sozinha.

— Quem te ajudou? — perguntou Magnus.

Catarina sorriu.

— Nosso antigo Diurno, Simon Lewis. Ele é um menino doce. Poderia ter aproveitado por ser um herói de guerra, mas ele se declarou um membro da escória e continuou falando mesmo que não tivesse nada a ganhar com isso. Tentei ajudá-lo, mas isso era tudo que eu podia fazer, e eu só podia esperar que fosse suficiente. Um por um, os estudantes seguiram o seu exemplo e começaram a desviar das maneiras extremas dos Nephilim, como um conjunto de dominós

rebeldes. George Lovelace mudou-se para o dormitório da escória com Simon. Beatriz Velez Mendoza e Julie Beauvale sentaram-se com eles na hora das refeições. Marisol Rojas Garza e Sunil Sadasivan começaram a lutar com as crianças da elite em cada oportunidade. O que eram duas correntes de um grupo tornou-se uma equipe, até mesmo Jonathan Cartwright. Não foi apenas Simon. Estas são crianças que sabem que Caçadores de Sombras lutaram lado a lado com seres do Submundos quando Valentim atacou Alicante. Estas são as crianças que viram a reitora Penhallow dar-me as boas vindas à sua Academia. Elas são filhas de um mundo em mudança. Mas acho que elas precisavam de Simon aqui, para ser seu catalisador.

— E você aqui, para ser professora deles — completou Magnus. — Você acha que encontrou uma nova vocação no ensino?

Ele olhou para ela, magra e azul como o céu no quarto pedra-e-verde de seu velho amigo.

Ela fez uma cara terrível.

— É claro que não — respondeu Catarina Loss. — A única coisa mais terrível do que a comida são todos os horríveis adolescentes chorões. Assistirei Simon Ascender com segurança e, em seguida, irei embora daqui, de volta ao meu hospital, onde os problemas são fáceis de se lidar, como gangrena. Ragnor deve ter sido maluco.

Magnus levantou a mão de Catarina, que ele ainda segurava, até os lábios.

— Ragnor teria ficado orgulhoso.

— Oh, pare com isso — disse Catarina, empurrando-o. — Você está tão mole desde que se apaixonou. E agora vai ficar ainda pior, porque tem um bebê. Eu me lembro como era. Eles são tão pequenos, e você vai colocar muitos desejos neles.

Magnus olhou para ela, assustado. Ela quase nunca mencionava o filho que criou antes, o filho de Tobias Herondale. Em parte porque não era seguro: não era um segredo que um Nephilim poderia conhecer, era um pecado que eles nunca perdoariam. Em parte, Magnus sempre suspeitou, Catarina não falava dele porque doía demais.

Catarina percebeu o olhar.

— Eu contei a Simon sobre ele. Meu menino.

— Você realmente deve confiar em Simon — Magnus falou lentamente.

— Sabe de uma coisa? Eu realmente confio. Aqui, leve isto. Quero que você fique com elas. Já terminei com isso.

Ela pegou a velha moeda sobre a mesa e colocou-a na palma da mão de Magnus, na mão que já segurava a carta de Raphael para Ragnor.

Magnus olhou para a moeda e a carta.

— Você tem certeza?

— Tenho. Li bastante a carta durante o meu primeiro ano na Academia, para me lembrar do que eu estava fazendo ali e o que Ragnor queria. Tenho honrado meu amigo. Quase concluí minha tarefa. Você pode levar.

Magnus guardou a carta e o amuleto de boa sorte, enviado por um de seus amigos mortos para outro.

Ele e Catarina saíram juntos do quarto de Ragnor. Catarina disse que ia jantar, o que Magnus pensou ser extremamente imprudente da parte dela.

— Você não pode fazer algo seguro e calmante, como *bungee jumping*? — ele perguntou, mas ela insistiu. Ele deu um beijo em sua bochecha.

— Venha para o sótão mais tarde. Os Lightwood estarão lá, então preciso de proteção. Nós teremos uma festa.

Ele virou-se e a deixou, sem querer entrar na sala de jantar e encarar a lasanha viscosa mais uma vez. Enquanto fazia o seu caminho até as escadas, encontrou Simon em seu caminho para baixo.

Magnus olhou para Simon considerando. Simon parecia alarmado com isso.

— Venha comigo, Simon Lewis — Magnus ordenou. — Vamos bater um papo.

* * *

Simon estava no topo de uma das torres das Academia dos Caçadores de Sombras com Magnus Bane, assistindo o crepúsculo chegando e sentindo-se vagamente desconfortável.

— Eu poderia jurar que esta torre costumava ser torta.

— Uh — disse Magnus. — Uma percepção engraçada.

Simon não estava certo do porquê Magnus o procurara. Ele gostava de Magnus. Apenas nunca tivera uma conversa longa com ele, e agora o feiticeiro lhe lançava um olhar que dizia *Qual o seu negócio, Simon Lewis?* Magnus trazia a camiseta cinza desgastada que vestia parecer levemente elegante. Ele tinha bastante certeza de que Magnus era legal demais para se preocupar com o seu negócio.

Ele olhou para Magnus, que estava se posicionando perto de uma das grandes janelas sem vidro da torre, o vento noturno soprando seu cabelo para trás.

— Eu te disse uma vez — Magnus falou — que um dia, de todas as pessoas que conhecemos, nós dois poderíamos ser os únicos a restar.

— Eu não me lembro.

— Por que deveria? — perguntou Magnus. — A não ser que uma aberração leve todos que amamos, isso não é mais verdade. Você é mortal, agora. E mesmo o imortal pode ser morto. Talvez esta torre entre em colapso e deixe todo mundo para nos lamentar.

A vista da torre, as estrelas sobre as árvores, era linda. Simon queria descer.

Magnus enfiou a mão no bolso e tirou uma velha moeda decorada. Simon não podia ver a decoração no escuro, mas que podia ver que havia uma.

— Isto pertenceu a Raphael uma vez. Você se lembra de Raphael? — perguntou Magnus. — O vampiro que te transformou.

— Só algumas partes — disse Simon. — Lembro dele me dizendo que Isabelle estava fora do meu alcance.

Magnus virou o rosto, escondendo sem muito sucesso um sorriso.

— Isso soa como Raphael.

— Lembro-me... de sentir a morte dele — Simon falou, sua voz travando em sua garganta. Esse era o pior de suas memórias roubadas, que o peso da memória permanecesse quando todo o resto se foi, que ele sentisse a perda sem saber o que tinha perdido. — Ele queria me dizer alguma coisa, mas eu não sei se ele gostava de mim. Eu não sei se gostava dele.

— Ele se sentia responsável por você. Ocorreu-me que talvez eu hoje deveria me sentir responsável por você da mesma maneira. Eu fui a pessoa que realizou o feitiço que trouxe de volta suas memórias; fui o único que te enviou no caminho para a Academia dos Caçadores de Sombras. Raphael foi o primeiro a colocá-lo em outro mundo, mas eu o pus em outro mundo também.

— Eu fiz minhas próprias escolhas — disse Simon. — Você me deu a chance de fazer isso. Não lamento o que fez. Você está arrependido de ter restaurado minhas memórias?

Magnus sorriu.

— Não, eu não me arrependo. Catarina contou-me um pouco do que está acontecendo na Academia. Parece que você está fazendo muito bem suas escolhas sem mim.

— Tenho tentado.

Ele ficou chocado com Alec louvando-o, e não era como se esperasse que Magnus fizesse o mesmo. Mas sentiu-se aquecido pelas palavras de Magnus, de repente estava todo aquecido, apesar do vento que soprava a partir da frieza cristalina do céu. Magnus não estava falando sobre os pedaços meio esquecidos de seu passado, mas sobre o que ele era agora e o que tinha feito com o seu tempo desde então.

Não foi nada de extraordinário, mas ele tinha tentado.

— Também ouvi dizer que teve um pouco de aventura no País das Fadas — disse Magnus.

— Nós temos tido problemas em Nova York com vendedores de frutas encantadas também. Parte do problema com as fadas tornando-se selvagens é a Paz Fria em si. As pessoas em que não se confiam acabam se tornando indignas de confiança. Mas é algo errado também. O País das Fadas não é uma terra sem regras, sem governantes. A Rainha que foi aliada de Sebastian desapareceu, e há muitos rumores escuros sobre o motivo. Eu não gostaria de repetir nenhum deles à Clave, porque ela só imporá punições mais severas sobre as fadas. Eles tornam-se mais duros, mais selvagens e enigmáticos, e o ódio entre os dois lados cresce a cada dia. Há tempestades atrás de você, Simon. Mas esta é outra e uma tempestade maior que vem por aí. Todas as velhas regras estão caindo. Está pronto para outra tempestade?

Simon ficou em silêncio. Ele não sabia como responder a isso.

— Eu o vi com Clary, e com Isabelle — Magnus continuou. — Sei que está no caminho para a Ascensão, a ter um parabatai e um amor Caçador de Sombras. Está feliz com isso? Tem certeza?

— Eu não sei sobre ter certeza — Simon disse. — Não sei quanto a estar pronto, qualquer um. Não posso dizer que não tive dúvidas, que não pensei em voltar atrás e ser um adolescente em uma banda no Brooklyn. Acho que às vezes é muito difícil de acreditar em si mesmo. Você faz coisas que não tem certeza de que pode fazer. Apenas age, apesar de não ter certeza. Não acredito que eu possa mudar o mundo – soa bobo até falar sobre isso – mas eu vou tentar.

— Todos nós mudamos o mundo a cada dia que vivemos nele — disse Magnus. — Você apenas tem que decidir como deseja mudar. Eu o trouxe a este mundo, pela segunda vez, e apesar de suas escolhas forem pessoais, assumo alguma responsabilidade. Até se estiver comprometido, você tem outras opções. Eu poderia arranjar para que você seja um vampiro novamente, ou um licantrope. Ambos são arriscados, mas nenhum é tão arriscado quanto a Ascensão.

— Sim. Eu quero tentar mudar o mundo como um Caçador de Sombras — disse Simon. — Quero isso de verdade. Quero tentar mudar a Clave a partir de dentro. Quero tal poder para ajudar as pessoas. O risco vale a pena.

Magnus assentiu.

Ele falou sério, Simon pensou, quando disse que as escolhas de Simon eram pessoais. Ele até havia deixado Simon, naquele dia no Brooklyn quando ele e Isabelle abordaram Simon saindo do colégio. Ele não questionou Simon agora, mesmo que Simon temesse ter que escolher ser um Caçador de Sombras e não um ser do Submundo pudesse tê-lo ofendido. Ele não queria ser como os Caçadores de Sombras que agiam como se fossem melhores do que os seres do Submundo. Queria ser um tipo totalmente diferente de Caçador de Sombras.

Magnus não parecia ofendido. Ele permaneceu no topo da torre, na pedra sob a luz das estrelas, girando a moeda que pertencera aos mortos em seus dedos. Ele pareceu pensativo.

— Você já pensou sobre o seu nome de Caçador de Sombras?

— Hum... — Simon respondeu timidamente. — Um pouco. Eu estava pensando, na verdade, qual é o seu verdadeiro nome?

Magnus enviou-lhe um olhar de soslaio. Ninguém lançava olhares laterais como alguém com olhos de gato.

— Magnus Bane — ele respondeu. — Sei você esqueceu muito, Smedley, mas francamente.

Simon aceitou a repreensão sutil. Ele entendeu porque Magnus se oporia à implicação de que o nome que ele escolhera para si, mantido por longos anos e tornado tanto infame quanto ilustre, não fosse real.

— Sinto muito. É só que a minha mente permanece voltando para os nomes. Se eu sobreviver à Ascensão, terei que arranjar um nome de Caçador de Sombras. Não sei como escolher ao certo... não sei como escolher um que vá significar alguma coisa, significar mais do que qualquer outro nome.

Magnus franziu a testa.

— Não tenho certeza se estou qualificado para este negócio de conselho. Talvez eu devesse usar uma barba branca falsa para me convencer de que sou um sábio. Escolha o que você se sentir bem, e não se preocupe demais — Magnus falou eventualmente. — Será o seu nome. Você viverá com ele. Você lhe dará significado, e não o contrário.

— Eu vou tentar. Existe alguma razão para que “Magnus Bane” fosse o único que parecia certo?

— Magnus Bane parecia certo por uma série de razões — Magnus disse, o que não foi realmente uma resposta. Ele pareceu sentir a decepção de Simon e ter pena dele, porque acrescentou: — Aqui está uma.

Magnus girou a moeda em cima e embaixo dos dedos, o círculo de metal se movendo cada vez mais rápido. As linhas azuis de magia pareciam extensões de seus anéis, uma pequena tempestade crescendo na palma da mão de Magnus e circundando a moeda em uma rede de raios.

Então Magnus jogou a moeda para fora da torre, para o vento da noite. Simon podia ver a moeda caindo, ainda brilhando em azul, indo além dos limites dos campos da Academia.

— Há um fenômeno científico para descrever algo que acontece quando um objeto está em movimento. Você acha que sabe exatamente que caminho que vai tomar e aonde vai acabar. Então, de repente, sem razão aparente... a trajetória muda. Ele vai para um lugar que você nunca teria esperado.

Magnus estalou os dedos, e a moeda ziguezagueou no ar e retornou para eles enquanto Simon assistia, sentindo como se estivesse vendo magia pela primeira vez. Magnus deixou cair a moeda na mão de Simon e sorriu, um sorriso rebelde e ardente, seus olhos como ouro de um tesouro recém-descoberto.

— É o chamado efeito Magnus — disse ele.

* * *

— Bzzzz — fez Clary, com a cabeça vermelha brilhante pairando sobre a cabecinha azul escura do bebê.

Ela deu beijinho nas bochechas do bebê, zumbindo como uma abelha enquanto fazia isso, e o bebê riu e agarrou seus cachos.

— Bzzzz, Bzzz, Bzzzz. Eu não sei o que estou fazendo. Nunca tive uma relação estreita com um bebê. Por dezesseis anos, pensei que eu fosse apenas uma criança, bebê. E depois disso, bebê, você não quer saber o que eu pensava. Por favor, perdoe-me se estou fazendo isso errado, bebê. Você gosta de mim? Eu gosto de você.

— Passe-me o bebê — disse Maryse ciumentamente. — Você ficou com ele por quatro minutos inteiros, Clarissa.

Era uma festa na suíte de Magnus e Alec, e o jogo de escolha foi Passe o bebê. Todo mundo queria abraçá-lo. Simon descaradamente tentou bajular o pai Isabelle de, ensinando Robert Lightwood a usar o relógio digital de Simon como um timer.

Robert estava agora segurava o relógio em um aperto mortal e o estudava cuidadosamente. Seria novamente a vez de Robert com o bebê em dezesseis minutos, e ele apertou Simon ombro e disse: “Obrigado, filho”, que Simon tomou como uma bênção para o namorado da filha. Ele não lamentava a perda de seu relógio.

Clary entregou o bebê, e inclinou-se para trás contra o sofá entre Simon e Jace. O sofá rangeu perigosamente quando ela se acomodou. Simon podia estar mais seguro na torre anteriormente torta, mas ele estava disposto a ficar em perigo se pudesse ficar ao lado de Clary.

— Ele é tão doce — Clary sussurrou para Jace e Simon. — É estranho pensar que ele é Alec e Magnus, apesar de tudo. Quero dizer, vocês conseguem imaginar?

— Não é estranho — Jace respondeu. — Quero dizer, eu consigo imaginar.

Um rubor subiu em suas maçãs do rosto salientes. Ele se afastou para o canto do sofá enquanto Simon e Clary se viraram e o fitaram. Clary e Simon continuaram a olhar com julgamento.

Isso deixou Simon muito feliz. Julgar as pessoas era um elemento essencial da melhor parte da amizade.

Em seguida, Clary se inclinou e beijou Jace.

— Vamos ter essa conversa aqui em uns dez anos. Talvez mais! Vou dançar com as meninas.

Ela juntou-se Isabelle, que já estava dançando ao som da música suave no meio de um círculo de admiradoras que viera porque ouviram que ela estava de volta. A primeira entre elas era Marisol, que Simon tinha bastante certeza de que estava determinada a ser Isabelle quando crescesse.

A celebração ao bebê Lightwood estava em pleno andamento. Simon sorriu, observando Clary. Ele podia lembrar um par de vezes que ela fora cautelosa em torno de outras meninas, e elas ficavam grudadas todo o tempo. Foi bom ver Isabelle estender as mãos para Clary, e Clary agarrá-las sem hesitação.

— Jace — disse Simon enquanto Jace observava Clary e sorria. Jace olhou para ele e pareceu irritado. — Lembra quando você me disse que queria que eu pudesse me lembrar?

— Por que você está me perguntando se me lembro das coisas? — perguntou Jace, parecendo definitivamente irritado. — Eu não sou o único que tem problemas com lembranças. Lembra-se?

— Eu só queria saber o que você quis dizer com isso.

Simon esperou, dando a Jace uma oportunidade para tirar vantagem de sua amnésia demônio e dizer-lhe outro segredo falso. Em vez disso, Jace parecia incrivelmente desconfortável.

— Nada. O que eu quis dizer? Não era nada.

— Você não disse que queria que eu me lembrasse do passado em geral? — perguntou Simon.
— Então eu me lembro de todas as aventuras que tivemos e os laços viris que formamos juntos?

Jace continuou a fazer uma careta desconfortável. Simon lembrou de Alec dizendo que Jace ficou muito chateado.

— Espere, isso é verdade, não é? — perguntou Simon, incrédulo. — Você está com saudades de mim?

— Obviamente que não! — estalou Jace. — Eu nunca sentiria falta sua. Eu, hum, estava falando de algo específico.

— Ok. Então, que algo específico queria que eu lembrasse? — perguntou Simon. Ele olhou desconfiado para Jace. — A mordida?

— Não!

— Esse foi um momento especial para você? — Simon perguntou. — Um que você queria que eu lembrasse que nós compartilhamos?

— Lembre-se deste momento — Jace falou. — Na próxima oportunidade que surgir, deixarei você morrer no fundo de uma barco do mal. Quero que você lembre do motivo.

Simon sorriu para si mesmo.

— Não, você não vai. Você nunca me deixaria morrer no fundo do barco do mal — ele murmurou enquanto Alec caminhou até o sofá instável e Jace parecia indignado com o que estava ouvindo.

— Simon, normalmente é um prazer falar com você — Alec disse. — Mas eu poderia ter uma palavrinha com Jace?

— Oh, certo. Jace, eu tinha esquecido sobre o que estava tentando te falar. Mas agora eu me lembro muito claramente. Alec e eu tivemos uma pequena conversa sobre o problema dele comigo. Você sabe, aquele sobre o qual você me contou, o segredo escuro.

Os olhos dourados de Jace ficaram sem expressão.

— Ah.

— Você acha que é divertido, não é?

— Apesar de eu perceber que você está um pouco irritado comigo, e este possa não ser o melhor momento para uma chuva de louvor — Jace falou lentamente — a honestidade obriga-me a dizer: Sim. Sim, eu acho que sou hilário. “Lá vai Jace Herondale”, as pessoas dizem. — Com sua sagacidade cortante, e também com o cabelo com um ótimo corte. É um fardo Simon, nunca poderia suportar.

— Alec vai te matar — informou-lhe Simon, e deu um tapinha no ombro de Jace. — E eu acho que é justo. Por que vale a pena, eu sentirei saudades suas, amigo.

Levantou-se do sofá. Alec avançou sobre Jace. Simon confiava em Alec para exigir vingança terrível para ambos. Ele havia desperdiçado tempo suficiente na brincadeira idiota de Jace.

George dançava com Julie e Beatriz, fazendo palhaçadas ao redor para fazê-las rir. Beatriz já gargalhava, e Simon imaginava que Julie riria em breve.

— Vamos lá, dançar comigo não é tão ruim — George falou para Julie. — Posso não ser nenhum Magnus Bane... — ele fez uma pausa e olhou para Magnus, que transformou sua camiseta velha em uma roupa preta com lantejoulas azuis brilhando por baixo.

— Eu definitivamente não poderia fazer aquilo — ele adicionou. — Mas eu sou do exterior! E tenho um sotaque escocês.

— Você sabe o que é certo — disse Simon. Ele ergueu a mão para George bater e sorriu para as meninas, mas logo já estava passando por eles, em seu caminho para o centro dos dançarinos. Em seu caminho para Isabelle.

Ele veio por trás dela e deslizou o braço em torno de sua cintura. Ela encostou-se nele. Isabelle usava o mesmo vestido do dia em que a conheceu pela segunda vez, lembrando-o da noite estrelada da Academia dos Caçadores de Sombras.

— Ei — ele sussurrou. — Quero te falar uma coisa.

— O que foi? — Isabelle sussurrou de volta.

Simon a virou para ele, e ela permitiu. Ele achava que eles deveriam ter esta conversa cara-a-cara.

Atrás dela, ele podia ver Jace e Alec. Eles estavam se abraçando, e Alec ia. Jace dava tapinhas nas costas do *parabatai* em uma parabenização carinhosa. Era demais esperar a terrível vingança, embora Simon não pudesse realmente dizer que queria isso.

— Eu queria falar com você antes de tentar Ascender — ele começou.

O sorriso sumiu do rosto de Isabelle.

— Se este é um discurso “caso eu morra”, não quero ouvir — disse ela ferozmente. — Você não vai fazer isso comigo. Não vai nem mesmo considerar a possibilidade de morrer. Você vai ficar bem.

— Não. Você entendeu tudo errado. Eu queria falar agora porque se eu Ascender, receberei minhas memórias de volta.

Isabelle parecia confusa em vez de brava, o que era uma melhoria.

— O que é, então?

— Não importa se eu conseguir minhas memórias de volta ou não. Não importa se outro demônio me der amnésia amanhã. Eu te conheço: você vai me encontrar novamente, vai me resgatar não importa o que acontecer. Você virá para mim, e eu descobrirei todos vocês novamente. Eu te Amo. Eu te amo sem as memórias. Eu amo você agora.

Houve uma pausa, quebrada por irrelevâncias como a música e o murmúrio das pessoas ao redor. Ele não conseguia ler a expressão no rosto de Isabelle.

Isabelle disse em uma voz calma:

— Eu sei.

Simon olhou para ela.

— Essa foi... — ele começou lentamente. — Essa foi uma referência a Star Wars? Porque se foi, eu gostaria de declarar o meu amor de novo.

— Vá em frente, então — disse Isabelle. — Quero dizer, declare-se de novo. Estive esperando por algum tempo.

— Eu te amo.

Isabelle estava rindo. Simon teria pensado que ficaria horrorizado de dizer aquelas palavras para uma garota e ela rir dele. Mas Isabelle estava sempre surpreendendo-o. Ele não conseguia parar de olhar para ela.

— Sério? — ela perguntou, e seus olhos estavam brilhando. — Mesmo?

— Realmente — confirmou Simon.

Ele puxou-a para si e eles dançaram juntos, no último andar da Academia, no coração de sua família. Desde que ela esperava fazia algum tempo, ele ficava repetindo.

* * *

Magnus continuava perdendo seu bebê de vista. Esse não parecia um bom sinal para o futuro. Magnus tinha certeza de que devia-se manter um controle firme sobre a sua localização.

Ele finalmente encontrou o bebê com Maryse, que o pegara em triunfo e fugira com o seu tesouro para a cozinha.

— Oh, olá — disse Maryse, parecendo um pouco culpada.

— Olá, você — disse Magnus, e colocou uma mão em torno da pequena cabeça azul, sentindo os cachos cheios. — E Olá para você.

O bebê deixou escapar um pequeno gemido impaciente. Magnus pensava que estava aprendendo a distinguir os diferentes sons, e ele convocou magicamente uma mamadeira, com leite já pronto. Ele estendeu os braços e Maryse colocou visivelmente toda a sua força de vontade para entregar o bebê.

— Você é bom com ele — Maryse ofereceu enquanto Magnus ajeitava o bebê e colocava a mamadeira em sua boca.

— Alec é melhor — Magnus respondeu.

Maryse sorriu e pareceu orgulhosa.

— Ele é muito maduro para sua idade — ela falou com carinho, e hesitou. — Eu... não era, na idade dele, quando fui uma jovem mãe. Eu não... me comportei de uma maneira que eu gostaria que qualquer um dos meus filhos vissem. Não que seja uma desculpa.

Magnus olhou para o rosto de Maryse. Ele lembrou que estiveram em lados opostos uma vez, há muito tempo, quando ela fora um dos discípulos de Valentim e ele sentia que odiaria a ela e a todos como ela para sempre.

Lembrou-se também de escolher perdoar outra mulher que estava ao lado de Valentim, que o buscara carregando uma criança em seus braços e querendo fazer as coisas direito. Aquela mulher tinha sido Jocelyn, e o bebê havia se tornado Clary, a primeira e única criança cujo crescimento Magnus observara.

Ele nunca tinha pensado que teria seu próprio filho para assistir crescer.

Maryse olhava para ele, parada ali, muito alta e ereta. Talvez sua suposição sobre como ela havia se sentido durante todos estes anos fosse errada; talvez ela nunca tenha decidido ignorar o passado, e pensasse com o orgulho Nephilim que ele deveria seguir seu exemplo. Possivelmente ela sempre quis pedir desculpas, mas era orgulhosa demais.

— Oh, Maryse, esqueça. Sério, não mencione isso novamente. Em uma das voltas que nunca esperei, somos uma família. Todas as belas surpresas da vida são o que fazem a vida valer a pena.

— Você ainda se surpreende?

— Todos os dias — disse Magnus. — Especialmente desde que conheci o seu filho.

Ele saiu da cozinha com seu bebê nos braços e Maryse atrás dele, de volta à festa.

Seu amado Alec, modelo de maturidade, parecia bater repetidamente na cabeça de seu parabatai. A última vez que Magnus os vira, eles estavam se abraçando, então ele presumiu que Jace tinha feito uma de suas muitas infelizes piadas.

— O que há de errado com você? — Alec exigiu. Ele riu e continuou distribuindo golpes enquanto Jace se debatia no sofá, fazendo almofadas voarem, uma visão da graça dos Caçadores de Sombras.

— Sério, Jace, o que há errado com você?

Esta pareceu uma pergunta razoável para Magnus.

Ele olhou ao redor da sala. Simon dançava com Isabelle, muito mal, por sinal. Isabelle não parecia se importar. Clary pulava para cima e para baixo com Marisol, quase mais alto que a menina mais nova. Catarina parecia extorquir Jon Cartwright nas cartas, próximos à janela.

Robert Lightwood estava de pé ao lado Magnus. Robert tinha que parar de tentar acompanhar pessoas como esta. Alguém teria um ataque cardíaco.

— Olá, homenzinho — cumprimentou Robert. — Onde você tinha se metido?

Ele lançou um olhar desconfiado para Maryse, que revirou os olhos.

— Magnus e eu estávamos tendo uma conversa — ela disse, tocando o braço de Magnus.

Seu comportamento fez muito sentido para Magnus: aproximar-se do genro para ganhar mais acesso ao neto. Ele tinha visto estes tipos de interações familiares antes, mas nunca, nunca pensara que ele seria parte delas.

— Oh? — Robert falou ansiosamente. — Vocês decidiram o nome dele?

A última música parou de tocar, no mesmo momento em Robert fez a pergunta. Sua voz alta ecoou no silêncio.

Alec saltou por cima de Jace e sobre as costas do sofá para ficar ao lado Magnus. O sofá desabou, delicadamente, com Jace ainda preso entre as almofadas.

Magnus olhou para Alec, que olhou de volta para ele, a esperança brilhando em seu rosto. Aquilo foi uma coisa que não mudou acerca de Alec o tempo que estiveram juntos: ele não tinha malícia, não usava truques para esconder o quanto realmente sentia. Magnus esperava que ele nunca perdesse isso.

— Falamos sobre isso, na verdade — Magnus disse. — E pensamos que vocês tiveram a ideia certa.

— Você quer dizer... — Maryse começou.

Magnus inclinou a cabeça, tão perto quanto poderia chegar de uma curva arrebatadora, segurando o bebê.

— Estou muito contente de apresentá-los a Max Lightwood.

Magnus sentiu a mão de Alec, quente com gratidão e confiante com amor, contra as costas dele. Ele olhou para o rosto do bebê. O bebê parecia muito mais interessado em sua mamadeira do que em seu nome.

Poderia vir o tempo quando esta criança, sendo um feiticeiro, gostaria de escolher o seu próprio nome para carregar através dos séculos. Até o momento em que ele tivesse idade suficiente para escolher quem ele queria ser, Magnus pensou que poderia fazer muito pior com esse nome, este sinal de amor e aceitação, dor e esperança.

Max Lightwood.

Uma das belas surpresas da vida.

Houve um sussurro encantado, murmúrios de prazer e aprovação. Em seguida, Maryse e Robert começaram a brigar acerca de nomes do meio.

— Michael — Robert repetiu, um homem teimoso.

Catarina se aproximou, guardando um rolo de dinheiro em seu sutiã e, portanto, não parecendo a professora mais apropriada da história.

— Que tal Ragnor? — ela sugeriu.

— Clary — chamou Jace do sofá caído. — Ajude-me. Está tudo escuro.

Magnus desviou do debate porque a mamadeira de Max estava quase vazia e Max estava começando a chorar.

— Não uma mamadeira mágica, faça uma de verdade — Alec disse. — Se ele se acostumar com você sendo tão rápido para alimentá-lo, você terá que dar mamadeiras o tempo todo.

— Isso é chantagem! Não chore — Magnus exortou seu filho, voltando para a cozinha, onde ele poderia fazer leite manualmente.

Não foi tão difícil preparar o leite. Magnus assistira Alec fazê-lo várias vezes, e descobriu que era capaz de acompanhar, repetir o que Alec tinha feito.

— Não chore — ele persuadiu Max novamente enquanto o leite era aquecido. — Não chore, e não vomite na minha camisa. Se você fizer qualquer uma dessas coisas, eu vou perdoá-lo, mas ficarei chateado. Quero que a gente se dê bem.

Max continuou chorando. Magnus balançou os dedos de sua mão livre sobre o rosto do bebê, desejando que houvesse a um feitiço para fazer bebês ficarem em silêncio que não seria errado para lançar.

Para sua surpresa, Max interrompeu o choro, da mesma maneira que fizera no dia anterior, quando transferido para os braços de Alec. Ele olhou com um olhar interessado para os brilhos lançados em seu rosto pelos anéis de Magnus.

— Está vendo? — continuou Magnus, e devolveu a mamadeira de Max a ele, cheia novamente. — Eu sabia que íamos nos dar bem.

Ele andou e ficou na porta da cozinha, embalando Max em seus braços, para que ele pudesse assistir a festa. Três anos atrás, ele não pensaria que nada disto era possível.

Havia tantas pessoas com quem ele se sentia ligado neste quarto. Tanta coisa tinha mudado, e havia tanto potencial para mudança. Era aterrador, pensar em tudo o que poderia ser perdido, e emocionante pensar em tudo o que tinha adquirido.

Ele olhou para Alec, que estava de pé entre seus pais, sua postura confiante e relaxada, sua boca se curvando em um sorriso por algo que um deles dissera.

— Talvez um dia sejamos apenas você e eu, meu pequeno blueberry — Magnus conversava. — Mas não por muito, muito tempo. Cuidaremos dele, você e eu, não vamos?

Max Lightwood fez um borbulhante som feliz que Magnus tomou como uma concordância. Este quarto quente e brilhante não era um local ruim de partida para seu filho aprender que havia mais da vida do que muitas pessoas jamais aprenderam, que havia amor ilimitado para ser encontrado, e tempo para descobri-lo. Magnus tinha que confiar por si, por seu filho, por seu amado, por todos os brilhantes mortais desbotando e imortais lutando que ele conhecia, que haveria tempo suficiente.

Ele colocou a mamadeira para um lado e comprimiu os lábios contra os cachos difusos que cobriam a cabeça de seu filho. Ele ouviu Max murmurar baixinho em seu ouvido.

— Não se preocupe — Magnus murmurou de volta. — Nós estamos todos juntos aqui.



Companion to the bestselling series
THE MORTAL INSTRUMENTS and THE INTERNAL DEVICES

CASSANDRA CLARE
ROBIN WASSERMAN

TALES FROM THE
SHADOWHUNTER ACADEMY

Angels Twice Descending

ANJOS CAEM DUAS VEZES

A cerimônia de Ascensão de Simon se aproxima neste brilhante desfecho dos Contos da Academia dos Caçadores de Sombras.

— Acho que devemos fazer um funeral — George Lovelace falou, a voz tremendo na última palavra. — Um que seja digno.

Simon Lewis fez uma pausa em seu trabalho e olhou o seu companheiro de quarto. George era o tipo de cara que Simon teria detestado à primeira vista, presumindo que qualquer pessoa com aquela aparência bronzeada, o tanquinho e o sotaque escocês enlouquecedor e sexy (pelo menos de acordo com todas as garotas e os poucos rapazes com quem Simon verificara), ele deveria ter um cérebro do tamanho de um coco de rato e uma personalidade tão atraente quanto isto. Mas George mudou as suposições de Simon na vida diária deles. Como ele estava fazendo neste exato momento, enxugando algo que parecia suspeitamente como uma lágrima.

— Você está... *chorando*? — Simon perguntou, incrédulo.

— Claro que não — George enxugou furiosamente os seus olhos. — Em minha defesa — ele adicionou parecendo só um pouco envergonhado — morte é algo terrível.

— É a morte de um rato — Simon apontou — um rato morto que estava no *seu sapato*, eu poderia adicionar.

Simon e George descobriram que a chave para um relacionamento feliz entre companheiros de quarto era uma divisão clara dos trabalhos. Então George ficava encarregado da eliminação de todas as criaturas – ratos, lagartos, baratas e ocasionais estranhas misturas dos três cujos ancestrais provavelmente insultaram um feiticeiro um dia – achadas dentro do guarda-roupa ou debaixo das camas. Simon tratava de todas as coisas que entravam nos itens de vestir e – ele estremeceu ao se lembrar do momento em que eles perceberam que o seu trabalho precisava ser feito – sob os travesseiros.

— E também para registro, só um de nós *foi* um rato literalmente – e percebe-se que não é ele que está chorando.

— *Este* poderia ser o último rato que encontraremos para sempre! — George fungou. — Pense sobre isto, Si. Este poderia ser o último rato que encontramos juntos pelo resto da nossa vida.

Simon suspirou. Enquanto o Dia da Ascensão se aproximava, o dia em que eles oficialmente deixariam de ser estudantes e começariam a ser Caçadores de Sombras, George pensava pesarosamente que tudo o que eles faziam seria pela última vez. Agora, enquanto a lua se tornava rosa na última noite deles na Academia, ele aparentemente perdeu a cabeça. Um pouco de nostalgia parecia ter sentido para Simon: aquela manhã, na última aula do eterno treinamento físico, Delaney Scarsbury o chamara de espaguete com armas, quatro olhos, pernas tortas e aperitivo de demônio pela última vez, Simon quase tinha respondido *Obrigado*. E aquela noite a última tigela de “carne temperada” com certeza os chocara um pouco.

Mas perder a cabeça por causa de um rato com os membros enrijecidos e pé de atleta? Isso já era demais.

Usando a capa rasgada do seu velho livro de demonologia, Simon conseguiu tirar o rato do sapato sem tocá-lo. Ele o deixou cair dentro de um dos sacos plásticos que pedira especificamente a Isabelle para trazer para esse propósito, amarrou o saco fortemente e então – aplausos – jogou-o no lixo.

— RIP, Jon Cartwright o XXXIV — George falou singelamente.

Eles nomearam todos os ratos de Jon Cartwright – o que deixava o Jon Cartwright original louco. Simon sorriu ao pensar sobre isso, a cabeça do irritante e pretensioso companheiro de turma ficando vermelha de raiva, aquela veia em seu repugnante pescoço musculoso começando a pulsar. Talvez George estivesse certo. Talvez, algum dia, eles sentiriam falta até dos ratos.

* * *

Simon nunca tinha pensando muito sobre o dia da sua graduação, muito menos na noite anterior. Tal como o baile e o regresso ao lar, parecia um ritual para todos os adolescentes – o espírito escolar, os esportistas populares de casaco de couro, as líderes de torcida que ele conhecia dos filmes ruins. Nada de festas com barris de cerveja para ele, nada de despedidas com lágrimas ou ficadas mal aconselhadas influenciadas por nostalgia e cerveja barata. Dois anos atrás, se ele tivesse pensando sobre o assunto, imaginaria que passaria essa noite como todas as outras no Brooklyn, com Eric e o rapazes no Java Jones, empanturrando-se de café e pensando em nomes para a banda (*Petisco de Rato Morto*, Simon meditou por hábito. Ou *talvez Funeral de um Roedor*).

Mas é claro, tudo isso era de quando ele ainda pensava que terminaria o ensino médio e depois iria para a universidade, ou seria uma estrela do rock... ou pelo menos teria um emprego moderadamente legal em uma gravadora moderadamente legal. Antes de ele sequer saber que demônios existiam, antes de saber que existia uma raça superpoderosa, com o sangue do Anjo, que eram guerreiros lutando eternamente contra demônios – e definitivamente antes de ter se voluntariado para ser um deles.

Assim, em vez do Java Jones, ele estava na sala de estudantes da Academia, fitando o candelabro e espirrando por causa do pó que deveria estar alir há dois séculos, esquivando-se dos olhares dos nobres Caçadores de Sombras cujos retratos estavam alinhados nas paredes, as expressões deles parecendo dizer *Como você sequer consegue imaginar que poderia ser um de nós?* Em vez de Eric, Matt e Kirk, que ele conhecia desde o primário, ele estava com amigos que conhecia fazia apenas dois anos, um dos quais desenvolvera uma intensa afeição por ratos e outro que compartilhava o seu nome com eles. Em vez de pensar em seus futuros no Rock and Roll, eles pensavam sobre a vida batalhando contra demônios de outras dimensões. Isto assumindo que eles sobreviriam à graduação.

O que não seria seguro assumir.

— Como vocês imaginam que será? — Marisol Garza perguntou, aninhada sob o braço musculoso de Jon Cartwright e parecendo como se estivesse quase feliz de estar lá. — A cerimônia, quero dizer, o que vocês acham que teremos que fazer?

Jon, como Julie Beauvale e Beatriz Mendoza, descendia de uma longa linhagem de Caçadores de Sombras. Para eles, o dia seguinte seria tal como outro qualquer, as despedidas oficiais da vida deles de estudante. Hora para parar de treinar e começar a lutar. Mas para George, Marisol, Simon, Sunil Sadasivan e uma mão cheia de estudantes mundanos, o amanhã que se aproximava seria o dia em que eles Ascenderiam.

Ninguém tinha certeza do que isso significava: Ascensão.

Muito menos o que implicava. Lhe foi dito muito pouco: que eles beberiam do Cálice Mortal. Que seriam como o primeiro da raça de guerreiros, Jonathan Caçador de Sombras, beberiam do sangue de um anjo. Que eles seriam, se fossem sortudos, transformados em verdadeiros Caçadores de Sombras com o sangue do Anjo. Que dariam adeus às suas vidas mundanas para sempre e se comprometeriam a uma vida sem medos servindo a humanidade.

Ou, se eles fossem muito azarados, morreriam de imediato e teriam presumivelmente uma morte macabra.

Não era como se esse pensamento desse vontade de festejar.

— Eu me pergunto o que há dentro do Cálice — Simon disse. — Vocês não acham que é sangue de verdade, acham?

— Sangue não é a sua especialidade, Lewis? — Jon zombou.

George suspirou melancolicamente.

— Esta é a última vez que Jon faz uma piada estúpida de vampiro.

— Eu não contaria com isto — Simon murmurou.

Marisol bateu no ombro de Jon.

— Cale a boca, idiota — ela mandou.

Mas ela falou com demasiado amor para o gosto de Simon.

— Eu aposto que é água — Beatriz disse, sempre a pacificadora. — Água que devemos fingir que é sangue, ou que o Cálice transforma em sangue, alguma coisa desse gênero.

— Não importa o que está no Cálice — Julie falou naquele tom dela de sabe-tudo, mesmo que claramente ela não soubesse mais do que os outros.

— O Cálice é mágico. Você provavelmente poderia beber ketchup dele e funcionaria igualmente.

— Espero que seja café, então — Simon observou com um suspiro melancólico. A Academia era um lugar sem nenhum café. — Eu seria um Caçador de Sombras muito melhor se Ascendesse com cafeína.

— Sunil disse ter ouvido que é água do Lago Lyn — Beatriz comentou ceticamente.

Sua última experiência com a água do Lago Lyn fora, no mínimo, inquietante. E sendo que uma porcentagem desconhecida de mundanos morriam durante a Ascensão, parecia-lhe que o Cálice não precisava mais de ajuda na parte fatal dela.

— Onde está Sunil mesmo? — Simon perguntou.

Eles não fizeram exatamente planos para se encontrarem esta noite, mas a Academia lhes dava opções de lazer – pelo menos se você gostasse de passar o seu tempo livre preso nas masmorras ou perseguindo a lesma gigante mágica que deslizava nos corredores durante as horas que antecediam o amanhecer. Na maioria das noites nos últimos meses, Simon e seus

amigos se encontravam ali, conversando sobre os seus futuros, e ele esperava que esta fosse igual. Marisol, que conhecia melhor Sunil, deu de ombros.

— Talvez ele esteja repensando as suas opções — ela balançou o dedo enquanto falava. Este foi o jeito com que a reitora Penhallow aconselhara estudantes a corrente mundana a passarem sua última noite, garantindo que não havia vergonha em desistir no último minuto.

— Humilhação. Uma vida de constrangimento com sua covarde mundana e culpa por ter desperdiçado nosso valioso tempo — Scarsbury rosnara para eles, e depois que a reitora disparou um olhar de desaprovação para ele, ele continuou:

— Mas sim, claro, nenhuma vergonha.

— Bem, ele não deveria considerar? — Julie perguntou. — Todos vocês não deveriam? Não é como se estivessem indo para faculdade de doutores fazer um juramento hipócrita ou alguma coisa assim. Vocês não poderão mudar de ideia.

— Primeiramente, é chamado Juramento de Hipócrates — Marisol corrigiu.

— E é chamada de faculdade de medicina — Jon adicionou, parecendo orgulhoso de si mesmo. Marisol o tinha ensinado sobre a vida mundana. Contra a sua vontade, ou pelo menos era o que Jon dizia.

— E em segundo lugar — Marisol continuou — porque você pensa que algum de nós mudaria de ideia? Você está pensando em mudar de ideia sobre ser uma Caçadora de Sombras?

Julie parecia afrontada pela ideia.

— Eu sou uma Caçadora de Sombras. Você poderia ter perguntado também se estou planejando mudar de ideia sobre estar viva.

— Então o que te faz pensar que é diferente para nós? — Marisol devolveu ferozmente.

Ela era dois anos mais nova e menor em vários centímetros com relação a ele mas às vezes Simon achava que ela era a mais corajosa. Seria nela quem ele teria apostaria em uma briga (Marisol sabia lutar bem – e, quando necessário, jogar sujo).

— Ela não quis dizer nada disso — Beatriz disse gentilmente.

— Eu realmente não queria — Julie emendou rapidamente.

Simon sabia que era verdade. Julie não podia evitar parecer como uma pessoa que detesta os mundanos e que pensa ser melhor que eles, tanto quanto Jon não podia evitar de parecer... bem, como idiota, Às vezes.

Aquilo era o que eles eram, e Simon percebeu que inexplicavelmente ele não mudaria nada. Para o bem e para o mal, eles eram os seus amigos. Nesses dois anos, eles sobreviveram a muitas coisas juntos: demônios, fadas, Delaney Scarsbury, a “comida” do refeitório. Eram quase como uma família, Simon pensou. Você nem sempre gostava de todos, mas sabia que se precisasse, os defenderia até a morte.

Mesmo que ele esperasse muito que não precisasse.

— Por favor, você não está nem um pouco nervosa? — Jon perguntou. — Quem se lembra da última vez que alguém Ascendeu? Parece totalmente ridículo quando se pensa sobre o assunto: um gole do Cálice e – puff – *Lewis* vira um Caçador de Sombras?

— Não parece ridículo para mim — Julie falou suavemente, e todos ficaram em silêncio.

A mãe de Julie fora transformada durante a Guerra Maligna. Um gole do Cálice Infernal de Sebastian, e ela se tornou uma Crepusculadora. Em parte humana, mas nada mais do que uma escrava veneradora dos comandos de Sebastian.

Todos eles sabiam o que um gole do cálice poderia fazer.

George limpou a garganta. Ele não conseguia suportar mau humor por mais de 30 segundo – era uma das razões pela qual Simon sentiria falta de viver com ele.

— Bem, estou totalmente preparado para reivindicar o meu direito de nascença — ele disse, contente. — Vocês acham que vou me tornar insurportavelmente arrogante no primeiro gole, ou precisarei de algum tempo para acompanhar Jon?

— Não é arrogância, se é a verdade — Jon respondeu, sorrindo, e assim a noite se endireitou novamente.

Simon tentou prestar atenção nas brincadeiras dos seus amigos, e fez o seu melhor para não pensar nas perguntas de Jon, sobre se ele estava ou não nervoso – se ele deveria passar esta noite pensando em suas “opções”.

Que opções? Como depois de dois anos na Academia, depois de todos os seus treinos e estudos, depois de ter jurado várias vezes que ele queria ser um Caçador de Sombras, poderia sair disto tudo assim? Como poderia desapontar Clary e Isabelle assim, e se fizesse isso, como poderiam elas amá-lo novamente?

Ele tentou não pensar em como seria ainda mais difícil para elas o amarem – ou pelo menos para ele apreciar isto – se alguma coisa desse errado na cerimônia e ele morresse.

Tentou não pensar em todas as outras pessoas que o amavam, aquelas que de acordo com a Lei dos Caçadores de Sombras, ele nunca mais deveria ver. A sua mãe. A sua irmã.

Marisol e Sunil não tinham ninguém esperando por eles em casa, algo que sempre parecera insuportavelmente triste para Simon. Mas talvez fosse mais fácil, ir embora sem deixar ninguém para trás. E depois tinha George, o sortudo – os seus pais adotivos eram Caçadores de Sombras, mesmo que nunca tivessem pego uma espada. Ele ainda poderia ir para casa para os jantares de domingo; nem precisava escolher um novo nome.

George o provocara ultimamente, dizendo que ele não teria muito trabalho para escolher um nome, também.

— *Lightwood* soa bem, não acha? — ele gostava de dizer.

Simon estava ficando muito bom em fingir que era surdo.

Secretamente, na verdade, ele ficava vermelho, pensando: *Lightwood... Talvez um dia*. Se ele se deixasse ter esperança.

Enquanto isso, na verdade, ele tinha que escolher um novo nome de Caçador de Sombras para si próprio – o que era tão incomensurável quando todo o resto deste processo.

— Posso entrar? — uma menina magricela de óculos, que parecia ter treze anos, estava na porta. Simon imaginava que o seu nome fosse Milla, mas ele não tinha certeza – a nova turma da Academia era tão grande e inclinada a estudar Simon à distancia, que ele acabou por conhecer muitos deles. Esta daqui tinha o olhar ansioso e confuso de uma mundana, mesmo depois de tantos meses, não conseguia acreditar que estava aqui.

— É uma propriedade publica — Julie respondeu com uma nota de arrogância mais do que a usual em sua voz. Julie adorava fazer isso com as novas crianças.

A menina passou por eles rapidamente. Simon começou a pensar em como alguém como ela teria entrado na Academia – e depois percebeu. Ele sabia mais do que isso em julgar as pessoas pelas aparências. Especialmente do jeito que ele tinha aparecido na Academia dois anos atrás, tão magro que tinha que usar os uniformes das meninas. *Você está pensando como um Caçador de Sombras*, ele se repreendeu.

Estranho como isso quase nunca soava como uma coisa boa.

— Ele me disse para entregar para você — a menina sussurrou, entregando um papel enrolado para Marisol, e depois recuando para trás rapidamente.

Marisol era um tipo de heroína para as jovens mundanas, Simon pensou.

— Quem disse? — Marisol perguntou, mas a menina já tinha ido embora.

Marisol deu de ombros e abriu o bilhete, a sua boca se abrindo enquanto lia.

— O que foi? — Simon perguntou, preocupado.

Marisol abanou a cabeça.

Jon pegou a mão dela, e Simon pensou que ela fosse bater nele, mas em vez disso, ela o apertou mais forte.

— É de Sunil — ela disse com um tom de raiva em sua voz. Ela passou ao bilhete para Simon. — Acho que ele “considerou as suas opções”.

Eu não posso fazer isto, ele leu. *Sei que isso provavelmente me torna um covarde, mas não posso beber do Cálice. Eu não quero morrer. Me desculpe. Diga adeus para todos por mim? E boa sorte.*

Ele passou o papel para todos, um por um, como se precisassem de ver as palavras preto no branco antes de poderem acreditar. Sunil fugira.

— Não podemos culpá-lo — Beatriz falou finalmente. — Todos têm que tomar sua própria decisão.

— Eu posso culpá-lo — Marisol respondeu, com raiva. — Ele está fazendo com que todos pareçamos ruins.

Simon não pensava que era por isso que ela estava com raiva, não exatamente. Ele estava com raiva também – não porque pensava que Sunil era um covarde ou porque os tinha traído. Simon estava com raiva porque tinha colocado muito esforço em não pensar no que poderia

acontecer ou sobre como esta era a sua última chance de desistir, e agora Sunil fez com que fosse impossível.

Simon se levantou.

— Acho que preciso de um pouco de ar.

— Quer companhia, amigo? — George perguntou.

Simon balançou a cabeça, sabendo que George não se ofenderia. Esta era outra coisa que os tornavam tão bons companheiros de quarto. Cada um sabia quando deixar o outro sozinho.

— Vejo vocês de manhã — Simon disse.

Julie e Beatriz sorriram e acenaram um boa-noite, e até Jon lhe dera um boa-noite silencioso. Mas Marisol nem sequer olhou para ele, e Simon imaginou se ela estava pensando que ele seria o próximo fugir.

Ele queria assegurá-la de que não havia chance de isso acontecer. Queria prometer que, de manhã, estaria lá junto com eles no salão do Conselho, pronto para levar o Cálice Mortal até a boca, sem hesitações. Mas juramento era uma coisa séria para os Caçadores de Sombras. Você nunca fazia um juramento sem ter certeza absoluta. Então Simon apenas deu boa-noite pela última vez, e deixou os seus amigos para trás.

* * *

Simon pensou se alguma vez na história alguém falou “Preciso de um pouco de ar”, e realmente quis dizer isso. Com certeza era um apenas um código para “Preciso estar em outro lugar”, que era o que Simon realmente precisava. O problema era que nenhum lugar parecia o lugar certo para estar – então, com falta de ideias, ele decidiu que o dormitório teria que servir. Pelo menos lá ele poderia ficar sozinho.

Pelo menos era o plano.

Mas quando ele entrou no quarto, encontrou menina sentada em sua cama. Uma menina pequena de cabelos vermelhos, que cuja cabeça se ergueu quando o viu.

De todas as coisas mais estranhas que aconteceram a Simon nesses últimos anos, isto – garotas bonitas avidamente esperando por ele em seu quarto – já não parecia nada estranho.

— Clary — ele falou enquanto se aproximava, em um abraço feroz. Era tudo o que ele precisava dizer, porque era assim com a sua melhor amiga.

Ela sabia exatamente quando ele mais precisava dela e quão grato e aliviado ele estava – sem ele ter que dizer nada.

Clary sorriu para ele e colocou a estela de volta no bolso. O Portal que ela tinha criado ainda brilhava na parede rochas decrépitas, de longe a coisa mais brilhante do seu quarto.

— Surpreso?

— Queria me ver uma última vez antes de eu me tornar todo musculoso e matador de demônios? — Simon brincou.

— Simon, você sabe que Ascender não é como ser picado por uma aranha radioativa ou algo assim, não é?

— Então quer dizer que não vou poder pular prédios em um só salto? E não vou poder ter o meu próprio batmóvel? Quero meu dinheiro de volta.

— Não, sério, Simon...

— Sério, Clary. Eu sei o que Ascender quer dizer.

A frase caiu pesadamente entre eles, e como sempre, Clary ouviu o que ele não disse: que isto era grande demais para falar seriamente. Que brincar sobre isso era, no momento, o melhor que ele podia fazer.

— Além do mais, Lewis, eu diria que você já está musculoso o suficiente — ela tocou os seus bíceps, que, ele não podia deixar de notar, estavam muito perto de serem notados. — Mais um pouco e você vai precisar comprar roupas novas.

— Nunca! — ele respondeu indignadamente, e alisou a sua camiseta, que tinha uma dúzia de buracos no algodão macio e onde se lia *Estou fazendo um cosplay de mim mesmo* em letras quase desbotadas demais para entender.

— Você, por acaso, não trouxe Isabelle junto? — ele tentou esconder a esperança de sua voz.

Era difícil de acreditar que dois anos atrás ele viera para a Academia escapar de Clary e Isabelle, escapar da maneira como elas olhavam para ele, como se o amassem mais do que qualquer coisa no mundo – mas também como se ele tivesse afogado o cachorrinho delas em uma banheira. Elas tinham amado outra versão dele, aquela da qual ele já não se lembrava, a versão que as tinha amado também. Sem dúvida nenhuma ele já não conseguia sentir-se assim. Elas eram estranhas para ele. Estranhas terrivelmente bonitas que queriam que ele fosse algo que ele não era.

Parecia outra vida. Simon não sabia se conseguiria recuperar suas memórias – mas mesmo assim, apesar de tudo, ele conseguira encontrar o seu caminho de volta para Clary e Isabelle. Ele encontrara uma melhor amiga que parecia ser a sua outra metade, que algum dia seria a sua *parabatai*. E ele encontrara Isabelle Lightwood, um milagre em forma de mulher, que dizia “Eu te amo” cada vez que o via – incompreensivelmente, parecia ser verdade.

— Ela queria vir — Clary respondeu — mas ela teve que resolver um problema com uma fada trapaceira em Chinatown, alguma coisa sobre bolinhos para sopa e uma menina com cabeça de cabra. Eu não fiz muitas perguntas e... — ela sorriu com conhecimento para Simon. — Eu te perdi em “bolinhos para sopa”, não foi?

O estômago de Simon roncou com barulho o suficiente para responder a sua pergunta.

— Bem, talvez possamos pegar um pouco pelo caminho — Clary disse. — Ou pelo menos uns pedaços de pizza e um *latte*.

— Não zoe comigo, Fray — Simon andava muito sensível ultimamente quanto ao assunto pizza, ou a falta dela. Ele suspeitava que qualquer dia o seu estômago pararia de funcionar em protesto.

— No caminho para onde?

— Oh, esqueci de te explicar motivo de eu estar aqui, Simon — Clary pegou a sua mão.

— Eu vim para te levar para casa.

* * *

Simon ficou ali parado, olhando para a frente da casa de sua mãe, o seu estômago revirando.

Viajar pelo Portal sempre o fazia querer vomitar, mas desta vez ele achava que não podia culpar a mágica interdimensional. Não inteiramente, pelo menos.

— Tem certeza de que esta é uma boa ideia? — ele perguntou. — Está tarde.

— São onze da noite, Simon. Você sabe que ela ainda está acordada. E mesmo que não esteja, você sabe que...

— Eu sei.

A sua mãe gostaria de vê-lo. A sua irmã também estava em casa para o fim de semana, porque, de acordo com Clary, uma ruiva bem intencionada talvez tivesse ligado para a sua irmã e dito que Simon passaria para uma visita.

Ele apoiou-se contra Clary durante um momento, e, pequena como era, aguentou o seu peso.

— Eu não sei como fazer — ele disse. — Não sei como dizer adeus para elas.

A mãe de Simon pensava que ele estava em uma escola militar. Ele se sentira culpado por mentir para ela, mas sabia que não havia outra opção; sabia, até muito bem, o que aconteceria se ele contasse a verdade para a sua mãe. Mas isto... isto outra coisa. Ele era proibido pela Lei dos Caçadores de Sombras de falar sobre a sua Ascensão, sobre a sua nova vida. A Lei também o proibia de contatá-la depois que ele se tornasse um Caçador de Sombras, e mesmo que não existisse nenhuma lei que o impedisse de estar aqui no Brooklyn para lhes dizer adeus para sempre, a Lei o proibia de explicar o motivo.

Sed lex, dura lex. A Lei é dura, mas é a Lei.

Lex é uma merda, Simon pensou.

— Quer que eu vá com você? — Clary perguntou.

Ele queria, mais que tudo – mas alguma coisa lhe dizia que isto era algo que ele deveria fazer sozinho.

Simon balançou a sua cabeça.

— Mas obrigado. Por ter me trazido até aqui, por saber que eu precisava disto, por... bem, por saber tudo.

— Simon... — Clary pareceu hesitante, e Clary nunca hesitava.

— O que foi?

Ela suspirou.

— Tudo o que te aconteceu, Simon, tudo... — ela fez uma pausa, só o suficiente para ele pensar no quanto ele tinha sobrevivido: transformado em um rato e depois em vampiro; encontrado Isabelle; salvado o mundo umas tantas vezes – pelo menos foi o que lhe disseram – preso em uma jaula e atormentado por todas as criaturas supernaturais; matado demônios: enfrentado um anjo; perdido as suas memórias; e agora estava de pé no limiar da única casa que conhecera, preparando-se para deixá-la para trás.

— Não posso evitar pensar que foi tudo por minha causa — Clary falou suavemente. — Que a razão fui eu. E...

Ele a parou antes que ela fosse mais longe, por que ele não conseguia suportar que ela pensasse que precisava se desculpar.

— Você está certa — ele disse. — Você é a razão, por tudo — Simon deu um pequeno beijo em sua testa. — E é por isso que eu lhe agradeço.

* * *

— Você tem certeza que não quer que eu esquento para você? — a mãe de Simon perguntou enquanto ele colocava outra garfada da massa fria em sua boca.

— Hm? O quê? Não, está tudo bom.

Estava muito mais que bom. Tinha tomate picante, alho fresco, pimenta e queijo, era melhor do que sobras de bordas de pizza tinham o direito de ser. Tinha sabor de comida de verdade, o que já era mil vezes melhor do que ele comeria nos últimos meses. Mas não era só isso. Comida do Giuseppi's era tradição para Simon e sua mãe – depois que seu pai faleceu e sua irmã foi para a universidade, quando eram só os dois no apartamento que parecia uma caverna com apenas eles ali, eles perderam o hábito de cozinhar diariamente. Era mais fácil pegar alguma comida quando tinham vontade a caminho do apartamento, sua mãe esquentando comida depois do trabalho e assistindo TV, Simon comendo uma sanduiche ou algo assim quando ia para o ensaio da banda. Talvez, fosse mais fácil não ver as cadeiras vazias na mesa todas as noites.

Mas tinham uma regra de comer juntos pelo menos uma vez por semana, jantando espaguete e bolinhos com molho de alho picante do Giuseppi's.

Essas sobras frias tinham o sabor de casa, de família, e Simon detestava pensar em sua mãe sentada no apartamento vazio, semana após semana, comendo sozinha.

Supõe-se que crianças crescem e partem, ele disse a si mesmo. Não estava fazendo nada de ruim; só fazia o que tinha que fazer.

Mas havia uma parte de si mesmo que se perguntava. Talvez se supusesse que crescessem e partissem. Mas não para sempre. Não assim.

— Sua irmã tentou ficar acordada para te esperar — a mãe dizia — mas aparentemente ela tem estudado a semana inteira direto para os exames. Ela adormeceu às nove.

— Talvez devêssemos acordá-la — Simon sugeriu.

Ela balançou sua cabeça.

— Deixe a pobre garota dormir. Ela o verá de manhã.

Ele não dissera exatamente que ficaria para dormir. Mas a deixara acreditar nisso, o que supostamente era o mesmo: outra mentira.

Ela se sentou na cadeira ao seu lado dele e pegou um pouco da massa fria com o seu garfo.

— Não fale da minha dieta — ela avisou, baixinho, e depois colocou a comida na boca.

— Mãe, existe uma razão pela qual estou aqui... Eu queria conversar sobre algo com senhora.

— Engraçado, eu também queria lhe falar algo.

— Sério? Que bom! Pode falar primeiro.

Sua mãe suspirou.

— Você se lembra da Ellen Klein? A sua professora na escola judaica?

— Como poderia esquecer? — Simon respondeu ironicamente.

A Sra. Klein tinha sido a ruína de sua existência do segundo ao quinto ano. Toda terça depois da escola, eles lutavam uma guerra silenciosa, tudo por que, em um incidente no recreio, Simon acidentalmente tirara a sua peruca e mandou voando para um ninho de pombos.

Ela passou os próximos três anos determinada em arruinar a vida dele.

— Você sabe que ela era apenas uma velhinha gentil tentando fazê-lo prestar atenção — sua mãe falou com um sorriso sábio.

— Velhinhas gentis não jogam os seus cards de Pokémon no lixo — Simon apontou.

— Elas o fazem quando você os troca por vinho branco atrás do santuário — ela devolveu.

— Eu nunca faria isso!

— Uma mãe sempre sabe, Simon.

— Ok. Tudo bem. Mas era um card muito raro. O único Pokémon que...

— De qualquer maneira, a filha da Ellen Klein acabou de se casar com sua namorada, uma mulher encantadora, você iria gostar dela... todos nós gostamos dela. Mas...

Simon revirou os seus olhos.

— Mas deixe-me adivinhar: a Sra. Klein é homofóbica.

— Não, não é isso... a namorada é católica. Ellen não quis ir ao casamento, e agora está vestindo luto e dizendo a todos que sua filha estaria melhor morta.

Simon abriu a boca para dizer que ele estava certo desde sempre, que a Sra. Klein era na verdade uma pessoa horrível, mas a sua mãe o parou antes que ele pudesse começar.

Uma mãe aparentemente, sempre sabe.

— Sim, sim, é horrível, mas não estou te contando isso para que você se sinta vingado. Estou contando... — ela juntou os dedos, parecendo nervosa. — Eu tive esse sentimento estranho quando ouvi a história, Simon como se eu soubesse que ela iria se arrepender... por que eu me arrependi. Não é estranho? — ela deixou escapar um sorrisinho nervoso, mas não parecia estar brincando.

— Sentir-se culpado por algo que você nunca fez? Eu não consigo dizer por que, mas sinto como se eu o tivesse traído de uma forma terrível e não consigo me lembrar.

— É claro que não, mãe. Isso é ridículo.

— É claro que é. Eu nunca faria isto. Uma mãe sempre deve amar incondicionalmente o seu filho — os seus olhos brilhavam por causa das lágrimas que não caíam. — Você sabe que é assim que eu te amo, Simon, não sabe? Incondicionalmente?

— É claro que sei.

Ele confirmou porque queria acreditar nisso, queria responder com uma afirmativa.

Mas é claro, era apenas outra mentira. Porque naquela outra vida, naquela que foi apagada das memórias dos dois, ela o tinha traído. Ele lhe contara a verdade, que ele fora transformado em um vampiro, e ela o expulsara de casa. Dissera que ele não era mais o seu filho. Que o filho dela estava morto. Ela tinha provado, para os dois, que o seu amor tinha condições.

Ele não conseguia se lembrar de ter acontecido, mas em algum nível mais profundo de seu subconsciente, lembrava-se do sentimento – a dor, a traição, a perda. Nunca lhe ocorrera que ela se lembrasse também.

— Isto é estúpido — ela enxugou as suas lágrimas, e se sacudiu. — Não sei porque estou tão sentimental sobre isso; eu só... eu tive este sentimento que precisava te dizer, e depois você apareceu aqui como se fosse o destino, e...

— Mãe.

Simon puxou a sua mãe da sua cadeira e a abraçou com força. De repente ela parecia tão pequena em comparação a ele, e ele pensou em como ela trabalhara todos aqueles anos para protegê-lo, e em como ele faria qualquer coisa para protegê-la também. Ele era uma pessoa diferente agora da pessoa que era dois anos atrás, um Simon diferente daquele que confessara à sua mãe e fora expulso de casa – e talvez a sua mãe talvez fosse uma pessoa diferente também.

Talvez fazer aquela escolha uma vez tivesse sido o suficiente para ter a certeza de que não a faria nunca mais; talvez fosse hora de abandonar esse sentimento contra ela, essa traição de que nenhum dos dois se lembrava claramente.

— Mãe, eu sei. E eu te amo, também.

Ela se afastou o suficiente para perguntar:

— E você? Não tinha algo para me dizer?

Oh, nada de mais, só estou me juntado a um grupo supernatural de caçadores de demônios que me proibiram de te ver para sempre, mas eu te amo.

Não soava exatamente muito bem.

— Eu falo de manhã. A senhora parece exausta.

Ela sorriu, exaustão preenchendo seu rosto.

— De manhã — ela repetiu. — Bem-vindo de volta ao seu lar, Simon.

— Obrigada, mãe — ele respondeu, e milagrosamente conseguiu não se engasgar.

Ele esperou que ela sumisse atrás da porta de seu quarto, e esperou escutar os seus roncos começarem. Depois escreveu um bilhete pedindo desculpa por ter saído tão abruptamente. Sem ter dito adeus.

Sua irmã também roncava – mas assim como a mãe, também negava. Ele conseguia, se ficasse em silêncio, escutar da cozinha.

Ele poderia acordá-la, se quisesse, e provavelmente poderia lhe contar a verdade, ou pelo menos uma versão dela. Podia confiar em Rebecca – não só para guardar os seus segredos, mas para entendê-los. Ele poderia fazer o que estava lá para fazer, o que se supõe que faria, dar adeus a ela e dizer que amava e para proteger a mãe pelos dois.

— Não — ele disse suavemente, mas a palavra pareceu ecoar pela cozinha vazia.

A Lei é dura, mas também tinha alguns furos. Clary não lhe tinha ensinado isto? Eles eram Caçadores de Sombras que conseguiram achar um jeito de manter os seus amados mundanos em suas vidas – o próprio Simon era a prova. Talvez fosse por isso que Clary o trouxera ali esta noite – não para dizer adeus, mas para entender que ele não podia. Não daria adeus.

Isto não é para sempre, Simon prometeu a sua mãe e irmã enquanto passava pela porta de entrada. Ele prometeu que não estava sendo covarde, saindo sem dizer nada. Era uma promessa silenciosa – que este não era o fim. Ele encontraria uma maneira. E mesmo que não tivesse ninguém para ouvir o seu sotaque perfeito do Schwarzenegger, ele prometeu em voz alta:

— Eu voltarei.

* * *

Clary lhe dissera para ligar quando ele estivesse pronto para voltar para a Academia, mas ele ainda não estava pronto. Era estranho: em mais um dia, não haveria nada impedindo-o de voltar a Nova York se quisesse. Depois de sua Ascensão, ele seria um Caçador de Sombras de verdade. Sem mais escola, sem mais missões de treinamento, sem mais longos dias e noites em Idris sentindo falta de seu café de manhã. Ele não pensara muito no que aconteceria, mas sabia que voltaria para o seu lar, para a sua cidade e ficaria no Instituto, pelo menos temporariamente. Não havia razão para que sentisse saudades de Nova York quando ele estava tão perto de voltar para sempre.

Só que ele não tinha certeza de que ficaria quando voltasse. Quando ele Ascendesse. E se Ascendesse, se nada de terrível acontecesse quando ele bebesse do Cálice Mortal.

O que significaria se tornar um Caçador de Sombras, realmente? Ele seria mais forte e mais rápido, era o que sabia. Seria capaz de suportar runas em sua pele, ver através de encantamentos sem a ajuda de um feiticeiro. Sabia muito sobre o que seria capaz de fazer, mas não sobre como se sentiria.

Sobre quem ele seria quando fosse um Caçador de Sombras.

Não é que ele pensasse que uma bebida vinda de um cálice mágico o transformaria imediatamente num egocêntrico extraordinariamente bonito, descontroladamente esnobe e imprudente como... bem, como quase todos os Caçadores de Sombras que ele conhecia e gostava. Ele também não esperava que se transformar em um Caçador de Sombras o faria desdenhar automaticamente D&D, Star Trek e toda a tecnologia e cultura pop inventados após o século dezenove. Mas quem poderia saber ao certo?

E não era apenas a transformação confusa de humano para guerreiro à imagem do Anjo. Ele fora assegurado que, com toda a probabilidade, se ele sobrevivesse à Ascensão, receberia de volta todas as suas memórias. Todas as memórias do Simon original, o Simon “real”, a quem ele trabalhara tanto para convencer as pessoas de que tinha ido para sempre, viria à tona em seu cérebro. Ele supôs que isso devia torná-lo feliz, mas Simon descobriu que sentia um pouco territorial quanto a seu cérebro agora. E se esse Simon – o Simon que tinha salvado o mundo, o Simon a quem Isabelle caíra de amores pela primeira vez – não fosse parecido com o que Simon se tornou? E se ele bebeu do Cálice e perdesse tudo de novo?

Deu-lhe uma dor de cabeça pensar em si mesmo com tantas personalidades diferentes.

Ele queria uma noite na cidade apenas sendo assim: Simon Lewis, míope, mundano que adorava mangás. Além disso, ainda queria alguns daqueles bolinhos para sopa.

Simon foi para Flatbush, absorvendo os familiares ruídos noturnos de Nova York, sirenes, brocas de construção, buzinas raivosas de estrada – juntamente com o ligeiramente menos familiar som de cães de caça das fadas latindo para as pombas. Ele cruzou a Manhattan Bridge, o metal chacoalhando sob seus pés enquanto o metrô rugia em sua passagem, as luzes do Distrito Financeiro brilhando em meio à neblina. Até antes de saber sobre demônios e seres do Submundo, Simon sempre soube que Nova York era cheia de magia.

Talvez fosse por isso que foi tão fácil para ele aceitar a verdade sobre o Mundo das Sombras: em sua cidade, tudo era possível.

Convenientemente, a ponte deixou-o no coração de Chinatown. Enquanto ele surgia perto seu restaurante favorito e costurava por inúmeras barraquinhas de rua vendendo bolinhos para

sopa, a mente de Simon desviou para Isabelle, perguntando-se se ela estava por perto, dividindo malfeitores com seu chicote de electrum. Isso espantou sua mente – se você pensasse bem, ele estava basicamente namorando uma super-heroína.

É claro, a coisa sobre namorar uma super-heroína era que você não podia exatamente pedir que ela fizesse uma pausa em salvar o mundo só porque você estava no clima para um encontro de última hora. Então Simon continuou andando, imerso no ritmo da cidade à meia-noite, deixando sua mente vagar sem rumo assim como seus pés. Pelo menos, ele pensava que estava vagando sem rumo, até que se encontrou em um quarteirão familiar de Avenida D, passando por uma loja onde o leite era sempre azedo, mas o cara atrás do balcão lhe daria um café acompanhado de uma rosquinha se você soubesse o suficiente para pedir.

Espere, como eu sabia disso? Simon pensou. A resposta veio com ele logo após a questão. Ele sabia disso porque, em alguma outra vida esquecida, viera aqui. Ele e Jordan Kyle compartilharam um apartamento no edifício de tijolos vermelhos em ruínas na esquina. Um vampiro e um lobisomem vivendo juntos, soava como o início de uma piada ruim, mas a única piada de mau gosto era que Simon praticamente esquecera o que aconteceu.

E Jordan estava morto.

Isso atingiu-o agora quase tão forte como quando ele ouviu pela primeira vez: Jordan estava morto. E não apenas Jordan. Raphael estava morto. O irmão de Isabelle, Max, estava morto. O irmão de Clary, Sebastian, estava morto. A irmã de Julie. O avô, o pai e o irmão de Beatriz, os pais de Julian Blackthorn, os pais de Emma Carstairs – estavam todos mortos, e esses eram apenas os que Simon tinha conhecimento. Quantas outras pessoas de quem ele gostava, ou pessoas que tinham outras pessoas, se perderam para uma guerra de Caçadores de Sombras ou outra?

Ele era ainda um adolescente, não deveria conhecer muitas pessoas que tinham morrido.

E eu, ele pensou de repente. *Não se esqueça desse.*

Porque era verdade, não era? Antes da vida como um vampiro, houvera morte. Frio, falta de sangue e enterro.

Então, mais tarde, houve o esquecimento, que era uma espécie de morte também.

Simon ainda nem era um Caçador de Sombras, e esta vida já tinha tomado tanto dele.

— Simon. Achei que você estaria aqui.

Simon se virou e foi lembrado que por todas as perdas, houveram também alguns ganhos muito significativos.

— Isabelle — ele respirou e, em seguida, por um bom tempo, os lábios estiveram demasiado ocupados para falar.

* * *

Eles foram para o apartamento de Magnus e Alec.

O casal tinha levado seu novo bebê de férias para Bali, o que significava que Simon e Isabelle poderiam ter o lugar para eles.

— Você tem certeza que está tudo bem nós ficarmos aqui? — Simon perguntou, olhando nervosamente ao redor do apartamento.

Da última vez que ele estivera ali, a decoração tinha caráter parte Studio 54, parte bordel: um monte de bolas de discoteca, cortinas de veludo e alguns espelhos terrivelmente colocados.

Agora, a sala parecia algo decorado por uma loja de bebês – cobertores, fraldas, móveis e coelhinhos de pelúcia para onde quer que se olhasse.

Ele ainda não podia acreditar que *Magnus Bane* era pai de alguém.

— Tenho certeza — disse Isabelle, tirando o vestido em um movimento suave para revelar os intermináveis trechos de pele lisa e pálida que estavam por baixo. — Mas se você quer sair...

— Não — Simon interrompeu, buscando com fôlego o suficiente para falar. — Definitivamente não. Aqui está bom. Muito bom.

— Bem...

Isabelle varreu uma família de gatinhos de pelúcia para fora do sofá, então esticou-se como uma felina muito satisfeita e perigosa. Ela olhou diretamente para a camiseta de Simon, que ainda estava em seu corpo.

— Bem. — Simon ficou de pé perto dela, inseguro sobre o que fazer a seguir.

— Simon.

— Sim?

— Eu estou olhando incisivamente para a sua camiseta.

— Uh. Uhum.

— Que ainda está em seu corpo.

— Oh. Certo — ele resolveu isso. Deitou ao lado dela no sofá.

— Simon.

— Sim? Oh. Certo.

Simon se inclinou na direção dela e a puxou para um beijo, que ela retribuiu por cerca de trinta segundos antes de se afastar.

— O que há de errado?

— Me diga você. Eu, a sua namorada incrivelmente sexy, estou prostrada seminua aqui, e você parece como se estivesse assistindo um jogo de baseball.

— Eu odeio baseball.

— Exatamente — Isabelle sentou-se, embora, felizmente, não tenha colocado as roupas de volta. Ainda.

— Você sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa, certo?

Simon assentiu.

— Então, se, hipoteticamente, você estivesse se sentindo um pouco nervoso sobre toda essa coisa de Ascensão amanhã, e quisesse pensar um pouco, poderia falar comigo sobre isso.

— Hipoteticamente.

— Basta escolher um tema ao acaso — Isabelle disse. — Também poderia falar *sobre Avatar: O Último Teste do Ar*, se quiser.

— É O Último Mestre do Ar — corrigiu Simon, suprimindo um sorriso — e eu te amo, mesmo que você seja uma nerd sem jeito.

— E eu te amo, mesmo que você seja um mundano. Mesmo que você permaneça mundano. Você sabe disso, certo?

— Eu... — era fácil para ela dizer, e ele pensava que ela provavelmente se sentia assim mesmo. Mas isso não o tornava realidade. — Você acha que amaria? Sério?

Isabelle soltou a respiração em um bufo irritado.

— Simon Lewis, está se esquecendo que você era um mundano quando comecei a te namorar? Um mundano magricela com um terrível senso de moda, eu gostaria de salientar. E então se transformou num vampiro, e ainda continuei com você. Aí virou mundano novamente, mas desta vez pirando com amnésia. E ainda, inexplicavelmente, eu te ameie mais uma vez. O que poderia te fazer pensar que ainda tenho qualquer padrão restando quando se trata de você?

— Uh, obrigado, eu acho?

— “Obrigado” é a resposta correta. E “Eu também te amo, Isabelle, e eu te amaria mesmo se você perdesse a memória ou crescesse um bigode ou algo assim” também.

— Bem, obviamente — Simon ergueu o queixo. — Embora eu tiraria a parte sobre a barba.

— Evidentemente — então ela ficou séria novamente. — Você acredita em mim, certo? Não pode estar fazendo isso por mim.

— Eu não estou fazendo isso por você — Simon disse, o que era verdade. Ele pode ter ido para a Academia, em parte, por causa dela, mas ficara por si mesmo. Quando ele Ascendesse, não seria porque precisava provar algo para ela. — Mas... se eu desistisse, o que eu nunca faria, mas se eu o fizesse, não faria de mim um covarde? Você namoraria um mundano, talvez. Mas eu te conheço, Izzy. Você não namoraria um covarde.

— E você, Simon Lewis, não seria um covarde. Não se você tentou. Não é covardia fazer uma escolha sobre o que você quer para a sua vida. Escolher o que é certo para você talvez seja a coisa mais corajosa que você pode fazer. Se escolher ser um Caçador de Sombras, eu vou te amar por isso. Mas se optar por permanecer mundano, eu vou te amar por isso, também.

— E se eu simplesmente optar por não beber do Cálice Mortal porque tenho medo que isso vai me matar? — perguntou Simon. Foi um alívio finalmente falar em voz alta. —

E se não tiver nada a ver com a forma como quero passar o resto da minha vida? E se for apenas medo?

— Bem, então você é um idiota. Porque o Cálice Mortal nunca poderia machucá-lo. Se há uma coisa que sei, é que você faria um Caçador de Sombras incrível. O sangue do Anjo nunca poderia machucá-lo — disse ela, intensidade brilhando em seus olhos. — Não seria possível.

— Você realmente acredita nisso?

— Sim.

— Então o fato de nós estarmos aqui, e você estar, você sabe...

— Parcialmente despida e se perguntando por que nós ainda estamos tendo essa conversinha?

—... não tem nada a ver com o fato de você achar que esta pode ser a nossa última noite juntos?

Isso lhe valeu outro suspiro exasperado.

— Simon, você sabe quantas vezes tive certeza de que um de nós não sobreviveria nas próximas quarenta e oito horas?

— Hm, várias?

— Várias — ela confirmou. — E em nenhuma dessas ocasiões nós tivemos qualquer tipo de sexo desesperado de despedida.

— Espere... nós não tivemos?

Ao longo dos últimos meses, Simon e Isabelle tinham chegado muito perto. Mais perto, ele pensou, do que alguma vez tinha estado antes, desde que conseguia se lembrar. Pelo menos conversando. Quanto ao outro tipo de chegar perto – falar o telefone e escrever cartas não era exatamente propício para perder sua virgindade.

Em seguida, houve o fato excruciante de que Simon não tinha certeza se ainda tinha uma virgindade para perder. Todo esse tempo ele estivera envergonhado demais para perguntar.

— Você está brincando comigo? — perguntou Isabelle.

Simon podia sentir suas bochechas queimando.

— Você não está brincando comigo!

— Por favor, não fique brava — pediu Simon.

Isabelle riu.

— Eu não estou brava. Se tivéssemos feito sexo e você tivesse esquecido – o que, de qualquer forma, garanto que não seria possível, com amnésia de demônio ou não – aí talvez eu estivesse louca.

— Então, nós nunca realmente...?

— Nós nunca realmente — confirmou Isabelle. — Sei que você não se lembra, mas as coisas foram um pouco agitadas por aqui, com a guerra e todos tentando nos matar e tal. E como eu disse, não acredito em “sexo de despedida”.

Simon sentiu como se aquela noite – possivelmente a noite mais importante de sua jovem e tristemente inexperiente vida – pendesse no equilíbrio, e ele estava com muito medo de dizer a coisa errada.

— Então, uh, em que tipo de sexo que você acredita?

— Acho que deveria ser o início de algo — disse Isabelle. — Como, digamos, hipoteticamente, se toda a sua vida estivesse prestes a mudar amanhã, se ele fosse o primeiro dia do resto de sua vida, eu quero ser parte disso.

— Do resto da minha vida.

— Sim.

— Hipoteticamente falando.

— Hipoteticamente falando.

Ela tirou os óculos dele e beijou-o fortemente nos lábios, em seguida, muito suavemente no pescoço. Exatamente onde um vampiro afundaria suas presas, alguma parte dele refletiu. A maior parte dele, porém, pensava, *Isto realmente vai acontecer. Vai acontecer hoje à noite.*

— Além disso, mais do que tudo, eu acredito em fazer isso porque eu quero — Isabelle falou claramente. — Assim como qualquer outra coisa. Eu quero. Suponho que você também queira.

— Você não tem ideia de quanto — Simon respondeu honestamente, e agradeceu a Deus que sangue de Caçador de Sombras não concedesse telepatia.

— Eu apenas devo adverti-la que eu não, quero dizer, eu não tenho, quero dizer, esta seria a primeira vez que eu, então...

— Será naturalmente — ela beijou seu pescoço novamente, em seguida, sua garganta. Em seguida, seu peito. — Eu prometo.

Simon pensou em todas as oportunidades aqui para a humilhação, já que ele não tinha absolutamente nenhuma ideia do que estava fazendo, e quando ele não tinha ideia do que estava fazendo, acabava fazendo besteira. Montar um cavalo, empunhar uma espada, saltar de uma árvore, todas essas coisas.

As pessoas continuavam dizendo que viria naturalmente, porém geralmente vinha com solavancos, contusões e, mais de uma vez, um rosto cheio de estrume.

Mas ele não tentara nenhuma dessas coisas com Isabelle ao seu lado. Ou em seus braços. Como se viu, isso fez toda a diferença.

— Bom dia! — Simon cantarolou, saindo do Portal direto em seu quarto na Academia – apenas a tempo para pegar Julie deslizando porta afora.

— Er, bom dia — George murmurou, aninhado sob as cobertas. — Não tinha certeza se você voltaria.

— Eu acabei de ver...?

— Um cavalheiro não beija e fala sobre isso — George sorriu. — Falando nisso, devo perguntar onde você esteve a noite toda?

— Não deveria — disse Simon, com firmeza.

Enquanto ele atravessava o quarto até o armário para encontrar algo limpo para vestir, tentou o seu melhor para manter o sorriso bobo, sonhador e de coração longe do rosto.

— Você está *saltitando* — George falou em tom acusador.

— Não estou.

— E você estava *cantarolando* — acrescentou George.

— Eu definitivamente não estava.

— Será que esse é um bom momento para dizer-lhe que Jon Cartwright Trigésimo Quinto parece ter feito o seu negócio em sua gaveta de camisetas?

Mas nada nesta manhã poderia diminuir o humor de Simon. Não quando ele ainda podia sentir o fantasma do toque de Isabelle. Sua pele zumbia com isso. Seus lábios estavam inchados. Sentia o coração inchado.

— Eu sempre posso arranjar novas camisetas — Simon disse alegremente. Ele imaginou que deste ponto em diante, podia responder a tudo alegremente.

— Penso que este lugar oficialmente tirou o seu juízo — George suspirou então, parecendo um pouco deprimido. — Você sabe, eu realmente vou sentir falta daqui.

— Você não vai chorar de novo, não é? Acho que há bolor suficiente crescendo nos fundos da minha gaveta de meias se você quiser ficar realmente com falta de ar.

— Será que a gaveta de meias vai se transformar em uma máquina de combate super-humana meio angelical? — George meditou.

— Não com chinelos — disse Simon prontamente. Ele não tinha saído com Isabelle todos esses meses sem aprender algo sobre calçados adequados. — Nunca com chinelos.

Eles se vestiram para a cerimônia – escolhendo, depois de alguma deliberação, suas roupas que mais os refletiam. O que significava, para George, jeans e uma camiseta de rúgbi; e para Simon, uma camiseta desbotada que ele tinha havia feito quando a banda era chamada de Pelotão da Morte Porquinhos-da-índia (esse nome, felizmente, durou uma semana, por isso o maldito roedor estava livre. Então, sem muita conversa, eles começaram a arrumar seus pertences. A Academia não era muito de grandes celebrações – provavelmente algo bom, Simon pensou, uma vez que na última festa toda a escola um dos calouros errara a direção da sua besta flamejante e acidentalmente deixou o telhado em chamas. Haveria a cerimônia de formatura,

nada de pais orgulhosos com câmeras, nada de fotos para o álbum do ano ou chapéus de formatura sendo atirados. Apenas o ritual de Ascensão, seja lá o que quisesse dizer, e seria isso. O fim da Academia; o começo do resto de suas vidas.

— Não é como se nós não fôssemos nos ver de novo — disse George de repente, em um tom que sugeria que ele estava se preocupando exatamente com isso.

Simon voltaria para Nova York, e George iria para o Instituto de Londres, onde, segundo eles, um Lovelace era sempre bem-vindo. Mas o que era um oceano de distância quando você poderia usar um Portal? Ou, pelo menos, e-mail?

— É claro que não — Simon concordou.

— Mas não será o mesmo — apontou George.

— Não, acho que não.

George ocupou-se em colocar ordenadamente suas meias em um compartimento da mala, o que Simon achou alarmante, uma vez que era a primeira vez em dois anos que George fazia algo ordenadamente.

— Você é meu melhor amigo, sabe — George falou sem olhar para cima. Depois, rapidamente, como se para evitar uma negativa: — Não se preocupe, eu sei que não sou o seu melhor amigo, Si. Você tem Clary. E Isabelle. E os seus companheiros de banda. Entendi. Apenas pensei que você deveria saber.

Em algum nível, Simon já sabia. Ele nunca se preocupou em pensar muito nisso, não pensou muito sobre George, porque essa era a beleza de George. Simon nunca teve que pensar nele, decifrar o que ele faria, ou como ele reagiria. Ele apenas era o estável, confiável George, sempre lá, sempre cheio de alegria e ansioso para espalhá-la ao redor. Agora Simon pensou sobre ele, sobre quão bem George o conhecia, e vice-versa, não apenas nas coisas maiores: seus medos mortais da noite, de tomar banho do lado de fora da Academia, a infelicidade de Simon por causa de Isabelle, o George mais infeliz, senão indiferente, ansiando pela maior parte das meninas que cruzavam o seu caminho. Eles se conheciam nas pequenas maneiras – George era alérgico a castanha de caju, ao que Simon era alérgico a lição de casa de Latim, George tinha um medo paralisante de aves grandes – e de alguma forma, isso pareceu importar ainda mais. Nos últimos dois anos, eles tinham desenvolvido uma forma abreviada de gestos de companheiro de quarto, quase uma linguagem silenciosa. Não é exatamente como um parabatai, Simon pensou, e não exatamente como um melhor amigo. Mas não algo menos que isso. Não era algo que ele desejasse deixar para trás sempre.

— Você está certo, George. Eu tenho melhores amigos o suficiente.

A expressão de George caiu, apenas ligeiramente que só alguém que o conhecia bem, como Simon, teria notado.

— Mas há outra coisa que eu nunca tive — acrescentou Simon. — Pelo menos até agora.

— O quê?

— Um irmão.

A palavra lhe parecia certa. Não alguém que você escolheu – alguém que o destino lhe atribuiu, alguém que, ao abrigo de qualquer outra circunstância, poderia nunca ter-lhe dado um segundo olhar, nem você a ele. Alguém por quem você morreria e mataria sem pensar por um segundo, porque ele era da família. Julgando pelo sorriso radiante de George, a palavra soava certa para ele também.

— Nós teremos que nos abraçar agora ou alguma coisa assim? — George perguntou.

— Penso que é inevitável.

* * *

O Salão do Conselho era intimidantemente bonito à luz da manhã que entrava por uma janela na cúpula alta. O que fez Simon se lembrar das fotos que ira do Panteão, mas aqui parecia mais antigo, mais antigo do que Roma. O que o fez se sentir fora do tempo.

Os alunos da Academia estavam amontoados em pequenos grupos, todos parecendo muito nervosos e distraídos (que, como sempre em Idris, era perfeito). Marisol deu um sorriso brilhante para Simon quando o viu entrar na câmara, como se dissesse: *Eu nunca duvidei de você... quase nunca.*

Simon e George foram os últimos a chegar, e pouco depois disso, todos tomaram os seus lugares para a cerimônia. Os sete mundanos foram dispostos em ordem alfabética na parte da frente da câmara. Eram para ser dez, mas, aparentemente, Sunil não foi o único que a reconsiderar no último momento. Leilana Jay, uma menina muito alta e branca, de Memphis, e Boris Kashkoff, um musculoso de bochechas vermelhas do Leste Europeu, fugiram no meio da noite. Ninguém falou sobre eles, nem os professores e nem os alunos. Era como se eles nunca tivessem existido, Simon pensou, e em seguida, imaginou Sunil, Leilana e Boris lá fora em algum lugar do mundo, vivendo sozinhos com o seu conhecimento do mundo das sombras, consciente do mal, mas sem a vontade ou a capacidade de combatê-lo.

Há mais de uma maneira de lutar contra o mal neste mundo, Simon pensou, e era como se fosse a voz de Clary em sua cabeça, e também a de Isabelle e sua mãe também. Não faça isso só porque você acha que tem que fazer. Faça porque você quer.

Apenas se você quiser.

Os Caçadores das Sombras alunos da Academia – Simon nunca mais pensou neles como a “elite” assim como não pensava mais em si mesmo e nos outros mundanos como a “escória” – sentaram-se nas duas primeiras fileiras da plateia. Os alunos não estavam mais divididos, eles eram um só corpo. Uma unidade.

Mesmo Jon Cartwright parecia estar orgulhoso e um pouco nervoso por causa dos mundanos que estavam na frente da câmara – e quando Simon o pegou olhando para Marisol e pressionando dois dedos os lábios e, em seguida, no peito, isso pareceu certo (ou, pelo menos, não era um crime contra a natureza, o que já era um começo). Não havia membros da família na plateia – os mundanos com parentes vivos (deprimentemente, eram só alguns deles) tinham, é claro, os laços já cortados. Os pais de George, que também eram Caçadores de Sombras de sangue, poderiam ter participado, mas ele pediu-lhes que não fizessem isso.

— Apenas para o caso de eu explodir, companheiro — ele confidenciou a Simon. — Não me interprete mal, os Lovelace são resistentes, mas não acho que eles vão gostar de ver um George se desfazendo.

No entanto, a sala estava quase completamente cheia.

Esta era a primeira classe de mundanos da Academia a Ascenderem em décadas, e mais do que alguns Caçadores das Sombras queriam vê-los por si próprios. A maioria deles era de estranhos para Simon, mas não todos. Estava lotado, mas atrás das fileiras que continham os estudantes conhecidos estavam Clary, Jace, Isabelle, Magnus e Alec – que retornaram em surpresa de Bali para a ocasião – com seu bebê azul. Todos eles, até mesmo o bebê, olhavam fixamente para Simon, como pudessem fazê-lo Ascender apenas com a sua força de vontade.

Isso fez Simon perceber o que significava Ascender. Era o que significava ser um Caçador de Sombras. Não apenas arriscar sua vida, não apenas desenhar runas e lutar contra demônios e ocasionalmente salvar o mundo. Não apenas se juntar à Clave e concordar em seguir suas regras draconianas. Significava juntar-se a seus amigos. Significava ser uma parte de algo maior que si mesmo, algo tão maravilhoso quanto aterrorizante. Sim, a vida era muito menos segura do que tinha sido há dois anos – mas também era muito mais completa. Tal como o Salão do Conselho estava cheio com todas as pessoas que ele amava, pessoas que o amavam também.

Você quase podia chamá-los de uma família.

* * *

E então começou. Um por um, todos os mundanos foram convocados a subir no palco, onde seus professores estavam em uma fila, esperando para apertar a mão deles e desejar-lhes boa sorte.

Um por um, os mundanos se aproximariam dos círculos duplos desenhados no estrado e se ajoelhariam dentro deles, cercados por runas. Dois Irmãos do Silêncio estavam ali, apenas para o caso de algo dar errado. Cada vez que um mundano tomava a sua posição, eles inclinavam para as runas e escreviam um novo nome para simbolizar o aluno. Então voltavam para as bordas e faziam tudo novamente. Esperando.

Simon esperou enquanto seus amigos, um por um, levavam o Cálice Mortal até seus lábios. Enquanto uma chama ofuscante azul aparecia e em seguida desaparecia.

Um por um.

Gen Almodovar. Thomas Daltrey. Marisol Garza.

Cada estudante bebeu.

Cada estudante sobreviveu.

A espera era interminável.

Mas quando a Consulesa chamou o seu nome, ele sentiu que era cedo demais. Os pés de Simon pareciam blocos de cimento. Ele se forçou a subir no estrado, um passo de cada vez, seu

coração batendo fortemente, fazendo todo o seu corpo tremer. Os professores apertaram a sua mão, mesmo Delaney Scarsbury, que murmurou:

— Sempre soube que você conseguiria chegar aqui, Lewis — uma mentira descarada.

Catarina Loss agarrou sua mão com força e o puxou para perto, seu brilhante cabelo branco varrendo seu ombro enquanto seus lábios roçaram seu ouvido.

— Termine o que começou, Diurno. Você tem o poder de mudar essas pessoas para melhor. Não desperdice essa chance.

Como a maioria das coisas que Catarina disse a ele, esta não fez sentido, mas uma parte dele conseguiu entender. Simon se ajoelhou no centro do círculo e se lembrou de respirar.

A Consulesa estava em cima dele, seu manto vermelho tradicional tocando o chão. Ele tentou manter seus olhos nas runas, mas podia sentir que Clary estava lá fora torcendo por ele; podia ouvir o eco da risada de George; podia sentir o toque quente do fantasma de Izzy em sua pele. No centro desses círculos, rodeado por runas, esperando que o sangue do divino atravessasse suas veias e mudasse de alguma forma incompreensível, Simon se sentiu profundamente sozinho – e, no entanto, ao mesmo tempo, menos sozinho do que já esteve em toda a sua vida.

Sua família estava aqui, apoiando-o. Eles não o deixariam cair.

— Você jura, Simon Lewis, abandonar a vida mundana e seguir o caminho dos Caçadores das Sombras? — perguntou a Consulesa Penhallow.

Simon já vira a Consulesa antes, quando ela deu uma palestra na Academia, e novamente no casamento de sua filha com Helen Blackthorn. Em ambas as ocasiões ela basicamente parecia uma mãe: viva, eficiente, boa e nem um pouco surpreendente. Mas agora ela parecia temível e poderosa, um indivíduo da tradição dos Caçadores das Sombras.

— Você tomará para si o sangue do anjo Raziel e honrará esse sangue? Jura servir a Clave, seguir a Lei, conforme estabelecido pelo Pacto, e obedecer à palavra do Conselho? Defenderá o que é humano e mortal, sabendo que ao seu serviço não haverá recompensa, apenas honra?

Para os Caçadores das Sombras, um juramento era uma questão de vida ou morte. Se ele fizesse essa promessa, não havia como voltar atrás para a vida que ele tinha antes, como Simon Lewis, um nerd mundano aspirante a astro do rock. Não havia mais opções a considerar. Havia apenas o seu juramento, e o esforço de toda uma vida para cumpri-la.

Simon sabia que se olhasse para cima, poderia encontrar os olhos de Isabelle, ou de Clary, e tirar força delas. Ele podia perguntar silenciosamente para elas se este era o caminho certo, e elas o tranquilizariam.

Mas esta escolha não poderia ser delas. Tinha que ser dele, e só dele.

Ele fechou os olhos.

— Eu juro — sua voz não tremeu.

— Você será um escudo para os fracos, uma luz na escuridão, uma verdade entre falsidades, uma fortaleza na inundação, um olho para enxergar quando todos os outros estiverem cegos?

Simon imaginou toda a história por trás dessas palavras, todos os cônsules antes de Jia Penhallow que estiveram lá ao longo de décadas e séculos, erguendo este mesmo cálice diante de um mundano após o outro, assim fazendo muitos mortais se voluntariarem para se juntar à luta. Eles sempre pareceram tão corajosos para Simon, arriscando suas vidas – sacrificando seu futuro para uma causa maior – não porque nasceram em uma grande batalha entre o bem e o mal, mas porque tinham escolhido não viver apenas pelo superficial, permitindo que outros lutassem por eles.

Ocorreu-lhe que se eles tiveram a coragem para fazer a escolha, talvez ele pudesse ter também. Mas ele não se sentiu tão corajoso, não agora. Ele simplesmente sentiu que tinha que dar o próximo passo. Simples assim, era inevitável.

- Eu posso! - Respondeu Simon.

- E quando você morrer, seu corpo será dado para os Nephilim para ser queimado, e suas cinzas serão usadas para construir a cidade dos Ossos ?

Mesmo que pensar sobre isso o assustava, parecia, que de repente, seria uma honra que seu corpo teria uma utilidade após a morte, que a partir deste momento em diante, o mundo dos Caçadores das Sombras teria uma reivindicação sobre ele, para a eternidade.

— Eu serei — respondeu Simon.

— Então beba.

Simon tomou o Cálice em suas mãos. Era ainda mais pesado do que parecia e curiosamente quente. O que quer que estivesse lá dentro, não se parecia muito com sangue, felizmente, mas não parecia com qualquer outra coisa que ele reconhecesse também. Se ele não soubesse melhor, Simon teria dito que o cálice estava cheio de luz. Quando olhou para baixo, para o cálice, o líquido estranho quase parecia pulsar com um brilho suave, como se dissesse, *Vá em frente, beba-me.*

Ele não conseguia se lembrar da primeira vez que tinha visto o Cálice Mortal, era uma das memórias que ele havia perdido, mas sabia o papel que tinha em sua vida, sabia que se não fosse pelo cálice, ele e Clary nunca teriam descoberto a existência dos Caçadores de Sombras em primeiro lugar. Tudo começou com o Cálice Mortal; parecia apropriado que tudo terminasse aqui também.

Não terminar, Simon pensou rapidamente, *Espero que não seja o término.*

Dizia-se que quanto mais jovem você fosse, mais provável era que não morreria quando bebesse do cálice. Simon tinha dezenove anos, mas aprendera recentemente que pelas regras dos Caçadores de Sombras, ele só tinha dezoito. Os meses que ele passou como um vampiro aparentemente não contavam. Ele só podia esperar que o cálice entendesse isso.

— Beba — a Consulesa repetiu em voz baixa, uma nota da humanidade rastejando em sua voz.

Simon ergueu o cálice até sua boca. E então bebeu.

* * *

Ele estava envolvido nos braços de Isabelle, acariciava o cabelo de Isabelle, tocava o corpo de Isabelle, ele estava apaixonado por Isabelle, pelo seu cheiro, pelo seu sabor e pela sua pele macia. Estava no palco, as batidas da música, o chão tremendo, o público aplaudindo, seu coração batendo, batendo, batendo no tempo com a batida.

Ele estava rindo com Clary, dançando com Clary, comendo com Clary, correndo pelas ruas de Brooklyn com Clary, eles eram um só, estavam de mãos dadas, apertando para que nunca se soltassem.

Ele estava frio, duro, a vida estava se esvaindo dele, ele estava caído, no escuro, a luz arranhava, se ouviam unhas arranhando a terra e essa terra enchia na boca dele e seus olhos estavam se enchendo de terra também, ele estava se arrastando, se esforçando para chegar ao céu, e quando chegou, ele abriu a boca e não conseguia respirar, porque não precisa mais respirar, apenas se alimentar, mesmo sem estar com fome.

Ele estava afundando os dentes no pescoço do filho de um anjo, estava bebendo a luz. Estava com uma marca, uma marca que queimava. Ele tentou levantar o rosto para olhar para um anjo, estava desolado pela fúria do Anjo de Fogo, e ainda assim, imprudente e sem derramar nenhum sangue, ele acabou vivo. Ele estava em uma gaiola. Ele estava no inferno.

Ele estava dobrado sobre o corpo quebrado de uma menina bonita, orava para qualquer deus esperando que o ouvisse, “Por favor, deixe-a viver, faço qualquer coisa para ela viver”. Ele estava dando o que era mais precioso para ele, e fazia isso de boa vontade, de modo que seus amigos pudessem sobreviver.

Ele estava, novamente, com Isabelle, sempre com Isabelle, a chama sagrada do seu amor envolvia os dois, e não havia dor, não havia alegria mentirosa, e suas veias queimavam como o fogo de um anjo, e ele era o Simon que ele foi um dia, e então era o Simon que deveria se tornar, ele resistiu e depois renasceu, ele era de carne e osso e em seguida uma centelha divina. Ele era um Nephilim.

* * *

Simon não viu o flash de luz que esperava – só viu a enxurrada de lembranças, uma onda gigante que ameaçava afogá-lo no passado. Não era simplesmente uma vida que passou diante de seus olhos; era uma eternidade, todas as versões de si mesmo que jamais poderia ter sido, que nunca seria. E então tudo estava acabado. Sua mente se acalmou. Sua alma acalmou. E suas memórias se acalmaram – as partes de si mesmo que ele temia estarem perdidas para sempre – e ele tinha voltado para casa.

Ele passou dois anos tentando se convencer que estava tudo bem ele nunca se lembrar, que ele poderia viver com os fragmentos de seu passado contados pelos outros. Mas nunca fazia sentido. O buraco vazio em sua memória era como falta de um membro do seu corpo; ele aprendera a parar de se preocupar com isso, mas a falta dessas memórias doía.

E agora, finalmente, estava inteiro novamente. Ele estava mais do que completo, e ouviu enquanto a Consulesa dizia com orgulho:

— Você é um Nephilim agora. Eu nomeio você, Simon Caçador de Sombras, do sangue de Jonathan Caçador de Sombras, filhos dos Nephilim.

Era um nome temporário até que ele escolhesse um novo para si mesmo. Momentos antes, parecia impensável, mas agora ele simplesmente sentia ser verdadeiro. Ele era a mesma pessoa que sempre tinha sido... ainda era a mesma pessoa. Ele não era mais Simon Lewis. Era alguém novo.

— Levante-se!

Ele se sentiu... ele não sabia como se sentia, apenas que estava atordoado. Cheio de alegria, confusão e do que parecia uma luz trêmula, mais brilhante a cada segundo. Ele se sentia forte. Ele se sentia pronto.

Sentiu como se seu abdômen estivesse definido, e supôs que o cálice poderia ter feito isso nele. A Consulesa engoliu em seco e disse novamente:

— Levante-se!

E em seguida, ela baixou a voz para apenas um sussurro.

— Isso significa que você tem que se levantar e dar a vez para o próximo.

Simon ainda tentava sacudir seu torpor alegre pelo caminho de volta aos outros. George era o próximo, e quando eles se cruzaram no caminho, levantaram as mãos e fizeram seu toque.

Simon se perguntou o que George veria no interior da luz, se ela seria tão maravilhosa. Ele se perguntou se, eles comparariam suas visões depois – ou se esse era o tipo de coisa que deviam guardar apenas para si mesmos. Supôs que provavelmente havia algum tipo de protocolo dos Caçadores de Sombras a seguir – os Caçadores de Sombras tinham um protocolo para tudo.

Nós, ele se corrigiu ironicamente. *Nós temos um protocolo para tudo*. Deveria demorar algum tempo para ele se acostumar. George estava de joelhos dentro dos círculos, o Cálice Mortal em suas mãos. Era estranho ser um Caçador de Sombras enquanto George ainda era mundano, como se houvesse agora uma divisão invisível entre eles. Este é o mais distante que estariam, Simon pensou, e pediu silenciosamente que seu companheiro de quarto se apressasse a beber.

A Consulesa disse as palavras tradicionais. George fez seu juramento de lealdade pelos Caçadores de Sombras sem hesitação, respirou fundo e ergueu alegremente o Cálice Mortal como se estivesse fazendo um brinde.

— *Slàinte!* — ele gritou, e depois que seus amigos caíram na gargalhada, ele tomou um gole.

Simon ainda estava rindo quando a gritaria começou. A sala ficou em um silêncio mórbido, mas dentro de Simon, houve um berro de dor. Um grito sobrenatural.

O grito de George.

Sobre o estrado, George e a Consulesa estavam envoltos em uma luz que cegava a escuridão. Quando ela desapareceu, a Consulesa estava de pé, os Irmãos do Silêncio ao seu lado, todos olhando para baixo, para algo que parecia horrível, algo com a forma de uma pessoa, mas sem o seu rosto e a pele. Algo com veias pretas salientes e rachaduras através da carne, algo com o Cálice Mortal ainda apertado em seu punho rígido, algo murchando e se contorcendo,

desintegrando, a criatura com o cabelo do George e tênis do George, mas no lugar do sorriso de George, uma expressão de tortura, escorrendo algo preto demais para ser sangue.

George não!, Simon pensou furiosamente e então a coisa parou de se contrair e tremer e então caiu. E de alguma forma, na cabeça de Simon, George parecia estar gritando.

A câmara estava como uma tempestade de movimentos – adultos responsáveis apressando os alunos a saírem da sala, suspiros, gritos e mais gritos – mas Simon mal conseguia ver isso acontecer ao seu redor. Ele caminhava para frente, em direção à coisa que não poderia ser George, sendo pressionado a sair, empurrando os outros Caçadores de Sombras da sua frente com força. Simon ia salvar seu companheiro de quarto, porque ele era um Caçador das Sombras agora, e isso era o que Caçadores das Sombras faziam. Ele não notou que Catarina Loss vinha atrás dele, não até que ela segurou seus ombros. Ele deveria ser capaz de se libertar, mas não conseguiu se mexer.

— Me solta! — Simon se enfureceu.

Os Irmãos do Silêncio estavam ajoelhados junto à forma agora, o corpo, mas não faziam nada. Eles não estavam ajudando. Estavam apenas olhando fixamente para a teia de veias escuras que se espalhavam na pele de George.

— Eu tenho que ajudá-lo!

— Não! — Catarina colocou a mão em sua testa e os gritos em sua mente se silenciaram. Ela ainda segurava seu ombro e ele ainda não podia se mover. Ele era um Caçador de Sombras, mas ela era uma feiticeira. Ele estava indefeso.

— Já é tarde demais.

Simon não conseguia ficar assistindo aquelas veias negras comendo o rosto dele e os olhos vazios derretendo em seu crânio. Ele se concentrou nos tênis. Nos tênis de George. Um deles estava desamarrado, como sempre. Naquela manhã George tropeçara nos cadarços, e Simon o ajudou a não cair.

— A última vez que você vai me salvar — George dissera com outro de seus suspiros saudosos e Simon respondeu:

— Não acho isso provável.

As veias estavam surgindo, com cereal no leite. O corpo começava a derreter. Agora Simon estava segurando Catarina também. Ele a segurou firme.

— Qual é o sentido? — ele perguntou em desespero, porque o seu amigo estava a ponto de morrer e não era no campo de batalha, não era por uma boa causa, não para salvar um guerreiro ou um companheiro ou o mundo, *mas por nada?* E qual era o sentido de viver como um Caçador de Sombras, para que ter habilidade, bravura e poderes sobre-humanos, quando não se podia fazer nada, apenas ficar *olhando?*

— Às vezes, não existe sentido — Catarina falou suavemente. — Apenas é do jeito que é.

Do jeito que é, pensou Simon, e a onda de raiva, frustração e horror quase o consumiu. Ele não se deixaria ser consumido; não perderia este momento, se era tudo o que tinha. Ele passou dois

anos tentando ser forte, e ele seria forte por George, agora, a única coisa que lhe restava. Ele testemunharia.

Simon pensou em qual seria a vontade dele. Do jeito que é. Ele forçou-se a não desviar o olhar. *Do jeito que é: George. Corajoso, gentil e bom. George estava morto. George se foi. E embora ele não soubesse o que a Lei dizia sobre morrer pelo Cálice Mortal, se a Clave considerasse George um deles e lhe desse o direito de ser enterrado como um Caçador de Sombras, na verdade ele não se importava. Ele sabia o que George era, o que era para ser, e o que ele merecia.*

— *Ave atque vale, George Lovelace, filho de Nephilim* — ele sussurrou. — Para agora e sempre, meu irmão, eu o saúdo e me despeço.

* * *

Simon passou um dedo sobre a pequena placa de pedra, traçando as letras gravadas: GEORGE LOVELACE.

— É bonito, não? — comentou Isabelle atrás dele.

— E simples — Clary acrescentou. — Ele teria gostado disso, você não acha?

Simon pensou que George teria preferido ser enterrado na Cidade dos Ossos, como um Caçador de Sombras que ele era (mas na verdade ele preferiria não ter morrido, acima de tudo). A Clave se recusou. Ele morreu no ato da Ascensão, o que a seus olhos o tornava indigno. Simon tentava muito não ficar com raiva por causa disso. Ele passou muito tempo tentando não ficar com raiva.

— Foi legal o Instituto de Londres ter um lugar para ele, não acha? — perguntou Isabelle.

Simon podia ouvir em sua voz o quanto ela estava tentando ajudá-lo, pois estava preocupada com ele. *Me disseram que um Lovelace sempre será bem-vindo no Instituto de Londres, George* lhe falara uma vez, e após a sua morte, isso realmente fazia sentido.

Houve um funeral, o que fez Simon sofrer muito. Houvera uma variedade de reuniões, grandes e pequenas, com seus amigos da Academia, onde Simon e os outros contavam histórias e memórias, e tentavam não pensar no funeral desse último dia, mas Jon quase sempre chorava.

Em seguida, houve um pouco de tudo: a vida como um Caçador de Sombras, felizmente ocupando-o com o treinamento e a experimentação do seu físico e energia recém-descobertos, juntamente com a luta contra um demônio ocasional ou vampiro quebrador de leis. Houve longos dias com Clary deleitando-se com o fato de que ele agora podia se lembrar de cada segundo de sua amizade, preparando-se para sua cerimônia de *parabatai*, que seria em apenas alguns dias. Houve numerosas sessões de treinamento com Jace, geralmente terminando com Simon deitado de costas enquanto Jace estava sobre ele, exultante sobre sua habilidade superior, porque essa era a maneira de Jace demonstrar afeição. Houve noites de ser babá do filho de Magnus e Alec, aconchegando o menino azul em seu peito e cantando para ele dormir, e nesses momentos ele sentia algo precioso, quase uma paz.

Teve também Isabelle, que o amava, e fazia com que o dia dele brilhasse. Houve tantas coisas que o fez pensar que valia a pena viver, e assim Simon vivia, e passava seu tempo – e George ainda estava morto.

Ele pedira a Clary para abrir um Portal até Londres para ele, por razões que ele não entendeu muito bem. Ele dissera adeus a George tantas vezes, mas de alguma forma nada disso o fazia sentir que George tinha realmente ido – ele não se sentia bem.

— Eu farei um para você — Clary respondera. — Mas vou com você.

Isabelle tinha insistido também, e Simon estava contente com isso. Uma brisa suave soprava no jardim do Instituto, a brisa e os sons das folhas carregavam o cheiro fraco das orquídeas. Simon pensou que George ficaria feliz – pelo menos, passaria a eternidade em um lugar onde não havia nenhuma ameaça de ovelhas.

Simon se pôs de pé, com Clary e Isabelle ao seu lado. Cada uma delas segurou uma mão dele e permaneceram em silêncio. Agora que Simon recuperara seu passado, ele conseguia se lembrar de todas as vezes que ele quase perdeu uma delas – como conseguia se lembrar agora, vividamente, todas as pessoas que *tinha* perdido. Para a batalha, para o assassinato, para a doença. Sendo um Caçador das Sombras, ele sabia o que significava estar numa posição de intimidade com a morte. Mas então, assim era ser humano.

Algum dia ele perderia Clary e Isabelle, ou elas o perderiam. Nada poderia impedir isso. Então qual é o sentido?, ele perguntara a Catarina, mas ele sabia melhor do que isso. A questão não era você tentar viver para sempre; o ponto era o que você vivia, e fazia tudo o que podia para viver bem. A questão era as opções feitas e as pessoas que você amava. Simon engasgou.

— Simon? — Clary perguntou, assustada. — O que foi?

Mas Simon não conseguia falar, ele apenas encarava a lápide, onde o ar estava cintilante, a luz translúcida que foi se moldando em duas figuras. Uma delas era uma menina que parecia ter a sua idade, tinha longos cabelos loiros, olhos azuis e as velhas anáguas de uma duquesa de época. O outro era George, e ele sorria para Simon. A mão da menina estava em seu ombro, e havia algo sobre aquele gesto, algo quente e familiar.

— George — Simon sussurrou. Em seguida, ele piscou, e as figuras desapareceram.

— Simon, o que você está vendo? — perguntou Isabelle num tom apertado, ela parecia irritada, um tom que só usava quando tentava não ter medo.

— Nada.

O que ele deveria dizer? Que ele tinha visto o fantasma de George através da névoa? Que vira não apenas George, o que talvez fizesse algum sentido, mas também uma bela moça da moda antiga? Ele sabia que Caçadores de Sombras podiam ver fantasmas quando esses fantasmas queriam ser vistos, mas também sabia que muitas vezes o luto fazia as pessoas verem o que queriam ver.

Simon não sabia o que pensar. Mas ele sabia o que queria pensar. Ele queria pensar naquela bela moça como um espírito das sombras do passado, talvez até mesmo uma Lovelace morta há muito tempo, e pensou em George se afastando com ela, para onde quer que os espíritos fossem. Ele queria acreditar que George tinha sido recebido bem nos braços de seus ancestrais, onde uma parte dele ainda estaria vivo.

Pouco provável, Simon lembrou a si mesmo. George foi adotado, portanto não era um Lovelace de sangue. E para os Caçadores de Sombras – presumivelmente mesmo os mortos que assombravam os jardins britânicos – tudo se resumia ao sangue.

— Simon... — Isabelle apertou seus lábios contra a bochecha dele. — Sei o quanto você... sei que ele era como um irmão. Eu gostaria de tê-lo conhecido melhor.

Clary apertou a mão dele e disse:

— Eu também.

Ambas, Simon se lembrou, também tinham perdido um irmão.

E ambas se preocupavam mais com apenas linhagens, ambas entendiam que a família poderia ser uma questão de escolha – uma questão de amor.

Assim como fizeram Alec e Magnus, que adotaram um filho de coração. Assim fizeram os Lightwood, que adotaram Jace quando ele não tinha mais ninguém.

E assim fez Simon, já que agora ele próprio era um Caçador de Sombras. Que poderia mudar o que significava ser um Caçador de Sombras apenas fazendo novas escolhas. Escolhas melhores.

Ele entendeu agora por que sentia essa necessidade de vir aqui, quase como se tivesse sido convocado. Não era para dizer adeus a George, mas para encontrar uma maneira de ter um pedaço dele.

— Acho que sei que nome de Caçador de Sombras quero ter.

— Simon Lovelace — Clary falou, como sempre, sabendo o que se passava por sua mente, assim como ele sempre fazia. — Precisamos de um certo anel para isso.

Os lábios de Isabelle se curvaram.

— Um anel sexy.

Simon riu, e quando piscou, uma lágrima caiu. Por um momento seus olhos se escureceram e ele pensou ter visto George sorrindo através da névoa de novamente, e então ele se foi. George Lovelace se fora.

Mas Simon Lovelace ainda estava aqui, e era hora de fazer isso valer.

— Eu estou pronto — ele falou para Clary e Isabelle, as duas maravilhas que mudaram sua vida, as duas guerreiras que arriscavam tudo e qualquer coisa por aqueles que amavam, as duas garotas que vieram a ser suas heroínas e sua família.

— Vamos para casa.

DOCUMENTO CRIADO POR; <https://www.facebook.com/somos.shadowhunters/>